



BESTSELLER DO NEW YORK TIMES

ELIZABETH ADLER

AUTORA DE VERÃO NA RIVIERA · ENCONTRO NA PROVENÇA · REGRESSO A ITÁLIA

Férias em Saint Tropez

ELIZABETH ADLER

100.000
LIVROS
VENDIDOS
EM PORTUGAL

Um mistério cheio de glamour no encantador sul da França...

· ROMANCE ·



Quinta Essência



Ficha Técnica

Título original: There's Something About St. Tropez

Autor: Elizabeth Adler

Tradução: Inês Castro

Revisão: Domingas Cruz

Capa: Maria Manuel Lacerda/Oficina do Livro, Lda.

ISBN: 9789897260506

QUINTA ESSÊNCIA

uma marca da Oficina do Livro – Sociedade Editorial, Lda

uma empresa do grupo LeYa

Rua Cidade de Córdova, n.º 2

2610-038 Alfragide – Portugal

Tel. (+351) 21 427 22 00

Fax. (+351) 21 427 22 01

© Elizabeth Adler, 2009

e Oficina do Livro – Sociedade Editorial, Lda.

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

E-mail: quintaessencia@oficinadolivro.leya.com

www.quintaessencia.com.pt

www.leya.pt

Esta edição segue a grafia do novo acordo ortográfico.

ALUGA-SE CASA DE VERÃO
EM SAINT-TROPEZ

Ao mês ou por períodos mais longos

Encantadora *villa* tradicional em pedra adaptada de um pequeno mosteiro antigo. Terraços soalheiros, piscina forrada a azulejo, pátio com cobertura abobadada e oliveiras, terreno generoso e isolado, dando para encosta de pinheiros e com vista direta para o mar.

Cinco quartos, cinco casas de banho. Elegantemente mobilada. Cozinha bem equipada. Empregados disponíveis se solicitado.

Com perfeita privacidade.

Para folheto com fotografias
e mais pormenores, contactar:
MadameSuzanneLarriotCannes@wanadoo.france

Prólogo

ERA UMA MANHÃ FRIA DE PRIMAVERA e Mac Reilly encontrava-se sentado no deque da sua pequena casa de Malibu com os pés apoiados na balaustrada que dava para o oceano Pacífico. Uma borrasca formava-se no horizonte e o vento gélido pôs-lhe os pelos dos braços em pé quando abriu um grande envelope amarelado com um selo francês, retirou os papéis e os desdobrou para ler.

A carta era de Madame Suzanne Lariot, uma agente imobiliária, em resposta ao seu pedido de informações sobre o anúncio que vira na internet, de uma *villa* em Saint-Tropez.

Curioso, Mac estudou as imagens coloridas da bela *villa*, Chez La Violette, com a sua colunata abobadada, a piscina azul-turquesa, os terraços de lajes de pedra calcária com as espreguiçadeiras de verga branca à espera do feliz veraneante que nelas apanharia banhos de sol, com alguma sorte acompanhado de uma garrafa de vinho gelada e de uma mulher deslumbrante.

E Mac conhecia a mulher ideal. Era possível ficar-se com uma impressão errada de Sonora Sky Coto de Alvarez, com aquele nome incrível escolhido pela mãe *hippie* e pelo atraente pai mexicano, proprietário de um rancho, se acontecesse cruzarmo-nos com ela, vestida de couro preto, a descer a Pacific Coast a toda a velocidade na sua *Harley*, toda ela pernas compridas e curvas sensuais, mas o facto é que Sunny, como era conhecida, era também formada pela Wharton School of Business e dirigia, com sucesso, a sua própria empresa de relações públicas.

Sunny era feminina e um pouco desorientada, mas também inteligente. Era divertida, caótica e desarrumada. Era corajosa, como o demonstravam certas missões de arrasar os nervos em que embarcara com Mac, no entanto, também vulnerável e feminina. Era uma cozinheira fantástica e vaidosa com as suas roupas, muito bonita quando se aperaltava toda para um encontro e deslumbrante despida na cama. E, infelizmente, adorava o pequeno monstro

que era a sua cadela, um demónio de quilo e meio sobre quatro patas, uma *chihuahua* chamada *Tesoro*.

Mac pedira Sunny em casamento. Pelo menos, era o que ela afirmava, embora Mac declarasse não ter bem a certeza de se recordar do facto. De qualquer maneira, Sunny usava agora um diamante cor de rosa em forma de coração no dedo anelar da mão esquerda e um grande sorriso no rosto belo.

A verdade era que Mac gostava da relação que os dois tinham de momento. Sunny possuía um apartamento em Marina, que partilhava com a temível *chihuahua*, e ele a sua pequena cabana em Malibu, encravada como uma lapa verde na extremidade da sofisticada Malibu Colony. E a outra verdade era que *Tesoro* mantinha uma guerra contínua com o cão de Mac, um rafeiro resgatado só com um olho, três patas e um maxilar inferior saliente que lhe conferia um sorriso permanente. O cão chamava-se *Pirate* e era o grande orgulho de Mac. E nada se interpunha entre um homem e o seu cão. Nem sequer Sunny.

Porém, naquele preciso instante, Mac acreditava que Chez La Violette parecia ser o que Sunny e ele necessitavam. Irem para fora durante algum tempo, descansarem um bocado. *Estarem sozinhos*. Malibu e a sua pequena casa eram, para ele, quase tão perfeitas quanto um homem poderia desejar, mas andara a trabalhar imenso no seu programa televisivo *Os Mistérios de Malibu de Mac Reilly*, como detetive particular na televisão, e também no seu «emprego» como detetive a sério, *Mac Reilly, detetive particular das estrelas de cinema*, como os tabloides lhe chamavam.

Precisavam mesmo de uma pausa para resolverem as suas vidas e o seu futuro. Saint-Tropez parecia ser a resposta perfeita.

Pegou no telefone e ligou a Madame Lariot em Cannes. Dali a dez minutos, a *villa* conhecida como Chez La Violette era sua durante o mês de junho por uma grande quantia de dinheiro. Mas também nunca ninguém dissera que Saint-Tropez era barato. E seriam apenas Sunny e ele, sozinhos por fim.

Mais os cães, claro.

No dia seguinte, Madame Lariot, no seu minúsculo escritório numa rua secundária de Cannes, concluiu os acordos dos arrendamentos, fechou o portátil, enfiou-o na mala, arrumou todos os contratos de aluguer numa pasta e colocou-a numa mala de rodinhas para avião.

Madame Lariot era uma mulher de aspeto apagado, discreto, que parecia dependente dos seus óculos de sol. Nunca era vista sem eles. Arranjou o cabelo castanho, acrescentou um toque de batom de um rosa pálido estranhamente juvenil e vestiu o casaco de linho castanho, fora de moda.

Trancou a porta, apanhou o velho elevador que chiava até ao vestíbulo, enfiou a chave do escritório na caixa de correio do senhorio, saiu e entrou no seu carro.

Guiou até ao banco, verificou se o dinheiro tinha sido transferido e fechou a conta bancária da firma. Transferiu o dinheiro de novo, desta vez para uma conta particular e partiu para o aeroporto. Madame Lariot não era do género de perder tempo com pessoas. De facto, Madame Lariot não permitiria que ninguém se intrometesse no que queria. Sempre fora assim. Implacável.

1

NO PRINCÍPIO DE JUNHO, véspera das tão ansiadas férias, Sunny fazia as malas, o que significava que o seu apartamento, com as janelas do chão até ao teto que davam para a Marina, se encontrava num caos. Não que estivesse arrumado na melhor das ocasiões, o que enlouquecia Mac. A exceção era a cozinha que se apresentava sempre tão imaculada e limpa como uma sala de operações.

Sunny aprendera a cozinhar com a avó mexicana – os *tamales* da *abuelita* na noite de Natal era um prato tradicional nunca esquecido – e adorava a sua cozinha. Adorava cozinhar para Mac, tendo sempre o cuidado de escolher um vinho que agradasse a um homem que já se tornara um grande perito. E tendo sempre o cuidado de vestir qualquer coisa doce e *sexy* que lhe cativaria o coração ao mesmo tempo que o paladar.

Vira Mac pela primeira vez na festa de imprensa do programa televisivo dele, um tipo rude de calças de ganga e *T-shirt*, que em breve percebeu ser a sua indumentária habitual, e cujos olhos de um azul intenso a miravam como se fosse a melhor coisa que vislumbrara naquela noite toda. A eletricidade chispou-lhes nos dedos quando apertaram as mãos. Era, pensou Sunny, como se estivessem ligados, enviando aquela eletricidade para a terra, provocando-lhe uma descarga calorosa no corpo. Fora há dois anos e raramente tinham estado separados desde então.

Agora Mac tornara-se famoso; o seu programa tipo documentário da vida real na televisão, *Os Mistérios de Malibu de Mac Reilly*, era transmitido em todo o mundo. Solucionara alguns dos mistérios antigos de Hollywood, crimes que envolviam paixão, dinheiro e violência e possuía uma capacidade quase perturbadora para entrar na mente de um criminoso ou de um assassino. Além disso, de alguma maneira, conseguia sempre manter o seu sentido de humor. E no ecrã tinha um ar muito atraente, daquela forma desconjuntada e descontraída que Sunny achava tão cativante.

Mac também mantinha Sunny em estado de alerta ajudando-o nas suas

investigações. Fazia-a sentir que não conseguia viver sem ela. Fazia-a rir-se, oferecia-lhe flores e, quando a ciumenta *Tesoro* não se encontrava por perto, faziam amor que parecia melhor do que teriam o direito de esperar. A vida e o amor eram tipo a mesma coisa para Mac Reilly e Sunny gostava dele com paixão, embora se perguntasse como conseguiriam alguma vez casar por causa dos respetivos cães. Ela estava na casa dos trinta e Mac na dos quarenta. Era a altura perfeita. Teria desistido do apartamento da Marina num instante e ido viver com ele caso os cães não fossem tão antagónicos. Mesmo assim, era obrigada a admitir que *Tesoro* era a principal culpada. O pobre *Pirate* aprendera a guardar as distâncias quando *Tesoro* revirava os lábios e descerrava os dentes em algo que não podia, muito decididamente, ser apelidado de sorriso. E, de facto, o mesmo aprendera Mac, que tinha as cicatrizes para o provar.

Sunny suspirou ao alçar outra pilha de roupas do guarda-vestidos para a cama, já juncada com peças de vestuário mais do que suficientes para uma estadia de seis meses e para todas as eventualidades sociais. Porque nunca conseguiria tomar uma decisão, cortar dois terços da roupa e arrumar uma mala leve, como as revistas preconizavam?

Tesoro, de um castanho luzidio e incrivelmente estragada com mimos, estava sentada dentro da mala aberta, tensa como uma mola enrolada, a fitá-la tristonha, receosa de ser deixada para trás no canil perto do aeroporto, onde, de facto, era tratada como uma princesa e parecia divertir-se muito. Claro que nunca deixaria que Sunny o soubesse. *Tesoro* sabia como provocar sentimento de culpa na sua dona, espesso como nata quente.

– Não há problema, querida, desta vez vens comigo – prometeu Sunny, depositando *Tesoro* na elegante mala *Louis Vuitton* para cães adquirida por uma soma fabulosa no dia anterior. – No final de contas, não podes ir para Saint-Tropez numa velha mala de cães qualquer, não é?

Aproximou-se das janelas e ficou a olhar para a floresta de mastros, com as bandeirolas a flutuar sob um céu azul límpido, ainda preocupada com a arrumação da mala.

Então o telefone tocou.

– Olá, amor, sou eu.

Sunny sorriu.

– E aqui é a rapariga de Saint-Tropez, pronta para gozar a praia e beber o tal vinho *rosé*.

– Pois, bem...

Sunny percebeu a hesitação na voz de Mac e franziu o sobrolho.

– A questão é esta, Sunny. Estou a telefonar aqui do estúdio. Há alguns problemas e vou ter de voltar a filmar algumas cenas. Envolve re-escrita do texto e não vou conseguir apanhar o voo amanhã.

– *Quê?*

– Não posso ir-me embora amanhã.

Assombrada, Sunny não disse palavra.

– Escuta, lamento, querida, mas sabes como é. Não posso fazer nada. Pensei o seguinte. Porque não vais à frente, apanhas o voo? Chez La Violette está pronta, à tua espera, a empregada estará lá e trata de ti, eu vou ter contigo daqui a dois dias.

– Dois dias?

A voz de Mac encerrava um suspiro.

– Vou fazer os possíveis, querida, mas não há razão nenhuma para tu e *Tesoro* não partirem amanhã. Tens todos os papéis necessários para os cães. Podes começar já a trabalhar para o bronze. Ouve, vou arranjar uma limusina para te ir buscar ao apartamento. Apanhas o voo para Paris e depois para Nice. Tudo o que tens de fazer quando lá chegares é ires à Hertz buscar o carro e guiares até Saint-Tropez. Dou-te as chaves da casa e o contrato de arrendamento que Madame Lariot me enviou.

Sunny permaneceu em silêncio até que Mac perguntou por fim:

– O que achas?

Ela lançou-lhe um olhar carrancudo através do telefone.

– Estou a pensar no que fazer com um homem que foge a uma viagem de férias no último minuto.

– Sun querida, não estou a fugir. Apareço dentro de uns dias.

– Quantos?

– Dois, três no máximo.

– *Okay* – retorquiu Sunny com relutância.

– Vou ficar aqui até por volta das nove. Posso aparecer aí depois?

– Encontramo-nos no Giorgio. Pelo menos, podemos fazer um jantar de despedida.

Apesar de chateada, Sunny certificou-se que estava bem apresentável com um *top* de linho branco sem mangas, uma saia estreita, com um colar turquesa volumoso e o batom vermelho da praxe. A nuvem de cabelo preto

ligeiramente ondulado, pela altura dos ombros, resplandecia e a pele brilhava dourada à luz suave. Chegou a horas e sentou-se, amuada, à espera dele.

Mac veio meia hora atrasado, apressando-se no pequeno restaurante italiano apinhado, os olhos azul-escuros à procura dela, detendo-se aqui e ali a caminho da mesa de canto para apertar a mão a Tom Cruise e Katie Holmes com Posh e Beckham numa mesa e a Sharon Stone, deslumbrante como sempre, noutra. Toda a gente conhecia Mac por causa do seu programa televisivo e toda a gente gostava dele porque era franco, honesto e muito bom na sua profissão. Os olhos de Sunny cruzaram-se com os dele e, apesar do seu desapontamento, o rosto animou-se. Embora cansado, com uma *T-shirt* desbotada, calças de ganga e com o casaco de cabedal preto que ela lhe comprara atirado por cima do ombro, o aspeto atraente, vivido, esguio e alto de Mac seduziu-a.

Ele depôs-lhe um beijo no cabelo e sentou-se à sua frente, pegando-lhe nas duas mãos.

– Vais perdoar-me?

– Ei – exclamou em tom descontraído. – Não é com frequência que uma rapariga consegue ir para Saint-Tropez sozinha. Nunca se sabe que tipo de sarilhos poderá arranjar.

Mac abanou a cabeça, contente por Sunny ter percebido e estar a aceitar o inevitável.

– Muito verdadeiro – retorquiu ao mesmo tempo que o empregado servia o *Antinori Chianti* bastante bom que Sunny já pedira. – Nunca se sabe. E, de qualquer maneira, falas francês.

– Ah, trabalhei em Paris algum tempo, mas isso foi há muitos anos. Se calhar já esqueci a maior parte do que sabia.

– Atrevo-me a afirmar que te vais lembrar de tudo. Quero dizer, quando estiveres em França. – Mac apertou-lhe a mão por cima da mesa. – Não estarás sozinha muito tempo, prometo. – Ficou contente quando viu o rosto de Sunny animar-se; a velha vivacidade regressara-lhe aos olhos.

– Eu sei, eu sei... amas-me demasiado para arriscares que os deslumbrantes homens europeus se atirem a mim.

– Nisso tens razão, amor.

Mac beijou-lhe a mão e sorriram um para o outro.

– É a nossa última noite juntos – comentou Sunny, lançando-lhe um olhar dramático sob pestanas tão compridas e espessas que projetavam sombras nas

maças do rosto.

Ele estendeu a mão e passou um dedo com suavidade sobre elas.

– Não te vais pôr a chorar, pois não, querida?

O olhar dramático transformou-se numa expressão altiva.

– E sou o tipo de mulher que chora?

– Bem, em determinadas circunstâncias...

– Diz lá uma.

– Às vezes depois de fazermos amor...

– Ah! Isso é uma coisa muito diferente. Isso é... isso é...

– É o quê?

– É prazer – sussurrou Sunny, os olhos agora colados aos dele, naquele olhar íntimo que só os amantes partilham.

– Já te tinha dito que estás linda hoje? Mais adorável do que me recordava?

– Estás só a dizer isso para te safares.

– Deixas-me safar então?

– Desta vez... talvez. Mas só desta vez.

– Ótimo. Agora podemos voltar ao que interessa e pedir o esparguete com lagostins?

Sunny suspirou deliciada.

– Sabes mesmo como agradar a uma mulher.

– É a minha especialidade.

– Isso e deslindar homicídios.

– Se calhar isso também.

– Mas não em Saint-Tropez. – Foi firme naquilo. – Em Saint-Tropez estamos de férias.

– Claro. – Mac pegou-lhe nas mãos. – Anel bonito – observou.

– Em breve serão dois anéis.

– Suponho que tens razão.

Mac cruzou mentalmente os dedos atrás das costas. Amava Sunny, mas este negócio do casamento era outra questão. Mesmo assim, teriam de ver o que dava uma estadia em Chez La Violette e o romantismo do Sul de França.

Depois do jantar, Mac, no seu *Prius* híbrido personalizado, seguiu Sunny no seu *Mini Cooper* até ao apartamento em Marina del Rey. Nada de devoradores de gasolina para eles. Estacionou ao lado dela e apanharam o elevador até ao nono andar, em carícias apaixonadas o tempo todo.

– Vou ter saudades tuas, amor – murmurou Mac, beijando-lhe os lóbulos

das orelhas e sentindo-a estremecer de prazer.

Esquecera-se de *Tesoro* que lhe saltou em cima mal entrou.

– Como te fui esquecer, sua pequena selvagem?! – exclamou, transpondo o átrio com *Tesoro* ainda a farejar-lhe os calcanhares. – Sun, o que vais fazer com esta cadela?

Fitou-a com ar queixoso e ela riu-se.

– *Tesoro* é o meu amor verdadeiro, não és querida?

Ajoelhou-se e a cadela abandonou Mac, saltando para os braços de Sunny e lambendo-lhe a cara com pequenos latidos entusiásticos de alegria.

– Vais sentir a falta dela quando se for embora – avisou Sunny.

– Queres apostar? E de qualquer forma ainda não te foste embora e preciso de me chegar a ti.

Como se a cadela tivesse percebido o que ele dissera, virou a cabeça e confrontou-o, ainda anichada muito presunçosa nos braços de Sunny, que era onde Mac queria estar. Ainda a rir-se, Sunny levou a cadela para a cozinha, pegou num saco de biscoitos e num grande osso de roer e ofereceu-os a *Tesoro*. Com a cauda a abanar, a cadelinha farejou-os e depois atacou a comida.

– Feliz por fim – disse Mac, pegando na mão de Sunny e conduzindo-a ao quarto, referindo-se a si próprio, claro, mas também à cadela.

Fitou, consternado, a pequena montanha de roupas ainda empilhadas na cama ao lado de uma mala quase vazia.

– A tua versão de como se fazem malas! – exclamou atónito.

– Fazer malas é um assunto muito pessoal.

Sunny empurrou com pouco cuidado as roupas para fora da cama, para o chão, e avançou para os braços de Mac, aninhando a cabeça no pescoço dele.

O cabelo escuro cheirava como brisa fresca e fez-lhe cócegas no nariz. Afastou-o para trás com delicadeza, apreciando a sua textura entre os dedos. Puxou-a mais para ele. Ali ficaram, corpo contra corpo. Sunny inclinou a cabeça para trás, fechando os olhos, e Mac fez deslizar as mãos por baixo da saia dela, agarrando-lhe as nádegas forradas a renda, puxando-a para si. Sunny dera para usar calções de renda em vez de cuequinhas tipo fio dental e Mac pensou que eram muito *sexy* ao resvalar as mãos por baixo da renda, ouvindo-lhe o suspiro de prazer.

– Linda – sussurrou. – Como és linda, minha Sunny, mulher mais linda...

Ela afastou-se, só um pouco, o suficiente para lhe permitir cair para trás

sobre a cama, puxando-o com ela. A saia branca subiu uns centímetros nas coxas douradas. As cuecas de renda azul pálida estavam mesmo à espera de ser tiradas pelas mãos trémulas de Mac. Ele não conseguia esperar, nem sequer o tempo necessário para despir todas as roupas dela, ou as suas.

– Queres-me, querida? – sussurrou, comprimindo-se com força contra ela.
– Diz-me que me desejas.

– Sim, oh, sim – sussurrou em resposta. – Mesmo que me vás abandonar e mandar para Saint-Tropez sozinha.

– O quê? – Mac soergueu-se sobre os joelhos.

– Bem – disse Sunny, ali deitada, olhando para ele com grandes olhos inocentes cor de âmbar, sob o adejar das pestanas escuras. – No final de contas, não vais poder fazer amor comigo se não estiveres lá. Não é?

– Dois dias – gemeu Mac. – São só dois dias, Sunny.

O suspiro dela ecoou pelo quarto, as pestanas a adejarem de forma dramática.

– Bem podiam ser duas semanas.

Os olhares cruzaram-se. Olharam um para o outro durante um longo momento, em silêncio. Sunny foi a primeira a ir-se abaixo. Um sorriso criou-lhe covinhas nos cantos da boca.

– Estou só a provocar – observou.

E, com um gemido, Mac voltou a cair em cima dela, farejando-lhe o pescoço, mordendo-lhe as orelhas, beijando-lhe a boca.

– Vais deixar-me fazer amor contigo, apesar de te ir abandonar em França durante dois dias inteiros?

– Talvez três – lembrou-lhe ela.

– Ora, não interessa – retorquiu, despojando-se com rapidez de todas as suas roupas.

Tinha-se esquecido por completo da cadela. Isto é, até um pequeno furacão lhe aterrar nas costas, abocanhando-lhe pedaços de carne que preferiria não ter exposto e levando-o a afastar-se de Sunny aos gritos e a rolar para o chão.

Cobrindo com frenesim as suas partes íntimas, Mac ouviu-a rir-se, como se fosse a coisa mais engraçada que já vira.

– Sua cachorra – berrou. Depois começou também a rir-se.

Quando se levantou, viu que a cadela se sentara em cima da barriga de Sunny. Podia jurar que o pequeno focinho da *chihuahua* exibia uma expressão triunfante.

- Imagino que teremos de esperar até França – disse contra vontade.
- Sunny ainda se ria quando respondeu.
- Suponho que sim.

Nice, meia-noite

SUNNY ESPERAVA IMPACIENTE ao balcão da Hertz no aeroporto de Nice. O voo de Los Angeles para Paris atrasara cinco horas, perdera o voo de ligação e fora obrigada a apanhar um outro muito mais tarde. Parecia-lhe que andava a viajar desde sempre. Através das janelas, via as palmeiras a dobrarem-se com um vento que fazia chocalhar as portas giratórias. Vinha aí um temporal. O *mistral*, informou-a a mulher no balcão do aluguer de viaturas, abanando a cabeça e revirando os olhos.

Tesoro gania infeliz na sua mala *Louis Vuitton* empoleirada no topo do *chariot*, como os franceses chamavam de forma tão encantadora ao carrinho das bagagens. Sunny ainda apertava contra si a malinha de verga muito usada, veterana de muitas viagens, as pegas amarradas com um lenço de seda para evitar que as suas coisas de última hora – que incluíam roupa interior lavada caso a bagagem se perdesse – caíssem. A espreitar em cima encontrava-se uma sanduíche com aspeto muito esgotado, uma *baguette* grande de queijo e fiambre adquirida no aeroporto de Paris para a eventualidade de alguma fome. Tinha uma chávena de papel de café forte na outra mão e a sua mala «propriamente dita», vermelha com pegas de pele castanho-clara e um fecho para nada *poder* cair, estava pendurada ao ombro e continha o passaporte, dinheiro e outros documentos importantes, como o contrato de arrendamento e as chaves para Chez La Violette, bem como um pacote de *M&M's* e um volume de Proust – *Um Amor de Swann* –, que destinava a leitura de praia.

A sua aparência em geral controlada desintegrara-se sob o stresse do que constituíam agora mais de vinte e oito horas de viagem. De calças de ganga, *T-shirt* e um casaco de caxemira comprido de tom fúcsia, com o cabelo negro

a escapar-se de um coque preso à pressa com um pauzinho de madeira e a dispersar-se sobre os olhos, a aguentar o peso das suas várias malinhas, com a bagagem empilhada no *chariot* e *Tesoro* empoleirada em cima a lamuriar-se desolada, tinha o aspeto de uma cigana itinerante. Naquele momento, a situação parecia com certeza muito aquém das férias de luxo que Mac prometera.

Lá fora, com as chaves do carro na mão, Sunny inspirou fundo, agradecida pelo ar fresco, apesar de sentir frio. Um vento gelado assobiava pelas esquinas, lançando nuvens, entufadas como novelos de lã cinzenta, a voar pelo céu sem Lua. Destrancou o carro, empilhou com rapidez a bagagem na bagageira e depois deixou a cadela sair.

Tesoro ganiu e tremeu, fez um rápido chichi à senhora e voltou a correr para a sua mala. Em breve, prometeu-lhe Sunny, estariam em Chez La Violette, onde tudo seria luxo e conforto com uma cama macia e quente para ambas dormirem.

Marcou o endereço no GPS e dirigiu-se para a Autoroute du Soleil Leste, mesmo na altura em que a tempestade eclodiu por fim. A chuva escorria pelo para-brisas, constringendo o tráfego a um passo de caracol. Mesmo assim, pensou que Saint-Tropez não parecia demasiado longe no mapa. Não poderia demorar assim tanto tempo.

Saint-Tropez, duas e trinta da manhã

Bertrand Olivier caminhava pelo estreito carreiro enlameado. A noite estava escura como uma gruta de morcegos e a chuva golpeava oblíqua, mas Bertrand gostava do temporal. Gostava da noite. Gostava de estar sozinho.

Usava uma capa de oleado com capuz de um verde camuflado. Os óculos grossos eram inúteis com aquele tipo de chuva, mas os binóculos antiquados e pesados, que trazia presos ao pescoço com uma fita de couro, estavam equipados com pequenos discos de metal que se projetavam por cima das lentes como um par extra de pálpebras. Era tudo o que precisava para ver.

Uns faróis cintilaram atrás dele. Apanhado desprevenido, hesitou um segundo e depois mergulhou nos arbustos, agachando-se, observando e esperando que o veículo passasse.

Sunny guiava, um pouco deprimida, pelo caminho enlameado. Não devia chover em Saint-Tropez, ponto glamoroso do mundo, e era um temporal torrencial em que se poderia esperar encontrar Noé ao virar da esquina com a sua Arca.

– E acredita, Noé – murmurou por entre dentes cerrados –, ficava contente por te ver.

A viagem demorara imenso tempo, a maior parte numa estrada rural às curvas, só com uma faixa. Sentia-se exausta e a desejar ter passado a noite em Nice.

Um ganido triste soou no banco traseiro. *Tesoro* não estava habituada a estar fechada tanto tempo, mesmo numa mala luxuosa *Louis Vuitton*. A acrescentar ao infortúnio, Sunny sentia o nariz a pingar e quase jurava que apanhara uma constipação no avião. A fungar e com os latidos de *Tesoro* como uma espécie de coro atrás, continuou a conduzir.

A senhora do GPS estava a falar outra vez. *E em francês*, por amor de Deus. E, por essa altura, não conseguia distinguir sequer a sua *droite* da sua *gauche*.

Espera aí um minuto! O que era aquilo? Travou a fundo, fazendo o carro entrar numa miniderrapagem. Seria uma ilusão? Uma miragem? *Ou teria acabado de ver um homem no meio da estrada?*

O coração martelou-lhe no peito, as palmas das mãos viscosas de suor e tomou de repente consciência que se encontrava sozinha naquela vereda francesa escura e solitária que conduzia, parecia, a lado nenhum.

Continuou a guiar. Os faróis varreram o sítio onde pensara ter avistado a pessoa, mas não viu ninguém. Soltando um suspiro de alívio, pensou com ansiedade nos confortos que a aguardavam em Chez La Violette.

Bertrand Olivier saiu do meio dos arbustos. Apontou os binóculos para o carro, observando os faróis traseiros vermelhos a esbaterem-se na distância. Conseguiu perceber que o condutor era uma mulher. E que estava sozinha. Sabia que o único lugar para onde poderia dirigir-se por aquela estrada seria para Chez La Violette. Bertrand conhecia bem a casa, por dentro e por fora. E sabia que se encontrava vazia.

Começou a correr nessa direção.

Los Angeles

PASSAVA DAS CINCO, hora de Los Angeles, e Mac trabalhava desde as seis da manhã. A equipa filmava no grande estúdio tipo hangar perto de Venice Beach. Estava a fazer um intervalo, emborcando uma chávena de café, tão quente e insípido que estranhava contivesse cafeína, ao mesmo tempo que resistia aos donuts e bolinhos cujo conteúdo em açúcar poderia ter também fortalecido os seus níveis de energia em declínio.

Não era o único cansado; a equipa de filmagem esmorecia e o realizador estava a ficar irritável, mas queriam todos continuar, porque existia a hipótese de concluírem o programa naquela noite. Os guionistas haviam desencantado uma resposta para os problemas que tinham surgido e agora Mac só pensava em pôr-se a andar e apanhar o próximo voo para Paris. De facto, apanharia um voo para qualquer sítio em França se isso significasse ficar mais perto de Sunny.

Apesar da fadiga, estava com bom aspeto, alto e um pouco descomposto, de forma *sexy*, com cabelo escuro que caía sobre olhos de um azul-escuro, que, de algum modo, quando olhava a direito para a câmara, o que sempre fazia nos planos de abertura e fecho do programa, pareciam ligar-se diretamente com os olhos dos espetadores, atraindo-os para si, o detetive particular de Hollywood de calças de ganga e com o casaco de cabedal preto *Dolce & Gabbana* que Sunny lhe comprara e que se tornara a sua imagem de marca. Agora, porém, só queria fechar esses olhos «magnéticos» – como os tabloides lhes chamavam, fazendo Sunny rir-se –, dormir um pouco e chegar a França. Deitou-se no sofá, de olhos fechados, a pensar em Sunny e na próxima cena.

– Reilly, estás aí, seu sacana.

Mac ergueu as pálpebras com lentidão e observou o homem à sua frente. Era baixo, de ombros largos, e musculado devido ao levantamento de pesos. Os olhos eram de um castanho-claro liquefeito e as sobrancelhas espessas quase se uniam por cima do nariz afilado. Apesar de baixo, possuía um ar de autoridade, o comportamento de um homem que estava habituado ao poder.

– Ron Perrin – disse Mac. – Quando saíste?

– Há alguns dias. – Ron Perrin sorriu. – Em parte graças à tua intervenção junto das autoridades prisionais.

Mac levantou-se e apertou a mão de Perrin. Há um ano ajudara a resolver a complicada teia de transações financeiras de Ron, bem como um par de homicídios em que ele era o principal suspeito. Mac descobrira o verdadeiro assassino e Ron cumprira pena de prisão por fraude, apesar de ter declarado que não fora intencional. Mac esclarecera as coisas e ao mesmo tempo endireitara a vida amorosa desordenada de Perrin.

Acontecia que Perrin era casado com uma famosa estrela de cinema, a loira Allie Ray, e costumavam viver perto da casa de Mac. No entanto, agora Allie desistira de Hollywood, da vida de *paparazzi* e da sua casa em Malibu Colony, bem como da mansão em Bel Air. Enquanto Ron se encontrava na prisão, comprara um pequeno vinhedo em França, onde vivia numa casinha de campo, cuidando das suas vinhas.

– Telefonei ao teu assistente, Roddy. Disse-me que estavas aqui, arranjou-me um passe de visitante. Apareci para te fazer uma visita, contar-te que saí da prisão – continuou Perrin.

– Um homem reformado – retorquiu Mac.

– Talvez, talvez. Tive sem dúvida imenso tempo para repensar as coisas. Perdi muito dinheiro, tive de me livrar de muita bagagem, mas sabes que consegui manter o avião. Deu jeito. Allie usou-o com regularidade, vinha ver-me de duas em duas semanas, mais ou menos. Creio que somos agora mais felizes do que nunca. Ou seremos, mal estejamos juntos de novo.

Mac esperava que Ron tivesse razão.

– Sabia que o teu programa estaria a terminar por esta altura e Allie queria que te perguntasse se queres vir visitar-nos a França com Sunny. Que tal umas pequenas férias no nosso vinhedo na Dordogne? Sabes que não fica demasiado longe de Bordéus e de Saint Emilion. – Ron sabia tudo sobre o fraco de Mac por bom vinho.

– Quando partes?

– Logo que estejas despachado. Podemos partir de Santa Monica.

Mac agarrou Ron pelos ombros. Fitando-o nos olhos, disse:

– Não sabes, Ron Perrin, mas és a resposta às minhas preces.

Perrin remexeu os pés, pouco à vontade.

– Ei, foste a resposta às minhas preces, meu, aqui há algum tempo. Se puder fazer alguma coisa para compensar o facto, basta dizeres o quê.

Mac pô-lo ao corrente da história do aluguer da *villa* em Saint-Tropez, como se atrasara, e que Sunny tivera de ir sozinha à frente.

– Preciso de partir esta noite. Se puder apanhar uma boleia tua, consigo lá chegar quase antes de ela ter tempo de sentir a minha falta.

Ron bateu-lhe na palma da mão erguida.

– Considera o assunto resolvido. Levo-te onde precisares de ir. Diz-me só a que horas para eu poder apresentar o plano de voo. O *Citation* está pronto quando tu estiveres, senhor detetive particular.

– Esta noite – replicou Mac. – Mal acabe aqui as coisas.

Agora que sabia que veria a sua Sunny muito em breve, tudo estava bem no seu mundo.

Saint-Tropez, três da manhã

SUNNY GUIOU DEVAGAR por uma pequena colina acima. A água deslizava pelo cabeça abaixo na sua direção. Era como trepar uma queda de água. A francesa do GPS dizia-lhe que chegara ao seu destino, mas, espreitando por entre o dilúvio, não conseguiu ver senão escuridão. A seguir um muro alto. Depois um par de sólidos portões de madeira. Fechados, claro.

Praguejando, Sunny saiu do carro. Ficou ensopada em segundos e logo o vento a atacou, rugindo através das copas das árvores com um som semelhante ao de um comboio expresso. Dobrando-se ao meio, cambaleou em direção aos portões.

Um azulejo decorativo em tons de azul e amarelo encastado no muro anunciava que chegara a Chez La Violette. Bem, graças a Deus, pelo menos encontrava-se no sítio certo. Deu um puxão às maçanetas do portão, círculos gêmeos de ferro forjado presos em bocas de leões e ficou aliviada quando aquele se abriu.

Voltou a entrar no carro e continuou a guiar. Árvores açoitadas pelo vento inclinavam-se sobre o caminho. Uma casa agigantou-se diante dela. Nem uma luz à vista.

Baixando o vidro da janela, Sunny fitou a casa imersa em trevas. Estava muitas horas atrasada, mas a empregada não podia pelo menos ter deixado uma luz acesa? Nervosa, durante um segundo pensou em dar a volta, regressar a Saint-Tropez e descobrir um hotel, mas era tardíssimo, a tormenta ainda grassava, o percurso era demasiado difícil e, de qualquer modo, estava exausta. Tirando as chaves da sua mala vermelha, içou as malas da bagageira, enfiou a malinha de verga num dos braços, subiu os degraus baixos,

destrancou a porta e entrou num átrio escuro.

Antes mesmo de ter encontrado o interruptor, o sítio inundou-se de luz. Pestanejou, meia ofuscada. Quando levantou os olhos, viu um homem agachado ao cimo das escadas numa posição ameaçadora de artes marciais, mãos erguidas por cima da cabeça. E nessas mãos brandia uma espada.

Sunny fez o que qualquer mulher sensata faria nas mesmas circunstâncias. Virou costas e fugiu.

Aterrorizada, viu-se sob os arcos de um claustro, a resvalar nas lajes escorregadias da chuva. O coração martelava-lhe nos ouvidos. Ouvia-o a acelerar pesadamente atrás dela, a aproximar-se. Escorregou outra vez, tentou agarrar-se a uma coluna de pedra e caiu.

O homem estava em cima dela, Sunny tinha o rosto no chão, as mãos presas atrás das costas. Gritava, mas não havia ali ninguém para a ouvir.

– O que raio estava a fazer na minha casa a meio da noite? – A voz do homem era dura e furiosa. *E* falava em inglês.

Surpreendida, Sunny parou de gritar.

– O que quer dizer com isso, a *sua* casa? É *minha*. Aluguei-a.

– *Quê?*

Pareceu pensar no que ela acabara de dizer. Depois deixou cair a espada com um som metálico, largou-lhe as mãos e ajudou-a a levantar-se.

Sunny tremia de frio e de choque.

– Desculpe lá a espada – pediu o homem. – É só um brinquedo, faz parte de uma máscara de pirata. Foi o que consegui encontrar para me defender em tão pouco tempo. Pensei que eram ladrões.

Ainda a tremer, Sunny lançou-lhe um olhar. Estava demasiado escuro para lhe distinguir as feições, mas o homem era alto, usava uma *T-shirt* e calças de ginástica e parecia americano.

Apanhou a espada, pegou-lhe no braço e conduziu-a de volta ao átrio bastante iluminado.

– Está ferida! – exclamou, vendo sangue nas mãos de Sunny, que as usara para amparar a queda. – Sinto muito, deixe-me limpar-lhe esses cortes e depois pode contar-me o que quis dizer quando declarou que alugou esta casa.

Lá fora, Sunny ouviu um lamento familiar. Tinha-se esquecido de *Tesoro*. Correu ao carro, agarrou na mala da cadela e, rezando para não estar a cometer um erro, seguiu o desconhecido para dentro de casa.

Três e meia da manhã

Escondido nos densos arbustos de alecrim perto da janela da cozinha, Bertrand Olivier apontou os binóculos para a cena que se desenrolava na cozinha. Ficou surpreendido por aí ver um homem. Um arrepio percorreu-lhe a espinha quando reparou na espada em cima da mesa. A mulher seria sua prisioneira?

Ela estava a beber café – a lata de *Nescafé* instantâneo encontrava-se na mesa – e a fazer uma careta como se não gostasse. Tinha um ar desconfiado, mas não medroso, e parecia bastante calma para uma mulher que se calhar estaria cativa. Bertrand ofegou, chocado, quando viu que tinha as palmas das mãos a sangrar. O cãozinho no colo dela farejou o sangue e depois virou o focinho com um ganido tão alto que Bertrand o ouviu através das janelas fechadas. A mãe de Bertrand era inglesa, ele falava a língua e desejou naquele momento conseguir também ouvir o que eles estavam a dizer.

Sunny não podia acreditar que estivesse a beber um café com um homem que, minutos antes, pensara que a fosse matar. Estavam sentados um diante do outro a uma comprida mesa de madeira numa grande cozinha empoeirada que parecia pertencer a outro século.

– É melhor apresentar-me – disse o desconhecido. – Chamo-me Nate Masterson. Sou de Nova Iorque.

Sunny não gostava da forma como ele a fitava, com um sorriso meio divertido nos lábios. Sabia que devia ter um aspeto esgotado, ensopado e enlameado, mas a culpa era em parte dele. Um nova-iorquino, é? Devia ter percebido. Beberricou o café. Sem leite nem açúcar. Sabia muito mal, mas pelo menos estava quente.

– Sonora Sky Coto de Alvarez – apresentou-se, pespegando-lhe com o nome completo. – De Los Angeles. Conhecida em geral como Sunny. A única pessoa que me trata por Sonora é a minha mãe.

Nate Masterson sorriu com ironia.

– Que Deus a perdoe.

Sunny percebeu de repente que estava a olhar para um homem muito

atraente, talvez de trinta e muitos anos, de cabelo castanho cortado curto, olhos escuros sobre os quais estava agora a colocar um par de óculos com aros pesados de tartaruga que lhe conferiam um ar experiente e mundano. Era alto com um físico musculado; era óbvio que fazia exercício. Recordou-o no cimo das escadas, ameaçador, possante, a brandir a espada, e estremeceu a pensar no que poderia ter sucedido.

Nate reparou no estremecimento.

– Escute, está a enregelar. Porque não tira essa roupa molhada? Tenho um roupão de banho que pode usar.

Sunny lançou-lhe um olhar circunspecto. Oh, pois, claro. Não despia as roupas nem que enregelasse até à morte.

Nate sorriu.

– Acredite, não estou a pensar em violações. Só não quero que apanhe uma pneumonia.

Apertou mais *Tesoro* contra si. A cadela ganiu, não gostando de ser comprimida no regaço frio e molhado. Sunny retorquiu com relutância:

– Suponho que não posso ficar aqui simplesmente a noite toda a pingar água no seu chão.

– O *nosso* chão.

– Como?

– Parece que esta casa poderá ser sua *e* minha.

– O que quer dizer com isso?

– Aposto que a agente imobiliária cometeu um erro e alugou a propriedade duas vezes para o mesmo mês.

Sunny remexeu na mala vermelha até encontrar o contrato assinado de Mac. Passou-o ao homem.

– Isso não diz aí «para o mês de junho»?

Nate leu o documento, depois levantou-se, dirigiu-se ao aparador e puxou do seu próprio contrato.

– *Idem* – disse, entregando-o a Sunny.

Esta leu-o e voltou a lê-lo, espantada. Empurrou o cabelo molhado dos olhos e lançou-lhe uma olhadela aborrecida.

– E agora?

Nate consultou o relógio.

– De manhã, e faltam apenas algumas horas, creio que devemos fazer uma visita a Madame Lariot em Cannes e perguntar-lhe como vai resolver o

assunto.

Sunny gemeu. *Mac* devia estar ali para esclarecer o assunto. E se Madame Lariot entregasse Chez La Violette a Nate Masterson? Isso significaria que ela e Mac, quando este resolvesse aparecer, ficariam encalhados em Saint-Tropez, sem casa, durante um mês inteiro. E tão tarde na temporada de verão da Riviera sabia-se lá o que estaria ainda disponível. Se é que estava alguma coisa. Acabariam se calhar por voltar para Malibu, sem férias, sem romantismo e sem casamento.

Nate ainda desejava que ela despisse as roupas molhadas. Parecia uma sereia perturbada com o comprido cabelo molhado a escorrer pelos ombros. Além disso, não queria uma mulher doente entre mãos, a somar a tudo o resto. Perguntou:

– Afinal, o que está aqui a fazer sozinha?

Sunny rodou o diamante cor de rosa no dedo.

– O meu noivo devia ter vindo comigo. Atrasou-se no trabalho e eu vim sozinha. Vem ter comigo daqui a uns dois dias. Acho – acrescentou carrancuda. Naquele momento, estava decididamente desligada de Mac Reilly.

– Escute, Sunny Alvarez – retorquiu Nate –, tem mesmo de trocar essas roupas molhadas. Por amor de Deus, o que tenho de fazer para a convencer de que não vou atacá-la?

Cruzaram olhares por cima da mesa, o dele impaciente, o dela defensivo. Depois Sunny começou a rir-se.

– Suponho que só preciso de me ver ao espelho.

Nate agarrou nas duas malas dela e conduziu-a pelo átrio até uma grande suíte que abarcava toda a ala este.

– O *boudoir* de Violette – declarou. – Eu preferi o quarto no mezanino ao cimo das escadas.

Acendeu um candeeiro, dirigiu-se às portas envidraçadas e fechou as cortinas. Sunny olhou em volta.

Era um cenário de filme de Hollywood dos anos trinta, tipo realizador Busby Berkeley com a imaginação à solta, tudo paredes apaineladas de tom pálido, seda branca sobre branco e veludo cinzento-pombo, a brilhar com mesas cromadas, espelhos e apliques prateados. Evocava imagens de mulheres elegantes em vestidos de noite de cetim cortados na diagonal, com boquilhas compridas e a namoriscar com homens atraentes de *smoking*.

A enorme cama de dossel era feita de um mosaico de minúsculos pedacinhos de vidro espelhado, como a cama de um marajá indiano, tinha um conjunto de degraus de madeira para subir e a colcha de seda a esgaçar-se apresentava um monograma de tamanho gigante, um V branco para Violette.

Uma secretária velha num canto era a única peça que parecia real, como se alguém, se calhar a própria Violette, a tivesse desenhado, ou talvez mesmo construído, porque era formada apenas por tábuas velhas, se calhar madeira trazida pela água, descorada para um cinzento pálido como os sofás de veludo. Ainda aí se via um mata-borrão branco de pele e um suporte para cartas com papel de carta do mesmo tom cinzento pálido gravado a branco com o endereço, Chez La Violette, Saint-Tropez.

Mas uma camada de pó cobria tudo, os prateados estavam embaciados, os cortinados de seda outrora elegantes desfaziam-se de velhos e o quarto cheirava a mofo, como se as janelas não se abrissem há décadas. Na casa de banho de mármore cor de rosa havia manchas de ferrugem na banheira com pés pretos e prateados e, quando a torneira se abriu, saiu água castanha e fria. Desanimada, Sunny percebeu que com certeza Chez La Violette não apresentara aquele aspeto na brochura. Havia alguma coisa terrivelmente errada naquilo tudo.

Pondo de lado qualquer ideia de tomar um banho quente, salpicou a cara com a água cor de ferrugem, tirou uma toalha da pilha ainda arrumada nas prateleiras e sacudi o pó. A tremer, secou o cabelo e depois passou-lhe os dedos para o desemaranhar.

Ficou ali um instante a ouvir a chuva a martelar no telhado e o vento a bater nas janelas. Porém, havia uma certa quietude no quarto de Violette. Um género diferente de silêncio. Pouco à vontade, Sunny olhou para a cadela, agachada sobre o tapete branco de pele de carneiro a emitir pequenos ganidos aflitos, do tipo que Mac dizia parecer uma sirene da polícia adaptada com um supressor. Inclinou-se para lhe fazer uma festa.

– Está tudo bem – sossegou-a, com alguma incerteza. – Prometo que vai ficar tudo bem, vais ver.

Muito de repente, uma brisa quente perpassou pelo quarto, como um vento de verão, trazendo com ela um odor leve a flores. Pairou no ar durante um momento e depois desapareceu.

Os cabelos na nuca de Sunny eriçaram-se. Atirou com as roupas molhadas, vestiu o roupão turco branco e enfiou os pés nos velhos chinelos felpudos cor

de rosa, muito confortáveis, com que sempre viajava. Agarrou na *baguette* de queijo e fiambre ainda no seu invólucro de papel encerado, comprada no aeroporto de Paris há uma eternidade, parecia e, com uma olhadela desconfiada em volta, pegou em *Tesoro* e apressou-se a regressar à segurança da cozinha, onde Nate Masterson tinha canecas de café quente acabado de fazer à espera.

Uma coisa era certa: não ia dormir no quarto de Violette.

Lá fora, Bertrand Olivier focou-a com os binóculos. Estava com melhor aspeto. O cabelo era de um belo preto-azulado e os olhos eram cor de âmbar, quase da cor da cadela, que, para deleite de Bertrand, lançou outra rosnadela ao homem quando este colocou uma nova chávena de *Nescafé* instantâneo em frente da mulher. Agora o homem oferecia-lhe qualquer coisa de uma garrafa. Bertrand focou melhor. Brande.

Calculou que o homem estivesse a sugerir um grogue quente. Não era isso que fazia o sangue circular outra vez, trazer cor às faces? Fora o que a mãe lhe dissera quando bebia. Mas Bertrand não queria pensar na mãe agora.

Observou a cena, frustrado. Desejou que abrissem uma janela para poder ouvir o que diziam. No entanto, era uma pena que o homem ali estivesse. O trabalho dele teria sido tão mais fácil se não estivesse.

– Assim é melhor – disse Nate com um sorriso aberto que, percebeu Sunny, devia ter encantado muitas mulheres.

Passou-lhe pela cabeça que, com Mac desaparecido, talvez se devesse sentir com sorte por ter sido apanhada numa tempestade numa velha *villa* misteriosa e deixada ao abandono com um homem tão atraente como Nate Masterson.

Ele ergueu uma garrafa grande, mas meio cheia, de brande *Soberano* espanhol.

– Encontrei isto no armário. Provei e está bom. Que tal um pouco no seu café? Para aquecer um bocado.

– A melhor ideia que já teve. E eu tenho o acompanhamento perfeito. – Desembrulhou a sanduíche amolgada pela viagem. – Tem fome?

– Se tenho!

Sunny partiu a baguette em quatro pedaços e colocou-a, ainda no seu quadrado de papel oleado, em cima da mesa entre os dois. Com o café, o brande, a comida, a coisa estava a tornar-se quase aconchegante.

– Então o que faz? – perguntou Nate. – Lá na imensidão de Los Angeles?

– Oh, ooh, relações públicas. Sabe como é, conseguir reconhecimento nos meios de comunicação para os meus clientes, promovê-los e aos seus produtos, esse tipo de coisa.

– Esse tipo de coisa típica de Los Angeles.

– E você faz o quê, afinal? – Sunny desejou não parecer estar tão na defensiva.

Nate recostou-se para trás, a refletir no assunto.

– Não faço nada. Abandonei tudo o que sou. – Deu uma dentada na sanduíche, a pensar no que acabara de dizer e depois corrigiu-se. – Quer dizer, abandonei tudo o que pensava que era; o *trader* de Wall Street a trabalhar todos os minutos que Deus manda e mais alguns, a guardar o saque furtado como um esquilo guarda as suas nozes para a longa hibernação de inverno. Mas nunca cheguei a «hibernar», continuei apenas, a mesma coisa durante o verão e o inverno. Não tinha outra vida, só ser o melhor na minha profissão, fazer dinheiro. Até que uma manhã, uma dessas manhãs normais, às três, quando vestia o meu uniforme de Wall Street, o fato às risquinhas, já a atualizar-me sobre os últimos acontecimentos no mercado asiático, o meu cérebro já a avançar para a Europa, então... – Encolheu os ombros e bebeu um gole do café, fazendo uma careta quando o brande lhe atingiu a garganta. – Bem, está a ver a cena. É um clássico: o homem vê toda a vida passar-lhe diante dos olhos como um mau filme, percebe que não *tem* vida, que o dinheiro não é tudo, nem o supremo objetivo. Que está na altura de viver a sério.

– E agora?

– Agora? – Nate deu outra dentada. – Agora tenho de descobrir o que significa «viver a sério». Estou demasiado habituado a trabalhar e à solidão para me impor no mercado do mundo. Preciso de tempo para recuperar, descobrir quem sou, o que sou, para onde vou. Foi por isso que aluguei esta *villa*. Era melhor do que um hotel, muito espaço, podia estar sozinho com os meus pensamentos, fazer o que apetecesse, quando me apetecesse.

– E então apareci eu.

– Então apareceu você.

Fez-se um longo silêncio. Depois Sunny pediu:

– Conte-me mais qualquer coisa sobre si.

Nate encolheu os ombros como se atribuísse pouca importância ao assunto.

– Oh, sabe como é... Pensei que podia tentar escrever aquele romance que todos imaginamos ter dentro de nós.

– Talvez tenha mesmo – retorquiu Sunny, mas percebeu que Nate não a ouvia.

Fitava a janela, os olhos semicerrados. *Tesoro* virou-se para olhar e depois soltou uma súbita rosnadela rouca. Nate disse:

– Creio que está alguém ali fora.

Assustada, Sunny levantou-se à pressa, mas Nate já se dirigia para a porta. Levou alguns segundos a fazer girar a velha e antiquada chave de ferro e depois precipitou-se para a borrasca.

Bertrand Olivier viu-o sair e movimentou-se com rapidez saindo dos arbustos, escorregando na relva lamacenta ao lado do caminho, esquivando-se por trás das árvores e escondendo-se por fim, a ofegar, num recesso da velha sebe de teixo perto dos portões.

Os passos tinham parado. Bertrand sabia que o homem ainda ali estava, a perscrutar a escuridão à procura dele, mas tinha a vantagem de conhecer o terreno. Conhecia esta casa e os jardins como a palma da sua mão.

Ouviu o homem retroceder e correu para o caminho antes que alguém vislumbrasse sequer a sua capa de camuflado e os binóculos antiquados e volumosos de observador de pássaros a ressaltarem-lhe no peito.

Deteve-se, porém, perto dos portões, olhando para trás, nostálgico, tentado a regressar, apesar de saber que existia o perigo de ser apanhado.

Nate desaparecera na noite. Nervosa, Sunny andava de um lado para o outro na cozinha. Inspecionou o fogão antigo, todo ele preto e aço com grandes fornos que, pensou, na época de Violette, tinham sido talvez usados para assar cisnes e cotovias ou qualquer coisa igualmente terrível e exótica.

Era óbvio que não entrava ali uma empregada há anos. Nos armários só encontrou algumas canecas empoeiradas e um par de pratos. Não havia provisões, nem sequer um pacote de flocos ou detergente para lavar a loiça.

No entanto, a cozinha, com as suas vigas mestras à mostra, tinha um encanto campestre, com as janelas baixas e largas, a mesa de refeitório comprida e a cortina esfarrapada aos quadrados azuis pendurada num arame, escondendo o espaço por baixo do lava-loiça. Sunny tentou imaginá-la como teria sido dantes, com o fogo a arder na enorme lareira de pedra calcária, alegre numa noite tempestuosa como aquela e depois no verão com as janelas abertas de par em par para o sol e a brisa marítima. Talvez Violette organizasse festas informais nesta cozinha, alimentadas a vinho e canções, com um grupo de amigos reunidos à volta do velho piano vertical que ainda se encontrava no canto junto à lareira, a tampa agora fechada com firmeza e coberta, como tudo o resto, por décadas de pó.

Olhou lá para fora e viu Nate a encaminhar-se para a casa. Ele atirou os braços ao ar e abanou a cabeça.

– Ninguém – gritou. – Calculo que me enganei.

O enorme suspiro de alívio de Sunny fê-lo sorrir. Ela abriu-lhe a porta, esperando enquanto ele limpava a lama dos sapatos no raspador de metal. A *chihuahua* espreitou por trás dela, a rosnar.

Nate passou as mãos pelo cabelo molhado e voltou a sentar-se à mesa da cozinha.

– Isto é que é uma noite! – exclamou, olhando para a sereia que, à medida que secava, se tornava sem dúvida mais atraente. Bela, mesmo. Uma pena a questão do noivo. – Diga-me, como é que o noivo se dá com *Tesoro*?

– Não se dá.

Foi a vez de Sunny preparar o café e esperar, junto ao fogão, que a água fervesse. Nem sequer existia uma chaleira e teve de usar uma pequena caçarola de folha, que era quase tudo o que restava da *batterie de cuisine* na imaculada cozinha francesa prometida na brochura.

– *Tesoro* tem ciúmes de Mac – explicou. – E, além disso, odeia o cão dele. Nem sequer deixa que *Pirate* suba para a cama quando estou com ele. – Despejou a água quase a ferver sobre o café moído e levou as canecas para a mesa. – É por essa razão que ainda não nos casámos. Os nossos cães têm de fazer uma trégua primeiro.

– Não pode estar a falar a sério.

– Claro que estou.

Nate fitou-a, espantado. Serviu mais brande.

– *Okay*. Conte-me tudo então.

Contemplando a bela Sunny do outro lado da mesa, Nate percebeu, que, pela primeira vez há anos, estava a divertir-se.

Quatro da manhã

Novos faróis apareceram de repente no carreiro e Bertrand correu a esconder-se atrás dos grandes portões de madeira.

O carro passou a entrada e depois, com as mudanças a chiarem, foi lançado com violência em marcha atrás. Os pneus protestaram quando o grande carro recuou às sacudidelas, quase acertando nos postes dos portões, passando por fim entre eles e subindo a seguir o caminho com ruído, detendo-se abruptamente numa saraivada de gravilha.

Bertrand viu que era um *Bentley* descapotável branco muito bonito, salpicado de lama e com um para-choques dianteiro bastante amolgado. Saiu uma mulher alta, a praguejar em voz alta enquanto corria sob a chuva para a casa.

Quatro da manhã

A porta da frente bateu. Passos atravessaram o átrio. Nate e Sunny viraram-se para ver. Uma sócia de Sharon Stone encontrava-se na entrada abobadada. Vestia um fato de calças e casaco de linho branco, caro mas muito amachucado, e sapatos de salto alto vermelhos. O cabelo loiro estava cortado curto, a boca apertada numa linha tensa e os olhos azuis gelados e furiosos fitaram-nos aos dois e, a seguir, à garrafa de brande e à espada em cima da mesa.

– Devia ter adivinhado – disse com um desdenhoso sotaque inglês. – Só podia mesmo encontrar o pessoal doméstico a enfrascar-se na cozinha enquanto eu me debatia com aquele maldito carro.

Atirou as chaves a Nate.

– Vá buscar a bagagem. E você... – Apontou para Sunny. – Sirva-me um duplo, ponha outro bule de café a fazer e veja se o meu quarto está bem arrumado. O quarto principal da casa, claro.

Atordoados, Nate e Sunny fitaram-na em silêncio.

A mulher avançou zangada para eles, com os saltos a baterem nos mosaicos. O seu mau génio chegara a ponto de ebulição.

– Então? Não fiquem aí parados – gritou. – Não sabem quem sou?

– Não, não sei quem é – ripostou Sunny. – E espero nunca ter de saber.

A loira ficou de queixo caído. Os seus olhos irados cruzaram-se com os de Sunny durante um longo momento e depois, de repente, afundou-se numa cadeira, toda a altivez suprimida.

– Que se lixe! – exclamou com lassidão. – Sirva-me só a merda do brande. Deixei o meu marido. Deixei-o, tal e qual! Já não aguentava mais, apesar de ele ser mais rico do que todos esses tipos da Microsoft juntos. Vim a guiar todo o caminho desde San Remo, na Itália, com o raio desta tempestade, bati com o raio do *Bentley* e estou exausta.

Nate serviu o brande para uma caneca e passou-lho. Ela bebeu um gole, ofegou e disse:

– Bolas, nem sequer é francês. – Depois observou-os com mais atenção. – Cometi um erro, não foi? – continuou com brusquidão. – Não são os empregados. – Apertando a caneca de brande entre as duas mãos, soltou um suspiro. – Típico da minha parte. Jasper, o marido, diz que estou sempre a fazer coisas do género. A provocar-lhe embaraços. Eu disse-lhe que se quisesse sentir-se menos embaraçado devia ter-se casado com Laura Bush.

Sunny e Nate fitaram-na em silêncio.

– Eu? – continuou, tragando outro gole generoso de brande e estendendo a caneca para Nate a pedir mais. – Eu? Sou quem sou. Que é mais do que se possa dizer em relação a Jasper. – Um súbito sorriso irónico transformou-a, de sacana rica e intratável em rapariga travessa. – Jasper Lord, daqui para a frente intitulado «o marido». Mal aguento proferir-lhe o nome. Não que seja o seu nome verdadeiro, claro. Oh, não, na realidade, chama-se Mikel Markovich, mas pôs toda essa treta russa para trás das costas, bem escondida, para ninguém ficar interessado em remexer no seu passado suspeito. Bem, o filho da mãe russo é rico, é controlador, é louco e é violento. Se pudesse, trancava-me no castelo do Barba Azul. Oh, coberta de joias, claro, e vestida por costureiros, disponível para ser exibida em momentos apropriados. Mas escolheu a mulher errada. E foi por isso que me vim embora. De qualquer modo, ele não teria vindo para este sítio comigo. Isto aqui não é com certeza o estilo dele. – Olhou duvidosa para a velha cozinha. – Na verdade, não tenho a certeza que seja o *meu* estilo. Pensei que seria bom afastar-me e ficar

sozinha por um tempo, distanciar-se dos grandes hotéis onde todos me conhecem, distanciar-me do marido. Pensei que seria melhor não dar nas vistas até que a confusão acalmasse, percebem o que quero dizer?

Olhou para eles na expectativa.

– Afinal, quem são, se não são os empregados? E para que é a espada? – Sorriu, com ar traquina. – Mais joguinhos? E que tipo de casa para alugar é esta?

– Casa para alugar? – exclamaram Sunny e Nate ao mesmo tempo.

– Ei, estou no sítio certo, não estou? Chez La Violette.

– Pode crer – retorquiu Nate. – O único problema, para além do que já parece ter, é que eu também aluguei Chez La Violette. E Sunny a mesma coisa. A propósito, apresento-lhe Sunny Alvarez, eu chamo-me Nate Masterson.

– Belinda Lord. Oh, meu Deus, cometi um erro, não foi? Mas tenho um contrato assinado.

Nate lançou-lhe um olhar de «e então» e Belinda suspirou outra vez.

– Parece que estamos todos metidos em sarilhos e aliás este sítio é nojento. Que dizem a todo este pó e canecas para o brande? E, afinal, onde para o raio da empregada? Gostava de lhe dizer umas boas.

– Não há empregada – replicou Sunny. – De facto, terá muita sorte se arranjar uma cama. Ainda não verifiquei, mas aposto que não há lençóis.

– E eu aposto que está no quarto principal.

Belinda tinha um ar aborrecido e Nate sorriu.

– A escolha é por ordem de chegada.

– Mas eu aluguei esta casa por três meses – objetou ela. – Toda a temporada de verão. Custou-me uma pequena fortuna.

– Uma pequena fortuna que está agora nas mãos de Madame Lariot, mais outros dois meses de renda da nossa parte.

Belinda voltou a afundar-se na cadeira. Desabotoou o casaco de linho amachucado e atirou com os sapatos de salto alto.

– Caramba. Há mais brande?

– Que tal uma chávena de café? – retorquiu Sunny. Dirigiu-se ao lava-loiça, encheu outra vez a caçarola e pôs a água a ferver. – Estamos a ficar também sem café instantâneo, mas ainda há um bocado de *baguette* de queijo e fiambre se estiver com fome.

Belinda mirou os pedaços da sanduíche com mau aspeto que se colavam ao

papel encerado.

– Prefiro morrer de fome – respondeu. E depois desfez-se em lágrimas.

Sunny correu para junto dela. Passou-lhe um braço pelos ombros trémulos.

– Está tudo bem, verdade – proferiu com suavidade. – Teve apenas uma longa noite e uma viagem horrível no meio da tempestade.

– Todos aqueles túneis – gemeu Belinda. – E aquelas pontes com aquelas descidas a pique de muitos metros mesmo à minha espera e daquele raio do *Bentley*. Pensei que a minha vida ia chegar ao fim, mas não estava preparada para dar ao marido a satisfação de se livrar de mim com tanta facilidade. E agora o marido virá atrás de mim, descobre-me e depois sabe-se lá o que vai acontecer. Se calhar manda-me matar.

Pouco à vontade, Nate foi até ao fogão e preparou o café. Pousou a caneca em frente de Belinda e lançou um olhar interrogador a Sunny. Esta encolheu os ombros e voltou a dar palmadinhas nas costas de Belinda, de forma tranquilizadora.

– Está sã e salva aqui connosco – disse-lhe. – Acabou tudo, certo. Nate e eu olhamos por si, não é, Nate?

– Com certeza – respondeu este, não parecendo nada confiante.

Belinda endireitou-se e enxugou os olhos. Ignorando Sunny, lançou a Nate um longo olhar e um sorriso lacrimoso.

– Muito obrigada. Sempre soube que podia confiar num americano atraente.

Bertrand queria muito ouvir o que aquelas pessoas estavam a dizer, mas só conseguia apanhar as vozes quando estas aumentavam de volume. Sabia que corria o risco de ser outra vez descoberto, mas não conseguia manter-se afastado. Sentia-se atraído por aquele círculo íntimo, caloroso, desconhecedor, enquadrado, como uma cena num filme, pela luz da cozinha.

Decidiu que deviam estar a ter um encontro secreto importante, tinham conduzido no meio de uma tempestade para terem aquela reunião, tipo como naquele filme francês antigo que vira onde Jim Morrison e os Doors cantavam «Riders on the storm». Conseguia ouvir a música, a ressoar com muita clareza na sua cabeça... «Riders on the storm...» Era a sua favorita.

Os dedos que seguravam os binóculos tremeram, turvando-lhe a visão. Impaciente, recordou-se do seu papel. À noite, era o explorador, o

aventureiro, sem medo de nada, nem ninguém. Naquela noite, a sua missão era observar e depois analisar o que vira no seu diário. Um registo científico das fraquezas da natureza humana.

Para Bertrand, o sono acontecia quando acontecia, por vezes na cama às primeiras horas da manhã, mas com mais frequência no seu «covil», no cimo de uma pequena encosta virada para a enseada, abrigado do sol quente por um pequeno afloramento rochoso, onde os minúsculos lagartos verdes se tinham por aquela altura conformado com a sua presença e se arrastavam, sem receio, à sua volta. Pareciam saber que Bertrand não lhes faria mal.

Cinco da manhã

O grande *Hummer* vermelho, a cintilar com os seus extras cromados, chapinhou na poça de lama em expansão frente aos portões abertos de Chez La Violette, acelerou pelo caminho acima e estacionou.

As três pessoas na cozinha olharam umas para as outras.

– A senhora da imobiliária – sugeriu Sunny. – Veio esclarecer tudo.

– Às cinco da manhã? – Nate abanou a cabeça. – Não me parece.

A porta da entrada fechou-se com cuidado, passos atravessaram o átrio e depois um homem alto de ombros largos, com um chapéu de cobói enterrado na cabeça, entrou com uma passada larga na cozinha, levando pela mão uma menina roliça e pálida, talvez com uns oito anos, vestida com um *tutu* cor de rosa curto e fofo e uma tiara de princesa.

– Ora, quem diria? Um comité de receção. – Sorriu-lhes. – Não te disse, Little Lauren? – Virou-se para a criança. – Vão adorar-te aqui na França.

Fitaram-nos os três, em silêncio, espantados.

– Olá, chamo-me Billy Bashford, venho do rancho Glitter, mesmo a sul de San Antonio, no Texas. Costumava chamar-se B. B. e rancho B, por causa da minha mulher Betsy e de mim, mas, quando Little Lauren nasceu e se transformou numa pequena centelha tão brilhante, decidi que queria chamar-lhe rancho Glitter. Por isso ficou Glitter. Não é, Lauren?

Pronunciou-lhe o nome em tom arrastado «Lore-eeen», mas a criança não respondeu. Estava ocupada a sacudir gotas de chuva do seu *tutu*.

– Desculpem estarmos tão atrasados – continuou, com aquele sorriso alegre no rosto sardento e quadrado, ainda com o chapéu na cabeça. – O meu piloto foi desviado para Marselha por causa do tempo. Raios, não temos tempestades como estas no sítio de onde venho, bem exceto talvez de dois em

dois anos. – Aproximou-se da mesa e ofereceu a mão a Nate. – Calculo, porém, que não saibam muito sobre ranchos e gado.

– Pois. – Nate apertou-lhe a mão. – Nate Masterson, de Nova Iorque.

– Mas eu sim. – Sunny ergueu a cadela para a mostrar à menina, que parecia traumatizada. – Esta chama-se *Tesoro* e eu Sunny Alvarez. Fui criada num rancho, perto de Santa Fé.

– Não me diga? Então, minha senhora, temos mais alguma coisa em comum para além da nossa beleza. – Billy Bashford riu-se com vontade da sua própria piada e Sunny imitou-o. Havia qualquer coisa instantaneamente simpática no novo desconhecido.

Billy lançou um olhar demorado a Belinda, com o rosto encrespado e manchado de lágrimas, e depois, com uma expressão reverente, pegou-lhe na mão entre as suas e levou-a aos lábios.

– Deixe-me dizer-lhe uma coisa, minha senhora, nada é tão mau como parece.

– Chamo-me Belinda Lord. E como sabe isso, senhor Bashford?

– Porque já lá estive, minha senhora. – Olharam um para o outro durante um longo minuto, mas Belinda não disse mais nada.

– Deixe-me adivinhar – observou Nate em tom abatido. – Alugou Chez La Violette para o mês de junho.

– Correto. Achei que isso alegraria Little Laureen, sabem, depois de a mãe ter falecido. – Billy lançou uma olhadela à mesa de súbito silenciosa. – Ei, não pretendia estragar a vossa festa contando-lhes que Betsy partiu. Já aconteceu há mais de um ano. É apenas um facto e, claro, um facto em que Little Laureen não quer pensar. Não quer ir a lado nenhum, não quer fazer nada, nem ver ninguém. Foi por isso que aluguei a *villa*, trouxe-a para França, para a libertar de si própria. Não é, Little Laureen?

Laureen olhou para *Tesoro* e depois, muito depressa, para os sapatos de balé cor de rosa.

– Comprámos o *Hummer* especialmente para o efeito. O vermelho é uma das cores preferidas de Laureen. Trouxe o meu avião e todos os *tutus*. Laureen é bailarina de balé. Não é, Laureen?

A menina fitou o chão, sem dizer nada.

Olhando para a roliça Little Laureen, Sunny pensou que nunca vira uma *ballerina* mais improvável. Sentiu pena dela. Levantou-se e pegou na mão frouxa da menina.

– Vem, senta-te aqui ao pé de mim e de *Tesoro* – disse com suavidade, levando-a para a mesa. – Sinto muito não ter uma *Coca-Cola* ou outra coisa qualquer para te oferecer.

A criança deixou descair a cabeça, silenciosa.

– O que se diz, Little Laureen? – incitou-a o pai.

– Obrigada – retorquiu Laureen constrangida.

A «pequena centelha» não estava a cintilar naquele momento. A menina deixou-se cair na cadeira, com uma expressão vazia no rosto, como se não estivesse ali. Ou, pensou Sunny, possivelmente mais como se não quisesse estar.

– É melhor juntar-se a nós também, Billy – sugeriu Nate. – Está na altura de lhe contarmos uma pequena história.

Verificou-se que Billy era outro membro pagante da burla do aluguer da casa. Quando as coisas ficaram esclarecidas, as explicações dadas, mais café instantâneo e brande bebidos e tomada a firme decisão de tentar resolver o assunto durante um pequeno-almoço em Saint-Tropez, já estavam todos exaustos.

Sete e trinta da manhã

A noite extinguiu-se e o céu tornara-se de um cinzento-escuro luminoso. Bertrand sabia que estava na hora de se ir embora. Tudo podia acontecer. A miúda podia decidir vir cá para fora explorar os jardins e ele seria apanhado. Contudo, ia-se deixando ficar, fascinado.

Que tipo de miúda se vestia daquela maneira?, pensou. Seria uma bailarina? E o homem do chapéu de cobói, que calculava fosse o pai, parecia um desses cantores *country* americanos que se viam na televisão.

O cobói ria-se muito, no entanto, quando Bertrand focou nele os binóculos, viu que os seus olhos não se riam.

De facto, Bertrand estava tão concentrado na cena que decorria dentro de casa que nem ouviu o táxi a esmagar a gravilha molhada do caminho.

A chuva parou, desligada como uma torneira que se fechasse, tão de repente como surgira. As nuvens apartaram-se, empurradas através do céu cinzento

pelos últimos sopros do mistral no instante em que uma jovem pequena com pesado cabelo castanho, que balouçava quando andava, saiu do táxi. Pagou ao motorista e, arrastando a mala, encaminhou-se para a casa.

Ficou ali parada na entrada abobadada para a cozinha que Sunny pensava ter-se tornado o arco do proscénio de um teatro, com atores diferentes a entrar e sair do palco. A jovem olhou para eles, os olhos castanhos esbugalhados, uma expressão algures entre a fúria e o desespero. *Tesoro* rosnou, mostrando dentes surpreendentemente grandes.

– Os hotéis na cidade estão cheios – explicou a jovem. – Disseram-me que aqui poderiam estar a alugar quartos.

Confrontada com silêncio, uma *chihuahua* a rosar, quatro pares de olhos espantados e um indiferente, o de Little Laureen, encolheu os ombros, pouco à vontade.

– Bem, suponho que não. Quer dizer, isto é, tipo, uma casa particular, não é? E esbarrei aqui convosco. É bem feito para não embarcar assim... Quer dizer, acabei de escapar, sabem, estava farta, farta dele...

Nate ergueu a mão para a deter.

– Não faz mal. Estamos todos apenas satisfeitos por não ter alugado este sítio para o mês de junho.

Os olhos redondos castanhos mostraram-se confundidos e parecia estar prestes a explodir em lágrimas a qualquer segundo.

«Credo», pensou Sunny, «isto aqui é o paraíso dos descontentes.»

Belinda Lord desviou a cadeira para um dos lados para abrir um espaço.

– Entre e junte-se ao grupo. Já não há café, mas estamos a planear ir a Saint-Tropez tomar o pequeno-almoço. Como se chama?

– Sara Strange.

Belinda soltou um risinho abafado.

– Um nome saído diretamente de um filme pornográfico, embora deva admitir que não parece nada o género.

Sara Strange franziu o sobrolho.

– Toda a vida tenho recebido comentários a respeito do meu nome – replicou com ar esgotado. – Até na escola, os miúdos costumavam dizer que eu era «estranha», no sentido de esquisita. E, aliás, nunca sequer vi um filme pornográfico.

Belinda pareceu surpreendida.

– Acredite, não perdeu grande coisa.

Billy Bashford levantou-se com lentidão.

– Prazer em conhecê-la, Miss Strange – disse, pegando-lhe na mão e dobrando-se sobre ela de forma cortês.

– Obrigada. – Fitou-o duvidosa enquanto Billy dava a volta à mesa, apresentando-a ao que chamava os seus «novos amigos» e depois à filha, que recusou olhar sequer na direção de Sara.

O cansaço pintou de repente o rosto de Little Laureen de uma certa tonalidade esverdeada e Sunny pensou se a menina não estaria prestes a vomitar.

– Little Laureen – disse, chamando-a por aquele nome porque o pai se referia assim à criança –, a noite foi longa. E se formos procurar uma casa de banho para nos refrescarmos um pouco?

Sem responder, Laureen levantou-se e foi com Sunny que levava *Tesoro* ao colo.

– Estás bem? – perguntou Sunny alguns minutos depois quando a menina saiu da casa de banho. – Pensei por um instante que fosses ficar maldisposta.

– Estava, mas mudei de ideias.

Então afinal sabia falar.

– Sentes-te melhor agora?

– *Yá*. – Laureen alisou o *tutu* cor de rosa amachucado. Usava uma *T-shirt* branca por baixo do corpete de cetim demasiado justo e a saia de tule espetava-se em folhos por cima das coxas rechonchudas. As sapatilhas de balé cor de rosa estavam salpicadas de lama. Levantou os olhos para Sunny que, de mãos na cintura, a observava. – De qualquer maneira, obrigada.

– Não tens de quê. Fizeste um voo longo, depois a viagem de carro. Sei exatamente como te sentes. Fiz a mesma coisa.

– Fez? De onde veio?

– Da Califórnia.

– Veio no seu jacto *Gulfstream*?

Foi a vez de Sunny se mostrar espantada.

– Vim num avião comercial. Com a minha cadela.

– A sua cadela é gira.

– Tens um cão?

Laureen ajustou a tiara de princesa.

– *Ná*.

Sunny suspirou. A criança não estava a abrir-se com ela. Desejava que não

disse apenas *yá* e *ná*, mas depois recordou-se que não existia mãe nenhuma para a corrigir e Billy Bashford não parecia o tipo de homem que tivesse consciência de pequenas coisas como uma linguagem apropriada. Laureen usava ao pescoço um fio de prata de malha fina com um coração de prata ao centro, que assentava na concavidade frágil da sua garganta.

– Bonito fio – elogiou Sunny.

Laureen tocou-lhe com a mão, mas não disse nada.

– Estamos a planear ir à cidade tomar o pequeno-almoço. Aposto que aqui fazem crepes deliciosos.

– O que são crepes? – Laureen agachou-se; os pequenos dedos roliços remexeram nas fitas das sapatilhas de balé cor de rosa.

– Panquecas – respondeu Sunny.

– Gosto de panquecas.

– Bem, isso é bom, não é?

– Suponho que sim. – Laureen lançou uma olhadela aos pés de Sunny nos chinelos felpudos cor de rosa. – Também gosta de cor de rosa.

– Com certeza que sim. – Sunny sentiu que estava pelo menos a estabelecer alguma comunicação. – É melhor voltarmos, devem estar à nossa espera. – Pegou na mãozinha inesperadamente quente de Laureen.

Sara Strange estava agora sentada à mesa, com ar sereno. Era pequena e um pouco magricela. O cabelo cortado com uma franja comprida pendia por cima dos olhos de um castanho-escuro e depois muito liso até aos ombros. Não era bonita, mas com os seus tornozelos magros e braços finos tinha um ar vulnerável, como se precisasse desesperadamente de alguém que tomasse conta dela.

– É assim – dizia, inclinando-se exausta sobre a mesa. – Estava num cruzeiro de sete dias no Mediterrâneo com o meu noivo. Bem, na verdade, namorado. Quer dizer, tipo, ele ainda não me comprara nenhum anel. Pensei que seria maravilhoso, sabem a que me refiro? Tipo, glamoroso, noites quentes de verão, champanhe, esse género de coisa, e, quando somos de uma pequena vila do Kansas, um cruzeiro parece uma coisa extraordinária, fora deste mundo. Sobretudo, quando poupámos durante um ano inteiro para o fazer. Nem sequer um *Starbucks* matinal, se percebem o que estou a dizer. E é uma surpresa ver quanto se poupa cortando apenas isso.

Empurrou a franja dos olhos e fitou-os.

– Só que o meu namorado pensa que é o *playboy* do mundo ocidental, é

atraente, um sedutor, do tipo que olha com intensidade para os olhos de todas as mulheres, como se na realidade as desejasse e estivesse a transmitir a mensagem. Estão a ver o que quero dizer? Bem, estava sempre a desaparecer no navio e nessas excursões a terra. Eu nunca sabia onde ele se encontrava. Afinal, andava a ter uma aventura com essa mulher por trás das minhas costas durante todos os cinco dias que estivemos naquele barco. Oh, toda a gente sabia, claro, o navio não era assim tão grande. Quer dizer, exceto eu, até que alguns dos outros passageiros sentiram que tinham de me elucidar. Bem, a noite passada ele não apareceu no nosso camarote de luxo. Descobri onde ficava o quarto da mulher e claro que ele estava lá com ela, na cama. Por isso... atirei com as minhas coisas para a mala e abandonei o navio no primeiro escaler.

Fez uma pausa dramática e acrescentou:

– E o sacana teve o descaramento de ficar ali no convés a suplicar-me que voltasse enquanto os outros passageiros na amurada me apoiavam. – Fungou para afastar a ameaça de lágrimas. – *O sacana* – repetiu. – Então é por isso que estou à procura de um quarto e não pode ser caro porque não tenho muito dinheiro.

Sunny abanou a cabeça, fitando o pequeno grupo de inadaptados. Pensou que Mac não ia acreditar no que estava a acontecer ali.

A noite e a tempestade tinham terminado. Bertrand Olivier sabia que estava na altura de se ir embora.

Um pouco mais tarde, de volta ao seu covil, estendeu a sua capa de oleado e deitou-se em cima. Dormiu como um morto na sua encosta rochosa, alheado dos minúsculos lagartos que, atrevidos por causa da sua imobilidade, deslizavam por cima e à volta dele. Um até descansou por instantes, deliciado com a luz do Sol recém-surgida, sobre o bolso da camisola de algodão de Bertrand, por baixo do qual se sentia o pulsar do seu coração.

Fora a melhor noite da vida dos onze anos de Bertrand.

5

A MANHÃ INSTALARA-SE. Ainda grogue por falta de sono, Sunny encontrava-se com os outros no terraço de Chez La Violette, a última caneca de café instantâneo na mão, a contemplar, incrédula, a devastação. No escuro, com a tempestade, não tinham conseguido ver que a casa não se parecia nada com as fotografias. Os canteiros estavam cheios de ervas daninhas, as árvores e arbustos tinham crescido de forma desordenada, os relvados não tratados eram um mar de lama e a piscina vazia uma desolação de azulejos partidos, inundada de detritos e água estagnada.

– Creio que Madame Lariot tem de se responsabilizar por muita coisa – proferiu Nate em tom sombrio.

– Mas o que fazemos agora? – perguntou Sunny. – Estamos demasiado cansados para ir à procura dela.

– E sem abrigo – acrescentou Belinda com amargura.

– Bem, tenho de admitir que «sem abrigo» é uma sensação nova para mim – comentou Billy Bashford, desnortado.

– Oh, valha-me Deus, oh, valha-me Deus, e estou falida – gemeu Sara Strange. – Nunca devia ter abandonado aquele navio.

– Devia sim – retorquiu Sunny com firmeza. – Nunca se deve ficar com um filho da mãe infiel.

– Isso é uma asneira! – exclamou Little Laureen em voz alta.

Viraram-se para olhar para ela, surpreendidos por ter falado.

– Peço perdão – disse Sunny. – Fui incorreta.

– Laureen não gosta de asneiras – observou Billy. – No entanto, ouve os trabalhadores do rancho dizerem-nas, pois faz parte da sua natureza falar assim.

Little Laureen interveio outra vez.

– Quando vamos comer as panquecas?

O olhar duvidoso de Billy abarcou o grupo.

– Calculo que consiga talvez metê-los a todos no *Hummer*. Porém, vai ser o

diabo para estacionar naquelas ruazinhas apertadas, mas cá me arranjarei.

O sol brilhou num céu de repente azul límpido e todos viraram os rostos agradecidos para cima.

– *Agora* sim, estou em Saint-Tropez – declarou Sunny, apertando mais *Tesoro*.

Mas, para sua surpresa, *Tesoro* lançou uma rosnadela rouca de aviso e depois uns latidos agudos para o ar para jogar pelo seguro.

– O que se passa com ela? – queixou-se Belinda, mas Sunny fitava o caminho.

De onde se encontravam não conseguiam ver os portões, mas a meio caminho para a casa o carreiro fazia uma curva que se via do terraço. E a trotar por esse carreiro acima vinha um cão. Com as orelhas arrebitadas, parava aqui e ali para farejar os excitantes aromas franceses. Depois avançou aos saltos na direção deles. Uns saltos familiares só com três patas.

– *Pirate*?

Sunny abanou a cabeça. Devia estar com alucinações. Estava acordada há trinta e seis horas. Ou seriam mais? Para além de uma pequena soneca no avião, não dormira nada e estava a começar a sentir-se um pouco atordoada como se as pernas não lhe pertencessem. Mas *Tesoro* não estava com certeza a ter alucinações. Aquela cadela conhecia o seu inimigo quando o via.

Pirate avistou-os, soltou um ladrido abafado e alegre, galopou aos sacões em direção a Sunny e atirou-se para cima dela.

– Querido – sussurrou Sunny. – Oh, querido, como chegaste aqui?

– Veio comigo, claro. – Mac atravessou o terraço, espetacular, de calças de ganga brancas e uma *T-shirt* preta. Pousou o saco de viagem e parou à frente dela, a sorrir.

Sunny não lhe devolveu o sorriso. Nem se lançou nos braços dele. Em vez disso, fitou-o com ar acusador.

– Como chegaste aqui?

– Acabámos cedo. Apanhei uma boleia no avião de Ron Perrin. Ainda o tem, sabes, apesar do tempo que passou na prisão.

Mas Sunny não estava interessada em Ron Perrin nesse preciso momento.

– Não fazes ideia do que me aconteceu.

Mac fitou-a circunspecto. Tinha um ar definitivamente arrasado, para não dizer abalado, e usava os chinelos felpudos cor de rosa e um roupão. Observou o resto do grupo: o tipo de aspeto atlético com as calças de

ginástica; a loira alta, com bom aspeto e o rosto manchado de lágrimas, descalça e com um fato de calças brancas amachucadas; a jovem magra de ar abandonado e cabelo castanho, com olhos sérios; o texano com o chapéu de cobói; e a *ballerina* miniatura, com o seu *tutu*.

– Caramba! – exclamou, atônito. – O que se passa aqui?

E então *Tesoro* deu uma mordidela a *Pirate* e Sunny desfez-se em lágrimas.

Nove da manhã

Os nervos de Sunny estavam retesados de fadiga e demasiado café instantâneo, além de uma certa quantidade de brande. Tudo de repente lhe desabou em cima: os voos longos; os atrasos; conduzir no meio da tormenta; a imagem assustadora de um homem na estrada escura e solitária; e o susto quando fora perseguida por um desconhecido que empunhava uma espada, sem ninguém a quem pedir ajuda. Para além de tentar enfrentar a calamidade de Chez La Violette e todos aqueles desconhecidos com os seus próprios problemas. Sentia-se completamente exausta. Sabia que estava com uma aparência horrível. E estava furiosa como tudo. O seu olhar lacrimoso dizia tudo. O famoso detetive particular que resolvesse aquilo. Estava farta. As lágrimas escorriam-lhe pelas faces.

Billy não gostava de ver uma mulher chorar e o novo tipo parecia demasiado assombrado para fazer alguma coisa a esse respeito. Passou um braço protetor pelos ombros de Sunny.

– Ora deixe-me dizer-lhe uma coisa, pá – dirigindo-se a Mac. – Esta jovem está farta. Está exausta. Não vê que não tem tempo para cavaqueiras com chá e bolinhos? Do que precisa é de uma cama.

Sunny lançou-lhe um olhar agradecido e voltou a fitar Mac por entre olhos semicerrados. Não estava demasiado exausta para conferir a reação de Mac ao grande texano com o braço passado por cima dos seus ombros.

– Chamo-me Billy Bashford, esta aqui é a minha filha, Little Laureen. Aquele ali é Nate Masterson, Belinda Lord e Sara Strange. E você é?

– Mac Reilly.

– O noivo – observou Nate, surpreendido.

Se Mac ficara também surpreendido por Nate saber quem ele era não o mostrou.

– E, aliás, as coisas estão tão loucas aqui na *villa* Chez La Violette – continuou Billy – que estamos todos desejosos de encontrar uma cama para deitar as nossas cabeças cansadas. Se não fosse por causa de Little Laureen, ia para aquele hotel luxuoso onde Mick Jagger deu o nó com Bianca, aquele com a discoteca pretensiosa europeia. Mas claro que não seria o sítio correto para levar uma pequena bailarina como a minha filha Laureen.

– Tem razão – replicou Mac, ainda preocupado com Sunny, que mantinha a distância, limpando os olhos com o punho e depois fitando-o zangada.

Queria abraçá-la, mas a linguagem corporal dela não era nada encorajadora. Além disso, continuava sem ter ideia nenhuma do que se passava, nem por que motivo todas aquelas pessoas se encontravam ali. Confundido, observou a piscina delapidada, o mobiliário de jardim enferrujado, os canteiros cheios de ervas daninhas e o relvado lamacento. Os seus olhos interrogadores cruzaram-se com os de Sunny.

Ela abanou a cabeça.

– Nem sequer perguntas.

Mac assentiu de novo. Fosse o que fosse que tivesse acontecido, calculava que o descobriria mais tarde. Disse:

– Sunny, precisamos de falar. Sozinhos.

Caminhou em direção à casa, mas Sunny não foi com ele. Aquilo não era nada bom. Mesmo assim, pensou que seria melhor dar uma vista de olhos lá dentro, examinar a situação.

Uma rápida inspeção a Chez La Violette revelou mais alguma coisa da verdade. Foi inundado por um sentimento de culpa. Fora ele que alugara a casa a Madame Lariot sem, por amor de Deus, verificar sequer as suas credenciais. Isto era culpa sua. Trataria da questão da agente imobiliária mais tarde, mas, naquele momento, visto que toda a gente ainda andava por ali, a fitar de forma apática a desolação, calculou que lhe competia descobrir um sítio para todos ficarem.

Recordou-se que passara por um hotel, um pequeno lugar recuado entre pinheiros mansos e buganvílias. O letreiro simples de madeira dizia HÔTEL DES RÊVES, seguido por três estrelas douradas. Mac gostava das três estrelas, que, em França, significavam um hotel familiar confortável, de boa qualidade, embora com certeza não de luxo. E adorava o nome: Hotel dos Sonhos. Pensou que era apropriado, dadas as circunstâncias. Parecia-lhe que naquele preciso momento estavam todos a precisar de alguns «sonhos».

Nove e quinze da manhã

Um homem de idade numa bicicleta velha oscilava com lentidão pelo carreiro de Chez La Violette. O rosto largo estava desgastado pelo sol e pelo vento e o nariz comprido tinha a tonalidade rubi do bom vinho. Usava um chapéu panamá muito velho e o fato-macaco azul vivo do trabalhador francês. Ditosamente desconhecedor do grupo no terraço, pedalava devagar, assobiando entre dentes de forma pouco melodiosa. Isto é, até *Tesoro* correr para ele, tentando morder-lhe os pés.

O velhote atirou com as pernas para os lados, a bicicleta oscilou, o chapéu caiu e foi agarrado por *Tesoro*, que se precipitou para Sunny a abanar a cauda. *Pirate*, sentado aos pés de Mac, observava circunspecto, uma orelha erguida, outra para baixo. Sabia que nunca se podia confiar em *Tesoro*.

– *Merde*. – O velhote fez chiar a bicicleta até parar, trémulo, fitando espantado o grupo heterogéneo. – *Mais, qui êtes vous? Et qu'est ce que vous voulez ici?* Quem são? E que estão aqui a fazer?

– *Nous sommes les locataires*. – Foi Little Laureen que falou, e em francês, dizendo-lhe que eram os inquilinos.

Boquiabertos, viraram-se em uníssono para olhar para ela. Billy sorriu orgulhoso.

– Arranjei um professor para dar lições a Little Laureen durante um par de meses. Ela aprende muito depressa e, vejam, o velhote percebeu o que ela disse.

O velhote estava a abanar as mãos no ar, a gritar com a cadela, que galopava na lama, com o panamá ainda preso nos dentes.

– *Merde alors, quelle sauvage!* – gritava o homem com voz muito esganiçada. – *Et vous, madame*. – Apontou zangado para Sunny. – *C'est votre responsabilité. Calmez votre chien et alors, donnez-moi mon chapeau*.

Mac apanhou *Tesoro* a meio de um salto e arrancou-lhe o chapéu à força. A cadela lançou-lhe um olhar inocente. Podia jurar que se ria. Devolveu o chapéu ao homem que o examinou com cuidado, apontando para a saliva da cadela e para as marcas besuntadas dos dentes na aba, para a lama e os estragos, resmungando entre dentes e repetindo *merde alors*.

Num francês hesitante e com muita pantomina, Mac conseguiu que

compreendesse por fim que ele substituiria o chapéu.

– *Mais ce n'est pas la même chose* – bufou o velhote entre dentes, abanando a cabeça. – *Ce chapeau! Ah, un jour longuement passé, ce chapeau était de Violette. C'est irremplaçable.* Não é a mesma coisa. Há muito tempo este chapéu pertenceu a Violette. É insubstituível.

Sunny ofereceu-se para lhe apertar a mão e pedir desculpa, mas ele franziu o sobrolho e fez-lhe sinal para se afastar. Depois Nate aproximou-se para tentar ajudar e, por fim, com uma ocasional observação surpreendente em francês por parte de Little Laureen, conseguiram que ele entendesse o que se passava.

– *Mais, moi?* – O velhote estava a começar a gostar de ser o centro das atenções. – *Je suis seulement le concierge.* Tomo conta de Chez La Violette. E como é possível que tenham alugado a casa? Não vive aqui ninguém há muitos anos, mais anos do que me lembro. Não desde que Violette se foi e nunca mais regressou. – Benzendo-se, fechou os olhos. – Deus tenha a sua alma em descanso – acrescentou.

– Ámen – retorquiu Little Laureen em voz alta.

De novo, todas as cabeças se viraram para ela, mas, ignorando-as, Laureen levantou os olhos como se falasse diretamente com Deus, alisando a saia de balé cor de rosa, agora com mau aspeto, o tule pendente devido ao seu contacto com a chuva de Saint-Tropez.

– Jesus! Credo! – exclamou Belinda surpreendida.

– Não pronuncie o nome do Senhor em vão. – Laureen continuou a olhar para o céu.

– Oh... meu... Deus. – Belinda não conseguiu conter-se.

Desta vez, Laureen apenas suspirou fundo.

O velhote ainda continuava a insistir que a casa não era habitada há muitos anos, que o proprietário vivia em Paris e que, tanto quanto ele sabia, nem sequer nunca ali estivera. Ele viera naquele dia apenas para verificar os estragos provocados pela tempestade.

Nate voltou à casa e trouxe a brochura com as suas fotografias vistosas. Mostrou-a ao empregado, apontando para a bonita piscina, os canteiros sem ervas daninhas, o mobiliário de verga branca em estado impecável.

O velhote bateu com uma mão na cabeça.

– *Ah, je sais, je sais.* Claro. Mas isso foi há alguns anos. Uma empresa cinematográfica veio fazer um *spot* publicitário, para revistas e para a

televisão, compreendem?

– Uma sessão fotográfica – disse Mac.

O velhote voltou a dar forma à aba do seu panamá e depois enfiou-o outra vez na cabeça. Assentiu com vigor.

– *Oui, c'est ça*. Sessão fotográfica, foi o que lhe chamaram. Pintaram a piscina de um azul-turquesa, *comme ça*. – Acenou com um dedo para a brochura. – Trouxeram mesas e cadeiras. – O dedo acenou outra vez para a fotografia. – Limparam o terraço, até borrifaram o relvado de verde. E depois trouxeram as raparigas bonitas de fato de banho. – Os olhos cintilaram ao recordar-se e soltou um risinho abafado.

Mac sabia muito bem como era fácil manipular imagens num computador. Mas o empregado fitava-os com ar carrancudo e desconfiado.

– Nunca ninguém vem aqui. Esta casa está assombrada. *Naturellement*, é o fantasma de Violette. Ninguém por aqui abriria sequer os portões. Exceto eu, claro. Mas porque me pagam para o fazer. E só aqui venho em pleno dia.

Sunny recordou a lufada de ar quente, o aroma a flores no quarto principal da casa e a sensação súbita que em Chez La Violette o passado misterioso estava muito presente. Estremeceu e apertou mais *Tesoro* contra si.

Mac pediu ao velhote o endereço do proprietário de Paris, passou-lhe cinquenta euros para comprar um panamá novo e agradeceu-lhe a maçada. Depois encaminhou-se para Sunny.

Desta vez, ela deixou que a abraçasse. Mac fitou-lhe com intensidade os olhos sombreados e disse com meiguice:

– Há ali um hotel mais abaixo na estrada. O Hotel dos Sonhos.

Sunny abanou a cabeça, devolvendo-lhe o olhar, exausta.

– Esperemos que seja verdade.

E depois Little Laureen perguntou:

– E então as panquecas?

MAC GUIAVA O *PEUGEOT* ALUGADO. Sunny, de novo com as calças de ganga e a *T-shirt* molhadas, sentava-se no lugar do passageiro. *Pirate* ia ao seu colo, a cabeça pendurada para fora da janela para captar todos os cheiros novos, enquanto *Tesoro* se queixava na mala no banco de trás. Belinda e Sara seguiam-nos no *Bentley* branco amolgado, depois Billy Bashford e Little Laureen no *Hummer* vermelho com os cromados a faiscar e Nate Masterson numa – surpresa, surpresa – mota *Ducati* amarela, último modelo, que lhes contara ter comprado *on-line* e mandado entregar no aeroporto de Nice.

Mac seguia pela estrada arborizada que conduzia a Saint-Tropez. O silêncio entre Sunny e ele era espesso como um cobertor de lã. Para além dos gemidos de *Tesoro*, estava tudo tão silencioso que, através das janelas abertas, conseguia ouvir o mar a bater com suavidade numa costa invisível. O perfil de Sunny parecia gravado em pedra. Nunca a vira assim. Bem, talvez nunca fosse um exagero, mas muito raramente. Não augurava nada de bom.

– Sinto muito. Claro que nunca te teria deixado vir sozinha se soubesse que as coisas iam correr desta maneira.

– Não fazes *ideia nenhuma* de como foi. – A voz dela era fria, inflexível.

– Admito que não. Mas, Sun, querida, tens de entender que nunca teria deixado isto acontecer se aqui estivesse...

– *Mas não estavas.*

Não estava a dar-lhe folga nenhuma e Mac calculava que tinha razão. Desistiu de pedir desculpa e tentou implorar.

– Diz-me o que posso fazer para te compensar. Diz-me, querida.

Lançou-lhe uma olhadela de lado. A boca dela estaria um pouco menos obstinada? O queixo num ângulo mais baixo? Estariam os lábios a curvarem-se naquele meio sorriso que ele conhecia tão bem? Ela não fazia ideia de como se sentia mal por tê-la mandado sozinha para aquela catástrofe que era Chez La Violette. E a meio de uma das piores tempestades a que Saint-Tropez assistia há uma década.

– Descubre-me só um quarto com uma banheira – retorquiu Sunny, amolecendo.

Após rápida reflexão, decidiu que, *tecnicamente*, não era culpa de Mac. Não podia ter adivinhado que o aluguer era uma burla. No final de contas, os outros também tinham sido enganados. Aventurou-se a lançar-lhe uma olhadela. Os olhares cruzaram-se e o carro guinou, provocando uma série de buzinas atrás.

– Desculpa – proferiu Mac de novo, mas desta vez o seu sorriso foi correspondido com o de Sunny. – Mas vou compensar-te.

Sunny soltou um suspiro agradecido.

– Oh, Mac Reilly, nem fazes ideia como estou contente por te ver.

O Hôtel des Rêves ficava ao fundo de uma estradita branca de areia que terminava numa pequena mata de árvores, que devia ali estar há cerca de cem anos, e uma pequena casa de quinta que lá se encontrava há ainda mais tempo. Fora construída com pedra rugosa, pintada da cor de nata fresca, com pequenas janelas quadradas fundas, ao verdadeiro estilo provençal antigo, portadas de um verde desbotado destinadas a proteger do calor do verão e do vento do inverno e com um telhado cujas telhas vermelhas antigas tinham adquirido um tom rosa-acastanhado. Só precisava de uma chaminé, no topo da qual uma espiral de fumo azul se escapava.

Charme foi a primeira palavra que veio à cabeça de Sunny. *Genuína* foi a segunda. Depois do pesadelo de Chez La Violette, aquilo era como chegar a casa.

A casa de quinta sofrera acrescentos ao longo do tempo, alas à direita e à esquerda e filas de portas envidraçadas abertas para acolher a brisa. Em cima, toldos alegres às riscas azuis abrigavam varandas amplas, a gotejar gerânios escarlates. Uma piscina cintilava e, ao fundo de um pequeno declive rochoso, Sunny conseguiu avistar o brilho do Mediterrâneo. O odor das rosas Gloire de Dijon que trepavam o pórtico misturava-se com o da verbena, do jasmim e o cheiro limpo do mar. E, para completar a imagem perfeita, um par de pavões brancos avançou pomposo na direção deles, as caudas abertas como magníficos vestidos de noiva. Atrás deles bamboleava-se uma simples pavoia castanha, mas até ela tinha algum encanto próprio.

De mãos dadas, Sunny e Mac subiram dois degraus largos e baixos. As grandes portas de vidro encontravam-se abertas e viram que a casa de quinta original fora esventrada por completo. Era agora uma única divisão alta,

aberta até às traves, e fazendo a ligação com as alas mais recentes. De facto, todo o conjunto parecia existir desde sempre. Como se estivesse integrado.

O vestíbulo era da mesma cor creme calorosa do exterior do edifício, com uma fila comprida de portas envidraçadas que davam para um terraço lajeado onde a relva crescia nas fendas. Os sofás moles de linho cor de coral tinham um aspeto tão confortável que Sunny sentiu vontade de mergulhar direita a um deles e dormir durante quase uma semana e a mobília simples de campo adquirira o lustro suave da idade. Candeeiros grandes com *abat-jours* de linho cor de chocolate projetavam poças suaves de luz. Numa das extremidades da sala havia um bar com um balcão de zinco à moda antiga. Na outra extremidade, prateleiras do chão ao teto continham livros e DVD, com mesas perto para jogos de cartas e xadrez, gamão ou *puzzles*.

Uma pequena sala de jantar abria-se para um pátio florido com uma fonte e mais mesas postas com toalhas de um tom rosa-coral. E por todo o lado havia grandes recipientes com cravos, daquele tipo muito odorífero, apanhados nos campos de flores acima de Grasse e raramente vistos noutras partes do mundo.

Era o perfeito hotel familiar, pequeno e despretensioso.

– Oh, meu Deus! – exclamou Belinda espantada. – Toda a minha vida e todo aquele dinheiro e nunca vi uma sala tão convidativa como esta.

Sara estava nervosa.

– Sei que não tenho dinheiro para isto – murmurou e Belinda bufou impaciente e disse-lhe para esperar para ver quanto custava antes de se queixar.

– Ena, isto é fantástico – comentou Billy em tom apreciador. – Bate aos pontos Chez La Violette.

Little Laureen, ainda agarrada à mão do pai, deu uma rápida olhadela em volta. O rosto mantinha a habitual expressão impassível, como se estivesse determinada a não permitir que nada a afetasse a nível emocional.

A jovem atrás da taça gigantesca de flores na receção usava um cravo cor de rosa no carrapito loiro apertado. Era bonita, com um sorriso encantador que condizia com a sua atitude. O crachá pregado na blusa branca engomada dizia que se chamava Caroline Cavalaire.

– *Bonjour, messieurs, mesdames.*

A voz tinha aquela toada doce francesa que soava muito mais bonita do que um simples «Bom dia, senhores e senhoras». Sunny decidiu de imediato que

precisava de a aprender.

– *Bonjour, mademoiselle, je voudrais quelques chambres* – disse Mac. – *Et j’espère que l’hôtel n’est pas complet parce que nous n’avons pas autre choix. La maison que nous avons louée n’est pas habitable et nous sommes loin de la maison.*

Caroline Cavalaire pareceu surpreendida, depois riu-se e retorquiu em inglês:

– *Et bien*, muito bem, *monsieur*. Compreendi tudo. Não têm casa.

– Então entenderá também porque estou a rezar. – Mac fez uma pausa e acenou com um braço para os outros. – Estamos *todos* a rezar para que possa ter *seis* quartos? – Lançou uma olhadela pesarosa para *Pirate*, sentado muito quieto a seu lado, e para *Tesoro*, encolhida nos braços de Sunny. – Também temos dois cães.

– Não há problema. – Como muitos hotéis franceses, o Hôtel des Rêves recebia cães. – Embora, claro, haja um pequeno custo extra. – Caroline consultou o seu computador, os dedos a ressaltarem muito depressa sobre o teclado.

Sunny reparou que ela usava um anel muito bonito, uma esmeralda quadrada com dois diamantes, suficientemente grande para impressionar, mas uma vez que não se achava no dedo anelar da mão esquerda era óbvio que não se tratava de um anel de noivado.

– *Alors*. – Caroline levantou os olhos do computador. – Ontem uma família inteira cancelou a reserva devido à doença da avó. A desgraça deles é a vossa sorte. Mas só temos *cinco* quartos e desses apenas três são duplos. Os outros dois são *singles*, nas traseiras do hotel, mas mesmo assim com uma bonita vista sobre o pátio onde podem tomar o pequeno-almoço e outras refeições. Todos têm varandas e os duplos têm vista de mar. E, claro, como estamos na época de férias, têm de ficar em *demi-pension*, meia pensão. O que significa um preço superior, mas inclui pequeno-almoço e almoço ou jantar.

Consultou outra vez o computador e apresentou os preços. Mac perguntou aos outros o que pensavam.

– Três duplos – disse Belinda. – Um para mim, outro para si e Sunny e o outro para os Bashford.

– Little Lauren prefere ficar num quarto sozinha – explicou Billy.

– E eu não tenho dinheiro para nenhum deles. – A voz de Sara era monótona. Não exprimia autocompaixão, estava apenas a confessar a

verdade.

Belinda virou-se para olhar para ela.

– Fazemos o seguinte. Uma vez que Little Laureen tem de ter um quarto só para ela, Sara pode ficar a dormir comigo. Não lhe vai custar nada, rapariga. Ponho tudo na conta do marido.

Os olhos castanhos de Sara esbugalharam-se de gratidão.

– Tem a *certeza*? Quer dizer, uma mulher como... Bem, sabe o que quero dizer, uma mulher *rica* como você que está habituada a suítes e isso...

– Digamos apenas que estou a sociabilizar com os pobres, a praticar para o futuro. – O sorriso descarado de Belinda transformou-a de tia loira rica em alguém que poderia ser divertida.

– Fico com o outro *single* – declarou Nate.

Pirate soltou um latido baixo encorajador. Sunny mirou-o duvidosa e depois olhou para Mac.

– Um quarto duplo? E com *ambos* os cães?

Mac sorriu.

– Vamos considerá-lo como um teste.

CAROLINE CAVALAIRE fez tinir a sineta de latão à moda antiga em cima da sua secretária e dois jovens, elegantes de calções brancos e camisas polo, vieram buscar as bagagens. Toda a gente entregou as chaves dos respetivos carros, exceto Nate que foi desenganchar a sua mala da traseira da *Ducati*.

«Homem típico», pensou Sunny, observando-o. Tudo o que precisava para um mês estava guardado num pequeno saco de viagem preto. Claro que as duas malas dela estavam cheias, quase a rebentar, ao passo que a bagagem de Mac era constituída apenas por uma peça, emalada à pressa e que, sabia Sunny, consistiria de *T-shirts* e calções. Porém, não valia a pena preocupar-se, Saint-Tropez era conhecida pelas suas lojas e mal podia esperar para pôr Mac com aquele visual do Sul de França.

Os Bashford tinham meia dúzia de malas, embora, de forma surpreendente, Belinda tivesse apenas um par de *Vuitton* grandes.

– Parti à pressa, não tive tempo para mais – explicou.

E a estranha Sara Strange trazia apenas uma pequena *Samsonite* preta com rodinhas. Sunny admirou-se que tivesse planeado fazer um cruzeiro, seguido de uma semana de férias. Só os seus sapatos ocupariam aquele espaço.

Os paquetes, conhecidos como Marco e Jules, conduziram-nos por uma escadaria larga de madeira com os cães a trotarem atrás deles, desta vez sem brigas.

Levaram Sunny e Mac até um quarto de esquina espaçoso, com portas altas que davam para uma varanda e para a famosa vista de mar. Era simples e encantador; apenas uma cama de casal com lençóis brancos, um armário de pinho, duas cadeiras, uma pequena mesa e tapetes de algodão às riscas no chão de madeira. O paquete abriu as portadas e os cortinados amarelos leves ondearam suavemente no que se transformara numa brisa agradável.

Sunny sorriu para Mac.

– Vamos esquecer Chez La Violette, aposto que aqui há uma banheira extraordinária.

E claro que havia. Uma banheira de canto, género vinil, mas grande o suficiente para duas pessoas e com um chuveiro separado e lavatórios duplos.

Exultante, Sunny agarrou Mac, valsando com ele pelo quarto.

– *Heaven* – cantou. – *I’m in heaven, I’m so happy I can hardly speak...*

Tesoro latiu ciumenta para os calcanhares de Mac quando este apertou Sunny com mais força e uma tossidela discreta do pacote trouxe-os de volta à realidade.

– *Merci bien*, Jules! – exclamou Sunny, naquela nova toada *sexy* francesa, quando Mac lhe passou a gorjeta. Depois a porta fechou-se e ficaram sozinhos.

Os cães tinham prioridade. Sunny desemalou as tigelas, encheu-as de comida e água, colocou um dos conjuntos na varanda para *Pirate* e o outro perto da porta do quarto para *Tesoro*, que era o mais distanciado que se podia arranjar. Os cães beberam, sedentos. Depois, colocou *Pirate* numa cadeira na varanda e *Tesoro* na cama e Mac e ela entraram na casa de banho, com os braços ainda passados pela cintura um do outro.

Mac fechou a porta com firmeza e abriu as torneiras. Sunny despejou uma mão-cheia dos sais de banho cor de rosa que se encontravam numa taça junto à banheira. Nuvens de vapor de água perfumado ergueram-se à volta deles, despiram as roupas e beijaram-se demoradamente.

Sunny entrou na banheira e afundou-se nas bolhinhas, a cabeça atirada para trás, o comprido cabelo escuro a flutuar-lhe à volta dos ombros. Não era a primeira vez nos últimos tempos que parecera uma sereia, mas esta versão representava sem dúvida um melhoramento. E ficou ainda melhor quando Mac se juntou a ela.

Lançou-lhe um olhar de pálpebras meio descidas.

– Conheço montes de joguinhos bons para chuveiros – murmurou –, mas não sou tão experiente quando se trata de banheiras.

– É melhor deixares-me a mim encarregue do assunto. – Mac puxou-a mais para ele. Depois perdeu o equilíbrio e deslizaram ambos, a cuspir, para baixo da espuma.

Sunny foi a primeira a emergir, ofegante e a abanar a cabeça, esfregando a água dos olhos.

– Então este é que é o famoso detetive particular *sexy* da televisão? – Riu-se. – «A fantasia de todas as mulheres. O homem responsável. O tipo que consegue fazer tudo.» Exceto beijar uma miúda numa banheira escorregadia.

– Vem cá. – Mac agarrou-a de novo, passando as mãos pelas curvas familiares. E, desta vez, não tiveram problemas em descobrir-se um ao outro por entre todas aquelas bolhinhas perfumadas. – Vamos recomeçar onde ficámos – disse, recordando a noite antes de Sunny partir, quando *Tesoro* sabotara a sua sessão de amor.

– Sim – arquejou ela. – Agora, Mac.

Já não se sentia cansada e as suas mãos avançaram para ele, para aquele traseiro firme e musculado que ficava tão bem de calças de ganga. Riram-se quando escorregaram, agarrando-se contentes um ao outro. Fazer amor dentro de água era mais complicado do que tinham imaginado. Porém, lá conseguiram.

E nem sequer ouviram o uivar pesaroso que vinha do quarto.

BELINDA LORD gostou do seu quarto duplo, embora ainda continuasse irritada por causa de todo o dinheiro que pagara por Chez La Violette. Mesmo assim, o quarto era bastante espaçoso e simples, com as suas duas camas brancas e cadeirões e gostou das portas altas com as portadas verdes que abriam para uma varanda florida. Um sítio perfeito para um pequeno-almoço tranquilo ou um copo de vinho enquanto se contemplava o pôr do Sol.

Por um instante, arrependeu-se de ter convidado Sara Strange para partilhar o quarto. Claro que agira por impulso, mas fora mais do que isso. Belinda já se encontrara na situação de Sara; sabia o que era estar sem dinheiro, ser enganada, ter de ir à luta e forjar uma vida para si própria. No entanto, a única questão em relação a Sara era que Belinda não tinha a certeza que fosse do tipo que vai à luta para conseguir o que queria da vida.

Olhando para ela, ainda parada no meio do bonito quarto, os olhos castanhos esbugalhados de apreensão misturada com prazer, Belinda suspirou. Tinha demasiado com que lidar naquele preciso momento para se preocupar com Sara. A rapariga teria de se virar.

Verificou o telemóvel e as mensagens. Tal e qual o que esperara. O russo louco estava ainda mais louco. Era demasiado esperto para ameaçar de forma direta, sabendo que isso podia ser usado contra ele num tribunal, mas as suas súplicas de «volta para casa, querida, sinto saudades tuas» continham um laivo de ameaça que Belinda reconheceu. Fechou o telemóvel e sentou-se na varanda a pensar no que fazer e no que aconteceria quando o marido russo a apanhasse. Um arrepio de medo percorreu-lhe a espinha.

– Posso tomar um duche?

A voz de Sara interrompeu-lhe a espiral dolorosa de pensamentos.

– Quê? Oh, sim, claro. E, a propósito, tenho direito a escolher a cama junto à janela. Está bem?

– Claro. E, se quiser, desfaço-lhe as malas. Tudo o que preferir. Nem sei dizer-lhe como aprecio tudo isto. Uma *boa mulher*, era o que a minha mãe

lhe teria chamado e ela sabia do que falava.

Belinda riu-se.

– Desta vez teria cometido um erro, querida. «Boa» não sou com certeza. Má? Sim. Malvada? Talvez. E todos os dias detestará fragmentos de todas essas características. Entretanto, o que vai fazer em relação ao sacana do seu namorado?

Sara comprimiu os lábios.

– Estou a pensar nisso – retorquiu em tom de dúvida.

– Então continue a pensar, querida, porque só há uma resposta e sabe bem qual é. Entretanto, tome duche, por favor, e deixe-me sozinha com os meus pensamentos. E, acredite, os seus problemas são menores comparados com os meus.

Sara não tinha muita certeza em relação a isso, mas foi-se embora. Sara era o tipo de rapariga que sempre fizera o que lhe mandavam.

9

NO QUARTO AO LADO DO DE BELINDA, Billy estava a organizar as suas molduras de viagem novas sobre a cómoda. Havia várias fotografias de Little Laureen, claro, incluindo uma no seu *tutu* cor de rosa, tirada há apenas umas semanas. E outra, mais antiga, montada num cavalo castanho, maior do que um pônei, mas não demasiado grande, só o suficiente para as suas pernas curtas e rechonchudas.

Billy nunca esquecera a cena terrível no filme *E Tudo o Vento Levou*, quando a rapariguinha fora atirada do cavalo e Clark Gable levava o seu corpo sem vida para casa. Certificara-se sempre que a filha montava o animal mais seguro do Texas.

Havia outra foto de uma Laureen mais nova e sorridente, de *T-shirt* e calções, empoleirada no joelho da mãe, e um Billy de ar feliz atrás delas, com o seu chapéu de cobói, a agarrar as costas da grande cadeira de baloiço antiga que se encontrava na família há seis gerações e que fazia parte, de forma permanente, do mobiliário do alpendre. Olhando para a fotografia, via-se que era um grande alpendre, largo, com balaustradas fortes em volta, todo pintado de branco e com bancos de baloiço e *chaise-longues* estofados nos tecidos floridos que Betsy, a mulher de Billy, adorara. Betsy gostara de cor, isso era garantido, e Billy não duvidava que Laureen saía a ela com aquela inclinação para o cor de rosa e cor de laranja vivos. Little Laureen não era, em absoluto, uma menina com queda para o branco.

Claro que trazia também a sua fotografia favorita de Betsy, a sua mulher muito amada. Laureen era muito parecida com a mãe; um rosto sereno, nunca muito apressado a mostrar emoções. Os mesmos olhos azuis de porcelana e cabelo comprido acastanhado, raiado do sol. Para muita gente, Betsy devia ter tido o aspeto de uma mulher pacata e simples, mas para Billy, que a conhecia tão bem, era bela.

Com Betsy desaparecida, Little Laureen era a coisa mais preciosa da vida de Billy. Tinha um enorme rancho; a casa e terrenos anexos, o helicóptero em

que voava para controlar as suas terras e para dar um salto até à cidade mais próxima para jantar; o *Gulfstream V* que raramente usava, mas que estava sempre a postos se e quando dele precisasse, como por exemplo para viagens a Dallas para os médicos e hospitais quando Betsy ficara doente, mas também para alguma diversão se ela quisesse ir até à costa para mudar de ares. Coisas do género. De qualquer modo, tudo aquilo agora era para Laureen.

Um dia, Laureen já não seria pequena. Seria uma mulher crescida e pensaria pela sua própria cabeça, o que, a propósito, já acontecia. Entretanto, a tarefa de Billy era fazê-la sair do estado pós-traumático em que caíra depois de a mãe ter morrido de cancro, há mais de um ano. Esforçara-se muito. Os médicos tinham tentado, os psiquiatras, todo o raio do bando do costume. E nada feito. Little Laureen ainda se encontrava naquela desolação e a última esperança de Billy era que esta viagem a França a arrancasse daquele estado de uma vez por todas.

Billy saiu para a varanda e olhou em volta. Abanou a cabeça, maravilhado. O mar cintilava, tão azul como o céu, só que mais luminoso, o ar cheirava a flores e o sol brilhava. Havia uma piscina onde Laureen podia praticar os seus mergulhos, um campo de ténis se quisesse ter aulas e a cidade de Saint-Tropez ficava ali ao fundo da estrada.

Estava de certo modo contente por Chez La Violette se ter revelado um logro. Caso contrário, Little Laureen e ele nunca teriam conhecido todas estas pessoas simpáticas. E não havia dúvida nenhuma que a companhia faria bem à filha. E talvez a ele também.

Mesmo assim, ia preocupado com Little Laureen quando atravessou o corredor até ao quarto dela para ver como se instalara.

Laureen estava sentada na cama no quarto mais pequeno que já vira. De facto, a cama ocupava a maior parte do espaço enquanto as suas quatro malas ocupavam o resto. Tinha de saltar por cima das malas para chegar à casa de banho, que consistia de uma minúscula base de chuveiro, um lavatório com pé e uma sanita, e depois voltar a saltar por cima da cama e das outras malas para chegar à varanda.

Uma única mesa de cabeceira ostentava um candeeiro com um quebra-luz amarelo florido e havia um roupeiro estreito de madeira para guardar os seus *tutus*. Mais uma mesa minúscula no canto com a televisão mais pequena que

Laureen já vira.

Um quadro com o que calculou ser uma cena de praia mediterrânea, em tons de azul, turquesa e amarelo, estava pendurado por cima da cama que não tinha almofadas, apenas uma coisa estranha, comprida e dura, em forma de salsicha, que, era garantido, lhe daria cabo do pescoço. Pensou se os franceses seriam como os japoneses que, ouvira algures, dormiam com as cabeças empoleiradas em blocos de madeira. Parecia-lhe horrível.

Bem, não importava. Já nada importava.

Lá fora, através da janela aberta, Laureen ouviu o bater de pratos e o sussurro de vozes. O quarto dava para o pátio onde já havia gente a almoçar. Pensou outra vez nas panquecas, mas, de algum modo, agora já não sentia fome.

Abriu a primeira mala e atirou a coleção de *tutus* para cima da cama. A maioria era em tons de rosa, mas havia uns alaranjados, cor de tangerinas frescas, que eram os seus novos favoritos. Desde que a mãe morrera, Laureen dera para usar os *tutus* a tempo inteiro. Ninguém sabia porque o fazia, nem sequer o pai. Era o segredo de Laureen.

Os *tutus* tinham causado grande sensação na escola até que Billy a tirara do colégio e contratara um professor particular. O facto de ele falar francês fora um bónus na vida de Laureen. Claro que ouvia falar espanhol todos os dias no rancho, onde muitos dos trabalhadores e empregados eram mexicanos, e tinha umas luzes dessa língua. Mas o francês era novidade. Despertara-lhe o interesse e fora por isso que o pai tivera a ideia de passar umas férias em França.

Billy bateu à porta e chamou:

– Posso entrar, Little Laureen, querida?

Espreitou pela frincha da porta e avistou a confusão de tule em cima da cama, as malas abertas que ocupavam a maior parte do espaço no chão, a minúscula televisão e o roupeiro antigo. A filha estava habituada a uma suíte de muitos metros quadrados. Abanou a cabeça, consternado.

– Não faz mal, papá, gosto do quarto – disse Laureen com rapidez.

Billy mostrou-se surpreendido e depois satisfeito. Sentiu um nó na garganta ao fitar a sua menina: Laureen, com o rosto redondo pálido, os ossos perdidos por baixo da gordura da juventude, os olhos azuis com a sua nova expressão habitual de impassibilidade, o comprido cabelo castanho caindo desordenado e mole sobre os ombros, as pernas com os joelhos com covinhas e a mão

rechonchuda a segurar a varinha de condão. Às vezes, Billy pensava que a filha acreditava mesmo que um movimento especial daquela varinha transformasse os seus sonhos em realidade e trouxesse a mãe de volta.

Laureen adotara o conjunto de *ballerina* imediatamente após a morte de Betsy e agora era impossível separá-la daquilo. «Deixe-a estar» tinham dito os médicos. «É uma fase passageira, um mundo de fantasia que poderá ajudá-la a ultrapassar o que sucedeu.»

Billy esperava que tivessem razão e deixara a coisa andar, oferecendo-lhe os *tutus*, as tiaras e as sapatilhas de balé e esperando que tudo corresse pelo melhor.

– Bem, querida. Que dizes a tomares um duche e depois irmos os dois até lá abaixo, encontrarmos talvez algumas pessoas e comermos qualquer coisa?

– Estou cansada, papá – respondeu Laureen. – Acho que me vou deitar e dormir um pouco.

Billy fitou-a preocupado, com as sobrancelhas franzidas. Ainda usava o chapéu de cobói e Laureen teve de levantar a vista e olhar por baixo dele para lhe encontrar os olhos.

– Está tudo bem – prometeu. – Verdade.

– Tens a certeza?

– Papááá...

Billy atirou as mãos ao ar, desistindo.

– Bem, *okay* então. Também não tenho muita fome. Se calhar, faço tal e qual o que vais fazer, menina querida, e vou dormir uma soneca. – Estendeu os braços. – Vem cá dar um beijo ao teu pai antes de me ir embora.

Laureen pôs-se em cima da cama. Passou-lhe os braços em volta do pescoço e encostou-se a ele, aspirando o odor familiar a erva da água-de-colónia que lhe recordava sempre as pastagens em casa, onde os cavalos pasciam.

– Papá, os franceses não têm almofadas?

Billy examinou a cama e depois disse:

– Vamos lá descobrir, está bem?

Telefonou para a receção e fez a mesma pergunta a Caroline Cavalaire. Laureen ouviu-a rir-se através do aparelho.

– *Oui, bien sûr*. Claro que sim. A «salsicha» que está em cima da cama chama-se travesseiro. Durante o dia, guardamos as almofadas no roupeiro e será aí que as encontrará.

– *Merci beaucoup, Mademoiselle Cavalaire* – retorquiu Billy. E claro que lá estavam as almofadas, arrumadas no roupeiro. – Gente estranha, estes franceses – continuou para Little Laureen, dispondo-as na cama para ela.

– Talvez – respondeu Laureen.

Quando o pai saiu foi até à janela. A varanda era tão minúscula que nem sequer havia espaço para uma cadeira, só espaço suficiente para uma pessoa ali ficar de pé.

Afastando as cortinas amarelas, olhou lá para baixo, para o ambiente alegre, apanhando fragmentos de conversas em francês. Observando. Escutando. Suspirando. E chorando em silêncio.

* * *

Nate levava cinco minutos a desfazer o seu saco de viagem e a arrumar os seus pertences, que consistiam de dois pares de fatos de banho estilo surfista num estampado havaiano em tons de azul-escuro com hibiscos vermelhos; meia dúzia de *T-shirts* simples brancas da marca *Hanes*; dois pares de calções de caqui e um par de calças de sarja da loja J. Crew com um cinto entrançado de um amarelo vivo, comprado por impulso no mesmo sítio. Havia também um casaco amachucado de algodão às risquinhas, azul pálido, da *Brooks Brothers*, mais um fato tipo corredor de bicicleta francês numa licra confortável amarela e preta. Um pequeno estojo de pele continha o conjunto de barbear e outros produtos de higiene pessoal e nem sequer emalara um par de meias. Sandálias e pés descalços eram o objetivo de Nate e tencionava continuar assim. De certo modo, porém, sentia a falta da privacidade de Chez La Violette.

Da sua pequena varanda, espiou o bonito pátio onde as pessoas já se distribuíam para o almoço. Empregados com ar antigo e aspeto de terem trabalhado ali a vida inteira, transportavam baldes de gelo em suportes com garrafas do famoso vinho *rosé* de que ouvira falar tanto. Estava ansioso para o provar.

Um duche rápido e depois, de calções caqui e *T-shirt*, correu pelas escadas abaixo para se juntar a elas. Escolheu uma mesa de canto onde podia observar o que se passava: casais de várias idades, elegantes em cores pastel estivais, todos a falar em voz suave naquela atraente língua francesa. Decidiu-se por um risoto de lagosta e, de súbito esfaimado, começou a

devorar o cesto de pão de azeitonas, barrando-o com uma grossa camada de manteiga fresca da Normandia. O empregado mostrou-lhe a garrafa de *rosé* da região que pedira, tão gelada que, no vidro, se tinham formado gotas que escorriam para o guardanapo que a rodeava.

– Das vinhas cultivadas aqui perto, *monsieur* – explicou o empregado.

Satisfeito, Nate pensou que na cena só faltava Sunny Alvarez. Conhecera-a há menos de vinte e quatro horas, mas não a conseguia tirar da cabeça. Pensou que, com Sunny a seu lado, a vida naquele momento teria sido perfeita.

Bebeu o seu primeiro gole aprovador do *rosé* de Saint-Tropez, gelado, seco e com um belo aroma, e ergueu por acaso os olhos para as janelas que davam para o pátio. Durante um segundo, viu Little Laureen de pé, numa delas. Depois, de repente, desapareceu.

Havia qualquer coisa nela contudo, na sua quietude, no seu isolamento, que era perturbador. Perguntou-se, apreensivo, o que andaria a tramar.

BERTRAND ENTROU MUITO DEPRESSA no Hôtel des Rêves, tentando ao máximo não dar nas vistas. A capa de oleado vinha enrolada muito apertada à volta dos binóculos, escondida debaixo do braço. A camisa azul estava suja de erva, o cabelo loiro desgrenhado parecia um ninho de pássaros e os ténis estavam pretos de lama. Lançando um olhar nervoso pelo vestíbulo, dirigiu-se para as escadas.

– *Bertrand?*

A voz de Caroline Cavalaire fê-lo parar a meio de um passo. Virou-se com relutância para olhar para ela.

– Bertrand! Olha só para ti! – Caroline falava-lhe em francês. – Parece que passaste a noite ao relento.

– *Hmmm... eu... perdi-me...* – improvisou Bertrand.

– E o que achas que a tua mãe diria se te pudesse ver agora?

Bertrand fitou o chão, sem dizer nada. Sabia que a mãe mal repararia se tinha a camisa limpa ou os sapatos com lama. Nem se daria ao trabalho de lhe fazer perguntas sobre a capa ou sobre os binóculos. A mãe vivia a sua vida e Bertrand vivia a dele. Era um facto com que se conformara há muito tempo.

Caroline sentiu pena do rapaz. Os calções de tamanho desproporcionado descaíam, os grandes óculos tipo coruja escorregavam-lhe pelo nariz abaixo e o cabelo estava a precisar muito de ser cortado. Bertrand vinha ao Hôtel des Rêves desde pequenino e os empregados permanentes conheciam-no bem. Sabiam também que a mãe fugira com o amante mais recente, um homem que conhecera no casino de Monte Carlo, deixando Bertrand sozinho no hotel. Madame Olivier partira já há quatro semanas e as empregadas de limpeza vigiavam Bertrand, enquanto os paternais empregados de mesa se asseguravam que ingeria um bom jantar todas as noites. Não que isso fizesse qualquer diferença para o seu peso, Bertrand mantinha-se magro como uma girafa por mais que comesse. Os joelhos ossudos espetavam-se dos calções como ossos de mastodonte. Mas o triste facto era que Bertrand tinha onze

anos e estava completamente sozinho num hotel.

– É melhor ires lavar-te – disse Caroline outra vez, oferecendo-lhe um sorriso indulgente.

Bertrand virou-se com rapidez para as escadas e esbarrou com Little Laureen, que vinha a descer, os dedos dos pés para fora, estilo balé, com um *tutu* cor de laranja lavado e a bambolear-se a cada movimento que fazia. A tiara de princesa de Laureen voou, tal como os óculos de Bertrand. Depois este largou a capa e os binóculos caíram e aterraram perto da tiara no último degrau.

Fitaram-nos os dois. A seguir olharam um para o outro.

– Desastrado – disse Laureen.

– Oh... *Je-je-je m'excuse, mademoiselle...* – A gaguez nervosa de Bertrand atacara-o com toda a força.

– E porque te desculparia?

Laureen lançou-lhe o seu implacável olhar de porcelana azul e Bertrand afastou os olhos com rapidez. Os binóculos encontravam-se à vista de qualquer pessoa que atravessasse o vestíbulo ou descesse as escadas. As lentes com as «pálpebras» protetoras de metal pareciam devolver-lhe o olhar e sabia que esta estranha rapariga vestida com o fato de balé os devia ter visto.

Ela falara em inglês e, embora Bertrand a tivesse compreendido, respondeu em francês:

– Eu-eu... não te vi. – A gaguez que parecia surgir sempre que se encontrava sob stresse tornou-se mais digna de nota e Bertrand corou.

O olhar implacável de Laureen abarcou os binóculos, os grandes óculos redondos, os ténis cheios de lama, os calções muito largos, os joelhos protuberantes e os olhos horrorizados de um azul pálido a fitá-la, míopes. Laureen voltou a olhar para os binóculos que jaziam naquele último degrau.

– Bertrand? – Caroline apressou-se a vir ter com eles. – Oh, Bertrand, Laureen veio de longe, do Texas. – Caroline parecia não ver ou então estar a ignorar os binóculos. – Pensei que talvez pudessem fazer boa companhia um ao outro.

– *Je préfère...* – começou Laureen em francês, mas depois emperrou. – Prefiro a minha *própria* companhia. Obrigada – terminou em inglês.

Depois empurrou delicadamente com o pé os binóculos, apanhou a tiara, voltou a empoleirá-la na cabeça, enfiou o cabelo atrás das orelhas e continuou

a andar para a porta.

– Oh, a propósito. – Virou-se para olhar para eles. – Algum de vocês me pode, por favor, dizer onde posso apanhar um táxi para Saint-Tropez? E onde posso comer umas panquecas?

MAC DEIXOU SUNNY A DORMIR, com um braço dobrado debaixo da cabeça e *Tesoro* enrolada na curva dos joelhos. Tinha uma quantidade de sono para recuperar, ao passo que ele, graças à viagem fácil e rápida no *Citation* de Ron Perrin que eliminara quaisquer confusões e atrasos nos aeroportos, estava fresco que nem uma alface.

Chegara a altura de confrontar Madame Lariot, embora não alimentasse muitas esperanças de esta se encontrar no endereço do escritório. Ainda não confirmara o valor roubado aos outros, mas não existiam dúvidas que a mulher concretizara uma enorme burla. Apostava que tinha chegado a pelo menos meio milhão de dólares e que a mulher se encontrava em qualquer sítio menos em Cannes.

Pirate correu pelo corredor, à sua frente, com o enorme maxilar inferior saliente a transformá-lo no cão mais feliz e mais feio do Sul de França. Nem sequer uma coleira ornamentada, que *Pirate* com toda a certeza recusaria usar, poderia ter redimido o seu aspeto. Felizmente, *Pirate* parecia não ter consciência de qualquer deficiência. Nem sequer a falta de um olho e de uma pata traseira o perturbavam. Mac conhecia o cão que tinha e sabia que *Pirate* se considerava a norma. Os outros cães é que eram diferentes.

Com as orelhas imperfeitas de um castanho-acinzentado arrebitadas, *Pirate* estacou ao cimo das escadas para observar a pequena cena que se desenrolava lá em baixo.

Mac ficou surpreendido por ver Little Laureen sem o pai e a dirigir-se para a porta. Caroline Cavalaire encontrava-se na companhia de um miúdo escanzelado que se virou quando ouviu o latido de *Pirate*. Mac fitou o rapaz, perplexo. Estava salpicado de lama, o comprido cabelo loiro emaranhado caía-lhe sobre os olhos e os calções estavam seguros pelo que pareciam ser os restos de uma velha gravata de seda. De repente, o rapaz precipitou-se para o fundo das escadas e apanhou qualquer coisa do chão.

Mac viu que eram os óculos, que o miúdo voltou a pôr no nariz, mas

pensou que também enfiara qualquer outra coisa sob uma velha capa do exército.

Pressentindo um jogo novo, *Pirate*, com um latido alegre, saltou na direção do rapaz. Equilibrando-se na única pata traseira, enterrou os dentes na capa e abanou-a com vigor.

– *Non, non.* – A voz de Bertrand subiu de tom, alarmada. Ergueu a capa por cima da cabeça, mas mesmo assim *Pirate* lançou-se aos pulos atrás dela, como um cão de circo.

– Senta! – gritou Mac e, com a cauda entre as pernas, o cão, obediente, sentou-se.

– *Oh, mon Dieu.* – Caroline abanou a cara com a mão em leque. – Por um instante, pensei que ele pudesse morder.

– *Pirate* nunca morde – declarou Mac. – Queria apenas brincar. – Olhou para o cão e continuou –, *Pirate*, pede desculpa por teres assustado as pessoas.

De cabeça baixa, a cauda a abanar com lentidão, *Pirate* arrastou-se sobre a barriga em direção a Bertrand. Quando lá chegou, rolou até ficar de costas, sacudindo as patas, o sorriso meio apalermado a faiscar.

– *Ooh, mais ce chien est un charmeur.* O cão é um sedutor – disse Caroline a sorrir.

Little Laureen aproximou-se para ver.

– O que lhe aconteceu?

– Um acidente de viação – explicou Mac.

Porém, não lhe contou que ao conduzir pelo Malibu Canyon certa noite, já tarde, recolhera o cão ensanguentado da estrada, pensando que estava morto. E que *Pirate* abria um olho e o fitara agradecido. Claro que nessa altura Mac ficara impressionado. Despira a camisa, embrulhara nela o animal e conduziu até ao hospital veterinário em Santa Monica com o cão quase morto no joelho. O veterinário amputara a perna, resgatara um dos olhos e salvara a vida do cão. E, desde então, *Pirate* transformara-se no melhor amigo de Mac.

– *Pauvre petit.* – Laureen ajoelhou-se para fazer uma festa a *Pirate*. Lançou uma olhadela a Bertrand que se afastava devagar para as escadas, na esperança de que não reparassem nele. – E então as panquecas? – perguntou, mas Bertrand fugiu.

– Foi tomar um duche – explicou Caroline. – Mas vou pedir ao cozinheiro

para te preparar uns crepes. Podes comê-los no pátio e digo ao teu papá onde estás.

Voltou à receção para telefonar para a cozinha e Mac observou a menina com atenção, agachada no chão ao lado do cão.

– Ainda bem que ouço dizer que vais comer por fim as tuas panquecas.

Laureen pôs-se de pé de forma pouco graciosa, uma mão sobre o coração de prata, no fio ao pescoço, a outra a alisar o tule cor de laranja enrugado.

– Adeus – declarou com brusquidão e encaminhou-se para Caroline no balcão da receção. – Pode pedir-lhes para mandarem os crepes para o meu quarto, por favor? – Depois, avançou para as escadas, evitando o olhar de Mac.

Este teve tempo de reparar, porém, que os olhos de Little Laureen estavam inchados e vermelhos. Parecia mesmo que estivera a chorar.

CANNES, A CIDADE DIAMANTE da costa mediterrânea, cintilava ao límpido dia estival quando Mac conduziu o *Peugeot* com cuidado pela Croisette cheia de gente, parando a cada poucos passos para deixar os veraneantes passar, carregados de sacos de compras. O mar era uma folha azul calma à sua direita, as praias estavam lotadas e, à sua esquerda, os terraços brancos dos grandes hotéis enxameavam de gente em almoços tardios e a beber champanhe.

Estacionou no Gray d'Albion, no enorme parque de vários pisos, e mandou parar um táxi. O escritório de Madame Lariot ficava longe da zona chique à beira-mar e das butikues com nomes sonantes, numa rua recuada sem árvores, de edifícios estreitos de quatro pisos com janelas empoeiradas e entradas com lixo, muitos dos quais exibiam placas de aluguer de escritórios.

Pedindo ao taxista para esperar, Mac examinou os nomes ao lado do conjunto de campainhas de latão na porta de entrada. Lá estava: *4ème étage. Lariot. #401*. Premiu a campainha e aguardou. Tal como esperara, não se produziu qualquer toque de resposta para o deixar entrar. Sem dúvida que Madame Lariot, ou fosse qual fosse o seu nome verdadeiro, há muito que fugira da capoeira. Premiu a campainha da porteira.

Uma impaciente voz feminina flutuou no ar:

– *Qui est là?*

– *Je cherche Madame Lariot.*

– *Lariot? Pas ici.*

Mac convocou algumas palavras francesas e encadeou-as para perguntar onde fora Madame Lariot, mas a porteira não fazia ideia nenhuma. Lariot fora-se embora e isso era definitivo.

Apontou o endereço e número de telefone da empresa imobiliária cujo cartaz se encontrava lá fora e voltou a apanhar o táxi para o Hôtel Carlton.

Dizia-se muitas vezes que não existia melhor lugar para observar a vida do que o terraço do Carlton, que se tornara mundialmente famoso por causa do

Festival de Cinema de Cannes. Agora era uma meca para viajantes internacionais, para mulheres deslumbrantes em busca de aventura e estrelato e jovens atraentes em busca de sucesso. A realeza, do tipo verdadeiras princesas, bem como a realeza do mundo cinematográfico, ali se reunia para observar a paisagem na companhia de um copo de champanhe *Krug*. O café expresso era forte, o *cappuccino* vinha com uma camada macia de *crema* e os empregados conheciam toda a gente e provavelmente tudo.

Com *Pirate* nos calcanhares, Mac abriu caminho por entre a multidão, conseguindo arranjar uma mesa minúscula sombreada por um guarda-sol azul, com uma bela vista sobre a Croisette e a praia a seguir. Pediu uma *Stella Artois* e um *croque monsieur*, a versão francesa de uma tosta mista, e também uma tigela de água para o cão. Depois puxou do telemóvel e marcou o número da agência imobiliária.

A voz do homem que atendeu possuía um tom cauteloso. Mac não o podia censurar. Alugar escritórios baratos a negócios duvidosos não podia ser uma ocupação gratificante. Explicou ao homem quem procurava e foi informado que Lariot abalara e não sabia para onde fora. Pagara seis meses de renda e partira algumas semanas antes de o contrato de aluguer terminar.

Mac bebeu um gole da sua cerveja, servida num copo alto tão frio que lhe gelou os dedos. Perguntou se Madame Lariot deixara algum novo endereço, sabendo qual seria a resposta ainda antes de esta ser proferida. A pergunta seguinte foi mais complicada.

– Pagou com cheque?

– Claro. Toda a gente o faz. Ninguém usa dinheiro neste negócio de aluguer de escritórios.

– Então, *monsieur*, deve ter o número de uma conta e também o nome de um banco.

Fez-se um longo silêncio e depois o homem declarou de forma fria:

– Não posso fornecer essa informação.

– Permita-me então que lhe explique as circunstâncias. – Mac tratou de pô-lo ao corrente da história da burla.

Houve outro longo silêncio.

– Não tenho nada a ver com isso – disse o agente imobiliário com prudência. – Não quero envolver-me no assunto.

«Aposto que não», pensou Mac.

– *Monsieur*, deixe-me explicar-lhe. É uma questão de *me* dar o nome do

banco e o número dessa conta bancária ou de os dar à *polícia*. A escolha é sua.

Outro silêncio. O empregado trouxe o *croque monsieur* e Mac deu-lhe uma dentada reconhecida. Já se esquecera de quando fora a última vez que comera.

– Vou arranjar-lhe essa informação – respondeu por fim o agente imobiliário. – Só um momento, por favor.

Com o telemóvel no ouvido, Mac beberricou a sua cerveja, apreciando a sanduíche e o cortejo das pessoas que passavam. Não era muito correto, mas deu a *Pirate* um pedaço da sanduíche. O cão devorou-o de um trago e ficou à espera de mais. Uns minutos mais tarde, o agente imobiliário facultou a Mac a informação que este pedira.

– Não haverá qualquer necessidade de a polícia me contactar – disse, parecendo preocupado.

Mac assegurou-lhe que tinha razão. Não acrescentou que pelo menos por agora tinha razão. Mais tarde logo se veria.

Entretanto, tinha o que queria. O céu era azul, a brisa suave e o sol brilhava. Estava no Sul de França e mulheres bonitas envergando vestidos estivais paravam junto à sua mesa para arrulhar a respeito de *Pirate* e para dizer a Mac que o cão era amoroso, ao mesmo tempo que lhe faziam olhinhos. Mac sorria em resposta e pensava em Sunny, com algum sentimento de culpa.

De regresso ao hotel, resolveu que telefonaria ao seu assistente, Roddy, em Malibu, e o poria na pista da conta bancária de Madame Lariot e que lhe pediria também para investigar os proprietários de Chez La Violette em Paris. Depois decidiria se devia contactar a polícia.

No dia seguinte, faria uma segunda visita à *villa*, para descobrir o que na realidade se passava e o que havia de tão errado numa casa com uma localização de primeira categoria no Sul de França para ninguém a visitar há tantos anos.

SUNNY ACORDOU com as fungadelas preocupadas de *Tesoro* no seu ouvido. Através das portadas meio fechadas, viu que o céu apresentava o azul elétrico intenso do final da tarde. Estava a dormir há horas e a pobre *Tesoro* devia estar a rebentar. Vestiu rapidamente uns calções e uma *T-shirt*, passou as mãos pelo cabelo, agarrou na cadela e correu pelas escadas abaixo. Não estava ninguém no vestíbulo e Sunny apressou-se a sair e a descer o caminho, onde esbarrou em *Pirate*, de cabeça no ar, o nariz alerta a novos cheiros. E, claro, atrás dele, vinha Mac.

– Olá – exclamaram em simultâneo.

– Quando voltei, estavas tão ferrada que calculei que fosses dormir a noite toda – disse Mac.

– *Tesoro* acordou-me. Pensei que devia estar desesperada.

– Não te preocupes, já dei um passeio com ela há uma meia hora.

Sunny aninhou-se nos braços dele.

– Somos mesmo nós? *No Sul de França? Juntos?*

Mac fingiu olhar para trás.

– Não vejo mais ninguém.

– Então beija-me – pediu Sunny. E ele obedeceu.

Com os braços ainda passados à volta um do outro, encaminharam-se com lentidão para o hotel e Mac contou-lhe a história da sua visita ao escritório de Madame Lariot.

– Deixei mensagens a todos os nossos «Inadaptados Internacionais», convocando-os para uma reunião amanhã às oito ao pequeno-almoço, no Café le Sénéquier em Saint-Tropez.

– *Às oito?*

– Oito – retorquiu Mac com firmeza. – Não podemos perder um minuto de Saint-Tropez.

– Suponho que não – respondeu em tom duvidoso. – Mas e então Chez La Violette?

– Preciso de descobrir por que razão Madame Lariot escolheu essa casa e se tinha alguns cúmplices. Quero também perceber porque não vive lá ninguém há anos, uma *villa* com uma localização privilegiada como aquela.

Parou e agarrou os ombros de Sunny, fitando-a.

– Sabes que mais, porque não vamos até lá agora? Verificar em que estado está a casa, ver se encontramos alguma pista relacionada com Madame Lariot. Só tu e eu?

– E o fantasma de Violette?

Mac deu-lhe um pequeno abanão para tentar incutir-lhe algum bom senso.

– Esquece o que disse aquele *concierge*. Os fantasmas não existem, os vivos é que provocam os problemas todos. Pessoas como Madame Lariot.

Sunny lançou uma olhadela aos calções e à *T-shirt*; nem sequer penteara o cabelo.

– Não posso ir assim.

– Porquê? Estás com medo que Violette se queixe? – perguntou Mac, provocando-lhe uma risada.

Foram buscar o *Peugeot* e lá desceram o caminho. Os portões de madeira de Chez La Violette estavam fechados e quando Mac saiu do carro e tentou abri-los descobriu que tinham inchado com a chuva da noite e que não cediam. Voltou a entrar no carro e guiou devagar ao longo do perímetro do terreno. Numa *villa* tão grande como aquela, tinha de haver uma entrada de serviço.

Descortinou-a a cinquenta metros, quase escondida por um matagal de arbustos. A tinta verde pelava, aos pedaços, do portão e um cadeado partido pendia do trinco de ferro em forma de seta. A corrente do cadeado fora quebrada.

Encontravam-se numa horta com pequenos talhões divididos em quadrados por sebes baixas, ao estilo francês chamado *parterre*. Ainda aí se viam alfaces pouco viçosas e as curgetes cresciam por cima de tudo, as flores amarelas quase a taparem pequenos maciços de morangos silvestres. Pessegueiros e pereiras em espaldeira vertical forravam um muro ensolarado, embora não houvesse frutos, e vinhas com cachos de uvas rijas e verdes, já debicadas pelos pássaros, descaíam em suportes de arame. Quatro estreitos carreiros de gravilha, com tamanho suficiente para um carrinho de mão, conduziam a uma fonte de pedra ao centro, cujos querubins esculpidos estavam verdes do líquen e cujos repuxos de cabeças de cisne se tinham

silenciado para sempre.

Um vento súbito perpassou pelas copas das árvores com um ruído sibilante que fez correr um arrepio condizente pela coluna de Sunny abaixo. Já estivera em situações como aquela com Mac, em casas que lhe tinham provocado calafrios, que lhe tinham enviado mensagens que na altura não entendera, quer dizer, ter sucedido até alguma calamidade. Agora, Chez La Violette punha-a nervosa. Examinou os cães. Os animais deviam ser barómetros de qualquer coisa sinistra, como situações arrepiantes e tremores de terra, mas pareciam bem, trotando à frente deles no caminho que levava às traseiras da *villa*.

O Sol punha-se com rapidez e o céu começou a escurecer. Sunny apertou a mão de Mac.

– Porque será que concordo sempre em acompanhar-te nestas buscas escusadas a meio da noite?

– Não é o meio da noite. Além disso, tenho a minha lanterna.

Claro que tinha! Sunny sabia que Mac trazia sempre consigo aquela coisa do tamanho de uma caneta que iluminava metro e meio à sua frente e a deixava a ela no escuro.

Surpreendentemente, a porta da cozinha não se encontrava fechada.

Mac abriu-a e *Pirate* saltitou impaciente ao princípio, subiu os degraus e depois, de repente, hesitou. Sunny lançou-lhe uma olhadela nervosa. Estaria a confirmar a sua teoria? Pegou em *Tesoro* ao colo.

– Vai tu primeiro – disse para Mac.

Este entrou e ligou a luz. Comentou, pensativo:

– Pergunto-me por que razão, quando nada neste sítio funciona, a eletricidade está ligada?

– O gás também – adiantou Sunny. – O fogão trabalhava. Fervi água para o café.

Estava tudo como tinham deixado: as canecas do café lavadas no escriptorio de madeira; a lata de *Nescafé* ao lado da garrafa vazia de brande *Soberano* na bancada de azulejos; cadeiras puxadas para trás ao acaso. Então porque teria Sunny a sensação desconfortável de que alguma coisa estava diferente? Olhou em volta com cuidado. Não conseguia identificar o quê, mas alguma coisa estava a incomodá-la. Mac subia já as escadas que levavam ao quarto de Nate Masterson no torreão e apressou-se a segui-lo.

A sala circular pretendia ter o aspeto de um camarote num barco, com

janelas redondas como vigias e um grande *oeil-de-boeuf*, uma janela oval tipo escotilha em frente da cama, de onde se conseguia ver o mar. Era um quarto de hóspedes simples com uma cama de ferro branca e armários pintados de branco, feitos para se adaptarem à curva das paredes de um azul pálido.

De novo no piso de baixo, esquadrinharam a grande sala de estar que dava para um terraço nas traseiras da casa. A mobília estava coberta por lençóis para a proteger do pó e apenas os três lustres de Murano, produtos femininos de cristal e vidro cor de rosa, cintilavam com vida.

De repente, a casa fechada com a sua mobília tapada pareceu sugar o ar dos pulmões de Sunny. Sentiu-se ameaçada de claustrofobia. Correu lá para fora e ficou ali, com os braços cruzados sobre o peito, a arfar ao ar fresco que vinha do mar. Chez La Violette parecia exalar mistérios e segredos que não tinha a certeza de querer conhecer.

– Mac? – chamou, de súbito consciente de que se encontrava sozinha.

– Estou aqui, querida. – A voz dele vinha de dentro da casa.

Sunny voltou ao vestíbulo, recordando Nate a brandir a sua espada ao cimo das escadas. Por falar nisso, onde estava a espada? Vira-a pela última vez na mesa da cozinha mesmo antes de todos se irem embora.

– Mac? – chamou outra vez.

– Aqui. – A voz dele vinha da zona do quarto.

Pegando na cadela, Sunny atravessou o átrio em bicos de pés, a pensar, impaciente, por que motivo, por amor de Deus, estaria a andar em bicos de pés numa casa vazia.

A porta do *boudoir* de Violette encontrava-se aberta. Estava escuro. Chamou de novo por Mac, passando a mão pela parede, às cegas, à procura do interruptor. Uma luz acendeu-se e Sunny sobressaltou-se. *Não tocara no interruptor da luz*. Dizendo consigo própria para não ser parva, que devia ser Mac que estava na casa de banho, esperou.

A porta da casa de banho abriu-se devagar. O coração batia-lhe com tanta força que conseguia ouvir o sangue a ressoar nos ouvidos. A voz tremeu-lhe quando perguntou:

– Mac? Estás aí?

Não houve resposta, mas o quarto bafiento encheu-se de repente com aquele mesmo aroma doce a flores. Sunny fechou os olhos, incapaz de se mover.

– Estou aqui, querida – disse Mac atrás dela. Sunny deu um salto no ar. –

Fui verificar a cave, perdi-te por um minuto.

Sunny deixou-se descair contra ele.

– Nunca mais me faças isto.

– Faço o quê?

– Nunca mais me deixes sozinha nesta casa.

Mac fitou-a, intrigado.

– Cheira-te a flores?

– Que flores? Não vejo flores nenhuma.

– Não! Consegues cheirá-las?

Mac aspirou.

– Não, querida, não consigo. E tu também não. Este sítio está a influenciar-te. Vamos, vamos embora.

Parou para desligar a luz, ciente que Sunny tinha os olhos postos nele.

– Mac, juro que não liguei essa luz. Acendeu-se sozinha.

– Casas velhas – retorquiu Mac com desconfiança. – A eletricidade pode ser um pouco oscilante.

Voltaram à cozinha. Havia nela alguma coisa que ainda perturbava Sunny, mas estava ansiosa por sair dali e esperou por Mac nos degraus às escuras, inspirando aquele ar húmido suave que cheirava a coisas verdes a crescer e a morangos silvestres. *Coisas vivas*.

Foi só quando já se encontravam no carro a regressar ao hotel que se lembrou do que a perturbara na cozinha.

– Era o piano! – exclamou.

Mac lançou-lhe uma olhadela.

– Que tem o piano?

– A tampa estava aberta. Consegui ver as teclas.

– E então?

– A noite passada o piano estava fechado. Estava fechado há muito tempo. Havia pó por todo o lado.

– *Okay*. – Mac atirou-lhe um sorriso de «e então?».

Sunny continuou a olhar em frente.

– Nenhum de nós tocou naquele piano.

ÀS OITO DA MANHÃ SEGUINTE, o Café le Sénéquier não estava apinhado, apenas alguns clientes locais a beberem café, os jornais à mão, os *croissants* prontos para serem ensopados, indiferentes à série luzidia de iates luxuosos atracados do outro lado da estrada. Mais à frente, a *librairie* tinha o expositor de revistas cá fora e as lojas para os turistas estavam a lavar os seus passeios antes de instalarem os suportes para os lenços de *chiffon*, os colares de contas, as *T-shirts* e os chinelos de praia.

Os empregados do Sénéquier, de camisas brancas e calças pretas com o habitual avental branco apertado em volta da cintura, poliam o balcão de zinco e limpavam as mesas antecipando a afluência de pessoas que se seguiria. Alguns faziam um rápido intervalo, afastando-se para a estreita rua lateral, onde os carros passavam à justa, empoleirando-se num passeio a desmoronar-se, a usufruírem de um apressado cigarro.

Sunny e Mac decidiram sentar-se na parte mais recuada da esplanada, organizando as cadeiras vermelhas e agrupando três pequenas mesas de café para prepará-las para a «reunião» do que Mac descrevia como «um grupo de Inadaptados Internacionais que fugiam das suas vidas verdadeiras».

Tesoro instalou-se ao colo de Sunny, pestanejando por causa do sol, ao passo que *Pirate* farejou com rapidez todas as cadeiras e depois afundou-se por baixo da mesa aos pés de Mac. Talvez porque estivessem em território estrangeiro, parecia existir uma trégua entre os cães.

Sunny usava calções brancos e uma *T-shirt* vermelha, com o comprido cabelo escuro atado trás num lenço de seda vermelha e com grandes argolas douradas nas orelhas.

– Pareces mesmo de Saint-Tropez – comentou Mac, admirando-a e encostando a cara à face dela. Cheirava a um perfume antiquado, *Mitsouko*, recordou-se, picante e doce ao mesmo tempo, e a pele era como veludo sob os seus lábios.

– Tu também estás muito bem – retorquiu Sunny, a pensar que, de facto,

Mac tinha o mesmo ar de sempre, no seu habitual traje matinal de Malibu, com calções e uma velha *T-shirt* preferida, desbotada após muitas lavagens de preta para cinzenta, o cabelo escuro desgrenhado, os olhos azuis semicerrados de apreciação. Rodou o anel de diamante cor de rosa. – Não te esqueças que me pediste em casamento.

– E porque me esqueceria? Ei, talvez pudéssemos pedir a um comandante num desses iates elegantes para nos dar a honra? É legal, não é?

– Só se estivermos no mar.

Sunny sabia todos os factos sobre casamentos. Fitou os iates que estavam a ser esfregados de forma solícita por, reparou, membros da tripulação jovens e muito fortes.

O *Bentley* branco descapotável travou com um chiado em frente do café e Belinda espetou a cabeça loira de fora.

– Olá – gritou.

Cabeças ergueram-se de jornais e *croissants* pararam a meio caminho de algumas bocas enquanto os clientes a miravam.

– Espero que não estejamos atrasadas. Vou descobrir um sítio para estacionar e já voltamos.

Com um aceno descontraído da mão, fez uma viragem ilegal à esquerda, quase colidindo com um carro que saía da rua estreita só de um sentido.

Belinda mostrou o dedo ao condutor e Sunny entreviu de relance uma Sara sentada muito direita, de olhos arregalados de terror, ao mesmo tempo que, com outro aceno despreocupado, Belinda virou de novo e depois acelerou pelo porto, só que desta vez, graças a Deus, na direção certa.

O café chegou a fumegar de quente e bastante escuro em grossas chávenas brancas, juntamente com um cesto de *croissants* e uma tigela de água para os cães, mesmo na altura em que o *Hummer* vermelho passava com lentidão com Billy ainda de chapéu de cobói ao volante e Little Lauren ao lado, numa profusão de tule cor de laranja. Atrás deles vinha a *Ducati* amarela com Nate Masterson, assombroso no seu fato justo de licra amarela e preta do Tour de France, um capacete preto com riscas amarelas e grandes óculos protetores.

– Tal e qual um abelhão – observou Mac com um sorriso.

Dez minutos se passaram até que todos os Inadaptados conseguiram chegar por fim ao café, a resmungar sobre a falta de estacionamento em Saint-Tropez.

– Que interessa?! – exclamou Sunny. – Vejam só onde estão. Olhem para a vista, topem esses barcos de muitos milhares de dólares, o porto, o céu azul. Sintam o sol a aquecer-vos, aspirem o aroma do bom café francês, provem só estes *croissants*...

Belinda puxou para trás uma cadeira vermelha e deixou-se cair nela.

– Devia ter sido poetisa. – Partindo a pequena ponta estaladiça do *croissant*, deu-lhe uma dentada. – *Mmmmm*, delicioso – suspirou. – Porque nunca consegui ter um *croissant* como este quando tinha um cozinheiro em casa e um empregado para me servir o pequeno-almoço? Acho que estou a aprender a viver outra vez.

– Não é má ideia. – Nate tirou o capacete e os óculos protetores e substituiu-os por um par de óculos de sol, do tipo que muda de intensidade conforme a luz.

«Um tipo cauteloso», pensou Mac, observando-o; o tipo de homem que reflete nas suas ações antes de as praticar. Ao contrário de Belinda, que era impetuosa, talvez imprudente, e que se encontrava com toda a probabilidade metida em graves problemas com o perigoso marido russo.

Little Laureen sentara-se perto de Sunny. Inclinou-se para fazer uma festa a *Tesoro*. O pai sentou-se ao lado dela e Sara ocupou a última cadeira vermelha.

Ficar à espera para o fim, concluiu Mac observando Sara: nunca muito segura de si, sempre preocupada por poder não ser bem-vinda. Pensou se não seria muito faladora só agora que o caso com o namorado terminara. Ou seria sempre tão apagada como parecia?

Ainda não tinham conseguido ver Billy sem o chapéu. Mac achou que poderia ser um disfarce, sombreava-lhe os olhos e escondia o que na realidade sentia, bem como os seus pensamentos.

Billy chamou o empregado.

– Toda a gente quer um descafeinado? – perguntou.

– Oh, por amor de Deus – replicou Sunny. – Estamos em França. Beba um café a sério. Divirta-se.

– Acha que sim? – Billy parecia indeciso. – Quer dizer, não fará mal?

– Pode voltar ao descafeinado quando voltar para casa – sugeriu Belinda. – Entretanto, o que vai Little Laureen tomar?

– Panquecas, por favor. – Little Laureen ergueu a voz. – Quero dizer, *crêpes*, *s'il vous plaît* – pediu ao empregado, que sorriu para a estranha

menina no seu traje de balé e tiara de princesa e prometeu ver o que podia fazer.

Laureen trazia a sua varinha de condão. Pousou-a com cuidado em cima da mesa, alisando-a com dedos rechonchudos. Sunny reparou nas unhas roídas. Sentiu pena dela.

O café chegou depressa: *cappuccino* para Sara; um expresso triplo para Belinda; café com natas para Nate e café preto normal para Billy.

– Sabe melhor do que o da minha zona – admitiu, engolindo-o com rapidez e fazendo sinal a pedir outra chávena. – Porém, a quantidade é um pouco escassa. Quer dizer, porque não nos dão uma bela caneca alta?

– Tamanho *Venti*, como no Starbucks – concordou Sara, beberricando o *cappuccino* e ficando com um bigode de leite de que parecia não ter consciência.

O apito sonoro das sirenes da polícia cortou o ar tranquilo da manhã e Sara soltou um pequeno guincho de pânico quando três carros da polícia, com as luzes a piscar, passaram a toda a velocidade pelo porto.

– Chuis – disse Billy, parecendo surpreendido por os encontrar em Saint-Tropez.

– *Les flics* – corrigiu-o Little Laureen, alisando a sua varinha de condão.

– *Mais la petite est correcte.* – O empregado sorriu-lhe com ar afável. – *Les flics*, os chuis. – Pousou o prato dos crepes em cima da mesa. – *Eh bien, mademoiselle, vous parlez bien le français.*

– *Merci, monsieur.* – Laureen fitou os crepes com ar duvidoso. Eram muito finos e salpicados de sumo de limão e açúcar. – Isto são panquecas francesas? – perguntou em inglês.

– *Mais bien sûr, ma petite. Vous ne l'aimez pas?* – O empregado parecia perturbado.

– Vou provar – concedeu Laureen, embora exibisse uma prega de preocupação entre as sobrancelhas. Sentia a falta do xarope de açúcar.

– Porquê tantos polícias? – perguntou Belinda ao empregado.

– Ah, *madame*, são os roubos. Aconteceu outro anteontem à noite, na noite da grande tempestade. Só agora foi descoberto e, desta vez, houve um assassinato.

Sunny quase conseguiu ver as orelhas de Mac a arrebitarem-se.

– Oh, não – gemeu. – Prometeste.

Mas Mac não conseguiu resistir a perguntar ao empregado onde ocorrera o

crime e se sabia o que fora roubado.

– Foi em Ramatuelle, *monsieur*. E a mesma coisa de antes. Obras de arte. Do tipo caro onde os colecionadores gostam de gastar o seu dinheiro. Já houve cinco roubos ao longo da costa e todos eles parecem acontecer quando os proprietários se encontram fora.

– Mas com certeza que tinham um sistema de segurança excelente?

– *Mais bien sûr*, claro, mas de algum modo os alarmes parecem ter sido desligados e o pessoal doméstico encontrava-se de folga nessa noite. Penso que é muito suspeito.

– Creio que tem razão – concordou Mac com um sorriso. – Poder-se-á até dizer que obedece a «um padrão».

– Não tem nada a ver connosco – declarou Sunny com firmeza.

– *Les crêpes sont bons* – disse Little Laureen para o empregado.

Billy sorriu-lhe com orgulho.

– Estás a ver, Little Laureen, daqui a um mês estás a falar como um natural do país.

– E talvez daqui a um mês Mac consiga reaver o nosso dinheiro quando encontrar Madame Lariot – retorquiu Belinda, servindo-se de um segundo *croissant*, a pensar que a dieta podia ir para o inferno. Qual era o problema se o novo *Chanel* não lhe servisse? Não era provável que fosse a nenhum sítio muito elegante num futuro próximo. Fez sinal ao empregado a pedir mais café.

Mac apoiou os cotovelos na mesa, fitando-os a todos, para perceberem que agora iam tratar do que interessava.

– Bem, ontem fui procurar Madame Lariot. Claro que já não se encontra naquele endereço.

– Pôs-se a andar – interrompeu Sunny.

– Como se esperava – concordou Mac e falou-lhes da placa a indicar escritório para alugar e da informação que o agente imobiliário lhe passara. – O meu assistente descobriu o endereço do banco em Cannes. A conta foi fechada.

– Claro que sim – retorquiu Nate impaciente, como se os acontecimentos não estivessem a decorrer com suficiente rapidez para ele.

– Uma pergunta – continuou Mac. – Estão todos preparados para ir à polícia resolver este assunto?

– Não está bom da cabeça? – Belinda deixou cair o *croissant*, chocada. – O

russo encontra-me num minuto se eu for à polícia.

– Não é provável que não a consiga encontrar sentada aqui no Sénéquier em Saint-Tropez e a conduzir o raio daquele grande *Bentley* – comentou Sunny.

– Verdade. – Belinda afundou-se na estreita cadeira vermelha, preocupada. – Mas, raios, não me posso esconder toda a vida, não é? Quer dizer, tenho de continuar com as coisas...

– Mas nada de polícia? – perguntou Mac.

Belinda abanou a cabeça loira, de cabelo curto.

– Nada mesmo.

– E você, Nate?

Nate tirou os óculos de sol. Cruzou o olhar com o de Mac.

– Prefiro perder dinheiro do que ir à polícia e privar aqui o senhor detetive particular da oportunidade de solucionar o crime.

Mac encolheu os ombros. Era óbvio que Nate estava a desafiá-lo.

– Farei os impossíveis – disse apenas, reparando que Nate se virara para sorrir para Sunny. Percebeu que tinha concorrência entre mãos além de um crime.

– E você, Billy?

– Digo o mesmo que os outros. Prefiro perder o dinheiro do que meter-me com a polícia francesa. *Les flics* – acrescentou, apertando o ombro da filha com ar cúmplice. – Estás a ver, querida, já entendo a gíria.

Laureen corou, o pai envergonhava-a. Não terminara ainda de comer as suas panquecas.

– Então, acordamos que apoiamos todos o que Mac decidir fazer – concluiu Nate.

– Estou muito grato por ter encontrado o Hôtel des Rêves – concordou Billy.

– E talvez o nome do hotel acabe por se revelar verdadeiro. – Sara falou pela primeira vez, surpreendendo-os. De repente, os olhos abriram-se ainda mais. – Oh, não! – exclamou.

Sunny seguiu-lhe o olhar até a um homem que já abria caminho através das mesas. Poder-se-ia dizer que era atraente, se se gostasse daquele estilo: cabelo preto demasiado comprido alisado para trás à maneira dos europeus pretensiosos; óculos de sol muito grandes com o logótipo *D&G* dos lados; camisa de linho meio desabotoada para mostrar o peito bronzeado; um grande

relógio de ouro; mocassins brancos; calças de ganga desbotadas.

Belinda comentou:

– Percebo o género a pouca distância. Aquele tipo é lixo.

O homem caminhou a passos largos para Sara e pôs-lhe uma mão pesada sobre o ombro.

– Sua cabra – sibilou. – Vi-te a andar por aí naquele *Bentley* branco. Que raio de merda pensas que és? A humilhar-me em frente de toda a gente. Sabes que tive de abandonar o barco, a merda do comandante expulsou-me... disse que não toleraria aquele tipo de comportamento no seu navio. Bem, que se foda e tu também, Sara. Não te vais safar com tanta facilidade, acredita. Vais pagar-me por isto, sua cabra escanzelada. É a última vez que me fazes isto. Estás a topar? *A última vez, Sara*. Da próxima vez que me vires, vais desejar nunca o ter feito.

Mac levantou-se. Removeu a mão do noivo do ombro de Sara.

– Ouvi isso. E as outras pessoas também. Somos aquilo a que se chama «testemunhas», meu amigo. E deixe-me dizer-lhe que os chuis de Saint-Tropez não tratam bem homens que ameaçam mulheres.

– *Les flics* – corrigiu-o Little Laureen.

– Merda para vocês todos – rosnou o noivo com o seu rosto trigueiro e Sunny pensou que, naquele momento, não era mesmo nada atraente.

– Está na altura de se ir embora – disse Mac.

Billy levantou-se, cada um deles agarrou-lhe num cotovelo e puseram o noivo a marchar para fora do café, observados com satisfação pelos empregados e pelos outros clientes.

Belinda viu as lágrimas que rolavam pela face de Sara.

– Oh, esquece lá isso, mulher! – exclamou, exasperada. – Não vês que ele não merece? Nenhum deles merece – acrescentou, fazendo sinal ao empregado para lhe trazer outro expresso triplo, o terceiro da manhã. Captou o olhar espantado de Sunny. – De que outra maneira vou conseguir chegar ao fim do dia?

Sunny foi sentar-se ao lado de Sara. Ofereceu-lhe um lenço de papel e disse em tom consolador:

– Acredite, ele não vale uma única lágrima.

– Mas sinto-me tão humilhada – carpiu Sara.

– Como é possível? – exclamou Little Laureen. – Ele diz palavrões. É uma pessoa nojenta.

Belinda sorriu.

– Da boca dos pequeninos... – citou e entretanto Mac e Billy regressaram.

– Duvido que a aborreça outra vez, Sara – declarou Mac.

– Não, senhor – acrescentou Billy com um sorriso presunçoso.

Nate virou costas, embaraçado com as lágrimas de Sara.

– Então? A reunião acabou?

– Ainda não – respondeu Mac. – Descobri o endereço de Paris do proprietário de Chez La Violette. Visto haver hipótese de estar envolvido na questão de Madame Lariot, pensei lá ir, descobrir o que se passa.

Sunny gemeu, já a ver as suas férias em Saint-Tropez desaparecerem, mas depois Mac continuou:

– Que tal uma noite romântica em Paris? – E aí Sunny sorriu.

– Tem fibra, pá – disse Billy. – Agradeço. – Atirou a Nate um olhar eloquente.

Nate franziu o sobrolho, mas também resmungou os seus agradecimentos.

– E pode usar o meu avião – acrescentou Billy. – Está ali parado no aeroporto de Nice. Só tenho de telefonar ao comandante e dizer-lhe para se preparar para levantar voo, seguir até Paris e cuidar do meu amigo.

Mac respondeu:

– Obrigado, Billy. Estou muito agradecido.

– E eu agradeço muito o que está a fazer, Mac – acrescentou Belinda. Lançou uma olhadela em volta da mesa. – Reunião terminada?

– *Fini* – retorquiu Little Laureen, a falante de francês.

– Então Sara e eu temos umas comprinhas a fazer – decidiu Belinda. – No final de contas, uma mulher não pode andar por aí com esse aspeto, Sara, e estar à espera de atrair o tipo certo de homem, não é?

Com um olhar espantado no rosto ainda manchado de lágrimas, Sara seguiu obedientemente Belinda para fora do café, acompanhadas por Nate, que se dirigiu para a sua *Ducati* com a intenção de explorar a costa.

– Que dizes a regressarmos ao hotel e irmos até à praia? – perguntou Billy a Laureen.

Esta franziu o sobrolho.

– Tem de ser?

– Podes crer.

Vendo-os afastarem-se, Mac comentou pensativo:

– Como me aconteceu isto? Venho fazer umas pequenas férias com a

minha noiva e acabo encarregue de quatro desconhecidos que querem que descubra quem lhes levou o dinheiro e porquê.

– E também, já que estás com a mão na massa, reencontrar-lhes as almas – acrescentou Sunny com sagacidade.

Pirate, que sabia sempre quando estava na hora de ir embora, saiu debaixo da mesa, a língua pendente, o olho brilhante, pronto para a ação, ao mesmo tempo que *Tesoro* soltava um latido agudo, erguendo a cabeça para Sunny, que olhou para Mac.

– E então a noite em Paris? – perguntou este.

– Levamos os cães, claro.

– Desta vez não, querida. Arranjamos alguém no hotel que trate deles.

– Mas *Tesoro*...

Mac lançou-lhe aquele olhar exasperado e habitual de «*Tesoro* ou eu».

– Ora, Sun, querida, precisamos de estar sozinhos. Só tu e eu em Paris.

– Oh, está bem – retorquiui Sunny, já com algum sentimento de culpa. Mas depois sorriu. – Bem, nós os dois. Em Paris! Que mal pode fazer?

DE VOLTA AO QUARTO DO HOTEL, Sunny fitou a pilha de roupas que espalhara em cima da cama. O que, pensou, vestiria uma mulher em Paris numa noite quente de junho? Resposta: o pequeno vestido preto, claro. E, se estivesse fresco, o casaco de seda branca que assentava muito bem sobre o vestido e apertava na cintura. E, naturalmente, com os novos sapatos vermelhos de salto alto, rezando para não cair. Claro que podia ir com os *Manolo* de salto um pouco mais baixo, mas os sapatos vermelhos novos eram mais extravagantes, com um estilo um pouco «gladiador», com tiras que rodeavam os tornozelos. Bastante *sexy*.

E para usar durante o dia? Calças pretas, uma camisa branca, um casaco de ganga, com, claro, confortáveis sapatos pretos rasos. E... não podia usar outra coisa: a nova mala de mão *Alexander McQueen*, enorme, de um cinzento glacial e que era quase suficientemente grande para levar todo o seu guarda-roupa de Paris.

«É para fazer compras melhor, Capuchinho Vermelho», disse consigo própria, fitando a mala colossal com um sorriso satisfeito, esquecendo por completo que não se tratava de uma viagem de recreio e que iam passar a maior parte do tempo à procura do proprietário de Chez La Violette e no rasto de Madame Lariot.

A pensar num belo quarto de hotel com uma iluminação suave, uma musiquinha boa e vista para os telhados de Paris, acrescentou uma pequena pilha de roupa interior *sexy*, conseguindo enfiar tudo numa mala de viagem com rodinhas do tamanho regulamentar.

Satisfeita consigo própria, olhou para Mac que ainda se encontrava ao telefone a tentar marcar um hotel.

Mac lançou uma espreitadela à cama com o monte caótico habitual de roupa. Abanou a cabeça.

– Sonora Sky Coto de Alvarez! – exclamou, exasperado.

Esta ergueu uma mão em protesto.

– Não, não, espera... deixa-me dizer-te que tenho *dois conjuntos inteiros* nesta *única* malinha...

– E então o resto das coisas em cima da cama?

Sunny apanhou algumas coisas e voltou a enfiá-las no guarda-fatos.

– Já está. – Ofereceu-lhe um sorriso.

Mac suspirou. Sunny não mudava. Entretanto continuava ao telefone, à procura de um hotel.

– Parece que todos os turistas do mundo vão a Paris em junho – resmungou. – Todos os hotéis estão lotados.

Sunny voltou a afundar-se na cama, com a visão da sua noite *sexy* em Paris a desaparecer com rapidez. Mesmo assim, a alternativa era bastante boa.

– Podemos sempre ir à praia. – Abriu o fecho da mala. – Deixa-me apanhar o fato de banho.

Mac abanou outra vez a cabeça.

– Temos de localizar o proprietário da *villa*. Estou convencido que tem qualquer coisa a ver com a burla. Vamos para Paris e lá vemos se conseguimos encontrar um hotel.

Sunny lançou-lhe um olhar de «não me faças isso». Pediu:

– Dá-me o telefone.

Ligou para as informações e pediu o número do Ritz em Paris. Quando atenderam, pediu para falar com o gerente.

– Diga-lhe que é uma amiga de Allie Ray. Chamo-me Sunny Alvarez.

Piscou o olho a Mac. Allie Ray era uma estrela de cinema mundialmente famosa e uma pessoa muito influente. Além disso, Allie Ray *era* amiga de Sunny. De facto, Mac e ela tinham salvado a vida de Allie. Sunny sabia que Allie não se importaria que usassem o nome dela.

– Madame Alvarez, como possa ajudá-la? – O gerente estava ao telefone.

Com um sorriso na voz, Sunny explicou de forma sedutora a sua situação difícil.

– Estou aqui em França para visitar Allie. Sei como ficaria incomodada se eu não conseguisse reservar um quarto no Ritz.

– Mas, *madame*, claro que temos um quarto para si. O Ritz acolhê-la-á com prazer. E, por favor, transmita os meus cumprimentos a Miss Ray. Diga-lhe que contamos hospedá-la aqui no Ritz da próxima vez que vier a Paris.

O rosto de Sunny ostentava agora uma expressão presunçosa de satisfação consigo própria quando devolveu o telefone a Mac.

– A tentar impressionar com nomes famosos – comentou este.

Sunny encolheu os ombros.

– Qual é a vantagem de conhecer pessoas famosas se não podemos mencioná-las?

Mac ria-se quando lhe passou um braço pelos ombros e a empurrou às arrecuas para cima de uma pilha de roupa.

– Fazia amor contigo se não tivéssemos um avião à espera.

Sunny colocou-lhe as mãos nas duas faces, sorrindo. Esfregou o nariz no dele e depois pousou os lábios na sua boca.

– Que espere – murmurou, deslizando por baixo dele.

O QUARTO DE BERTRAND era um tudo-nada maior do que o de Laureen, mas tinha um aspeto muito diferente. Numa mesa desmontável colocada sob a janela encontrava-se um velho portátil, bem como um pequeno rádio e leitor de CD que exibia as horas em números verdes luminosos. A empregada deixara uma pequena pilha de roupa lavada em cima da cadeira há alguns dias e ali ficaria até serem usadas, sendo depois substituídas por novo conjunto, porque Bertrand não se incomodava com armários e gavetas. Porém, conservava algumas peças de roupa no velho armário de pinho, não porque fosse arrumado, mas porque escondiam o seu traje noturno: a capa de camuflado e os velhos binóculos.

Estava sentado em frente do computador, martelando com dois dedos, inserindo informação que considerava importante, como os acontecimentos que tinham ocorrido em Chez La Violette na outra noite e as estranhas pessoas que haviam chegado a meio da tempestade.

– *Riders on the storm...* – A voz baixa de Jim Morrison quase parecia sussurrar no minúsculo leitor de CD. A música errava pelo quarto minúsculo.
– *Riders on the storm...*

Bertrand usava apenas um par dos seus habituais calções, demasiado largos, seguros pela gravata gasta de seda às riscas que fora do pai. Não se recordava de alguma vez ter visto o pai, embora a mãe lhe tivesse contado que tinha um ano quando o pai os deixara.

Era demasiado novo para se lembrar de alguma coisa, não era?, perguntara Bertrand. Mas a mãe respondera que era uma pena o pai não ter partido mais cedo; assim, Bertrand não teria de se preocupar com o facto de se lembrar dele ou não, e nem ela.

Bertrand encontrara a gravata no fundo de um armário. Pusera-a na gaveta onde guardava uma pequena caixa de cartão com buracos perfurados na tampa e duas lagartas verdes que alimentava com folhas de nastúrcio apanhadas no parque perto de onde vivia, em St. Cloud, nos subúrbios de

Paris.

Por fim, as lagartas tinham acabado por morrer e, durante muito tempo, Bertrand nem sequer olhara para a gravata. Até que um dia não conseguia encontrar o cinto e, visto que os calções lhe caíam por ser tão magro, usara a gravata a servir de cinto. Para desgosto da mãe, usava-a desde essa altura.

Lá fora, o sol abrasava, filtrando-se através das folhas das árvores no pátio para o seu quarto. O hotel encontrava-se em silêncio e sabia que toda a gente devia estar ou na piscina ou na praia. Bertrand nunca lá ia. O seu corpo era branco como alabastro e poderia parecer que vivia na Sibéria pelo pouco sol que apanhava.

O cabelo comprido, loiro e escorrido, escorregou-lhe para os olhos. Irritado, levantou-se, foi até à casa de banho, pegou numa tesoura e cortou-o de forma irregular na testa. Observou o resultado no espelho. Encolheu os ombros. Pelo menos, já não lhe cairia para os olhos. Ajustando os óculos de plástico claros com as suas lentes grossas, voltou ao trabalho. Depois ouviu alguma coisa.

Endireitou-se na cadeira. Olhou para trás. Escutou. Lá estava outra vez.

Na frincha por baixo da porta, viu um pequeno nariz preto. Espantado, abriu a porta de supetão. Um cão esguio, castanho-acinzentado, com três pernas e um olho encontrava-se sentado sobre a pata traseira e ofereceu-lhe um sorriso. Bertrand nunca vira um cão que conseguisse sorrir. Nem nunca vira um cão só com três pernas. E só com um olho. Nem um cão tão feio. Sentiu uma afinidade instantânea.

O cão passou por ele, saltou para a cama e deitou-se entre os lençóis emaranhados. Ali ficou, a arfar ligeiramente, depois pousou o nariz entre as patas, como se pretendesse fazer uma soneca.

– *Pirate? Pirate?* Onde estás?

A voz da mulher vinha do corredor. Ainda junto à porta aberta, Bertrand refletiu com celeridade. Estava num dilema. Não podia fechar a porta e prender o cão dentro do quarto. E não podia pedir à mulher que entrasse no seu quarto e viesse buscar o cão.

– Oh, olá. – A mulher parou à porta. – Por acaso, não viste um cão, viste? Um cão com três patas?

Era a mulher de Chez La Violette! A que ele pensara ser prisioneira, mas mais tarde decidira que estava lá por causa de um encontro secreto importante.

– *Le chien est ici, madame* – admitiu com relutância.

Espreitando, Sunny viu *Pirate* em cima da cama em desordem.

– Oh, sinto muito. – Apressou-se a entrar e agarrar o cão. – Peço desculpa por *Pirate*.

Depois deteve-se e olhou como deve ser para Bertrand, todo ele ossos e óculos coroados por uma trunfa de cabelo loiro que parecia ter sido cortada com uma máquina de cortar relva mal afiada.

– Olá, chamo-me Sunny. – Ofereceu-lhe a mão.

Bertrand lançou-lhe uma olhadela desconfiada por trás dos óculos. Não falava com ninguém se pudesse evitá-lo, mas agora não tinha escolha.

– Bertrand Olivier. – Pegou na mão e inclinou-se sobre ela com uma pequena vénia formal.

Sunny nunca conhecera uma criança que fizesse vénias.

– Viva – retorquiu, afável, porque era óbvio que o rapaz estava nervoso. – Estás hospedado no hotel com a tua família?

– Com a minha mãe – respondeu Bertrand, reservado.

Não queria explicar que a mãe o deixara ali e que ninguém sabia onde ela estava. Telefonara-lhe uma vez. Estava em Itália, dissera. Mas agora sentia algum pânico porque sabia que a conta do hotel não fora paga. E se ela não voltasse? Pô-lo-iam na cadeia? Mas aquela mulher não tinha nada a ver com isso.

– *Pirate* gosta de ti – disse Sunny. Depois, com súbita inspiração e porque pressentiu a solidão do rapaz. – Sabes uma coisa, o meu noivo e eu temos de ir a Paris por dois dias. Vamos deixar *Pirate* aqui. Pedimos ao pessoal do hotel para cuidar dele, têm uma espécie de canil nas traseiras, mas porque *Pirate* gosta de ti... quer dizer, escolheu-te, veio ter à tua porta, certo?

– Certo – replicou Bertrand, ainda desconfiado.

– Pensei que poderias gostar de o levar a passear.

Sunny fitou-o esperançada. Toda a gente sabia que rapazinhos e cães deviam andar juntos.

– No entanto, o pessoal do hotel seria responsável – acrescentou, porque, no final de contas, era apenas uma criança.

– Compreendo – disse Bertrand. – Terei muito gosto em levar *Pirate* a passear.

Secretamente, sentia-se radiante, já a pensar com antecipação nas horas da noite em que ele e o seu novo cão deambulariam pelo mundo juntos.

– Se *Pirate* quiser, pode dormir na minha cama – acrescentou, generoso.

Sunny sorriu contente, ainda um pouco preocupada porque o rapaz era algo estranho.

– Muito bem – disse em francês. – Pede então ao gerente para levar *Pirate*. Quando quiseres. Está bem?

– *Okay*. – Bertrand observou-a e ao cão a afastarem-se pelo corredor, depois fechou a porta e voltou ao seu computador.

Quando Sunny entrou no quarto, viu Mac a atirar algumas coisas para o seu saco de viagem, observado por uma *Tesoro* nervosa.

– Acabei de conhecer um rapaz estranho. *Pirate* estava aninhado em cima da cama dele, como se lhe pertencesse. Chama-se Bertrand Olivier. Disse-lhe que íamos embora e que se quisesse podia levar *Pirate* a passear.

– *Okay* – retorquiu Mac.

Bateram à porta. Mac foi abrir. Deparou-se com Little Laureen ainda vestida com o *tutu* cor de laranja do dia.

– Oh, olá, Little Laureen. – Sunny sorriu, surpreendida.

– Olá. – Laureen fitava os pés enfiados nas sapatilhas de balé gastas. – Sei que vão a Paris e pensei se poderiam deixar-me por favor cuidar de *Tesoro*. – Levantou a cabeça, os olhos em geral inexpressivos suplicantes agora. – Podia dormir na minha cama – acrescentou apressadamente.

– Ora, Laureen, acho que é uma ideia maravilhosa – respondeu Sunny. – Não achas, Mac?

– Oh, com certeza – respondeu Mac, parecendo duvidoso.

– Agora sei que não vou precisar de me preocupar com *Tesoro* – observou Sunny, esperando, mais uma vez, estar a tomar a decisão certa. – E sei que *Tesoro* gosta de ti, Laureen, porque vi que te deixou fazer-lhe festas.

– *Tesoro* sabe que tomarei conta dela – declarou Laureen, solene. Depois, com um aceno breve da mão e um olhar demorado à pequena cadela, saltitou pelo corredor fora em direção ao seu quarto.

– Pensei que Billy e a filha iam à praia – comentou Mac, vendo-a partir.

– Creio que Little Laureen ainda não está muito preparada para as praias de Saint-Tropez – replicou Sunny, pensativa. – Esperemos que *Tesoro* a ajude a soltar-se um pouco.

Mac suspirou. Pessoalmente, não se sentia muito otimista em relação às capacidades mágicas de *Tesoro* com as pessoas.

SARA STRANGE ESTAVA SENTADA, de ombros caídos, na beira da cama, a fitar a pilha de sacos de compras com nomes como *Blanc Bleu*, *Cavalli*, *Erès*, *Sergio Rossi*; nomes que só vira em revistas. Belinda tomava um duche: «Lavar todo aquele suor do provador» como explicara. Dissera a Sara que iam à praia e que devia usar o novo biquíni *Erès*.

– Nunca usei um biquíni antes – protestara Sara na loja, quando Belinda a obrigara a entrar na cabina de provas com meia dúzia de trajes minúsculos para experimentar.

Mas Belinda só se rira.

– Ora, vamos lá, até no Kansas devem usar biquínis.

E depois, quando Sara ainda se debatia para enfiar o biquíni cor de lavanda às riscas, Belinda espreitara lá para dentro e dissera:

– Sara Strange, onde andaste a esconder esse corpo! O namorado não o merecia mesmo, tens andado a dá-lo como presente, rapariga.

Corando, Sara replicara que não se sentia à vontade com aquele traje, mas Belinda chamara a vendedora e dissera que levavam os dois, mais o cafetã turquesa e o páreo branco.

– Belinda, não tenho dinheiro para isto – gemera Sara. – E não posso deixar-te pagar. Verdade, não posso...

– Não sou *eu* que pago. É *o marido*. E visto que ele está em pé de igualdade com o namorado, formamos uma equipa. Certo, Sara Strange?

Belinda fizera o gesto de «dá cá mais cinco». Sara não sabia muito bem como funcionava o cumprimento e a coisa saíra um pouco desastrada, o que fizera com que Belinda se risse um pouco mais.

Tinham comprado sapatos *Sergio Rossi* e Belinda, amável, deixara que Sara adquirisse os de cunha em vez dos de saltos muito finos. Eram altos, mas pelo menos tinha alguma hipótese de conseguir andar com eles. E nada de razoável e confortável como preto. Estes eram de um verde maçã, tipo pele de cobra, e apertavam com laços bonitos à volta dos tornozelos de Sara

que, comentara Belinda, eram com certeza bastante esguios para os poder usar.

Tinham «encontrado» – termo usado por Belinda para «comprado» – um vestidinho de seda *Cavalli* com mangas tufadas – «para esconder os teus braços magros, minha querida» – e uma espécie de agasalho em seda com pregas na parte da frente para fazer conjunto, tudo da cor de alperces frescos.

– Não devia ser verde para condizer com os sapatos? – perguntara Sara.

Mas Belinda respondera com firmeza:

– Nada de «conjuntinhos coordenados».

Por esta altura, Sara estava a ficar ligeiramente farta do que Belinda dizia e a desejar, como Dorothy em *O Feiticeiro de Oz*, estar de novo no Kansas. Mas Judy Garland não teria tido de ir a pé, todas as manhãs, para um emprego seguro no hospital onde trabalhava como responsável pelos recursos humanos no centro de cirurgia, parando primeiro para o seu *Starbucks* diário, ou pelo menos parava até ao ano anterior quando começara a poupar para o cruzeiro. E agora que pensava nisso, por que razão o namorado *não* tivera de poupar para aquele cruzeiro?

De facto, não parecera nada incomodado com o custo da viagem. E nem sequer lhe comprara um anel de noivado, dissera apenas que o adquiririam quando pudessem ter dinheiro para isso. Oh, pois, e seria quando?, pensou Sara agora.

Na realidade, estava a pensar por que razão Mr. Atraente-Conquistador-Sedutor-Mulherengo se preocupara sequer com ela. Só que, claro, vivera de graça no seu pequeno apartamento T1 durante um ano ao mesmo tempo que viajava «em trabalho». E «para poupar dinheiro para comprar uma casa quando casarmos» dissera.

Agora Sara perguntava-se por que motivo as mulheres descobriam sempre demasiado tarde que estavam a ser usadas. De facto, vira cada vez menos o noivo – todas aquela viagens «em trabalho» – à medida que o ano avançava e, se não tivesse marcado e pago pessoalmente o cruzeiro – ele prometera reembolsá-la –, sabia agora que o namorado não teria ido com ela.

– Estúpida! – exclamou alto, angustiada. – Como és estúpida, foda-se.

Nunca na vida empregara a palavra começada por f e interrompeu-se, chocada.

– Será que acabei de te ouvir dizer *foda-se*?

Belinda encontrava-se à porta da casa de banho vestida com um biquíni

branco que era, pensou Sara, ainda mais pequeno que o dela.

– Bem, suponho que podemos chamar-lhe progresso – riu-se Belinda. Examinou Sara. – Devíamos ter encontrado um par de sandálias de praia para ti.

– Tenho as minhas chinelas de dedo.

– Pois, compradas nalgum *drugstore* por dois dólares e uns trocos. Sorte a tua estarem agora na moda. *Okay*, arranja-te lá então. Vamos para a praia.

Com relutância, Sara pegou nos dois biquínis.

– O das riscas – decidiu Belinda.

Era o que tinha os triângulos mais pequenos na parte de cima e Sara remexeu o tecido fino entre os dedos, com ar desgraçado.

– Não te preocupes, de qualquer maneira vais tirar a parte de cima – declarou Belinda.

Com um arquejo chocado, Sara bateu em retirada para a casa de banho. Fechou a porta com firmeza. Não ia tirar a parte de cima. *Nunca. Nunca na vida.* A mãe matava-a. Não! Ia usar o cafetã turquesa por cima do biquíni e o grande chapéu de palha e rezar para que ninguém olhasse sequer para ela.

Quando Sara apareceu por fim, Belinda estava à espera, a bater impaciente com a sandália dourada.

– Caramba, pensei que te estavas a aprontar para um baile. – Os olhos azuis penetrantes avaliaram Sara, da cabeça aos pés. – Bastante bem – decidiu, acenando com a cabeça. – De facto, um melhoramento nítido. Certo?

– Certo – admitiu Sara, embora ainda não acreditasse muito.

– Bem então, vamos lá. Almoçamos na praia. Fazemos um brinde ao marido com o *rosé* de Saint-Tropez. Ou talvez champanhe? – Belinda refletiu no assunto. – Não, às vezes o champanhe pode dar dor de cabeça ao sol. Vai ser *rosé*. No final de contas – acrescentou, sorrindo radiante para Sara e dando-lhe o braço –, o gajo é que paga, não é?

BILLY, ainda com o chapéu enterrado sobre os olhos, estava empoleirado no bar do Clube 55, geralmente conhecido como Le Cinquante-cinq.

– Outra cerveja, Texas? – O empregado do bar ergueu uma segunda garrafa de *Kronenbourg*.

– Porque não? – concordou Billy, exibindo o seu grande sorriso amigável.

Era impossível não gostar de Billy Bashford. Era tão sociável e acessível e tão curioso em relação a este novo país e sua gente. Maravilhava-se com as mesas apinhadas, protegidas do sol por pregas de tela branca sustentadas por frondosas tamargueiras cujas folhas ondulavam na brisa suave. Estava espantado por serem quase três horas e todas aquelas pessoas estarem ainda a almoçar e a beber vinho como se fosse meio-dia. Bem, lá na sua terra, teriam terminado ao meio-dia e meia, no máximo. Uma sanduíche rápida, uma cerveja e de volta ao trabalho.

Claro que se calhar estavam de férias e teriam dormido até tarde, mas Billy não comia nada desde aquele café e *croissant* por volta das oito da manhã e, caramba, o seu estômago roncava.

– Acha que me consegue arranjar uma mesa? – perguntou ao empregado do bar que assentiu e chamou o chefe de mesa que, afinal, era o dono do restaurante e que disse «Cinco minutos, Monsieur Texas, e já vai ter a sua mesa».

Tudo bem para Billy. Ou pelo menos era até que avistou Belinda Lord a fazer uma entrada espetacular, seguida pela rapariga Strange que se escondia sob um chapéu de palha que era quase tão grande como o seu. Sara estava com um aspeto diferente. Vestia uma coisa bonita, embora os braços e pernas magríssimos ainda a fizessem parecer a eterna criança abandonada, ao passo que Belinda tinha um biquíni branco por baixo do seu cafetã transparente e não era preciso ser grande perito para perceber que possuía um belo corpo. De facto, Billy nunca vira uma mulher exatamente como Belinda: cintilante, bronzeada, macia como seda. Claro que também tinham mulheres muito

bonitas em Dallas, não que lá fosse muitas vezes, porque, apesar da sua riqueza, de alguma maneira, Betsy e ele nunca tinham frequentado essa sociedade elegante.

Somos «pessoas simples e caseiras», sempre dissera Betsy e era verdade. Para Billy, não havia sítio nenhum como a sua casa, embora, tristemente, com Betsy desaparecida, já não parecia tanto um «lar». Agora faltava-lhe alma.

– Ora, ora, Billy Bashford. – Belinda deslizou para o banquinho de bar a seu lado. Inclinando-se para ele, depositou-lhe um beijo rápido primeiro numa face, depois na outra e outra vez na primeira. – Para sua informação, Billy, isto é um verdadeiro «beijo francês» – declarou com aquele sorriso que lhe iluminava o rosto como um facho numa noite escura.

Corando, Billy levantou-se, célere, e ofereceu a Sara o seu assento. Sentia-se nervoso ao pé de Belinda.

– Não, não, por favor – Sara afastou-se.

E Belinda ripostou, impaciente:

– Oh, por amor de Deus, Sara, és como aquela dama de companhia naquele filme antigo *Rebecca*, antes de se casar com Laurence Olivier e se tornar a Mistress Winter. Tens de parar com isso. Quando um homem te oferece o seu lugar, aceitas. – Refletiu durante um momento. – A não ser que seja um completo desconhecido, claro, caso em que terias de perceber primeiro qual era o jogo dele. Nada de mais gentilha, não é?

Sara deslizou com humildade para o banquinho de bar, ainda quente do amplo traseiro de Billy.

– Obrigada – disse para Billy.

– De nada, Sara. Bem, o que vão tomar? Um martíni? Champanhe?

– Vamos pedir um *rosé Château Minuty* – retorquiu Belinda. – É sempre bom. E visto que vamos almoçar, porque não almoça connosco, Billy?

Este sorriu-lhe, encantado.

– Bem, obrigado, teria muito gosto em almoçar convosco – respondeu, formal. – Mas sou eu que ofereço.

– Não, nada disso. É o marido. – A voz de Belinda era decidida e fria. – Vou gastar tanto dinheiro dele quanto puder enquanto ainda tenho essa oportunidade. Depois disso, terei de ir a tribunal para conseguir algum e, acreditem, não será fácil. Aquele sacana vai ameaçar-me, vai atemorizar-me e, é provável, tentar matar-me. Mas, raios, saldei as minhas dívidas, vou

atingi-lo onde lhe doer mais.

Os olhos de Sara esbugalharam-se de choque.

– Belinda, ele não vai mesmo tentar matar-te? Quero dizer, não a sério...?

– Oh, sim, vai. Claro que não vou deixar que consiga, mas vou ter de vigiar a retaguarda, como vocês, texanos, dizem. – Deu a Billy uma pequena cotovelada nas costelas.

Billy devolveu-lhe o sorriso, perplexo.

– Acho que não iremos deixar que isso lhe aconteça – afirmou, solene. – Não com Mac Reilly e comigo por perto, não vamos não.

– Mais Nate Masterson – comentou Sara, avistando-o entre a multidão.

– Oh, meu Deus, e com o seu traje de abelhão.

Belinda riu-se, observando Nate que se encontrava no passadiço de tábuas de madeira, na entrada revestida de árvores. Ainda vinha com o capacete, embora com os óculos de proteção puxados para cima, e vestia os calções e camisola de licra amarelos e pretos de ciclista, que se agarravam ao corpo como uma segunda pele. Tinha de admitir, no entanto, que ofereciam um vislumbre muito tentador do que ficava por baixo: duro e musculoso e, de facto, muito atraente.

– Nate! – berrou Billy e houve cabeças que se viraram para olhar. – Aqui, Nate. – Foi ao encontro dele. – Venha almoçar connosco. Vamos experimentar uma garrafa daquele *rosé* do Sul de França de que toda a gente fala.

– Provei ontem, posso recomendá-lo. – Nate tirou o capacete e os óculos protetores e colocou os óculos de aros grossos.

Belinda pensou que agora a sua parte superior parecia um homem de negócios nova-iorquino de férias e que a parte inferior parecia um concorrente do Tour de France.

– Ei! – exclamou, com aquele sorriso malicioso outra vez. – Porque não almoça connosco, Nate? Assim, podemos falar de toda a gente.

– Não há mais ninguém de quem falar, estamos todos aqui – replicou Sara, mas depois percebeu quem faltava. – Oh, mas Billy, onde está Little Lauren?

– A minha menina decidiu que não queria vir à praia. E eu tinha aprontado tudo para ela.

Acenou com uma mão para a areia dourada para lá do restaurante onde ondas minúsculas lambiam a beira-mar e corpos bronzeados se reclinavam

em colchões de praia, servidos por jovens de calções brancos, que lhes traziam bebidas e dispunham o almoço para nunca terem sequer de se mexer.

– Mas a minha menina não quer estar aqui. Quer ficar no quarto. Ou no salão do hotel a ver desenhos animados franceses, ou talvez a fazer um *puzzle* e com a esperança, creio, de levar aquela pequena cadela *chihuahua* a dar um passeio. Perguntei-lhe «Laureen, ficas bem sozinha?» E ela respondeu «Papááá», como faz sempre quando se chateia com o pai. Por isso, fi-la prometer que não saía dos jardins do hotel e não ia nadar sozinha na piscina. Nem para a praia, sem eu ir com ela. – Billy encolheu os ombros. – Que mais pode um pai fazer, pergunto eu?

– Não muito mais – anuiu Belinda. – Além disso, você precisa de passar algum tempo com adultos, sozinho. E Laureen precisa de passar algum tempo sem si, paizão.

Billy conseguiu mostrar um sorriso, mas ainda pensava em Laureen. Controlando-se, interpelou:

– Então, o que me diz, Nate? Um par de garrafas daquele belo *rosé* para começar?

– Porque não? – concordou Nate, quando o empregado veio conduzi-los a uma mesa à beira da praia, onde as ondas batiam com suavidade e o sol resvalava por entre as algarobeiras.

Belinda, que conhecia as coisas por ali, pediu o prato de *crudités* para todos. Quando veio, verificaram que era uma perfeita couve-flor inteira com minúsculas cenouras, pimentos vermelhos, tomates pequenos e pepinos; de facto, todo o tipo de legumes muitíssimo frescos, apanhados nessa mesma manhã.

Nate, como nova-iorquino sofisticado que era, julgara que os vegetais já viessem cortados em tiras e florinhas, mas no Cinquante-cinq cada um cortava pedaços da couve-flor estaladiça e mergulhava-os no molho *aioli* acabado de fazer. E barrava-se o pão ainda quente com manteiga tão boa que quando chegava à côdea se derretia num aveludado doce.

O *rosé Minuty* frio deslizava quase com demasiada facilidade e até Sara já ia no segundo copo sem se dar conta. Pediu-se nova garrafa e um robalo escalado, grelhado na perfeição com um perfume subtil de funcho.

– Sabem que mais? – disse Sara e Nate reparou que tinha as faces coradas e que os olhos cintilavam. – Estamos todos a divertir-nos – concluiu, surpreendida.

– Graças a Chez La Violette – replicou Billy.

Belinda ergueu o seu copo num brinde.

– A Madame Lariot, sem a qual nunca nos teríamos conhecido.

– A Madame Lariot – repetiram todos, satisfeitos consigo próprios.

Umas duas horas depois, Belinda apanhou o seu saco e o de Sara. Dirigindo-se para a praia, declarou:

– Sinto-me sempre bem quando sou eu a fechar um restaurante. Vamos. Temos de dormir para nos livrarmos daquele vinho.

Belinda despiu o cafetã, mas manteve a parte de cima do biquíni. Sara manteve tudo. Sentaram-se os quatro numa fila silenciosa nos seus colchões, a contemplar o mar, maravilhando-se com as suas tonalidades diferentes, de cobalto a azul-turquesa, de verde-azulado a transparente.

– Pergunto-me. – Nate quebrou o silêncio. – Que progressos estarão Sunny e Mac a fazer em Paris.

PARIS NUMA NOITE CALMA DE JUNHO era tudo o que Sunny imaginara. As árvores floriam, a Torre Eiffel cintilava à distância e os cafés estavam apinhados. Infelizmente, Mac dissera que não havia tempo a perder e mal tivera um minuto para se registrar no Ritz, dar uma vista de olhos ao quarto, todo estampado em seda amarela e mobília Luís qualquer coisa e depois dar uma vista de olhos ao famoso Bar Hemingway.

– Nem sequer um copo rápido de champanhe? – pediu em tom queixoso.

– Isso de um copo «rápido» de champanhe não existe – retorquiu Mac. – Pelo menos tens de arranjar tempo para o apreciar.

– Arranjo se tu arranjares! – disse Sunny, mas as suas esperanças saíram goradas quando Mac pediu ao porteiro para chamar um táxi que chegou com demasiada prontidão.

E agora Mac nem sequer olhava para ela, nem para Paris, que voava pela janela do táxi como uma sequência de sonhos num filme. Estava a falar ao telefone com Roddy, o seu assistente, em Malibu.

Roddy encontrava-se no deque da casa de Mac em Malibu.

– Não vais acreditar como isto aqui fora está fantástico hoje.

– Pois. Acredito.

– Só dez da manhã – continuou Roddy – e já estão vinte e quatro graus. Os surfistas estão ali a cavalgar as ondas, sem dúvida a desejar que fossem maiores e, a propósito, as tuas janelas precisam de ser outra vez lavadas.

Mac suspirou. Na praia, as janelas precisavam sempre de ser lavadas. Roddy tinha trinta e tal anos, era esguio, compacto, loiro oxigenado e *gay*. E quando começava, nunca mais parava de falar.

– Avança lá com isso, Roddy.

Pressentiu o sorriso no rosto de Roddy quando este respondeu:

– Só queria fazer-te ciúmes...

– Já te esqueceste? Estou em Paris?

– Por isso é que te queria fazer ciúmes. Escuta, da próxima vez que fores

para a Europa, vais precisar do teu assistente. Não é?

– Por amor de Deus, conta-me as novidades.

– A novidade é que Mister Krendler é rico. *Mesmo* rico. A morada que te dei é num dos melhores *quartiers* de Paris, o Champ de Mars. Repleto, assim ouvi dizer, de BCBT...

– O que raio são BCBT e porque deveria importar-me com eles?

– *Bon Chic Bon Ton* ou, por outras palavras, *yuppies* ricos e bem-educados de famílias antigas.

– E Krendler?

– Um mistério. Grande casa, mas raramente visto em público, exceto em visitas à ópera. Na qualidade de fã e também contribui bastante para a angariação de fundos da mesma, embora nunca frequente as suas festas. Nem aceita louvores pelas suas boas obras.

– *Hum*. – Mac não estava a gostar da coisa. – Então ou é um anjo renascido ou esconde alguma coisa.

– Tipo o quê? – perguntou Roddy.

– É isso que estou prestes a descobrir. Telefono-te depois.

Mac desligou. Fitou Sunny, que olhava lá para fora, entusiasmada. Vivera em Paris durante um curto espaço de tempo, há anos, e agora estava a recordar tudo. O rosto iluminava-se de prazer e o coração de Mac derreteu-se de novo, como já acontecera um milhar de vezes desde que a conhecera.

– Ouvi falar de um pequeno sítio – disse, pegando-lhe na mão. – Le Comptoir du Relais em Saint Germain. É o sítio da moda para jantar e não é fácil marcar, mas consegui que o hotel nos reservasse uma mesa.

– Rapaz esperto. – Sunny aninhou a cabeça no ombro dele.

O táxi parava em frente de uma casa alta e imponente que dava para uma praça com árvores.

– Chique – comentou Sunny, admirando o telhado de mansarda com telhas azuis com as suas janelas salientes no último andar, resguardando o que, disse a Mac, seriam outrora, sem dúvida, os quartos dos criados. – E talvez ainda sejam – acrescentou, pensativa, quando ele tocou à campainha.

A porta foi aberta de imediato por um empregado de casaco branco imaculado e luvas brancas. Mac pensou que mesmo nas zonas mais pomposas de Malibu seria difícil encontrar empregados com luvas brancas.

– Mister Reilly e Miss Alvarez para Mister Krendler – disse. – Ele está à nossa espera.

– Com certeza, senhor. Queiram seguir-me, por favor.

Seguiram o mordomo inglês através de um vestíbulo alto cuja grandiosa escadaria de ónix subia em curva quatro pisos até um teto em *trompe l’oeil* com querubins pintados num céu azul com uma mão-cheia de nuvens.

– Um pouco excessivo – murmurou Mac. – Não estou a imaginar aquilo por cima da nossa cama em Malibu.

Sunny ficou emocionada ao ouvi-lo referir-se à cama dele como «a nossa cama». A esperança era a última a morrer.

O mordomo conduziu-os a um salão de esplendor dourado. As paredes estavam forradas com o que os franceses chamam *boiserie*, madeira pintada, neste caso uma tonalidade glacial de verde pálido realçada a dourado. Sunny recordou-se que as paredes do *boudoir* de Violette estavam apaineladas de forma semelhante. Devia ser uma moda francesa. E apostaria que aqueles enormes lustres eram *Baccarat*. O mobiliário tinha um aspeto pouco sólido e desconfortável, do período de *Luís XVI*, e pesados cortinados de seda verde-escura quase cobriam as janelas, deixando a grande sala numa espécie de penumbra.

– *Monsieur, madame*, queiram sentar-se, por favor. – O mordomo nem sequer mostrou um sorriso de boas-vindas. – Monsieur Krendler vem já ter convosco. Posso oferecer-lhes alguma coisa? Chá, café, uma bebida?

– Um chá seria ótimo – respondeu Sunny, decidindo por impulso testá-lo, ver quanto tempo Mister Mordomo Inglês Superior levaria a trazer-lhe uma chávena de chá.

– E *monsieur*?

Mac abanou a cabeça.

– Nada, obrigado.

Sunny empoleirou-se na beira de um sofá rígido de brocado verde pálido. Com o seu vestidinho preto e os sapatos vermelhos *sexy* de saltos altos, com o cabelo comprido brilhante apanhado num puxo elegante, costas direitas, joelhos convenientemente juntos, tentava estar à altura do ambiente que a rodeava.

– Pareces uma professora vitoriana.

– E esta sala é como o cenário de uma ópera.

Fotografias em molduras de prata salpicavam o piano de cauda preto. Sunny reconheceu Maria Callas com um certo beicinho nos olhos e na boca grande. «Para Joel Krendler, com gratidão», assinara Callas. Claro que havia

Pavarotti e outros que Sunny não conhecia, mas que eram sem dúvida famosos, porque não parecia que Mr. Krendler conhecesse alguém no mundo da ópera que não fosse famoso. Por estranho que parecesse, havia um bronze em tamanho natural de um galgo em frente da lareira ornamentada de mármore verde, sobre a qual se via um sinistro quadro a óleo de um veado assassinado no que pareciam ser as terras altas da Escócia.

Bateram à porta e uma empregada de uniforme branco entrou com uma bandeja de prata onde vinha um serviço de chá *Limoges*: chávena muito fina de um verde pálido, bule a condizer, leiteira e açucareiro. Uma minúscula colher de prata flor-de-lis tinha alegremente contra a loiça quando a empregada pousou a bandeja em frente de Sunny.

– *Madame* – disse, com rosto impenetrável.

Sunny agradeceu e observou-a a sair com celeridade.

– Ninguém sorri por aqui – sussurrou para Mac.

– Talvez porque tenham medo do patrão.

– Mesmo assim, nota máxima para o serviço – acrescentou Sunny. – Levaram exatamente quatro minutos.

Mac olhou para o relógio.

– E Mister Krendler tem-nos à espera há cinco minutos.

De facto, Mr. Krendler fê-los esperar vinte e cinco minutos, antes de o mordomo abrir por fim as altas portas duplas.

Mac encobriu a sua surpresa. Krendler vinha numa cadeira de rodas. Não admirava que fosse raro frequentar cerimónias e quase nunca fosse visto fora de casa.

Krendler rondava a casa dos sessenta, um homem possante e atraente que, até na sua cadeira de rodas, emanava aquela sensação de poder que significava que nada lhe estava vedado. Mac percebeu que era um homem que conseguia ter, e se calhar tinha, qualquer coisa que desejasse. Impecável, num fato azul-escuro às risquinhas, camisa branca e gravata verde-escura, ainda exibia vestígios de atleta e, com a sua juba de leão de cabelo prateado, pele pálida, olhos escuros penetrantes, nariz saliente e olhar frio, podia ter assumido com facilidade o papel de Dom José, o brutal soldado na ópera *Carmen*.

Krendler ignorou Sunny, sentada com a sua chávena de chá no sofá verde pálido e parecendo, com o cabelo preto e os luminosos olhos cor de âmbar, como se pudesse, de facto, ter interpretado o papel de Carmen.

Porém, Krendler olhou para Mac.

– Mister Reilly.

Falou numa voz baixa com um sotaque ligeiramente sibilante. Não era francês, decidiu Mac de imediato.

– Permita que lhe apresente Miss Alvarez. – Mac não ia deixar Krendler safar-se com aquele tipo de descortesia.

Krendler inclinou a cabeça na direção dela, mas os olhos mantiveram-se assestados em Mac.

– Já vi os seus programas televisivos. Também os temos aqui em França, sabe. Julgo que são muito interessantes. Muito astutos. Penso que é um homem inteligente, Mister Reilly.

– Muito obrigado – retorquiu Mac. – De qualquer modo, o programa pretende ser de entretenimento.

Krendler assentiu.

– Compreendo o que significa «entretenimento», embora pessoalmente me interesse mais pelas artes.

Sunny beberricou o seu chá. A colher retiniu no silêncio e, por isso, apressou-se a voltar a colocá-la na bandeja. Apostava que, naquela casa, ninguém incomodava o senhor.

A atenção total de Krendler concentrava-se em Mac e Sunny aproveitou a oportunidade para o examinar com mais atenção. Havia qualquer coisa estranha nele, embora fosse difícil dizer o quê naquela sala semiobscura. Observou-o melhor. Seria? Lançou um olhar a Mac, perguntando-se se ele teria reparado.

Krendler conduziu a cadeira de rodas para mais perto de Mac, indicando-lhe que devia sentar-se na cadeira a seu lado.

– Está aqui apenas por causa do seu programa, Mister Reilly – afirmou. – Em geral, não recebo pessoas que não conheça, nem encorajo publicidade.

– Nesse caso, agradeço-lhe o tempo concedido. – Mac decidiu ir direto ao assunto. – Estou aqui para falar de Chez La Violette.

– Aquele velho pesadelo. – Quase se detetava um gemido na voz forte de Krendler. – Sabia que algum dia voltaria para me assombrar.

Sunny ergueu a voz, surpreendendo-se:

– *Assombrar* é uma palavra estranha para escolher para Chez La Violette.

Pela primeira vez, Krendler olhou para ela. Pareceu apreciar o que viu porque retorquiu:

– A proprietária original foi uma mulher tão bela quanto a senhora, Miss Alvarez.

Sunny ficou espantada por o homem se recordar sequer do seu nome, visto tê-la ignorado de forma tão completa. Sentiu que enrubescia. Raios, ela nunca corava. Aquele homem estava a enervá-la.

– Obrigada. – Voltou a colocar a bonita chávena de *Limoges* na bandeja de prata, conseguindo entornar o seu conteúdo. Fitou angustiada o chá, que pingava por todo o lado.

Krendler pediu a Mac:

– Não se importa, por favor, de tocar nessa campainha junto à lareira? Edwards trata de limpar tudo.

Mac premiu a campainha e sorriu para Sunny de forma encorajadora, com as sobrancelhas levantadas. O mordomo apareceu num segundo, o que levou Mac a pensar se não estaria a escutar atrás da porta.

– Porque disse que sabia que Chez La Violette voltaria para o assombrar? – perguntou.

Os dedos de Krendler tamborilaram nos braços da sua cadeira de rodas enquanto pensava na questão.

– Comprei Chez La Violette há dez anos – declarou por fim. – Imediatamente antes do acidente. Depois fiquei confinado a esta cadeira de rodas. Sabia que a casa estava em mau estado, mas a localização era encantadora, tinha vários quartos e os jardins eram perfeitos para receber. Quase logo que a comprei o telhado desabou e teve de ser substituído. Descobriu-se que as chaminés estavam desalinhadas e que precisavam de reestruturação. As paredes tinham rachas. Eu tinha passado quatro anos a batalhar com o Código Napoleónico para conseguir a posse total da propriedade e agora a casa estava a desabar à minha volta.

Olhou para Mac.

– Compreende o que é o Código Napoleónico? Quando uma propriedade, segundo a lei francesa, é deixada não apenas a uma pessoa, mas a uma família inteira, talvez até a gerações de uma família. Todos possuem uma fração e todos têm de ser encontrados e persuadidos a desfazerem-se da sua fração por forma a constituir um título de propriedade global. – Os olhos escuros dominadores cruzaram-se de novo com os de Mac. – Posso garantir-lhe que não é tarefa fácil. E agora vem falar-me de mais problemas?

Mac contou-lhe qual era na realidade o problema.

Krendler ouviu e depois replicou:

– Perdi o interesse em Chez La Violette. Não a visitei mais desde que efetuei a compra. Para lhe dizer a verdade, quis afastá-la da minha cabeça, pois pareceu-me que desde o dia em que a comprei, tudo na minha vida deu para o torto. Poder-se-á dizer que Chez La Violette se tornou uma espécie de enguiço.

– Então porque não vendê-la? – Sunny fez a pergunta lógica.

– Para falar com franqueza, minha querida Miss Alvarez... – a voz de Krendler era macia como seda ao prestar-lhe pela primeira vez a sua total atenção – ... para falar com franqueza, porque tinha receio até de pensar nisso, caso mais qualquer coisa corresse mal. Não há um velho ditado... «Não acordas cão que dorme»? Era isso tal e qual o que sentia em relação a Chez La Violette.

– E o fantasma de Violette?

O meio sorriso desdenhoso de Krendler pôs Sunny no seu lugar, o de mulher tola e fantasista.

– Creio que as pessoas acreditarão no que querem acreditar. – Virou-se para Mac. – Quanto à burla em que estão envolvidos, tudo o que posso dizer é que não sei nada sobre o assunto. Esse problema terá de ser o senhor a resolver, Mister Reilly. – Voltou a lançar-lhe aquele olhar duro e penetrante. – No final de contas – acrescentou com suavidade –, é o seu trabalho, não é?

Mac atirou a Sunny uma rápida olhadela de soslaio que ela sabia significar «vamos sair daqui». Levantou-se, alisando a saia do seu vestidinho preto. Estava contente por ter calçado as extravagantes sandálias de gladiador de pele vermelha com os saltos muito altos que faziam com que as suas pernas parecessem fantásticas. Para dar a este velho sacana implacável qualquer coisa que admirar, e que sabia que ele estava a fazer por entre as pálpebras meio fechadas.

– Obrigado por nos receber – agradeceu Mac, lançando uma espreitadela final à sala elegante, porém fria. Parecia uma sala que nunca fora habitada.

Desta vez, Krendler tocou a campainha para chamar o mordomo.

– Boa sorte com as suas investigações, Mister Reilly – disse e ambos detetaram o tom trocista da sua voz.

Não fez menção de lhes apertar as mãos, mas Sunny sentiu-lhe os olhos postos nela quando saiu.

– Não gosto dele – observou, aliviada quando a grande porta de entrada se

fechou atrás deles.

– O que te leva a dizer isso? – perguntou Mac e ambos se riram.

Era uma noite perfeita. As árvores na praça sussurravam na brisa e a escuridão assentava como um cobertor de veludo sobre a cidade bela.

Com os braços passados à volta da cintura um do outro, mandaram parar um táxi e beijaram-se um pouco enquanto este acelerava em direção ao local onde iam jantar.

– Uma coisa sei a respeito de Mister Joel Krendler – disse Sunny no Le Comptoir já com um copo de boas-vindas de champanhe *Ruinart*. – Estava a usar maquilhagem. Uma base pálida, do género usado em palco e até... – fez uma pausa com o copo meio erguido a caminho dos lábios – ... até *sombra para os olhos! Púrpura!*

– Ora – retorquiu Mac, pensativo –, por que razão faria uma coisa dessas?

LE COMPTOIR era moderno e informal, com algumas mesas que se derramavam para um pequeno terraço e um *chef* muito conhecido que prometia uma abordagem mais arrojada da habitual comida de *bistro*. Sunny gostou.

– Sem espalhafato – observou. – Sem excessos, sem fotos de Paris emolduradas a preto. E o champanhe é bom.

Mas Mac ainda estava a pensar em Krendler.

– Não notaste nada de peculiar naquela casa?

Sunny reviu com rapidez a imagem da sala de um verde glacial.

– E deveria?

– Krendler tem quadros maus nas paredes. Tipo aquelas cópias de mandarins chineses que se compram no mercado Stanley de Hong Kong por alguns dólares.

– Gosto dessas.

– Gostos não se discutem.

– Que mais? – Sunny bebeu outro gole do *Ruinart*, gostando ainda mais desta segunda vez e lançando uma olhadela às mesas vizinhas cheias de pessoas atraentes e bem vestidas, entretidas em conversa e com a comida.

– Esperar-se-ia encontrar um Monet ou dois, ou um Damien Hirst, não aquela paisagem escocesa sombria por cima da lareira, com o veado morto, e algumas «borradelas» modernas más.

Sunny estremeceu de forma encantadora.

– E aquele bronze em tamanho natural do galgo?

– Se calhar em memória do cão dele – retorquiu Sunny compreensiva.

– O tipo ou é um forreta ou uma fraude. Diz-me lá qual. – Mac fitou-a na expetativa.

– Er... bem... *hum*... quer dizer... Na verdade, não sei.

– E eu também não.

Sunny soltou o ar.

– Oh, graças a Deus. Por um minuto, pensei que estivesse à espera que eu resolvesse o mistério de Mister Krendler.

– Porque achas que é um mistério?

– Credo! – Desta vez, foi Sunny que o fulminou com o olhar. – Tu é que és o detetive, não eu.

Os olhares cruzaram-se, o dele pensativo, o dela irritado. Depois Mac riu-se.

– Desculpa, querida. Mas é uma casa muito cara numa zona muito cara de Paris, com um mordomo e uma criada e sabe-se lá que mais.

– Talvez o homem não tenha simplesmente gosto nenhum – retorquiu Sunny a tentar ajudar. – Sabes, talvez seja apenas um entusiasta da ópera. Viste todas aquelas fotografias de celebridades assinadas.

As sobrancelhas de Mac franziram-se de novo ao provar o *Sancerre* que pedira. Aceitou-o com um mero obrigado para o empregado, em vez de com os habituais comentários criteriosos. Mac era um sério entusiasta de vinho; estava ali em Paris a beber vinho francês e nem sequer reparava. Sunny percebeu que alguma coisa se passava.

– A Violette, que nos trouxe aos dois juntos a Paris. – Ergueu o copo, suscitando um sorriso de Mac, e bebeu um gole do vinho branco com um travo de dureza. – Uma escolha muito boa, Monsieur Reilly, grande detetive particular.

Mac lançou-lhe um olhar vivo.

– Então como achas que Krendler sabia do meu programa?

Sunny soltou um suspiro. Mac não largava o assunto.

– Porque não, tal e qual como ele disse? Aliás, de que outra forma poderia saber?

– Google.

– Mas porquê?

– Queria saber com que teria de se haver se nos encontrássemos. O detetive da televisão ia interrogá-lo sobre Chez La Violette e sobre a sua ligação com a burla do aluguer da casa?

– Claro que ias. Mas sabemos que ele é demasiado rico para se incomodar com uma fraude financeira tão pequena como essa.

Mac pensou um bocado e depois comentou:

– Será que pensou mesmo que não repararíamos na sombra para os olhos?

– É provável. Aquela sala era uma espécie de zona de penumbra, eu mal

conseguia vê-lo. Mas espera aí um minuto, os atores não usam sombra para os olhos azul quando querem ter aspeto de doentes? Tipo Elizabeth Barrett Browning tísica? Ou Camille?

– Estás a dizer que Krendler queria parecer mais débil do que na realidade é? E afinal quem é ele? E quando foi o tal acidente? E o que aconteceu mesmo? Há qualquer coisa que não bate muito certo.

– Mas a história dele é tão plausível – retorquiu Sunny. – O acidente, o problema com Chez La Violette, o enguiço...

– Um homem de negócios tão implacável como Krendler a falar de «um enguiço»? – Mac ergueu uma sobrancelha cético. – Duvido que as «emoções» tenham alguma vez desempenhado algum papel na vida do homem. E como será que fez fortuna? E que dizer de mulheres, ex-mulheres, filhos?

– Cães – acrescentou Sunny, prestável.

Mac fez um aceno aprovador.

– Os cães dizem muito sobre qualquer pessoa. Olha *Tesoro*, por exemplo.

– Temos de falar disso?

Sunny não estava a gostar nada do rumo da conversa e Mac ria-se dela. Estava a ficar muito farta de Joel Krendler e preferiu estudar a ementa. Ficou satisfeita por ver que era um menu de degustação, por isso não tinham na realidade de fazer escolhas, podiam simplesmente desconstrair e apreciar. Mas agora, para seu aborrecimento, Mac puxara do seu *iPhone* e escrevia uma mensagem.

– Não foi para isto que viemos a Paris – queixou-se.

– Estou só a contactar Ron Perrin para ver se faz mais alguma investigação sobre Krendler. Calculo que os multimilionários saibam sempre tudo uns sobre os outros.

– Ex – replicou Sunny.

– *Okay*. multimilionários. – Mac concluiu a sua mensagem. – E tens razão, não foi para isto que viemos a Paris.

– Sabes que mais? Temos um quarto maravilhoso só para nós no Ritz – disse Sunny com meiguice.

– Sem cães às lutas.

– Quem diria? – O sorriso de Sunny iluminou-lhe o rosto daquela maneira que Mac adorava.

– Claro que temos de ir dar um passeio mais tarde.

– O rio Sena, Notre Dame...

– Montmartre, o Quartier Latin, as Folies Bergères.

Riram-se e Joel Krendler foi temporariamente esquecido quando o empregado serviu creme delicado de aipo com *foie gras* e trufas e depois voltou a encher os copos de vinho.

Tudo estava bem no seu mundo parisiense.

Muito mais tarde, voltaram ao quarto no Ritz. Uma garrafa de champanhe, o *rosé Heidsieck* de que Sunny gostava, esfriava num balde de gelo, mas eles nem olharam.

Mac passou as mãos pelas ancas de Sunny. Excitado, percebeu que ela usava um cinto de ligas. Puxou-lhe a saia para cima. Meias de rede! Oh. Meu. Deus.

Sunny posou à frente dele, anca projetada, as pernas compridas ainda mais compridas com os sapatos vermelhos de saltos altíssimos e com aquele intervalo delicioso entre as meias e os calçõezinhos de seda preta. Mac mal podia esperar para a beijar.

– Gostas? – perguntou Sunny, com um sorriso atrevido, atirando o cabelo para trás num gesto de abandono fingido e espetando os lábios de forma *sexy*.

Mac gemeu, estendendo os braços para ela.

Manteve-o afastado com um dedo.

– Tão boa como uma Pussycat Doll?

– Melhor.

Estava ajoelhado à sua frente. Sunny fitava-o, sorrindo com aquele sorriso secreto. Os olhos cintilavam e Mac sabia que isso significava Ama-me, querido, é tudo o que quero, tu és tudo o que quero.

Proferiu as palavras por ela, fazendo deslizar os calçõezinhos de seda preta, puxando-lhe as tiras do sutiã a condizer dos ombros. Quase não sabia por onde começar, o corpo dela era tão tentador.

Não precisava de se ter preocupado. Sunny prosseguiu onde ele parara.

– Roupas – disse, atirando-as ao vento. – As roupas são só a tentação. Nenhuma roupa é a recompensa.

E tratou de lhe dar a sua recompensa.

DA SUA MESA num canto cheio de sombras da sala de jantar, meio escondido por uma palmeira envasada, Bertrand espiava os seus colegas hóspedes de hotel. Não que houvesse alguma coisa particularmente fascinante em relação a qualquer deles, à exceção do grupo misterioso de Chez La Violette, os «Riders on the Storm», como gostava de lhes chamar. De qualquer modo, não se encontravam ali naquela noite.

A maioria dos hóspedes do hotel eram grupos familiares que se isolavam, embora as crianças mirassem Bertrand com dissimulação, aos risinhos com as mãos sobre a boca, e as pessoas nas mesas vizinhas lhe lançassem olhadelas, falando em voz baixa umas com as outras. Toda a gente conhecia a história de Bertrand e ele sabia que teciam especulações sobre a sua mãe.

Fitou o cesto do pão em cima da mesa. Não queria a compaixão deles, nem a sua curiosidade disfarçada de amizade. Por esta altura, já estava habituado a estar sozinho. Não se importava. Possuía o seu mundo secreto e libertava-se dos seus olhares perscrutadores e compadecidos vagueando pelas ruas estreitas de Saint-Tropez durante o dia e saltando à noite da janela do seu quarto, esvoaçando como um morcego com a capa escura.

Nessas noites, quando andava sozinho, à caça, observando as pessoas através dos seus binóculos, sentia uma espécie de liberdade. Via como as pessoas «reais» viviam. Como eram, na realidade, essas famílias como deve ser, em casas a que chamavam «lar», com mães e pais que lá se encontravam todas as noites, e irmãos e irmãs que gritavam uns com os outros e brincavam e que nunca tinham de se preocupar com o que a sua mãe andava a fazer e se voltaria para pagar a conta do hotel e vir buscá-lo.

Era Bertrand, o Observador. No entanto, por vezes imaginava que era o Exterminador, Arnold Schwarzenegger, ou Harry Potter, ou até Johnny Deep, Pirata das Caraíbas. Mas naquele preciso momento tinha apenas fome.

Bertrand escrevia todas as suas observações no seu diário. Uma «Experiência Científica» chamava-lhe. Fazia-o sentir-se especial. Superior

até. Por uma vez na vida sentia-se melhor do que os outros rapazes.

– Bertrand?

Levantou a cabeça de rompante.

O *chef*, com o seu uniforme branco, chapéu alto empoleirado na testa grande, um sorriso escondido por trás do bigode preto macio, colocou-lhe um prato à frente. Era sempre afável com o rapaz solitário.

– Fi-la especialmente para ti.

Era uma lagosta mediterrânea inteira, do tipo que não tem pinças e cuja carne, sabia Bertrand, era a mais doce. Inspirou fundo, satisfeito. Era o melhor presente que alguém lhe podia dar.

– *Monsieur le Chef*, agradeço-lhe do fundo do coração – disse, falando em francês, claro. – E do meu estômago – acrescentou com um sorriso que lhe iluminou o rosto, de forma que pareceu o rapazinho de onze anos que na realidade era.

– Bom proveito, bom proveito – retorquiu o *chef*.

Os mexericos entre o pessoal não eram animadores. Madame Olivier não os contactara e a conta do hotel crescia todos os dias, mas ninguém estava preparado para deixar o rapaz passar fome e todos se preocupavam com ele. Porém, em breve teriam de fazer alguma coisa, o que poderia envolver convocar a assistência a menores.

O *chef* deu uma palmadinha na cabeça de Bertrand, franzindo o sobrolho ao reparar na nova franja recortada de cabelo loiro, e abanou a sua própria cabeça, resmungando entre dentes contra os maus pais quando se virou e se afastou.

Bertrand atacou a lagosta. A parte de trás já estava partida e retirou a carne branca tenra com o pequeno garfo especial, nem se dando ao trabalho de a mergulhar na manteiga derretida ou no molho de alho. Gostava dela simples. Fechou os olhos e deixou que o sabor o invadisse.

Terminou a lagosta num instante e estava a pensar em gelado para a sobremesa, um pouco preocupado com o custo. Como se lhe lesse o pensamento, um empregado puxou-lhe o prato vazio da frente e substituiu-o por uma taça do seu gelado favorito de moca e avelã.

– Estragado com mimos, é o que tu és – comentou o empregado com um sorriso.

Bertrand agradeceu-lhe. Decidiu que o comeria muito, muito devagar, para o fazer durar o maior tempo possível.

O perfeito dia estival diluía-se lentamente em noite. Era aquele momento mágico em que o mar e o céu pareciam fundir-se num azul néon cheio de luz por trás e a vida se aquietava de repente. Até os pássaros tinham parado os seus chamamentos, de regresso a casa, e os dois pavões brancos arrastavam-se em silêncio pela relva, com as caudas inclinadas a varrerem o chão atrás deles como as caudas de vestidos de noiva. Um veleiro solitário, de uns dezoito metros, calculou Bertrand, rolou com suavidade para uma enseada próxima e viu um homem descer para o respetivo escaler e dirigir-se para a costa, o ruído áspero do motor a estilhaçar o silêncio.

Bertrand desejou ter consigo os binóculos para poder ler o nome do barco. Observou o escaler a acostar ao pequeno cais de madeira do hotel, o homem a sair, a atar o bote e a subir o caminho para o Hôtel des Rêves. Uns minutos depois, entrou a passos largos no hotel e na sala de jantar.

Parecia estar na casa dos quarenta, era alto e atraente, cabelo escuro raiado de prateado, tisonado do sol e desportivo. Acenou um *bonsoir* amável aos outros hóspedes, segundo o costume francês, e sentou-se numa mesa no pátio, onde Bertrand ainda o conseguia ver. Um empregado apressou-se a ir ter com ele com uma ementa e a lista dos vinhos. O homem pediu qualquer coisa e o empregado afastou-se, voltando uns minutos depois com uma bebida numa pequena bandeja.

Caroline Cavalaire entrou na sala de jantar. Terminara o seu turno e tinha o casaco azul-escuro vestido, embora tivesse retirado o crachá com o nome. Bertrand viu-a encaminhar-se para o homem do veleiro e apertar-lhe a mão. Sorria e era óbvio que o conhecia bem.

Bertrand ficou a pensar quem seria o homem. Não era francês, se calhar era italiano. Resolveu que examinaria o veleiro e voltou ao seu gelado.

Poucos minutos depois, o rumor normal das conversas na sala de jantar cessou de repente. Bertrand levantou os olhos, intrigado.

A rapariga do *tutu* cor de laranja curto estava parada à entrada, os pés na quinta posição do balé, a tiara que significava «Princesa» encarrapitada na cabeça, uma *chihuahua* minúscula apertada contra o peito.

Bertrand recordava-se bem que esbarrara contra ela e deixara cair os seus binóculos. Corou ao pensar naquilo. Vira-a uma segunda vez, embora na altura estivesse com o pai, que ouvira chamar-lhe Little Laureen. Achou que tinha um ar petulante e amuado e sabia que devia ser muito mimada. *E, oh, meu Deus, dirigia-se para a mesa dele!*

Little Laureen estacou a alguns passos. Olhou diretamente para ele. Bertrand devolveu o olhar em silêncio. Não ia dizer olá. Não queria conhecê-la. Não queria ser amigo dela. De facto, nunca mais a queria ver.

Little Laureen gostaria de conseguir ver os olhos do rapaz, mas aqueles óculos estúpidos escondiam-nos. Por que motivo a mãe dele não lhe arranjava uns melhores, para ele não ter aquele aspeto tão parvo? E também tinha um ar carrancudo. Vejam só como evitava olhar para ela. E era muito magro. Mesmo assim, era o único miúdo «interessante» por ali. Todos os outros eram apenas os monstros normais que se encontravam na escola, sempre aos gritos, a fazer caretas e a querer saber demasiadas coisas. Apostava que aquele rapaz não queria saber demasiado. E gostava disso.

– *Bonsoir. Je m'appelle* Laureen – disse.

Bertrand engoliu a bola de nervosismo na garganta que ameaçava deixá-lo sem fala. Com a cabeça baixa, assentiu.

– *Petite Laureen* – retorquiu por fim.

Laureen deu outro passo na sua direção, ainda a agarrar a *chihuahua* que exibia uma coleira vermelha enfeitada, novinha em folha.

– Como sabes isso? – perguntou em inglês.

– Ouvi-o falar contigo.

– O papá?

Bertrand assentiu.

Laureen avançou mais. Na realidade, estava já na mesa dele. Bertrand considerou a hipótese de se levantar e fugir, mas decidiu que isso provocaria muita confusão e não queria atrair atenções. De forma relutante, lá olhou para ela.

Não era bonita, mas ele também não. Era uma coisa que tinham em comum. E havia nela qualquer outra coisa que lhe pareceu familiar. Um ar de solidão? Mas como poderia ser? Ela estava ali com o pai e agora também com todo aquele grupo dos «Riders on the Storm».

Os olhos de Bertrand arregalaram-se de choque quando Laureen puxou uma cadeira e se deixou cair nela mesmo à frente dele, ajeitando a cadela no colo.

– Posso provar o teu gelado?

O rosto macio e redondo exibiu aquela expressão indiferente, como se tanto lhe fizesse.

Bertrand empurrou a tigela para ela. O gelado derretia-se com rapidez e

Laureen mergulhou nele um dedo rechonchudo, lambendo-o depois.

– É bom.

Continuou a não sorrir e ele também não. A seguir, perguntou:

– Porque estás aqui sozinho?

Bertrand fechou os olhos, como se uma grande dor lhe tivesse atravessado a cabeça. O pior acontecera. Ela atingira o âmago do seu desespero.

– Nunca ninguém me pergunta isso – conseguiu dizer, após um longo silêncio, durante o qual Petite Laureen ficou sentada, paciente, a acariciar a pequena cadela.

– Também nunca ninguém me pergunta isso.

Bertrand abriu outra vez os olhos. Lançou-lhe um olhar cauteloso.

– Mas não estás sozinha.

– Sim, estou. – Os olhos azuis de porcelana olharam a direito para ele. – Porque a minha mãe morreu, percebes.

Bertrand viu o faiscar rápido do sofrimento nos olhos azuis que achou serem a única coisa bonita nela.

– E a *minha* mãe foi-se embora – retorquiu. – Não sei se voltará.

Tossiu alto, a desejar nunca o ter confessado. Mas *ela* confessara a verdade, não fora? E percebia que não era o género de pessoa que andava por ali a conversar com toda a gente.

Laureen mergulhou outro dedo no gelado derretido. Lambeu-o, pensativa.

– Onde está o teu pai?

Bertrand explicou com rapidez que não tinha pai.

Ficaram sentados em silêncio durante alguns minutos. Estavam ambos conscientes dos olhares dos comensais nas mesas vizinhas. Laureen virou a cabeça e lançou-lhes o seu olhar mais intimidador. Depois, abruptamente, empurrou a cadeira para trás e disse:

– *Eh bien*. Falas bem inglês.

Bertrand sentiu outra vez aquele rubor horrível.

– A minha mãe é inglesa – murmurou.

Fitando-o, Laureen reconheceu um companheiro de infortúnio. Ele era tão solitário quanto ela e sabia que era por causa dessa solidão que tinham ambos escolhido ser diferentes. Ambos escondiam o seu sentimento de perda: ela a mãe que morrera e ele a mãe que simplesmente o deixara para trás. Eram parecidos.

– *Au revoir*. – E com um volutear de tule cor de laranja e a pequena cadela

apertada contra o peito, serpenteou a passos largos por entre os comensais curiosos e saiu da sala.

Pouco tempo depois, da janela da sala de jantar, Bertrand avistou-a a passear a *chihuahua* devagar pelo caminho que conduzia à praia. A minúscula *chihuahua* parecia planar como um fantasma atrás dela no crepúsculo azul e ela parecia tão solitária quanto ele se sentia.

Bertrand levantou-se e correu ao canil para ir buscar *Pirate*. Estava na altura de o levar a passear.

PRIMEIRO, porém, Bertrand tinha de voltar ao quarto para ir buscar os binóculos. Não levou a capa, enfiou apenas os binóculos debaixo do braço, tão pouco visíveis quanto possível.

O empregado do bar acenou-lhe quando ele atravessou o vestíbulo e desceu os degraus com *Pirate* a coxear excitado ao lado. Dirigiu-se para o mesmo caminho que Little Laureen tomara. Conduzia à praia que sabia estar deserta aquela hora da noite e acelerou o passo.

Quando chegou ao sítio onde o caminho descia pelo declive suave até à areia, pôs os binóculos ao pescoço, abriu as «pálpebras» de metal e focou as lentes no escaler. Ainda estava preso ao cais. Perscrutou com rapidez o horizonte à procura do veleiro. Encontrava-se iluminado, as bandeiras a esvoaçarem, e chamava-se *Blue Picasso*. A seguir examinou a praia. Não havia sinal de Laureen.

Pirate puxava a trela, farejando a erva por cima da enseada e Bertrand continuou, subindo o pequeno declive, deixando o cão levá-lo onde queria. O ar fresco da noite era puro, inspirá-lo era como beber água límpida de nascente e, na ponta, as luzes da vila de Saint-Tropez cintilavam como a tiara de Little Laureen.

Descobriu um seixo e foi-o pontapeando e fintando, fingindo que era uma bola de futebol e que ele era David Beckham, a «estrela» do futebol da Europa. Mas não tinha grande jeito, os ténis escorregavam e perdeu o seixo na escuridão. Então viu-a.

Estava sentada à beira da água, a fitar a noite azul-escura. Meio curvada, com os braços a envolverem os joelhos. Como se tivesse uma dor no estômago, pensou Bertrand.

Ficou ali a observá-la até que *Pirate* avistou a *chihuahua*, um pequeno borão pouco nítido ao lado de Little Laureen. *Pirate* soltou um latido baixo.

Laureen rodou sobre si, olhos muito abertos de susto.

– Oh! – disse, reconhecendo-o. – És tu.

Bertrand não mencionou que a vira descer o caminho para a praia e que a seguiria.

– Porque não estás com o teu pai? – perguntou.

Ela virou-se outra vez para a sua contemplação do mar. As ondas chapinharam-lhe baixinho aos pés e a *chihuahua* ganiu de forma que metia dó. Laureen pegou nela e apertou-a contra si.

– O meu pai foi à cidade com os outros. Disse-lhe que queria ficar aqui.

– Sozinha – comentou Bertrand.

Laureen lançou-lhe um longo olhar por cima do ombro, mas não respondeu. Na semiescuridão, pensou que os óculos enormes de Bertrand com os seus aros pálidos lhe davam o aspeto de um viajante do espaço. Meio cego. E o que eram aquelas coisas penduradas em volta do pescoço?

– Isso são binóculos?

Bertrand deu uma palmadinha no peito.

– São.

– São esquisitos.

– São personalizados. Os discos protegem as lentes. Eram usados para observação de pássaros há muitos anos. É provável que tivessem sido usados na Segunda Guerra Mundial pelos aviadores que se lançavam de para quedas sobre a França ocupada. Eram binóculos de homens corajosos.

Laureen não disse nada e Bertrand calculou que devia estar impressionada.

– Se calhar, pertenceram a um avião americano – continuou, inventando à medida que falava. – Provavelmente, usou-os para ajudar a capturar uma vila inteira e salvou as vidas de muitos dos meus compatriotas.

Laureen fez uma festa à cadela.

– Provavelmente – concordou.

Bertrand deslizou pela ladeira, arrastando *Pirate*. Caminhou pela areia até onde ela estava sentada. Ouviu o rosnido de aviso de *Tesoro* e Laureen a dizer à cadela para estar calada.

– Diz-se *Taisez-vous* – explicou-lhe, agachando-se na areia a curta distância, com receio de se chegar mais perto, caso ela lhe dissesse para ir embora como fazia a maior parte dos miúdos. – Significa «Está calada» em francês.

– Significa «Cala o bico» – retorquiu Laureen.

Fitou-a, surpreendido por ela saber.

– Isso também, mas não é bem-educado dizer cala o bico.

Pirate rolou na areia, depois levantou-se e começou a cavar um buraco, cheio de energia, mas tinha alguma dificuldade por causa da perna que lhe faltava e caiu dentro dele.

– Pobre cão – observou Laureen.

Bertrand pensou que o *tutu* cor de laranja devia estar já cheio da areia lançada por *Pirate*.

– Porque usas esse vestido de balé? – A voz saiu-lhe um pouco aguda por causa do nervoso. Não estava habituado a fazer perguntas pessoais às pessoas, mas precisava de saber.

Laureen fitou as ondas. Tocou no coração de prata da *Tiffany* que trazia ao pescoço. Mudando de assunto, disse:

– A minha mãe deu-me este fio. – Virou a cabeça para olhar para ele, a mão ainda sobre o coração de prata.

Bertrand assentiu. Compreendia que era especial. Uma recordação da mãe.

– Onde foi a tua mãe? – perguntou Laureen.

Ele encolheu os ombros, tentando ao máximo mostrar um ar desprendido. Fez-se um longo silêncio, enquanto olhavam um para o outro. Laureen contara-lhe aquilo do fio. Fora franca e agora Bertrand sabia que tinha de fazer o mesmo.

– Foi-se embora – respondeu.

– Embora para onde?

O gaguejar de Bertrand traía a sua angústia.

– Não sei. Talvez para a Itália. Com um homem que conheceu aqui.

– Queres dizer que se foi embora assim sem mais nem menos? E te deixou aqui sozinho?

Bertrand virou a cara, incapaz de olhar para ela.

Laureen pensou que estaria a reprimir as lágrimas.

– Lamento muito – afirmou.

Bertrand não sabia se queria dizer que lamentava ter perguntado ou se lamentava que a sua mãe se tivesse ido embora e não respondeu.

– Somos parecidos – continuou Laureen. – Tu e eu. – Refletiu mais um pouco. – Nem sequer sei como te chamas.

– Bertrand.

– Onde arranjaste os binóculos? – perguntou Laureen passado um bocado.

– Roubei-os. De Chez La Violette.

– São o teu maior tesouro?

Ele assentiu.

– Por que motivo foste a Chez La Violette?

Bertrand encolheu os ombros.

– Andava em explorações. Faço-o o tempo todo. À noite, quando posso estar sozinho. Observo pessoas, o que fazem, quem são. E como são estranhas.

Os olhos azuis de porcelana de Laureen arregalaram-se.

– Andas a *espiar*? – Ficou a olhar para ele, espantada. – És esquisito – declarou.

Bertrand sentiu o rubor queimar-lhe as faces. Já falara demasiado, confiara demasiado. Pôs-se de pé muito depressa e marchou de forma desajeitada pela areia, arrastando *Pirate* atrás dele.

– Desculpa. *Je m’excuse, Bertrand*.

A voz dela seguiu-o na noite. Mas era demasiado tarde.

QUANDO MAC E SUNNY REGRESSARAM AO HOTEL, os jornais diários estavam empilhados na estante de madeira junto ao balcão da recepção, *Nice Matin* e a gazeta de Saint-Tropez, bem como os jornais de Paris. Mac estacou para ler os títulos escaldantes. QUINHENTOS MIL EUROS OFERECIDOS PARA RESOLVER HOMICÍDIO LOCAL E ROUBO DE OBRAS DE ARTE.

Caroline não estava de serviço nessa manhã, fora substituída por outra jovem, pequena e de cabelo escuro com aquela soberba pele de azeitona e olhos escuros típicos da região do Mediterrâneo onde, por centenas de anos, Itália e França tinham coexistido.

Renée era o nome no crachá. Mac aproximou-se e pediu-lhe se podia explicar o que o artigo dizia.

– Mas com certeza. Mister Reilly, não é? E Miss Alvarez. – Ofereceu-lhes o mesmo grande sorriso que Caroline possuía. – O jornal diz que Monsieur François Reynaud, o proprietário da casa onde se deu o homicídio e cujos valiosos quadros foram roubados, está a oferecer uma grande recompensa pela captura do assassino do seu amigo e recuperação dos quadros roubados. Diz que as obras de arte roubadas são valiosas, mas não tão valiosas como a jovem vida que também foi «roubada».

– Ouvi dizer que já houve outros roubos na costa – comentou Mac.

– Sim, mas nunca nenhum com tiros. – Renée estremeceu.

Mac virou-se ao ouvir uma voz masculina cumprimentar:

– *Bonjour, madame.*

Sunny fitava um tipo atraente, alto, tisonado do sol e europeu, com aquela postura elegante e atlética de um aficionado da vela ou jogador de polo. Vestia apenas uns calções e um polo às riscas e usava um relógio de ouro fino, a anos-luz dos pesados *Rolex* que em geral se viam por ali. Havia qualquer coisa na simplicidade do homem que dava a entender que era rico.

– *Bonjour.*

Sunny estava a lançar ao tipo um olhar atiradiço que provocou um espasmo

de ciúme no coração de Mac. Disse consigo próprio para abandonar aquela reação de homem das cavernas e fingiu que lia o jornal, embora, claro, continuasse a escutar.

– Nunca a vi por aqui antes – dizia o homem. – Está hospedada no hotel?

Sunny respondeu que sim. Depois, com uma olhadela na direção de Mac, acrescentou:

– Estou com o meu noivo.

O homem ergueu a mão num cumprimento educado para Mac.

– Espero que esteja a gostar das suas férias, *monsieur*. – Estendeu a mão. – Gianni Valenti.

– Mac Reilly. – Apertaram as mãos. – Então também está neste hotel?

– Estou no meu barco, o *Blue Picasso*. Podem vê-lo lá no mar. O calado é demasiado fundo para ancorar mais perto. Venho a terra no meu escaler, para almoçar ou tomar uma bebida, às vezes para jantar e talvez um pouco de companhia. A vida pode tornar-se solitária num barco.

Observando o grande veleiro a flutuar com suavidade na ondulação, Mac pensou que não era provável que Valenti ficasse sozinho durante muito tempo. As mulheres deviam estar a morrer por entrar naquele barco com ele.

– Têm de ir até lá um dia destes, tomar uma bebida. – Valenti exibiu um conjunto perfeito de dentes brancos, um sorriso que teria feito inveja a qualquer jovem aspirante a estrela de Hollywood, porém, Mac juraria que os dentes eram naturais. Ou isso ou o tipo tinha o melhor dentista do mundo.

– Com muito prazer.

– Para eu ter oportunidade de mostrar o meu barco. – Valenti virou-se para Renée. Ofereceu-lhe o seu sorriso distinto. – Caroline não está hoje?

– É o dia de folga de Caroline, Monsieur Valenti.

Houve um súbito alvoroço e toda a gente se virou para ver o que se passava. *Pirate* entrou a trotar meio desequilibrado pelo vestíbulo, emitindo qualquer coisa entre um latido e um guincho de alegria quando se precipitou para Mac. Atrás dele, vinha Little Laureen, apertando *Tesoro* contra o peito.

O *tutu* de Laureen era cor de framboesa, o corpete de cetim um pouco apertado, a saia de tule pendente pela altura do tornozelo para variar e usava chinelas de dedo em vez das sapatilhas de balé.

Sunny sentiu vontade de a abraçar, mas a distância que Laureen criava entre si e outras pessoas obrigou-a a retrain-se. Entretanto, *Tesoro* estava a lançar-lhe aquele mesmo olhar vazio de Laureen.

– Obrigada por cuidares tão bem de *Tesoro*.

Laureen afagou o pelo castanho lustroso da *chihuahua* e estendeu com relutância a cadela a Sunny. Depois, Bertrand entrou a correr, a chamar por *Pirate*. Estacou quando os viu. Os grandes óculos deslizaram-lhe pelo nariz abaixo quando deixou pender a cabeça.

– Perdi-o. Sinto muito.

– Não faz mal, não o perdeste. *Pirate* é que te perdeu – retorquiui Mac.

Bertrand assentiu, mas parecia envergonhado por ter desiludido Mac.

Valenti baixou a cabeça e, com um aceno de mão, foi-se embora.

Little Laureen olhou com nostalgia para a *chihuahua* e depois também virou costas e afastou-se. Bertrand pegou num exemplar do jornal local e seguiu-a até ao jardim.

– Bem, parece que se encontraram – comentou Sunny.

– Um par perfeito – concordou Mac enquanto o estranho duo se distanciava devagar pelo caminho que conduzia à praia, seguido pelo duo perfeito de pavões brancos.

– TALVEZ EU O PUDESSE AJUDAR – disse Mac para Sunny.

Estavam de novo no quarto, a desfazer as malas, o que, no caso de Sunny, consistia em mudar as roupas da mala para uma cadeira. Claro que Mac já pendurara as suas.

A luz do Sol filtrava-se através das portadas verdes meio fechadas e o aroma da lavanda provençal tremulou, delicado, quando Sunny se atirou para cima das almofadas que Mac resgatara do armário.

– Ajudar quem?

– Mister François Reynaud, o colecionador de arte com o amigo assassinado.

Sunny escondeu o rosto entre as mãos, com um gemido.

– Prometeste que não havia homicídios nestas férias.

– Não é propriamente o *meu* homicídio. Estou apenas interessado, é tudo, pensei dar-lhe uma telefonadela...

– Não tens o número dele e um homem daqueles com certeza que não vem na lista telefónica. – Sunny cruzou os dedos, esperando ter razão.

– Já pensei nisso.

– Quando? – Só se encontravam no quarto há cinco minutos.

– Quando vinha a subir as escadas. Aposto que Allie Ray o conhece e, se não, então Ron Perrin conhecerá alguém que o conheça. Já te disse antes, os multimilionários conhecem-se sempre uns aos outros. – Mac tinha o *iPhone* na mão. – Peço a Allie para lhe telefonar, para lhe dar o meu nome e número de telefone, para lhe dizer que terei muito gosto em ajudá-lo no que puder.

Exasperada, Sunny deixou-se cair para trás, braços e pernas abertos. Era um caso perdido. Homicídio bem como uma burla no aluguer da casa faziam agora parte das suas férias de verão.

– Pareces um anjo na neve, nessa cama branca – observou Mac.

– Prefiro ser um vagabundo de praia. Tenho o melhor biquíni do mundo e ainda nem sequer tive hipótese de o exhibir.

– Em breve, prometo. Oh, olá, Allie, é o Mac. Como estás? Enfiada até aos olhos em estrume? Bem, sempre é uma mudança. Estás a plantar delfínios e lupinos? E clematites e maracujá, para além das vinhas? E o que anda Ron a fazer enquanto te dedicas à jardinagem? Carrega o estrume. Muitos cavalos por aí, *hum...* Bem, deve ser um trabalho cheiroso para um ex-milionário. Pois, e um passarinho da prisão, mas tens razão, é melhor do que cumprir pena. Quando vamos visitar-vos? – Lançou uma olhadela inquiridora a Sunny que assentiu, satisfeita. – Muito em breve iremos aí, Allie. Sabes que temos saudades tuas.

Sunny reparou que Mac dissera «temos saudades tuas», mas sabia que queria dizer que *ele* tinha saudades de Allie. Tinham-se tornado muito íntimos quando Allie pedira ajuda a Mac há alguns anos, em Malibu. No entanto, não havia necessidade de sentir ciúmes. Allie era agora sua amiga também e Mac era sempre leal para com os seus amigos.

Ouviu Mac pedir o favor a Allie e esta concordar em transmitir a mensagem a Ron. Disse que sabia que ele devia ter informações a respeito de Krendler.

– Sunny manda beijinhos. – Mac terminou a chamada e guardou o telemóvel.

– Assunto tratado? – perguntou Sunny.

– Vamos ver. – Deitou-se na cama também, um braço passado por cima dela, a perna comprimida contra a dela. – Já alguma vez te disse que te amava e que és a mulher mais compreensiva que já conheci?

Os olhos pestanudos de Sunny viraram-se para ele.

– Sou?

– Sun, querida, tens de entender, é o que faço. Não consigo evitar.

– Queres dizer, tipo viciado em homicídios?

Mac suspirou.

– Ei, sou só um tipo curioso, preciso de saber quem foi. – Apoiou-se num cotovelo, a olhar para ela. – Além disso, detesto a ideia de um pobre jovem levar um tiro só porque aconteceu estar no lugar errado à hora errada.

– Porque não deixas *les flics* tratar do assunto?

– Às vezes, uma pessoa alheia consegue ter uma visão de conjunto, ver alguma coisa que eles podem não detetar.

O telefone tocou e Mac atendeu.

– Monsieur Reynaud, obrigado por telefonar. Na Villa les Ambassadeurs às

três. Lá estarei.

Mac olhou para Sunny. Ergueu um ombro como quem pede desculpa.

– Queres vir comigo?

Apesar de tudo, Sunny sentia-se intrigada. Mac pusera qualquer coisa em marcha e sabia que não havia hipótese de recuar.

– Não vou sempre? – retorquiu.

A *VILLA* DE FRANÇOIS REYNAUD era mais um palácio, um edifício de dois pisos no velho estilo provençal, de telhado cor de coral com toques mouriscos. Pérgulas de mármore estavam forradas com azulejos espanhóis azuis e brancos e lagos e riachos de um azul-escuro serpenteavam através de jardins sombreados por pinheiros mansos e cedros até uma praia de areia imaculadamente limpa. Não havia nenhum mordomo de rosto duro para abrir a porta, apenas uma mulher espanhola, de meia-idade e avental branco que os cumprimentou com um sorriso e os levou até ao sítio onde Monsieur Reynaud estava sentado a uma mesa com vista para a praia.

Monsieur Reynaud levantou-se para os saudar, um homem pequeno, magro devido, parecia, a uma vida inteira a fumar e mais velho do que Mac esperara, com toda a probabilidade setenta e muitos anos.

– Bem-vindo, Mister Reilly. – Apertou a mão de Mac, com uma expressão séria.

– Obrigado. Permita que lhe apresente Miss Alvarez, a minha assistente. E noiva – acrescentou.

Sunny acomodou-se à mesa, ao lado de Mac. Reynaud sentou-se em frente, os olhos escuros penetrantes a observá-los por trás das mãos de dedos juntos.

– Quinhentos mil euros é muito dinheiro, Mister Reilly – afirmou.

Sunny sentiu as faces afoguem-se. Oh, meu Deus, Reynaud pensava que Mac estava interessado na recompensa.

Mac assentiu.

– Estou consciente disso. E, se conseguir ajudá-lo a encontrar os assassinos, gostaria que doasse esse valor a uma instituição de caridade local.

Reynaud premiu uma campainha para chamar o empregado do bar de praia, numa tenda azul.

– Posso oferecer-lhes limonada. Maria Dolores, a minha governanta, faz a melhor do mundo com limões das nossas próprias árvores. Claro que no inverno, quando a temperatura fica mais fria aqui em Saint-Tropez, são

transferidas para o calor da estufa por uma questão de proteção. Muito semelhante ao que acontece comigo – acrescentou com um sorriso desprendido.

O jovem de *T-shirt* às riscas azuis e brancas serviu a limonada e ofereceu um cesto forrado a guardanapo com bolinhos.

– *Tartes tropéziennes* – explicou Reynaud. – A especialidade local.

Mac declinou, mas Sunny, que nunca fora conhecida por recusar um doce ou um chocolate, aceitou uma. Deu-lhe uma dentada e constatou que era leve e folhada, com um sabor delicado a amêndoas.

– É deliciosa. – Sorriu com prazer para Mr. Reynaud.

– Pode comprá-las na vila – retorquiu este. – Na La Table du Marché, na rue Georges Clemenceau. – Bebeu um gole da sua limonada e depois perguntou a Mac o que sabia sobre o crime.

– Só o que li no jornal. Para dizer a verdade, senti-me atraído pelo caso, por a vítima ser seu amigo. Imaginei como se devia sentir, convidá-lo para a sua casa... e depois acontecer isto.

François Reynaud estudou o rosto de Mac durante um longo momento.

– Ouvi dizer que é um bom homem, Reilly. Foi Allie que mo disse, claro. Contou-me como a ajudou e a Ron.

Atirou as mãos ao ar e acrescentou com um sorriso:

– Claro que Ron é outra loiça, mas também é um homem com um bom coração, como Allie já se apercebeu. Entretanto, deixe-me contar-lhe o que sucedeu. A vítima chama-se Thierry Sage. Eu estava em Zurique quando me telefonou e disse que vinha para o Sul de França. O pai de Thierry foi um querido amigo. Fizemos negócios juntos, estive na indústria aeronáutica durante muitos anos, e conheço o filho desde pequeno. Claro que ofereci a Thierry a minha casa de hóspedes, disse-lhe que podia usar um dos carros e que Maria Dolores estaria cá para cuidar dele. O jovem que nos serviu faz parte do pessoal do meu iate. Um deles está cá sempre ao serviço quando estou em casa. Nessa semana tinha-o dispensado, mandara-o voltar ao iate e dissera que chamaria outra vez alguém quando regressasse. Por isso seria apenas Maria Dolores e Thierry aqui sozinhos. Maria Dolores contou-me que recebeu um telefonema de uma jovem que se candidatara ao emprego de assistente de governanta. A jovem explicou que não tinha transporte, por isso Maria Dolores combinou encontrar-se com ela no iate em Monte Carlo. Uma viagem comprida para ela, mas não se importou, pois queria descobrir a

peessoa certa para trabalhar aqui na *villa*. Escusado será dizer que afinal se tratava de um estratagema para afastar Maria Dolores da casa. A jovem não apareceu. E Thierry estava sozinho em casa quando os ladrões atacaram.

– E o sistema de segurança?

– Tinha sido adulterado a partir do interior. O computador principal está num armário no vestíbulo.

– E teve operários dentro de casa nos últimos tempos? Homens que não conhecesse?

– Ninguém. Embora tenha dado uma festa na semana anterior.

– Quantas pessoas?

– Oh, umas oitenta, talvez cem.

– E conhecia-as a todas pessoalmente?

Reynaud atirou de novo as mãos ao ar.

– Mister Reilly, estamos no Sul de França, damos uma festa para os amigos e eles trazem amigos. É assim que a coisa funciona aqui. As pessoas conhecem-se. É informal.

– Podemos dar uma vista de olhos à casa de hóspedes?

Reynaud fechou os olhos, uma expressão de dor perpassou-lhe pelo rosto, mas chamou outra vez o empregado e pediu-lhe para mostrar a pequena casa a Mac.

– Perdoe-me se não o acompanho.

A casa de hóspedes era um edifício branco em L, por onde se entrava através de um portão de ferro forjado em forma de cauda de pavão pintado de verde para condizer com a sebe de figos, podada na perfeição, que contornava um pequeno pátio. O interior da casa era simples: apenas uma sala comprida e baixa com o teto de vigas expostas pintado de branco e uma parede de vidro que dava para a praia. A decoração era em tons de azul e branco com motivos de conchas, estilo casa de férias simples. Havia um único quarto grande, uma sumptuosa casa de banho em mármore e um terraço a toda a volta com aquela vista gloriosa.

– É uma perfeição – declarou Sunny num sussurro, consciente do que ali acontecera há apenas uns dias. Mas mesmo assim não podia deixar de pensar que aquele lugar era tal e qual o que ela imaginara quando Mac lhe dissera que tinha alugado Chez La Violette.

A casa de hóspedes fora limpa e os pertences da vítima retirados. Mac sabia que não encontraria lá nada.

– O crime propriamente dito ocorreu lá fora, senhor.

O jovem empregado conduziu-os a um passadiço junto à casa. Do lado direito, ficava a casa principal e a seguir um heliporto com um *Sikorsky* estacionado. Do lado esquerdo, um cais de madeira projetava-se na água. Com uma lancha amarrada. Uma *Riva*, reparou Mac. E também, ao lado, uma embarcação *vintage Cigarette*, de casco de madeira.

– É o preferido de Monsieur Reynaud – explicou o empregado. – É quase fanático por barcos. Gosta sobretudo dos *vintage* de madeira, diz que o trabalho artesanal é prodigioso.

Levou-os até mais ou menos a meio do caminho.

– Foi aqui que ocorreu o infeliz incidente. – Apontou para um local abrigado por trás de uma sebe de oleandro.

Sunny reparou que o oleandro ainda se encontrava em flor, grandes flores brancas, como um ramo de noiva. Ou a coroa de um funeral. Pegou com rapidez na mão de Mac e sentiu-o apertá-la um pouco.

Ficaram ali um minuto, a olhar em volta, silenciosos, e depois regressaram à mesa sob as árvores, um trajeto que lhes levou na realidade quase cinco minutos. Era uma grande extensão de terreno.

Reynaud lançou a Mac um olhar perplexo.

– Então, Mister Reilly?

– Obrigado por me deixar ver o local. Tenho a certeza que a polícia já tomou nota de tudo.

– Tudo.

– E sem dúvida que lhe pediram a lista de convidados da festa.

– Sim. E antecipando a sua pergunta tenho aqui uma fotocópia para si. – Reynaud empurrou um envelope pela mesa. – Claro que a polícia verificou todos os nomes da lista, mais os amigos de amigos que os acompanharam sem serem convidados e que por isso *não* estão na lista. Os olhos escuros perspicazes observaram Mac quando este guardou o envelope no bolso da camisa. – E então agora, Mister Reilly? Tem algumas pistas?

– Não tenho. Tudo o que lhe posso dizer é que vou pensar no caso. Pode surgir alguma coisa, qualquer coisa inesperada. É em geral assim que as coisas acontecem.

– Então desejo-lhe sorte, meu amigo. – Reynaud levantou-se e apertou outra vez a mão de Mac. – E obrigado pelo esforço.

Ficou ali de pé a vê-los partir.

– Cuide bem dessa jovem tão bonita! – exclamou.

BERTRAND E LAUREEN desceram o caminho até à praia. Não havia necessidade de perguntas. Eram semelhantes, ambos à margem da sociedade normal. Compreendiam-se um ao outro.

– Sinto a falta do cão – disse Bertrand em francês.

– Eu também – respondeu Laureen em inglês. Era como uma espécie de vínculo entre eles, esta coisa das duas línguas.

Sentaram-se na praia, as costas apoiadas contra uma conveniente saliência rochosa de que Laureen se queixou por arranhar um pouco, mas que tinha a vantagem de os esconder da vista dos outros veraneantes, esparramados nos colchões às riscas, determinados a apanhar tanto sol quanto possível. À distância, os pavões soltavam o seu grito agastado e os pelicanos deslizavam em esquadrões compactos, virando-se de vez em quando de pernas para o ar e mergulhando no mar como se fossem um só. O veleiro de Gianni Valenti desaparecera, mas uma frota de barcos mais pequenos, com as velas brancas a enfunarem na brisa, passou a flutuar, enquanto lanchas rápidas mais perto da costa aceleravam, narizes empinados, espuma a voar atrás, a caminho, sem dúvida, de um dos seletos cafés de praia.

Laureen sentava-se muito direita, pernas estendidas à frente, as saias de tule cor de framboesa tufadas como um leque, a agitar os dedos dos pés rechonchudos na areia quente. Bertrand vestia o seu uniforme habitual de polo velho e calções largos a cair, mas mantivera os ténis calçados, e ambos usavam chapéus de palha gastos com abas largas, «resgatados» como Laureen referira, da pequena pilha que descobrira no bengaleiro do átrio. Laureen tinha uma nova forma de ser «leve de dedos». Os chapéus eram demasiado grandes e Bertrand usava o seu na parte de trás da cabeça; o de Laureen estava inclinado sobre os olhos.

– Desculpa aquilo que eu disse. Sobre seres «esquisito» – disse Laureen.

– Não faz mal.

Laureen espreitou por trás da sua rocha para os banhistas meio despidos

que entravam no mar que cintilava cor de prata e verde-azulado. Fechando os olhos, farejou o ar, tão diferente do cheiro verde do rancho e do aroma árido do chaparral. O ar francês cheirava a uma flor que Belinda Lord lhe dissera ser jasmim e ao cheiro forte e puro do mar salgado, da areia quente e seca e ao aroma a coco dos protetores solares. Cheirava a café e a um cozinhado qualquer que não reconhecia e vinha do bar da praia, mas que não era cachorro-quente nem hambúrguer. A França tinha um sabor diferente, até as panquecas e o gelado. E os franceses tinham um aspeto diferente. Não sabia dizer muito bem como, mas eram com certeza «diferentes», embora não da forma que ela era. *Ela* era única. Se a mãe estivesse a olhar lá do céu, Laureen tinha a certeza absoluta que conseguiria descortiná-la no meio da multidão num sítio qualquer do mundo. Até em França. Era por isso que usava os *tutus*, para ser mais fácil a mãe descobri-la.

Abriu os olhos e lançou uma olhadela a Bertrand, que estava sentado, com os joelhos dobrados e os óculos a escorregarem pelo nariz, a ler o jornal que trouxera do hotel.

Bertrand levantou os olhos e bateu ao de leve no cabeçalho com um dedo comprido e magro.

– Estão a oferecer uma recompensa a quem apanhar os ladrões de obras de arte.

Laureen ergueu uma sobrancelha surpreendida; o que tinha isso a ver com ela?

– Quinhentos mil euros – acrescentou Bertrand, admirado.

Voltando ao jornal, tornou a ler a informação e depois recostou-se para trás contra a rocha, pernas magricelas espetadas em frente, como Laureen.

– Quinhentos mil euros é muito dinheiro – afirmou. – Monsieur Reynaud deve ser muito rico.

Laureen pagara trinta euros em Saint-Tropez pela coleira vermelha de *Tesoro*. O pai dissera que era muito dinheiro, qualquer coisa a ver com a «taxa de câmbio», mas ela retorquira que merecia a pena por causa de *Tesoro* e, além disso, ele podia descontar na sua mesada. Não que a sua mesada fosse muito grande; o pai dizia que precisava de a manter com rédea curta, como um pónei, para aprender o verdadeiro valor do dinheiro.

Bertrand fitava o mar, em silêncio. Uma pessoa que passeava pela praia viu-os e riu-se, gritando-lhes que pareciam um par de bonecos de trapos abandonados na areia, fazendo-os regressar com brusquidão à embarçosa

realidade.

Bertrand estivera a pensar na mãe, que na realidade não era quase mãe nenhuma, apenas uma mulher qualquer que, como se queixava constantemente, tinha o fardo de ter de cuidar dele. A recompensa de quinhentos mil euros podia saldar aquela aterradora conta de hotel. Ele podia viver ali no Hôtel des Rêves para sempre. *Aquela recompensa podia comprar-lhe a liberdade.*

Lançou a Laureen um olhar penetrante por trás dos óculos de plástico claro e ela percebeu, de repente, que os olhos dele também eram azuis, embora mais pálidos do que os seus. Falaram na sua usual mistura de inglês e francês, embora o inglês de Bertrand fosse superior.

– Podíamos fazê-lo, Petite Laureen – sugeriu Bertrand. – Podíamos apanhar os ladrões.

– Podíamos? Mas como?

– Conheço toda a gente por aqui. Vejo tudo.

– Queres dizer com esses binóculos esquisitos?

– São uma antiguidade valiosa. Já te contei a história.

– Disseste-me que espiavas com eles.

– Só para a minha Experiência Científica. Um dia será útil, um estudo sobre... – interrompeu-se à procura da palavra – ... sobre relações humanas. A forma como as pessoas se comportam.

– Mas como conseguimos a recompensa?

– As obras de arte não foram encontradas. Choveu muito naquela noite. Recordas-te, a noite da grande tempestade? – Laureen assentiu. – Como é que os ladrões podiam fugir com quadros grandes com aquela chuva? Teriam ficado estragados. – Laureen assentiu de novo, de olhos arregalados ao perceber onde ele queria chegar. – Se fosse eu, tê-los-ia escondido logo lá, no sítio de onde foram roubados.

– Mas os *flics* já os teriam encontrado.

Bertrand viu a sua teoria desaparecer sob a lógica dela.

– Talvez não na casa de onde os roubaram – concedeu. – Mas algures perto.

– Nas rochas, queres tu dizer, tipo numa gruta...?

Bertrand achava que não havia nenhuma grutas perto de Saint-Tropez, mas disse que sim, talvez numa gruta, embora tivesse de ser uma gruta seca.

– O que precisamos de fazer – declarou – é vigiar toda a gente.

– Como já fazes agora.

Ele assentiu, tentando pensar no que mais poderiam fazer para apanhar os ladrões.

– Temos de ser como James Bond – decidiu.

– Queres dizer, agentes secretos? – Laureen já se estava a imaginar com o seu melhor *tutu*, o cor de laranja, a rastejar por uma gruta escura, com os binóculos assestados nos quadros roubados, a brilhar de tão valiosos, enquanto os morcegos voavam em redor.

– Não tenho medo de morcegos – disse para Bertrand, que lhe lançou um olhar esquisito e lhe disse que não havia morcegos em grutas marinhas, se calhar só algum polvo.

Os olhos ensombraram-se ao pensar naquilo.

– Mas não podiam guardar quadros numa gruta perto do mar, estragar-se-iam. Teria de ser uma coisa à prova de água, sólida e muito secreta.

– Tipo um contentor para armazenagem? – Laureen sabia tudo sobre «contentores para armazenagem». Tinham um no rancho, onde as famílias dos trabalhadores guardavam coisas que não cabiam nas suas casas e que não queriam deitar fora.

– Vamos ter de sair à noite, ir à procura – decidiu Bertrand.

– Está bem. – Laureen estava pelos ajustes. Diria boa-noite ao pai e depois sairia muito sorrateira.

Bertrand olhou para o *tutu*.

– Vais ter de usar roupas escuras. – Os dedos rechonchudos de Laureen deslizaram pelo tule cor de framboesa. Não disse nada. – Caso contrário, não podes vir – acrescentou com firmeza.

Ela lançou-lhe um olhar angustiado e ele retorquiu:

– Oh, está bem, deixo-te usar a minha capa por cima do *tutu*.

Lauren soltou o ar que retivera.

– Quando começamos?

– Esta noite. À meia-noite. Espero por ti nos portões.

Bertrand não tinha qualquer plano, mas sabia que havia de pensar nalguma coisa. Atravessariam os dois as ruelas secundárias, atentos a pessoas suspeitas e arrecadações secretas.

Estavam tão absorvidos nos seus planos que nenhum deles se lembrou que os ladrões também eram assassinos. E que já morrera um homem.

NATE ESTACIONOU A *DUCATI* perto do carrossel na place des Lices, onde, todas as terças e sábados de manhã se realizava um grande mercado que atraía magotes de *gourmets* à procura de produtos alimentares maravilhosos, muitos deles cultivados na região por pequenos agricultores, bem como camisolas de caxemira e vestidos de linho, sandálias e bijutaria, chapéus panamá e «Souvenirs de Saint-Tropez». Naquele dia, porém, não havia mercado e a praça achava-se quase vazia, apenas algumas mães cujos filhos andavam no carrossel e uma mulher de calças de equitação e camisa vermelha conduzindo um grande cavalo negro pelas traseiras dos edifícios do lado oposto de Le Café, que era para onde ele se dirigia.

A cabeça latejava-lhe devido a demasiado vinho tinto seguido de uma grande quantidade de brande, absorvido na noite anterior no popular Bar du Port na companhia de Billy Bashford. No entanto, valera a pena; divertira-se a observar as raparigas e até a namoriscar o que não era difícil visto que as mulheres em Saint-Tropez pareciam ser todas atiradiças e dadas ao *flirt*. Na sua opinião, porém, nenhuma delas se comparava em beleza e encanto a Sunny Alvarez. Ainda preservava na memória as horas que passara sozinho com ela em Chez La Violette e quase lamentava que a *villa* tivesse dado toda aquela confusão, embora tivesse de admitir que o Hôtel des Rêves era bastante especial e mais confortável.

Tirou os óculos protetores e o capacete, passando os dedos pelo cabelo escuro ao encaminhar-se a passos largos para o café. Avistou Belinda Lord, sentada numa das mesas minúsculas na esplanada, a observá-lo. Exibia um sorriso trocista que o embaraçou e baixou os olhos, examinando-se para ver se havia alguma coisa errada consigo próprio.

— Ora, ora, não é que é o abelhão. — Parecia haver sempre uma risada na voz baixa e rouca de Belinda. — Sente-se ao pé de mim, Nate.

— Obrigado.

Puxou uma cadeira e sentaram-se lado a lado, com vista para a praça. As

folhas dos plátanos adejaram quando o vento ganhou força, fazendo voar os guardanapos de papel e obrigando o empregado a correr atrás deles a praguejar.

– Recomendo o café expresso – aconselhou Belinda. – E, pelo seu aspeto, calculo que esteja a precisar. Porém, primeiro é melhor experimentar o «ingrediente secreto».

Nate ergueu uma sobrancelha inquiridora, mas Belinda levantou a mão.

– É a cura certa para o que, se não estou em erro, está a afligi-lo.

Belinda fez sinal ao empregado e pediu café e um *Fernet-Branco*. Quando o pedido chegou, empurrou o pequeno copo de licor para Nate que pegou nele e o cheirou. Afastou a cabeça para trás, espantado.

– Caramba.

– Ah, vamos lá, tem de ser crescidinho. Beba o seu remédio.

O nariz enrugou-se quando se riu para ele, os olhos azuis cheios de zombaria. Com o cabelo loiro curto, pele macia bronzeada e pernas compridas enfiadas em calções brancos, parecia o epítome da mulher do Sul de França.

Nate atirou a cabeça para trás e emborcou o «remédio».

– Caramba! – exclamou de novo, tossindo. – Isto é horrível.

– Todos temos de sofrer pelos nossos pecados. – Belinda deu-lhe uma palmadinha tranquilizadora no joelho. – E confie em mim, dentro de dez minutos será um homem novo.

Nate engoliu o café e pediu outro.

– Quem me dera que fosse tão fácil.

Foi a vez das sobrancelhas de Belinda se erguerem.

– Verdade?

Nate pôs os óculos e lançou-lhe um longo olhar sério.

– Vim para aqui para descobrir quem sou.

– *Hum*, um erro que muitos cometem aqui no Sul de França. Eu própria incluída. Há muito tempo.

Nate esperou que Belinda se explicasse, mas ela não o fez, por isso perguntou:

– Onde está Sara?

Belinda gemeu.

– Parece que somos inseparáveis, Belinda e Sara, o novo duo. – Encolheu os ombros. – Emprestei-lhe o *Bentley*, disse-lhe para ir dar uma volta, praticar

para se transformar numa mulher rica.

– Emprestou o *Bentley* a Sara?

Nate teve uma súbita visão de Sara, de olhos esbugalhados atrás do volante do carro luxuoso, a avançar com lentidão pelo apinhado *quai* Suffren com um monte de carros parados atrás dela, os condutores a buzinar furiosos.

– Ei, já o amolguei, o que interessa mais um risco ou dois? Embora se formos a pensar nisso, Sara vai querer matar-se se o carro ficar nem que seja só com um grãozinho de pó.

– Explique-me lá então como é que ela se vai «transformar numa mulher rica»?

– Da mesma maneira que eu, casando com a riqueza.

Nate não fez qualquer comentário, mas Belinda pressentiu a sua desaprovação.

– Escute – disse –, eu valia o investimento. Era uma esposa amorosa, chique, sempre maquilhada na perfeição e pronta para sair em qualquer cidade do mundo, apesar de às vezes, *muitas vezes*, ter preferido enroscar-me com um bom livro e uma chávena de chá. – Observou Nate com os olhos semicerrados. – Não estava à espera que dissesse isto, pois não?

Nate encolheu os ombros.

– Não gosto da ideia de as mulheres andarem atrás dos homens por causa do dinheiro deles.

– Por estranho que pareça, não andei. Foi Mikel que andou atrás de mim.

Pediu *croissants*. Deu uma dentada na ponta estaladiça e comeu-a, pensativa.

– Só gosto dos cantos – explicou a Nate. – Um desperdício, eu sei, mas estou a malhar o ferro enquanto está quente, como se diz. Na realidade, não sei quem teria inventado essa expressão. De qualquer maneira, muito em breve terei de começar a praticar ser pobre outra vez e a comer as migalhinhas todas.

– Pobre *outra vez*? – Nate serviu-se de um *croissant*. A dor de cabeça passara e sentia-se melhor.

– Está a olhar para uma antiga cabeleireira suburbana, o protótipo da rapariga do Essex que se deu bem na vida. Tipo como naquele filme antigo *A Educação de Rita*. Recorda-se, aquele com Julie Walters? Embora, agora que penso nisso, não creio que ela fosse cabeleireira.

– Fala sempre com referências a filmes antigos?

– Ei, não critique. Era onde passava a minha vida. *Vivia* aqueles filmes. Foi onde adquiri a minha educação, no cinema. Fui toda a gente, desde *Um Sonho de Mulher* a Maria Antonieta. – Olhou outra vez para ele. – Acredite, Nate Masterson, posso ser qualquer pessoa que queira. Daí deriva parte do meu sucesso com os homens.

– Não se tem em grande conta, pois não?

– Pelo contrário, aprendi o meu valor... e não é o meu peso em ouro. Embora *goste* mesmo de ouro – acrescentou, melancólica, como se o visse desaparecer diante dos olhos.

Fez sinal ao empregado e pediu um brande, beberricando-o pensativa, com os olhos ainda cravados nele.

– Sente-se melhor?

– Surpreendentemente sim, estou. Graças a si.

– Truques do negócio. E então você?

– Eu o quê?

Belinda olhou-o de cima a baixo.

– Então quem é, Masterson? Para além de golpista em Wall Street.

– Eu não era golpista.

– São *todos* golpistas. Ou então jogadores. E fugiu à minha pergunta.

– Suponho que sou o que sou. Suficientemente rico, suficientemente bem sucedido...

– E um homem solitário.

Cruzaram olhares.

– Isso também – retorquiu baixinho.

– Conte-lhe que as pessoas vinham aqui para se encontrarem.

– Um erro que disse já ter cometido.

Belinda inclinou-se, tocou-lhe na mão.

– Não quero que cometa esse mesmo erro, Nate. Sabe, não é muito diferente de Sara. Nenhum de vocês sabe como obter o que na realidade quer.

Nate riu-se.

– O meu problema é que não *sei* o que realmente quero.

– Então está na altura de descobirmos. – Belinda mirou-o de forma crítica outra vez. – A primeira coisa a fazer é largar essa licra. Vamos, Masterson, vamos às compras.

E, tal como fizera com Sara, Belinda agarrou na sua mala e em Nate e dirigiu-se para as melhores butikues de Saint-Tropez.

DE FACTO, SARA NÃO ANDAVA ATRAPALHADA a dar voltas ao porto e às ruelas estreitas de Saint-Tropez, decidira pelo contrário ser aventureira e guiar até Cannes. Não tinha planos para nada quando lá chegasse; na verdade, tudo o que sabia sobre Cannes era o que vira no programa televisivo *Entertainment Tonight* sobre o festival de cinema. Vira o famoso Hôtel Carlton com atores de cinema a passearem-se e agora pensava no que sentiria quando lá chegasse no fabuloso *Bentley* branco, entregasse a chave ao empregado para o estacionar, subisse os degraus e mandasse vir um copo de champanhe, fazendo virar todas as cabeças como se fosse alguém importante.

Claro que não podia fazer aquilo. Ou podia?

Sara pensou rapidamente no dinheiro que guardava na carteira. Tinha de durar até ao seu voo de regresso a Kansas, mais dez dias, e, apesar de Belinda estar a pagar o hotel e lhe ter dito para parar de se inquietar com dinheiro, a questão ainda se encontrava muito presente no pensamento de Sara. Ficava acordada à noite na cama a preocupar-se com o problema, enquanto Belinda ressonava com suavidade na cama ao lado. Claro que Sara nunca falaria a Belinda do ressonar, podia irritá-la. Belinda tinha uma imagem tão perfeita, loira, *sexy* e glamorosa como qualquer estrela de cinema. Belinda estaria tão à vontade como em sua casa na esplanada do Carlton.

Conduzindo o *Bentley* devagar através do trânsito complicado de verão na rotunda de Saint-Tropez, Sara teve consciência de cabeças que se viravam para olhar para o bonito carro e para ver quem ia a guiar. Lançou uma olhadela ao simples vestido de algodão branco que Belinda lhe dera com a sua habitual generosidade. Sabia pela etiqueta que era de um estilista italiano e também calçara os seus novos sapatos de cunha verdes de pele de cobra, apertados nos tornozelos. O cabelo castanho pela altura dos ombros adquirira novo brilho com a luz do Sol do Sul de França e não usava qualquer joia nem maquilhagem, à exceção de um *gloss* para os lábios cor de tangerina. De facto, quase parecia uma mulher que possuía um *Bentley* como aquele. Uma

mulher que podia guiar até às portas do Carlton, entregar as chaves ao empregado e pedir uma taça de champanhe naquela dita esplanada.

Girando com lentidão pela estrada de duas faixas, chegou por fim à Autoroute do Soleil. Pensou que no Sul de França até as autoestradas tinham nomes glamorosos como aquele, a Autoestrada do Sol. Entrou na estrada e continuou tranquilamente para leste, em direção a Cannes. O sistema de GPS informou-a onde devia sair e, passado pouco tempo, estava a conduzir pela famosa Croisette, com muita calma, passando pelo Palais des Festivals e pela cidade velha, admirando os iates incríveis atracados lado a lado ao longo do que pareciam ser alguns quilómetros. E lá estava o Hôtel Carlton, aliciando esta nova Sara Strange como a luz de um farol.

Quase sem pensar, como se tivesse sido programada, Sara parou o carro, entregou a chave ao empregado, que baixou a cabeça, deferente, e lhe chamou *madame*, e depois subiu, com os joelhos a tremer, os degraus para a famosa esplanada.

O empregado de mesa conduziu-a a uma mesa mais afastada e, em francês, Sara pediu *une coupe de champagne rosé*, satisfeita consigo própria por conseguir fazer o pedido em francês. Aprendera mantendo os olhos e os ouvidos atentos perto de Belinda e dos outros, que pareciam todos ter tanta experiência mundana em relação a tudo, e champanhe *rosé* era a bebida mais glamorosa que conseguia imaginar.

O empregado pousou um copo sobre a mesa, mostrou-lhe a garrafa gelada para ela poder ler o rótulo, *Piper-Heidsieck Rosé Sauvage*, e encheu o copo. Pousou também um pequeno prato, fez uma vénia, chamou-lhe *madame* e foi-se embora.

Sara bebeu um gole, saboreando-o.

– Celestial – disse baixinho.

Consciente de que estava a falar sozinha, sentou-se mais direita e olhou para as outras mesas. Havia um burburinho feliz de conversas, entremeadas com explosões de riso. Toda a gente parecia estar a divertir-se, mas Sara sentia-se demasiado nervosa para se estar propriamente a divertir. Era uma mulher sozinha, abandonada pelo namorado, «o sacana», como Belinda lhe chamava. Não era rica como aquelas pessoas. De facto, não tinha quase dinheiro nenhum e até o vestido que usava era uma peça de roupa herdada.

Bebeu outro gole de champanhe e mordiscou qualquer coisa deliciosa. Sentia-se muito longe do *Starbucks* na sua pequena cidade do Kansas.

Uma mulher chique com uma camisa de linho branco e calças brancas justas fez uma pausa quando passou pela mesa de Sara.

– Ei, belos sapatos – disse com um sorriso e Sara percebeu que lhe sorria em resposta.

– *Merci* – retorquiu e depois percebeu que a mulher era americana.

Ah, bem, pelo menos sabia agora algumas palavras em francês: sabia como pedir uma taça de champanhe e como agradecer. Como teria dito Belinda, de que mais precisava uma rapariga?

Meia hora depois, quando o empregado já se aproximara para perguntar se ela queria outro copo de champanhe e Sara dissera *non merci*, remexeu na carteira à procura da soma correta de dinheiro, deixando uma pequena gorjeta no pires fornecido, desnecessária sabia, porque a conta quase sempre incluía a gratificação, e depois atravessou devagar o terraço e desceu as escadas.

O seu *Bentley* estava estacionado mesmo em frente entre um *Lamborghini* verde maçã e um *Maserati* descapotável personalizado azul-escuro com estofos em couro. Eram os carros mais bonitos que Sara já vira.

O empregado sorriu-lhe, fitando-a nos olhos, e abriu-lhe a porta. Corando, Sara ajustou com rapidez os óculos escuros, dando-lhe uma gorjeta excessiva. O rapaz vira-a chegar e o motor já se encontrava a trabalhar. Metendo a mudança, Sara virou-se para lhe sorrir, mas ele estava a falar com dois homens fortes, de casacos de linho branco, a acenar com os braços e, era óbvio, a explicar qualquer coisa.

Consciente de que bebera só um copo e com certeza não além do limite permitido, Sara guiou mesmo assim com cuidado, avançando até ao fim da Croisette e entrando a seguir, com relutância, na autoestrada. Era, pensou sonhadora, uma aventura que recordaria nesses longos meses de inverno quando bebesse o seu descafeinado com leite, conservando o casaco bem abotoado por causa do frio. De algum modo, o seu *Toyota Corolla* nunca mais pareceria o mesmo.

Tomou pela primeira vez consciência do carro que vinha atrás dela, mantendo a mesma velocidade, quando se aproximou da saída para Saint-Tropez. Intrigada, examinou-o pelo espelho retrovisor. Um grande *Mercedes 600* cor de prata. Disse consigo mesmo que iria simplesmente para Saint-Tropez como toda a gente. Mesmo assim, carregou um pouco mais no acelerador e o *Bentley* lançou-se para a frente. O *Mercedes* manteve-se colado a ela.

Era de tarde e o trânsito escasso. Sara tinha receio de guiar mais depressa na estrada estreita e às curvas e manteve a sua velocidade de cruzeiro, olhando de vez em quando pelo espelho retrovisor. O *Mercedes* estaria mesmo a *seguir-la*? Pôs a ideia de parte, não descortinando razão para o fazer.

A estrada alargava-se um pouco junto a uma zona onde os camiões conseguiam chegar-se para um dos lados e permitir que os carros em fila atrás deles os ultrapassassem. Mal se aproximou da dita zona, o *Mercedes* precipitou-se lá de trás. Encostou-se ao *Bentley*, quase a tocar-lhe, forçando-a a desviar-se para a berma estreita.

– Oh, meu Deus. – Sara carregou a fundo nos travões, em choque. – Oh, meu Deus...

Lançou um olhar aterrorizado ao *Mercedes*. Os dois homens de casacos de linho branco que vira no hotel corriam para ela... Seriam armas que lhes brilhavam nas mãos?

Numa fração de segundo, todas as lições que aprendera na televisão sobre assaltos a carros perpassaram-lhe pela cabeça... Sabia que morreria se ficasse ali... Metendo com força a mudança, fez chiar o *Bentley* contornando o *Mercedes* e saiu da berma para a estrada. O grande carro girou com violência e esforçou-se por controlá-lo, nem perdendo sequer tempo a olhar pelo espelho para ver se vinham atrás dela. Ouviu-se um barulho atoador lá atrás e uma buzina forte de um *camion*, um veículo pesado de dezasseis rodas, quase em cima do seu vidro traseiro. Suspirou aliviada. O *Mercedes* não teria qualquer hipótese de o conseguir ultrapassar.

Limpando o suor da testa com as costas da mão, exclamou alto:

– Oh, meu Deus, obrigada, obrigada...!

E aí as lágrimas rolaram.

BILLY BASHFORD estava a achar a França mais solitária do que esperara, sendo a sua solidão interior acentuada pelos jovens amantes de diversão em Saint-Tropez, hedonistas, descontraídos e, de algum modo, felizes como já não era há muito tempo. Conduzindo o *Hummer* pelo porto antigo, perguntou-se se alguma vez se sentiria assim de novo, como quando conhecera a sua Betsy pela primeira vez.

Betsy também gostara de diversão, não como aquelas pessoas, mas de uma maneira muito própria. Dissera-lhe no dia em que se tinham conhecido que, na vida, era uma observadora e não uma participante.

– Sou uma mulher pacata – afirmara em tom sério. – Uma professora.

Billy quase esperara que dissesse que ensinava nalguma escola antiquada na pradaria, mas na verdade Betsy ensinava num duro gueto urbano em Fort Worth e, além disso, gostava muito dos «seus» miúdos, como lhes chamava.

– Nunca tiveram qualquer hipótese e estou a tentar dar-lhes algumas.

Depois de casarem, passados uns meros seis meses, Betsy cumprira essa promessa e Billy e ela tinham subvencionado uma fundação dando às crianças dos bairros degradados do Texas bolsas universitárias completas. Até ao momento, vários milhares tinham beneficiado das bolsas e, em memória de Betsy, Billy financiara um novo fundo para bolsas para os que queriam continuar a sua formação, um mestrado, ou até, em dois casos até agora, um doutoramento. O nome de Betsy Lowell Bashford perduraria e Billy sentia-se muito grato.

Estava também grato pela sua filha, tão dissemelhante da mãe em caráter, embora não fisicamente. Quando era pequena, três, quatro anos, Laureen fora uma criança sedutora de covinhas e, como Billy dizia, cheia de vivacidade e entusiasmo, sempre irrequieta, sempre curiosa, sempre a correr, a saltar, a montar o seu cavalo. Os risos tinham retinido no alpendre e nos corredores. Meu Deus, como a vida fora boa nessa altura, recordou, ao dirigir-se para o parque de estacionamento de Saint-Tropez.

A vila estava apinhada de gente, claro, como sempre estava, e os peões, como todos os veraneantes em férias, não prestavam atenção às regras, derramando-se dos passeios estreitos para a estrada, quase a enfiarem-se debaixo das suas rodas. Um grupo de miúdas giras fugiu do seu caminho, espreitando através da janela aberta.

– Olá, Texas – gritou a mais bonita. Usava uns calções amarelos minúsculos e uma parte de cima de biquíni, e o comprido cabelo loiro flutuava-lhe de forma *sexy* à volta dos ombros bronzeados. – Gosto do chapéu! O que fazes esta noite?

Falou em francês e claro que Billy não entendeu uma palavra, mas percebeu o sentido. Olhando para ela, sentiu-se quase tentado, mas recordou-se que estava ali por causa de Little Laureen, por isso sorriu apenas e acenou.

Laureen era um problema. Não só se recusava a ir à praia com ele, ou até à piscina, e, de facto, apenas concordara em deslocar-se a Saint-Tropez uma única vez e isso porque queria comprar uma coleira para a *chihuahua*, mas naquele dia desaparecera simplesmente depois do pequeno-almoço.

Dissera que ia dar um passeio, mas a nova rapariga na receção contara-lhe que saíra com o jovem Bertrand Olivier e Billy entrara em pânico. Não fazia ideia quem era Bertrand Olivier, nem o que andava a fazer com a sua filha. Depois avistara-os sentados na praia, com as cabeças juntas, Laureen com um chapéu que sabia não lhe pertencer, a estudarem atentamente um jornal como dois conspiradores. Tinham-se separado com um salto, com ar culpado, levantando-se muito depressa, quando ele chamara por ela, e o rapaz enfiara o jornal debaixo do braço, murmurara qualquer coisa entre dentes sobre o almoço e desaparecera.

– Miúdo esquisito – comentara Billy para Laureen.

Mas ela contara-lhe, na defensiva, que Bertrand era bom rapaz. A mãe abandonara-o ali. Estava sozinho... e de qualquer modo... A frase interrompera-se de forma vaga, mas Billy entendera.

Não dizendo mais nada, pegara na mão de Laureen e tinham passeado os dois pela praia durante uma hora, Billy a conversar sobre os veleiros, os pelicanos, os bons aromas que lhes chegavam do bar da praia. Mais tarde, tinham almoçado juntos, Billy peixe grelhado e Laureen batatas fritas e um batido de morango. Depois a filha declarara que estava cansada e que ia para o quarto. Tendo ficado sozinho, Billy fora até Saint-Tropez e agora dava voltas no parque de estacionamento a tentar arrumar o carro.

Lá descobriu um lugar e estava a atravessar a rua quando viu o *Bentley* a fazer a curva meio de esguelha. Não ficou surpreso, Belinda era uma péssima condutora. Mas depois viu que não era Belinda, era Sara Strange. E, para variar, vinha a chorar. Mas não era um choro normal. Havia uma expressão de perfeito terror no rosto de Sara.

Desceu do passeio para a mandar parar e Sara quase o atropelou, travando enquanto ele dava um salto para fugir do seu caminho.

Billy olhou bem para ela e disse:

– É melhor sair do carro.

Sara saiu e ficou, obediente, ao lado do *Bentley*.

Billy abriu a porta do lado do passageiro e empurrou-a lá para dentro, fechou a porta, deu a volta para o lado do condutor e entrou no carro. Ignorando os mirones curiosos que espreitavam o *Bentley* luxuoso e os seus ocupantes, afastou-se a guiar para o porto.

Passado um bocado lançou a Sara um olhar de esguelha, perscrutador.

– Então o que se passa? – perguntou, mas ela começou outra vez a chorar.

Billy continuou a guiar sem destino, à espera que a tempestade amainasse e os soluços fossem menos frequentes. Algum tempo depois, Sara acalmou-se um pouco. Por esta altura já tinham saído da vila e seguiam pela estrada ao longo da praia, Ste. Maxime, depois Juan les Pins. Billy estacionou num lugar junto à praia, tirou Sara do carro, pegou-lhe na mão, fê-la atravessar a estrada e descer para um café. Na realidade, pouco mais era do que uma cabana e vendia protetores solares e bolas de praia para miúdos, mas também bebidas e petiscos.

Sentou Sara numa mesa na plataforma de madeira virada para a água e foi ao bar pedir um brande e café. Pousou o brande à frente dela e disse:

– *Okay*, beba tudo. E depois conte-me o que aconteceu.

Os olhos dela estavam inchados, eram meras fendas.

– Já bebi um copo de champanhe.

Billy perguntou-se com quem teria estado a beber, mas empurrou o copo na direção dela e insistiu:

– Beba isso e depois fale.

Sara bebeu, obediente, fazendo uma careta, mas conseguindo não tossir. Lançou-lhe uma olhadela.

– Quase me mataram.

– Quer dizer que quase teve um acidente com o carro?

– Não, quero dizer com um tiro – retorquiu ela.

Billy olhou em volta, célere, para ver quem poderia estar a ouvir. Estaria a lidar com uma mulher louca?

– Apanharam-me numa área de descanso – explicou, emborcando agora o resto do brande. – Vinham atacar-me com pistolas...

– Escute – interrompeu-a Billy. – Porque não reflete um pouco e depois começa pelo princípio?

E foi o que Sara fez. Quando terminou, ficou a olhar para Billy, como se este possuísse todas as respostas. E, de certa maneira, até tinha.

– Estava a guiar o carro de Belinda. Recorda-se que ela nos contou que o marido viria atrás dela, que tentaria matá-la? E eu – acrescentou, recordando-se também – garanti-lhe que isso não aconteceria, não comigo e Mac Reilly para a proteger. Caramba!

Empurrou o chapéu para trás na testa, espantado por a profecia de Belinda quase se ter cumprido. Sabia que os malfeitores tinham reconhecido o *Bentley* e seguido Sara com a intenção de descobrirem onde Belinda se encontrava. E, com as pistolas, não havia dúvida que a coisa era a sério.

– Onde está Belinda agora? – perguntou.

– Na vila, ia às compras, disse que apanhava um táxi para o hotel.

O primeiro instinto de Billy foi telefonar a Belinda a avisá-la, mas depois percebeu que isso só a assustaria. Telefonou para o telemóvel de Mac, contou-lhe que havia problemas sérios envolvendo Belinda, esclareceu com rapidez o que se passara e pediu-lhe para vir ter com eles ao porto antigo. Explicou que precisaria de alguém para levar o *Bentley* de Belinda para o hotel, por isso Sunny também devia vir.

Mac respondeu que iam já e Billy voltou ao parque de estacionamento do porto antigo, esperando até ver o *Peugeot* cor de prata com Mac ao volante.

– Eu levo o *Bentley* – disse Mac. – Sara, vá com Sunny e encontramo-nos todos no hotel.

O olhar lacrimoso de Sara agradecia quando entrou no carro. Com Mac e Billy junto dela sentia-se segura.

Belinda fizera tenções de apanhar um táxi para regressar ao hotel, mas Nate oferecera-lhe uma boleia e as lojas tinham prometido entregar os sacos das compras, por isso aceitou. De qualquer maneira, a *Ducati* era mais divertida.

Tinha os braços passados em volta do corpo duro de Nate, mãos apertadas à frente, a cabeça protegida com o capacete apoiada no ombro dele. Quer dizer, poderia ser mais íntimo? Além disso, a licra desaparecera e agora Nate parecia humano, com uns calções e uma camisa normais, se bem que caros. De facto, Belinda achava que Nate Masterson estava com um aspeto muito atraente.

ACORDARA-SE QUE TODOS OS INADAPTADOS se encontrassem às nove no pátio para jantar, altura em que discutiriam os acontecimentos do dia. Entretanto, Mac esperara no vestíbulo que Belinda chegasse, o que sucedeu meia hora mais tarde. Vinha a rir-se a bandeiras despregadas quando Nate rodou a mota amarela até parar em frente das portas de vidro.

– Olá! – exclamou Belinda, avistando Mac e largando, com relutância, o corpo de Nate.

Deslizou com elegância da *Ducati* com uma grande exibição de pernas compridas e bronzeadas. Depois, Nate e ela subiram os degraus de braço dado. Belinda reparou no rosto solene de Mac.

– O que aconteceu?

– Vamos até ao bar, ofereço-vos uma bebida – retorquiu este.

Belinda e Nate olharam um para o outro confundidos e seguiram-no. Belinda quis um *Cosmopolitan*, Nate disse que nunca provara nenhum e Mac também não, por isso pediram três *Cosmopolitans*.

Fitaram Mac na expectativa enquanto o empregado do bar esmagava o gelo, acrescentava um par de medidas de vodka *Grey Goose*, um pouco de *Cointreau* e uma medida de sumo de mirtilo, agitava e depois servia em copos de martíni gelados. Umas gotas de lima e os *Cosmopolitans* estavam prontos.

Belinda foi a primeira a provar. Ergueu os polegares para o empregado do bar, que se chamava Louis.

– Muito bom. De facto, quase tão bom como o meu. Sou uma espécie de perita em martínis – explicou aos outros. – Sabem, do tipo agitado, não mexido, com um pouco de vermute, gim gelado e azeitonas salgadas.

– Usei alguns desses no meu tempo – concordou Mac.

– Eu não. – Nate provou o seu *Cosmopolitan*, crítico. – A lima corta o doce. É bom, embora seja mais apreciador de *bourbon*. Só quando estou sob stresse, claro.

- O que no seu tipo de trabalho é a maior parte do tempo – calculou Mac.
- No seu também.

A resposta de Nate era mais uma pergunta do que uma afirmação, mas Mac encolheu apenas os ombros.

Belinda recostou-se para trás na sua cadeira de bar de pele vermelha.

- Então porque estamos aqui afinal a apreciar esta bebida deliciosa?

- Tem a ver com o marido – retorquiu Mac.

Surpreendida, Belinda arregalou os olhos.

- Ele apareceu?

– Não, mas creio que dois dos seus capangas sim. Sara ia a guiar o *Bentley*. Reparou neles no Carlton em Cannes. Seguiram-na num *Mercedes 600*, encurralaram-na numa área de descanso, apontaram-lhe armas...

O grito horrorizado de Belinda fez o empregado do bar virar a cabeça e aproximar-se para perguntar se estava tudo bem com a bebida.

- Ótima, está ótima... obrigada... – Os olhos angustiados de Belinda cruzaram-se com os de Mac.

– Sara está bem – disse este. – Muito abalada, claro. Felizmente Billy avistou-a na vila. Disse que ia a guiar como uma louca, quase o atropelou porque ia a chorar muito. Socorreu-a, andou com ela até se acalmar, deu-lhe brande para a reanimar e conseguiu que lhe contasse a história toda.

- Onde está ela agora? – Belinda já se levantara.

- No quarto, deitada. Não há problema, Sunny está com vela.

Belinda deixou-se cair outra vez na cadeira.

- É óbvio que pensaram que era eu que ia a guiar o *Bentley*...

– Não, mas com certeza pensaram que Sara lhes podia dizer onde estava, visto estar a guiar o seu carro.

- Meu Deus, oh, meu Deus... Logo Sara entre todas as pessoas.

- Belinda, que aspeto tem o marido?

– Jasper Lord... ou Mikel Markovich é um nome mais apropriado, o que a mãe lhe deu à nascença na Bielorrússia há cinquenta e cinco anos. – Bebeu outro gole do *Cosmopolitan*. – Mikel parece saído de um filme de James Bond, escolhido especificamente para desempenhar o papel do vilão... Sólido e pesado como um urso, cabeça calva como uma boca de incêndio, óculos escuros *Ray-Ban*, fato italiano, anel de diamante no dedo mindinho, o *Rolex* de ouro e diamantes... até usa um alfinete de gravata com pérola preta dos mares do sul! – Atirou-lhes um olhar sombrio sob as pálpebras meio

fechadas. – Acreditem, não vos passava despercebido, nem que tentassem.

– E *tu* não tentaste – replicou Nate.

Belinda baixou os olhos.

– Tive as minhas razões.

Mac não sabia o que dera a Nate, mas não era com certeza altura para estar a implicar com Belinda por ter casado com um gangster russo, porque era isso que Mikel/Jasper devia ser. Havia dúzias deles ali na Riviera, a gastar à grande e a maioria com uma mulher glamorosa, muitas vezes uma bela russa, pelo braço.

– Não sabia o que ele era quando o conheci – declarou Belinda de repente.

– Eu era... diferente nessa altura, ingénua.

Era difícil imaginar que Belinda tivesse sido alguma vez ingénua, mas Mac sabia que toda a gente tinha a sua história.

– Vamos encontrar-nos todos para jantar esta noite, às nove no pátio. Estão a preparar uma mesa sossegada para nós perto da fonte, para a nossa conversa ser confidencial.

Belinda lançou-lhe outra vez aquele longo olhar com as pálpebras meio fechadas.

– Pensas em tudo, não é, Mac Reilly, até em não escutarem o que vamos dizer, embora com certeza não haja aqui ninguém que possa ter qualquer interesse em nós. Ou em Mikel?

– Ou em Chez La Violette – acrescentou Nate.

Mac reparara que Nate estava com um aspeto diferente, quase elegante, de uma forma descontraída. Retorquiu:

– Chez La Violette também está na nossa ordem de trabalhos.

Nate gemeu e terminou a sua bebida.

– Bolas, uma reunião de negócios. Pensei que deixara tudo isso para trás.

Mac encolheu os ombros.

– Podes deixar tudo para trás se quiseres. Não há necessidade de estares presente, mas, se estás interessado em recuperar o teu dinheiro, ou no que acontece a Belinda, então aconselho-te a não faltar.

Nate lançou uma olhadela a Belinda e replicou:

– Lá estarei. Queres que te acompanhe ao teu quarto?

– Obrigada. – Belinda esvaziou o copo e preparou-se para sair. – E obrigada a ti, Mac. Só Deus sabe o que poderia ter sucedido a Sara.

– Não me agradeças. Sara desenhenciou-se sozinha e foi Billy que tomou

conta dela.

– Então agradeço a Billy depois – retorquiu Belinda com um aceno de adeus.

Mac reparou que Nate lhe pegara no braço ao afastarem-se, inclinando a cabeça para ouvir o que ela dizia. Ora, ora, então Masterson estava agora encantado com Belinda, seria? Pelo menos, desviara a sua atenção de Sunny.

Quando regressou ao quarto, Sunny estava à sua espera. Ambos os cães se encontravam em cima da cama com ela, *Pirate* ao fundo, a cabeça entre as patas, com o olho vigilante na *chihuahua*, que estava enrolada numa bola em cima da almofada, com Sunny entre os dois, tentando caber da melhor forma possível.

– Como está Sara? – perguntou Mac.

– Mais calma, sem lágrimas, mas agora está preocupada que Belinda a culpe pelo que aconteceu.

– E tem razão, Belinda culpa-a. Ou se não, culpo-a eu. Sara nunca devia ter ido a Cannes com aquele carro. – Mac encolheu os ombros, com pesar. – Nada que se possa fazer a respeito agora. Aqueles tipos estão de atalaia e Belinda é uma mulher procurada.

– E se a apanharem?

– Exato. – Sunny reparou no sobrolho franzido de Mac. – Roddy telefonou-me há bocado. Contou-me que a *villa* pertence a Joel Krendler. Também tem um avião privado. Um *Citation*. Vou telefonar a Alain Hassain da Interpol, contar-lhe o que se passa, pedir-lhe ajuda.

Sunny endireitou-se e prestou atenção. O inspetor Hassain aparecera no programa televisivo de Mac várias vezes para falar de crimes internacionais. Mac telefonou-lhe, deu-lhe informações sobre Krendler e a burla, referiu que havia outro problema, relacionado com Jasper Lord também conhecido como Mikel Markovich. Contou a Hassain que a mulher de Lord o deixara e que parecia que este estava preparado para a matar se ela não voltasse.

– E talvez a mate se ela voltar – comentou em tom sombrio. Depois acrescentou que Lord fora talvez um gangster nos seus primeiros tempos e que precisava de saber com exatidão em que assuntos estaria envolvido agora.

Quando Mac desligou, Sunny estava sentada na beira da cama a olhar para ele.

– Não confio em Krendler – afirmou Mac. – Ron Perrin contou-me que não

se sabe muita coisa sobre a sua vida pessoal, embora existam boatos de que foi ator na sua juventude.

– Ei, lembras-te da maquilhagem de teatro? – retorquiu Sunny. – A sombra para os olhos que o fazia parecer Camille na ópera que é sem dúvida uma das suas favoritas? Creio que o nosso Krendler é um pouco um impostor.

– O dinheiro não é fingido. O tipo é mesmo rico, embora Ron me tenha confiado que de certeza tem muita da sua riqueza escondida, provavelmente na Suíça, para onde, a propósito, viaja com frequência. Para Zurique, uma capital financeira do mundo. Ron Perrin diz que acredita que ele tem um chalé num dos cantões, na encosta de uma montanha.

– E que tem isso a ver com a nossa burla?

Sunny estava desorientada e Mac também.

– Quem me dera saber.

Pegou na lista de convidados de Reynaud. Havia muitos nomes famosos, atores de cinema franceses, cantores americanos, colunáveis internacionais. E entre eles encontrava-se o nome de Gianni Valenti.

– O nosso novo amigo Valenti passeia-se por aí. – Dobrou a lista e voltou a colocá-la na mesa de cabeceira. – Pergunto-me como conhecerá François Reynaud.

– São ambos fanáticos por barcos – respondeu Sunny.

– É verdade. – Cansado, olhou para ela. Ela olhou para ele. – Que dizes a irmos dar um passeio pela praia?

– Só nós os dois? – Sunny já estava de pé, a sorrir.

– E os cães, claro.

ERAM NOVE HORAS. Belinda e Sara esperavam pelos outros na mesa do pátio junto à fonte. Examinavam a ementa da noite.

Belinda escolhera sentar-se de costas para a parede, para poder observar bem quem entrava e saía. Usava um vestido de malha de seda vermelho, sem mangas, com um folho à frente e sandálias prateadas. Não contara a Sara que lhe passara pela cabeça, quando decidira usar vermelho, que manchas de sangue de um possível ferimento de bala não se notariam.

Sara nem sequer quisera descer para jantar, mas Belinda insistira. Maquilhara o rosto de Sara, disfarçando as pálpebras inchadas com uma sombra cinzento-acastanhada e um leve traço de *eyeliner* castanho, embora não pudesse fazer nada em relação aos olhos vermelhos propriamente ditos. Um *blush* rosado e o batom preferido de Belinda, o *Beije Sensuel* de *Guerlain*, tinham transformado Sara, que passara de um retrato monocromático desbotado para um estudo de cor encantador. Com a franja castanha e um puxo denso pela altura dos ombros, usando o vestido de seda cor de pêssego comprado em Saint-Tropez, Belinda achou que, apesar do trauma, Sara parecia fazer agora parte do «mundo real».

– Compreendes que podes ir a qualquer lado, com esse aspeto? – perguntou.

Sara levantou os olhos da ementa.

– Quê? Que queres dizer? Como a *qualquer lado*?

– Qualquer lado no mundo inteiro. De facto, aposto que se o teu chefe no centro médico te visse agora, nem te reconheceria. Quem é aquela rapariga deslumbrante, diria, com ar muito intrigado e muito satisfeito ao mesmo tempo. – Belinda estava a fazer o possível para animar Sara e soltou um suspiro de alívio quando viu a mulher mais jovem sorrir. – *Okay*, então que vamos comer esta noite? – indagou, estudando a ementa.

– Talvez coma apenas a sopa de tomate e manjerição fresco. – Sara ainda tinha o estômago embrulhado e não sentia muita fome.

– Está bem, a sopa. – Belinda fez correr o dedo pela lista. – Depois disso, recomendo as *noisettes* de cordeiro de Alpilles, são as melhores do mundo. E talvez uma pequena salada verde, a seguir queijo... é bom, já falei com o *chef* e vem fresco do melhor fornecedor de Nice. Quanto à sobremesa, depois logo vemos. – Mostrou o seu grande sorriso. – Que tal?

Sara pousou a ementa.

– Parece muita coisa.

– Acredita que vais gostar. – Belinda já chamara o empregado e estava a pedir duas garrafas de *Château de Bellet rosé*. – Veja se está bem frio, Gustave.

Sabia o nome de todos os empregados e já fizera amizade com o *chef*, bem como com o diretor do hotel, as empregadas de limpeza e os jardineiros. De facto, Belinda conhecia toda a gente e toda a gente sem dúvida conhecia Belinda. Era assim que ela era: encantadora, comunicativa, amigável. E dava boas gorjetas.

– Dar gorjetas compensa sempre – explicou a Sara. – Escuta, já fui cabeleireira, certo? Sei isto por experiência própria. Temos de nos recordar que estas pessoas trabalham para ganhar a vida e contam contigo para aumentar o seu salário. Estão à espera e é necessário.

– Está bem – respondeu Sara. Pessoalmente, deixava sempre uns pequenos trocos no Starbucks e tinha o cuidado de deixar os quinze por cento da praxe quando jantava fora. – O namorado nunca dava gorjetas – comentou. – Dizia que não era necessário e que eles já recebiam.

– Sacana – retorquiu Belinda. – Mesmo típico. Ah, ali vêm os outros. Com o homem do momento – acrescentou, olhando, não para Nate, mas para Mac.

Nunca na vida Belinda se sentira tão contente por ver um homem. Bem, talvez isso não fosse bem verdade, mas, neste caso, estava contente por ver Mac Reilly porque, embora exteriormente mantivesse a serenidade por causa de Sara, lá no íntimo tremia. Sabia que o marido não estava a brincar.

– *Bonsoir*, Belinda, Sara.

Com a *chihuahua* ao colo, Sunny cumprimentou-as com um sorriso e depois deu a volta à mesa para as beijar, à maneira francesa. Sentou-se ao lado de Belinda e, com um breve boa-noite, os três homens sentaram-se em frente, voltados para a fonte. *Pirate* girou em torno da mesa sorrindo um olá protuberante e depois empoleirou-se na borda da pedra fria da fonte, parecendo um Baco grisalho.

Little Laureen ficou com o lugar de honra na ponta da mesa, o que lhe dava muito jeito, porque daí tinha uma visão direta da sala de jantar e de Bertrand. Ele ainda não chegara, mas a ideia do encontro à meia-noite borbulhava excitada na sua cabeça. Mirou *Tesoro* com ansiedade, mas Sunny estava embrenhada em conversa e não se ofereceu para a deixar segurar na cadela.

O *rosé* esfriava num balde prateado ao lado da mesa com a sua bonita toalha cor de coral e um ramo de rosas numa taça cor de rosa. Um empregado apressou-se a acender as lanternas à prova de vento e a encher-lhes os copos. Serviu água *Badoit* e os cestos de pão foram distribuídos, junto com potinhos de *tapenade*, a pasta para barrar típica da Provença, feita de azeitonas e anchovas, e que sabia, pensou Sunny, ao sol dos montes onde cresciam as oliveiras, meio esverdeada e dourada, um pouco ácida, um pouco salgada.

O empregado era um pequeno homem compacto, com uma *T-shirt* de marinheiro às riscas e um lenço vermelho atado ao pescoço, tipo *matelot*. Os olhos escuros cintilaram ao olhar em volta na expectativa.

– *Mesdames, messieurs* – chamou-lhe a atenção. – Hoje, o nosso prato especial é dourada, apanhada esta manhã no mar. Temos também peixe-galo, apanhado à linha pelos nossos pescadores de Saint-Tropez. Temos *gigot*, perna de cordeiro, assada na perfeição. Temos espargos roxos, grelhados e regados com molho *hollandaise* caseiro. Ainda um *tian* de legumes cultivados na região: beringelas, curgetes, abóbora e tomates, assados com ervas da nossa horta, tomilho e alecrim. O peixe pode ser grelhado ou frito, como preferirem e, claro, com um pouco de alho e ervas. *Eh bien, la petite* – continuou, começando por Laureen, que presidia à mesa no seu *tutu* cor de rosa. – O que vai querer?

– Esparguete à bolonhesa, por favor.

– Little Laureen. – A voz de Billy tinha um tom exasperado. – Porque não provas o peixe fresco?

– Não, obrigada. – Laureen foi educada, mas inflexível.

O empregado sorriu.

– *Bien sûr*, claro, *le spaghetti*. – Era um hotel para famílias e estava habituado a crianças.

Os outros pediram a dourada, embora Belinda escolhesse o cordeiro e Sara, que se sentia ainda enjoada, apenas o *tian* de legumes. Nunca fora de beber, mas agora ingeriu um longo gole de vinho, olhando, tensa, para Mac por cima do rebordo do copo.

Mac ergueu o seu copo num brinde.

– A todos vós que tenho vindo a considerar como o meu grupo de Desvalidos Internacionais.

– Aos Desvalidos – concordou Belinda.

– Ou até aos Inadaptados – acrescentou Sunny.

Ouviu-se o riso trovejante de Billy.

– O que dizes, Little Laureen? Achas que somos Inadaptados? Desvalidos?

Os olhos azuis sérios de Laureen fitaram os dele.

– Sim – respondeu.

– Eu sei que sou – declarou Sara.

– E tu, Nate?

Sunny pensou que Nate estava com um ar elegante, de calças de ganga brancas e uma camisa de algodão muito francesa, aos quadrados brancos e azuis pálidos, mangas enroladas a mostrar os antebraços bronzeados. Apostava que Belinda tivera alguma coisa a ver com aquilo.

Nate encolheu os ombros.

– Nunca me considereei como desvalido, nem inadaptado.

– Então porque estás aqui?

A pergunta de Billy apanhou Nate de surpresa. Baixou os olhos para o prato, onde um pedaço estaladiço de *baguette* o aguardava.

– Então? – Sunny sabia por que razão Nate ali estava, mas visto que toda a gente explicara em público porque alugara Chez La Violette, queria que ele dissesse também a verdade.

Nate serviu-se de *tapenade*.

– Pela mesma razão de todos os outros, suponho – retorquiu por fim. – Estou aqui para me descobrir, descobrir o que a vida tem para oferecer. Isto é, a vida real.

Nessa altura o empregado interrompeu-os com uma salada verde, cujo sabor era realçado por hortelã fresca picada, temperada com o melhor azeite *niçoise* e um pouco de limão.

– O verão numa travessa – comentou Sunny, mas reparou na pequena ruga entre as sobrancelhas de Mac. Era óbvio que não estava a pensar na comida e ela sabia o que o preocupava.

Olhando para todos à volta da mesa, Mac começou:

– Bem, agora não temos só um problema, mas sim *três*. O primeiro é Chez La Violette, cujo proprietário, Joel Krendler, nega ter qualquer conhecimento

sobre a burla do aluguer da casa. Estou tentado a acreditar, embora exista nele qualquer coisa estranha e estou a investigá-lo. O que nos deixa com o mesmo problema. Onde está Madame Lariot?

Comeram as saladas em silêncio, à espera do que viria a seguir.

– O segundo é o marido, Jasper Lord, que, como prova a experiência desagradável de Sara esta tarde, anda no encalço de Belinda e não se deterá diante de nada para a reaver.

Sara sentiu um calafrio percorrer-lhe a espinha ao reviver por momentos o seu terror. Bebeu outro gole de vinho.

– O terceiro – continuou Mac – diz respeito ao roubo de obras de arte e ao homicídio que aconteceu aqui perto na noite da tempestade. Na noite em que todos chegaram.

Fitaram-no, intrigados com esta última chegada.

– O que tem isso a ver connosco? – perguntou Billy.

Little Laureen lançou-lhe um olhar condescendente.

– *Papááá*, não ouviste dizer? Ofereceram uma grande recompensa pela captura dos ladrões. Quinhentos mil euros.

Billy fitou a filha, atónito.

– E como sabes isso, querida?

Laureen encolheu os ombros, baixando os olhos para a salada em que não tocara.

– Sei, é tudo.

– Para responder à tua pergunta, Billy – replicou Mac –, na realidade, não está relacionado com Chez La Violette. Pelo menos não por enquanto. – Tinha as suas próprias teorias, mas ainda não estava preparado para as explicar. – De qualquer modo, a nossa primeira prioridade é proteger Belinda. – Fez um gesto para Belinda com o copo. – Nunca debes sair sozinha. De facto, seria melhor se não saíesses do hotel, pelo menos nos próximos dias. O marido é muito esperto, vai dar contigo dentro de pouco tempo. Entretanto, precisamos de te manter em segurança aqui. E, entretanto também, tenho um contacto na Interpol que está a obter informações sobre Mikel Markovich, também conhecido como Jasper Lord. Os franceses são uma raça tolerante, mas não permitem crime internacional no seu território e podes apostar que o marido não se está a preparar para coisa boa.

A risada de Belinda tinha um toque amargo.

– Não se está a preparar para coisa boa? Isso deve ser o eufemismo do ano.

– Nunca tiveste suspeitas sobre o que se passava? Como e onde fazia o marido todo o seu dinheiro?

– Contou-me que era em negócios imobiliários. Isso e caviar e vodca russos. – Belinda suspirou. – Eu não sabia de nada. Pode parecer que sim, mas não tenho jeito nenhum para avaliar pessoas, nem sequer lhe fiz perguntas. – Pareceu de súbito perdida. – Ele era simpático comigo, sabem, ao princípio. Eu gostava dele. Chamava-lhe o meu grande urso russo. Tratava-me como uma senhora, mandava-me enormes ramos de flores e brincos de diamantes numa caixa de pele da *Cartier*, embrulhada em papel de jornal como o peixe com as batatas fritas que eu pedira. Disse-me que era bela e fez-me o maior elogio que qualquer homem pode dar a uma mulher. Pediu-me para casar com ele.

– E depois passou a mandar em ti.

Belinda correu as mãos, distraída, pelo curto cabelo loiro.

– Jasper controlava-me. Tudo, desde o que eu comia até ao que eu vestia, mesmo o que eu pensava! Eu estava a dar em maluca. E, quando me rebelei, Jasper mostrou-se violento e percebi que estava na altura de me vir embora.

Sunny deu-lhe uma palmadinha no braço, compreensiva.

– É um paranoico do controlo. Fizeste bem em vir embora.

– Porém, foi preciso um par de olhos negros antes de arranjar coragem.

– Caramba – interrompeu a voz chocada de Billy. – O sacana – acrescentou com veemência.

– Papáááá... – Laureen fulminou-o com o olhar.

– Desculpa, querida. Foi a exaltação do momento. – Inclinou-se por cima da mesa e deu uma palmadinha na mão de Belinda. – Nós estamos aqui agora. Não é preciso preocupares-te com nada.

– E não só isso – atalhou Mac. – Vou tratar da tua segurança. Amanhã já te digo qualquer coisa. Entretanto, conta-me, o marido interessava-se por arte?

Com a cabeça descaída para um dos lados, Belinda considerou o assunto.

– Tinha quadros, a maioria russos, havia uma cena linda de um jardim e uma espécie de nu assustadiço. Oh, e um bronze de Botero, conhecem o género, uma grande figura rotunda, neste caso deitada, a descansar sobre um cotovelo, a cabeça apoiada numa mão.

– É uma peça famosa – retorquiu Nate. – Vi algumas semelhantes no museu de arte moderna.

– Mas não dirias que é um colecionador? Não havia catálogos de leilões lá

por casa, informações sobre inaugurações de galerias de arte, coisas do género?

– Ele não se interessava por isso. Creio que comprava apenas o que se devia comprar, desde que custasse muito dinheiro. Tudo o que Jasper fazia ou possui pode ser equacionado com dinheiro. Refiro-me a preço. Suponho que achava que eu também tinha um preço, só que a coisa revelou-se demasiado cara para mim. E agora estou aqui encurralada neste hotel. Não posso ir a sítio nenhum.

– Se vais ficar encurralada, mais vale ser no Hôtel des Rêves. E a partir de agora, Belinda, um de nós vai estar sempre contigo – tranquilizou-a Billy. – Certo, Nate?

Nate estava a pensar que tinha passado um bom bocado com Belinda naquele dia e que as coisas poderiam de repente revelar-se muito diferentes.

– Certo – respondeu.

– Fazemos uma escala de serviço – sugeriu Billy. – Assim saberemos sempre onde está Belinda e quem está com ela.

Estavam a discutir o assunto, quando Laureen avistou Bertrand a dirigir-se para a sua mesa de canto junto à janela.

Sunny apanhou Laureen a olhar para ele. Disse:

– Little Laureen, queres pedir a Bertrand para vir para a nossa mesa?

Os olhos chocados de Laureen giraram para ela.

– Não. Oh, não.

Depois, como a mãe a ensinara a ser sempre bem-educada, mesmo quando se tratava de alguma coisa que não queria, e o que não queria neste preciso momento era partilhar Bertrand com os outros, acrescentou:

– Obrigada.

– Depois temos o roubo das obras de arte – disse Mac.

Nate ergueu as sobrancelhas, recordando a pergunta de Mac sobre a coleção de obras de arte do marido de Belinda.

– Estou a ver agora onde queres chegar.

– Achas que existe uma ligação com Jasper? – Belinda estava surpreendida.

– Ouçam, neste momento, são só palpites. Não faço ideia de quem está envolvido, nem como. Tudo o que sei é que morreu um jovem e que Monsieur François Reynaud, o homem a quem roubaram as obras de arte, se sente responsável e quero ajudá-lo.

Laureen não estava a ouvir. De soslaio, viu a nova rececionista, Renée, a

encaminhar-se para a mesa de Bertrand. Disse qualquer coisa, Bertrand levantou-se com rapidez e seguiu-a saindo da sala de jantar. Laureen ficou a pensar no que se estaria a passar.

Um aroma delicioso anunciou a chegada de dois empregados. Belinda inspecionou o esparguete de Laureen.

– Na minha terra, chamamos a isso uma tigela de esparguete. É o alimento base da dieta de todas as raparigas inglesas, talvez porque é barato e a única coisa que sabemos cozinhar. Mas o teu está com um aspeto maravilhoso.

– Quer um bocadinho?

Belinda riu-se e disse que não, mas os olhos de Laureen estavam de novo assestados em Bertrand. Entrava outra vez na sala de jantar, com a cabeça baixa, as mãos grandes a abanarem junto ao corpo, como uma marioneta cujos fios tivessem sido cortados. *Alguma coisa sucedera.*

Queria desesperadamente ir ter com ele, perguntar-lhe qual era o problema, mas, de momento, não podia escapar. Tinha de ficar ali sentada, a remexer o esparguete agora não desejado no prato, com o garfo, à espera de uma oportunidade.

Que, por fim, lá surgiu. Tinham acabado de comer e estavam recostados para trás, descontraídos, a servirem-se de mais vinho, a conversar, a conversar, a conversar. Tudo o que os adultos faziam eram *conversar*.

– Papá, posso levantar-me da mesa? – pediu.

Billy fitou-a, surpreendido.

– Porquê? Onde vais?

– Vou ter com o meu amigo.

– Aah, Bertrand Olivier. – Billy recordou-se do nome dele. – *Okay*, queridinha. Só não te percas no caminho, está bem?

– Oh, papááá. – O gemido de Little Laureen seguiu-a quando quase correu do pátio para a sala de jantar.

Bertrand estava sentado na sua mesa solitária, a fitar o prato. Embora fosse normalmente pálido, naquele momento o seu rosto apresentava um matiz transparente, quase de alabastro, como se tivesse ficado sem pinta de sangue. Nem sequer levantou os olhos quando Laureen arrastou uma cadeira com ruído. Ficaram os dois sentados lado a lado, sem olharem um para o outro, sem falarem, porém, linhas de comunicação passavam entre eles como eletricidade.

– Aconteceu uma coisa má. – Laureen não estava a intrometer-se, se

Bertrand não queria falar sobre o assunto, tudo bem, queria apenas que ele soubesse que ela entendia.

Bertrand não respondeu e continuaram sentados em silêncio. Não tocara no borrego assado com as *pommes Anna* especiais, um bolo amanteigado e estaladiço de batata de que em geral gostava muito.

Laureen surriprou um pedaço de batata do prato dele.

– A mamã acabou de telefonar. – A voz de Bertrand era abafada.

Laureen assentiu e, com descontração, comeu outro pedaço de batata, como se o que ele dizia não significasse nada para ela, embora calculasse que isso significaria que a mãe de Bertrand ia regressar. Mesmo assim, não fez perguntas, não querendo quebrar as regras invisíveis entre eles, como velas escuras que nunca atravessavam. Bertrand mantinha as suas emoções privadas e ela também.

Bertrand empurrou a cadeira para trás. Puxando os calções para cima, disse em francês:

– Vou-me embora.

Laureen deu um salto. Seguiu-o enquanto ele marchava, de cabeça baixa, braços a oscilarem, rígidos como os de um soldado, como se se estivesse a controlar com grande esforço físico.

– Mas, Bertrand, e o nosso encontro? – sussurrou Laureen, receosa que os outros comensais pudessem ouvir. Mas Bertrand continuou a andar.

Parou por fim junto às portas de vidro da entrada e virou-se para ela. A fita da sapatilha de balé desprendera-se e Laureen baixou-se sobre um joelho e atou-a com rapidez, olhando ansiosa para ele.

– A mamã casou-se – proclamou Bertrand com uma voz gelada que Laureen sabia indicar problemas. – Vou para a praia.

Virou-se com brusquidão e saiu a passos largos. Laureen ficou ali nos degraus observando-o até ele desaparecer na escuridão azul. Apetecia-lhe ir atrás dele, mas sabia que não devia fazê-lo. Assustada, voltou ao pátio, onde os adultos ainda estavam sentados, a conversar e a beber mais vinho, ignorando que para Bertrand, como para o galinho Chicken Little, o céu acabara de cair.

– Olá, querida.

O pai passou-lhe o braço pelos ombros e deu-lhe um apertão afetuoso. Depois, Sunny pousou-lhe *Tesoro* no colo e pediu-lhe se podia cuidar da cadela enquanto ia empoar o nariz. Sara e Belinda foram com ela e Laureen

ficou ali sentada com a *chihuahua* apertada com tanta força contra o peito que sabia que devia conseguir sentir-lhe o coração a bater. Bertrand estava com problemas e ela não sabia o que fazer.

As mulheres voltaram, com os cabelos penteados, batons retocados, a falarem sobre sapatos, de entre todas as possibilidades. Por que razão, pensou Lauren, as mulheres falavam sempre sobre sapatos? Tudo o que ela precisava eram as suas sapatilhas de balé e as suas chinelas de dedo. Oh, e as suas botas de cobói.

As botas tinham sido feitas de propósito para ela por um homem famoso em Laredo, no Texas, e eram da pele mais macia, de uma cor dourada pálida com biqueiras pontiagudas e quase com salto, com um sítio para as esporas, embora, claro, nunca fosse usar esporas num cavalo. Nem usaria aquelas botas para montar. Eram cópias das da mãe. Eram especiais. De facto, as botas estavam no quarto lado a lado no fundo do armário, onde as colocara quando desfizera as malas e agora experimentou um súbito anseio de as sentir nos pés, de sentir-se em casa e não muito longe, neste país novo e estranho.

Lançou uma olhadela ao relógio do Rato Mickey, comprado numa viagem à Disneylândia há alguns anos, porque gostava da pulseira encarnada e do facto de as mãos com luvas amarelas do Mickey se mexerem para apontar as horas e os minutos. Chocada, viu que já eram onze e trinta. O jantar começava tão tarde ali em França e prolongava-se eternamente. Agora Belinda e Sunny estavam a comer a sobremesa, morangos silvestres cheirosos que diziam chamar-se *fraises des bois*, com bocados de natas em cima. Sunny perguntou-lhe se queria provar, mas ela abanou a cabeça e disse não obrigada, que estava cansada e ia para a cama.

Colocou *Tesoro* com cuidado no colo de Sunny. Durante um segundo, os seus olhares cruzaram-se e depois, de forma chocante, Sunny tocou com os lábios na testa de Lauren, um beijo. Lauren retraiu-se, olhos semicerrados como se tivesse sido atingida por um tiro.

Ninguém a beijava, exceto o pai. Mais ninguém. Absolutamente ninguém.

– Boa-noite, Little Lauren – disse Sunny, intrigada com a sua reação. – Dorme bem.

Lauren caminhou com passos rígidos para o pai.

– Já vou estar a dormir quando fores para a cama, papá. – Tal como Bertrand, estava a controlar as suas emoções.

– Como quiseses, querida. Mas vou acompanhar-te ao quarto, ver se está

tudo bem.

Dizendo aos outros que já vinha, Billy pegou na mão de Laureen e serpentearam por entre as mesas de comensais tardios, que sorriram ao verem passar o pai cobói e a sua menina estranha, rechonchuda e vestida com um *tutu*. Era tarde, disseram uns aos outros em tom indulgente e a criança estaria cansada, tivera com certeza um dia esgotante a nadar e a correr ao sol...

Mas Billy sabia que não era esse o caso.

– Estás bem, queridinha? – perguntou, abrindo a porta de Laureen e ligando a luz. – Não estás a ficar doente ou algo do género?

– Estou cansada, é tudo.

Laureen sentou-se na ponta da cama e Billy veio dar-lhe um beijo de boas-noites.

– Dorme bem, querida – disse com ternura. – Amanhã é outro dia e digo-te uma coisa, podes escolher o que queres fazer. *Parasailing*, *jet ski*, o barco pirata, uma visita a Monte Carlo para admirar os iates. Tu é que escolhes, miúda.

– Obrigada, papá.

Billy deteve-se à porta para olhar para ela e, animada de súbito com a sua presença dominadora e tranquilizadora, Laureen disse baixinho:

– Adoro-te, papá.

– E eu a ti, querida.

E, com um aceno de adeus, Billy foi-se embora.

LAUREEN TIROU AS SAPATILHAS DE BALÉ e calçou as botas de cobói. Pôs-se em frente do espelho comprido encaixado no interior da porta do armário, virando-se para um e outro lado, admirando-as. Voltou a confirmar as horas no relógio: 11h45. Trepou por cima das malas e da cama para chegar à janela e espreitou para o pátio. Ainda lá estavam, sentados à volta da mesa, a conversar, a conversar, a conversar. Era arriscado, mas, se fosse rápida, podia correr pelas escadas abaixo e deslizar pela porta principal sem a verem.

Voltando a passar por cima das malas, abriu a porta e inspecionou o corredor. Vazio. Virou-se para olhar para a sua varinha de condão, pousada sobre a cama. A estrela prateada no topo cintilava refletindo a luz e Laureen hesitou. Se Bertrand precisava da sua ajuda, daria jeito; mas, se fossem fazer explorações, seria um incómodo e, aliás, tinha medo de a perder. Não, nada de varinha de condão.

Todas as portas se encontravam fechadas no corredor e as cortinas de algodão amarelo enfunavam-se na brisa. Ao fundo das escadas, comprimiu-se contra a parede, espreitando para ver se alguém observava. Estava com sorte. Não havia ninguém por ali.

Era uma noite sem Lua, mas havia luzes baixas ao longo do caminho, até ao sítio onde começava a praia. A seguir era tudo escuridão.

Correu pelo caminho e depois estacou um segundo, a espiar. Havia uma certa luminosidade a tremeluzir sobre o mar e pequenas ondas langorosas batiam na costa, recuando a deslizar com um ruído ciciante e lento. As cigarras mediterrâneas gorjeavam nos pinheiros mansos e a brisa restolhava pelas ervas altas na orla das pequenas dunas, trazendo com ela o aroma do jasmim que desabrochava à noite. O bar da praia estava fechado, com as portadas cerradas, e não se via ninguém.

Era difícil caminhar pela areia com as botas de cobói e desejou ter trazido as chinelas de dedo. Estava com algum receio que Bertrand não estivesse ali, que tivesse ido para outro sítio qualquer para ficar sozinho. Mas estava.

Levantou os olhos quando a ouviu aproximar-se.

– Olá – disse Laureen, deixando-se cair ao lado dele.

Bertrand soergueu-se num cotovelo, olhando para ela. O cabelo loiro e o rosto branco davam-lhe um ar fantasmagórico e os óculos grossos escondiam-lhe os olhos. Falou devagar, como se tivesse refletido no assunto durante muito tempo.

– A minha mãe casou hoje, com o italiano. Disse-me que tem agora três enteados, duas raparigas e um rapaz, da minha idade. Disse que não têm espaço para mim.

Laureen arregalou os olhos; compreendeu que estava diante de uma tragédia.

– A mãe disse que eu sou «difícil». Foram as suas palavras exatas. Disse que não posso ir viver com eles e que tenho de ir para o colégio interno terminar a minha educação. Quando fizer dezoito anos, eles depois pensam no que fazer comigo.

Zangada, Laureen endireitou-se.

– *Cabra*. – Quase cuspiu a palavra feia. Surgiu-lhe do nada, se calhar ouvira os vaqueiros usá-la.

– *Vaca* – concordou Bertrand, embora Laureen achasse que *vache* soava mais simpático em francês.

Mal se atrevia a perguntar o que ele tencionava fazer, por isso ficou ali a olhar para ele. Bertrand deitara-se de novo e fitava o céu como se esperasse que uma grande nave espacial descesse e o levasse resolvendo todos os seus problemas de uma assentada.

– Bertrand, o que vamos fazer? – perguntou Laureen, incluindo-se automaticamente na vida dele.

– A minha mãe disse que eu devia ficar aqui nas próximas semanas.

Tenho de dizer ao diretor do hotel que ela vai pagar a conta mal tenha oportunidade. Ele vai entender, disse-me ela, o facto de ela casar tão de repente, toda a excitação.

– Não é nenhuma excitação para ti. – Laureen deitou-se também para trás, observando o céu cravejado de estrelas, escutando as ondas. – Temos de descobrir os ladrões e depois podes ficar com os quinhentos mil euros e fazeres o que quiseres. Nem sequer precisarás de lhe pedir autorização.

– Correto – respondeu Bertrand em tom solene. Ficaram os dois em silêncio. – Não posso ir espionar esta noite – continuou depois.

- Não faz mal.
- Queres ir ver o meu covil?
- Onde é?
- Numa encosta, não muito longe daqui.
- *Okay*.

Pareceu-lhe que demorava muito tempo a chegar ao covil de Bertrand, mas, apesar de os pés lhe doerem nas botas pontiagudas de cobói, valeu a pena.

Bertrand não trouxera a sua capa, mas sentaram-se na erva escassa, encostados à rocha que se arqueava de forma protetora por cima deles.

– Quase como uma gruta – disse Laureen, meio à espera de ver as obras de arte roubadas, mas só havia lagartos curiosos que tinham despertado do seu sono e se aproximaram para os inspecionar, afastando-se depois rápidos a resvalar.

O mar tremeluzia lá em baixo e as estrelas cintilavam em cima, mas, ao contrário do velho ditado, nada nos céus estava certo no *seu* mundo. Eram apenas um par de crianças, cujo sentimento de abandono as tinha avassalado.

As lágrimas escorreram por baixo dos óculos de Bertrand quando este começou a chorar em silêncio. As lágrimas de Laureen juntaram-se às dele, deslizando-lhe pelas faces como chuva quente, ferindo e sarando ao mesmo tempo.

O primeiro toque de cinzento animava o céu quando os dois se encaminharam por fim para o hotel. Laureen tropeçou no afloramento rochoso por causa das botas, mas Bertrand deu-lhe a mão.

Ao chegarem aos portões do hotel, disse:

– Vai tu primeiro. Não há ninguém por aí a esta hora. Nunca há. Mantém-te só rente à parede e é melhor tirares as botas, vão fazer demasiado barulho.

Laureen descalçou-as e afastou-se na madrugada ainda escura. Bertrand tinha razão, não havia ninguém à vista e apressou-se, despercebida, a voltar ao quarto, fechando a porta silenciosamente atrás dela.

Ainda com o *tutu* vestido, agora manchado de erva, atirou-se para cima da cama. Muito de repente o sono chegou e fechou os olhos num esquecimento bem-vindo.

Para Bertrand não foi assim tão fácil. No seu quarto, com o som de «Riders on the storm» a tocar baixinho, sentou-se à mesa e começou a escrever no diário sobre as suas «Experiências Científicas Secretas». Mas nunca seria a mesma coisa. A Vida Real alcançara-o. Nem sequer sabia o que seria de si.

Agora encontrava-se verdadeiramente sozinho.

NA MANHÃ SEGUINTE, Mac e Sunny apreciavam um pequeno-almoço sem pressas no seu terraço. O café, numa garrafa térmica metalizada, estava quente e forte e o cesto de pãezinhos doces e pão variado era tentador. *Tesoro*, claro, achava-se enroscada no colo de Sunny, ao passo que *Pirate* se equilibrava numa cadeira, inspecionando a vida francesa que se desenrolava em baixo, lançando de vez em quando um latido excitado sempre que avistava outro cão.

– Vou engordar pelo menos dois quilos – queixou-se Sunny, servindo-se de outra pequena joia salpicada de açúcar.

– Vale a pena. – No seu próprio habitat, Mac era o tipo de homem que comia panquecas de mirtilo ao pequeno-almoço, mas aqui, com vista para o mar calmo e azul, com os gerânios escarlates a lutarem pela supremacia com as rosas trepadeiras amareladas e o ar a rescender ao seu aroma, o café simples com *croissants* preenchia-lhe todas as necessidades. Solto um suspiro de prazer ao encher outra vez a chávena. – Sou um homem satisfeito.

Sunny lançou-lhe aquele olhar malicioso por entre as pestanas.

– Fico contente por saber.

– Mas...

Gemeu.

– Como é que eu já sabia que tinha de haver um *mas*?

Mac lia uma mensagem de texto no seu telemóvel.

– *Mas...* parece que tenho assuntos a tratar.

Sunny não queria perguntar que assuntos eram esses, mas sabia que tinha de o fazer.

– *Okay* – suspirou. – Então, diz-me lá...

– Tenho de marcar um encontro com o *préfet* de polícia em Nice. – Mac estava agora a reler a lista de convidados de Reynaud. – Tenho umas perguntas para lhe fazer.

– E porque quereria o chefe da polícia responder às *tuas* perguntas?

– Porque represento François Reynaud e Monsieur Reynaud é um homem importante por estas bandas. E também por causa de outro assunto, porque o meu contacto na Interpol acabou de me informar que o avião de Joel Krendler aterrou com frequência em vários pequenos aeroportos no Sul de França. Apesar do que nos disse sobre nunca ter regressado desde o acidente.

– Por causa do «enguiço» – retorquiu Sunny. – Mas o que tem Krendler a ver com Reynaud?

– Se calhar nada, mas continua a ser uma ligação ao nosso dinheiro do aluguer perdido.

Sunny lançou-lhe um olhar cético.

– Vamos lá, Mac, isto está a ficar um bocado inverosímil, mesmo para ti.

– Bem, então estou enganado. – Mac encolheu os ombros. – Conheces-me, confio sempre nos meus instintos e uma ligação, por mais intangível que possa parecer, continua a ser uma ligação. Além disso, onde vou procurar outro vínculo a Madame Lariot?

– Se é que se chama assim.

– Também quero obter todas as informações da polícia sobre o homicídio em casa de Reynaud e uma lista do que foi roubado. Mais quaisquer novas revelações sobre suspeitos.

Sunny estava sentada numa cadeira, chávina de café entre as mãos, a fitá-lo e Mac perguntou:

– Queres vir comigo, aproveitar o passeio?

– Na realidade... – Sunny pousou a chávina e apoiou os cotovelos na mesa, olhando-o nos olhos. – *Na realidade*, tenho uma pequena investigação própria a fazer. Por isso, sim, vou contigo «aproveitar o passeio», Mac Reilly.

Agarrando-lhe as mãos, Mac puxou-a para si, de forma que os rostos quase se tocavam.

– Que investigação?

– Oh, estou curiosa, é tudo...

Mac gemeu.

– Por amor de Deus, conta-me, mulher.

– Estou curiosa em relação a Violette. Sabes... quem era. O que era. Quando construiu a *villa*. E por que motivo a deixou.

– E porque dizem que está assombrada, suponho. – Sabia que era isso que Sunny queria saber.

– Pois.

– E onde te propões descobrir isso, senhora detetive?

– Nos escritórios do jornal *Nice Matin*. Pensei que, visto que ela era da região, devam ter alguma coisa nos arquivos.

O telemóvel de Mac vibrou e ele verificou as mensagens.

– Ótimo. Lev Orenstein está a caminho, vindo de Nova Iorque. Chega esta noite. Encarreguei-o da segurança de Belinda.

Sunny arregalou os olhos. Lev treinara com as forças especiais israelitas e era cinturão negro de karaté, terceiro *dan*. Possuía e dirigia uma empresa de segurança internacional que se ocupava de pessoas importantes e que tinha com um forte compromisso antiterrorista. Lev era muito simplesmente o mais experiente e o melhor. Fora Lev que cuidara de Allie Ray quando esta se encontrava em dificuldades e Belinda tinha sorte por poder contar com ele a seu lado.

Mac já estava a ligar para o telemóvel de Belinda.

– Quem raio me liga a esta hora da manhã? – atendeu a voz enfasiada de Belinda.

– É o teu detetive, a telefonar-te para te dizer que hoje à noite já vais ter o teu segurança privado, que por acaso também é o melhor do ramo.

Belinda empurrou a máscara para os olhos para a testa e soergueu-se.

– *Verdade?*

– Verdade. Chama-se Lev Orenstein.

– Como o vou reconhecer?

Mac riu-se.

– Não passa despercebido, tem um metro e noventa, a cabeça rapada, em geral usa óculos escuros de aviador, uma camisa florida *Tommy Bahama*, calças de ganga e ténis. Em boa forma física, o suficiente para defrontar qualquer pessoa que apareça. *Okay?*

O alívio varreu a tensão das costas de Belinda que se deixou cair nas almofadas.

– Obrigada, Mac. Verdade, muito obrigada.

Mac sabia como Belinda estava assustada, apesar da fachada corajosa que simulara.

– É melhor esperar que o marido não cancele a tua conta bancária. Lev custa dinheiro.

– O marido não pode fazê-lo. Tomei a precaução, há alguns meses, de transferir uma quantia de dinheiro e muitas joias para o Banco de Inglaterra

em que ninguém pode tocar.

– Assim a vida fica mais fácil. *Okay*, falo contigo mais tarde.

Dali a meia hora, Mac e Sunny estavam lá em baixo à espera que o empregado trouxesse o carro. Mac foi deixar os cães no canil do hotel e Sunny acenou a Caroline que se encontrava de novo atrás do balcão da receção. Esta disse *bonjour* com o seu habitual sorriso amável.

Sunny reparou que Caroline usava o seu anel de esmeraldas, além de exibir uma mala de mão muito bonita. *Chanel*, branca e muito cara. Pensou que o namorado devia ter dinheiro e, ao que parecia, estava a tratá-la como devia ser.

– Sentimos a sua falta – disse Sunny. – Espero que se tenha divertido no seu dia de folga?

– Foi ótimo, obrigada. E a senhora, Madame Alvarez, onde vai hoje? Algum sítio agradável para almoçar, espero?

Sunny riu-se.

– Espero que sim também, embora esteja a comer tanto que vou voltar para casa com o dobro do tamanho. – Ocorreu-lhe que, uma vez que era perto, talvez Caroline conhecesse a história da *villa*. – Caroline, estou a pensar, sabe alguma coisa sobre Chez La Violette?

– *Moi?* – Caroline pareceu surpreendida com a pergunta de Sunny. Franziu o sobrolho. – *Mais rien, madame*. Não sei nada. Só que a fama de Chez La Violette não é agradável. Não é um bom sítio, toda a gente sabe que tem fantasmas. É por isso que não se vende.

Sunny sabia por Krendler que aquilo não era verdade, mas não disse nada.

– Devia estar contente por não ter tido de lá ficar – acrescentou Caroline. – Não teria gostado, em especial à noite.

– É só curiosidade – retorquiu Sunny quando Caroline voltou ao seu computador.

– *Au revoir, madame* – respondeu esta com brusquidão, já absorvida no seu trabalho.

Dali a pouco tempo, Sunny e Mac estavam a avançar com dificuldade pelo usual trânsito engarrafado de Saint-Tropez a caminho de Nice.

– Pensei que podíamos ter um bom jantar esta noite – sugeriu Mac despreocupado. – E depois talvez ver como estão as coisas no casino de Monte Carlo.

Consternada, Sunny baixou os olhos para o seu minivestido de algodão rosa *Lilly Pulitzer* com um desenho de palmeiras verdes.

– Porque não me disseste, Mac? Não estou vestida para isso.

– Quis fazer-te uma surpresa. – Lançou-lhe um olhar de soslaio, avaliador.
– Acho que estás muito bem.

Sunny suspirou.

– Não muito bem para um restaurante elegante e para o casino.

– Então, vais às compras.

Sunny riu-se. Mac tinha resposta para tudo.

Deixou-a à porta dos escritórios do jornal, combinou apanhá-la mais tarde e continuou para a esquadra da polícia.

Sunny empurrou as pesadas portas de vidro, dirigiu-se à receção e explicou o que pretendia. Conduziram-na a uma cave que, pareceu-lhe, devia ocupar toda a extensão do edifício e apontaram-lhe a secção marcada com a letra «V».

Não demorou muito a encontrar o que procurava. De facto, havia páginas e páginas de ficheiros sobre a «A extraordinária cantora, La Violette».

Passadas duas horas, Sunny coligira uma grande quantidade de informação que fotocopiou depressa na máquina à disposição e que guardou na sua malinha de palha. Tinha o cérebro sobrecarregado e sentiu-se aliviada por encontrar Mac lá fora, encostado à parede, uma perna cruzada por cima da outra, óculos escuros postos e parecendo, pensou, tal e qual um detetive particular.

– Tenho imensas informações para ti – anunciou, após um rápido beijo preliminar.

– Mais do que eu então.

Mac não obtivera resultados com os polícias. Não tinham nada de novo para lhe contar e só conseguira a lista de obras de arte roubadas e os detalhes básicos da cena do crime. Tal como nos anteriores roubos de obras de arte, nenhum dos quadros era reconhecidamente famoso, como por exemplo os lírios de Van Gogh ou os nenúfares de Monet. Pertenciam todos a particulares há anos e apenas um perito, ou um amigo, poderia saber que existiam.

– Tenho uma surpresa para ti – declarou Mac.

Fitou-o desconfiada, na esperança de que não fosse outro crime que precisava mesmo de investigar.

– Pensei que evitaríamos o longo trajeto de volta e poderíamos passar aqui a noite.

Sunny mostrou-se mais animada.

– Onde?

– Onde haveria de ser senão no melhor? O Hôtel de Paris, em Monte Carlo. Já reservei um quarto e marquei mesa no restaurante de Alain Ducasse.

Ela ouvira falar dele.

– O Louis XV.

– Compras primeiro o que precisas, a seguir descansamos, um pequeno jantar mais tarde e depois jogamos um pouco...

– Aposto que ganho.

– Aposto que sim, querida – retorquiu Mac.

OS INADAPTADOS achavam-se na praia do hotel, todos em fila à sombra de uma lona oscilante azul, besuntados com protetor solar e bálsamo para os lábios, oferta de Belinda que, embora o seu bronzado fosse em parte artificial, tinha muito cuidado com a pele e nunca saía de casa sem esse tipo de produtos. Estavam convenientemente instalados perto do bar da praia para os que precisavam de alimento, como por exemplo Sara que, observou Belinda, já ia no seu segundo copo de *rosé* e ainda só eram onze da manhã.

Soerguendo-se, começou a esfregar mais protetor solar no corpo tismado já luzidio, lançando um olhar perspicaz a Sara, que estava sentada, olhos escondidos atrás de grandes óculos escuros, a boca tensa, os dedos enrolados em punhos apertados.

– É melhor ter calma com essa bebida – avisou Belinda. – Não é forma de serenar os nervos. Para isso é preciso «determinação». Acredita – acrescentou. – Como de costume, sei por experiência própria.

– Parece que aprendeste demasiado na tua vida, Belinda. – Sara bebeu outro gole de vinho. E que importava que fossem apenas onze da manhã? De qualquer maneira, sabia melhor do que um descafeinado duplo com leite magro.

Belinda inclinou-se e tirou-lhe o copo da mão.

– Escuta, Sara Strange – disse com firmeza. – Se pensas que vou ficar aqui sentada e deixar que bebas para esquecer só porque os capangas do marido te assustaram de morte ontem, estás muito enganada. Passa à frente, rapariga. Prometo que não volta a acontecer. E logo à noite já teremos o nosso segurança privado. Nunca mais terás de te preocupar. Mac prometeu.

Ouvindo, Nate soergueu-se num cotovelo.

– Quem é esse segurança?

– Chama-se Lev e é o melhor. Vem dos Estados Unidos. Chega esta noite.

– Belinda levantou-se. – Vou ao banho. Alguém vem?

Nate pôs-se de pé de um salto, sacudindo a areia e Sara seguiu-os relutante.

Little Laureen continuou no seu colchão, ainda vestida com o *tutu* cor de laranja, agarrando *Tesoro* que descobrira ter sido deixada no canil e que «libertara». Esperava que, por esta altura, Bertrand tivesse descoberto *Pirate* e o tivesse libertado também. O pobre *Pirate* ficara a olhar para ela com um ar tão triste quando se viera embora.

Braços à volta dos joelhos com a pequena cadela enfiada por baixo, pensou em como ajudar Bertrand. Sabia que era urgente, porque no final do período de férias em França, quando toda a gente regressasse ao trabalho, Bertrand seria banido para o colégio interno e, se calhar, nunca mais veria sequer a sua mãe malvada. Passou-lhe pela cabeça a imagem de Cruella de Vil em *101 Dálmatas*. Pensou que a mãe de Bertrand devia ser tal e qual assim: rosto pontiagudo e cortante; grande boca vermelha; sobancelhas pretas bicudas. A perfeita imagem da «malvada».

Os outros já se encaminhavam para a água pelos pequenos carreiros de palha colocada por cima da areia para que os pés não queimassem

– Vamos dar uma volta, querida? – perguntou Billy. – Podíamos ir só molhar os pés. Aposto que a água está mesmo fresquinha – acrescentou, reparando nas faces afogueadas da filha.

Mas Laureen abanou a cabeça.

– Não posso deixar *Tesoro*.

– Trazes *Tesoro* também. Fazemos uma coisa, vamos levá-la a passear à beira de água. Aposto que vai gostar.

Laureen achou que a pequena cadela parecia estar com calor, por isso disse que sim e deixou o pai pegar-lhe na mão e puxá-la. Levou *Tesoro* ao colo até à zona em que o mar subia devagarinho para cima da areia, deixando-a macia como seda e a borbulhar um pouco por baixo dos seus pés nus. Pousou a cadela no chão. Uma onda minúscula borrifou perto e a *chihuahua* saltou no ar.

– Como uma bailarina de balé. – Laureen riu-se quando os lábios de *Tesoro* se arrepanharam numa rosnadela, perseguindo a onda que retrocedia, deslizando, sendo apanhada por uma segunda.

Billy observou a sua filhinha a salvar a *chihuahua* das ondas, mantendo-a no ar, com as patas a agitarem-se num frenesi. Não se conseguia lembrar quando fora a última vez que ouvira Laureen rir-se, mas fora com certeza antes de a mãe morrer. Fora preciso uma pequena cadela para trazer um bocadinho de alegria ao coração paralisado da filha e, para Billy, só isso valia

a viagem a França. Claro que havia cães no rancho, na sua maioria cães de trabalho, ou os que pertenciam aos empregados, mas mal voltassem para casa levaria Laureen a escolher um só para ela, um *chihuahua*, se fosse isso que queria.

– É tão gira, papá – comentou Laureen enquanto passeavam pela praia.

Billy concordou, mas decidiu manter a compra do cão como surpresa, para lhe dar uma alegria quando regressassem. Pegou-lhe na mão e, com a cadelinha a correr à frente, continuaram o passeio. Laureen parecia outra vez imersa em pensamentos e Billy não tentou obrigá-la a falar, embora estivesse a desejar que a filha o deixasse pelo menos comprar-lhe um fato de banho, para poder ser como os outros miúdos na praia, mas Laureen parecia determinada a ficar-se pelo *tutu*.

Laureen estava a pensar em Bertrand desde manhã e agora, quando passaram pela rocha «deles», onde se tinham sentado, conversado e Bertrand lhe falara da mãe, deixou pender a cabeça, incapaz de olhar porque a recordação era demasiado dolorosa. *Pobre Bertrand. O que iria fazer? Para onde iria? Quem cuidaria dele?*

Lançou uma olhadela de soslaio ao pai. Billy usava calções de banho vermelhos à surfista e assobiava baixinho, com o chapéu ainda enterrado na cabeça. Nunca tirava aquele chapéu de cobói por mais calor que estivesse. De repente, Laureen deu um salto e arrancou-o. Billy fitou-a, espantado.

– Porque fizeste isso, queridinha?

– Porque estás com demasiado calor. E a mamã teria dito que ainda tinhas um ataque com este calor.

Billy assentiu, pesaroso; ouvira Betsy dizer aquilo um milhão de vezes. Passou as mãos pelo espesso cabelo ondulado, de um surpreendente ruivo-claro que Betsy afirmara fazer lembrar alperces frescos.

– Tens de comprar um chapéu de palha, papá – aconselhou Laureen, cuidando dele, agora que a mãe lá não estava para o fazer.

– Por falar nisso – retorquiu Billy –, onde arranjaste o chapéu de palha que estavas a usar?

Laureen corou.

– Ooh, encontrei-o...

– Espero que não o tenhas encontrado antes de se ter perdido – replicou Billy, com severidade, e Laureen corou mais um pouco.

Mas então Billy estacou. Estava a olhar por cima das dunas cravejadas de

erva para o telhado de uma casa que espreitava através dos pinheiros. Uma casa branca cujas janelas sombrias não refletiam a luz e que, mesmo naquele dia soalheiro, parecia imersa em sombras.

– Ora, caramba, é Chez La Violette. Não percebi que ficava tão perto. E parece que existe um caminho daqui da praia para lá. Ei, afinal talvez não fosse assim tão mau.

Passado um bocado, voltaram para trás. Belinda saía do mar, uma graciosa náíade de bronze num minúsculo biquíni branco. Sara seguia-a, a tropeçar por entre as ondas, rosada do sol, no seu biquíni às riscas, os braços cruzados de forma protetora sobre o peito. Laureen nem sequer reparou. Estava a pensar em Bertrand e na urgência de encontrarem as obras de arte roubadas e receberem a recompensa para o salvar.

Belinda viu-os chegar e pousou as mãos na cintura, com um grande sorriso no rosto. O cabelo cor de cenoura de Billy erguia-se, espetado, a condizer com as sardas do rosto quadrado e corado. Tinha uma grande faixa branca na testa correspondente ao chapéu. Belinda riu-se e disse:

– Se não fosse Laureen e a cadela, juro que nunca te teria reconhecido, Billy Bashford.

Foi ter com ele e passou um dedo pela faixa branca junto à raiz do cabelo.

– Macia como o rabinho de um bebé e intocada pelo sol ou mão humana. – Os olhos de Billy tinham a cor de passas quando lhe devolveu o olhar, em silêncio. – Tens andado a esconder o que vales com esse chapéu, meu amigo. Mas não te preocupes, posso ajudar, um pouco de creme bronzeador para o rosto da *Clarins* resolve já isso.

Billy fitou-a atónito e confuso. Nunca usara um creme de rosto na sua vida, nenhum creme. Belinda deu-lhe o braço e regressaram aos colchões à sombra. Billy aspirou-lhe o cheiro a mar na pele, salgada e amaciada pelo protetor solar. O coração bateu-lhe mais depressa.

E Nate sentiu muitos ciúmes, embora na verdade ainda estivesse também enamorado de Sunny. Perguntou-se onde esta estaria.

O HÔTEL DE PARIS, na Place du Casino, em Monte Carlo, era sumptuoso; uma fachada com colunas de mármore conduzia a um salão alto com uma cúpula e uma gloriosa janela *art deco*. Em todas as paredes existia uma tapeçaria preciosa, um mural ou um quadro; mesas antigas exibiam candeeiros com quebra-luz de seda e tapetes luxuosos abafaram o som dos saltos de Sunny quando Mac e ela seguiram da receção para o elevador.

O empregado na receção não pestanejava quando eles tinham dito que não traziam bagagem, inclinara apenas, respeitoso, a cabeça e entregara a chave ao pacote, que içara os sacos de compras para um carrinho dourado e os escoltara até ao quarto, suficientemente grande para dominar a vista sobre o grande rochedo com o castelo dos Grimaldi, a bandeira a esvoaçar e o porto repleto de iates particulares. Mais ao longe, um navio de cruzeiros, um enorme palácio branco flutuante, fazia soar a sua sirene saindo, majestoso, para o próximo porto de escala.

Ficaram a observar o navio a partir até não ser mais do que um mero pontinho no horizonte. Mac pensava como o Mónaco era diferente da sua terra. Malibu era de algum modo mais natural e mais vigoroso, com os seus surfistas e gente do mundo do espetáculo, cães e pessoas a passear na praia, hambúrgueres e *sushi* e as suas esplêndidas casas envidraçadas. Malibu era o presente, ao passo que o Mónaco representava o passado e centenas de anos de progresso sob o reinado da família Grimaldi.

Mas a casa de banho era com certeza do presente, se não do futuro, toda em mármore creme com uma banheira enorme, um chuveiro duplo e elegantes guarnições douradas. De facto, o chuveiro tinha o tamanho certo para duas pessoas, como descobriram de imediato.

Mais tarde, fitando Sunny deitada na enorme cama, com uma toalha enrolada à volta do cabelo molhado, óculos de leitura empoleirados no nariz, folhas de papel na mão, Mac pensou que talvez não gozasse de toda a sua atenção.

Deixou-se cair a seu lado, passando os dedos pelos delicados pelos alourados pelo sol do braço dourado.

– Violette está a intrometer-se entre nós.

Mas Sunny estava ainda absorta no que lia.

– Ouve lá isto, Mac – disse por fim. – Este título: «La Violette triunfa na Ópera de Paris.»

Recordando-se de Krendler, Mac arrebitou as orelhas.

– Mas Violette não era nenhuma cantora de ópera – acrescentou Sunny. – Era do *music hall* francês, na altura em que o *music hall* era rei. Sabes, as *follies* e os grandes palcos. Diz aqui que ela era «uma artista de cabaré, intérprete de canções sensuais, glamorosa, deslumbrante, trazia para o palco uma sensação de intimidade, de forma que todos os homens na assistência acreditavam que ela cantava só para eles».

Sunny olhou para Mac.

– Estou a citar.

– Queres dizer que era uma espécie de Piaf.

– Oh, não. Piaf era o «pequeno pardal» de Paris, uma mulher minúscula, que não era bonita e parecia uma criança abandonada, mas tinha uma grande voz. La Violette era alta com uma voz *sexy* e suave. Vou citar desta outra revista: «La Belle Violette, alta, de ombros largos, uma amazona no seu vestido fluido e prateado que lhe deslizava pelos seios como as mãos de um amante».

– Diziam *isso... nesse* tempo?

Sunny olhou para a data.

– Em mil novecentos e trinta, quando ela tinha vinte e sete anos. E era deslumbrante.

Passou a Mac uma fotografia em tons de sépia, que mostrava uma mulher de rosto oval, um nariz pequeno e atraente, uma boca larga de lábios cheios, olhos violeta inocentes e uma massa de cabelo que lhe caía sobre aqueles olhos sedutores e aqueles ombros brancos, quase escondendo os famosos seios.

– Com esta beleza, podia cantar no Caesars Palace – observou Mac.

Sunny passou-lhe outra fotografia, esta tirada numa corrida de cavalos em Paris, em que Violette envergava um fato primaveril chique que devia ser dos primeiros de Chanel, com pequenas botas pretas que realçavam as compridas pernas esbeltas. Havia outra ainda sentada ao lado de um lorde inglês num

carro desportivo *Lagonda* e outras posteriores, num terraço, envergando o que se chamava na altura calças *palazzo*, macias, largas e soltas, ao lado do príncipe de Gales e da Sra. Simpson.

Sunny examinou melhor a fotografia.

– Isto é o terraço de Chez La Violette – declarou. – Juro.

Havia oliveiras em pano de fundo e vislumbrava-se um pouco da piscina forrada a azulejos à frente, as lajes pálidas, um conjunto de buganvílias e hibiscos e a *villa* meio escondida atrás de sebes de alecrim. Via-se de lado um empregado de casaco branco, com ar respeitoso, a guardar um carrinho de coquetéis, com misturadores de martinis e um balde de gelo de cristal. O príncipe estava a fumar e a Sra. Simpson fitava a máquina fotográfica sem sorrir, austera, com um vestido branco estreito de decote subido e com um cinto preto fino e pérolas de tamanho considerável. Mas Violette sorria de orelha a orelha. «Maio 1937 – Anfítriã da Riviera acolhe Realeza. O par do momento», flamejava a legenda a letras gordas e negras.

Sunny fez uns rápidos cálculos mentais.

– Eduardo ainda era príncipe na altura. Só abdicou e casou com a senhora Simpson em mil novecentos e trinta e nove. Caramba, grande jogada para La Violette. Realeza britânica. Não podia ser melhor. – Rolou na cama para olhar para Mac. – Por isso, estás a ver, Chez La Violette deve ter sido magnífica na época.

– Uma pena que não seja magnífica agora.

Mac não sentia pena nenhuma da vigarista do aluguer que desaparecera. E pena nenhuma de Joel Krendler que tinha dinheiro para arranjar a casa. Como autoproclamado «patrono das artes», pelo menos podia ter transformado a casa numa homenagem a uma antiga estrela francesa da canção, conhecida, como Sunny lhe contava agora, como *La Violette, Chanteuse de Tout Paris*. Mas Sunny voltara a recostar-se nas almofadas, imersa noutra história dos jornais.

Passou-lhe os olhos por cima fugazmente. Sabia o que eram tretas publicitárias, mas aquilo não era nada do género. Aquilo era a sério. Atirou a Mac um olhar de «não vais acreditar nisto» e depois começou a ler-lhe a reportagem.

Sunday Telegraph

Nice, Setembro de 1995

Existe um pequeno monte nas imediações de Saint-Tropez. Uma encosta verde coberta de pinheiros mediterrâneos que deixam um aroma persistente no ar, como o dos cascos de um vinho bem amadurecido. Há muito tempo, na quietude do final da tarde, mesmo antes de a noite cair, o som de risos e música flutuaria por essa encosta acima vindo dos iates festivamente iluminados onde fluiriam *rosé* e champanhe, preliminares de um jantar a bordo. Ou talvez, ao contrário, uma refeição em terra, num dos *bistros* e cafés simples que enchem a pequena vila, que, ainda há pouco tempo, era apenas uma aldeia piscatória. Um local que atraía artistas de todos os tipos: pintores, escritores, *designers* parisienses à procura da vida simples. Alguns viviam em casinhas de pescadores e *villas* a desmoronarem-se; comiam peixe fresco apanhado no mar, regado com *Pernod* amarelo ou o delicado vinho rosado da região.

«Saint-Tropez tem qualquer coisa de diferente», diriam, felizes, uns para os outros. «Há simplesmente qualquer coisa em Saint-Tropez.»

E então La Violette apareceu, acabada de chegar da sua última digressão pela Europa. Apaixonou-se por Saint-Tropez e pela encosta verde e talvez também pelo pianista que, em anos recentes, a acompanhara nos seus espetáculos e que se dizia ser o seu verdadeiro amor, um jovem alemão loiro cujo nome se perdeu com o passar do tempo. Não interessa, a bela Violette era conhecida pelo seu hábito de saltar de homem para homem. «Como um colibri para uma flor», costumava dizer com aquele riso abafado e gutural que prometia muito e, diziam os que sabiam, cumpria sempre.

A sua beleza amazónica e a sua carreira de cantora nos palcos da Europa tinham rendido a La Violette uma pequena fortuna, incrementada ainda com as joias e casas generosamente oferecidas pelos seus admiradores e amantes, vários da nobreza e, pelo menos um, de uma casa real. (A tiara de diamantes que deu a Violette foi vendida há vinte anos num grande leilão em Genebra

por uma soma espantosa, mesmo quando comparada com os valores catuais.) Chamavam-lhe «o troféu de Violette», mas na verdade era bem mais do que isso, Violette gostara do seu príncipe, apesar de se comentar que afirmara que não era um bom amante.

A casa que construiu no seu monte no local de um pequeno mosteiro antigo com vista para o mar era simples, quase quadrada, não muito dissemelhante das casinhas dos pescadores que forravam o porto, mas Chez La Violette possuía arcos, pátios, telhas rosadas e uma pequena torre no centro. E, claro, janelas muito grandes porque Violette, que se dizia ter vindo de um meio pobre, uma órfã criada num obscuro orfanato provinciano, embora ainda ninguém tivesse provado essa história; bem, Violette adorava tudo o que fosse luminoso e acolhedor. Não haveria sombras na sua casa.

Antes de o tempo ter consumado os seus estragos finais, havia pessoas aqui em Nice, velhas claro, que tinham boas recordações de Chez La Violette e evocavam longos dias iluminados de sol junto à piscina azul-celeste, com o almoço servido por um empregado impecável de casaco branco. E bebidas ao princípio da noite no terraço de lajes frescas com a sua vista, encosta abaixo, para o mar, que cintilava cristalino e rosado ao pôr do Sol. Relembravam jantares deliciosos servidos sob os ramos dispersos das oliveiras, onde pássaros minúsculos se empoleiravam, mirando-os e, ocasionalmente, cantando durante o jantar.

Recordavam Coco Chanel a aparecer para uma visita vinda da sua casinha de pescadores no porto e Colette a escrevinhar histórias num canto sombreado. Falavam do artista Paul Signa, que pintava de forma tão evocativa o panorama familiar da aldeia e a paisagem dos pinheiros, e das visitas do príncipe inglês e da sua mulher, quando tudo tinha de estar perfeito para satisfazer tais convidados distintos, pouco habituados a «viver sem comodidades», à maneira descontraída da casa.

Diziam que Piaf lá fora, Chevalier, Mistinguett e Josephine Baker, com todas as suas muitas crianças de diferentes raças e cores. Presidentes e generais vinham também, todos amigos

extremosos, ou talvez amantes, mas, embora Violette fosse uma mulher que podia mencionar nomes famosos, nunca contou.

E então a guerra chegou à Europa. Por fim atingiu a Riviera. Violette fugiu para Paris e aí viveu, mas refugiava-se com frequência na sua *villa* agora solitária. Ainda subia ao palco, ainda cantava, embora desta vez fosse para os nazis que ocupavam Paris, como vários dos seus contemporâneos também fizeram. Dizia-se que, como Coco Chanel, tinha um novo amante alemão, mas a ser verdade, nunca o trouxe para Chez La Violette. E ninguém nunca mais aí a visitou.

Depois, no final da guerra, quando os Aliados libertaram Paris, Violette foi presa, acusada de colaboracionismo. Escondeu o rosto ainda belo dos fotógrafos por vergonha. Mas de repente e sem qualquer toque de trombeta, foi libertada. Os seus novos «inimigos», outrora seus amigos, disseram que fora porque Violette conhecia pessoas importantes. Que Violette sabia histórias que podia contar que eles não queriam que o público conhecesse e que fora assim que obtivera a sua libertação. Seria a bela Violette uma colaboracionista? Uma chantagista? Uma mulher que usava o seu poder em proveito próprio?

Nunca foram apresentadas acusações, nenhuma provas oferecidas, nenhuma justificação dada e Violette regressou à sua *villa*. A mulher que outrora tivera tudo, incluindo o mundo aos belos pés, viveu sozinha, com exceção de um sem-número de gatos vadios que alimentava e amava como os filhos que nunca tivera.

E depois, certo dia do princípio do verão, Violette desapareceu, deixando apenas para trás a *villa* que construía no seu sítio preferido do mundo e os seus amados gatos, com um testamento que estipulava que as joias restantes deviam ser vendidas e o dinheiro usado para pagar a uma mulher da aldeia para vir todos os dias alimentá-los e cuidar deles.

Compreendem, o que Violette ofereceu sempre em grande abundância, toda a sua vida, foi amor. Amor pelos amigos, amor por todos os animais, amor pela própria vida. Talvez Violette espalhasse de maneira tão franca o seu amor porque tivera muito pouco durante a juventude. E muitas pessoas houvera que,

recordando a forma como as coisas costumavam ser, se sentiam gratas por esse amor. Mas agora era apenas uma recordação.

Violette, *Chanteuse de Tout Paris*, não reconheceria Chez La Violette atualmente. Abandonada durante décadas, sem ninguém a amar nem lá viver, ergue-se como um monumento ao mistério do seu desaparecimento há tantos anos. E ao boato persistente de que está assombrada.

Por quem?, bem poderíamos perguntar. Ora, pela própria mulher, claro. La Violette.

AS LÁGRIMAS DE SUNNY caíram na cópia do artigo de jornal. Perguntou com voz trémula:

- Achas mesmo que a bela La Violette era uma *colaboracionista*?
- Tinha um amante nazi e subiu ao palco e cantou para os alemães.
- Mas muitos outros fizeram a mesma coisa, artistas, atores de cinema, bailarinos, cantores de ópera...

- *Cantores de ópera*? – retorquiu Mac. – Lá voltamos nós a isso. Irónico, não dirias que Joel Krendler, o patrono das artes, amante de música, não tivesse transformado Chez La Violette num monumento de homenagem à sua famosa proprietária?

- A sua outrora famosa proprietária. – Sunny limpou as lágrimas com um punho. – Ninguém se recorda de La Violette agora. Nunca se tornou na lenda em que Piaf se converteu.

- Violette morreu há muito tempo – replicou Mac. – E a sua carreira terminou muito antes disso. Depois da guerra, o tipo de vida que levava acabou.

Deitou-se para trás, mãos atrás da cabeça, olhos fixos no teto, a pensar naquilo. Sunny deixara-se envolver na investigação de um possível crime do passado, ao passo que ele investigava o presente. Que férias!

- Então agora temos um quarto mistério. Terá Violette colaborado com o inimigo? E, nesse caso, porque foi presa e depois libertada? E, se era inocente, por que razão nunca foi publicamente ilibada?

As compridas pestanas de Sunny ainda continham restos de lágrimas e Mac pensou que parecia uma Sininho exótica, polvilhada de pó de perlímpimpim. Inclinou-se e beijou-a com ternura. Estava tão envolvida na história de Violette que tinha de a ajudar.

- Para onde terá desaparecido? – perguntou Sunny. – Será que se matou? Ou fugiu, iniciou uma nova vida, algures, num país onde ninguém a conhecesse?

– Como a Argentina.

Muitos nazis em fuga e colaboracionistas tinham escapado para a América do Sul, antes de os conseguirem capturar e levar a julgamento.

– Talvez – retorquiu Sunny em tom duvidoso.

Mac sabia que tinha dúvidas porque no parágrafo final do artigo, o autor questionara se a casa estaria assombrada e, nesse caso, seria pela própria Violette. O que significava que acreditava que Violette aí morrera. Tirou a fotocópia da reportagem do jornal da mão de Sunny e verificou a linha com o nome do jornalista. Era um Mr. Craig Henley-Forsythe.

– Não podia ser um nome mais inglês – comentou.

Depois, por impulso, pegou no computador portátil e pesquisou Craig Henley-Forsythe no Google. Para sua surpresa, a informação apareceu de imediato no ecrã. Ao que parecia, o Mr. Craig Henley-Forsythe era também bastante famoso.

Craig Henley-Forsythe, jornalista. Filho mais novo de Sir Robert Forsythe de Henley-on-Thames, Berkshire, Inglaterra. Nascido em 1929. Distinguido com a Ordem do Império Britânico pela rainha Isabel II em 1980 pelo seu trabalho pioneiro no jornalismo e nas artes. Conhecido pelas suas recensões críticas e informativas sobre balé e ópera, mas também pelos seus trabalhos aprofundados sobre lendas artísticas do passado e do presente, Dama Margot Fonteyn e Rudolf Nureyev, Maria Callas e Luciano Pavarotti, bem como muitos outros artistas bem conhecidos do palco e do ecrã. Entre os amigos de Mr. Forsythe contavam-se celebridades tão díspares como Fred Astaire e Marilyn Monroe. Já reformado, Mr. Forsythe vive numa cottage com telhado de colmo numa aldeia do Berkshire, não muito longe de onde cresceu.

Espantado, Mac exclamou:

– Isto parece um obituário! Aposto que deve ter sido o tipo a escrevê-lo.

– Talvez sim e talvez seja mesmo. Se calhar já faleceu.

– Se tivesse morrido, vinha aqui escrito. Creio que Mister Henley-Forsythe, filho mais novo de Sir Robert e grande crítico de ópera, está bem vivo. E, a avaliar pela sua história sobre Violette, é muito bom no que faz.

Era de duvidar que o número de telefone de Mr. Forsythe viesse na lista,

mas Mac contactou as informações. Dois minutos depois, estava a ouvir o telefone a tocar numa *cottage* inglesa de telhado de colmo e depois uma voz a atender dizendo:

– Sim?

– Mister Forsythe, não me conhece, mas chamo-me Mac Reilly.

Houve uma longa pausa. Forsythe devia estar a pensar se falaria ou não com um desconhecido. Porém, surpreendeu Mac.

– Sei quem é – respondeu Forsythe. A voz era fina, mas firme. Era, obviamente, um homem de idade, mas ainda com pleno domínio das suas faculdades. – Temos aqui o seu programa em Inglaterra, sabe? Os meus parabéns, acho-o fascinante.

– Obrigado. – Mac ficou sem saber o que dizer, mas não precisava de se ter preocupado, Forsythe continuou a falar.

– Não consigo pensar em nenhuma razão para me estar a telefonar, mas, embora já goze de uma idade avançada, confesso que tenho esperança que esteja prestes a pedir-me para o ajudar a resolver algum crime incrível. E esperemos que seja aí em Malibu, onde a vida parece sempre ser vivida ao máximo pelos jovens e glamorosos, ou chegar a um fim triste pelos ligeiramente mais velhos e menos glamorosos. O que me diz, Mister Reilly?

Mac ouviu-o soltar um riso abafado e gostou logo dele.

– Na verdade, ia mesmo pedir a sua ajuda. Mas não estou em Malibu. Estou no Sul de França. Mais precisamente, em Saint-Tropez.

– St-Trop, costumavam chamar-lhe quando eu era jovem. Significando, Reilly, como deve saber, «Demasiado». Embora eu nunca o tivesse achado. Sempre tive olho para mulheres bonitas e havia sempre lá muitas.

– Ainda há, Mister Forsythe. E tenho a certeza que ainda estariam interessadas em conhecê-lo.

A gargalhada de Forsythe estrondeou de forma inesperada pelo telefone.

– Reilly, não há necessidade de lisonjear um homem de idade. Agora, conte-me a verdadeira razão do seu telefonema num sábado à noite, quando acabei de me instalar em frente da televisão com um copo de bom clarete e uma mão-cheia de palitos de queijo. Fi-los eu, claro. Prefiro-os sempre caseiros.

– Desculpe interromper. Conto-lhe rapidamente porque estou a ligar.

Mac informou-o sobre a burla do aluguer de Chez La Violette e a relação com Joel Krendler.

Forsythe parecia pensativo quando respondeu que sim, que ouvira falar de Krendler, embora não o conhecesse pessoalmente.

– Mas, pensando bem, ninguém conhece – acrescentou. – O homem é famoso por ser reservado e distante. Sobretudo depois do acidente. Creio que anda agora numa cadeira de rodas?

– Correto. Será que se recorda desse acidente? Onde ocorreu e quando?

– Por estranho que pareça, recordo-me. Eu encontrava-me no Sul de França na altura, a fazer uma reportagem sobre o festival de Cannes. Foi em maio de oitenta e oito. Mister Krendler caiu de um barco, ficou preso entre o barco e o cais. A notícia não chegou aos jornais, porque ele não era ainda assim tão importante e, na altura, Cannes estava cheia de estrelas.

– Sei que nunca conheceu Violette, mas lendo o seu artigo quase parece que a conheceu.

– Na realidade é o que sinto. Violette era o tipo de mulher que se nos entranha na pele. Uma mulher que, quando amava, o fazia com toda a paixão do seu ser. Acredito que era uma mulher fabulosa, Mister Reilly.

– E também acredita que fosse colaboracionista?

Forsythe hesitou.

– Acredito que Violette fazia o que sentia que tinha de fazer.

– Quer dizer que estava na Resistência?

– Não, creio que não. Pelo menos não oficialmente. Caso contrário, com certeza que a teriam defendido quando foi acusada e levada para a prisão. Não, o que quero dizer é que acredito que Violette fazia o que podia para ajudar os seus amigos, trabalhando sozinha.

Parou para pensar um pouco e acrescentou:

– E os seus amantes, claro. Havia um jovem pianista alemão, sabe, loiro, atraente. Acompanhava-a nas suas digressões. Sempre fiquei com dúvidas sobre esse assunto.

E agora Mac também as tinha.

– Diga-me, Violette era assim tão deslumbrante?

– Era o que se dizia. E, a avaliar pelas fotografias antigas, deve ter sido. Com aquela cabeleira ruiva farta e comprida, aquela altura toda, as pernas compridas, os seios impecáveis. – Forsythe soltou um longo suspiro. – Ficamos bastante nostálgicos só de pensar nisso – continuou, com um sorriso na voz. – E agora, se não se importar, Mister Reilly, uma vez que não me vai oferecer um emprego como seu assistente, vou voltar ao meu clarete e ao meu

programa de televisão. Ainda gosto de ver balé, sabe, e ópera.

– Qual é a sua favorita?

– A minha favorita? Callas, nos primeiros tempos, na *Norma*. Mas, hoje, Renée Fleming em quase tudo. Se temos uma voz como aquela, devemos ter um rosto a condizer, é o que digo.

Mac agradeceu-lhe e, ainda com um risinho entre dentes, Forsythe despediu-se.

Mac olhou para Sunny.

– Violette pode ter estado apaixonada pelo pianista alemão. E Joel Krendler mentiu em relação à data do seu acidente. Foi em oitenta e oito, aqui mesmo no Sul de França. Caiu de um barco e a perna ficou presa. Não era tão conhecido na altura, por isso não saiu na imprensa internacional, embora possamos verificar outra vez nos arquivos em Nice. De qualquer modo, foi há mais de vinte anos, não os dez que ele referiu. Que foi também a data em que disse que comprou a casa.

– Mas porque mentiria?

Mac alisou com o dedo a ruga intrigada entre as sobrancelhas de Sunny.

– Isso, minha linda Sunny, é o que temos de descobrir.

Os olhos dela emitiram um obrigado silencioso e Mac beijou-a outra vez, apertando-a contra si. Passado um bocado, disse:

– Sunny?

Ela empurrou-o, alarmada.

– Que é?

– Sabes que sou um tipo muito americano?

– Sim? – Agora já estava desconfiada.

– A verdade é que... me está a apetecer um bife hoje.

Sunny deu-lhe um murro no ombro.

– O quê? Queres dizer que nada de Louis XV? Nada de cozinha do Sul de França com estrelas Michelin? *Aqui*? No Sul de França?

– Bem... se insistires.

Ainda parecia relutante e Sunny riu-se.

– Há outro restaurante aqui no hotel, Le Grill. Ora, diria que um sítio com um nome desses deve ter bifés, não?

Depois, recordando-se dos seus dias de Paris e da peça de carne de vaca fina, azul, em sangue, a que os franceses chamavam bife, acrescentou:

– Embora possas ter de suplicar e explicar como queres que o bife seja

cozinhado. E, se calhar, mesmo assim, vem acompanhado de alcachofras assadas e funcho estufado ou algo do género, embora aposte que se *eu* pedir com muito jeitinho... – Inclinou a cabeça, sorrindo e batendo as pestanas, a demonstrar. – Talvez até consiga que te façam umas batatas fritas em gordura de pato, umas *pommes frites*.

Mac estreitou-a mais.

– Agora já sei o que pedir.

O telemóvel de Mac tocou. Sunny soltou um suspiro. Não estava sempre a tocar?

– Olá, Lev – atendeu Mac.

– Acabei de aterrar. Vou a caminho de St-Trop. Achei melhor dizer-te. E já tenho os meus gajos a trabalhar vinte e quatro horas.

– Nunca perdes um segundo! – Mac riu-se. – Até amanhã, meu amigo.

LEV ORENSTEIN DESEMBARCOU NO AEROPORTO DE NICE e passou rapidamente pelos serviços de fronteira e pela alfândega. Tinha apenas uma mala pequena e nada a declarar. Conhecia a Riviera, tendo, em parte, sido aí criado. Falava bem francês e muitos dos seus homens trabalhavam em França, em *part-time*, protegendo as pessoas muito ricas e, por vezes, as que geravam polémica.

Avançou a passos largos pela *salle d'arrivées*, uma figura alta e imponente que podia ter servido de duplo para algumas das estrelas de cinema que protegia. Com um metro e noventa, a cabeça rapada e olhos escuros penetrantes que não perdiam pitada, tinha um sorriso encantador que usava para causar boa impressão e também um coração surpreendentemente brando.

O homem à espera para o cumprimentar na porta das chegadas era baixo e entroncado, com os ombros de um touro e rosto a condizer. Usava óculos escuros, mas também toda a gente no Mediterrâneo o fazia. Vestia uma camisa cinzenta discreta e calções brancos. Tinha aspeto de uma pessoa normalíssima, mas era um dos melhores guarda-costas da Riviera e, por baixo da camisa, tinha acondicionada uma *Walther P99 Compact*, para a qual, como guarda-costas encartado, possuía uma licença de porte de arma. Tinha também uma pistola *Taser* no bolso, ao lado de uma latinha de pastilhas *Altoids* que estava sempre a chupar. Chamava-se Federico Manini e possuía o melhor hálito de todos os seguranças na Côte d'Azur.

– Como estás?

Cumprimentaram-se com abraços e palmadas nos ombros. Trabalhavam juntos há mais de vinte anos e eram amigos há ainda mais tempo. Lev safara certa vez Federico de uma situação muito complicada e Federico nunca o esqueceria.

Encaminharam-se para o parque de estacionamento e para o *Lancia* de Federico, que era compacto e muito profissional, mas com um motor potente que podia alcançar grandes velocidades em qualquer autoestrada e muitas vezes o fazia. Federico preferia os seus carros pequenos, mas Lev era um tipo

grande. O carro que Federico escolhera para ele estava especificamente preparado para velocidade, segurança, viragens, manuseamento geral e aceleração, um *Alfa Romeo 159* cinzento-metalizado, elegante e tão rápido, se não até mais, do que o seu. Entraram os dois no *Alfa Romeo* e Lev premiu botões e ajustou espelhos, verificando o carro enquanto conversavam.

– Mandei os meus tipos examinarem o carro, dizem que nunca ficarás preso no trânsito. Tal como o prepararam, pode mudar de direção num espaço curto e serpentear através da porra de um labirinto – disse Federico.

– Aposto que sim.

Lev sorria. Federico era de Nice que, a seguir a Nápoles, era se calhar o melhor sítio para mandar preparar qualquer coisa que se quisesse pela calada. Além disso, Federico conhecia toda a gente que havia para conhecer no submundo da Riviera.

– Tenho dois tipos alternados a vigiarem vinte e quatro horas por dia o Hôtel des Rêves e um a seguir Jasper Lord. Ainda se encontra naquela espécie de palácio que comprou em San Remo, na Itália, mas dois dos seus bandidos estão no Carlton, em Cannes. Tentaram aburguesar-se um pouco, mas um bandido continua a ter ar de bandido, mesmo com um casaco de estilista.

Lev olhou para Federico e riu-se.

– O mesmo se aplica a todos nós, suponho.

– O que queres dizer com isso? – Federico sorriu em resposta. – Bem, os bandidos ainda não deram com o Hôtel des Rêves, que fica um pouco fora do círculo deles. E de Mistress Jasper Lord.

– Belinda.

– Correto. Belinda Lord. Alta, loira, bonita. Aqui está uma foto atual, tirada ontem pelo meu homem, na praia.

Lev examinou-a.

– Muito boa. Mac Reilly contou-me que ela é porreira e também que se encontra neste momento na companhia dos «Inadaptados Internacionais», assim lhes chamou. O bom é que Belinda não tem andado demasiado sozinha e a deambular por Saint-Tropez, o que torna mais difícil Jasper Lord conseguir ter acesso a ela.

– Queres dizer quando a encontrar.

Lev lançou-lhe um olhar intenso.

– Se a encontrar. O nosso trabalho é certificarmo-nos que não o faz.

– Certo.

Federico abriu o porta-luvas e tirou um pacote pequeno, envolvido num pano de flanela preto. Passou-o a Lev.

– Uma *Glock 29*. Um pouco «menina» para ti, mas é pequena, rápida e fácil de esconder quando só estás a usar um par de calções de fato de banho e uma camisa de praia. E aqui está a respetiva licença de porte de arma. No teu nome, claro.

Lev sopesou a pistola automática de uma mão para a outra, gostando do peso leve e do toque em geral. Federico deu-lhe a caixa de munições de 9 mm e um coldre para o ombro, feito à medida para caber por baixo da camisa, como Lev preferia.

– Então, pá. – Lev sorriu para o velho amigo. – Vou andando. Recordo-me que o trânsito de Saint-Tropez é um inferno na época de verão.

Fintando esse trânsito na autoestrada para leste, as palavras que proferira vieram assombrá-lo em forma de canção.

– *In the summertime... In the summertime...*

Não, não é bem assim... Cantarolou-a entre dentes, mas por mais que se esforçasse, não conseguia lembrar-se de quem a cantava ou quem a escrevera. Estava apenas cravada na sua cabeça, junto com a imagem de Belinda Lord de biquíni branco. Uma mulher que se comprometera a proteger com a própria vida, se necessário.

A NOITE CAÍRA quando Lev fez deslizar o *Alfa Romeo* através dos portões do Hôtel des Rêves. Havia uma meia-lua suspensa no céu azul-escuro cravejado de estrelas e o ruído dos grilos nos pinheiros parou mal os faróis os atingiram.

Um jovem, cujo nome, Marco, se encontrava inscrito no crachá preso na camisa branca apressou-se a vir ajudar, mas Lev disse-lhe que preferia estacionar ele o carro e recebeu instruções para o deixar nas traseiras, onde havia muito espaço.

Mac informara o gerente da chegada de Lev e qual o seu trabalho. Lev fez o *check-in* com uma Mademoiselle Renée Cassini, uma ruiva encantadora que lhe ofereceu um sorriso de boas-vindas que levou Lev a pensar se todos os outros hóspedes recebiam o mesmo sorriso ou se aquele era especial para ele. Retribuindo o sorriso, agradecido, transportou ele próprio a sua bagagem e seguiu Marco pelas escadas até um pequeno quarto, diretamente por cima do pórtico da frente.

– Está com sorte, *monsieur* – disse Marco, mostrando-lhe todas as comodidades do quarto, o ar condicionado e agradecendo a gorjeta. Generosa, claro. Lev nunca era forreta com os empregados. – Em geral, nesta altura do ano, o hotel está cheio, mas tivemos alguns cancelamentos e este quarto ficou vago.

– Posso então dizer que sou um homem com sorte.

Depois de o pacote sair, Lev apagou as luzes, abriu as portadas de madeira verde e demorou-se na varanda às escuras. Chegava-lhe o ruído de um misturador de coquetéis da direção do bar e o choro agudo de uma criança cansada algures no corredor. Não muito longe, o mar cintilava sem descanso, salpicado de minúsculos pontos de luz, os barcos de pesca já a trabalhar. À distância, um cone de luz amarela irradiava de um farol e, no jardim em baixo, o vento suave restolhava, alegre, nas árvores.

O paraíso, pensou Lev. Mas, como toda a gente que lia a Bíblia sabia, o Paraíso escondia uma serpente no seu seio.

Dois minutos depois, de duche tomado e corretamente vestido para a Côte d'Azur, de calças brancas e com a sua camisa florida *Tommy Bahama*, a *Glock* presa de forma invisível debaixo do ombro, dirigiu-se lá para baixo, para o bar. Apresentou-se ao empregado do bar, que se chamava Louis, e pediu uma *Coca-Cola* com limão. Lev nunca bebia em serviço. Ainda havia por ali algumas pessoas, mas a maioria já fora para a sala de jantar ou saíra para a vila. Lev recebera uma descrição completa de todos os «Inadaptados» e sabia que jantariam no hotel. Acabou a sua bebida, conversou com o empregado do bar num francês perfeito, depois despediu-se com um *ciao* e foi à procura deles.

Era difícil não dar por Belinda Lord: alta e sensual, com um vestido branco ondulante que lhe baloiçava dos ombros bronzeados em duas das fitas mais finas jamais inventadas por um estilista. Vários fios de pedras translúcidas, género *Lalique*, rodeavam-lhe o pescoço comprido e uma pulseira grossa, que parecia de plástico, mas que seria com toda a probabilidade qualquer coisa muito mais cara, cingia-lhe o pulso direito.

Um tipo atraente, sem dúvida Nate Masterson, estava sentado ao lado dela, atento a tudo o que ela dizia. Ao lado de Nate encontrava-se outra mulher jovem, a pele rosada do sol do dia, o pesado cabelo castanho a cair-lhe sobre os olhos numa franja grossa que conseguia esconder-lhe o rosto, usando uma *T-shirt* branca simples e um fio fino de ouro. Tinha de ser Sara Strange. E o tipo vigoroso, com ar de quem passava o tempo ao ar livre, de cabelo cor de areia e sardas, era Billy Bashford. Com ele estava a filha pequena, conhecida de todos como Little Laureen. Segurava no colo uma *chihuahua* que Lev pensou parecer-se de forma notável com a pequena diabinho de Sunny, *Tesoro*, agora a parecer mesmo uma santinha. Porém, o *tutu* desconcertou-o um pouco. Mac não lhe contara nada daquilo quando lhe dera informações sobre os Inadaptados.

Sara Strange devia ter sentido o seu olhar, porque levantou os olhos de repente. Um rubor pôs-lhe o rosto ainda mais cor de rosa e disse qualquer coisa a Belinda, que ergueu a cabeça e olhou a direito para Lev, mirando-o de alto a baixo.

— Ora, se não é um deus entre nós! — exclamou em tom apreciador. — Bem-vindo ao Sul de França, Lev. É você, não é?

Lev deu a volta à mesa a apertar mãos, incluindo a de Little Laureen. A cadela no colo de Laureen ergueu a cabeça, lábio arrepanhado.

– Oh, *Tesoro* – disse Laureen, abraçando mais a cadela.

Lev sorriu. Conhecia bem os hábitos de *Tesoro*.

Belinda deu uma palmadinha na cadeira ao seu lado.

– Venha sentar-se aqui ao pé de mim, Lev, para podermos conversar.

– Minha senhora, a única coisa de que precisamos falar é sobre a sua segurança. É por isso que aqui estou e é essa a minha prioridade.

A boca de Belinda revirou-se de forma cómica nos cantos.

– Isso é para me pôr no meu lugar e que não haja dúvidas.

– Não era minha intenção ser descortês. E claro que incluo toda a gente nesta mesa na nossa conversa. Mac contou-me que têm andado a atuar como seu guarda-costas, mas agora tenho dois homens a patrulhar vinte e quatro horas por dia e eu controlarei pessoalmente a sua segurança.

– Quer dizer que vai garantir que o marido não me encontra?

– Será esse o nosso objetivo, minha senhora.

– Oh, por amor de Deus, pare de me chamar minha senhora. Faz-me sentir que tenho para aí cem anos. – Belinda lançou-lhe um olhar avaliador. – E aposto que não sou muito mais velha do que você.

Lev sabia com exatidão qual era a idade de Belinda. A sua obrigação era saber tudo sobre ela. E Belinda tinha razão, era dois anos mais velha que ele.

– É provável – foi, no entanto, tudo o que disse.

Belinda animou-se de repente, olhando em volta da mesa com um grande sorriso no rosto.

– Ouçam lá, agora que Lev está aqui para nos proteger, sugiro que vamos todos já para Les Caves du Roy.

– O que é Les Caves du Roy? – Sara levantou a voz, saindo do estado comatoso em que caíra desde que pusera os olhos em Lev.

– Só a melhor discoteca de St-Trop, cheia das pessoas mais badaladas, mais sexy e mais giras. E dançam em cima das mesas.

Sara encolheu-se outra vez na sua cadeira; não estava interessada na parte da dança em cima das mesas.

Mas Belinda estava agora acelerada.

– Ou talvez devêssemos ir ao Le Vip Room, é um pouco mais *techno*, se gostarem desse tipo de coisa? – Dirigiu a pergunta a Lev, radiante.

Este abanou a cabeça.

– Minha senhora, Belinda, lamento, mas discotecas estão fora de questão. De facto, neste preciso momento a vila de Saint-Tropez está interdita.

Precisamos de a manter escondida aqui no hotel, longe das vistas.

– Credo! Quer dizer que ainda estou aqui *presa*? Não posso sair? Mesmo com segurança vinte e quatro horas?

– Sinto muito, minha senhora, mas tem de ser assim. Por enquanto.

Belinda fitou-o furiosa.

– Oh, por amor de Deus, já lhe pedi para não me chamar minha senhora.

Lev sorriu, recordando a razão, e obteve um sorriso relutante em resposta.

– Escutem, todos vocês. Os capangas de Jasper Lord continuam em Cannes, ainda à procura de Belinda. Queremos que não a encontrem. Como sabem, Mac está a investigar Mister Lord. Logo que descubra o que anda a tramar, trataremos dele. E temos a certeza que anda a tramar alguma, sobretudo porque optou por não viajar para o Sul de França, tendo ficado em Itália.

– No raio daquele *palazzo* cor de rosa que é frio como tudo mesmo nas noites de verão. – Belinda estremeceu, recordando as noites em que o marido usara de violência para se assegurar que ela sabia que ele era rei no seu *palazzo* e para impedi-la de fugir.

Lev calculava o que Belinda passara e respeitava-a por manter uma atitude corajosa. Sentia um ódio particular por homens que maltratavam mulheres. Para ele, eram escumalha e o mundo estaria melhor sem eles. Mas esse não era o seu trabalho; a sua missão era a segurança de Belinda Lord. E, indiretamente, por causa de Belinda, a segurança também das outras pessoas sentadas ali em volta da mesa.

– Esta questão envolve-vos a todos. Não vos irei fazer companhia, mas estarei sempre por perto. A minha função é ficar em segundo plano, mas, acreditem, lá estarei quando precisarem.

Belinda fitou em silêncio a chávena de café que arrefecia muito depressa.

– Parece-me que ficaria melhor se tomasse um comprimido para dormir do que estar aqui a animar-me com um café expresso – retorquiu com um suspiro e um olhar carregado dirigido a Lev.

Sara pegou-lhe na mão e apertou-a de forma reconfortante.

– Tenho a certeza que Mister Orenstein sabe o que é melhor, Belinda. E isto aqui é tão encantador, não podemos queixar-nos, não é?

Lev pensou que ela parecia uma educadora de infância a consolar uma menina triste de três anos. Fitou-a com atenção: os ombros descaídos de uma mulher que escondia talvez o facto de ter seios desde a adolescência; o perfil

simples, puro como o de uma Madonna; o sobrolho preocupado que era talvez permanente; e o movimento do cabelo castanho, que brilhava como botas bem engraxadas sob as luzinhas decorativas brancas entrelaçadas nas árvores. O olhar de Sara largou Belinda e os grandes olhos castanhos focaram-se outra vez nele.

– Obrigada, Mister Orenstein... – disse.

– Oh, é Lev, por amor de Deus! – exclamou Belinda, impaciente como sempre.

Sara começou de novo:

– Obrigada, Lev. Sei que só quer que tudo corra bem para Belinda. É o que todos queremos, não é?

Olhou para Billy e Nate que responderam claro que sim e que entendiam o papel que desempenhavam na segurança de Belinda.

– Vamos certificar-nos que um de nós está sempre com ela, sempre alerta – declarou Nate.

Lev entregou a Belinda um pequeno dispositivo eletrónico que, explicou, permitia contactá-lo diretamente. Se sentisse medo, alguma preocupação, incerteza, devia premir apenas o botão e ele apareceria. Se fosse à praia, ou ele ou o seu homem lá se encontrariam.

Estava a fazer-se tarde e quase toda a gente já abandonara o pátio. Os empregados limpavam migalhas, punham toalhas lavadas e apagavam velas.

– Então, agora, se estiver pronta, vou acompanhá-la ao seu quarto. – disse Lev para Belinda.

Belinda levantou os olhos, surpreendida.

– Não há problema, Sara dorme comigo.

Pensou no que acabara de dizer e depois acrescentou, com um sorriso:

– Quero dizer, Sara e eu dormimos no mesmo quarto, por isso não estou sozinha.

– Mesmo assim.

Lev esperou que Belinda e Sara apanhassem as suas malas e que Billy pegasse na filha e na cadela, que agora estava sossegada. Ao passarem pela sala de jantar, avistou um rapaz sentado sozinho numa mesa de canto. Laureen também o vira. Disse qualquer coisa ao pai e depois atravessou a sala para falar com ele.

– Vai só dizer boa-noite. Bertrand Olivier é o novo amigo dela – explicou Billy, mas Lev indicou que esperaria por ela.

Conversando com Bertrand, Laureen lançou uma olhadela impaciente por cima do ombro na direção deles, disse qualquer coisa ao rapaz e depois baixou-se para fazer uma festa a *Pirate* que aparecera de repente por baixo da mesa. De supetão, *Tesoro* saltou para cima do cão e gerou-se uma briga enorme, com Little Laureen a gritar e Bertrand Olivier a atirar-se corajosamente para os separar.

Lev e Billy apressaram-se a ajudar.

– Já devia saber – observou Lev, arrancando a orelha de *Pirate* das mandíbulas de *Tesoro*. – Esta *chihuahua* só arranja confusão.

Ajoelhada no chão com a trela de *Tesoro* apertada na mão, Little Laureen lançou a Lev um olhar frio. Proferiu um rápido boa-noite a Bertrand e afastou-se depressa, nas suas sapatilhas rasas de balé, com o *tutu* cor de laranja a abanar como a cauda de *Pirate*.

Os Inadaptados dispersaram para os seus vários quartos e Lev tomou nota dos respetivos números. Mais tarde, sairia e, lá fora, verificaria as respetivas posições e acessos.

Quando chegaram ao quarto de Belinda, Lev entrou para o inspecionar. Não havia muito que ver, era simples e, como a maioria dos quartos de mulheres, inundado de roupas e sapatos. Tinha uma casa de banho relativamente grande e uma varanda espaçosa virada para o jardim com um caminho em baixo que conduzia, calculou, à piscina e depois à praia. Verificaria isso mais tarde.

Despediu-se de Belinda, que lhe ofereceu uma mão fria para apertar, embora julgasse que ela teria gostado mais se a tivesse beijado. A mão de Sara era tão quente como o brilho rosado no seu rosto de Madona e puxou-a para trás à pressa, como se receosa do contacto. Mesmo assim, sorriu-lhe quando fechou a porta.

Lá em baixo, a bela Renée já não se encontrava de serviço. Um homem substituíra-a como porteiro da noite. Já fora informado pelo diretor do hotel em relação ao trabalho de Lev e este sabia pela fotografia que vira antes que o porteiro da noite era quem afirmava ser.

Desceu os degraus e deu a volta para as traseiras do hotel, o parque de estacionamento e a entrada do pessoal. Estava um carro parado junto aos portões baixos que sabia se mantinham abertos. Foi confirmar. Era o seu homem de serviço.

Rodeando o hotel, caminhou ao longo da fachada, verificando a localização

do quarto de Belinda. O de Mac ficava no canto à esquerda e o de Belinda era ao lado. As varandas sobressaíam, formando uma passagem sombreada em baixo, forrada com as portas altas que davam para o bar e para o átrio principal. As portas encontravam-se fechadas. Todas as varandas eram adjacentes, separadas por barreiras sobre as quais cresciam buganvílias em treliças de madeira, conferindo privacidade, embora, claro, as conversas pudessem ser ouvidas.

Lev sabia que alguém ágil e astuto acederia com relativa facilidade a qualquer quarto por meio dessas varandas. Decidiu confirmar com o porteiro da noite quem eram os hóspedes dos quartos vizinhos e se eram bem conhecidos no hotel.

Seguia pelo carreiro da praia quando ouviu qualquer coisa. Escondeu-se nas sombras mais escuras do caminho coberto, todos os sentidos alerta, os olhos a perscrutarem a obscuridade.

Apareceu Little Laureen, ainda com *Tesoro* apertada contra o peito. Lev sabia que não ia apenas levar a cadela para um passeio antes de dormir, não aquela hora da noite e sem o pai a acompanhá-la.

A menina deu um salto enorme quando sentiu a mão de Lev no seu ombro. Deixou cair a cadela, que ganiu e depois mordeu o pé de Lev.

Lev retirou os dentes da cadela do seu sapato e perguntou:

– Ei, miúda, onde vais?

Laureen esforçou-se por dar uma explicação.

– Só dar um passeio. Com *Tesoro*.

Lev não precisava de lhe perguntar se o pai sabia do passeio, já conhecia a resposta.

– É meia-noite. O que achas que o teu pai diria deste teu «passeio» sozinha a esta hora da noite?

Laureen encolheu os ombros e respondeu que não sabia. Mas claro que Lev sabia que sim.

– Com quem te ias encontrar?

A cabeça de Laureen endireitou-se. Pressentiu que não havia forma de escapar, mas tentou mesmo assim manter o seu segredo.

– Ninguém. Verdade, ninguém. – Não queria de maneira nenhuma revelar o encontro marcado com Bertrand.

– Calculo que com Bertrand Olivier. – Não era difícil. Lev vira-os aos segredinhos antes de *Tesoro* enterrar os dentes em *Pirate*. – Fazemos o

seguinte, levo-te de volta ao teu quarto e prometo que não conto ao teu pai. Depois, venho dizer a Bertrand que não podes aparecer no encontro da meia-noite. – Ergueu-lhe o queixo com o dedo, de forma que ela foi obrigada a olhar para ele. – Nada feito. Vê se entendes, Laureen.

Falou com severidade. Não aprovava que as crianças se escapulissem sozinhas fora de horas. Tudo lhes podia acontecer, sobretudo agora.

Laureen pensou em silêncio no que sucederia a Bertrand.

– Sim, senhor – respondeu.

Lev pegou-lhe na mão e, com *Tesoro* pela trela, levou-a de volta ao hotel. A menina ficou ali um segundo, hesitante, à porta do quarto antes de a abrir. Depois proferiu um boa-noite rápido e entrou. Lev esperou que a porta se fechasse. Ouviu o ferrolho correr e só então desceu e saiu de novo para a praia.

Tal como esperara, descobriu Bertrand à sombra de uma pequena rocha. Quando o feixe fino da lanterna de Lev o apanhou, o jovem levantou-se de um salto, pondo as mãos de forma protetora por cima dos óculos sem graça.

– Volta para o teu quarto, rapaz – disse Lev, bondoso. – Laureen não pode vir encontrar-se contigo e, além disso, é perigoso andarem aqui os dois sozinhos à noite.

Deslocou o feixe da lanterna do rosto de Bertrand para a areia e para a capa de oleado camuflado e o par de binóculos antigos. Abanou a cabeça. «Miúdos», pensou, observando Bertrand a recolher à pressa as suas coisas.

– Vamos lá, rapaz, vou levar-te para o hotel. E, da próxima vez, marca os teus encontros durante o dia. Está bem?

– Está bem, senhor.

Bertrand não proferiu nem mais uma palavra até chegarem ao quarto e depois, tal como Little Laureen, despediu-se com um boa-noite rápido, abriu a porta e apressou-se a entrar.

Lev ouviu a fechadura correr. Suspirou. Lidar com as malandrices de dois miúdos não era propriamente o que esperara fazer naquela noite. Mesmo assim, ainda bem que fora só isso. Por agora.

MAC E SUNNY demoraram-se ao jantar no Le Grill do último andar do hotel, onde o teto se abria para mostrar as estrelas e as janelas altas estavam enfeitadas com cortinados de seda, presos de lado com cordões, revelando de um lado a vista sobre o porto e, de outro, o casino com os seus torreões. A sala era grandiosa, mas suave e elegante, o serviço impecável e a comida uma maravilha.

Uma das especialidades de Le Grill era a famosa carne charolesa e claro que Mac pediu o seu bife «especial», bem como as *pommes frites* feitas com gordura de pato que jurou serem possivelmente a melhor coisa que alguma vez provara. Sunny comeu um belo pregado, com uma salada tão simples que era um espanto saber tão bem.

Olhou pela janela para o panorama cintilante e depois para cima, para as estrelas que brilhavam.

– Diz-me – perguntou. – Por que razão isto parece tão distante daquele restaurante tipo barraca de peixe na Pacific Coast Highway, onde nos sentamos naquelas mesas de madeira todas marcadas, ao cimo de dois ou três lances de degraus de madeira e contemplamos a vista sobre o Pacífico por trás de uma cortina de plástico que, em princípio, nos devia proteger do vento?

– Cada coisa tem o seu encanto próprio – retorquiu Mac. Gostava muito daquele restaurante de peixe em Malibu. – Hoje estás linda – afirmou depois.

Sunny sorriu.

– Eric Clapton: *You look wonderful tonight*. Escreveu essa canção para a mulher.

– Talvez eu não consiga escrever canções como Eric Clapton, mas pelo menos posso citá-lo. – Sorriu-lhe. Estava tão apaixonado por ela e tão apaixonado pela beleza dela naquela noite que queria que os olhos lho dissessem.

Tinham ido às compras naquela tarde, não muitas compras, apenas

qualquer coisa para Sunny vestir em vez do traje de algodão cor de rosa com o motivo da palmeira. Agora envergava um vestido estreito com decote redondo e ombros nus. O tecido delicado de *chiffon* caía em pregas direitas e suaves, atado na cintura com uma fita de cetim preto. Nas costas, o vestido era aberto do pescoço até à cintura, apertado apenas com três botões de cristal minúsculos e delicados, como gotas de orvalho cintilantes. Com o vestido, usava sapatos de salto alto *Manolo*, de camurça preta, e brincos de diamante. Simples. Perfeito.

– Vale a pena levar-te às compras, sabes? – observou Mac.

Sunny fitou-o com aquelas fabulosas pestanas que lhe faziam acelerar o coração.

– Obrigada.

Cruzaram olhares e Mac disse:

– Não sei se agora ainda quero sobremesa.

Ela sorriu.

– Tanto pior, porque tenciono comer tudo o que me puserem à frente.

E foi o que fez. E ambos beberam um copo de um vinho branco delicioso da zona de Graves, a sul de Bordeaux, «extraído» das seiscentas mil garrafas na cave esculpida na rocha por baixo do hotel.

A seguir, bebericaram café expresso e provaram umas excelentes *petites gourmandises*, doces minúsculos que só os faziam desejar mais. Mas os olhos de Sunny tinham adquirido uma expressão distante.

– Violette voltou – adivinhou Mac.

– Sinto agora que a conheço – admitiu Sunny. – Amanhã, vou investigar mais um pouco, tentar perceber o que aconteceu em Paris.

– Porém, esta noite não. Por favor, chega de Violette.

– Prometo. – O sorriso selou o compromisso.

Despediram-se dos empregados que tinham tratado deles tão bem, agradeceram ao chefe de mesa e, de mãos dadas, atravessaram a praça até ao casino, um palácio dourado em estilo rococó. Entraram nas salas privadas, onde as apostas no *chemin de fer*, na *roulette* e no *blackjack* eram elevadas e não existiam *slot machines* barulhentas para distrair os jogadores a sério.

Mac encontrava-se atrás de Sunny enquanto esta perdia dinheiro na roleta, perscrutando a sala como sempre fazia. Uma mulher no salão seguinte prendeu-lhe a atenção. Estava de costas voltadas para ele, mas havia nela qualquer coisa familiar. Envergava um vestido curto de seda azul e o

comprido cabelo loiro caía-lhe em ondas suaves, ultrapassando os ombros. Tinha um aspeto endinheirado, de forma notória, e não era nada discreta; Mac ouvia-lhe a risada sonora de onde se achava. Estava a jogar dados e era óbvio que as apostas eram grandes, pois havia uma multidão admiradora à sua volta.

Atento às perdas crescentes de Sunny, Mac vigiava também a mulher. Sabia que a conhecia de algum lugar. Depois viu Gianni Valenti atravessar a sala e dar-lhe uma palmadinha no ombro. A mulher virou a cabeça e ofereceu-lhe um grande sorriso.

– Caramba – exclamou Mac, surpreendido.

Sunny lançou-lhe um olhar indignado por cima do ombro.

– Não perdi assim tanto.

– É Gianni Valenti – disse Mac, indicando com a cabeça para onde devia olhar.

Sunny olhou.

– Oh! O tipo do veleiro lá do hotel.

– E adivinha quem está com ele.

Olhou de novo. Endireitou-se no assento.

– É a *nossa* rapariga. Caroline Cavalaire.

– A nossa doce rececionista do hotel.

– Com um aspeto deslumbrante. E endinheirado. – Examinou-a melhor. – Quem diria que tinha todo aquele cabelo, está sempre preso naquele puxo tão profissional. E está a usar um gancho de diamantes em vez de um cravo cor de rosa.

– Ou herdou uma fortuna ou alguém está a tratar muito bem dela.

Sunny recordou-se do anel de esmeraldas e da mala *Chanel* e reconheceu agora que o vestido que Caroline usava era de um estilista e que as sandálias douradas tinham as solas encarnadas características que as identificavam como sendo *Christian Louboutin*.

– Aposto que é o nosso Mister Valenti. – Relembrou que Caroline o seguira pela sala de jantar, irradiando sorrisos. Encolheu os ombros. – Ora, porque não? Ela é jovem, atraente. Se eu fosse homem, se calhar queria andar com ela, tendo ela aquele aspeto.

– A questão é que nunca a vimos com «aquele aspeto» antes. E se Valenti está tão apaixonado por ela para lhe oferecer tudo aquilo a que ela não se importa de se habituar, por que razão ainda trabalha como rececionista de um

pequeno hotel familiar?

Sunny gemeu.

– Mac, oh, Mac! Não me faças isto, suplico-te. *Por favor...* não vamos inventar outro mistério para resolver.

– Eu não «invento» mistérios. Os mistérios acontecem simplesmente e, em geral, porque qualquer coisa misteriosa se passa.

Sunny colocou as últimas fichas no preto. Viu a roda girar e chegar ao vermelho.

– Estás a ver, desconcentraste-me – queixou-se, dando o braço a Mac e afastando-se da mesa.

– Já estavas a perder antes de eu te distrair.

Mas Sunny estava a observar Valenti e Caroline. Tinham-se apartado da mesa de dados e estavam a beber martinis. Com a cabeça inclinada, Valenti falava a Caroline, quase ao ouvido, como se não quisesse que mais ninguém ouvisse o que tinha para dizer. Caroline atirou para trás o comprido cabelo loiro e fitou Valenti nos olhos. Fosse o que fosse que lhe dissera, o rosto apresentava uma expressão zangada.

– O que achas? – perguntou Mac. – Vamos cumprimentá-los?

– Nem sonhes. Cá para mim, é um arrufo de amantes. Talvez tenha sido bom afinal ela ter mantido o emprego normal.

Mac riu-se e Sunny puxou-o.

– Onde vamos? – inquiriu ele, afastando Caroline Cavalaire do pensamento.

– Para a cama, querido – replicou com aquele sorriso endiabrado que o excitava sempre.

– Porquê para a cama? Existem tantos outros sítios.

– Como onde?

– Já alguma vez fizeste amor no banco traseiro de um carro?

– Sim.

Parou e fitou-a. Não estava à espera daquela resposta.

– Com quem?

– Não tens nada com isso.

Mac pensou naquilo. Ela tinha razão, supunha.

– Quem me dera não ter perguntado – replicou em tom sombrio.

– Eu também.

Encontravam-se no elevador. Sunny levou as mãos atrás das costas e

desabotoou os três pequenos botões de cristal que prendiam o vestido de *chiffon* preto. Fê-lo deslizar dos ombros. Os seios estavam empinados e redondos, os mamilos rosados e duros.

– Já alguma vez fizeste amor num elevador? – perguntou a sorrir.

– Oh, meu Deus.

Em pânico, Mac puxou-lhe outra vez o vestido para cima. Mesmo a tempo. O elevador apitou e as portas abriram-se. O casal à espera mirou-os desconfiado antes de entrar e Mac pensou, com algum sentimento de culpa, se poderiam ter adivinhado.

O elevador parou no andar deles e, com um sorriso sereno, Sunny disse *bonsoir* ao casal e passou por eles.

O vestido atrás vinha aberto até à cintura. Mac ouviu-a rir-se quando correu pelo corredor. Lançou uma olhadela rápida ao casal antes de as portas do elevador se fecharem. Nunca esqueceria a expressão de espanto no rosto deles.

– Sua marota – disse, apanhando Sunny.

– Pois. Não é divertido? – E, agarrando-lhe na mão, correu com ele para o quarto.

Mac soltou um suspiro feliz. Que mais poderia um tipo desejar? Era o final perfeito para uma noite perfeita. No dia seguinte, aquelas férias dariam lugar a trabalho. Mas aquela noite era dele e de Sunny.

NO DIA SEGUINTE quando regressaram ao Hôtel des Rêves por volta das onze, Mac ficou surpreso por encontrar Gianni Valenti no bar da praia, a beber uma cerveja. Sozinho.

Mac já sabia que Caroline não estava de serviço porque acabara de passar por Renée na recepção. Ficou a pensar no que teria sucedido na noite anterior. O sonho jovem do amor fracassara para Caroline? Não seria a primeira mulher a sofrer por causa de um homem, como duas do seu pequeno grupo de Inadaptados podiam provar.

– Que tal uma bebida no *Blue Picasso* ao final da tarde? – perguntou Valenti. – Faço um martíni fantástico e podemos ver o pôr do Sol. Claro que isso é apenas uma desculpa – acrescentou a sorrir. – O que na realidade quero é mostrar o meu barco. E, por favor, leve Sunny consigo. – Os olhos escuros varreram a praia e pousaram-se em Belinda, de biquíni e deitada de costas, tal como os outros Inadaptados, debaixo dos guarda-sóis. – E traga os seus outros amigos. Faremos uma festa.

Sentindo curiosidade, Mac concordou:

– Que tal às seis?

– Estarei no cais com o bote às seis e lembre-se, quantos mais melhor.

Pela forma como Valenti mirava Belinda, parecia que Caroline estava definitivamente fora do baralho. Mac tinha a certeza que não estaria incluída no convite daquela noite.

Consultou o relógio. Tinha algumas informações para Lev e haviam ficado de se encontrar dali a quinze minutos no Le Café, na Place des Lices. Lev dissera-lhe que estariam mais sossegados do que no Sénéquier.

– É mais discreto – explicara. Parece que esquecera que era dia de mercado.

Quando conseguiu por fim estacionar o carro eram onze e quinze e a Place des Lices estava inundada de mulheres turistas de calções e óculos de sol a remexer nas camisas de linho à procura de uma pechincha chique de Saint-

Tropez, ao passo que as mulheres locais, de lenços na cabeça e com sacos de rede, escolhiam fruta e legumes, à procura da perfeição.

De uma banca ali perto vinha um aroma delicioso de frango a assar no espeto. Mac aspirou-o com nostalgia, observando o proprietário a atirar batatas, rodelas de cebolas e pimentos vermelhos para a tina em baixo, onde os sucos se tinham acumulado. Os legumes reluzentes douravam com suavidade à medida que o espeto girava, alourando os frangos.

À noite, o jantar não constituiria problema para muitas pessoas por ali.

Avistou Lev do outro lado da rua, sob o toldo na esplanada do café, o corpo grande dobrado numa pequena cadeira de verga a uma mesa ainda mais pequena, mantendo os cotovelos para dentro para não usurpar o território dos vizinhos. Os óculos escuros estavam puxados para a cabeça calva bronzeada e havia uma minúscula chávena de café na mesa à sua frente.

Divertido, Mac pensou que nunca vira um homem tão pouco à vontade como Lev naquele preciso momento.

Lev viu-o avançar, fez-lhe um aceno de cabeça, chamou um empregado e pediu um *crème* para Mac. Os dois não passaram despercebidos aos olhos das mulheres de férias em Saint-Tropez que os miraram com sorrisos encantadores e convidativos.

Mac respondeu aos sorrisos ao mesmo tempo que se apertava na sua cadeira. Ambos estavam sentados de frente para a rua, tal como todas as outras pessoas. Numa esplanada de um café francês nunca ninguém olhava uns para os outros, toda a gente estava demasiado entretida a observar o «espetáculo» dos passantes. Observar as pessoas que passavam era um dos grandes prazeres de Saint-Tropez.

– Obrigado – agradeceu Mac, provando o *crème*. Como de costume em França, o café era bom. – Então? – Lançou uma olhadela a Lev.

– Belinda está protegida. Não há problema. E o marido mantém-se no seu *palazzo* italiano, não sai de lá há dias.

– Sabe que não seria bem recebido aqui – retorquiu Mac. – Não só pela mulher, mas também a nível oficial.

Lev ergueu as sobrancelhas numa pergunta.

– Falei com o meu contacto na Interpol. Acreditam que Jasper Lord está a traficar armas russas. Para o Irão.

– *Hmmm*. – Lev pensou naquilo. – Possíveis ligações terroristas?

– Ainda não está provado, mas o suficiente para o vigiarem com rigor se

aparecesse por aqui. Não que ele seja tão estúpido ao ponto de vir pessoalmente. Um gangster passa sempre essas tarefas para os seus subordinados. A propósito, sabes se é colecionador de arte?

– A única coisa que aquele tipo coleciona são mulheres.

– Como se desloca?

– Num *Mercedes Maybach 62S* à prova de bala, mais um carrinho de golfe que utiliza nos terrenos do *palazzo*, que parece uma versão mini para ar livre do *Mercedes*, embora, como é óbvio, não seja à prova de bala. Suponho que arrisca apenas no campo de golfe da região e, de qualquer modo, está sempre rodeado pelos seus homens. Além disso, é um clube privado e o tipo é mais rico do que todos os outros. O clube toma bem conta dele e sem dúvida que ele se sente em segurança. Além disso, claro, possui o habitual avião para multimilionários, um *Citation*, com dez lugares. E o seu favorito, um helicóptero *Bell 429* que pilota sozinho. É um modelo para um só piloto. Para mostrar como é idiota, encomendou-o num vermelho vivo. Avista-se o helicóptero a mais de um quilómetro de distância. Qualquer pessoa que quisesse podia identificá-lo, alvejá-lo e deitá-lo abaixo com facilidade.

– Ego puro – retorquiu Mac. – Então, não tem iate?

– Demasiada burocracia nos portos. Além disso, vem de um país sem ligação ao mar, detesta o mar. O *palazzo* fica lá em cima nas montanhas. No entanto, no fundo é um tipo urbano, em geral vive nas cidades. Tem apartamentos em Manhattan, no Upper East Side, e em Londres, em Belgravia. A propósito, o *palazzo* é alugado.

– Se está a residir em San Remo tem de existir alguma razão.

– Não é uma mulher. De facto, corre o boato que Belinda foi a mulher de quem mais gostou, da sua beleza, da sua energia, da sua prontidão em fazer-lhe frente.

– Até que o controlo e a violência dele foram demasiados para ela – replicou Mac. – Nenhuma quantidade de vestidos *Dior* e colares *Cartier* compensa. E agora quer-a de volta. Um homem como aquele, comandado pelo seu ego e pela sua cabeça mercenária e nunca pelas emoções, vai descobrir uma forma de a apanhar.

– Mesmo que – concluiu Lev em voz baixa – a tenha de matar.

NO HÔTEL DES RÊVES, *Pirate* esgueirou-se pelas escadas abaixo e entrou no átrio atrás de Sunny. Os olhos castanhos acabrunhados indicavam que não era um cão feliz. Sunny carregava *Tesoro*, que parecia nunca andar muito com aquelas pernas curtas, mas inclinou-se para fazer uma festa a *Pirate*.

– Pobrezinho – murmurou, vendo uma orelha erguer-se em resposta. – Pobre querido, o pai anda a negligenciar-te, não é? Deixou-te ontem e outra vez esta manhã? Bem, fazemos o seguinte, rapaz, tu e eu vamos partir para uma pequena aventura juntos.

A outra orelha de *Pirate* empertigou-se, obviamente a pensar se isso significaria um passeio.

– Deixamos *Tesoro* com Little Laureen e seremos apenas tu e eu. Que dizes, *Pirate* querido?

O cão abanou a cauda, cheio de esperança.

– Primeiro, porém, tenho de perguntar uma coisa a Caroline.

Sunny olhou para o balcão da receção e viu que era Renée que estava de serviço, não Caroline. Pensou no que teria sucedido a noite passada com Gianni Valenti.

O cão esperou, paciente, enquanto Sunny perguntava a Renée se havia bicicletas para alugar.

– *Mais bien sûr, madame*. Mas não para alugar, são grátis. Temos algumas lá fora no parque de estacionamento para quem quiser utilizá-las. – Renée presenteou Sunny com um grande sorriso. – Somos um hotel para famílias, *madame*, pensamos em tudo.

A seguir Sunny dirigiu-se à praia, onde encontrou os Inadaptados preguiçosamente à espera do almoço numa das mesas com guarda-sol do bar da praia. Perguntaram-lhe se não queria juntar-se a eles.

– Não, obrigada – replicou. – *Pirate* e eu vamos fazer umas pequenas explorações. Estava a pensar, Little Laureen, se podias tomar conta de *Tesoro*?

– Claro que sim.

O rosto de Laureen alegrou-se. Não vira nem soubera nada de Bertrand desde que Lev os mandara aos dois para a cama. Deixara um bilhete por baixo da porta dele, mas Bertrand não respondera e agora estava preocupada. Não sabia se estaria no seu covil, nem como poderia escapar ao pai e ir procurá-lo. Não seria fácil, nem com o pretexto de levar *Tesoro* a dar um passeio.

Sunny acenou um adeus e, com *Pirate* pela trela, ziguezagueou na sua bicicleta emprestada, saindo do parque de estacionamento e entrando na estrada que passava em frente do hotel. Virou à direita com *Pirate* a coxear ao seu lado, a língua pendente, as orelhas a abanar, sorrindo com o seu «sorriso» saliente.

A *villa* ficava mais perto do que Sunny se recordava daquela viagem de pesadelo a meio da tempestade, embora tivesse lançado uma olhadela prudente aos arbustos junto à estrada onde pensara ter visto um homem. Claro que fora apenas produto da sua imaginação sobrecarregada, tal como aquela impressão que Chez La Violette era uma casa que guardara os seus segredos e que talvez a própria Violette nunca a tivesse propriamente abandonado. Porém, quando ali regressara com Mac tivera a mesma sensação estranha. Depois, claro, havia a questão da luz que se acendera sozinha no *boudoir* de Violette e o aroma opressivo a flores que apostava serem violetas. E aquela tampa de piano aberta, de forma misteriosa.

Desmontando, encostou a bicicleta contra o muro ao lado do azulejo azul e amarelo com o nome escrito com floreados: *Chez La Violette*. Desta vez, os portões abriram-se com facilidade. Tirou a trela a *Pirate* e o cão trotou em círculos largos, farejando as ervas, seguindo-a até à porta de entrada principal.

Outra vez nervosa, Sunny hesitou nos degraus: estava a fazer tal e qual o que Mac sempre a aconselhara a não fazer, a entrar sozinha numa situação desconhecida. Mas aquilo não era a casa de François Reynaud, onde fora cometido um assassinato. Era apenas a casa de Violette.

Mesmo assim, quando abriu a porta, reparou que, como da última vez que ali viera com Mac, *Pirate* não se precipitou à frente. Pelo contrário, ficou ali mesmo, colado aos seus calcanhares.

Atravessou a soleira da porta. O silêncio rodeou-a como uma parede invisível, eliminando o cantar dos pássaros e o trinar alegre dos grilos. Era

como se tivesse entrado noutra mundo.

Olhando apreensiva para trás, decidiu deixar a porta aberta para uma retirada rápida, dizendo ao mesmo tempo consigo própria que claro que não precisaria de o fazer. Naquele dia não havia nenhum Nate Masterson a brandir uma espada, nem nenhuns fantasmas. Mas ficou contente por sentir o volume tranquilizador do telemóvel no bolso dos calções caso necessitasse de pedir ajuda, embora, *claro*, isso não fosse preciso.

Todas as portadas da casa se encontravam fechadas pelo lado de dentro. A única luz provinha da porta da frente aberta. *Qualquer coisa se moveu atrás dela*. Sunny deu um salto, virando-se, mesmo a tempo de ver um coelho disparar com *Pirate* atrás dele. Sorrindo, disse de novo consigo própria que estava a ser tola.

Quando o cão voltou a ofegar, pôs-lhe a trela e atravessou o vestíbulo em direção ao quarto de Violette. Desta vez, quando passou a mão pela parede até encontrar o interruptor da luz, o candeeiro não se acendeu sozinho. Apenas os lustres gémeos se acenderam, mas havia tantas lâmpadas fundidas que o quarto continuou numa semiobscuridade. Arrastando um *Pirate* relutante, Sunny destrancou as portadas e abriu a janela alta.

Sentindo-se como se tivesse sofrido uma espécie de experiência terrível, ficou ali um bocado a respirar o ar fresco. A vista era linda, de uma enseada turquesa e do mar verde-azulado e cristalino a lamber a costa. Uma brisa fez esvoaçar as finas cortinas de *voile*, trazendo com ela aquele aroma inquietante a flores. Contudo, quando Sunny olhou em volta viu que não estava ali ninguém, apenas sebes densas de buganvília de um rosa forte, há muito deixadas ao abandono, de forma que agora se encaracolavam ao longo das lajes. Um relvado de camomila, quase pela altura da cintura, corria pela encosta abaixo, dobrando-se ao sabor da brisa como um mar de um verde-prateado, e choupos altos adejavam folhas delicadas com um leve tinido.

Havia, no terraço, uma mesa de ferro forjado branco, em filigrana, e um par de cadeiras a condizer, lascadas e enegrecidas, e Sunny imaginou a bela Violette com um *peignoir* de *chiffon*, o comprido cabelo ruivo atado atrás com uma fita de cetim, a bebericar o café do pequeno-almoço de uma dessas taças largas e sem asas que os franceses usavam, talvez a planear uma festa para os seus convidados. Talvez o jovem e belo amante alemão tivesse estado com ela, a discutir a música para o seu próximo concerto?

Não sabendo com exatidão o que esperava encontrar, mas desejando

perceber melhor Violette, Sunny voltou a entrar. Sob décadas de pó e fuligem, o quarto apainelado em cinzento-pombo possuía uma atração inegável, uma espécie de encanto fora do vulgar, tão excecional como a própria mulher. Sunny vasculhou por ali, verificando gavetas de secretária vazias, passando a mão por estantes empoeiradas, abrindo uma porta que revelou apenas um *closet* vazio e um grande espelho. Suspirando, desistiu.

A cama enorme com os seus cortinados de seda em tom prateado a desfazerem-se atraindo-a, subiu os quatro degraus de madeira e afundou-se nela. Com os braços cruzados sobre o peito, fitou o dossel pregueado. Grãos de poeira esvoaçavam num feixe de luz do sol e tudo era silêncio.

– Onde, oh, onde – perguntou em voz alta – guardaria uma mulher os seus documentos mais secretos? O seu diário? As suas fotografias mais queridas, as suas recordações?

A resposta surgiu-lhe na mente como se enviada por um mensageiro. Ora, debaixo do colchão, claro! Aquele esconderijo clássico, onde, ao longo dos tempos, as mulheres tinham armazenado os seus tesouros, as suas poupanças, as suas cartas de amor ilícitas.

Esquecendo os degraus, tropeçou e quase partiu o tornozelo ao saltar da cama e puxar a colcha para trás. Fitou o colchão. Não era um colchão de molas moderno; era uma relíquia de outra era com uma cobertura de tecido riscado e uma etiqueta parisiense proclamando estar recheado de «pura crina de cavalo». Consternada, Sunny sabia que devia pesar uma tonelada.

Conseguiu enfiar as mãos por baixo, mas, quando tentou erguê-lo, o colchão não se mexeu. Mudou de posição, baixou os ombros, tentou içá-lo de novo. Apenas uns centímetros. Franzindo o sobrolho, fitou o colchão, irritada. Seriam precisas quatro pessoas para virar aquele peso. Porém, lá conseguiu levantá-lo apenas o suficiente para passar a mão por baixo. Tateou e os dedos fecharam-se à volta de um pequeno objeto quadrado. Puxou-o. Uma caixinha de veludo azul-escuro.

– Oh... meu... Deus – exclamou em voz alta.

Abriu-se com tanta facilidade como se tivesse sido usada no dia anterior. E lá dentro encontrava-se um anel. Não uma das joias caras de Violette, apenas um pequeno anel de sinete, de ouro. Nele estava gravado um brasão: uma águia e uma raposa de frente uma para a outra num escudo aos quadrados pretos e brancos. A elegante letra *M* revolteava no centro, com um *V* para a esquerda e um *K* para a direita. O *V* era de Violette, claro, mas Sunny não

fazia ideia a quem corresponderiam as iniciais *M* e *K*.

Nervosa, fez deslizar o anel no dedo, quase à espera de ouvir o estrondo de um trovão, mas tudo o que aconteceu foi que era demasiado grande e mesmo no dedo do meio ficava largo.

A pensar em que outras coisas estariam escondidas debaixo do colchão, fez nova tentativa, mas era impossível erguê-lo. Violette teria tido problemas em esconder ali muita coisa.

Sunny voltou a pôr no lugar e a alisar a colcha esgaçada em tons prateados e depois, por impulso, tornou a subir e a deitar-se na cama. Fitou o dossel que abrigara a famosa *chanteuse* durante tantos anos, dizendo consigo própria que Violette se deitara ali tal e qual como ela; que Violette se colocara as mesmas perguntas que as mulheres sempre fazem quando as coisas correm bem e quando correm mal.

Sunny fechou os olhos e tentou imaginar como seria a vida da bela cantora quando era nova e estava apaixonada e tinha o mundo todo a seus pés. A luz do Sol incidiu sobre as suas pálpebras fechadas criando padrões estranhos, vermelhos e dourados... Estava a flutuar para trás no tempo, a cair numa espécie de sono... O aroma de flores pairava no ar como uma droga, aquele mesmo aroma agradável a violetas. As cortinas da cama restolharam delicadamente.

Sunny endireitou-se de repente. Era como se tivesse regressado de outro mundo. Saltou da cama, agarrou na trela de *Pirate* e correu para a porta. Depois lembrou-se, deixara as portadas abertas. *Tinha de lá voltar*. Dizendo consigo própria para não ser tão ridícula e que o aroma a flores devia vir do jardim, correu outra vez lá para dentro, fechou a porta alta, girou a chave na fechadura e trancou as portadas.

Agora a única luz provinha dos lustres turvos. Uma lâmpada faiscou e depois morreu. O aroma das flores tremulou pelo ar, pesado, sedutor...

Sunny não sabia se arrastou *Pirate* ou se *Pirate* a arrastou a ela, mas saíram dali num instante, atravessaram o vestíbulo e a porta principal, parando apenas tempo suficiente para a trancar.

Correram pelo carreiro de gravilha. Sunny saltou para a velha bicicleta e pedalou como louca, de volta ao mundo normal do Hôtel des Rêves.

– PORQUE VAMOS AO BARCO DE VALENTI?

Sunny e Mac encontravam-se no quarto e Sunny vestia um par de calções brancos. Levantou-se para os abotoar e depois enfiou os pés em sapatos de vela de lona azul. Estivera a contar com outra noite só os dois sozinhos, mas, de alguma forma, aquelas férias tinham-se tornado um esforço comunitário.

– Vamos ao barco de Valenti porque nos convidou. E porque estou curioso em relação a ele.

Preocupada, Sunny parou a meio de enfiar uma *T-shirt* às riscas azuis e brancas pela cabeça.

– *Hum*, não me digas... não outro mistério.

– Até ao momento, a única coisa misteriosa em relação a Valenti é a sua relação com a loira Caroline. E o facto de ter um veleiro muito caro fundeado ali ao largo. Muito belo.

– Caroline ou o veleiro?

Desta vez, Mac riu-se.

– Qual deles te deixará com mais ciúmes?

– O barco, sem dúvida. Sei como os homens podem ficar loucos com coisas desse género. Nada se torna demasiado bom para o barco, não se poupam a nenhuma despesa. E um barco é melhor do que uma amante, porque não refila contigo nem te leva a fazer compras.

Acabou de vestir a *T-shirt*, apanhou o cabelo num rabo-de-cavalo e prendeu-o com uma fita elástica. Fez uma pirueta em frente de Mac, apontando-lhe um dedo ao peito.

– Estás a ver? Pouca manutenção. – Deixou-se cair no colo dele com um ataque de riso. – Temos mesmo de ir? Quer dizer, não podemos escapar-nos? Mandar os outros sozinhos?

– Belinda vai. Tenho de lá estar.

Sunny endireitou-se.

– E então Lev? Pensei que era esse o trabalho dele.

– Regra geral seria, mas desta vez estou eu de serviço. Além disso, é um ambiente relativamente seguro, num barco ancorado mesmo junto à costa.

– A não ser que o marido fique a saber e apareça no seu helicóptero vermelho para nos abater a todos a tiro. E, a propósito, não é que toda a gente com quem entramos em contacto nestas férias possui o seu avião próprio?

Mac beijou-a.

– Sim. Mas nunca te disse que tens uma imaginação demasiado viva?

– Provavelmente. Quer dizer, sim, já disseste. Mas *isto* não é um produto da minha imaginação. – Sunny dirigiu-se à cómoda e voltou com o anel de sinete.

Mac passou o dedo por cima do braço.

– Onde arranjaste isto?

– Onde havia de ser? Chez La Violette. – Enfiou o anel no dedo mindinho de Mac. Ajustou-se na perfeição. – Estás a ver! – exclamou triunfante. – É um anel de *homem*. Aposto que Violette o ofereceu ao jovem amante alemão.

– Espera, espera. – Mac ergueu as duas mãos num protesto. – Começa do princípio.

Sunny contou-lhe a história da sua aventura da tarde em Chez La Violette.

– E continuo a acreditar que está assombrada – concluiu com um arrepio, ao recordar-se do aroma a flores e da forma como o sol parecera fechar-lhe os olhos, a sensação de entorpecimento e o salto repentino e aterrado de volta ao presente e à realidade.

Mac sabia que Sunny não era assustada, mas estava mesmo empenhada naquela coisa de Violette e não era bom para ela. A sua Sunny era corajosa, caprichosa e divertida e só a vira verdadeiramente assustada um par de vezes, ambas envolvendo corpos e homicídio. Não se amedrontava com facilidade. Ainda bem, pois junto dele o perigo sempre espreitava.

– Não quero que lá vás sozinha outra vez. *Okay*?

– *Okay* – respondeu numa voz fraca.

Mac tirou o anel, examinando as iniciais.

– Nem sequer sabemos o nome completo de Violette. Parece que era apenas conhecida como Violette.

– Vou voltar aos arquivos do jornal – retorquiu Sunny. – Devem lá existir algures alguns detalhes mais concretos sobre quem ela era na realidade.

– Era no fundo «a estrela». Penso que terá deixado essa outra menina de orfanato para trás e ter-se-á transformado numa mulher de fantasia que todos

os homens adoravam. La Violette deve ter absorvido amor como uma esponja absorve água.

– Como eu. – Sunny enroscou-se no colo dele, beijando-lhe a orelha mais próxima dos seus lábios. – Temos de ir? – sussurrou de novo.

Mas Mac respondeu que sim e, suspirando, Sunny seguiu-o porta fora.

– A propósito, confirmei quem paga para os serviços públicos, tipo água e eletricidade, estarem permanentemente ligados em Chez La Violette.

Sunny encolheu os ombros e olhou para ele, as sobrancelhas erguidas.

– Krendler, claro. O homem que afirma que nunca visita a *villa*. Nem o Sul de França.

– Achas que é ele o burlão na questão do aluguer? – Sunny parecia espantada.

– Isso não. Mas aposto que anda a tramar alguma.

– NÃO PODES USAR ISSO. – Belinda abanou a cabeça para Sara, que acabara de puxar o fecho do vestido *Cavalli* e estava a atar as sandálias de pele de cobra verde.

Sara fitou-a, consternada.

– Mas disseste-me que este conjunto era perfeito.

– Não para umas bebidas a bordo de um veleiro. Qualquer marinheiro te mataria se entrasses no convés com esses saltos. Além disso, é uma coisa informal, apenas uma bebida ao pôr do Sol. Veste os calções, querida, e calça as chinelas de dedo e ficas pronta.

Sara abanou a cabeça. Não entendia. Agora Belinda estava a dizer-lhe para se vestir como se vestia antes de se conhecerem, como lhe dissera que não devia vestir-se. E, além disso, o que havia de tão especial no convés de um barco? Era se calhar feito de plástico como tudo hoje em dia. Mas Belinda usava calções e alpercatas de sola de corda e Sara puxou de um par de calções de ganga e uma *T-shirt* com letras brilhantes no peito. Nunca dominaria aquela questão das roupas. Mas estava pronta e desceram as duas para o vestíbulo.

– Olá. – Billy anunciou a sua chegada em voz alta, lá das escadas, acenando com uma mão grande e trazendo Little Laureen pela outra.

Belinda sorriu-lhe. Billy não usava o chapéu. Little Laureen vinha com o seu inevitável *tutu*, mas desta vez com as botas. Belinda suspirou e sussurrou para Sunny:

– O que vamos fazer com esta criança?

Sunny abanou a cabeça.

– Creio que vamos ter de esperar para ver o que acontece.

Mac já fora depositar os dois cães no canil: num barco, as garras eram tão proibidas como os saltos altos.

– Queridinha. – Belinda puxou Laureen de lado. – Creio que as botas de cobói vão ter de ficar. Os marinheiros não gostam de sapatos pesados nos

seus convés macios.

Havia uma expressão distante familiar no rosto de Laureen, como se habitasse noutro planeta qualquer.

– Porque não?

– Deixam marcas. – Belinda deu-lhe uma cotovelada e piscou-lhe o olho. – É uma dessas coisas de homens, sabes como é.

Laureen não sabia e, de qualquer modo, não queria estar ali. Queria estar com Bertrand. Não houvera sinal dele durante o dia inteiro e quando lhe batera à porta não respondera. Ficara ali a pensar para onde teria ido e depois deixara outro bilhete, pedindo-lhe para se encontrar com ela na praia às dez da noite e avisando-o para ter atenção aos novos seguranças. Tinha esperança que ele conseguisse e que, desta vez, não fossem apanhados.

Descalçou as botas e entregou-as a Belinda que as deixou com Renée na receção quando saíram.

Gianni Valenti já se encontrava no pontão, com um aspeto muito Sul de França informal, com uns calções caros e uma *T-shirt*, o cabelo escuro ainda molhado do duche, os olhos escuros escondidos atrás de óculos escuros. Acenou um olá, estendendo uma mão para ajudar as senhoras quando saltaram para dentro do bote negro, suficientemente grande para caberem todos. Seguiram a toda a velocidade em direção ao *Blue Picasso*, com um jato de espuma cristalina a cintilar atrás devido aos motores muito potentes.

– Percebem, o meu veleiro é azul – explicou Valenti por cima do ruído do motor quando se aproximaram.

Estava a olhar para Belinda que sacudia borrifos do cabelo. Tivera a pouca sorte de ficar muito perto da popa e não tinha apenas o cabelo molhado, mas também a *T-shirt*, que se colava agora de forma atraente a todas as suas curvas.

– Pergunto-me se Valenti a sentou ali de propósito – segredou Sunny para Mac, enquanto o bote circundava para poderem admirar o veleiro de todos os ângulos. – E não te dizia que os homens gostam mais dos barcos do que das amantes?

– Este não. – Mac abraçou-a. No entanto, tinha de admitir que o barco de Valenti era muito bonito, com o casco de um azul-escuro elegante como um tubarão, as velas negras dobradas nos três mastros, todas as cordas brancas bem enroladas, todas as peças de aço a brilhar.

Até Sara percebia agora o que Belinda quisera dizer; ter-se-ia receio de

andar descalça neste exemplar de perfeição marítima.

Valenti fez rodar o bote para encostar ao barco, depois saltou e estendeu a mão para as ajudar como fizera antes.

– Valenti, o veleiro é uma beleza. – Mac estava junto dele na amurada. – Mas é tão grande, como consegue dar conta do recado sozinho?

Valenti encolheu os ombros.

– Prefiro estar sozinho, mas com vinte metros é necessário ter um assistente. Está aqui esta noite para dar uma ajuda. Se quiserem, podemos velejar um pouco, mais tarde, antes de escurecer.

– Fantástico. – Sunny sorriu, radiante. Decidira que gostava de barcos, destes pelo menos.

Valenti levou-os numa visita guiada, mostrando como as velas funcionavam eletronicamente, explicando os motores potentes que complementavam as velas quando o vento o traía.

– Faz parte do encanto de velejar – disse. – É como uma mulher, quando nos desilude precisamos de outra nos bastidores em quem nos apoiarmos.

Não eram os sentimentos de um cavalheiro, pensou Mac enquanto Valenti os conduzia ao salão principal. Era mais pequeno do que Mac esperara e forrado a painéis de uma madeira preciosa e brilhante, com sofás e cadeirões confortáveis e um bar num dos cantos, a cintilar de copos de cristal que, como os candeeiros, estavam protegidos para a eventualidade de tempo agreste.

Mas não foi o bar que atraiu o olhar de Mac. Foi o grande Picasso pendurado no espaço entre duas vigias, encaixado num nicho que fora, era óbvio, feito à medida para ele.

– Vejo que está a admirar o meu Picasso. – Valenti deu-lhe uma palmadinha afetuosa. – Não é do Período Azul, como vê, embora claro, o barco tenha recebido o nome correspondente. É um retrato da sua segunda mulher, Jacqueline.

Mac sabia que era uma obra-prima, mas, de alguma maneira, não conseguia convencer-se.

– Detesto pensar no que lhe custa em seguros.

Valenti riu-se.

– Nada, meu amigo. É isso *exatamente* o que me custa. Deixe-me contar-lhe a história do meu belo Picasso. Há anos, costumava velejar pelas águas das ilhas Baleares. Aportara em Maiorca e estava num bar da zona do porto

em Palma quando comecei a conversar com um homem que afirmava ser artista. Levou-me a sua casa para me mostrar os seus quadros. Claro que me queria vender um, claro que estava bêbado e claro que eu percebi logo qual era a sua verdadeira vocação. O tipo era um falsificador experiente; conseguia fazer qualquer coisa, qualquer artista, qualquer período. Era o Rembrandt dos falsificadores. Disse-lhe que não me deixava enganar, mas que lhe guardaria o segredo se me pintasse um quadro.

Acenou com a mão para o quadro atrás dele, os contornos da cabeça de uma mulher, o cabelo meras madeixas azuis, o perfil aquilino com o conjunto dos olhos, típico de Picasso, muito espantoso.

– Sou um fervoroso admirador. – Encolheu os ombros. – Claro que agora é impossível ter dinheiro para um Picasso, se aparecer por acaso algum no mercado, o que é raro.

– Mas as falsificações eram bastante boas para enganar os peritos?

– Todas elas. E, acreditem, muitas pessoas no mundo artístico sentiram-se idiotas quando a verdade veio a lume. Mais tarde, claro, houve compensações a serem feitas pelos peritos que as tinham autenticado e pelas galerias e leiloeiras que os tinham vendido. De facto, é provável que existam hoje colecionadores que possuem as falsificações e ainda acreditam que sejam as obras verdadeiras.

Nate também não era fã de Picasso, mas conhecia os preços incríveis no mercado da arte.

– O que sucedeu ao falsificador?

– Foi apanhado, atirado para a prisão por fazer passar as suas falsificações no mercado como se fossem as obras verdadeiras.

Billy examinou o quadro com mais atenção. Preferia pinturas do Oeste e aquelas estimulantes esculturas de bronze de tamanho natural de homens a cavalo. Picasso não era de maneira nenhuma o seu género.

– Não perceberia a diferença entre a obra verdadeira e a falsificação – observou.

– Nem nenhum leigo. Só os que estudaram a obra de Picasso, que a conhecem melhor do que a sua própria cara, conseguem perceber a diferença.

– Então o que interessa? – Laureen pôs o dedo na ferida, como sempre fazia. Olhando para o quadro, pensou que também conseguia fazer um Picasso, com os seus novos lápis de giz *Crayola*.

Afundou-se no sofá ao lado de Sara, com as pernas espetadas, os dedos dos

pés nus a contorcerem-se, o *tutu* cor de framboesa repuxado. O barco era giro, mas desejava que Bertrand ali estivesse.

– Acho que tens razão e se é ou não autêntico não tem na verdade importância – respondeu Mac a Laureen. – E com certeza que isso poupou uma quantidade de dinheiro a Mister Valenti.

– Por favor... Gianni. – Valenti corrigiu Mac com um sorriso.

Laureen mirou-o desconfiada. O homem parecia uma pessoa muito sorridente.

– Venham ver os camarotes.

Valenti orgulhava-se do seu barco como do seu Picasso falsificado. Havia três cabinas, compactas, bem equipadas, confortáveis e, tal como o salão, com painéis daquela madeira preciosa que brilhava, pensou Sunny, de forma ainda mais bela do que o quadro.

De volta ao convés, o assistente de Valenti, um jovem napolitano moreno, tinha os *hors d'oeuvres* e as coisas para os martinis a postos, embora Valenti misturasse ele próprio as bebidas.

– Parece um profissional – brincou Belinda, vendo-o servir a mistura, gim com um toque de vermute seco ao estilo de James Bond, para um copo gelado, acrescentando um par de azeitonas.

O olhar escuro de Valenti cruzou-se com o dela por cima do copo.

– É um dos meus muitos dotes – prometeu, fazendo com que as sobrancelhas de Belinda se erguessem.

Sara estava sentada sozinha no banco de lona azul-escura que corria ao longo da amurada. Sentia-se contente por estar a usar chinelas de dedo porque não existia um único risco nos fabulosos soalhos de teca envernizados. Pelo menos, pressupôs que fossem de teca. Não era o que em geral se via nos barcos? Com um espasmo de dor, recordou-se do cruzeiro arruinado e do namorado, mas depois encolheu os ombros. No final de contas, vejam lá onde se encontrava agora, sentada num barco de milhões de dólares a beber martini com pessoas glamorosas que nunca teria conhecido na sua pequena vila do Kansas. O olhar demorou-se melancólico na costa, onde as luzes do hotel cintilavam no azul do final de tarde. Perguntou-se por onde andaria Lev.

– Mac? – disse Sunny. O copo de martini estava quase a gelar-lhe na mão e bebeu com rapidez um gole.

– Sim? – Mac não estava a beber, mas aceitou um aspeto de lagosta, que

estava de facto excelente.

– Diz-me, como se pode Valenti dar ao luxo disto tudo? Quero dizer, quem é na realidade?

Mac lançou-lhe um olhar incrédulo.

– Estás a criar outro mistério para eu resolver?

Sunny levou a mão à boca a fingir-se chocada.

– Esquece que mencionei o assunto. E olha só para Billy Bashford ali com Belinda. Não tens a sensação que não quer que o senhor convencido Valenti se aproxime muito dela?

Billy estava encostado à amurada como um *chaperon* enquanto Valenti monopolizava a atenção de Belinda. Mac pensou se Sunny teria razão e se Billy estaria a gostar de Belinda de outra forma.

Entretanto, Nate, sempre solitário, deambulava até à popa e ali estava, a fitar o mar, com uma expressão indecifrável. Estaria também interessado na bela e sensual Belinda?

– Aquela mulher é um agente catalisador – sussurrou Sunny. – Olha só, modifica todos os homens que conhece. Vais ver, em breve Gianni Valenti estará a pôr de parte os barcos caros.

– E a ganhar uma amante cara – retorquiu Mac, fazendo-a rir-se.

Little Laureen descobrira um par de binóculos e estava a perscrutar a costa, de lábios contraídos, uma ruga entre os olhos. Olhando para as grandes *villas*, todas com o seu barco próprio atracado em cais privados, algo acabara de lhe ocorrer.

– Estás à procura de *Tesoro*? – perguntou Sunny.

Laureen baixou os binóculos.

– Estava a ver se conseguia ver Bertrand – respondeu com franqueza.

– Se calhar está a vestir-se para o jantar. – Demasiado tarde, Sunny percebeu que o que dissera era ridículo. – Vem sentar-te aqui. – Sentou-se e deu uma palmadinha no banco a seu lado. – Ainda bem que Bertrand se tornou teu amigo.

Laureen assentiu. Depois, surpreendendo-se a si própria, deixou escapar:

– A mãe dele casou-se.

Sunny reconheceu de imediato que aquilo era uma grande confidência. Conteve o espanto pois, tanto quanto sabia, Bertrand nunca saíra sequer do hotel e a mãe ainda não aparecera.

– Casou? – replicou em voz baixa.

– Ela já não quer ficar com Bertrand – explicou Laureen.

Sentiu um baque no coração. *Oh, meu Deus*, disse consigo própria, *oh, meu Deus... pobre rapazinho*. Mas para Laureen, disse apenas:

– Tenho a certeza que é temporário, sabes, só por agora, até resolver as coisas, o novo marido, uma casa nova...

– Não – retorquiu Laureen sem rodeios. – É para sempre. Ela agora tem outros filhos. Novos. Não quer Bertrand. Vai mandá-lo para o colégio até ele fazer dezoito anos e depois logo pensa no que fazer com ele. – Fitou Sunny, ansiosa. – Bertrand não contou a mais ninguém, só a mim. Não sei porque lhe disse, saiu assim sem querer.

– É porque estás preocupada com o teu amigo – tranquilizou-a Sunny. – Mas prometo que não conto a ninguém.

– Vai contar a Mac. – Laureen já conhecia a forma de proceder das mulheres.

Sunny mordeu o lábio.

– *Okay*, mas só a Mac.

– Prometi ajudar Bertrand – declarou Laureen. – Tenho um plano.

Sunny esperou que contasse, mas desta vez Laureen permaneceu em silêncio.

– Vai tudo correr pelo melhor – disse por fim, soando demasiado adulta para uma menina de oito anos. – Era o que a minha mãe costumava dizer quando eu estava enervada com alguma coisa – acrescentou.

– E sabes que mais, Little Laureen – retorquiu Sunny. – Acredito que a tua mamã tinha razão. – Lá no fundo, porém, não tinha tanta certeza e, a avaliar pela sua expressão sombria, Laureen também não.

Mac aproximou-se de onde Valenti se encontrava na amurada, a atirar-se a Belinda. Examinou melhor o homem. Era mais velho do que parecera à primeira vista, com o cabelo escuro penteado para trás de forma juvenil e a encaracolar-se na nuca. Mac detetou as linhas fundas gravadas à volta dos olhos escuros, olhos de marinheiro, com aquele olhar penetrante adquirido, sem dúvida, por perscrutar, de maneira incessante, o horizonte. As mesmas linhas corriam-lhe do nariz para a boca, compensadas por um bronzado profundo, alcançado, tinha a certeza, mais por causa da ação do vento no mar do que por apanhar banhos de sol numa praia da Riviera. Valenti era alto e mantinha-se em boa forma, nem um grama de gordura a mais, contudo, Mac calculou que estivesse próximo do final da casa dos cinquenta. De facto,

Valenti parecia o epítome do solteirão rico e conquistador da Riviera. Os pensamentos de Mac divergiram para Caroline. Foi postar-se na amurada ao lado de Valenti, não conseguia arranjar ânimo para lhe chamar Gianni, a contemplar a linha da costa.

– O Hôtel des Rêves é um belo achado – disse como por acaso.

Valenti concordou.

– Há anos que o uso, como uma espécie de segunda residência em terra. É conveniente.

– Foi sem dúvida conveniente para todos nós quando descobrimos, demasiado tarde, que tínhamos alugado a *villa* Chez La Violette no que foi uma burla muito simples mas eficaz.

O olhar intenso de Valenti desviou-se da costa para Mac.

– Claro que já descobriram quem foi?

– De facto, não. Ainda não, embora tenha as minhas ideias sobre a questão.

Valenti franziu o sobrolho. Surpreendido, Mac pensou que ele parecia manifestamente preocupado com a fraude sofrida por pessoas que, no final de contas, eram apenas desconhecidos de passagem.

– Fomos salvos de termos de dormir na praia por Caroline Cavalaire, a rececionista do hotel. Por algum milagre, conseguiu arranjar-nos quartos para todos.

Valenti continuou a fitar as luzes tremeluzentes do hotel à medida que o crepúsculo se ia instalando.

– Conhece Caroline? – perguntou Mac.

– Já a vi no hotel. Não a conheço bem, mas parece-me uma jovem simpática.

– Sim – replicou Mac, pensativo, quando Valenti se virou. – Caroline é sem dúvida simpática.

Houve uma súbita explosão de atividade quando Valenti pegou no leme e o napolitano tratou das velas que se desfraldaram numa sequência eletrónica, enormes retângulos de tela preta.

– Como um barco de piratas – disse Laureen baixinho, espantada quando as velas pretas se elevaram no céu azul-escuro.

Observando Valenti a trabalhar, senhor do seu barco e dono do seu Picasso, Mac percebeu que o homem era um mentiroso. Perguntou-se o que, exatamente, estaria a esconder.

VALENTI JUNTOU-OS EM REBANHO na parte da frente do barco enquanto este apartava as águas, acelerando como uma seta, paralelo à costa. A proa erguia-se, as velas pretas estrepitavam e o vento cantava nas adriças. Virada para o vento, Sunny apertava a mão de Mac. Ficou de respiração cortada e riu-se, entusiasmada.

Nate estava sozinho, bem equilibrado, pés afastados, braços cruzados no peito, perscrutando o horizonte vendo-o ficar mais nítido e depois desfocar-se de novo. Belinda, com a cabeça atirada para trás, ria-se com alegria e até Sara se associou. Billy segurava Little Laureen à sua frente, esticando-lhe os braços, estilo *Titanic*.

Laureen fechou os olhos e virou o rosto para os céus. O *tutu* esvoaçou e a respiração pareceu ficar-lhe presa no peito.

– A mamã teria gostado de velejar – disse para Billy, mas a voz foi-lhe arrancada e projetada para o céu vazio.

Mac observou Valenti ao leme. Com o rosto tenso, os olhos alerta nivelados pelo mar à sua frente, era um homem que controlava o seu barco na perfeição, um homem que adorava velejar, mais do que adorava mulheres.

Não havia ruídos guturais de motores para estragar o momento, nenhuma fumaça, nada senão o som do vento e do mar, depois o bater das velas quando o barco começou a abrandar. O napolitano não precisava de instruções, estava preparado quando Valenti premiu botões, as velas começaram a ferrar-se e o barco virou de bordo devagar, de volta à costa.

Belinda rodopiou, com os olhos a brilhar.

– Foi maravilhoso. Obrigada.

Os outros emitiram em coro os seus agradecimentos, passando mãos por cabelos emaranhados pelo vento, rindo-se, animados. Sunny virou-se para olhar para Valenti, ainda a controlar o barco. O rosto intenso tinha relaxado, embora não sorrisse. Estranhamente, pensou Sunny, parecia um homem que tivesse acabado de fazer amor. Lançou uma olhadela a Mac para ver se ele

tinha reparado.

– O que te disse sobre barcos e amantes? – perguntou baixinho para mais ninguém ouvir.

Mas Mac fitava as luzes cintilantes na costa. Estavam a entrar no porto de Saint-Tropez. Ou, pelo menos, o mais perto que Valenti podia aproximar-se sem ancoradouro.

– Para onde vamos? – perguntou.

– Pensei que podíamos ir à vila, jantar. – Valenti dirigiu-lhe o seu sorriso esbatido. – Pago eu, claro – acrescentou. – São todos meus convidados.

Belinda aplaudiu, dando saltos como uma criança.

– Oh, graças a Deus – gritou. – Já estava a ficar louca. Pensei que nunca mais tinha autorização para sair outra vez.

– E não tem – disse Mac, severo, mas Belinda atacou-o com grandes olhos azuis suplicantes.

– Eu vou – afirmou com teimosia.

A decisão era dela e Mac sabia que não podia fazer nada.

As velas estavam agora ferradas e o motor palpitava com suavidade enquanto deslizavam para mais perto da costa. Mac puxou do telemóvel e telefonou a Lev. Não obteve resposta, mas deixou uma mensagem, dizendo que estavam no *Blue Picasso* a chegar a Saint-Tropez e que Belinda estava determinada a fazer uma noitada. Disse que ainda não sabia para onde iam, mas que, pelo menos, queria que Lev estivesse vigilante. Era tudo o que podia fazer. Isso e colar-se a Belinda.

Não foi assim tão fácil. Depois de Valenti ter lançado a âncora, embarcaram no bote e passados alguns minutos desembarcavam no porto antigo.

Valenti pegou no braço de Belinda e guiou-a pelas ruas apinhadas de gente.

– Onde vamos? – Belinda virou o rosto radiante para ele.

– Pensei começarmos pelo Byblos, jantarmos lá, e depois irmos até à Caves du Roy dançar um pouco.

– Em cima das mesas! – exclamou Belinda a rir-se.

Os dois caminharam por entre a multidão que, pensou Sunny divertida, se apartava diante deles como o mar Vermelho para Moisés. Não surpreendia, pois Belinda parecia mesmo uma celebridade, toda molhada, loira e deslumbrante com a sua *T-shirt*, pernas compridas em alpercatas de cunha altas e com um sorriso malicioso no rosto.

– Temos de admitir que fazem um casal espetacular – disse Sunny para Billy, que caminhava a seu lado, a segurar a mão da filha. – Mas só Deus sabe como vão deixar-nos entrar numa discoteca com este aspeto.

– Ela está com um aspeto fantástico – retorquiu Billy.

Parecia tristonho e Sunny lançou-lhe um olhar ansioso. Estaria mesmo enfeitiçado por Belinda que namoriscava com qualquer homem ao seu alcance? A noite não augurava nada de bom para Billy.

Nem para Sara, que estava preocupada por ir aparecer num sítio elegante para jantar e depois numa discoteca com os seus calções de ganga velhos e uma *T-shirt* que dizia BRASA no peito em letras onduladas cor de rosa. Percebera, mal a comprara, que a *T-shirt* era um erro, mas pensara que o namorado a acharia *sexy*. Vestira-a naquele dia, esperando obter a mesma reação. Agora percebia que se enganara.

Nate falava com Mac.

– E a questão da segurança? – perguntou em voz baixa para Valenti não conseguir ouvir. – Pensei que Belinda não podia sair.

– Pois é. Mas não pude fazer nada.

Nate encolheu os ombros.

– Bem, suponho que ela já é crescidinha.

– Não o suficiente para enfrentar um par de bandidos e um marido multimilionário violento em pé de guerra – retorquiu Mac.

Lev ainda não respondera e tentou de novo ligar-lhe. Desta vez atendeu.

– Não consegui ouvir-te antes e depois não consegui apanhar-te – esclareceu Lev.

Mac explicou rapidamente que tinham estado no mar. Contou a Lev o que acontecera, com quem estavam e para onde se dirigiam.

– Não há hipótese de parar Belinda agora. Quer divertir-se.

– Vou estar mesmo atrás dela – retorquiu Lev.

DESGRENHADOS PELO VENTO e radiantes, foram recebidos no Byblos como se fossem extraterrestres numa visita noturna. Nada perturbava a gerência, já estavam habituados a tudo. Pessoas belas e excêntricas eram sempre bem-vindas, acrescentavam classe e atraíam clientes. Não que precisassem naquela noite, o restaurante estava cheio. Mesmo assim, puseram uma mesa lá fora, uma toalha por cima, arranjaram-se cadeiras, flores, velas, uma falange de copos. Trouxeram água, pediram-se bebidas, apresentaram-se ementas.

Dali a dez minutos estavam a relaxar junto à piscina azul, as palmeiras a oscilarem na brisa, a beberricular vinho e a tentar descobrir rostos de celebridades, *hollywoodianos*, como lhes chamavam em Saint-Tropez.

Mas os olhos de Mac procuravam mais qualquer coisa. Viu Lev no bar. O que o fez sentir-se um pouco melhor. Porém, continuava nervoso e a desejar nunca se ter envolvido naquela coisa. Mesmo assim, Belinda estava a divertir-se, fazendo-os rir-se a todos, dando uma palmadinha no joelho primeiro a Valenti, depois a Billy e metendo-se com Nate do outro lado da mesa, lançando olhares cúmplices a Sunny e a Sara, incluindo-as na sua pequena farsa. Porque farsa era o que Mac acreditava que seria. Não pensava que Belinda se sentisse atraída por Valenti. Pensava que Belinda era mais do que isso, mais do que os deixava entrever. Acreditava que Billy vira esse outro lado dela também, ou que o pressentira, e que era por isso que Billy não gostava de Valenti. Não achava que o homem fosse digno dela.

Mac também não gostava de Valenti. O homem punha-o pouco à vontade. Sabia que mentira em relação a Caroline e perguntava-se agora se teria mentido sobre o Picasso. A história parecera bastante genuína, o caso do Rembrandt dos falsificadores de arte, mas Mac já ouvira aquela história algures antes. Na verdade, há anos. Beberricando um copo de vinho branco frio, um *Montrachet*, vigiava Belinda.

Sunny reparara que Mac estava inquieto e, embora desejasse que as coisas não tivessem acontecido daquela maneira, naquela atmosfera jovial, elegante

e ao ar livre, era difícil acreditar que Belinda se encontrasse em qualquer perigo real e, por isso, estava a divertir-se. O Byblos era encantador, como o cenário de um filme de Hollywood sobre um hotel na Riviera, em tons pastel e com palmeiras, completo com a sua piscina azul-turquesa e polvilhado de rostos famosos e mulheres vestidas de forma exótica. Era surpreendente, mas não se sentia deslocada com os seus calções e a *T-shirt* às riscas; no final de contas, estava-se no Sul de França e acabara de sair de um barco. O vento arruinara-lhe o cabelo e queimara-lhe o nariz, mas não se ralava nada.

Apertou o joelho de Mac por baixo da toalha de mesa e murmurou:

– Não há problema, querido, Lev está aqui.

Ele assentiu.

– Desculpa, não foi minha intenção ignorar-te. – Virou-se para olhar para ela, a sua amante latina dourada e cintilante, o amor da sua vida. Desejou de todo o coração que estivessem sozinhos como tinham planeado. – Como raio nos metemos nisto? – perguntou.

Sunny abanou a cabeça.

– Temos de apreciar, é tudo. – Consultou a ementa. – Vou pedir o *gigotin de lotte clouté aux anchois*.

Mac fitou-a, surpreendido.

– O que é isso?

– Não faço ideia, mas tem um nome fantástico.

Sunny perguntou a Little Laureen, sentada à sua frente, o que tinha escolhido.

– Esparguete à bolonhesa – respondeu Laureen com timidez.

– O teu prato favorito. – Belinda recordou-se que também o escolhera no hotel.

– A mãe estava sempre a fazê-lo para ela – explicou Billy. – Esparguete à bolonhesa.

Sorriu e tentou alisar o cabelo desganhado de Laureen, mas este resistiu, todo desordenado em nós por cima dos ombros.

Belinda levantou-se apressada.

– Vamos, meninas – disse, olhando em volta da mesa. – Vamos levar Little Laureen e arranjar-nos um pouco.

Pegando na mão de Laureen, serpenteou por entre as mesas, seguida por olhares divertidos à medida que os outros comensais se apercebiam da rechonchuda Little Laureen com o seu *tutu* e pés descalços, com Belinda e

Sunny, deslumbrantes e de pernas compridas, atrás dela, e com a rosada Sara a fechar a retaguarda.

Passavam pelo bar quando Sara avistou Lev.

– Oh! – exclamou, ficando ainda mais corada.

Lev estava com um aspeto muito atraente, de camisa azul-escura e calças de ganga, todo bronzado e esguio, como os homens que conhecia no Kansas nunca pareciam. Lev era o homem mais atraente que já conhecera e isso incluía Mac e Gianni Valenti, que era uma brasa europeia se se gostasse desse tipo de coisa. O que Belinda, era óbvio, gostava.

Ergueu a mão num aceno, mas, para sua surpresa, Lev virou-se de costas. Fizera de conta que não a conhecia. As faces de Sara voltaram a arder.

Na casa de banho das senhoras, Belinda disse:

– Viram Lev Orenstein ali sentado como Buda com a sua cabeça calva e óculos escuros?

– Achei que estava muito bem – desembuchou Sara antes de se conseguir conter.

Sunny e Belinda fitaram-na espantadas e Sara corou de novo.

– Ignorou-me – acrescentou.

– Claro que sim – retorquiu Sunny em tom amável, vendo que Sara se sentira menosprezada. – Lev está de serviço. Não quer atrair atenções e não pode ser visto a falar connosco. Lev é o homem da segurança de Belinda, Sara.

Belinda tirara um pente da pequena mala de pele de cobra azul da *Dior* pendurada a tiracolo e estava a puxá-lo com suavidade pelo cabelo cheio de nós de Little Laureen. A criança fechou os olhos e inclinou a cabeça para trás, descontraída desta vez.

– Sabes que tens um cabelo bonito, Laureen – observou Belinda. – Já fui cabeleireira, por isso sei muito bem do que estou a falar. Só precisa de ser bem arranjado. Sabes, umas tesouradas nas pontas para ficar com um bom corte e depois vai balançar de forma muito bonita, tal como o de Sara.

Laureen abriu os olhos e inspecionou o cabelo de Sara.

– O meu nunca vai ser tão bonito.

– Podes apostar que sim, quando eu tiver tratado dele. – Belinda olhou para Sunny. – Tens outra dessas fitas elásticas?

– Claro.

Sunny rebuscou dentro da mala e deu um elástico a Belinda que alisou o

cabelo de Laureen para trás e o prendeu num rabo-de-cavalo.

– Olha lá, vê como estás bonita. – Virou Laureen para o espelho.

Laureen mirou-se no espelho, surpreendida. Em geral, o cabelo pendia-lhe dos lados da cara, numa confusão. Ninguém nunca a mandava puxá-lo para trás e não vira razão para fazer nada a respeito. Agora, no entanto, o rosto parecia de algum modo *okay*.

– E agora pareces uma verdadeira bailarina – comentou Sunny e Laureen atirou-lhe um olhar agradecido e disse obrigada.

Depois apressaram-se a lavar as mãos e pentear o cabelo e, meninas todas juntas, voltaram para a mesa.

Desta vez Sara nem sequer olhou na direção de Lev, embora todos os pelos do seu corpo parecessem eriçar-se quando passou célere. No entanto, ousou uma espreitadela. Lev estava sentado de costas para o bar, apoiado num cotovelo, meio nas sombras. Duvidava que tivesse sequer reparado nela.

De volta à mesa, o prato de Sunny era afinal tamboril guarnecido de anchovas que quase se tinham derretido e era a melhor coisa que já tinha comido. Bem, pelo menos desde a noite anterior. E, por outro lado, havia sempre o dia seguinte. Desejou não ser tão apreciadora de comida. Estariam para aparecer alguns quilinhos extra? Oh, não queria saber, estava de férias com Mac. Ou não estava? Mac não parecia mais envolvido com Belinda neste preciso momento do que de férias com ela? Toda a gente estava a divertir-se, incluindo Valenti, que, percebeu, nunca tirava os olhos de Belinda, o que significava que comia muito pouco, ao passo que Belinda emborcava a comida dele, bem como a sua e também um bocado da de Billy. De facto, Billy era o único que parecia não estar a divertir-se. Desta vez, o seu sorriso primava pela ausência.

E Sara estava enganada. Lev reparava em todos e em tudo. Os ponteiros do seu relógio avançaram para as onze e trinta, depois para as doze. Mais pessoas chegavam... Saint-Tropez era uma vila que se recolhia tarde...

À meia-noite e quinze, saíram por fim, mas não para longe, só para ali ao lado, para a Caves du Roy. Todos, exceto Billy e Little Laureen que, aliás, era demasiado nova para poder entrar e que pareceu satisfeita quando Billy declarou que a ia levar para o hotel de táxi. Era tarde, mas esperava que Bertrand ainda estivesse à espera. E, visto que Lev estava ali em Saint-Tropez, não seriam apanhados. Esta noite, Bertrand e ela poriam o seu plano em ação. Billy acenou um adeus e foram-se embora.

A DISCOTECA CINTILAVA DE LUZ ESCURA; música *techno* retumbava das paredes e repercutia-se no teto; estavam encerrados em som, uma batida que arrastou de imediato Belinda para a pista de dança, girando sobre si mesma como um espírito do vento descoberto no veleiro de Valenti. Este encontrava-se com ela e, incapaz de resistir à atração da música, Sunny juntou-se a eles, depois Nate puxou Sara para a pista apinhada, sempre a protestar. Mac observou-os durante um minuto, mas estava consciente de Lev lá atrás e ciente de tudo o que se passava, examinando os rostos orvalhados de suor, cor bruxuleante e joias verdadeiras sob o fulgor da luz negra.

Mac avistou um rosto que conhecia. Caroline encontrava-se sentada sozinha numa mesa mais afastada. Não era a rececionista de hotel Caroline, era a Caroline do casino, com um vestido de *chiffon*, brincos pendentes de diamantes, cabelo loiro pálido a cair-lhe lustroso sobre os olhos. Apesar de ter o rosto meio escondido, Mac sabia que era ela; havia qualquer coisa nesta versão de Caroline, a forma como se sentava com a cabeça projetada de forma arrogante com um braço apoiado nas costas da cadeira ao lado, um pé a bater impaciente, que era inconfundível.

Havia dois copos de martíni na mesa à sua frente, ambos vazios. Mac olhou para Valenti, mas a atenção deste concentrava-se em Belinda e Mac duvidava que tivesse sequer reparado em Caroline.

Abriu caminho até onde ela se encontrava. Aproximando-se por trás, disse:
– Caroline?

Caroline sobressaltou-se, depois rodou sobre si e olhou para ele. Vendo as expressões diferentes que lhe perpassaram pelo rosto, por um minuto Mac pensou que ia negar ser ela. Depois:

– Oh, Monsieur Reilly – retorquiu. Afastou o olhar, afogueada. – Não estava à espera de o ver aqui.

– Nem eu a si. – Mac indicou a cadeira vazia. – Posso?

– Mas com certeza. – Caroline passou as mãos absorta pelo cabelo.

– Está muito bonita esta noite – elogiou Mac, admirando os brincos que, apostava, eram verdadeiros, embora Sunny pudesse afirmá-lo com mais exatidão.

– Obrigada, Monsieur Reilly.

– Chame-me Mac, por favor. No final de contas, sinto que a conheço. – O que era completamente incorreto, mas encetava a conversa. – Pelo menos conheço a Caroline do hotel. Devo admitir que esta Caroline é uma surpresa.

Desta vez, Caroline sorriu.

– Penso que é um homem muito simpático, Monsieur Reilly, quero dizer, Mac.

– E eu penso que é uma mulher muito simpática. Ou talvez *duas* mulheres diferentes. – Insistia no tema. – Está à espera de alguém? – Indicou os copos.

Ela encolheu os ombros, aquele pequeno encolher de ombros tão expressivo que as francesas fazem tão bem.

– A minha amiga acabou de sair. Agora estou a ver se o meu namorado aparece.

Mac ergueu uma sobrancelha.

– E por que motivo seria uma questão duvidosa?

Caroline riu-se.

– Porque, Mac Reilly, tivemos uma briga a noite passada. Por isso agora não sei em que pé estão as coisas com ele.

Mac podia ter-lho dito, mas pensou que era melhor não. Em vez disso, ofereceu-se para lhe pagar uma bebida. Olhou para Lev, de pé nas sombras. Tudo estava ainda *okay* nesse departamento.

Caroline beberricou o seu martíni, mirando-o por cima da beira do copo.

– Então, Mac, o que tem andado a fazer?

– Bem, deixe-me lá ver... – Revirou os olhos, fingindo pensar, fazendo-a sorrir. – Sim, claro. A noite passada, Sunny e eu fomos ao casino em Monte Carlo e Sunny perdeu uma data de dinheiro na roleta.

Esperou que Caroline dissesse que também tinha estado no casino, mas não o fez. Continuou:

– E hoje fomos velejar num barco chamado *Blue Picasso*.

Desta vez conseguiu a reação que esperava. Caroline bateu com o copo na mesa, entornando um pouco da bebida. Mac pegou num guardanapo e limpou-a.

– Sim, um barco maravilhoso. – Continuou a falar, de olhos postos no rosto

de Caroline, à espera que esta dissesse que conhecia Valenti, que de facto era o seu namorado. Sabia que alguma coisa se passava, algo mais do que apenas uma relação que atravessava algumas dificuldades.

Caroline permanecia em silêncio. Depois lançou-lhe um longo olhar intenso. Havia nos seus olhos uma expressão que inquietou Mac. Seria fúria? Ódio? Medo? Ela inclinou-se mais para ele.

– Conheço o seu programa de televisão, Mac. Sei que é um detetive, sei que tem boa reputação, que é inteligente... Preciso de falar consigo.

– Quando quiser. Agora, por exemplo?

Ela lançou uma olhadela a Valenti.

– Não. Tenho de me ir embora agora. Por favor, dê-me o seu número de telefone. Amanhã ligo-lhe. Digo-lhe a que horas estarei livre. – Hesitou e depois tirou um cartão de visita de uma pequena mala preta que tinha, reparou Mac, a cara insígnia triangular dourada da *Prada*. Deu-lhe o cartão. – Este é o meu endereço. Podemos encontrar-nos lá, ao final do dia.

– Dê-me só uma apitadela. – Detetou o olhar que ela desferiu na direção de Valenti, levantando-se logo a seguir. – E Caroline?

– Sim? – Estava de pé, como que preparada para fugir.

– Vai correr tudo bem, prometo.

Caroline lançou-lhe um longo olhar firme.

– Não tenho essa certeza. Não após ouvir o que tenho para lhe contar.

Depois, com um roçar de saias curtas de *chiffon*, misturou-se célere à multidão e desapareceu.

Quando Mac regressou à mesa, Sunny e Sara estavam esparramadas nas suas cadeiras, exaustas.

– É a gente mais louca de sempre! – exclamou Sunny.

Observava um par de jovens pedradas com vestidos mini *Versace* e sapatos altos dourados a pavonearem-se em cima de uma mesa, os cabelos compridos a balançarem para a frente e para trás, o suor a gotejar entre os seios, a excitação a aumentar. A pista abarrotava de corpos e Mac sentiu-se contente por não ter tido de participar. Dançar não era o seu forte; era da velha guarda, do tipo que gostava de ter uma mulher entre os braços quando dançava. E foi tal e qual o que fez agora, puxando por uma Sunny aos protestos de volta à pista para dançarem um *slow*, de rostos colados.

– Como Fred e Ginger – disse-lhe ela ao ouvido.

– Só que melhor – concordou ele.

Mas, pelo canto do olho, avistou Lev a movimentar-se. Os olhos de Mac giraram para a porta. Aí se encontravam dois homens; casacos brancos, óculos escuros, camisas pretas; grandes, volumosos, ricos e exibicionistas. Pareciam o que eram.

Mac viu Lev fazer sinal do outro lado da sala e dois dos seus homens darem a volta à pista, dirigindo-se para eles. Só Mac perceberia que todos traziam armas. Olhou em redor à procura de Belinda, esperando que os bandidos ainda não tivessem tido tempo de a ver. Mas Belinda era a estrela da noite, dançava, ria-se, divertia-se, perfeitamente inconsciente de qualquer perigo.

– Sunny – pediu Mac. – Leva depressa Belinda para a casa de banho das senhoras. E vai pela pista de dança, não dês a volta. Fiquem lá até Lev ir buscar-vos.

Sunny não pediu explicações, conhecia o tom de voz que indicava problemas quando o ouvia. Mac cobriu-a quando bateu ao de leve no ombro de Belinda e depois lhe pegou na mão e a conduziu por entre a multidão. Soltou o ar. As multidões eram boas. Até aqueles bandidos pensariam duas vezes em raptos e tiros numa movimentada discoteca do Sul de França.

Virou-se e encaminhou-se para onde os homens de Lev se encontravam agora, atrás dos dois russos. Mac parou diante deles. Estes deixaram de olhar para a pista de dança, ergueram os queixos sólidos e fulminaram-no com o olhar, as mãos a dirigir-se automaticamente para dentro dos casacos.

– Senhores. – Mac sorriu-lhes, descontraído. – Não creio que a gerência aqui fique muito entusiasmada com um par de tipos duros como vocês de armas escondidas nesta discoteca. De facto, estou disposto a apostar que, neste preciso momento, vão ser convidados a sair.

Os olhos de Mac giraram para a direita. Os olhos deles seguiram-nos. Um par de seguranças corpulentos flanqueava a porta, vigiando. Os russos rodaram sobre si, ficando face a face com os dois guarda-costas de Lev.

Encolhendo os ombros com ar indiferente, como se dissessem «que se lixe!», os russos recuaram e saíram pela porta por onde tinham acabado de entrar.

Mac seguiu-os, observando-os.

– Senhores? – chamou. Eles não se viraram. – É melhor dizerem ao vosso patrão que bandidos com armas escondidas não se dão bem com os *flics* em Saint-Tropez. Nem em mais sítio nenhum da Riviera.

Virou-se para Lev, que se mantivera deliberadamente à parte, não querendo ser identificado.

– Belinda está na casa de banho das senhoras com Sunny. Leva-a daqui para fora como puderes, sem ser seguida.

– Eles viram-na, sabes – retorquiu Lev.

Mac soltou um suspiro gigante.

– Merda. Sei que sim. E agora?

– A única coisa que me ocorre é tu ires com ela para Malibu.

Mac lançou-lhe um olhar.

– E que diria Sunny?

– Isso é problema teu – replicou Lev, já a afastar-se para ir salvar Belinda.

Mac tratou de Valenti, disse-lhe que Belinda se sentira maldisposta e que regressara ao hotel. Agradeceu-lhe o passeio e a noite e despediu-se. Sabia que Lev já teria alertado a polícia local. Os bandidos não voltariam, mas, com toda a certeza, outros os substituiriam. Haveria problemas.

NO DIA SEGUINTE, Mac e Sunny escaparam aos seus Inadaptados e passearam pelas ruas estreitas de Saint-Tropez, vendo montras, parando para comer uma dessas deliciosas tartes *tropeziennes*, ou uma *framboise*, com framboesas entremeadas com natas e creme de leite, que se derretiam na boca; fazendo pausas em cafés para tomar um expresso num, uma bebida gelada noutro, descansando os pés, observando as pessoas que passavam.

De facto, desta vez, comportavam-se como turistas normais. Só que Mac tinha outras duas mulheres na cabeça para além de Sunny.

Belinda, claro, que, muito moderada, prometera não sair do hotel e que Mac sabia estar naquele momento em segurança metida debaixo de uma cabana de praia, junto com Little Laureen, Billy e a *chihuahua*.

Sunny disse que acreditava que a cadela estava a mudar o seu amor e fidelidade para a menina.

– Nem sonhar – replicou Mac, pensando de forma fugaz como poderiam ser as suas vidas sem os dentinhos intrometidos da refilona *Tesoro*.

Mesmo assim, disse a Sunny para não se preocupar, o coração de *Tesoro* pertencia-lhe, estava apenas a fugir ao sol abrasador e a fazer o que qualquer cão preguiçoso queria, isto é, a descansar à sombra na companhia de uma fêmea que o adorava.

Lev informara-o que o par de bandidos russos abandonara o Carlton e voltara para San Remo. Por agora, estavam afastados do seu caminho. Mas não por muito tempo, Mac tinha a certeza disso. O que não tinha tanta certeza era o que deveria fazer a esse respeito. Era aquela velha situação familiar conhecida de qualquer pessoa nos tribunais de família ou de divórcio: os polícias não podiam prender o marido porque ainda não fizera nada; e, se esperassem até ele fazer alguma coisa, seria talvez demasiado tarde para Belinda. O marido teria de dar algum passo antes de Mac o poder mandar prender e, com um homem tão poderoso, não seria fácil. Mesmo assim, a Interpol estava a seguir a pista do tráfico de armas e teria de ver o que daí

resultaria.

A outra mulher era Caroline Cavalaire, que ainda não lhe telefonara. Já eram três e meia. Pensara com toda a certeza que o contactaria antes disso.

Sunny parou para olhar para uma lojinha bafienta numa estreita rua secundária, cuja montra se encontrava repleta de velharias; coisas estranhas como perucas empoadas antigas e ganchos de cabelo de tartaruga, mantilhas de renda e cruzeiros de Malta falsas; bijutaria dos anos sessenta e xailes de seda do século XIX. Redes de pescador com pesos redondos forravam a montra e mesinhas de café douradas estavam espremidas ao lado de cadeirões com a seda esgaçada. A loja era uma salganhada de ferro-velho com «possibilidades» que de imediato captou o coração romântico de Sunny.

Entrou e começou a vasculhar para ver se surgiria algum tesouro escondido, enquanto Mac pegava no cartão que Caroline lhe dera e marcava o número dela. Nenhuma resposta. Verificou o endereço. Abordando um desconhecido que passava e que parecia um habitante local, perguntou-lhe se sabia onde era. O homem disse-lhe que não ficava longe, de facto era mesmo no centro de Saint-Tropez e a poucos minutos de distância a pé.

Mac entrou na lojinha bafienta, desviando-se de redes de pescador penduradas, velhos cortinados de veludo e contas suspensas. Uma nuvem de pó parecia pairar no ar fazendo-o espirrar. A loja comprida e estreita estava fracamente iluminada, mas o sorriso de Sunny possuía um milhar de watts.

– Deves ter-me lido o pensamento! – exclamou. – Ia mesmo buscar-te. Olha só para isto.

Ergueu uma pintura a óleo, uma tela sem moldura talvez de sessenta por noventa centímetros. Era uma cena típica do Mediterrâneo: céu e mar, ciprestes e pinheiros mansos, um terraço onde uma criança brincava junto à piscina e uma mulher preguiçava numa cadeira, por baixo de uma oliveira. Atrás dela, um grupo de gente beberricava bebidas de copos altos e descontraía.

– É ela – afirmou Sunny em tom dramático.

Mac não precisou de perguntar quem.

– Ah, vamos lá, querida – protestou. – É só uma dessas telas para turistas que as pessoas compram para pendurar na parede lá de casa para recordar as férias.

– *Maaaac!* Não é nada. *Isto é Chez La Violette. Isto é o terraço. E isto é a própria Violette. Olha para o cabelo ruivo.*

O verniz escurecera a velha tela, no entanto o cabelo da mulher era indubitavelmente ruivo e ondulava por cima dos ombros, quase até à cintura. As feições eram indistintas, mas o resto parecia sem dúvida o terraço da *villa*.

– Talvez tenhas razão – admitiu, surpreendido.

– É serendipidade. – Sunny mostrava-se excitada. – Quer dizer, por que razão me aconteceu andar por esta rua hoje, me aconteceu reparar nesta lojinha e entrar para dar uma olhada? Não estás a ver? Estava destinada a encontrá-la.

Mac soltou aquele suspiro que significava «ora, vamos lá, Sun querida, isso é levar as coisas demasiado longe» e ela respondeu-lhe com um olhar indignado.

– Mac Reilly, esta pintura estava à minha espera, foi o destino. Não sei por que razão ou como a descobri. Talvez haja nela uma mensagem, algo que desvende o mistério de Chez La Violette.

– Sun – protestou Mac. – É só uma mulher a relaxar, a tomar conta de uma criança a brincar na piscina. Pode ser uma *villa* qualquer, um terraço qualquer.

– Sei que é de Violette – retorquiu Sunny, obstinada, e foi procurar o dono da loja no seu pequeno escritório atravancado nas traseiras.

O homem estava sentado numa das suas cadeiras com a seda esgaçada, ataviada com uma etiqueta vermelha do preço, a uma secretária atravancada, também com uma etiqueta autocolante vermelha com o preço.

– Oh, isso – disse, ajustando os óculos e olhando para a pintura. Passou uma mão pelo cabelo grisalho ralo. – Uma mulher trouxe-o há algumas semanas. Dei-lhe mais por ele do que devia, mas era interessante e pensei que alguém o descobriria e o quereria um dia destes. No entanto, o dia chegou mais cedo do que eu pensava.

Indicou a Sunny um preço demasiado alto, mas esta não se deu ao trabalho de regatear. O quadro seria dela, custasse o que custasse. O dono da loja embrulhou a tela em papel castanho, aplicou fita-cola e desejou *bonne chance* a Sunny.

Sunny foi ter com Mac lá fora. Este estava outra vez ao telefone a tentar apanhar Caroline. Já eram cinco e trinta. Pegou no pacote castanho de Sunny, enfiou-o debaixo do braço e disse:

– Vamos, querida, vamos visitar Caroline Cavalaire.

– Porquê? – Sunny caminhava a passos largos ao lado dele, grata por ter

calçado alpercatas porque a rua calcetada era um campo minado para uma mulher de saltos altos.

– Porque, meu amor, Caroline tem qualquer coisa urgente a dizer-me, qualquer coisa que afirmou eu não ir gostar de ouvir. E também porque creio que Caroline precisa de ajuda e estou preocupado porque não me telefonou como prometeu.

O endereço que Caroline lhe dera correspondia a um apartamento por cima de uma lojinha de chocolates caseiros numa das pequenas praças mais encantadoras de Saint-Tropez, perto de algumas butikues caras e de um pequeno café com cadeiras e mesas dispostas sob plátanos antigos. Mac deixou Sunny no café com o seu quadro, pediu-lhe um *citron pressé*, afirmou que não demoraria e encaminhou-se para a porta ao lado da loja de chocolates. Uma única campainha com um letreiro de latão dizia CAVALAIRE.

Mac premiu-a e esperou. Nenhuma resposta. O aroma da loja de chocolate era inebriante e conseguia ver pilhas deles de fazer crescer água na boca com sabores exóticos como pimenta rosa e especiarias árabes em caixas com laços muito bonitos.

Caroline continuava a não atender.

Tocou a campainha uma última vez e ligou também para o número de telefone. Ouvindo-o tocar, observou Sunny no café, a beber a sua limonada fria e a lançar de vez em quando um olhar possessivo para o quadro embrulhado no seu papel castanho, na cadeira ao lado. Abanou a cabeça. Quando Sunny se envolvia numa coisa era como *Tesoro*: não largava.

Entretanto, Caroline não se encontrava em sítio nenhum e tinha de desistir. Foi buscar Sunny e sugeriu que fossem até à praia ver o pôr do Sol.

– Queres dizer, sozinhos? – perguntou ela, com os olhos arregalados de surpresa.

– Podes crer, querida. – Naquele preciso momento, estava farto das Carolines e Belindas deste mundo.

REGRESSAVAM, quando o telemóvel de Mac tocou por fim.

– Sim?

– Mister Reilly, fala François Reynaud.

– Em que posso ajudá-lo?

– Um dos meus quadros, um Seurat conhecido como *Les Pins d'Antibes* foi avistado em Zurique. Estava a ser oferecido para compra, muito discretamente, a um famoso colecionador. Ora este quadro não foi visto em público desde que o comprei há quarenta anos, mas o colecionador era experiente. Não caiu naquela história do vendedor anónimo. É um homem de integridade; telefonou a vários negociantes de arte, o meu nome surgiu e telefonou-me.

– E o Seurat é da sua coleção?

– A não ser que seja uma falsificação, acredito que sim.

Mac pensou no Picasso de Valenti.

– Diga-me uma coisa, se a falsificação fosse bastante boa, um negociante de arte seria capaz de discernir a diferença?

– Talvez não, mas de qualquer modo teria de ser autenticado por um perito.

– E é possível que mesmo um «perito» pudesse ser enganado, se a falsificação fosse muito boa?

– Possível, mas raro. Mas, por outro lado, como tenho a certeza que percebe, os peritos não são infalíveis. É uma questão de familiaridade com a obra de um dado artista, um olhar perspicaz. Nenhum homem consegue ter sempre razão.

– Sabemos quem estava a tentar vender o quadro?

– Uma mulher chamada Suzanne Lariot.

– Caramba. – Mac olhou espantado para Sunny.

Esta devolveu-lhe o olhar, sobranceiras erguidas.

– Que é? – articulou com os lábios.

Reynaud perguntou:

– Conhece essa mulher?

– Não propriamente. Aluguei-lhe uma *villa* pela internet, tal como vários outros «inocentes no estrangeiro». Afinal, a casa estava num estado lastimável e não foi possível encontrar Madame Lariot em lado nenhum. De facto, pegara no nosso dinheiro e fugira. E agora aparece na Suíça a tentar vender as suas obras de arte.

– Tem de ser mais do que uma coincidência – retorquiu Reynaud.

– Presumo que esteja em contacto com a polícia suíça?

– Sim e com a polícia local.

– Temos alguma descrição?

– Desleixada no vestir, de meia-idade, óculos, cabelo castanho. Envergava roupas baratas, o que despertou de imediato as suspeitas do colecionador. Como poderá saber, Mister Reilly, no mundo artístico as pessoas podem vestir fatos caros de executivo ou calças de ganga rasgadas e *T-shirts*, mas nunca se apresentarão, como disse o meu contacto, como se tivessem feito compras numa loja de departamentos de baixa categoria.

– Entendo. Agradeceria se me mantivesse informado, Monsieur Reynaud.

Mac olhou para Sunny.

– A nossa Madame Lariot apareceu em Zurique a tentar vender um Seurat roubado da coleção de François Reynaud. Não tinha aspeto de um negociante de arte normal e o colecionador a quem tentou vender o quadro não fazia ideia de quem ela era. Ficou desconfiado e informou a polícia.

– A *nossa* Madame Lariot?

– Essa mesmo.

Sunny puxou a pintura a óleo, no seu papel castanho, do braço de Mac e apertou-a contra o peito, como se de súbito receosa que pudesse desaparecer também e ser vendida a um negociante de arte em Zurique.

– E agora?

Mac sorriu.

– Querida, neste momento, tu e eu vamos descobrir algum pequeno *bistro* onde sirvam piza, cerveja e vinho tinto. Vamos ver esse pôr do Sol e esquecer tudo a respeito de Madame Lariot, pelo menos durante algumas horas.

– Mas *quem é*?

– Calculo que alguma mulher da região. Os polícias têm uma descrição da mulher de Zurique, mas visto que os nossos Inadaptados votaram contra falar com eles, não há nada que eu possa fazer. A não ser que os consiga persuadir

a mudarem de ideias, claro.

Apreciando a piza simples e uma cerveja, Sunny esperava secretamente que não mudassem. Só precisava agora que os polícias da região se imiscuíssem nas suas férias!

BERTRAND FICARA DESAPONTADO quando Laureen não aparecera na noite anterior. Calculara que estivesse com o pai e os «Riders on the Storm», o nome que ainda dava ao grupo de Chez La Violette. Depois de esperar muito tempo, desistira e fora para o seu covil, o seu lugar seguro, onde nunca ninguém o encontraria. Não que alguém viesse procurar.

Aí dormira, deitado de costas, olhos míopes virados para as estrelas num céu tão vasto que prometia todo um mundo novo, que só figurava nos seus sonhos. A fome obrigou-o por fim a regressar na manhã seguinte, desganhado e com o estômago a roncar tão alto que tinha a certeza que Caroline o ouviria e o apanharia a caminho das escadas. Contudo, não era Caroline que se encontrava na receção e Renée estava demasiado ocupada com hóspedes novos para reparar nele.

Encontrou o bilhete que Laureen lhe enfiara por baixo da porta e ficou surpreendido por constatar que sorria. Ela queria encontrar-se às onze daquela noite. Já era alguma coisa com que se alegrar.

Tomou duche e vestiu o seu polo velho mas limpo, apertou os calções com a gravata do pai e correu lá para baixo onde, para surpresa do empregado, comeu um pequeno-almoço substancial. Depois voltou a subir para ouvir os seus CD dos Doors, escrever no seu diário da Experiência Científica e adormecer por fim, à espera que chegasse a noite.

* * *

Tal como Mac e Sunny, Laureen e Billy também comeram piza numa pequena tasca junto ao mar que descobriram por acaso. Billy conduziu ao longo da estrada costeira que saía de Saint-Tropez e mudara de direção numa rotunda que dizia Théoule. Fora ter a um pequeno *quai*, com velhas casas em fila de um lado e, do outro, cafés construídos em plataformas sombreadas que se projetavam por cima da baía calma, um dos quais exibia um letreiro PIZA em letras vermelhas gigantes. A pensar numa *Bud* fria e em piza de chouriço,

Billy estacionara e agora ali estavam.

Little Laureen mastigava pensativa e em silêncio uma fatia de piza *Margarita* que lhe parecia durar há muito tempo. De facto, não comera mais nada naquela meia hora e bebia uma *Orangina*, a bebida gasosa francesa de laranja que parecia ser do seu agrado.

– Estás bem, Little Laureen querida? – perguntou Billy preocupado.

– Sim, papá.

Billy serviu-se de outra fatia da piza *pepperoni*, a terceira.

– Estás contente por estar aqui?

Laureen fitou-o por cima da massa da piza, mordiscando a parte do queijo. Não gostava da parte da côdea.

– Papá?

– Sim?

– Achas que a mamã teria gostado de estar aqui sentada em França a comer piza connosco?

Billy parou de mastigar. Laureen quase nunca mencionava a mãe.

– Creio que a mamã teria gostado. Sabes que ela gostava de estar perto do mar.

– O Mediterrâneo. E gostava em especial da cor azul.

– É muito especial – concordou Billy.

Laureen mordiscou até onde o queijo parava e depois pousou a côdea com cuidado no prato. Olhando para Billy, chupou a *Orangina* através de uma palhinha amarela.

– Papá?

– Sim, querida?

– Achas que a mamã nos pode ver neste momento? Sentados aqui a comer piza e a olhar para o Mediterrâneo azul?

O coração de Billy contorceu-se com uma dor quase física. Conformara-se com a morte da mulher, prestando-lhe homenagem através do fundo para crianças texanas, mas sentia saudades dela, sobretudo em momentos como aquele, quando a sua filha pequena queria respostas e não havia nenhuma.

Os dedos irrequietos de Laureen apertaram o plissado do seu *tutu* cor de rosa, deixando nódoas de queijo.

– Não sabes, pois não, papá?

Billy suspirou. Estendeu o braço por cima da mesa e pegou na mão dela, endireitando os dedos.

– É assim, querida – retorquiu com ternura. – Na realidade, ninguém sabe. Não há forma de saber, estás a ver. É como um segredo gigante e tudo o que podemos fazer é acreditar.

Laureen agarrou-lhe a mão com força.

– Eu acredito – afirmou numa vozinha.

– E é bom que acredites. – Billy empurrou o chapéu para trás, sorrindo-lhe.

– E lembra-te, Laureen. A mamã adorava-te.

– Vou lembrar-me – retorquiu Laureen, solene.

Depois, mudando por completo de registo, lançou uma olhadela ansiosa ao seu relógio do Mickey. Eram nove horas. Tinham comido cedo para França, a maioria das pessoas estava agora a aparecer para jantar. O encontro com Bertrand era às onze e ainda tinham de voltar para Saint-Tropez.

– Vamos chegar atrasados – disse.

Billy ergueu as sobrancelhas.

– Para quê?

– Oooh, sabes, só... atrasados.

– Ansiosa por voltar ao Hotel dos Sonhos, *hum?* E para aquele miúdo Bertrand, aposto.

Laureen pestanejou, mas não disse nada. Não ia contar nada sobre Bertrand.

Billy pagou a conta e lá partiram.

* * *

Já era tarde quando regressaram ao hotel. Billy levou Laureen ao quarto, deu-lhe um beijo de boas-noites e disse-lhe que ia até ao pátio ver se estava lá algum dos Inadaptados a jantar.

A rebentar de ansiedade porque estava outra vez atrasada, Laureen forçou-se a esperar cinco minutos, contando o tempo no relógio. Depois espreitou para o corredor. O caminho estava livre. Os saltos das botas de cobói fizeram barulho quando correu e desejou ter pensado em trocá-las. Demasiado tarde agora e não podia parar simplesmente e descalçá-las. Dentro de poucos segundos já descera e espiava o vestíbulo. As pessoas ainda estavam a jantar e estava vazio. Até o porteiro da noite não se encontrava no seu posto. Nem o empregado do bar.

Passou em bicos de pés. Algo no bar prendeu-lhe a atenção e parou para

olhar: era um misturador de coquetéis de vidro cheio de um líquido cor de rosa. Ouvira os adultos a falar de *Cosmopolitans*. Tinham este tom exato de cor de rosa.

Precipitou-se como uma seta, agarrou no misturador, percebeu que não tinha onde o esconder, por isso apertou-o contra si, de lado, o braço rígido para o segurar, recuou de mansinho e correu a toda a velocidade para as portas abertas. O misturador escorregava, agarrou-o com as duas mãos. Batendo com os pés, o *tutu* curto a balouçar, apressou-se pelo caminho para a praia.

Bertrand ouviu-a vir e virou-se para olhar quando ela deslizou pela pequena duna de areia.

– Olha o que eu trouxe. – Laureen ergueu o misturador de coquetéis.

– O que é?

– É cor de rosa – replicou, a dar uma ajuda. – Os adultos bebem-no.

– Álcool, queres tu dizer?

Laureen encolheu os ombros.

– Porque não provas?

Bertrand pegou no misturador e tirou a tampa. Cheirou, desconfiado.

– Cheira a fruta.

– É como sumo, só que com vodca e outra bebida alcoólica qualquer.

Bertrand levou o misturador à boca e bebeu um grande gole. Devolveu-o e encostou-se à rocha, com os olhos de súbito semicerrados atrás dos óculos.

Laureen examinou-o para ver se havia efeitos secundários e depois bebeu também. Cuspiu, com uma grande careta.

– E isto devia saber *bem*?

Bertrand pegou no misturador e ergueu-o para ver quando ainda restava.

– Outra golada – disse, sendo o primeiro.

Laureen imitou-o.

– Oh-oh! – exclamou. – Agora já não há mais. O que fazemos com o misturador de coquetéis? Não posso levá-lo de volta ao bar, alguém podia ver-me.

– Deixa-o no bar da praia – respondeu Bertrand, surpreendendo-se com o pensamento rápido.

Laureen esticou-se e pôs-se de pé. Ficou surpreendida também, mas porque os joelhos cediam.

– Oh-oh – disse, sentando outra vez com brusquidão. – Sentes-te bem?

Bertrand fitava sonhadoramente os pés que, de repente, pareciam do tamanho de pratos de mesa.

– Nunca me sinto bem.

Deslizou pela face da rocha até ficar deitado de costas na areia. Laureen deslizou para junto dele. De braços e pernas abertos, contemplaram o céu escuro salpicado com cerca de um milhão de pontos de luz. Uma estrela-cadente tremeluziu rápida e brilhante pelos céus, como se a dar espetáculo especialmente para eles.

Passado algum tempo, não fazia ideia quanto, Laureen perguntou:

– Achas que estamos bêbados?

– Sim. – A voz de Bertrand era mais lenta do que o normal, depois apagou-se por completo.

Passado outro bocado, Laureen inquiriu:

– Sentes-te maldisposto?

– Não.

– Eu sinto. Não percebo por que razão os adultos bebem essa coisa, deve ser veneno para nos sentirmos assim. Oooh. – Conteve a respiração durante um minuto. – Não me sinto nada bem.

– É bem feito por roubares – retorquiu Bertrand.

– *Não* roubei. – Mostrou-se indignada. – Estava só ali, por isso levei-o.

– Como o chapéu para o sol.

– Oh, isso... – Estava na defensiva.

– O que achas que a tua mãe diria sobre isso?

Laureen resfolegou. Tinha a cabeça às voltas e o estômago todo embrulhado, mas o que Bertrand dissera era tão chocante que esqueceu o problema. Virou-se de lado para poder vê-lo.

– E que achas que a tua mãe diria se soubesse que bebeste uma bebida alcoólica?

Bertrand apanhou o misturador de coquetéis e pôs-se de pé com esforço. Pegou-lhe na mão e puxou-a. Agarraram-se um ao outro, oscilando um pouco e, juntos, caminharam aos tropeções até ao bar da praia e deixaram o misturador na prateleira para os empregados o encontrarem na manhã seguinte.

Ficaram ali de mãos dadas, a contemplar o mar que avançava de mansinho para eles, num jogo interminável de agarra-me se puderes. Laureen desejou não ter roubado o *Cosmopolitan*, mas também se não o tivesse feito, Bertrand

não teria sido capaz de falar sobre a sua mãe. Nem sobre a dela.

Bertrand virou-se e olhou para a sua rocha. Esquecera a capa e os binóculos. Largando Laureen e tropeçando nos próprios pés, voltou para os ir buscar. Quando regressou, envolveu-a cuidadosamente com a capa.

– Porquê? – perguntou ela, sorrindo com frivolidade, porque o *tutu* fazia com que a capa se espetasse e ela parecia ter o dobro do tamanho normal.

Bertrand passou os binóculos à volta do pescoço e depois pegou-lhe outra vez na mão.

– Precisamos de tapar esse fato de balé cor de rosa – explicou com solenidade. – Para que ninguém te veja.

– Porquê? – perguntou Laureen outra vez. O estômago parara de dar voltas e sentia um sorriso tolo no rosto.

– Porque vamos a Chez La Violette – declarou Bertrand em tom importante. – O novo quartel-general da Experiência Científica do Duo Internacional, Investigadores de Obras de Arte Roubadas e Vencedores de Uma Fortuna em Euros.

– O que é um «duo»? – perguntou Little Laureen.

AINDA DE MÃOS DADAS, desceram para a praia. Laureen sabia que ia vomitar.

– Bertrand?

– *Oui*? – Esta noite falava francês.

– Tens a certeza que não te sentes maldisposto?

Sentia, mas não ia admiti-lo a uma rapariga. Em vez disso, encolheu os ombros, ao estilo gaulês, indicando que estava tudo bem. Sentiu o estômago dar uma volta e pensou no que deveria fazer.

– Bertrand.

A voz de Laureen era fraca. Bertrand percebeu que a situação se tornara urgente e arrastou-a com rapidez para um caixote do lixo na praia, virando discretamente as costas enquanto ela expelia a bebida alcoólica. Ouvi-la, fê-lo querer vomitar também. Foi mesmo a tempo.

Tremendo, olharam um para o outro.

– Está bem então – disse Laureen. – Nunca mais volto a beber.

– Eu também não. – Bertrand olhou para ela, suja e perturbada, ainda enrolada na sua capa de camuflado. – Vamos – disse e marchou em direção ao mar.

Laureen observou-o durante um minuto a pensar no que iria fazer. Viu-o pousar os binóculos com cuidado na parte seca da areia e depois avançar para a água.

– Bertrand – gritou, em pânico.

Ele virou-se e olhou para ela.

– Vamos – chamou. – Vais sentir-te melhor.

Ela largou a capa e correu para ele. As ondas já lhe lambiam os pés quando se recordou do seu precioso *tutu* cor de rosa. Desapertou o fecho e saiu de dentro dele. Fitando-o, ali na areia, pensou que parecia um pássaro cor de rosa penugento. Depois, de cuecas e *T-shirt*, seguiu Bertrand para a água.

Bertrand boiava de costas, braços esticados, tal como estivera deitado na praia. Laureen atirou-se lá para dentro, a água sabia a sal, e precipitou-se para

ele num *crawl* furioso, a pontapear como louca para não afundar. Aprendera a nadar muito pequena, porque os pais tinham receio que caísse na piscina e se afogasse, mas nunca fora boa nadadora. Agora, pela primeira vez, a nadar no Mediterrâneo escuro e sussurrante, sentiu a pura alegria de comungar com os elementos, só ela e o mar e o céu estrelado.

– Olha para mim, mãe – gritou, cuspidando uma golada de água. – Olha só para mim agora.

Porém, passados alguns minutos, a água começou a ficar fria e nadaram em silêncio de volta, patinhando os últimos metros até se encontrarem mais uma vez em terra firme.

– É melhor despires essas coisas molhadas – aconselhou Bertrand com sensatez. – Veste outra vez o teu *tutu* e eu empresto-te a minha capa.

Laureen fez rapidamente o que ele dissera, embora os dentes lhe batessem um bom bocado e o *tutu* arranhasse sem roupa interior.

– E tu então? Também estás todo molhado.

Bertrand puxou pelos calções encharcados. Na noite da grande tempestade estivera tão ensopado como agora.

– Seco num instante. – Ajeitou a capa à volta dos ombros rechonchudos de Laureen. – Já te sentes melhor agora?

Sentia. De facto, sentia-se ótima.

– Estou bem. Mas quando vamos a Chez La Violette?

– Agora mesmo.

– Bertrand?

– *Oui*?

– Vi que todas as *villas* têm os seus cais privados. Seria fácil roubar coisas e fugir com elas num barco.

– Aposto que tens razão – retorquiu Bertrand, espantado por ela ser tão esperta.

Uma meia-lua cintilava baixa no céu, fornecendo luz suficiente para entreverem o caminho da praia até ao carreiro. Aí estava mais escuro, onde as árvores se encontravam mais próximas e também porque Bertrand, com a sua experiência noturna, insistiu para que se mantivessem do lado da estrada onde ninguém os conseguiria ver.

– Mas ninguém nos vai ver, não está aqui ninguém – objetou Laureen. Guardara a roupa molhada dentro das botas e seguia descalça atrás de Bertrand, uma bota em cada mão, a capa a arrastar-se atrás.

– Nunca se sabe – replicou Bertrand, recordando os faróis a faiscarem nas suas costas na noite da tempestade.

As pernas de Laureen estavam a ser picadas pelos arbustos e estava com receio que alguma cobra pudesse saltar e morder-lhe, mas não disse nada a Bertrand. No final de contas, ele incluía-a na sua Experiência Científica e não queria que pensasse que era apenas uma rapariga tonta.

– Bertrand?

– Sim?

– Como sabes o caminho para a casa?

– Já lá estive muitas vezes, apesar de estar assombrada. Conheço Chez La Violette por dentro e por fora. – Estava a fanfarronar, embora de facto a única vez que lá estivera à noite fora quando os «Riders on the Storm» tinham chegado.

– Assombrada? – A voz de Laureen era um guincho assustado. – Quer dizer que viste um *fantasma*?

Bertrand voltou a encolher os ombros, aquele gesto que implicava que talvez tivesse e talvez não, mas depois viu-lhe o rosto assustado. Tirou-lhe uma das botas e voltou a dar-lhe a mão.

– Não há fantasmas. Já lá estive muitas vezes. Foi lá que encontrei os binóculos, recordas-te?

– Roubaste, não encontraste – corrigiu-o ela.

– Bem, é um bom sítio para a nossa nova sociedade secreta – retorquiu, puxando-a pela estrada fora. – De facto, se eu fosse ladrão, usava-a como meu esconderijo secreto. Nunca ninguém lá vai.

– Exceto nós – murmurou Laureen. O carreiro estava cheio de sulcos de lama dura e pensou que devia ter calçado as botas. Além disso, o *tutu* arranhava muito.

– De qualquer maneira, parece que o fantasma é só da cantora Violette. Construiu a *villa*, mas aposto que, se a visse agora, não se daria ao trabalho de voltar para a assombrar.

Caminhavam junto a um muro. Arbustos de jasmim que floresce à noite cresciam sobre ele e Laureen parou para cheirar. Talvez, no final de contas, Chez La Violette não fosse assim tão mau.

Bertrand agarrou-lhe outra vez a mão e puxou-a para um caminho estreito que passava por entre os arbustos. Diante deles, encontrava-se um portão de madeira, meio aberto. Entraram e olharam em volta.

A fonte com as cabeças de cisne destacava-se em silhueta contra o volume pálido da *villa* e, algures, um pássaro sobressaltado gritou.

– É a horta – sussurrou Bertrand, arrepiando-se com o som da sua própria voz no silêncio denso.

– Bertrand? – Laureen também sussurrava.

– Sim?

– O que fazemos agora?

Para dizer a verdade, Bertrand não sabia. A casa tinha um aspeto escuro e intimidador e as histórias do fantasma obcecavam-lhe o pensamento, tal como o fantasma devia assombrar a casa. Mas claro que não podia deixar que Laureen percebesse que estava assustado.

– Vamos entrar – sussurrou em resposta.

E com um rápido «Segue-me», liderou o caminho. Parou junto à porta da cozinha. Laureen estava mesmo atrás dele, quase a pisar-lhe os calcanhares. Bertrand bateu à volta do vaso de gerânios à procura da chave que sabia que o empregado em geral ali deixava. Não estava lá. Tirou os óculos, limpou-os na *T-shirt* molhada e voltou a colocá-los. A casa vazia parecia tão intimidadora quanto antes.

– Bertrand?

Ele suspirou de forma exagerada.

– Sim?

– Tenho medo.

Bertrand conseguiu rir-se, um som abafado que ficou preso na garganta tensa. Também tinha medo.

– Tola – continuou, agarrando-lhe a mão com mais força. – Vamos, sei como podemos entrar.

– Bertrand? – Laureen trotou relutante atrás dele.

Suspirou de novo, como se as raparigas fossem seres maçadores que não se adequavam a uma aventura daquelas.

– Sim?

– Acho que não quero entrar.

Dobram a esquina para o terraço das traseiras.

– A fechadura da porta envidraçada está partida, podemos entrar por ali – disse Bertrand.

– Bertrand?

Desta vez, ele gemeu.

– Quero ir para casa.

– *Puff* – comentou ele, desdenhoso. – O que és? Uma menininha?

– Oooh. Não. Não, claro que não. – Não ia ser chamada de menina fracota e avançou em bicos de pés, ainda descalça, atrás dele, uma bota numa mão, Bertrand ainda levava a outra.

Foi Laureen que viu primeiro. Através da janela. Um bruxulear de luz. Só um bruxulear, a mover-se na escuridão. Depois desapareceu.

– *Bertrand!*

– Chiu!

Deslizou em direção à porta envidraçada. Então avistou-a também. Uma luz. A movimentar-se pela sala. Os pelos do pescoço arrepiaram-se. Deu um passo atrás, ouviu o *Oooh*, *Bertrand* de Little Laureen. E depois ela gritou.

Tapou-lhe a boca com a mão.

– *Tais-toi* – sibilou, agarrou-a e, juntos, correram de volta à horta, desceram o caminho, atravessaram o portão de madeira até à estrada.

Bertrand ouvia Laureen a ofegar tentando respirar e a mão apertava a sua como se nunca mais a quisesse largar.

– Era o fantasma – gemeu ela entre arquejos, enquanto fugiam pelo caminho cheio de vegetação que levava à praia.

Pararam para recuperar o fôlego, encostando-se ao tronco de um pinheiro manso, bem escondidos na sua sombra. Olhando para trás, Bertrand não viu ninguém. Olhou para o mar. As luzes dos barcos de pesca prometiam uma segurança que a terra naquele momento não oferecia. Mais perto, viu os contornos de outro barco, escuro sobre escuro no mar, em águas mais baixas e esguio como um peixe. Não havia luzes nesse barco.

Laureen caminhava com passo pouco firme a seu lado, em silêncio, regressando à praia.

– Era o fantasma? – perguntou por fim.

– Claro que não. – Bertrand não queria que ela continuasse a sentir-se assustada. – Vão lá montes de pessoas. Sabes, tipo amantes e assim.

– Queres dizer coisas de namorados?

Ele assentiu.

– Sim. E outras pessoas. Sei porque já vi as garrafas de cerveja e as pegadas pela casa inteira. – Estava a exagerar. Vira uma vez uma garrafa de cerveja, mas tinha sido em plena luz do dia e calculara que o empregado que tomava conta da casa a tivesse lá deixado. – E havia coisas que tinham

mudado de sítio – acrescentou. Também era verdade, mas, de novo, achava que a responsabilidade era do empregado.

– Aposto que era o fantasma – disse Laureen.

– Os fantasmas não bebem cerveja.

Admitiu que era verdade.

– Bertrand?

– Sim? – Continuou a andar.

– E então a nossa Sociedade Secreta do Duo Euro? – Não conseguiu recordar o título exato.

– O nosso novo quartel-general será no meu covil.

Laureen soltou um suspiro de alívio. Não queria mesmo ver mais nenhuns fantasmas.

– Bertrand?

Parou e olhou para ela. Lamentava que tivesse apanhado um susto e que ele também. E também não queria ver mais fantasmas.

– Talvez não devêssemos ter bebido os *Cosmopolitans*.

– Tens razão.

– É castigo por os ter roubado.

Ele assentiu.

– Prometo que nunca mais roubo nada.

– *Okay*.

Estavam agora perto do bar da praia. Bertrand espreitou para ver se estava lá alguém. Laureen olhou também, sobretudo por causa dos agentes secretos de Lev que podiam estar em qualquer sítio.

– A costa está livre – sussurrou Bertrand.

Devolveu-lhe a bota e ela deu-lhe a capa.

– Vai, corre – disse Bertrand. – E não te esqueças, mantém-te junto aos arbustos, não deixes que ninguém te veja.

Observou o *tutu* a abanar até desaparecer de vista, retesando os ouvidos à espera de gritos de alarme. Nada. Com um suspiro de alívio, partiu para o seu covil. Embora nunca o admitisse a Laureen, acreditava que vira um fantasma. Fora uma das noites mais assustadoras da sua vida.

MAC LEVANTOU-SE CEDO para passear os cães. Deixando Sunny ainda a dormir, envergou um fato de banho e sandálias de praia, a planear um mergulho quando voltasse.

Quando saiu do quarto, avistou qualquer coisa tombada no corredor; uma das botas de cobói de Little Laureen. Devia tê-la deixado cair na noite anterior. Apanhou-a e viu que tinha alguma coisa enfiada lá dentro. Ergueu as sobancelhas. Parecia roupa interior molhada. Mac sorriu. Apostava que Billy não sabia que a filha andara a tomar um banho da meia-noite nua e, com toda a probabilidade, com aquele estranho miúdo francês. Deixou a bota à porta do quarto de Laureen e, com os cães a reboque, correu pelas escadas abaixo.

Ficou surpreendido por ver Caroline Cavalaire na receção, ocupada a fazer o *check-out* de um grupo de hóspedes. Ela levantou os olhos e encontrou os dele. Acenou um rápido *bonjour* e voltou ao seu trabalho.

Mac encaminhou-se para ela.

– Lamento não ter sabido de si ontem, Caroline.

– Aah, *oui. Mais, monsieur*, estive tão ocupada o dia inteiro. E estou ocupada agora. Além disso, não era assim tão importante.

– Ainda bem, embora tivesse sido melhor se me tivesse telefonado a avisar.

Viu o rubor que subiu às faces de Caroline. Retorquiu que sim, claro, mas que não tivera tempo.

– *Je suis desolé, monsieur*, peço desculpa – acrescentou, voltando aos hóspedes.

«E está o problema resolvido», disse Mac consigo próprio, mas continuava com a sensação perturbante que a mulher escondia alguma coisa.

Lá fora, *Tesoro* trotou docilmente a seu lado, enquanto *Pirate*, sem trela, galopava todo contente à frente. Mac percebeu que os seus passos o levavam na direção de Chez La Violette. Quando chegaram ao muro comprido, abriu os portões e subiu o caminho de gravilha. Ficou ali a olhar para a *villa*. Era, pensou, como a própria atriz: outrora bela, depois velha e destroçada. E, no

entanto, continuava a existir uma atmosfera impalpável de magia, uma aura de tempos passados, quando, no auge da sua beleza, a *villa* acolhera as gentes elegantes do mundo.

A porta principal encontrava-se trancada e não tinha a chave. Levando *Tesoro* ao colo e com *Pirate* colado a ele, tentou a porta da cozinha. Trancada também. Estranho, quase jurava que a deixara aberta antes. Porém, o empregado andara com toda a probabilidade por ali, a verificar as coisas; talvez a tivesse trancado.

Com um encolher de ombros, voltou para trás pela horta, saiu pelo portão verde de madeira, atravessou a estrada e seguiu pelo caminho que conduzia à praia. Atando os dois cães a uma árvore, correu para a água, sentindo pequenos arrepios de prazer em todos os nervos enquanto nadava. *Isto* era então o Mediterrâneo: fresco, salgado, macio sobre a pele. Era o equivalente em termos de natação a beber o vinho *rosé* da região.

Entusiasmado, foi buscar os cães e caminhou pela linha da costa, parando no bar da praia para tomar um café expresso matinal. De volta ao hotel, ficou surpreendido por descobrir que Caroline já lá não estava. Renée substituíra-a. Cumprimentou-a e perguntou o que sucedera.

– Caroline recebeu um telefonema. A mãe está doente e teve de ir a Avignon. Pediu-me se podia substituí-la e claro que eu disse que sim.

Lá em cima no quarto, Sunny estava sentada na varanda, com as pernas compridas e douradas apoiadas na grade, a beber café. *Tesoro* saltou-lhe para o colo, ela dobrou-se para lhe dar um beijo e depois virou-se para olhar para Mac.

Este dobrou-se também para beijar Sunny.

– Olá, querida.

– Anda um helicóptero vermelho ali em cima – disse ela.

Mac foi dar uma olhada e depois ligou a Lev.

– Parece que talvez Jasper Lord ande a bater as praias à procura da mulher perdida.

– Disse-te que devias tê-la levado para Malibu – retorquiu Lev.

– Quê? Achas que ele não a encontrava lá? Belinda ia andar por todos os sítios conhecidos.

– Eles não gostam muito de helicópteros a aterrar em Saint-Tropez – observou Lev. – Incomoda a gente da alta da região.

– François Reynaud tem um.

– Faz parte da gente da alta da região.

Mac riu-se.

– Belinda ainda não apareceu – disse Lev. – Deve estar a dormir até tarde. É a melhor coisa que pode fazer, tendo em conta a situação. De qualquer maneira, vou verificar onde aterra o helicóptero e quem é o piloto. Entretanto, mantém Belinda dentro do hotel. Já te telefono.

– Talvez deva levar Belinda comigo – sugeriu Sunny.

– Porquê? Onde vais?

– Pensei voltar aos escritórios do jornal em Nice, ver que outras coisas consigo desenterrar sobre la Violette e aquele anel com o brasão. Ninguém descobriria Belinda nessas masmorras.

Espreguiçou-se, braços por cima da cabeça, o comprido cabelo negro a roçar-lhe em volta dos ombros. Mac pensou que parecia qualquer coisa entre uma coelhinha da *Playboy* e um anjo de Botticelli.

O telefone tocou. Era o seu amigo Alain Hassain da Interpol, a informar que o avião de Joel Krendler fora detetado, através dos planos de voo, em vários pequenos aeroportos de França. O mais próximo e mais recente era Toulon.

– Entre Marselha e o sítio onde estás. E foi há dois dias.

Mac perguntou se Krendler alguma vez voava para Zurique.

– Com frequência, por «motivos profissionais». Lembra-te que é um homem de negócios internacional, bem como aficionado da ópera. De facto, durante a temporada, voa muitas vezes até Milão, onde é patrono da ópera La Scala. Pensei que gostarias de saber.

Terminada a chamada, Mac disse para Sunny:

– Isto está a tornar-se mais interessante. Ora por que razão Krendler, que afirma não visitar o Sul de França há uma década, voaria para Toulon?

Sunny encolheu os ombros e abanou a cabeça.

– Em Toulon não existe nenhuma ópera internacional de que eu tenha conhecimento.

– Exato. Monsieur Krendler mexe em mais coisas do que apenas ópera e estou a começar a pensar que poderá ser arte.

As sobrancelhas de Sunny ergueram-se numa pergunta.

– Arte com A maiúsculo – retorquiu Mac.

– Como Arte roubada?

– Poderá ser.

– Oh, vamos lá, Mac, isso é um pouco rebuscado.
– Rebuscado é sempre bom, conduz a mente a melhores coisas. Coisas maiores.

– Como burlas no aluguer de casas.

Mac riu-se.

– Isso é um problema diferente. Parece que cheguei a um beco sem saída com Madame Lariot.

– Queres dizer que ela se safou com todo o nosso dinheiro?

– Parece que sim, querida.

Foi sentar-se ao lado dela na varanda. Passou-lhe um braço pelos ombros.

– Tens a certeza que queres ir passar o dia nessas masmorras do jornal?

Ela lançou-lhe aquele olhar sob pestanas enormes.

– Em que mais estás a pensar?

– Podíamos ficar por aqui, passar algum tempo juntos, de mãos dadas...

– Ao luar, queres tu dizer? Nem pensar, Mac Reilly. De qualquer modo, tens algum trabalho de detetive a fazer.

Mac suspirou. Falhara na questão da burla de Madame Lariot e agora estava envolvido na investigação dos assuntos de um homem que encontrara apenas uma vez e de quem sabia muito pouco.

– Porque faço isto? – queixou-se.

– Porque, meu amor... – Sunny depositou-lhe um beijo nos lábios – ... não consegues evitar. Já me habituei a isso e pensei que por esta altura já tivesses também.

Mac sorriu e puxou-a mais para si.

– Agora sei porque te amo – retorquiui, passando as mãos pela sua bela caixa torácica. Isto até *Tesoro* lhe dar uma rápida e pequena mordidela, pondo fim ao assunto.

DEITADO NA PRAIA com os seus calções de banho de surfista, tipo havaiano, Nate sentia-se uma fraude. Não era surfista e nunca estivera no Havai. E por melhor que Belinda o vestisse, não era como essas pessoas, os banhistas hedonistas, as mulheres bronzeadas do sol e meio despidas, os homens a vigiar as crianças, correndo com elas para o mar, os miúdos a gritar de alegria. Invejava esses homens que voltavam para as jovens e bonitas mulheres, beijando-as sorrateiros no pescoço, enquanto elas envolviam uma criança numa toalha de praia para a secar. Invejava-os quando a linda mulherzinha virava o rosto para cima para aquele beijo extra, uma mão no ombro nu e moreno ainda a cintilar de água do mar. Quase lhes invejava os filhos, pequenos embrulhos buliçosos de sarilhos, ansiosos pela próxima aventura.

Claro que eram apenas as férias deles e Nate sabia por experiência própria que ninguém tinha vidas perfeitas. Mas, para eles, momentos como aqueles compensavam o resto.

Para Nate, apesar das férias na Riviera, apesar das novas roupas francesas, apesar do peixe fresco grelhado e do vinho *rosé*, ainda era a mesma coisa, esta dissociação do que calculava fosse a «vida real». Ainda acordava todas as manhãs a pensar que devia saltar da cama e ir para o escritório o mais depressa possível: ser o primeiro a chegar, passar à frente dos outros no jogo dos números. Devia estar a pensar em fazer dinheiro, não em Sunny Alvarez ou Belinda Lord. Mulheres de outros homens.

Impaciente consigo próprio, furioso por não poder descartar aquele «fardo mortal» de fazer dinheiro, foi para o quarto, tomou duche, vestiu os novos calções que Belinda o convencera a comprar, uma *T-shirt* branca da *Hanes* e ténis. Pegou no capacete, desceu, foi buscar a *Ducati* ao parque de estacionamento e apanhou a estrada que saía de Saint-Tropez. Não sabia para onde ia, mas calculou que podia ser para as montanhas.

Três horas depois parou a mota. Encontrava-se algures na Provença, no

topo de um monte, numa aldeia amuralhada que se agarrava desesperadamente à face de uma rocha tão escarpada e tão a pique que se espantou que tivessem construído uma estrada até lá. Ainda não examinara as placas rodoviárias e não sabia onde estava; conduzira apenas, querendo escapar de si mesmo e da sua vida, contudo, não sabendo como consegui-lo. Olhou em volta.

Achava-se num sítio chamado Gordes, numa praça larga calçetada rodeada por estreitas casas de pedra e lojas minúsculas que vendiam todo o tipo de produtos, desde saquinhos de lavanda a taças de madeira de oliveira e aquelas toalhas de mesa com motivos alegres em tons de azul e amarelo. O Café Renaissance ocupava uma esquina, derramando-se para a praça. Fazia bom negócio: havia imensas pessoas debaixo dos guarda-sóis, a beberriçarem bebidas geladas, a descontraírem. Fitando-as, Nate maravilhou-se por ninguém senão ele parecer ter esta ânsia de avançar, de estar sempre noutra sítio qualquer, de estar a fazer alguma coisa.

Percebeu que não era inteiramente verdade. O que queria dizer era «estar a fazer o que sempre fazia». Mesmo ali, a admirar a vista sobre o vale que se estendia até ao infinito sob uma névoa de calor, a ouvir os fragmentos de riso vindos do café, a observar as mulheres a empurrar os carrinhos de bebé, a comprar laranjas, pepinos, uvas e peixe da carrinha frigorífica que estacionara na praça, a planear os seus jantares, a viver as suas vidas, Nate sentia-se de fora.

Voltou a subir para a sua *Ducati* e trovejou pela aldeia, a mota de um amarelo vivo a fazer virar cabeças quando passou. Conduziu por uma estrada rodeada de vegetação onde a erva crescia em grandes maciços da face da rocha e o balir das cabras e tilintar dos seus sininhos se ouvia na paisagem rochosa conhecida como *garrigue*. O matraquear do potente motor debaixo dele, o céu por cima, azul e sem nuvens, o calor do sol e a repentina quietude no ar combinavam-se para o fazer sentir como se fosse a única pessoa que restava no mundo. Estava completamente sozinho e, de repente, percebeu que sorria. Durante um momento fugaz, um estranho num lugar desconhecido, sentiu-se livre.

A placa em frente dizia que estava a chegar à aldeia de Bonnieux. Abandonou, a pensar se queria de facto entrar noutra aldeia, se queria fazer outra vez parte do «mundo real», um mundo em que não se encaixava. Recordou-se que a *sua* Nova Iorque era o mundo real: Nate Masterson e Wall

Street davam-se como café com natas, como uísque com soda, como mulheres e homens. Sorriu, entrando em marcha lenta na aldeia, revogando aquele último pensamento. Houvera demasiadas mulheres na vida de Nate, mas nenhuma por nenhum período longo de tempo. E nenhuma com quem tivesse conseguido pensar em viver. »Admite«, disse consigo mesmo, estacionando num parque contíguo à aldeia, «estás destinado a viver sozinho.»

Viu que se encontrava noutra pequena aldeia de pedra, medieval e fortificada, que se agarrava ao cume de uma rocha por algum milagre de construção, de que os construtores de antigamente tinham, como era óbvio, possuído o segredo. Ruas calcetadas e estreitas; edifícios altos e finos encostados uns aos outros; janelas aos quadrados embutidas; pedra da cor da terra rochosa. Um talho, uma padaria, uma mercearia, cafés e lojas pequenas, uma árvore carregada de cerejas no jardim de um pequeno hotel; uma igreja que parecia ali estar desde sempre, desde que as pessoas acreditavam em Deus. Uma loja de ferragens chamada *quincaillerie*; uma placa à porta de uma casa que dizia que ali vivera outrora um artista famoso; o aroma de qualquer coisa boa a deslizar de uma minúscula janela de cozinha. De súbito com fome, Nate fechou os olhos, cheirando, a tentar identificá-lo.

– *Daube de boeuf*. – A voz masculina vinha de trás dele.

Nate rodou sobre si.

– Uma espécie de estufado – explicou o homem em inglês. – Carne de vaca e legumes, sempre num molho rico, sem dúvida feito com uma garrafa inteira de bom vinho tinto. Um pouco pesado para um dia quente como este, mas presumo que, quando o homem da casa regressar ao lar à noite, venha com fome.

Durante um segundo, Nate invejou aquele «homem da casa» desconhecido. A cozinha do seu *loft* muito elegante todo em aço e betão nunca fora usada.

– Obrigado pela informação – retorquiu com um sorriso. – Ele é um homem de sorte.

– Isso é. Mas se está com fome, posso recomendar um pequeno sítio ali em baixo. Le Moulin de Hubert. Era um antigo lagar de azeite antes da nova civilização aqui no Luberon o apanhar. Agora é um pequeno restaurante gerido por um par de ingleses. – Sorriu para Nate e ofereceu-lhe a mão. – Um deles sou eu. Por isso, está a ver, não sou inteiramente imparcial.

Nate riu-se ao apertar-lhe a mão.

– Pelo menos é sincero.

Fitava um homem franzino de uns sessenta anos, meio careca, grisalho, queimado, baixo, com uma barba grisalha e de aspeto áspero.

– Malcolm Finney – disse o homem. – Prazer em conhecê-lo.

– Nate Masterson. Prazer em conhecê-lo também. – Nate fitou-o com curiosidade por trás dos seus óculos escuros. – É uma pergunta idiota, sei, mas vive aqui?

– Sim. Desde há vinte anos. Não viveria em mais nenhum sítio.

– E porquê? – Nate queria uma resposta para poder compreender qual era esse santo graal que toda a gente menos ele procurava.

Mas Malcolm Finney abanou a cabeça.

– Jovem, se consegue estar aqui e fazer essa pergunta, então é óbvio que não compreende. – Hesitou, mirando Nate. – Escute, porque não vem comer qualquer coisa? O meu companheiro, Roger, cozinha outras coisas para além de *daube de boeuf*. Venha comigo e conto-lhe tudo. Ou melhor, mostro-lhe. – Sorriu, exibindo dentes grandes, tipo cavalo. – Ofereço eu. Só para lhe provar que não estava a tentar impingir-lhe o meu restaurante para o almoço.

Nate riu-se e apertaram outra vez as mãos.

– De acordo, mas eu pago o vinho.

Seguiu o velhíssimo *Land Rover* de Malcolm Finney por uma estrada secundária irregular que terminava numa zona baixa de bosque e num velho moinho de pedra, sobre um pequeno ribeiro impetuoso, com a sua roda original. Alto, para uma casa provençal, e construído em pedra acinzentada rugosa, era óbvio que trabalhara outrora para o seu sustento, moendo o que pudesse ser extraído com esforço do vale rochoso. Porém, agora, tinham construído uma *loggia* coberta com toldo por cima da água represada com vista para o pequeno açude. As mesas postas com oleado aos quadrados verdes e brancos e guardanapos de papel brancos estavam salpicadas de comensais, para um almoço tardio, que, pensou Nate espantado, beberricavam o seu vinho como toda a gente ali fazia, como se nunca houvesse pressa para nada e, aliás, ninguém queria saber, havia sempre o dia de amanhã.

Junto à *loggia*, grandes janelas de correr tinham sido empurradas para trás revelando uma sala de jantar de vigas baixas atulhada de painéis de cobre e dominada por uma enorme lareira. Era, pensou Nate, um lugar onde um homem podia procurar refúgio numa noite fria de inverno, instalar-se perto

das chamas com um copo de uísque e um *daube* de vaca para o manter quente.

O velho sentimento de inveja apoderou-se dele de novo quando Malcolm Finney o conduziu a uma mesa de canto sob o toldo, fez sinal à empregada, uma mulher agradável de avental azul com um lenço a condizer atado por cima do cabelo escuro e lhe pediu para trazer água *Badoit* e uma garrafa de *Vieux Télégraphe*.

– Visto que vai pagar, pensei que podíamos experimentar uma coisa boa – disse a Nate com um sorriso descarado. – E, acredite, não há aqui nada melhor do que o *Télégraphe*. É um dos melhores *Côtes du Rhône*s que irá provar.

Foi buscar o companheiro que, explicou, estava na cozinha a tratar dos cozinhados.

– Ou a maior parte pelo menos.

Voltou com um tipo alto e moreno com um casaco branco de *chef* e calções vermelhos, de constituição grande, bigode e ar mediterrâneo. Afinal, era galês e os dois estavam juntos há vinte e cinco anos.

– Não sei como nos aguentámos – comentou Roger, apertando a mão e aceitando um copo do *Télégraphe*.

– A verdade é que não teríamos se não tivéssemos vindo aqui de férias e descoberto este sítio – acrescentou Malcolm.

Roger ergueu o copo para ele com um sorriso.

– A nossa tábua de salvação.

Malcolm virou-se para Nate.

– Fez-nos sair da rotina, essa coisa a que algumas pessoas chamam «viver». Estávamos no negócio do *catering*. Aquele circuito dos jantares snobes, *hors d'oeuvres* elaborados e porções pequenas e requintadas em pratos elegantes e, com um raio, era melhor não ser nada igual à festa de outra pessoa qualquer a que tivessem assistido.

– Passado algum tempo, começámos a ficar sem ideias – observou Roger. – Meu Deus, este vinho é bom – acrescentou.

O vinho encorpado e frutado parecia simples ao princípio no palato de Nate, depois adquiria aromas que, sabia, poriam os críticos a escrever sobre especiarias, castas e sugestões disto e daquilo. Raios, a ele sabia-lhe bem. Fantástico, de facto.

– A *Ducati* é sua? – Roger acenou para a mota, encostada à sombra das

grandes árvores.

– Acabei de a comprar – confessou Nate. – Vivo em Nova Iorque, na cidade. Aí não há grande necessidade de um carro.

– Então o que faz?

– Wall Street – replicou Nate, não querendo entrar em pormenores. Estava a divertir-se demasiado.

Roger pedira à empregada para trazer os *hors d'oeuvres*, uma dúzia de cestos de coisas boas. A seguir havia galinha assada com batatinhas minúsculas e legumes bebé colhidos na horta, salteados em manteiga e com um sal cinzento que vinha da Camargue para polvilhar por cima, e uma salada verde salpicada de nastúrcios cor de laranja e lavanda fresca.

Era a primeira vez para Nate: legumes e ervas acabados de apanhar na horta, flores na comida e um vinho que o tentava a beber mais, embora não pudesse. Um tipo responsável por uma potente *Ducati* tinha de saber bem o que fazia. Assim, bebeu a água *Badoit*.

Roger voltara para a sua cozinha e, surpreendendo-se, Nate disse para Malcolm:

– Invejo-o.

– Oh? E porquê?

– Porque estou a olhar para um homem que descobriu exatamente o que queria na vida. Um homem que encontrou a liberdade.

Malcolm sorriu.

– Sabe muito bem que nenhum de nós é livre. É assim que a vida é. Somos sempre chamados a assumir algum tipo de responsabilidade, seja uma mulher, um companheiro, um negócio. Ou até uma *Ducati*. – Fitou Nate com ar sereno. – Uma *Ducati* custa dinheiro. E esse tipo de dinheiro tem de ser ganho pela sua alma.

– Então a minha alma é escrava do raio da *Ducati*. Paguei a pronto. Mas invejo-lhe isto. – Nate fez um gesto com o braço, abarcando o velho moinho, a *loggia* sombreada, os comensais de ar preguiçoso a beber vinho, até a pequena tribo de patos que se bamboleou de repente pelo pátio, dirigindo-se para o lago entre as árvores.

– Demasiado Disney para traduzir em palavras, não é? – perguntou Malcolm. – Mas isto não é para si.

– Não? E porque não?

– É solteiro. Um homem atarefado. Este sítio precisa de manutenção

constante. Tivemos sucesso aqui, mas tudo isto representa trabalho árduo, apesar de parecer um longo dia maravilhoso de prazer. Ainda assim, creio que sei o que seria ideal para si.

– O que quer dizer com isso?

Malcolm olhou para ele.

– Devo avisá-lo, estou no negócio imobiliário.

Nate assentiu, percebendo o que aí vinha.

– *Okay*.

– Fica em Bonnieux – explicou Malcolm. Uma casa de aldeia. A porta principal dá para a rua. Cinco pisos com uma divisão em cada andar, um pequeno pátio nas traseiras com vista para o vale inteiro. Propriedade atual de um tipo alemão que se vai divorciar. Completamente recuperada, completamente mobilada, muito antiga por fora, muito moderna por dentro. É a casa perfeita para um celibatário.

– Para um celibatário que vive em Manhattan?

Malcolm encolheu os ombros.

– É uma aposta melhor do que uma *Ducati* para lhe manter a alma quente nessas noites frias e solitárias de inverno.

Nate inspirou fundo. Malcolm conseguira de algum modo atingir a essência do ponto em que se encontrava na vida. Bebeu um último gole do *Vieux Télégraphe*. Recordar-se-ia daquele sabor para sempre.

– Vamos lá dar uma olhada – disse.

SUNNY IA A CAMINHO DE NICE e dos arquivos do jornal. Saía com Belinda e Sara, pela porta da cozinha, com Belinda disfarçada com umas calças de linho largas e uma camisa de algodão fino com um lenço estampado a condizer atado por cima do cabelo loiro curto. Com os grandes óculos escuros da praxe, parecia agora a Bardot nos anos cinquenta.

– Muito giro – decidiu Belinda, examinando-se no espelho do carro. – Poderá vir a ser o meu novo visual.

– Gosto mais do que o antigo – retorquiu Sara.

Sunny guiava o *Peugeot* cor de prata alugado, com Sara sentada ao lado a segurar em *Tesoro*. Belinda ia no banco de trás a resmungar, dizendo que as suas pernas eram demasiado compridas.

– Sofre em silêncio – avisou Sunny. – Pelo menos, tirei-te do hotel, se não estavas no teu quarto a ver televisão francesa e a desejar nunca ter saído de San Remo.

– A desejar nunca ter deixado o marido? Ah! Creio que não.

Belinda virou-se para olhar pela janela traseira. Lev vinha mesmo atrás delas.

– Aquele Lev sabe mesmo o que faz. Nunca me senti tão segura na vida.

– Lev está ali? – Sara espetou o pescoço.

– Porquê? Estás interessada nele?

Sara corou.

– Claro que não, ele é só... bem, simpático, é tudo.

– E giro! – Belinda ria-se dela, mas de forma afável.

– De qualquer modo, creio que gosta de ti – disse Sunny, contornando a rotunda e saindo para a via que conduzia à autoestrada. – Tem sempre um sorriso especial para ti.

– Achas que sim? – O rubor de Sara estava agora misturado com um sorriso. – Sabes aquela canção que ele está sempre a cantarolar baixinho... – trauteou algumas notas – ... diz que não sabe o que é, mas que a tem metida

na cabeça. Bem, *eu sei*.

– Ah, sim? – O olhar de Belinda cruzou-se com o de Sunny no espelho retrovisor. – E o que é, Sara?

Sara abanou a cabeça.

– Vou dizer a Lev da próxima vez que o vir. Oooh – lançou um olhar assustado para a janela do condutor. – Oooh, foi ali que aconteceu, foi ali que quase me apanharam...

– *Okay, okay*, agora está tudo bem, não penses mais nisso, não remoa. – Belinda inclinou-se para a frente e deu uma palmadinha na cabeça de Sara, com simpatia. – Bolas, Sara – disse, mudando rapidamente de assunto. – Sabes que tens um cabelo lindo. Devias deixar-me cortar-to, livrar-te de todo esse peso em volta da cara. Como está, mal te conseguimos ver.

Sunny lançou uma olhadela rápida a Sara.

– Ela tem razão, sabes, podias mostrar mais o teu rosto bonito.

– Não é propriamente «bonito».

– Estás louca, rapariga? – Belinda riu-se. – És deslumbrante, ou poderias ser se me deixasses usar a tesoura.

– Vou pensar nisso. – Sara não ia desfazer-se do seu cabelo protetor do rosto assim tão depressa. Era como os braços que cruzou sobre o peito; protegia-a.

– Bem – Sunny mudou de assunto. – É por esta razão que vamos aos arquivos do jornal. – Tirou o anel de sinete de ouro do bolso e passou-o a Sara, que o examinou com atenção.

– Tem um escudo aos quadrados com uma águia, uma raposa e um monograma. – Experimentou-o. – É demasiado grande.

Belinda arrebatou-o.

– Deve ter pertencido a um homem. É tipo uma coisa da alta, sabem, aristocratas, usam-no sempre no dedo mindinho. O príncipe Carlos usa um.

– Então achas que isto pertenceu a um aristocrata?

– Estou disposta a apostar. Se confirmares a heráldica, descobres a quem pertencia o brasão. De qualquer modo, não creio que seja inglês.

– Aposto que deve ter pertencido ao amante alemão de Violette – retorquiu Sunny.

– Ela tinha um amante?

– Sim, com metade da idade dela.

– Sorte dela – replicou Belinda. – Então é isso que vamos investigar nos

arquivos do jornal?

– Quero qualquer coisa que consiga descobrir sobre ela e sobre o homem. Mas primeiro temos de saber o nome dele.

– Violette dir-te-á. Se foi amante dela, ela ter-lhe-á escrito e terá guardado as cartas dele – disse Sara. Por vezes, parecia mais sensata do que os anos que tinha.

Uma hora depois, estavam a examinar microfilmes e papéis poeirentos, bem fundo sob as ruas de Nice. Havia cartazes antigos do Casino anunciando atuações de La Violette, com fotografias dela envergando vestidos deslumbrantes de Schiaparelli e Lanvin e sempre com um ramo de violetas junto ao rosto.

– Violetas de Parma – observou Sara. – Brancas. Andava sempre com elas, ou usava-as pregadas aos vestidos por causa do seu nome.

– Como sabes? – Fitaram-na, espantadas.

– É o que diz aqui.

Penduraram-se por cima do ombro de Sara e leram a reportagem do jornal:

«La Violette assemelha-se às flores suas homónimas, com os seus olhos enormes cor de violeta e o perfume que sempre a rodeia, fabricado a partir das preciosas violetas brancas de Parma, um perfume que é feito apenas para ela. Precede-a quando entra em qualquer sala, suave e delicado como a mulher é alta e bela, com os seus vestidos prateados e joias fabulosas, presentes dos muitos admiradores.»

Sunny sentiu um arrepio ao recordar-se daquele aroma fugaz no quarto de Violette.

– Amantes, querem eles dizer – replicou Belinda. – Os homens não nos dão joias apenas porque nos admiram.

– Naquela época sim – explicou Sunny. – Chamavam-lhes os sujeitos da porta dos artistas. Assoberbavam as estrelas do palco com presentes caros para lhes mostrarem o quanto as admiravam.

– As desejavam, queres tu dizer – retorquiu Belinda e riram-se.

– Sei qual é o aroma do perfume – disse Sunny. – Cheirei-o no quarto dela.

– Às vezes o perfume pode perdurar. – Sara parecia duvidosa.

– Todos estes anos? – Sunny abanou a cabeça. – Creio que não. Acredito que Violette ainda lá está.

– Queres dizer que achas que ela *assombra* a casa? – exclamou Belinda, espantada. – Ora, vamos lá, Sunny, isso é uma loucura.

Mas, nesse momento, Sara soltou um grito de excitação.

– Olhem só o que descobri. O nome do amante. E uma fotografia.

Juntaram-se à volta dela, olhando para a fotografia esbatida de um jovem loiro, cujos olhos pálidos e duros fitavam a câmara de forma intimidante. Chamava-se Kurt Von Müller. E vestia um uniforme nazi.

– Oh, meu Deus – disse Sunny. – Então é verdade. Violette tinha um caso com um nazi.

Incomodada, fechou por fim os ficheiros. Voltaram à rua, surpreendidas por descobrirem que o sol ainda brilhava. Lev esperava, a lançar uma olhadela descontraída aos jornais, de cigarro na mão, parecendo um transeunte qualquer. Sentiram-se melhor sabendo que ele se achava por perto.

Descobriram uma pequena cervejaria engraçada numa rua secundária e pediram omeletas, saladas e copos de vinho.

– Agora só tenho de procurar Herr Kurt Von Müller no *Almanach de Gotha* – disse Sunny.

– O que é isso? – Sara comia a sua omeleta de queijo e fiambre ao mesmo tempo que lançava um olhar esperançado a Lev sentado a algumas mesas de distância.

– É o *Who's Who* da Alemanha, indica os direitos dinásticos e em que nível da pirâmide da aristocracia as pessoas se encontram. – Belinda sabia tudo sobre esse tipo de coisa. – Podemos consultá-lo na internet – acrescentou, pedindo um segundo copo do vinho rosado e leve que vinha dos montes mesmo atrás de onde se achavam sentadas.

Sara recostou-se na sua cadeira, com um olhar satisfeito no rosto.

– Sabem, gosto disto aqui.

– Isso é bom.

– Tenho de ir embora na semana que vem.

As outras levantaram os olhos, preocupadas.

– Já? – disse Belinda. – Sara, o que vou fazer sem ti?

– Oh, vais-te arranjar. As pessoas arranjam-se sempre sem mim.

– Sara! – Belinda bateu com o punho na mesa, fazendo tilintar os copos. Sara apanhou o dela antes que caísse. – Quando vais acabar com essa coisa do «pobre de mim»? Que merda se passa contigo afinal?

Sara franziu o sobrolho por causa do palavrão.

– Mas é verdade – retorquiu.

– Só é verdade se deixares que seja. Olha para mim, Sara. – Belinda

espetou um dedo no próprio peito. – Sou aquilo em que me fiz. Certo?

Olhou para Sunny a pedir apoio e Sunny assentiu, concordando.

– É isso – anunciou Belinda. – Vou cortar-te o cabelo. Se tens de ir para casa, vais como uma mulher nova. Certo? – Ergueu a mão e Sara bateu-lhe nos dedos esticados.

– Se achas que sim – concordou e Belinda gemeu de novo.

– Não se eu acho que sim. *Se tu quiseses*. Vê se percebes, Sara. – Estava decidida a fortalecer o caráter de Sara, não podia deixá-la voltar para o Kansas para ser espezinhada outra vez por algum outro tipo oportunista. – Podemos passar pelo aeroporto a caminho de casa? Preciso de comprar algumas revistas inglesas, a *Tatler* e a *Harpers and Queen*. Sei que fica em caminho.

Atravessavam o salão das partidas no aeroporto, que eram onde vendiam as revistas, quando Sunny o viu. Girou a cabeça com rapidez. Olhou de novo.

Ele tinha as costas voltadas para ela e avançava a passos largos, um homem alto e vigoroso, envergando um fato de linho bege impecável. Carregava uma pasta de pele e o cabelo espesso e grisalho estava penteado para trás como a juba de um leão. Levava um pequeno galgo tigrado pela trela.

Atordoadada, exclamou:

– Não pode ser ele!

– Quem? – perguntaram as outras duas, virando-se para olhar.

Sunny abanou a cabeça, ainda sem acreditar.

– *Joel Krendler. Mas onde está a cadeira de rodas?*

De olhos arregalados, Sunny girou sobre si, à procura de Lev. E então gerou-se um pandemónio.

UM *PAPARAZZO* com uma máquina fotográfica saltou para Belinda. Belinda gritou. *Flashes* dispararam. Lev saltou sobre o homem, arrastando-o pelo cachaço e atirando a máquina ao chão.

Agarrou o braço de Belinda, gritou para as outras os seguirem e conduziu-as apressadamente para o parque de estacionamento em menos de um minuto.

– Mas, Lev – gritou Sunny, arrastando Sara obedientemente atrás dela, enquanto corriam para os carros. – Lev, é ele. *Vi Joel Krendler... Lev...*

Lev empurrou Belinda para o banco traseiro de um *Lancia* compacto, bateu com a porta, disse qualquer coisa ao motorista que arrancou de imediato. Lev rodou sobre si, perscrutando a zona. Sunny ouviu Sara engolir em seco e quase gritar quando avistou a arma que ele tinha na mão.

– Oh, meu Deus, oh, meu Deus, tipo, Lev tem uma *arma* – disse numa voz estrangulada. – E onde foi Belinda com aquele desconhecido?

– Lev, *por favor* – implorou Sunny.

Por fim, Lev virou-se para ela.

– Desculpa – disse com o seu sorriso descontraído. – Tinha de tratar do assunto. Está tudo resolvido agora.

De olhos esbugalhados, Sara viu Lev enfiar a arma no coldre invisível debaixo do braço. Os dentes batiam-lhe de medo. De repente, o seu atraente Lev com o seu sorriso afetuoso era diferente do homem que ela pensara que fosse.

– *Oh, meu Deus, oh, meu Deus* – repetiu, em pânico. – *Aquele paparazzo podia ser um assassino...*

Sunny sabia que era demasiado tarde para apanhar Krendler. Isto é, se fosse mesmo ele, começava a ter dúvidas. Contou rapidamente a história a Lev.

– Krendler teve um acidente há anos, ficou inválido, numa cadeira de rodas para sempre. Como podia ser ele? A andar pelo aeroporto de Nice como se fosse normal?

– Vamos lá descobrir – retorquiu Lev, ligando para Mac.

Em primeiro lugar, Lev contou a Mac a história do *paparazzo*.

– Tenho ali um homem a tratar dele. Poderá ser verdadeiro ou não. Em breve descobriremos, mas não ia dar-lhe o benefício da dúvida. Uma arma podia disparar com tanta facilidade como o *flash* de uma máquina. Entretanto, os *paparazzi* são desencorajados neste país, não sou o primeiro a dar cabo de uma máquina fotográfica. Sabia que podia fazê-lo e, de qualquer maneira, estava preocupado em tirar Belinda dali para fora.

– E também em não ter a fotografia dela nos jornais – concordou Mac.

Lev passou o telemóvel a Sunny e esta contou a Mac o que vira.

– Krendler a andar. Como um homem ressuscitado dos mortos.

– Não propriamente – retorquiu Mac. – O avião de Krendler está em Toulon. Podia ter apanhado uma ligação para Nice, com facilidade.

– Mac?

– Sim?

– Levava um galgo com ele. Tigrado. Pela trela.

Lev deu-lhe uma palmadinha no ombro.

– Temos de sair daqui.

Sunny assentiu. Sara já se encontrava no banco de trás, a tremelicar com os nervos. Sunny entrou para o lugar do condutor e Lev fechou a porta.

– Falamos depois – disse pela janela. – Entretanto, vou pôr os meus homens no encalço de Krendler.

Quando arrancou com o carro, Sunny ficou espantada por perceber que tremia. Nunca tinha visto Lev em ação antes e a rapidez e eficiência com que lidara com a situação impressionara-a. Quem sabe... talvez tivesse mesmo salvado a vida de Belinda. Fosse como fosse, era sem dúvida reconfortante tê-lo por perto e agora mal podia esperar para voltar para junto de Mac e recapitular o que sucedera. Poderia mesmo ser Joel Krendler? Acontecera tudo tão depressa que já não tinha a certeza. No final de contas, podia ter sido apenas um sócio.

Mas havia a questão do galgo, que parecia tal e qual o de bronze em frente da lareira de mármore verde de Krendler. Ora isso era um facto.

MAC ESTAVA AO TELEFONE COM RON PERRIN.

– Como vão as férias? – bradou Perrin.

– Que férias? Estou a seguir um homicídio, um roubo de obras de arte, uma mulher desaparecida envolvida na fraude do aluguer de uma casa, uma tentativa de rapto e o raio de um multimilionário muito inválido e confinado a uma cadeira de rodas que poderá ou não ter sido visto a andar no aeroporto de Nice.

– Parece divertido – concordou Perrin.

Mac ouviu-lhe o sorriso na voz e o som de música em pano de fundo. Havia também um ruído tipo sucção e perguntou, desconfiado:

– O que estás a comer?

– Figos – respondeu Perrin. – Maduros e acabados de apanhar da nossa própria árvore. O suco está a escorrer-me pelo queixo.

Não era uma imagem em que Mac quisesse pensar.

– Krendler é o aleijadinho, não é? – Perrin não queria saber de palavras politicamente corretas.

Mac suspirou.

– É.

– Creio que devo conhecer alguém, que poderá conhecer alguém que o conhece. É uma cantora de ópera com quem o conhecido do meu conhecido está a ter um caso neste momento.

– Complicado – retorquiu Mac, duvidoso.

– Conversa de cama. Nada bate aquele momento após o sexo para chegar à verdade.

– Espero que tenhas razão. Entretanto, sinto que estou atrás de alguém que ressuscitou de entre os mortos.

– Ou pelo menos do divã.

– Um fantasma – disse Mac, pensando em Violette e em Sunny. – Demasiados fantasmas aqui no Sul de França – acrescentou e ouviu Perrin

rir-se.

– Porque não largas tudo, apareces por aqui na Dordogne? Nada exceto paz e sossego por aqui.

– Parece-me que tenho recordações um pouco diferentes. – Mac lembrava-se da confusão que fora há um par de anos quando a mulher de Perrin, estrela de cinema, estivera em risco de perder a vida.

– Pois, bem, tudo isso já terminou. E lembra-te que tu e a tua deslumbrante ajudante são sempre bem-vindos.

– Obrigado, mas Sunny não apreciaria ser chamada de ajudante.

Perrin soltou uma risada abafada.

– Vou tratar da questão de Krendler. Gostava que pudesses provar estes figos. Logo te digo qualquer coisa.

Mac esperou no parque de estacionamento atrás do hotel que o *Lancia* chegasse. Quando este apareceu, a grande velocidade, abriu a porta, ajudou Belinda a sair, proferiu um rápido agradecimento ao motorista e apressou-se a levá-la através da cozinha.

– Merda – disse Belinda. – Estava a divertir-me tanto. Só queria comprar as minhas revistas britânicas no quiosque do aeroporto.

– Uma insensatez – retorquiu Mac, de lábios comprimidos. – Não estás a perceber, Belinda? Jasper Lord anda a rondar Saint-Tropez no seu helicóptero, tem bandidos por todo o lado, talvez até no aeroporto.

– Achas que sim? – Belinda estava assustada agora, por isso Mac levou-a pelas escadas traseiras para o quarto. – O que vou fazer? – Os olhos azuis suplicavam e Mac superou a sua fúria com a imprudência dela, de que em parte Sunny era responsável, por concordar em levá-la ao aeroporto.

– Descobriremos qualquer coisa – prometeu, lembrando-se de Ron Perrin na Dordogne.

Deixou Belinda no quarto, disse-lhe para lá ficar, que Sara lhe faria companhia quando voltasse e podiam pedir qualquer coisa para comer ao serviço de quartos.

– Merda! – exclamou Belinda outra vez, carrancuda.

– É bem feito. Disse-te para não saíres daqui e não dares nas vistas, mas és como uma rolha na água, sempre a vir à tona. Por favor, mantém-te escondida até eu arranjar uma solução.

Belinda tinha uma expressão derrotada no olhar.

– A culpa é toda minha. Devia ter ficado com o marido, recebido o meu

castigo como uma boa menina.

– Não vendeste a tua dignidade quando casaste com ele – recordou-lhe Mac.

– Neste preciso momento não tenho tanta certeza.

Mac ficou ali na soleira da porta, hesitante, enquanto Belinda atirava com os sapatos e se lançava para cima da cama, a mais perto da janela, que reclamara a Sara. Sentiu pena dela, uma mulher que tivera tudo... e nada.

– Fazemos o seguinte, vou buscar um martíni. Para te animar um pouco, acalmar os nervos...

– Estás a transformar-me numa beberona?

O brilho malicioso regressara de repente aos olhos de Belinda. Mac pensou que não era possível mantê-la em baixo durante muito tempo. A não ser que fosse num caixão.

Ria-se quando fechou a porta.

– Volto num minuto – disse.

Meia hora depois, estava sentado com Sunny no bar do hotel. Bebiam cervejas geladas, *Kronenbourg*, de gosto forte e um pouco ácido, mitigador da sede. Escutou em silêncio enquanto Sunny contava outra vez a sua história.

– Sabes, seja o que for que Krendler ande a tramar, e não sei ainda o que poderá ser, se fosse realmente ele no aeroporto, então é um homem muito esperto – comentou Mac depois. – Escolheu o disfarce perfeito. Uma cadeira de rodas. Ninguém pensaria nunca em procurar por Joel Krendler a andar. É inválido, está sempre naquela cadeira, sempre a necessitar de ajuda, até para tocar a campainha a chamar o mordomo, ou até para se sentar apenas no raio da coisa.

– Exceto eu. Eu procuraria – retorquiu Sunny. – Vi-o, Mac.

– *Okay*. Então descobriremos a verdade.

Sunny observava Laureen e Bertrand que atravessavam o vestíbulo.

– Olha, como são queridos.

Desapareceram nas escadas e Mac virou-se outra vez para a sua mulher.

– O que vamos fazer ao jantar? – perguntou.

– Sara está uma lástima – retorquiu Sunny.

– Não estava a pensar convidar Sara para jantar.

– Belinda também. Ficou mesmo assustada.

– Belinda não.

– Então em que estavas a pensar?

– Tu e eu. Que tal telefonarmos para o serviço de quartos?

Sunny pensou que era a melhor ideia que Mac já tivera desde o Hôtel de Paris.

A caminho do quarto, passaram por Bertrand que vinha a descer.

– Oh, olá Bertrand – cumprimentou Sunny. – Se quiseres podes levar *Pirate* para um passeio.

Bertrand parou e olhou para ela a direito, os olhos grandes por trás dos óculos, em vez de se esquivar.

– Posso?

– Claro.

Nessa altura, Little Laureen apareceu a correr. Trazia um baralho de cartas na mão.

– Oooh – exclamou, quando os viu. – Vou ensinar Bertrand a jogar póquer. Texas Hold'em.

– Vê lá se não te arranca todos os cêntimos que tiveres – avisou Mac enquanto eles se afastavam.

– Então o cão talvez mais tarde, Bertrand – lançou Sunny. – Ou amanhã também será bom. – Virou-se para uma última olhadela aos dois. – Sabes que mais – disse para Mac. – Aposto que, por esta altura, ela sabe todos os segredos de Bertrand. Little Laureen está a destrinçar aquele rapaz.

– Só espero que saiba em que se meteu quando ele estiver por fim «destrinçado» – replicou Mac.

LAUREEN E BERTRAND foram sentar-se numa das mesas perto das estantes onde se guardavam todos os tabuleiros de xadrez, os *puzzles*, os jogos e os DVD. Era a hora dos coquetéis e o bar estava animado, mas o canto deles era sossegado.

– Não posso ficar muito tempo. – Laureen içou-se para uma cadeira e ajeitou a saia de tule, a cor de framboesa pela barriga da perna, como as usadas pelas fantasmagóricas *Wilis* no balé *Giselle*, agora já bastante desgastada devido ao uso, mas continuava a gostar dela. – O meu pai quer jantar cedo.

Bertrand assentiu, mas não fez qualquer comentário. Laureen desejou não ter dito nada sobre ir jantar com o pai, porque Bertrand não tinha ninguém com quem jantar e sentiu-se triste por causa dele. Porém, não podia convidá-lo para se juntar a eles, porque queria manter Bertrand separado, todo para ela.

– Bertrand? – disse.

Bertrand fitou-a, ali sentada diante dele à mesa de jogo. Nunca ouvira o seu nome pronunciado tantas vezes em toda a sua vida. Little Laureen precedia tudo o que lhe dizia com «Bertrand?».

– Sim?

Laureen embaralhou as cartas como uma profissional. Bertrand observou-a, fascinado ao vê-las deslizar como seda por entre os dedos.

– Achas mesmo que vimos um fantasma?

– Claro que não. – Apesar de acreditar que tinham visto, nunca admitiria uma coisa tão infantil. – Toda a gente sabe que os fantasmas não existem.

Laureen deu as cartas, cortou o resto do baralho e pousou-o entre os dois. Estudou as suas cartas e depois espreitou para as de Bertrand.

– Tens de ser tu primeiro – explicou. – Diz-me quantas cartas queres.

– Não sei. Está bem, vou dizer à sorte. Quatro.

– Bertrand?

– Que é?

– Se fosses os ladrões das obras de arte, qual seria o melhor lugar de todos para guardar os quadros?

– Não sei.

– Porque não Chez La Violette?

Mirou-a surpreendido e ela continuou:

– É melhor do que uma gruta marinha. Não há humidade nem polvos.

Pensou, indeciso, que não podia ser.

– Não há quadros em Chez La Violette.

– Como sabes?

– Bem, da última vez que lá estive não havia nenhuns. Mas foi antes do roubo. Ou, aliás, na noite em que ocorreu o roubo.

Laureen lançou, triunfante, as cartas em cima da mesa.

– Tens de te concentrar neste jogo. É bastante fácil se te concentrares.

– Como posso concentrar-me se estás sempre a falar?

– Só estou a falar do roubo das obras de arte. E sobre a nossa recompensa – acrescentou com uma ponta de ansiedade na voz que o abalou.

– Quem me dera – retorquiu, atirando as cartas para a mesa.

Laureen fitou-as, espantada.

– Espera aí um minuto. Ganhaste. – Sorriu, deliciada. – Bertrand! Seu tolo, ganhaste! Eu tinha dois cincos e duas rainhas. Tu tinhas um trio de dois.

Bertrand não entendia o jogo nem como conseguira aquilo, mas sorriu-lhe, radiante, em resposta. Durante um minuto, pareceram um par de miúdos normais a divertirem-se.

Depois, Laureen disse:

– Tenho de ir. Vou jantar mais cedo com o meu pai. Acho que ele preferia jantar com Belinda, mas ela tem de ficar no quarto.

– Porquê?

– Oh, sabes, o marido dela quer descobri-la. – Encolheu os ombros. – Dizem que é um homem mau e que ela tem de ficar escondida. É por isso que o papá se mantém tão perto dela quanto possível. – Mirou Bertrand. – Pelo menos é o que ele diz. – Laureen só tinha oito anos, mas seria uma mulher um dia destes e estava a aprender rapidamente os truques do ofício.

– Okay.

Bertrand sabia que não o convidaria para se juntar a eles. Laureen mantinha a sua vida compartimentada, tal como ele. Ela e ele eram uma entidade

separada. Juntos eram um só. Separados, eram pessoas diferentes. Mesmo assim, ficou triste por a ver partir, deixando-o sem saber o que fazer.

BELINDA FICARA «detida no quartel», não havia mais excursões a Saint-Tropez ou Nice. Ela sabotara a sua própria segurança e o marido de má fama fora avistado a trovejar por cima do hotel no seu helicóptero vermelho, obviamente avisado do seu paradeiro. Mac dissera a Sara que se teria de fazer qualquer coisa em relação a Belinda e muito em breve. O *paparazzo* era afinal falso alarme e Lev referira que embora o marido tivesse esquadrinhado a costa inteira ainda não localizara o Hôtel des Rêves e ainda não sabia com exatidão onde a mulher se encontrava. O que era certo era que continuaria a procurar.

Sara revertera para a velha Sara, subjugada pelos acontecimentos do dia anterior, de volta aos calções largos bege e camisa branca fraldiqueira, o cabelo castanho lustroso por fim afastado do rosto num rabo-de-cavalo. Com as pernas magras, parecia uma menina de escola demasiado crescida, embora de facto tivesse vinte e sete anos.

Com as chinelas de dedo na mão, caminhava descalça à beira de água, parando de vez em quando a admirar o mar, perscrutando o horizonte como uma mulher à procura de respostas. Nate Masterson aproximou-se vindo da direção oposta, também com calções bege e uma *T-shirt* branca, com as sandálias na mão. Cumprimentou-a com um olá.

– Oooh, olá – retorquiu, meia sobressaltada. Estivera tão perdida nos seus pensamentos que não o ouvira chegar.

– Então o que vais fazer hoje? – perguntou Nate.

– Bem, sabes... – Sara encolheu os ombros, evitando-lhe o olhar. – Na realidade, nada de especial. Calculo que vou ficar aqui com Belinda e os outros.

Nate lançou-lhe uma olhadela especulativa.

– Queres vir dar uma volta de mota? É bastante longe, mas ofereço-te o almoço quando lá chegarmos.

– Chegarmos a onde?

– É segredo. Vais ter de esperar.

Sara voltou a contemplar o Mediterrâneo.

– Oooh, não sei...

– Sara, por favor. – Nate percebeu de repente que suplicava. Precisava de contar a alguém e Sara parecia a única pessoa disponível. – Tenho uma coisa para te mostrar, uma coisa muito especial e gostaria que me desses a tua opinião.

Surpreendida, Sara virou-se para olhar para ele.

– Verdade? Estás a dizer que queres que te *ajude*?

– Só a tua opinião. Conto-te mais quando lá chegarmos.

Sara corou de prazer. Nunca ninguém lhe pedia a opinião, exceto no trabalho, claro, onde sabia tudo o que havia a saber e era árbitro em qualquer tomada de decisão.

– Creio que ia gostar disso, Nate.

Depois, com um olhar duvidoso para o vestuário que usava:

– Devo ir mudar de roupa?

– Estás perfeita. – Agarrou-lhe na mão. – Vamos, Sara Strange, vamos embora.

Sara foi a maior parte do caminho com os braços enrolados em desespero à volta da cintura de Nate. Os joelhos tremiam-lhe quando entraram por fim a estrondear numa aldeia encarrapitada no topo da face íngreme da rocha.

– Onde estamos? – guinchou, descendo agradecida da *Ducati*.

Nate conduziu-a a um café e, sem perguntar, pediu duas bicas. De pé, lado a lado, ao balcão, emborcaram o café forte e depois ele disse:

– E agora, o que queres?

– Água – respondeu, ainda a ofegar.

Nate fez o pedido.

– Era isto que querias que eu visse? – Sara examinou a pequena aldeia escarpada, com as suas ruas estreitas que partiam da praça. – E onde me vais levar a almoçar? – O estômago roncava, não tivera sequer tempo para o pequeno-almoço naquela manhã.

– Deixa-me primeiro mostrar-te o meu segredo.

Pegando-lhe na mão, Nate levou-a para fora do café e por uma daquelas ruas estreitas acima. Minúsculas vielas terminavam numa queda abrupta para

o vale e as casas estavam muito juntas umas das outras, todas em fila. Nate parou na que ficava mesmo no fim, no topo da rua acidentada. Tirou uma chave do bolso, abriu a porta e afastou-se para Sara entrar.

Ela lançou-lhe um olhar intrigado.

– Aqui?

– Sim.

– Mas quem vive aqui?

– Ninguém. Ainda.

– Espera aí um segundo, tu não... quer dizer, não estás a dizer que *compraste* esta casa?

– Vi-a ontem e comprei-a logo. E agora quero que me digas se fiz bem.

– Quer dizer que compraste a casa? *Assim, sem mais nem menos?* Mas fica aqui, tão longe. E tu vives em Manhattan. E então o teu trabalho? Quer dizer, é quem tu és, não é?

– Sabes que mais, Sara Strange... – Nate empurrou-a para subir o degrau e entrar na casa – ... tu e eu temos muito mais em comum do que eu pensava. Nenhum de nós parece ter muita certeza de quem é.

Encontravam-se no pequeno átrio quadrado a olhar em volta. Paredes de pedra exposta; vigas branqueadas; soalhos de madeira pálida e um brado de cor de um minúsculo lavabo de tijoleira vermelha. Uma escadaria moderna de calcário branco ascendia em espiral quatro pisos até a um teto envidraçado e subiram-na juntos.

Havia uma divisão em cada piso. Primeiro uma sala de estar com vigas que se abria para um pátio de gravilha com uma pequena mesa e cadeiras de ferro, parecendo qualquer coisa retirada de um filme francês. A vista abarcava o vale inteiro, um mosaico de vinhas e quintas de antigamente, agora convertidas em *villas* caras salpicadas de piscinas de um azul-escuro. O soalho era de madeira pálida e os sofás italianos, baixos e modulares, eram da cor do mel, com enormes almofadas laranja.

O terceiro piso consistia de uma cozinha e casa de jantar, equipada com o sistema imaculado de aço inoxidável *Bulthaup* e com uma grande mesa de vidro e cadeiras *Eames* cor de laranja. O quarto piso fora dividido num quarto mais pequeno e numa casa de banho com chuveiro e o quinto e último piso era o quarto principal com casa de banho completa.

Aí uma fila de janelas abria-se para uma pequena varanda com um par de cadeirões de espuma *Philippe Starck* em vermelho, uma pequena mesa de aço

e floreiras com vegetação. A cama baixa tinha uma base de pele preta e a casa de banho era uma sinfonia modernista em azulejos brancos. Não havia tapetes, nenhuns ornamentos de qualquer tipo, nada que suavizasse a beleza simples do novo espaço no velho cenário original.

Sara encontrava-se no meio do quarto, a dar voltas e voltas para absorver tudo: o diferente mobiliário, as cores primárias, as vigas mestras, as paredes de pedra, as janelas largas; a vista mágica que se estendia para além do que conseguia alcançar.

– Quase que estou à espera de encontrar aqui a Estrada de Tijolos Amarelos! – exclamou, impressionada.

– Então gostas? – Nate estava surpreendido por se sentir tão ansioso com a resposta dela.

– Gostar? Nate, é *maravilhosa*.

Nate soltou um suspiro de alívio e, pela primeira vez naquele dia, permitiu-se um sorriso.

– Só que... bem, quero dizer, tipo, não consigo acreditar que tenhas *comprado* mesmo a casa.

Para dizer a verdade, nem Nate. Encolheu os ombros como se não fosse nada de especial.

– Apaixonei-me – afirmou.

– Eu também uma vez, mas não era a resposta.

– Uma casa é menos complicado que um amante – retorquiu ele.

Sara riu-se, rodopiando outra vez, encantada.

– Nate Masterson, não te conheço muito bem, de facto mal te conheço, mas diria que foi a melhor coisa que já fizeste. É simplesmente perfeita. – Virou-se para ele. – Mas o que vais fazer aqui? Quero dizer, tipo, sozinho? No inverno e tudo isso?

Nate ainda sorria quando lhe pegou na mão e a conduziu outra vez pelas escadas em espiral mais fantásticas que já vira até à velha rua calcetada. Fechou a porta, meteu a chave no bolso e guiou-a até à *Ducati*.

– Vamos conversar sobre o assunto durante o almoço. Com os meus novos amigos.

Sara não levou mais do que um minuto a apaixonar-se de novo, desta vez pela azenha miniatura entre as árvores, no ribeiro impetuoso com os patos bamboleantes e o restaurante simples. E por Malcolm e Roger e os seus espantosos *hors d'oeuvres*. Por esta altura, já não estava nada surpreendida

por Nate ter comprado a casa.

– Já fui empregada de mesa – disse descontráida a Nate, quando a empregada de cabelo escuro trouxe mais pão.

– Já? Onde?

– Na cadeia de restaurantes Hooters.

Nate ficou de queixo caído; estivera à espera que ela referisse o café da terra.

Sara riu-se.

– Estou a brincar. Era um restaurante de bifes. Trabalhava para pagar a faculdade. Formei-me em gestão. Imagina lá.

De facto, Nate podia imaginar. Havia uma cabeça muito equilibrada sob todas aquelas inseguranças.

– Encontrei o teu paraíso – continuou Sara, provando as lentilhas verdes minúsculas e molhando um pedaço de *baguette* no aipo vermelho.

– Encontrei – respondeu Nate, observando-a.

Pela primeira vez, perdera as suas inibições e timidez e estava apenas a divertir-se. Talvez fosse aquele sítio, aquela parte mais acidentada da Provença que revelava o melhor nela, como acontecera com ele, embora ainda mal conhecesse a região. Mas conheceria. Estaria ali ao sol do verão, como agora, e outra vez no inverno quando o vento gelado soprasse e sabia que o ar saberia a vinho, tão limpo e tão puro que pareceria que se podia planar na Lua. Ou pelo menos numa estrela.

– Só te contei a ti – declarou.

Ela levantou os olhos, surpreendida.

– Nem sequer a Belinda?

Nate riu-se.

– Especialmente não a Belinda.

Sara riu-se com ele. Sabia que por aquela altura Belinda teria contado a toda a gente no mundo o segredo de Nate. Ou, pelo menos, a toda a gente que conhecesse.

– Então não lhe vamos contar – sussurrou.

– Não vamos. – Nate sorriu-lhe. Estava a divertir-se. – Estou a planear manter o meu emprego, claro – continuou, embora, de facto, não tivesse refletido muito em nada, para além da compra por impulso da casa. – Agora será diferente, não estarei envolvido de forma tão onnipotente no que faço.

– Agora podes escapar – disse Sara, com uma onda de nostalgia na voz que

trespassou o coração de Nate.

– Ei, o que se passa? – perguntou com doçura desta vez.

– Tenho de partir em breve. Na próxima semana. De volta ao Kansas. Não é o Kansas que representa o problema – acrescentou apressadamente. – Adoro o sítio onde nasci. É lindo, as pessoas são simpáticas. Aliás, toda a gente tem de vir de algum lugar. De onde és tu?

Nate encolheu os ombros, como se não quisesse falar sobre o assunto.

– Nasci em Brooklyn, fui criado em New Jersey – respondeu com rapidez.

– Bolsa para a universidade Colgate, depois especialização em gestão. Os meus pais morreram quando lá estava. Num acidente de viação. – Encolheu outra vez os ombros quando Sara mostrou uma expressão compreensiva. – Não tenho mais família. O trabalho tornou-se a minha razão de ser. E gostava.

– Até agora – replicou Sara.

– Até agora.

– Eu tenho um emprego razoável e sou muito boa no que faço. Sou responsável pelos recursos humanos no centro médico, ponho toda a gente na linha. Nem fazes ideia como consigo ser mandona. – Riu-se com pesar. – É só na minha vida pessoal que sou tão estúpida.

– Não és nada estúpida. – Nate serviu-lhe um copo de vinho, embora ele não estivesse a beber. – És uma jovem inteligente e muito atraente. O problema é que nunca deixas que nenhuma dessas qualidades transpareça. Cruzas os braços de forma defensiva sobre o peito; arqueias os ombros e deixas o teu belo cabelo esconder os teus grandes olhos castanhos e o teu rosto bonito.

Chocada, Sara ruborizou-se de novo.

– E nunca conheci uma mulher que corasse – continuou Nate.

Sara fez uma careta.

– Restos da minha infância.

– Então o que vais fazer no Kansas? Vais voltar para o mesmo emprego, a mesma velha rotina?

Sara assentiu.

– Mas não para o mesmo namorado.

Nate riu-se.

– Está na hora de ir embora – disse quando Malcolm e Roger se aproximaram para dizer adeus.

– Até breve – gritou Malcolm, sobrepondo-se ao ruído da *Ducati* quando aceleraram e partiram.

BERTRAND ENCONTRAVA-SE SOZINHO. O pai de Little Laureen levava-a algures para passar o dia e, ao final da tarde, ainda não tinham regressado. Sentia a falta dela.

Incapaz de aguentar a ideia de outro jantar solitário sem a perspectiva de a ver, na sua mesa de canto sob o escrutínio dos outros comensais e dos seus filhos curiosos, foi à cozinha e perguntou se podia, por favor, levar antes uma sanduíche.

O próprio *sous-chef* a arranjou: frango com tomate e um molho *pesto* numa mini *baguette*. Uma garrafa de *Orangina* e Bertrand lá partiu a caminho do seu covil.

Os lagartos tinham saído para aproveitar os últimos raios do sol quando este se pusesse. Bertrand esquecera-se de trazer a capa e os binóculos e resolveu que voltaria mais tarde para os ir buscar. Andara a negligenciar o diário e era tempo de mais algumas Experiências Científicas, embora não, decidiu apressado, a Chez La Violette.

Mastigando a sanduíche estaladiça, pensou no que Laureen dissera na noite anterior. Sabia que não havia quadros na *villa*, nem sequer uma gravura pendurada na parede. Mesmo assim, talvez os ladrões tivessem escondido as coisas num sítio qualquer, até que a agitação em torno do roubo abrandasse e pudessem transportá-los em segurança para onde quer que fosse que as obras de arte roubadas fossem levadas.

A sanduíche sabia maravilhosamente bem. Desejou ter trazido mais. A última luz desvanecia-se do céu, deixando aquela cor azul néon que sabia, lembraria mais tarde, quando estivesse trancado nalgum frio colégio interno mais para norte, e seria transportado de imediato daquele mundo mau para este mundo bom.

Bertrand adorava o Sul de França e adorava Saint-Tropez. Havia ali qualquer coisa que o atraía. Talvez fosse porque viera aqui passar as férias durante quase toda a sua vida, embora tivesse apenas onze anos. Devido às

suas Explorações Científicas noturnas, sentia que conhecia os habitantes, as suas casas, a sua maneira de viver. Só desejava saber se haveria mesmo um fantasma em Chez La Violette.

Deitou-se na erva escassa. Pequenas rochas picaram-lhes as costas e remexeu-se até encontrar uma posição confortável. Depois os olhos fecharam-se e adormeceu.

Bertrand não tinha bem a certeza do que o acordara, alguma espécie de ruído. Sentou-se e olhou em volta. O mostrador luminoso do relógio disse-lhe que eram cinco da manhã. O horizonte estava a começar a ficar cinzento e as luzes dos barcos de pesca tinham desaparecido. Bertrand sabia que já estariam de regresso ao porto, a separar, limpar e vender o produto da sua faina. No entanto, ainda se via uma luz lá ao fundo. Aproximava-se. Uma lancha escura e esguia e, pelo troar do motor, bastante potente. Rodopiou para a costa e depois desligou o motor, baloiçando perto das rochas por baixo do monte de Bertrand. Desejou ter os binóculos consigo. Curioso, rastejou sobre a barriga até ao sítio onde o monte descia sobre o mar.

O barco era uma beleza, negro, com quinze ou mais metros, calculou, com uma pequena cabina com janela. Uns degraus desciam da popa para um bote que oscilava atrás. As habituais luzes vermelhas e verdes tinham sido desligadas. De facto, a única luz provinha da minúscula cabina, através de cujas janelas Bertrand conseguiu à justa entrever duas pessoas. Depois essa luz apagou-se também.

Esforçou-se por ler o nome do barco, mas estava demasiado escuro e, aliás, balouçava como se ninguém o estivesse a controlar.

De repente, saiu da cabina uma mulher seguida por um homem. O cabelo dela ondulava como o barco no vento súbito e o vestido comprido flutuava em redor das pernas. O homem avançou para ela. Agarrou-lhe o ombro e ela empurrou-o com violência.

Gritava agora e o vento transportou-lhe a voz até à costa.

– Vou contar tudo o que sei – ouviu-a Bertrand dizer.

O homem riu-se, trocista.

– Cá está a tua fatia da culpa – disse, estendendo-lhe qualquer coisa.

Ela hesitou, aproximou-se, arrancou-lha das mãos e enfiou-a na sua mala.

Depois as vozes perderam-se no vento e Bertrand não percebeu o que

disseram. Mas viu a mulher correr para a popa, puxar o escaler, içar as saias compridas e entrar desajeitadamente no bote. Remexeu no motor fora de borda e, sem olhar para trás, partiu em direção a Saint-Tropez.

Os motores da lancha animaram-se, trovejando como um leão e sobressaltando Bertrand. Depois virou-se também para o mar. Em segundos chegara ao pé do bote. Bertrand não viu o que aconteceu a seguir, mas depois os motores trovejaram mais fortes e a lancha acelerou mar adentro.

Quando os borrifos do seu rasto acalmaram, Bertrand olhou com mais atenção. A lancha já se encontrava longe, avançando a toda a velocidade paralela ao horizonte. O ventinho que vinha com a madrugada encrespava a superfície da água. Não havia sinal do bote. Nem da mulher.

Bertrand soltou uma exclamação horrorizada. O homem abalroara-a? *Assassinara-a?*

Abanou a cabeça com violência. Não, não, claro que não. Com toda a probabilidade apanhara a mulher da água... Bertrand não conseguira simplesmente ver, era tudo, o barco estava demasiado longe...

Olhou uma última vez e depois, aterrorizado, correu o mais depressa que conseguiu de volta ao hotel. Nunca falaria sobre aquele assunto. Nunca poderia contar a ninguém o que pensava ter visto. Porque claro que o imaginara apenas. Não fora?

MAC NÃO CONSEGUIA DORMIR. Levantara-se com as galinhas e examinava o escaparate dos jornais no vestíbulo. Era demasiado cedo para os jornais terem sido sequer entregues. Olhou lá para fora através das portas envidraçadas. O céu apresentava uma tonalidade cinzenta, ainda sem nenhum toque de azul; demasiado cedo para o Sol se ter erguido. Mesmo assim, um passeio pela praia na madrugada fresca seria tonificante, desanuviar-lhe-ia a cabeça confundida, dar-lhe-ia tempo para refletir nas coisas. Porque as coisas por ali estavam sem dúvida a ficar complicadas.

Deu um puxão nas trelas dos cães.

– Vamos lá, rapazes – disse, encaminhando-se para as portas, no preciso momento em que o jovem Bertrand Olivier disparou por elas adentro, de olhos arregalados, rosto pálido, o cabelo eriçado. – Bertrand!

A voz saiu-lhe mais áspera do que pretendia, mas estava alarmado. O seu primeiro pensamento foi o que andaria o miúdo a fazer lá fora às cinco e meia da manhã? Depois, o que sucedera para o assustar?

Bertrand hesitou. Por uma fração de segundo, o seu olhar cruzou-se com o de Mac, mas depois passou por ele apressado.

Mac agarrou-lhe o ombro.

– Ei, meu, o que se passa?

Em pânico, Bertrand livrou-se da mão e correu para as escadas. Correu pelo corredor até ao quarto, remexeu a chave na fechadura, conseguiu por fim abri-la, deslizou lá para dentro e trancou a porta atrás dele.

Encostou-se à porta, com o coração a bater-lhe na garganta. Tirou os óculos e atirou-os para o chão. Se fosse mesmo cego, nunca teria visto o que acreditava ter visto. Não podia contar a ninguém. Ninguém. Sobretudo não a Mac Reilly. A polícia viria, far-lhe-iam perguntas, levariam os seus binóculos, talvez até acreditassem que ele matara a mulher. O corpo dela apareceria com certeza à superfície dali a pouco tempo, saberiam que fora assassinada. Depois pô-lo-iam na cadeia, a mãe diria que ele a desgraçara...

os enteados substituí-lo-iam... ele não fazia parte da família...

Ainda com as costas apoiadas na porta fechada, deslizou para o chão, joelhos sob o queixo. Pensou em Laureen. Era amiga dele. Talvez houvesse afinal alguém a quem pudesse confessar. Era um risco, mas um risco que, decidiu, teria de correr. Se perdesse a amizade de Little Laureen, iria simplesmente para a cadeia e nunca mais se queixaria. Não haveria mais nada de que se queixar. Mais ninguém com quem falar.

Mac levou os cães mesmo até à ponta, deixando-os correr à vontade, atirando uma bola para a água e vendo *Pirate* a esforçar-se por nadar, abanando as duas pernas da frente como se fosse normal, ao passo que *Tesoro* saltava para trás sempre que uma pequena onda lhe tocava apenas nas patas delicadas.

O encontro com Bertrand perturbara Mac. O rapaz nem sequer parara para dizer olá a *Pirate* e Mac sabia que o adorava. Bertrand estava muito assustado. Mac percebera-o nos olhos do rapaz, embora meio escondidos atrás dos óculos enormes; pressentira a força do seu medo no corpo tenso; vira a adrenalina que o impelira pelo vestíbulo adentro como se viesse algum demónio atrás dele. Mac sabia tudo sobre o medo, ele próprio o sentira quando confrontado com uma situação perigosa da qual aparentemente não existia saída; e sabia que era esse tipo de medo que detetara em Bertrand.

Continuou a observar *Pirate* a atirar a bola ao ar e *Tesoro* a lambe de forma delicada o sal das patinhas perfeitas. Olhando por cima do ombro, avistou o telhado de Chez La Violette. As janelas da *villa* reverberavam um cinzento turvo, nem sequer refletindo a súbita explosão de luz do Sol que iluminou o céu, transformando-lhe a cor de pérola em opala, em rosa-claro. Depois uma sugestão de verde, um toque de turquesa e, por fim, um azul-celeste límpido e sem nuvens que se encontrava com o Mediterrâneo numa parábola encantadora. Só faltava um arco-íris para se converter num cenário de sonho encantado para um pintor.

Mas aquilo não era um país encantado. E Chez La Violette não era nenhum sonho. De alguma maneira, aquela casa encontrava-se no âmago de todos os problemas de Mac e, virando-se para regressar, decidiu fazer por fim alguma coisa sobre isso.

De volta ao hotel, Renée encontrava-se de novo na receção.

– *Bonjour, Renée.* – Mac parou para escolher os jornais que tinham sido

entregues enquanto ele estivera na praia. – Acordou cedo hoje.

– *Oui, Monsieur Reilly*. Caroline ainda não voltou de Avignon e estou a substituí-la.

– É uma boa amiga, Renée.

– Não propriamente, *monsieur* – sorriu ela. – Não conheço Caroline muito bem, mas lamento que a mãe esteja doente.

– Ah, sim, a mãe – retorquiu Mac, pensativo, dirigindo-se para o seu quarto –, a bela adormecida.

Passou pelo quarto de Bertrand e estacou um minuto a pensar se deveria bater e perguntar ao rapaz o que se passava. Ouviu o ruído do chuveiro e decidiu adiar para mais tarde; talvez então o rapaz já se tivesse acalmado e estivesse mais disposto a falar.

O café da manhã, conservado quente no recipiente térmico metalizado, fora entregue num tabuleiro à porta, com o habitual cesto de pãezinhos doces e *croissants*. A perdição de Sunny, recordou com um sorriso levando o tabuleiro para dentro do quarto e depois lá para fora para a pequena varanda, onde o perfume fresco das rosas o atingiu com toda a força e o brilho do mar prometia umas boas férias.

Que férias!

Voltou ao quarto. A pintura antiga continuava apoiada na mesa junto à cama. Tinha de admitir que se parecia muito com Chez La Violette.

Sunny estava deitada de costas, mal coberta por um lençol branco enrodilhado, os braços por cima da cabeça, as palmas rosadas viradas para fora, a cabeça virada para um dos lados sob uma desordem de cabelo escuro e brilhante, a frisar ligeiramente por causa da humidade.

Mac prometeu a si mesmo não mencionar o frisado; sabia que Sunny ficaria louca.

Os lábios cheios encontravam-se entreabertos e as pálpebras estremeciam como se estivesse a sonhar, fazendo as pestanas compridas vibrar. Se não a conhecêssemos, juraríamos que as pestanas de Sunny eram falsas. Mas não havia nada falso naquela rapariga. Tudo em Sunny era genuíno, incluindo a sua alma luminosa.

Mac deixou-a dormir, voltou à varanda, serviu-se de café, sentou-se, apoiou os pés numa cadeira, mordiscou um pãozinho doce e abriu o jornal. De momento, tudo estava calmo.

BERTRAND DEIXOU A ÁGUA GELADA derramar-se pelo rosto e sobre as pálpebras inchadas, arrefecendo-lhe a cabeça que parecia ter duas vezes o tamanho normal, de tão cheia de pensamentos maus.

Meia hora mais tarde, seco e mais calmo, vestiu um polo lavado, branco, da pilha limpa que a empregada deixara sobre a cadeira. Passou a gravata de seda às riscas azuis pelos calções cinzentos moles e atou-a num nó firme por cima das ancas ossudas. Contemplou-se no espelho. Não parecia nada diferente do rapaz que fora no dia anterior. Só que sabia que era. Alguma coisa, que nunca antes reconhecera como inocência, tinha desaparecido.

Penteou o cabelo loiro molhado, achatando-o contra o crânio, limpou os óculos num canto do lençol da cama, voltou a empoleirá-los no nariz pontiagudo e enfiou os pés nos ténis lamacentos.

Verificou os números iluminados a verde no relógio. Eram quase oito e meia. Seria demasiado cedo para acordar Laureen? Pensou naquilo, mas encolheu os ombros. Não interessava, não conseguia esperar.

Abriu a porta e espreitou para o corredor. A empregada, algumas portas abaixo com o seu carrinho, acenou-lhe e ele ergueu a mão em resposta. Fechando a porta com cuidado, embolsou a chave e encaminhou-se tão silencioso quanto possível pelo corredor para o quarto de Little Laureen. Colou uma orelha à porta. Ouviu música de desenhos animados. A televisão devia estar ligada. Bateu à porta.

Laureen abriu logo. Envergava um pijama cor de laranja, tipo calções largos e um *top* solto e o fio com o coração de prata que nunca tirava. Era a primeira vez que Bertrand a via com outra coisa vestida que não um *tutu*. Exceto quando a vira de roupa interior quando tinham ido nadar, mas isso fora diferente. O cabelo espetava-se em duas minitranças e tinha as faces rosadas do sono.

– Oh! Olá. O que queres? – perguntou Laureen.

Bertrand corou. Cometera um erro. Não devia ter vindo, ela não queria vê-lo.

– Eu... eu... que-que-queria... fa-fa falar contigo...

Estava a gaguejar muito. Laureen pressentiu que alguma coisa se passava. Fitou-o com mais atenção, viu-lhe os olhos inchados e vermelhos.

Virando-se para dentro do quarto, enfiou os pés nas chinelas de dedo e depois pegou-lhe no braço. Desceram o corredor e as escadas, atravessaram o vestíbulo e saíram pelas portas de vidro abertas.

Surpreendida, Renée viu passar o estranho par. «Miúdos», pensou, com um sorriso e voltou ao seu computador. Naquele dia chegavam mais hóspedes e estava muito ocupada.

Marco, o paquete, encontrava-se de serviço, nos degraus, à espera dos hóspedes que iam fazer o *check-out* e, depois, dos que fizessem o *check-in*. Sorriu quando viu os dois passar muito depressa como se esperassem que ninguém reparasse. Estranho, pensou, limpando outra vez as portas de vidro.

No bar de praia pintado de azul, o cozinheiro levantou os olhos do café expresso que preparava e viu-os, bem como o seu cliente, um homem de Paris, ele próprio pai de duas crianças. Cruzaram olhares e sorriram, observando a menina e o rapaz a patinarem pela água, ainda de sapatos. «Miúdos», disseram.

Mais tarde, Laureen perguntou:

– Bertrand?

– Sim.

– O que se passa?

Bertrand não arranjava coragem para lhe contar. E se ela não acreditasse nele? E se ela dissesse que ele cometera o homicídio e que era por isso que sabia? Tentando ganhar ânimo, apontou para uma grande rocha onde a ponta de terra perto de Chez La Violette se encontrava com o mar.

– Quando ali chegarmos, talvez te conte.

Laureen assentiu. Respeitava o silêncio dele.

Os passos de Bertrand abrandaram. A rocha estava cada vez mais perto. Em breve teria de confessar.

– Cá estamos. – Laureen instalou-se numa placa de rocha que se projetava sobre a água. – Oh, olha, Bertrand – gritou, debruçando-se. – Olha, consegue ver todos os peixinhos. Ora, é tão transparente que até se vê o fundo.

Bertrand inclinou-se para ver. Peixes minúsculos precipitavam-se para dentro e para fora das fendas e o fundo arenoso estava enrugado com o cabelo ondulado de uma mulher.

Laureen meneou-se mais para a frente, com a cabeça saída por cima da água.

– Sinto-me como uma sereia! – exclamou, abrindo os braços e sacudindo as pernas a imitar a mulher-peixe.

Depois perdeu o equilíbrio. Agarrou-se a Bertrand, que se agarrou à rocha. Juntos, oscilaram na beira. Bertrand segurava na rocha com uma mão e em Laureen com a outra. Deu-lhe um enorme puxão para trás que a fez rodopiar.

– Ai! – exclamou ela, zangada. – Isso doeu.

Bertrand fitou-a furioso. Ela não percebia que ele a tinha salvado.

Depois Laureen gritou aflita. Os dedos tatearam à procura do fio. Procuraram mais um pouco. Gritou outra vez.

– Bertrand! *O meu fio. Desapareceu.*

Bertrand fitou-lhe o pescoço vazio. Depois os olhos com uma expressão apagada. Vazios como o céu azul. Laureen perdera o que, para ela, era a coisa mais preciosa do mundo. Bertrand esticou outra vez a cabeça por cima da beira. A água era tão límpida como vidro, mas não havia sinal do fio. Ergueu a cabeça e olhou para Little Laureen. Esta ainda agarrava o pescoço nu, os olhos apagados de pânico.

Levantou-se. Despiu o polo branco, descalçou os ténis e tirou os óculos.

– Vou saltar para ver se o encontro – disse e mergulhou da crista para a água pouco profunda.

– Oh! – berrou Little Laureen. – Oh, Bertrand! – Depois saltou para a água atrás dele.

Encontraram-se face a face sob a água translúcida, que lhes punha a pele esverdeada. O cabelo comprido de Bertrand flutuava esticado para cima. Os olhos pareciam enormes. Agarrou no braço de Laureen e bateu os pés com força, espadanando-os para cima como rolhas a sair de uma garrafa de champanhe.

Erguia o fio, triunfante, por cima da sua cabeça.

– Encontrei-o, *Petite Laureen* – gritou. – Encontrei-o.

Sentando-se na beira da rocha, Laureen inclinou-se e beijou-o no rosto. As suas lágrimas misturaram-se com a água do mar. A mãe pusera-lhe aquele fio ao pescoço. Tinham-no comprado juntas na *Tiffany* da última vez que a mãe

fora capaz de sair. Depois, levava Laureen a almoçar, usando em triunfo o seu novo fio e permitira que deixasse de lado a salada e comesse apenas batatas fritas e um batido de chocolate. A mãe bebera um chá de limão e tinham conversado de tudo um pouco. Bem, não de tudo. Laureen sabia isso agora. Dois meses depois a mãe morrera.

Laureen olhou para Bertrand.

– Foi porque não estava a usar o meu *tutu* – disse.

Bertrand abanou a cabeça, confundido.

– Foi o quê?

– Perder o fio. A mamã não me podia proteger porque não sabia onde eu estava. Sem o meu *tutu*, não me conseguia encontrar.

Bertrand entendeu. Little Laureen acreditava mesmo que a mãe tomava conta dela lá do céu e que a conseguia avistar estivesse ela onde estivesse por causa do *tutu* de cor garrida.

Estendeu o fio e pediu:

– Deixa-me pôr-to.

Laureen inclinou a cabeça e Bertrand fez deslizar o fio à volta do pescoço dela, endireitando a corrente fina de prata, centrando o coração na concavidade da garganta. Com algum esforço, conseguiu apertar o fecho e depois recostou-se para trás a examinar o seu trabalho. Laureen soltou um suspiro agradecido e sorriu-lhe.

– Vou entrar na água outra vez – declarou Bertrand. – Vi outra coisa lá em baixo. – E saltou da rocha.

Laureen agachou-se na beira, espreitando ansiosa. A areia tinha sido remexida e a água já não estava límpida. Ficou contente quando viu a forma de Bertrand a contorcer-se. E depois ele veio outra vez à superfície, a cuspir água.

– Olha o que encontrei. – Erguia qualquer coisa.

Ela inclinou-se e apanhou-a.

Era uma mala de mão. Branca e com o logótipo *CC* que, sendo uma criança texana, Laureen sabia significar *Chanel*.

Bertrand içou-se para a rocha ao lado dela. Laureen remexeu no fecho e abriu a mala. Atónitos, olharam para o respetivo conteúdo e depois um para o outro.

– Euros! – exclamou Bertrand em voz abafada.

– Toneladas deles. – Laureen tocou com um dedo nas notas molhadas. –

Achado não é roubado – afirmou. – Como uma espécie de recompensa.

Mas Bertrand sabia o que aquilo era. Era o que o homem no barco dera à mulher antes de a matar. Eram a sua «fatia da culpa». Com um grito de pânico, arrancou a mala a Laureen e lançou-a pela praia.

Não reparara em *Pirate* que galopava na direção deles. Ansioso por um jogo novo, o cão apanhou a mala com os dentes e começou a sacudi-la. Euros molhados giraram no ar, assentando, saturados de água, na areia.

– Ei, meu – disse Mac para Bertrand. – O que se passa?

ERA A PRIMEIRA VEZ que Mac via Little Laureen sem o *tutu*. De facto, a menina parecia estar a usar um pijama. E estava encharcada. Bertrand também e usava apenas calções. Mac sorriu. Pelo menos, não tinham ido tomar banho nus.

Mas agora não era apenas Bertrand que parecia assustado; eram ambos. Evitavam olhar para ele e observavam *Pirate*, que estava entretido com um jogo fantástico, a atirar bocados de papel ao ar.

Mac apanhou um dos papéis na sua descida e alisou-o com os dedos. Era uma nota de quinhentos euros. Olhou para o resto do dinheiro espalhado pela areia como confeitos num casamento e depois para as duas crianças que o fitavam, circunspectas.

– É melhor descerem daí e apanharem isto – disse.

A voz tinha uma intensidade fria que levou as crianças a porem-se rapidamente de joelhos, as mãos a precipitarem-se para as notas. Mac observou-os em silêncio quando vieram depositar a pilha molhada à frente dele.

– E a mala.

Bertrand correu a ir buscar a mala de mão branca à rocha para onde *Pirate* a atirara. Pensando que ia haver outro jogo, *Pirate* ganiu e lambeu-lhe o rosto. Bertrand engoliu as lágrimas. Apetecia-lhe chorar, mas era um rapaz e os rapazes não choravam. Pelo menos, não com frequência. Pousou a mala com cuidado ao lado da pilha de notas.

Vendo-lhe o rosto jovem tão tenso, o coração de Mac enterneceu-se. Não sabia o que raio aquele par andara a fazer, mas Bertrand estava mais assustado do que qualquer miúdo da sua idade deveria estar.

– *Okay*, levantem-se.

Ergueram-se os dois devagar e ali ficaram a sacudir a areia. A água pingava da ponta do nariz de Bertrand e das tranças pequenas de Little Laureen.

Mac pegou neles pelas mãos.

– Venham comigo. – Conduziu-os para a rocha onde tinham estado. – *Okay*, vamos sentar-nos aqui e vão contar-me exatamente o que se passa. Começemos por ti, Bertrand.

Bertrand engoliu em seco. Lançou uma olhadela a Laureen à procura de apoio e ela assentiu:

– Conta-lhe.

– Eu estava no meu covil – começou Bertrand.

Laureen fitou-o, surpreendida. Pensara que ele ia falar do dinheiro. Traduziu para Mac:

– Bertrand está a referir-se ao seu sítio secreto, para onde vai para ficar sozinho. Fica num pequeno monte que dá para o mar.

– Adormeci – continuou Bertrand. – Quando acordei, os barcos de pesca tinham desaparecido. O céu estava escuro, tipo cinzento-escuro, e percebi que vinha aí a madrugada. Olhei para o meu relógio. Eram cinco horas.

Mac recordava-se de Bertrand a correr, de olhos arregalados, pelo vestíbulo do hotel às cinco e meia dessa manhã.

– Viste qualquer coisa lá no mar – adivinhou, querendo tornar as coisas mais fáceis.

Bertrand assentiu.

– Uma lancha. Grande, talvez com quinze metros, preta, ou pelo menos mais escura do que a madrugada. E potente. Foi o motor que me acordou, com o rugido de um leão.

– Um barco leão – disse Little Laureen, espantada.

Tinha os joelhos encolhidos debaixo do queixo e os braços em volta deles, enrolada sobre si mesma, a tentar parecer mais pequena, para Mac não reparar talvez que ela ali estava. Não tinha a certeza do que ia acontecer, mas fugir parecia uma boa ideia. E sentia-se culpada, estivera prestes a roubar aqueles euros para ajudar Bertrand a escapar da mãe.

– E depois? – instigou Mac, os olhos ainda fixos no rapaz.

– O barco aproximou-se das rochas. Não tinha luzes de navegação, só uma luz no salão. Vi um homem e uma mulher. Depois ela correu para o convés.

A voz vacilou ao contar a Mac como a mulher ficara ali com o vestido comprido a voar contra as pernas, como o homem lhe atirara com qualquer coisa e ela a enfiara na mala. O homem dissera que era a parte dela na culpa, a rir-se.

Bertrand silenciou.

– E então que aconteceu, Bertrand? – insistiu Mac.

– E então ela disse que contaria tudo... e saltou para o bote e pôs o motor a trabalhar. – Bertrand colocou as mãos em frente da cara. – A lancha foi atrás dela. Com muita velocidade. Alcançou-a. Não vi o que aconteceu, mas depois a lancha partiu e o bote desaparecera.

Bertrand lançou a Mac um olhar impotente.

– Acho que ele a afogou.

Laureen soltou um grito e depois bateu com a mão na boca. Os olhos azuis horrorizados fitaram Bertrand.

– Ainda não sabemos – retorquiu Mac, querendo acalmar Bertrand. – Viste o nome do barco?

Bertrand abanou a cabeça.

– Não tinha os meus binóculos e não conseguia ver bem só com os meus óculos e no escuro.

Mac agarrou na mala de mão de pele branca. Também sabia reconhecer um logótipo da *Chanel*. E, além disso, já vira aquela mala antes.

– Monsieur Reilly? Agora vão levar-me para a prisão? – Bertrand parecia resignado. Little Laureen pôs-lhe uma mão no ombro e apertou-o, de forma consoladora.

– Bertrand, ninguém te vai mandar para a prisão. Não fizeste nada de errado.

– Estávamos a pensar em roubar o dinheiro – replicou Bertrand.

– Mas era só para podermos pagar a conta do hotel de Bertrand e assim ele nunca teria de ir para o colégio interno e nunca mais teria de ver a sua cruel mãe.

Laureen defendia o amigo e Mac gostou daquilo. Gostava daqueles miúdos excêntricos. Entretanto, tinham-lhe arranjado um dilema. Era óbvio que teria agora de ir à polícia contar-lhes a história.

Mas primeiro tinha de os levar para se limparem e vestirem roupas secas. Contaria a Sunny o que sucedera antes de decidir o que fazer.

Havia grande agitação no hotel. Os dois paquetes içavam malas e ajudavam uma senhora de idade a sair do banco traseiro de um grande *Mercedes* cor de prata.

Mac pousou uma mão no ombro de cada criança, contendo-os, permitindo que o motorista ajudasse a mulher a subir os degraus baixos da entrada. Tinha muita idade, o rosto amarelado e cheio de rugas à luz franca do Sol, ao subir

com dificuldade as escadas, entrando no vestíbulo, o lenço de *chiffon* cinzento a esvoaçar como um galhardete na brisa.

Renée saiu de trás do balcão da receção e beijou a mulher de idade nas duas faces.

– Bem-vinda, Madame Lariot – disse. – O verão não fica completo sem a senhora aqui connosco. Bem-vinda de novo ao Hôtel des Rêves.

MAC ESTACOU. Virou-se para olhar para Madame Lariot. Baixinha, magrinha, como um passarinho na sua fragilidade e talvez com uns noventa anos. Não era nenhuma burlona, com esquemas para ganhar uns dinheiros rápidos. Era uma mulher de meios que, obviamente, vinha para o Hôtel des Rêves todos os verões, onde era tratada como uma hóspede distinta. *Esta* Madame Lariot era uma vítima, não uma ladra. Vítima de roubo de identidade. E apostava os seus últimos dólares que Caroline Cavalaire tinha a ver com aquilo.

– Vão tomar um duche e vestir-se – disse para os miúdos. – Depois venham ter comigo ao pátio. Tomamos o pequeno-almoço e conversamos sobre o que fazer.

Desapareceram agradecidos pelas escadas acima e Mac ligou a Sunny.

– Amor – respondeu ela com voz terna. – Tive saudades tuas.

– Podes estar cá em baixo em cinco minutos?

Qualquer coisa na voz dele fê-la suspeitar de problemas.

– Dois – retorquiu, desligando.

Os cães tinham as trelas emaranhadas. Mac desenredou *Pirate*. Pegou em *Tesoro*, que estava com uma disposição mais compreensiva e lhe deu uma rápida lambidela em vez de arreganhar os dentes.

– Obrigado – disse Mac. – Estava a precisar disso.

Sunny já corria pelas escadas na sua direção. Vestia um *top* azul sem costas e calções brancos, com o seu habitual batom vermelho da *Dior* para o dia e óculos de sol enormes.

– Desculpa, não houve tempo para um duche. – Beijou-o, deixando-lhe uma marca de batom na boca que limpou com o dedo mindinho.

– Mas um belo perfume – retorquiu Mac, abraçando-a e ouvindo *Tesoro*, esmagada entre eles, rosnar.

– É o usual. Sempre bom numa situação de falta de duche. Então o que se passa?

– Caroline Cavalaire.

Mac pegou-lhe no cotovelo e conduziu-a através do vestíbulo para o pátio já literalmente salpicado de pessoas a tomar o pequeno-almoço.

Sentaram-se na mesa que já se convertera na mesa do grupo, comprida e junto à fonte com vista para a sala de jantar interior e para o terraço. Sunny pediu café:

– *Plus fort* – disse ao empregado –, *avec du lait chaud à côté*.

– O que significa isso? – perguntou Mac, baralhado.

– Forte e com leite quente à parte. É melhor do que pedir um *crème*, podemos escolher a quantidade de leite que queremos. Bem, arrastaste-me para fora da cama por causa de Caroline? Foi outra vez apanhada a jogar?

– Desta vez, creio que foi com a vida.

Alarmada, Sunny apertou mais *Tesoro. Pirate*, como de costume, estava sentado na beira da fonte, bebendo um pequeno gole de vez em quando para se manter fresco.

Mac pousou a mala branca recheada de euros em cima da mesa.

– Já viste isto antes?

Sunny fitou a mala de mão, mas não lhe tocou.

– A mala *Chanel* de Caroline.

Abriu-a e Sunny viu os maços de notas molhadas. Olhou sem perceber para Mac.

– Bertrand estava a mergulhar das rochas, mesmo ali na praia. Encontrou-a.

– Mas... mas...

Sunny esforçava-se por descobrir uma explicação, mas Mac disse-lhe para não se dar a esse trabalho. Contou-lhe o que Bertrand vira e a questão da mulher abalroada no bote.

– Acredito que essa mulher era Caroline. E esta é a mala dela.

– Oh, meu Deus! – exclamou Sunny, horrorizada.

Mac ergueu uma mão.

– Espera até ouvires o que tenho para te dizer. Acabei de conhecer Madame Lariot.

O queixo de Sunny projetou-se para a frente, tinha os olhos esbugalhados.

– *O quê?*

– A verdadeira Madame Lariot, uma senhora com uns noventa anos e que muito definitivamente não é uma burlona.

– Quem é então?

– Uma vítima de identidade roubada. E creio que foi a nossa Caroline que a

roubou. Escuta, Sunny, Caroline trabalhava aqui no hotel, tinha acesso a toda a informação privada sobre Madame Lariot: passaporte, número de contas bancárias, número dos cartões de crédito. O que não tinha, aposto que conseguiu que Madame Lariot lhe desse. Uma senhora de idade que vinha para aqui há anos teria confiado em Caroline. Caroline sabia que Chez La Violette estava vazia. Abriu uma conta bancária em nome de Madame Lariot, fornecendo todas as referências corretas que roubara. Não havia razão nenhuma para alguém suspeitar de alguma coisa, porque Caroline nunca deu o endereço do anúncio. E depois quando nós, os felizardos, a sonhar com as nossas férias ao sol respondemos e pagámos o dinheiro, ela levantou-o e fugiu.

– Mas, Mac, a nossa burlona Madame Lariot era de meia-idade, deselegante, com cabelo castanho, óculos...

– Pois. E Joel Krendler é incapacitado e anda numa cadeira de rodas com os olhos sombreados de roxo e a pele pálida de um inválido crónico que raramente sai de casa. Não estás a ver, Sunny, o cabelo castanho, as roupas sem forma, os óculos... era tudo um disfarce.

Sunny apercebeu-se de repente do tipo de coisa terrível que acontecera.

– Oh, meu Deus – gemeu. – E agora alguém matou Caroline.

– Mas não por causa do nosso dinheiro do aluguer. Ela deve tê-lo guardado no cofre de algum banco. – Mac apontou para os euros molhados. – Aposto que estão aí pelo menos dez mil dólares. Foi outra pessoa qualquer que lhe deu isso. Bertrand referiu que o homem disse que era a parte dela na culpa. É óbvio que Caroline ameaçou contar a verdade. Mas ele apanhou-a primeiro, antes de ela ter hipótese de o fazer.

– Queres dizer que o homem abalroou o bote de propósito?

Mac assentiu.

– E agora tenho de decidir o que fazer a esse respeito. – Pensou naquilo durante um bocado. – Sunny?

– Que é?

– A nossa Madame Lariot foi a Zurique e tentou vender um quadro roubado, um Seurat, a um colecionador.

– Oh, meu Deus – ofegou Sunny, recordando-se. – Pois foi.

– Caroline era mais do que uma vigarista. Sabia como chegar às obras de arte roubadas.

– E era suficientemente estúpida para as tentar vender.

– E acredito que tenha sido apanhada pelos cúmplices – disse Mac.

– Claro que vais à polícia.

Mac refletiu naquilo.

– O meu problema é o jovem Bertrand. Está apavorado de morte, com medo que o tranquem na prisão.

– Claro que não o farão.

– Mas quero que lhe digas isso e depois vás à polícia connosco.

Sunny avistou as duas crianças que abriam caminho por entre as mesas.

– Lá vêm elas – comentou baixinho.

– *Bonjour, madame.*

Bertrand ficou de pé junto à mesa até que Sunny deu uma palmadinha numa cadeira e lhe disse para se sentar. Little Laureen estava outra vez com o *tutu* cor de laranja. Sunny passou-lhe a *chihuahua* e, preocupada, a menina pegou na cadela sem dizer uma palavra.

– *Okay* – disse Sunny alegremente. – Vamos pedir o pequeno-almoço e depois digo-vos o que vamos fazer.

– Não vão mandar Bertrand para a cadeia. – O queixo de Little Laureen estava firme e tinha os lábios comprimidos numa linha fina, preparada para pelejar.

– Não, querida, Bertrand não vai para a cadeia. Não fez nada de errado. De facto, Bertrand, és um herói. Viste uma coisa má acontecer e contaste a Mac. No final de contas, Mac é um detetive famoso. Sabias que era a ele que tinhas de contar. Depois encontraste a mala.

Apontou para a mala, ainda em cima da mesa, e viu o rapaz retrair-se. Mac retirou-a rapidamente e pousou-a em cima de uma cadeira.

– Deste a mala e o dinheiro a Mac – continuou Sunny – e ele prometeu tratar do assunto. Bem. Tudo o que temos de fazer, tu, eu e Mac é contar à polícia. – Lançou uma olhadela a Little Laureen. – Creio que não vamos precisar de ti, querida, podes ficar aqui e tomar conta dos cães por nós. Mac e eu cuidamos de Bertrand.

Sorriu para todos à mesa.

– Pronto. Está resolvido. Bertrand viu uma coisa muito má, uma coisa que sem dúvida nunca esquecerá. Mas é também uma coisa muito importante, que ajudou a resolver de forma inteligente.

Sentindo-se um pouco melhor, Bertrand limpou os óculos a uma ponta da toalha de mesa.

– Mas quem era a mulher?

Mac hesitou. Não queria perturbar o rapaz dizendo-lhe que se calhar era Caroline.

– Ainda não temos a certeza, Bertrand. A polícia é que tem de descobrir. – Era a verdade. – Tudo bem contigo? – perguntou e Bertrand assentiu. – Ótimo, então vamos pedir ovos e torradas. E que tal aquelas batatas estaladiças ou lá como se chamam neste país?

– *Pommes frites* – replicou Little Laureen, animando-se. – E posso comer umas panquecas, por favor?

MAC CONVOCARA UMA REUNIÃO GERAL dos Inadaptados para as nove dessa noite, ao jantar, no pátio. Passando pelo vestibulo a caminho do pátio, reparou que Renée fora substituída pelo homem que em geral trabalhava como porteiro da noite. Os dois paquetes estavam comprimidos num canto, de cabeças juntas, a falar em tom baixo. O empregado do bar mantinha um sorriso no rosto enquanto misturava as bebidas e servia cervejas geladas, mas a atmosfera era de preocupação.

O corpo de Caroline Cavalaire fora arrastado para as rochas mais abaixo na costa, perto de Hyères. Uma vez que não tinha parentes, o diretor do hotel fora chamado para a identificar. Uma pessoa afogada não é uma visão bonita, inchada e tumescida, a pele com uma coloração esverdeada. Mal se reconhecia a jovem como a bonita rececionista loira. O diretor fora para casa, revigorar-se com um ou dois uísques duplos, e a notícia espalhara-se entre o pessoal como um rastilho de pólvora. Ninguém sabia o que acontecera, ou porquê, apenas que a mulher com quem tinham trabalhado estava morta.

A sessão de Mac com a polícia local ajudara a esclarecer algumas lacunas, mas também colocara algumas questões. Bertrand, agarrado com força à mão de Sunny, contara a sua história e, para sua surpresa, fora louvado pelas suas ações.

– Muito bem, meu rapaz – dissera-lhe o comandante da polícia, batendo-lhe no ombro. – És um rapaz valente. A tua mãe vai ter orgulho em ti.

Bertrand sabia que não seria assim, mas tendo desabafado tudo, sentia-se melhor.

À tarde, Mac acompanhara a polícia ao apartamento de Caroline. Os trajes que usara no seu papel como Madame Lariot estavam pendurados no armário e a peruca e os óculos dentro de uma caixa. Caroline não era muito boa a esconder coisas: todos os documentos, os contratos de aluguer, os cheques cancelados, a informação pessoal sobre a verdadeira Madame Lariot, as contas bancárias, etc., estavam arrumados numa pequena secretária junto à

janela.

O guarda-fatos de Caroline estava também cheio de roupas caras que comprara com o dinheiro roubado e, num pequeno cofre de parede, descobriram uma coleção de joias, o anel de esmeraldas e diamantes que usava em geral no trabalho, os brincos de diamantes que usara na discoteca Caves du Roy, uma pulseira de diamantes e outras peças mais pequenas. Era óbvio que Caroline era uma mulher que gostava de coisas caras e a tentação de as conseguir provara ser demasiado forte.

– Serviu-lhe de muito – comentou Sunny com tristeza, quando Mac lhe contou os factos, às nove da noite, ao saírem para o pátio, onde os outros já se encontravam sentados.

Ninguém sorria, nem sequer Belinda.

– O que se passa? – sussurrou. – Parece que alguém morreu por aqui.

Mac olhou em volta, certificando-se que Little Laureen não se encontrava na mesa.

– Está a jantar com o amigo. – Billy fez um gesto de cabeça para a mesa de canto de Bertrand, onde os dois comiam grandes pratos de esparguete à bolonhesa.

– Receio que alguém tenha mesmo morrido – retorquiu Sunny e ouviu Sara soltar uma exclamação abafada.

– Foi Caroline Cavalaire – acrescentou Mac.

– A rececionista bonita? – Nate mostrou-se espantado. – Um acidente de carro?

Mac ergueu uma mão, interrompendo-o.

– Vamos mandar vir algum vinho e depois conto-vos o que sucedeu.

Passada meia hora, após ter-lhes contado tudo, ficaram em silêncio a bebericar o *Vieux Télégraphe* que Nate recomendara e a tentar interiorizar os acontecimentos do dia.

– *Okay*, não quero saber do dinheiro – disse Belinda por fim. – Mas por que raio teria alguém que a matar?

– É isso que temos de descobrir agora. Felizmente, a polícia também está a investigar.

– Então já não estamos por nossa conta? – perguntou Nate.

– Certo. Não estamos. Vamos deixar as coisas com eles. – Mac provou outra vez o vinho. – Vinho maravilhoso, Nate. Obrigado – acrescentou, ansioso por levantar o moral.

– Só o descobri há uns dias – replicou Nate descontraído. – Quando comprei a minha casa.

Quatro pares de olhos viraram-se para ele. Sara recostou-se para trás, com ar inocente, escondendo um sorriso.

– Fizeste *o quê?* – perguntou Belinda.

– Oh, sabes, comprei uma casa. Numa aldeia fortificada antiga chamada Bonnieux.

– Mas conheço-a – disse Belinda. – Já lá estive. É amorosa.

Nate nunca ouvira ninguém chamar «amorosa» a uma aldeia.

– Nate, não posso acreditar. – Sunny sorria-lhe. Percebeu que estava encantada.

– Não sei como aconteceu – confessou. – Parecia que me estava destinada.

– Admiro tanto isso – replicou Sunny. – Tomar assim uma decisão rápida.

Nate mostrou um sorriso enviesado.

– Uma decisão que afetará o resto da minha vida.

Sunny inclinou-se e deu-lhe uma palmadinha na mão.

– Para melhor, tenho a certeza – disse com suavidade.

– Então quando vamos poder ver essa casa? – Belinda estava desesperada para se desviar do assunto da rapariga assassinada. Lá no íntimo tremia, a pensar: *Meu Deus, meu Deus, podia ser eu, podia muito bem ser eu...*

– Quando quiserem. Organizamos uma excursão. – Nate pedia outra garrafa de vinho tinto e discutiam o jantar.

As duas crianças jogavam póquer na mesa, já a comerem o gelado e, observando-os, Billy sentiu-se satisfeito por não lhes terem contado nada a respeito de Caroline. Decidiu nunca lhes contar.

– Não foi um mau dia de trabalho – comentou Mac para Sunny e, nesse instante, o telemóvel tocou.

– Olá, pá – disse Ron Perrin. – Queres saber mais umas coisas sobre o teu amigo Krendler?

– Claro que sim. – Mac bebeu outro gole de vinho.

– Surpresa, surpresa, ele anda por aí. Pela calada. E no seu avião. Leva sempre o galgo de corrida com ele. Tigrado. Nunca competiu em corridas. Dizem que é a única coisa que ama. Tem havido uma sucessão deles, todos exatamente iguais. Parece que Maria Callas lhe deu o primeiro e, desde então, tem tido sempre um. Estranho, no entanto, é que parece que os cães dele nunca envelhecem. Num dia andam à boa vida a comer de bandejas de prata.

Depois aparece um novo. Da mesma raça. Da mesma cor. Só que mais novo.

– Como os homens ricos com as suas mulheres tipo troféu – observou Mac pensativo. – Que as trocam por modelos mais jovens.

– Os boatos dizem que ele os mata. Mostra bem que é um sacana sádico.

– Nunca ouvi falar de ninguém que fizesse isso com as mulheres. Mas, como sempre, acertaste no alvo.

– Mantém-me informado – retorquiu Perrin. – E lembra-te que o teu quarto cá te espera.

Mac sorria quando fechou o telemóvel. Porém aquilo dos cães era inquietante. E agora sabia com toda a certeza que fora Joel Krendler que Sunny vira no aeroporto de Nice. Quem mais teria um galgo tigrado?

MAIS TARDE, SUNNY E MAC sentaram-se na sua varanda, de mãos dadas, contemplando em silêncio o azul-escuro do céu, escutando o remoinho suave das ondas a bater na costa e enxergando o brilho da fosforescência na água, como pirilampos aquáticos. Estavam ambos a pensar em Caroline Cavalaire.

Foi Sunny que quebrou por fim o silêncio com um suspiro profundo.

– Pobre, pobre Caroline – disse com tristeza. – Todos aqueles esquemas, todas aquelas mentiras e tudo por tão pouco. Sabes o que acho?

Mac virou a cabeça para olhar para ela.

– O que achas?

– Acho que tem de existir algum homem envolvido nisto. Caroline não se vestia de forma tão elegante só para seu próprio divertimento. Lembras-te de Valenti no Casino?

Mac assentiu.

– Já pensei nele e na forma como foi agressivo com ela, como ela estava furiosa. E sabes que mais, Sunny Alvarez, detetive privada adjunta?

Sunny sorriu.

– Diz-me.

– Um homem como aquele, vistoso, jogador, um homem de sociedade... um homem como aquele, Sunny Alvarez, teria uma lancha. Uma lancha rápida.

Recordando-se do veleiro e da expressão excitada no rosto de Valenti a acelerar pela água, Sunny concordou.

– Mas porque teria uma lancha rápida?

– Para levar obras de arte roubadas de casas enormes pelo mar, em vez de se expor a uma possível polícia de segurança privada à caça nas estradas.

Sunny arregalou os olhos.

– Uau! – exclamou. – Acreditas mesmo que Valenti é o ladrão de obras de arte?

– Penso que foi assim que aconteceu: Valenti vem aqui ao hotel para tomar

uma bebida, jantar, seja lá o que for. Conhece Caroline e reconhece o que ela é, ou seja, uma jovem bonita, ávida de dinheiro. Aposto que a seduziu, não terá sido uma tarefa muito difícil, é um homem atraente, rico. Tenho a certeza que ela se prestou a isso. Depois, usou-a para obter informações sobre hóspedes e habitantes locais ricos e para travar conhecimento com grandes apostadores no casino.

– Mas não podiam ser todos colecionadores de arte.

– Não, mas aposto que Valenti tinha um belo negociozinho paralelo em joias roubadas e dinheiro, semelhante ao de Caroline, só que de maior dimensão. De que outra forma conseguiria manter o seu estilo de vida? Um veleiro como o dele custa dinheiro e também uma temporada de verão no Sul de França.

– Achas que trabalha sozinho?

Mac pensou naquilo durante muito tempo antes de dizer:

– Não, acho que não. Valenti não é o cérebro. É Krendler.

– Mac!

– Alain Hassain da Interpol analisou os voos de Krendler com partida de Paris e Zurique. Nos últimos três anos, voou para aqui, ou para aeroportos próximos, pelo menos duas dúzias de vezes. E seis dessas vezes foram por volta da altura em que ocorreram os roubos das obras de arte. Penso que Valenti fazia parte de um gangue internacional, chefiado por Krendler, que se encontrava aqui no Sul. Chegavam de noite por barco e roubavam casas ricas, quadros e obras de arte numas e, noutras, joias e antiguidades. Em geral, os roubos não eram detetados senão quando os proprietários regressavam, apesar dos sistemas de segurança tecnologicamente avançados que, de uma forma ou de outra, falhavam sempre. Usavam a lancha rápida para transportarem o produto dos roubos. Depois guardavam-no no veleiro de Valenti até as coisas acalmarem. Caroline descobriu por acaso o jogo mais elaborado de Valenti. Então, como mulher idiota que era, tentou fazer chantagem com ele. Ele disse-lhe que podia entrar no esquema, fazer muito mais dinheiro do que faria a trabalhar no hotel ou nas suas pequenas burlas. Valenti sabia que ela era uma ladra, deve ter implicado que os ladrões se associavam sempre, que Caroline era um deles. E ela foi na história. Quando ele a enganou, ameaçou contar tudo. Valenti convidou-a a ir ao barco, riu-se dela, deu-lhe a sua parte do dinheiro sujo... e depois abalroou-a no bote.

– Valenti assassinou-a.

– É verdade. Por ordem de Krendler.

BERTRAND E LAUREEN ENCONTRAVAM-SE no parque de estacionamento do hotel e Bertrand estava a encher os pneus de uma velha *vélo*, que escolhera entre a meia dúzia de bicicletas disponíveis para os hóspedes. A bicicleta estava ali talvez desde que o hotel abrisse. Tinha uma pequena pasta afivelada na parte de trás do selim de pele. Lá dentro encontrava-se uma caixa de folha com um rótulo elaborado e dentro da caixa um *kit* para reparar pequenos furos de pneus na estrada. A bomba encaixava-se no suporte interior e o guiador estava completo, com uma campainha e um cesto de arame. No geral, Bertrand considerava-a um esplêndido feito de engenharia aliado a satisfação do cliente. Deu mais um pouco à bomba e o pneu em baixo ficou mais redondo.

– Nunca vi uma bicicleta como esta. – Laureen agachou-se a seu lado, examinando com gravidade o trabalho.

– Quem me dera que fosse minha. – Bertrand deu uma palmadinha no velho selim de pele da mesma forma que Laureen poderia ter dado uma palmadinha num cavalo. Nunca possuía uma bicicleta.

Laureen passou-lhe um chapéu de palha e pôs o dela, comprados numa loja do *quai* Suffren. Restituía com relutância os chapéus «roubados» ao bengaleiro do vestíbulo. Tinha o cabelo apanhado em dois totós, um sobre cada orelha, com a tiara de princesa por cima e usava óculos de sol brancos, quase tão grandes como os de Bertrand. E, claro, o *tutu* cor de rosa.

– Vamos dar uma volta – sugeriu.

– Onde?

– Oh, sabes... um sítio qualquer... – Mostrava-se vaga, mas de algum modo Bertrand sabia que estava a pensar em Chez La Violette. Era de manhã, o dia estava muito luminoso e soalheiro.

– *Okay*. Levas aquela bicicleta. – Apontou para a que estava ao lado da dele, a segunda melhor de todas. – Segue-me.

Laureen escarranchou-se na bicicleta, içou-se e ao *tutu* para cima do selim

e avançou vacilante atrás dele. Bertrand já saía pelos portões para a estrada estreita. Laureen acenou um adeus ao homem corpulento que estava encostado ao poste do portão a ler o jornal à sombra de um sicómoro. Não era Lev, mas sabia que era um dos seguranças de Belinda. O homem acenou em resposta e Laureen pedalou como louca atrás de Bertrand. Sabia onde ele ia e porquê.

– Bertrand – gritou, queixosa. – Por favor, vai mais devagar.

O rapaz olhou por cima do ombro. As pernas rechonchudas de Laureen moviam-se a uma velocidade incrível, mas não conseguia acompanhá-lo e por isso abrandou.

– Vamos ver a *villa* – cantou Laureen de repente. – A maravilhosa *villa* de Oz...

– Não é a *villa* de Oz – retorquiu Bertrand.

– Claro que não, pateta. Adapta-se à melodia é tudo. – Começou outra vez a cantar. – Vamos ver a *villa*...

– A maravilhosa *villa* de Oz – Bertrand percebeu que também cantava.

Pedalando lado a lado, olharam um para o outro e sorriram. De repente, o peso de tudo por que Bertrand passara dissipou-se. Mac e Sunny tinham-no salvo da polícia. Não tinha de ir para a prisão. Contara o que sabia e fora elogiado. O elogio era raro no mundo de Bertrand e fazia-o sentir-se bem. Não tivera notícias da mãe, mas agora tinha Mac e sabia, de alguma maneira, que este o ajudaria. E Sunny, que lhe explicara as coisas. Tinha Little Laureen, a sua amiga. E o pai dela, que lhe pedira para dali para a frente o tratar por Billy e que dera autorização a Laureen para passar tempo com ele. «Desde que não se metam em mais nenhum problema», acrescentara Billy com um sorriso. Agora Bertrand estava a andar de bicicleta e até a sonhar talvez, só um pouco, em tornar-se um dia um famoso vencedor do Tour de France. Claro que teria de começar a treinar desde já.

Percebeu que sorria e lançou uma olhadela de soslaio para Laureen. O *tutu* cor de rosa adejava na brisa causada pela velocidade e a tiara achatara-se no cabelo castanho de forma que agora a palavra PRINCESA parecia estar de pernas para o ar. Laureen também sorria.

O sorriso de Laureen era raro e o de Bertrand alargou-se. De facto, soltou uma gargalhada, fazendo com que ela guinasse de surpresa.

– Bertrand! – gritou. – Estás a rir-te!

Bertrand atirou a cabeça para trás e riu-se mais um pouco, adorando o som

da sua alegria. Laureen pestanejou e juntou-se a ele. Rindo-se animados, os dois aceleraram em direção a Chez La Violette, sem pensar em nenhum fantasma.

Desta vez, Bertrand liderou o caminho através da porta quase escondida para a horta. Laureen encostou a bicicleta cá fora ao lado da dele e seguiu-o. Ficaram ali um momento, olhando apreensivos em volta, mas naquele dia tudo parecia normal. A luz brilhante do Sol não deixava espaço para sombras, exceto sob as árvores e os grilos trinavam nos arbustos de alecrim. Um par de pombas, sobressaltadas com a sua presença, voou da buganvília onde Bertrand fez notar que tinham um ninho com dois bebês, todos só bico e, por enquanto, nada de penas. Então, dobrando a esquina da casa, surgiu um cão amarelo.

– Ohhh! – exclamaram em uníssono, espantados, esperando com ansiedade que o dono aparecesse. Mas ninguém apareceu.

O cão era uma espécie de mistura de *labrador*. O pelo amarelo estava áspero e emaranhado. Com a língua pendente, sentou-se e aguardou para ver o que eles fariam a seguir. A sua paciência parecia dizer que não esperava muito de nenhum humano.

– O que estás aqui a fazer, rapaz? – Bertrand falava em francês, que sabia dever ser a língua nativa do cão.

As orelhas do cão arrebitaram-se. Pôs a cabeça de lado, como se para o ouvir.

– Estás a ver, é inteligente – disse Laureen.

– Está magro. Consigo ver-lhe as costelas. – Bertrand deu uma palmadinha nas próprias costelas magricelas. Condiziam com as do cão.

– Achas que tem passado fome? – A voz de Laureen era tão ansiosa como os olhos do cão. – Achas que pertence a alguém? – acrescentou, ainda mais ansiosa.

Bertrand refletiu naquilo. Ele e o cão olharam um para o outro. Assobiou e o cão levantou a cabeça.

– *Viens ici, chien* – ordenou Bertrand e o cão pôs-se de pé, mas não se mexeu.

– Está com medo. – Laureen estava cheia de pena. – *Viens ici, chien adorable* – pediu e o cão correu de repente para eles, estacando numa onda de poeira, fora do alcance deles, à justa.

– Não tem coleira – assinalou Bertrand.

– Não é de ninguém. – Laureen bateu palmas e o cão encolheu-se assustado. – *Ups*, desculpa, *chien* querido! – exclamou, de joelhos agora, a mão estendida para o cão.

Bertrand agachou-se ao lado dela. Recordou-se que tinha um resto de *baguette* do pequeno-almoço no bolso dos calções. Estava seco, mas era melhor do que nada. Puxou-o, disseminando cotão e migalhas e ofereceu-o ao cão.

Este farejou o ar e depois aproximou-se, cauteloso. Bertrand estendeu a mão com o pedaço de pão ainda colado a alguns pedaços de manteiga e fiambre. Com um movimento repentino, o cão amarelo arrancou-lho da mão. Em cerca de dois segundos desaparecera.

Bertrand fitou o cão, desejoso. O cão devolveu-lhe o olhar, desejoso também.

– Claro que não podemos ficar com ele – declarou porque era o que a mãe teria dito.

Laureen suspirou.

– Não – concordou com uma vozinha fraca.

– Temos de entrar agora – disse Bertrand para o cão.

Passaram com cuidado pelo cão. Este ficou ali sentado onde estava, torcendo apenas o pescoço para olhar para eles.

– É tão bonito – sussurrou Laureen, virando-se para olhar e fitando-lhe os olhos esperançosos. – Aposto que é um bom cão.

– Se calhar alguns veraneantes abandonaram-no.

– Ou talvez viva aqui. Talvez pertença a Violette.

– Estás louca. Não pode pertencer a um fantasma.

Laureen estacou de repente.

– Pronto! – exclamou, triunfante. – Agora admitiste. Há um fantasma.

Encontravam-se nos degraus, à porta da cozinha. Durante um segundo, Bertrand pareceu indeciso, mas depois procurou a chave que o empregado deixava em geral escondida no vaso de terracota de gerânios. Desta vez estava lá.

– Não há nenhum fantasma – retorquiu, destrancando a porta e abrindo-a.

Ali na cozinha silenciosa e cheia de sombras, desejou acreditar no que dissera. Ouvia Laureen a respirar nas suas costas.

– *Okay*, então não há aqui nenhuns quadros roubados – anunciou em voz alta, só para avisar qualquer possível fantasma que estavam ali.

Atravessou a cozinha ouvindo os passos apressados de Laureen atrás dele nas suas sapatilhas de balé. Agradeceu aos céus não haver hoje botas de cobói.

Entraram no salão. Podia haver qualquer coisa escondida por baixo das proteções brancas que cobriam a mobília, mas tinham demasiado medo para ir ver.

Voltaram ao átrio. A porta para o *boudoir* de La Violette estava fechada. Hesitaram do lado de fora, evitando olhar um para o outro, caso percebessem que o outro estava assustado. Bertrand empurrou os óculos pesados no nariz, passou as mãos pelo cabelo. Abriu a porta.

Estava tudo em silêncio. E na escuridão.

– Oooh, Bertrand – sussurrou Laureen, parecendo assustada.

Bertrand pensou nela, a rir-se com ele, acelerando os dois pela estrada soalheira nas suas bicicletas há apenas uns minutos. Sabia que tinha de ser ele o valente e, de alguma maneira, esse pensamento forneceu-lhe a coragem de entrar naquele quarto escuro e ligar o interruptor da luz.

Um lustre cintilou debilmente. Apenas uma lâmpada se acendeu, mas, para Bertrand, era melhor do que nenhuma. Gabara-se a Laureen que estivera em Chez La Violette muitas vezes, que a conhecia como a palma da sua mão. Era verdade, tinha lá estado. E conhecia. Mas isso era antes de suspeitar que existia um fantasma e antes de acreditar que os ladrões a usavam para guardar o produto do seu roubo.

Virou-se para olhar para Laureen ainda hesitante na soleira da porta.

– Sabes o que eu acho? – perguntou ela.

– O quê?

– Devíamos ir ter com Monsieur François Reynaud, o dono das obras de arte roubadas e dizer-lhe que acreditamos que os ladrões levaram os quadros dele num barco. Dizemos que pensamos que os esconderam algures em Chez La Violette, talvez até no jardim. – O jardim era suficientemente selvagem para esconder quase qualquer coisa. – Então ele dá-te a recompensa por seres tão esperto.

– Okay – concordou Bertrand, aliviado. – E depois pode vir ele procurar os quadros roubados.

Desligou a luz, fechou a porta do *boudoir* e apressaram-se os dois a sair pela cozinha. Lá fora, o cão ainda estava sentado onde o tinham deixado.

– Bertrand? – disse Laureen.

– Que é?

– Talvez o cão seja um fantasma.

– Os fantasmas não comem *baguettes* secas.

– Oh! Bem, acho que deve ter pertencido a Violette.

Bertrand encolheu os ombros.

– Violette era velha, morreu há que anos. Este cão é jovem.

– Bem, talvez este cão seja um bisneto do bisneto do cão de Violette? –

Não ia desistir.

Os dois estudaram o cão. O cão devolveu-lhes o olhar.

– Bertrand?

– Que é?

– Porque é que ele não ladra?

– Aposto que é porque tem medo.

Bertrand sabia que tinha razão por causa da forma como o cão olhava para ele, meio receoso, meio suplicante. Sabia exatamente como era. Empedernindo-se face àquele olhar, disse para Laureen:

– Temos de ir a casa de Monsieur Reynaud contar-lhe o que pensamos.

– E ganhar a recompensa – retorquiu Laureen, animando-se com a ideia de que em breve Bertrand escaparia à sua cruel mãe.

Levou a mão à garganta, verificando se o fio ainda lá estava. Bertrand salvara-o e agora ela queria salvá-lo a ele.

– Vamos – disse, tratando de avançar com energia pelo carreiro estreito, invadido pela vegetação, em direção ao portão.

O cão amarelo caminhou silencioso atrás deles. Quando Bertrand se virou para fechar o portão, deslizou por ele, rápido como o cão de um qualquer prestidigitador. Sentou-se outra vez, observando-os.

– Pensa que é teu – comentou Laureen.

Bertrand encolheu os ombros, empedernindo-se mais uma vez.

– Tem só fome – replicou, subindo para a sua bicicleta e partindo de volta à estrada.

Com uma olhadela preocupada para trás, Laureen lançou-se atrás dele.

– Não podemos deixá-lo ali – exclamou. – Ele tem fome.

Bertrand oscilou hesitante, virou a cabeça para olhar. O cão trotava atrás dele, a língua pendente, os olhos esperançosos. Quando Bertrand parou, o cão fez o mesmo.

– Não estás a ver? – A voz de Laureen era tão esperançosa como os olhos

esperançosos do cão. – Ele agora pertence-te. Mac contou-me que salvou *Pirate*. Agora tu tens de salvar este cão.

Bertrand imaginou o cão amarelo, o seu próprio cão, a acompanhá-lo nas suas Experiências Científicas noturnas. Imaginou-se a dar-lhe banho e a escová-lo até o pelo brilhar. Imaginou-se a nadar no mar com o seu cão ao lado. Podia partilhar a sua comida com ele, não custaria dinheiro nenhum. Não se deteve a pensar no que diriam no hotel quando ele aparecesse com um grande cão rafeiro.

– O que lhe vamos chamar? – perguntou.

– *Beleza*.

Bufou com desdém.

– Demasiado à menina. Aliás ele é francês.

Recordou aquela noite em Chez La Violette quando todos os desconhecidos tinham chegado. Os «Riders on the Storm», chamara-lhes, o nome da canção dos Doors.

– Que tal *Storm*?

Então Little Laureen disse:

– Não. É *Cão Amarelo*. – E, de alguma maneira, era esse tal e qual o nome do cão.

E quando Bertrand chamou:

– Aqui, *Cão Amarelo, viens ici!*

O cão abanou a cauda e os olhos animaram-se. Aproximou-se de Bertrand e ali ficou enquanto este lhe acariciava o pescoço e dizia «lindo cão». Depois trotou contente atrás dele, quando Bertrand pedalou pela estrada abaixo a caminho da Villa les Ambassadeurs de François Reynaud.

Laureen e ele cantavam outra vez enquanto pedalavam.

– Vamos ver o Reynaud, o maravilhoso Reynaud de Oz.

SUNNY ENCONTRAVA-SE NA VARANDA com o portátil aberto. Não ouvia o grito dos pavões nem as crianças a chapinharem na piscina, nem sequer o ruído, mais uma vez, do helicóptero vermelho lá em cima, a voar ainda mais perto da praia do que antes. A sua atenção estava centrada na informação que o Google acabara de lançar no seu ecrã.

Von Müller

Família nobre alemã, barões do século XV. Mais tarde, importantes intervenientes na reunificação da Alemanha por Bismarck, conseguindo deste modo ainda mais terras na Vestefália, bem como propriedades nas cidades de Hamburgo e Düsseldorf, tendo sido todas perdidas na Segunda Guerra Mundial, bem como a grandiosa casa da família, um palácio modestamente conhecido como Haus Müller. A família nunca foi prolífica e, nos anos vinte, estava reduzida ao barão Wilhelm Auguste Von Müller e à sua mulher, a baronesa Lisel Hannah Von Müller. Tinham um filho, Kurt Wilhelm Auguste Von Müller, nascido a 8 de Janeiro de 1920.

Kurt Von Müller era um prodígio musical e predizia-se uma carreira como pianista de concerto, que não resultou. Alcançou alguma fama como acompanhante de uma conhecida cantora e atriz, mas que não duraria muito tempo.

Em Julho de 1944, Kurt Von Müller foi preso e acusado de espionagem e colaboração com os franceses. Vivia em Paris na altura e era oficial do exército alemão, trabalhando com o Reich. Fugiu, diz-se, com a ajuda da sua amante, La Violette, mas foi apanhado e executado no ano seguinte.

O barão e baronesa Von Müller tinham morrido num raide aéreo em Hamburgo alguns meses antes. O filho único, Kurt, era o último da linhagem dos Von Müller. Com a sua morte, o título de barão

extinguiu-se. As propriedades muito diminuídas da família foram divididas em pequenas parcelas. Kurt Von Müller tinha-as deixado em testamento aos trabalhadores das suas terras, cujas famílias trabalhavam para os Von Müller há décadas.

Sunny examinou o brasão dos Von Müller que encimava o texto. Uma águia e uma raposa num escudo quadriculado. Era o mesmo do anel.

Foi ao quarto buscar a caixinha de veludo azul à gaveta da cómoda, escondida debaixo da camisola de caxemira. Pôs o anel no dedo, a pensar em Kurt Von Müller, o alemão que colaborara com os franceses, numa distorção nova da velha história. E em La Violette, que o amara. Ter-lhe-ia Kurt, o seu amante, dado aquele anel antes de morrer? Para que o recordasse? Depois, mais tarde, tinham-na prendido também. Mas porquê? Suspirou. Parecia não existir resposta.

O anel de ouro era frio no dedo e, de repente arrefecida, tirou-o e voltou a guardá-lo na caixa. Tinha de existir uma resposta para o que sucedera a Violette e o único sítio onde essa resposta se poderia encontrar era em Chez La Violette. De algum modo, tudo parecia sempre lá ir parar.

Pensando na *villa* e no que representaria para Violette quando todo o mundo parecia jovem e toda a gente estava apaixonada, Sunny recordou aquele aroma leve e perturbador que pairava no ar. Era o perfume especial de Violette, tinha a certeza disso. E visto que Violette vivera ali, e visto que os melhores perfumistas e produtores de flores para as fragrâncias mais caras do mundo se encontravam na vizinha Grasse, com certeza que um desses fabricantes de perfumes ainda o teria? Ou pelo menos saberia onde o encontrar?

Agradecendo aos céus a era dos computadores, Sunny procurou fabricantes de perfume. Dez minutos depois, ia a caminho de Grasse. Sozinha de novo, porque Mac andava com Lev a pesquisar documentos de barcos em Port Grimaud à procura do *Blue Picasso*, que não fora visto na baía desde a noite em que Caroline se afogara e Mac queria saber porquê. Afirmava que pressentia que Valenti estava envolvido e não ia deixá-lo safar-se.

Sunny foi primeiro despedir-se de Belinda e Sara, que encontrou a jogar brídege com Billy e um francês de meia-idade, que tinham convencido a participar, com um bigode preto hirsuto e olhos azuis cintilantes. Pelo menos cintilavam sempre que olhava para Belinda, o que, reparou Sunny, mesmo no

pouco tempo que esteve junto deles, era com bastante frequência. No entanto, Belinda parecia abatida.

– Agora já nem sequer posso ir para a praia – sussurrou para Sunny, ao mesmo tempo que erguia com cuidado as cartas para lhe mostrar a sua mão vencedora.

– Não és a única – retorquiu Sunny, recordando-se que ainda não pusera os pés na praia. Estava em Saint-Tropez, mas o biquíni novo jazia na gaveta, a definir, enquanto Mac procurava assassinos e ela procurava perfume e os segredos de uma mulher de idade.

– Onde está Little Lauren? – perguntou a Billy.

Tinha outra vez o chapéu de cobói na cabeça, apesar dos grandes esforços de Belinda e Sunny reparou que dava mais atenção a Belinda e ao francês do que às cartas.

– Little Lauren foi dar um passeio de bicicleta com aquele miúdo francês. É o seu novo melhor amigo. Bom miúdo. Dá ideia que tem necessidade de um amigo ou dois. E a minha Lauren também.

– Nate foi à casa nova – acrescentou Sara, parecendo desejar ter ido com ele, em vez de estar a jogar brídege no bonito pátio do hotel. Mas era seu dever fazer companhia a Belinda. Vigia-la. Certificar-se de que não fazia alguma loucura, como fugir outra vez para Saint-Tropez.

Sunny comunicou-lhes que ia a Grasse visitar os perfumistas e Belinda aconselhou-a a ficar-se pelos perfumes de uma só nota floral.

– São até melhores nalguns pequenos produtores – afirmou.

Claro, pensou Sunny, apanhando outra vez a autoestrada para Cannes e depois virando para a estrada que conduzia às montanhas por cima da cidade e aos famosos perfumistas, era aí precisamente que deveria ir. Aos sítios mais pequenos, os que existissem há um século ou mais.

O primeiro que encontrou ficava num jardim cheio de flores, numa mansão magnífica do virar do século com um pórtico de pedra e toldos às riscas elegantes por cima de janelas altas. O jovem na receção mostrou-se muito educado, muito correto e muito triste por não terem um perfume de violetas. De facto, tanto quanto sabia, havia apenas um sítio que o fazia, e conhecia toda a gente na região de Grasse. Era numa aldeia ali perto.

Indicou a Sunny como chegar a *Les Belles Auteurs de Fleurs de Parfum*, um título grandioso para o que se revelou um minúsculo ateliê, um estúdio numa pequena rua secundária numa aldeia próxima. Sunny entrou por um

arco baixo de pedra, atravessou um minúsculo pátio calcetado e bateu na porta de madeira firmemente fechada que exibia as tensões e deformações da idade.

Passado um bocado, ouviu som de passos e a porta abriu-se uma nesga.

– *Qui est là?*

Era uma voz feminina.

– *Pardon, madame.* – Sunny esforçou-se por encontrar as palavras corretas que significassem «Estou à procura de um fabricante de perfume de violeta».

– *Mais je cherche un producteur d'un parfum particulier. Le parfum de la violette. On me dit que votre établissement est le seul producteur.*

Não achou que estivesse mal para alguém que nunca falara bem francês e que, aliás, não o falava há anos.

De qualquer modo, a mulher francesa entendeu porque respondeu:

– *Madame, personne ne demande le parfum de violettes il ya beaucoup d'années.*

– *Mais, madame, je m'appelle Sonora Alvarez. Je viens de Californie spécialement pour ce parfum. J'implore, madame, si est possible m'aider.*

Sunny estava a implorar que a ajudasse, afirmando que viera de propósito da Califórnia à procura do perfume de violetas.

A porta abriu-se mais um pouco. Os olhos por trás de óculos fitaram os seus.

– *Oui, c'est ça* – disse por fim a mulher, abrindo a porta para Sunny poder entrar.

O átrio era escuro e cheirava a cerca de mil flores diferentes. E a mulher não era velha, andava talvez pela casa dos cinquenta, era alta, magra e elegante, com o cabelo escuro preso atrás num puxo e com óculos em meia-lua de aros azuis. Tinha os olhos escuros e um ar espanhol, com um xaile preto franjado com motivos de rosas atirado por cima de um ombro e um vestido preto justo e chique que, reparou Sunny, realçava a sua figura muito boa.

– Desculpe se pareci mal-educada – continuou a mulher, agora num inglês perfeito. – Mas o meu pai está doente e não quis que o incomodassem. – Estendeu a mão. – Geneviève Mouton-Craft. Agora diga-me, Madame Alvarez, como posso ajudá-la?

Sunny pediu desculpa por incomodar e contou-lhe o que procurava.

– Não trabalho no negócio da família – explicou Geneviève Mouton-Craft.

– Vivo em Paris. O meu pai está doente e é por essa razão que aqui estou já tão cedo este verão. Em geral, venho com os meus filhos em julho. Infelizmente, o meu pai é o único que percebe do negócio. Quando ele se for, a nossa *parfumerie* também desaparecerá. Existe há mais de cento e setenta anos – acrescentou com uma expressão triste nos olhos. – Mas não tenho talento para isto e a minha vida levou-me noutra direção, a minha própria família, o trabalho...

Encolheu os ombros e Sunny disse que lamentava tê-los incomodado e que, claro, se ia já embora, mas Geneviève Mouton-Craft ergueu uma mão para a deter.

– *Mais non, madame*, deixe-me ver o que consigo descobrir para si. *Mon père* trabalhou neste negócio durante quase sessenta anos. Se alguma vez produzimos esse perfume, saberá. Dê-me só um instante que vou perguntar-lhe.

Deixando Sunny na entrada, afastou-se apressada, regressando cinco minutos depois.

– Tenho novidades – disse a sorrir. – Primeiro, contudo, o meu pai gostaria de saber porque quer esse aroma em particular.

– Porque acredito que foi feito para uma mulher muito especial, a *chanteuse* La Violette.

Geneviève assentiu.

– Se isto fosse um teste elaborado pelo meu pai, teria dado a resposta correta. Esta casa fez esse perfume apenas para La Violette, oh, há tantos anos, mais até do que o meu pai se consegue recordar. Era uma mistura especial de violetas de Parma, a variedade rara produzida pela primeira vez por um italiano, o conde de Brazza. Flores de um branco puro, com pontas de um azul pálido e um perfume delicado e doce. Ao que parece, La Violette decidiu que tinha de ter uma fragrância que combinasse com o seu nome e, quando esta casa produziu o aroma de violetas de Parma para ela, apaixonou-se por ele. Usou-o durante toda a sua vida. Tornou-se, como diziam, a marca distintiva de La Violette. Quando saía de uma sala, diziam que o perfume perdurava, de forma torturante para os muitos homens que estavam apaixonados por ela.

– Então conhece a história de La Violette? – perguntou Sunny.

– Apenas que era uma sedutora com muitos amantes e que teve um fim triste e solitário. A história dela é uma das lendas desta zona da França.

– Bem, obrigada, pelo menos agora sei como era o perfume de La Violette. E sabe que mais, *madame*, ainda o consegui cheirar, na sua velha *villa*. Foi assim que tive conhecimento dele.

– Esteve na *villa* de La Violette?

Sunny sorriu.

– Só por uns instantes. É uma longa história.

Geneviève ergueu outra vez a mão.

– Um minuto – pediu e apressou-se a voltar ao interior escuro da casa, deixando Sunny, mais uma vez, no átrio.

Regressou alguns minutos depois.

– O meu pai pediu-me para lhe dar isto.

Entregou a Sunny uma caixa quadrada de cor creme, gravada a roxo-escuro com o nome da casa de perfumes, *Les Belles Auteurs de Fleurs de Parfum*. E o título *La Violette*.

– Oh, meu Deus – Sunny gaguejava, estava tão emocionada. – Será mesmo a sério?

Geneviève assentiu com a cabeça bem penteada.

– O meu pai quis que ficasse com ele. Disse que qualquer pessoa que se recorda de La Violette o suficiente para lhe pronunciar o nome devia ficar com isso. Se calhar, é o último frasquinho, guardado mais como recordação do produto do que por outra razão qualquer.

– Como poderei agradecer ao seu pai? – Sunny apertou a caixa preciosa contra o peito. – Tem de me deixar pagar.

– Nem sonhar. – Geneviève riu-se com a ideia. – O meu pai quer que lhe agradeça por lhe relembrar um pouco da nossa glória passada. É tudo.

Apertaram as mãos, Sunny atravessou, atordoada, o pequeno pátio calcetado, ouvindo a porta antiga de madeira bater atrás dela, depois o arco baixo de pedra e saiu para a rua estreita. O carro esperava ao sol na praça ao fundo da rua. Sentou-se nele e examinou a caixa.

Mal ousando, abriu a tampa e retirou o frasco. Parecia tão imaculado como no dia em que fora produzido, ali mesmo no pequeno ateliê. Era sem dúvida *Lalique*, um *flacon* quadrado gravado com o nome de Violette e com um belo tampão fosco com a forma de uma violeta de Parma, todas as pétalas perfeitamente delineadas. O perfume lá dentro era da cor pálida delicada das violetas.

Sunny levou o frasquinho ao nariz. Apesar de a tampa manter o perfume

muito bem rolhado, julgou que o conseguia cheirar. Aquele aroma leve e perturbador de La Violette.

No regresso, parou numa florista elegante de Cannes e encomendou um grande cesto de violetas de Parma para serem entregues a Madame Mouton-Craft.

«Com os meus agradecimentos e para reavivar velhas memórias», escreveu no cartão.

MAC NÃO ENCONTRARA rasto de Joel Krendler. Não se hospedara em nenhum dos luxuosos hotéis que um homem como ele normalmente frequentaria. Ou estava numa *villa*, ou num iate.

– Como, por exemplo, o *Blue Picasso* de Valenti – disse Mac para Lev.

Iam a caminho de Port Grimaud, o grande complexo da marina, mais longe na costa. Por intermédio do seu contacto, Lev sabia que Krendler não se encontrava em Monte Carlo, nem em Saint-Tropez. Calcularam que Port Grimaud fosse bastante afastado da zona dos iates luxuosos e bastante grande para não dar nas vistas. Era um palpite arriscado, mas Mac sabia que, neste jogo, valia por vezes a pena seguir os palpites arriscados.

– Sabes uma coisa – comentou para Lev, torcendo para a faixa de ultrapassagem à esquerda e passando por um *Porsche* com matrícula espanhola, cujo condutor lhe mostrou um dedo. Já reparara que os *Porsche* não gostavam de ser ultrapassados. – Nem sequer tive ainda tempo de levar Sunny à praia e já aqui estamos há imenso tempo. – Pensou nos acontecimentos dos últimos dias. – Pelo menos parece que é há imenso tempo – acrescentou.

– Suponho que deveria dizer que é bem feito por te teres envolvido com toda essa malta – replicou Lev.

Mac ultrapassou outra vez.

– Não me envolvi com eles. Eles é que se envolveram comigo.

– E claro que não podias dizer que não.

Mac sabia que Lev tinha razão. Esse é que era o problema. Nunca conseguia dizer que não.

– Sunny pensou que nos poderíamos casar aqui.

Lev lançou-lhe um olhar surpreendido.

– Pensei que vocês os dois estavam bem como estão.

– Eu também.

– Mulheres – observou Lev.

– Não pareces ter problemas com mulheres.

Lev sorriu.

– Se os tenho, sou muito reservado a esse respeito. Sai na próxima. – Indicou a placa.

Port Grimaud ficava junto a uma estrada muito movimentada com apartamentos para alugar, casas, lojas, cafés, restaurantes, fornecedores de barcos e escritórios de venda de iates. Era uma vila por direito próprio e estava apinhada de veraneantes e de barcos. Tentando abrir caminho, Mac começou a desejar nunca ter vindo.

– Bem me apetecia uma cerveja – disse Lev quando Mac se enfiou num espaço de estacionamento que ficava demasiado longe da zona do cais, mas que fora tudo o que conseguira encontrar.

O verão no Sul de França estava ali em toda a sua força, com tribos de crianças, pais de cabeça perdida, mochileiros e campistas, todos à procura do sol e do mar e talvez também, pensou, de uma cerveja gelada.

Era uma bela caminhada até à zona do cais onde os barcos se amontoavam muito juntos, com os proprietários sentados nos convés da popa a beber martinis gelados, ou champanhe, ou cerveja, a comer camarões frescos e a observar as pessoas nos cafés em frente que os observavam com inveja. Os cafés alongavam-se também, a todo o comprimento do porto, com prédios de apartamentos com varandas a empinarem-se atrás deles, tirando partido da vista de mar. Ou seja, se se conseguisse ver o mar para lá dos mastros dos barcos. Mac e Lev juntaram-se à multidão num café com esplanada chamado, de forma inapropriada, Espadim.

– Não sabia que pescavam espadim no Mediterrâneo – comentou Mac, recordando pescarias ao largo de Baja, no México.

– Não pescam, mas calculo que ninguém por aqui saiba disso e se sabem estão-se borrifando.

Sentaram-se numa mesa na esplanada, com os transeuntes praticamente no colo. O Espadim era um sítio popular, ou isso ou já era hora do almoço, e era a única mesa livre. Mac pediu uma *Kronenbourg* e Lev uma *Stella* e recostaram-se para trás olhando para os barcos através do constante desfilar de gente. Mac comeu um sanduíche de fiambre e Lev uma omeleta de queijo. Tinham de admitir que eram bastantes boas e a cerveja gelada refrescou-os.

– Krendler tem um cão. E os cães têm de ser levados a passear. Não pode

ficar escondido no barco o tempo todo – disse Mac.

– A não ser que mate o cão. – Lev lançou-lhe uma olhadela por cima da omeleta. – Disseste-me que era hábito.

– Ouvi dizer que sim. Mas saiu do avião com um galgo tigrado e é isso que temos de procurar.

– Primeiro, vamos examinar os iates. O *Blue Picasso* é grande, tem uns vinte metros. Só existe um sítio onde poderá estar.

Caminharam ao longo do porto até à zona dos barcos com maior calado. Não era fácil detetar o *Blue Picasso* entre todos aqueles grandes barcos e continuaram até ao estaleiro, onde os barcos se encontravam em rampas, sendo pintados, renovados ou reparados. O *Blue Picasso* não estava numa rampa. Encontrava-se fundeado atrás do estaleiro, sozinho, numa amarração de águas profundas. E no convés encontrava-se um pequeno galgo tigrado.

– Bingo! – exclamou Mac, batendo na palma erguida de Lev e sorrindo.

– Então agora o que fazemos? – perguntou Lev.

– Esperamos para ver qual é a próxima jogada deles. Confia em mim – pediu Mac. – Têm de certeza alguma coisa planeada. E vão levar-nos até àquelas obras de arte roubadas.

– Então achas que Krendler é o cérebro?

– Aposto tudo que sim.

– Diz-me, o que te fez pensar que Krendler estava envolvido?

– Vai tudo dar, como parece sempre acontecer – retorquiu Mac – a Chez La Violette. Krendler comprou aquela casa há mais de dez anos. Acredito que a usou como quartel-general quando planeava os roubos. Penso que traziam a lancha rápida preta para transportar os quadros por mar em vez de por terra do local do roubo para o *Blue Picasso* e depois para um local secreto. Ainda não sei onde seja. E o que quero agora é que Krendler nos conduza até esse local. Tenho a certeza que é por isso que aqui está.

Lev assentiu. Calculava que ninguém suspeitaria que transportavam peças roubadas por mar num veleiro com tanto estilo.

– Aposto contigo que aquela lancha rápida preta também aqui está, algures.

– Mac encolheu os ombros. – Não interessa, há de aparecer outra vez e então entregamo-los à polícia.

– Porque não agora?

– Porque agora tudo o que temos é uma teoria. E podia acontecer alguma coisa.

– Então por que razão mataram Caroline?

– Sabes, creio que deve ter começado tudo como uma simples sedução. E, à sua maneira, Caroline era tão imoral como Valenti, com o seu esquema de burlas do aluguer da casa, roubando a identidade da velha Madame Lariot, incluindo as contas bancárias. A propósito, ainda não sabemos quanto foi tirado dessas contas, mas podes apostar que foi o que ela fez. Caroline gostava da boa vida e estava determinada a consegui-la.

O rosto de Lev mostrava-se inexpressivo. Já ouvira histórias do género.

– Aquele pobre rapaz francês, Bertrand, teve a infelicidade de testemunhar o homicídio – referiu Mac.

– Valenti estava a pagar-lhe a compensação. Calculo que não estava à espera que ela perdesse a cabeça e fugisse no bote.

– Por isso abalroou-a. Caroline foi-se. Limpinho. E Valenti não se vê em lado nenhum. Depois Krendler aparece para o último ato.

– Então como achas que irão vender os quadros?

Mac encolheu os ombros.

– Há colecionadores em todo o mundo, homens... e mulheres... obcecados por um determinado artista, que pagarão só para possuírem um quadro. Guardam-nos numa sala secreta, ou trancados num cofre grande de aço onde vão sozinhos olhar para eles, senti-los entre as mãos, regozijar-se com os seus loucos haveres.

– Há gostos para tudo – observou Lev.

– E isso, meu amigo, é o que faz rodar este mundo louco em que habitamos, tu e eu – retorquiu Mac. – E estou disposto a apostar que é também por isso que Krendler não tem nenhuns quadros de valor nas paredes da sua mansão parisiense. Não está disposto a partilhá-los com ninguém. Quere-os todos para si, num lugar onde, no mais profundo da noite e nas profundezas mais sombrias da sua alma, os possa possuir.

– Caramba! – exclamou Lev. – Vamos sair daqui. Creio que prefiro vigiar Belinda e tratar de Jasper Lord do que de Joel Krendler.

– O diabo que escolha – replicou Mac com uma risada. – *Okay*, vamos embora.

NATE PARTIRA CEDO PARA BONNIEUX, para ver outra vez a sua casa. Malcolm dissera-lhe que demoraria pelo menos um mês até ter a compra regularizada, mas já a sentia como sua. Era uma transação a pronto pagamento e o alemão divorciado queria despachar as coisas, o que convinha a Nate. Nunca se sentira assim tão excitado com nada antes. Ter muitos bens nunca lhe interessara, apesar do seu *loft* em Tribeca, no centro de Manhattan, ser, como informara a mulher da agência imobiliária, a última palavra em desejabilidade.

Não o *desejara*, mas comprara-o e, para ele, funcionava. Era ainda tão simples como no dia em que se mudara: apenas um par de sofás sem nada de especial, uma grande cama e um ecrã gigante. Não havia fotografias pessoais, nada de recordações em molduras de prata giras porque Nate não tinha nenhuma, nem jarras tão pouco, porque nunca comprava flores. Fora apenas agora, quando abriu a porta e entrou no mundo de vigas pálidas e paredes de pedra antigas que de súbito se tornara seu, que sentiu que estava em «casa».

Passeou pela sua casa, sem pressas, verificando os chuveiros, todos de jatos múltiplos e funcionais, e parou para admirar a vista do quarto principal, indo ao ponto de se deitar na cama para confirmar se conseguia ainda ver aquele vale quadriculado com as montanhas a seguir. E conseguia.

Gostava da sua casa de banho, os azulejos brancos, o chão preto, o acabamento de estanho baço nas torneiras. Até o espelho, embutido em ardósia, parecia oferecer uma nova visão do seu rosto sorridente, em geral tão sério, tão preocupado, sempre a pensar noutra coisa qualquer, nunca no momento.

Agora estava a pensar no momento. Por impulso, desceu a rua, foi até à praça da aldeia e comprou um grande ramo de girassóis gigantes. Colocou-os numa grande jarra vermelha e pousou-a num peitoril de pedra com aquela paisagem verde atrás. As cores da Provença atingiram-no entre os olhos quase com um impacto físico. Era como olhar para uma natureza-morta de

Van Gogh. Finalmente sabia o que fazia aquele artista.

Mais tarde, desceu o monte até ao moinho, onde encontrou Malcolm, de avental, a correr de um lado para o outro, com pratos na mão e parecendo muito afogueado.

– A empregada despediu-se – explicou Malcolm a caminho da cozinha. – Roger está a cozinhar e eu estou aqui sozinho. – Avaliou Nate, de alto a baixo. – Queres pôr um avental e vir ajudar?

Ao atar o avental, Nate pensou em Sara a dizer-lhe que trabalhara na cadeia de restaurantes Hooters. Aquela Sara era mesmo uma caixinha de surpresas.

Depois da azáfama do almoço ter acalmado, Roger e Malcolm vieram sentar-se com ele a beber um copo de vinho, a comer pão acabado de fazer e um par de queijos bons, um *St. Marcellin* e um delicado *Delices de Coeur*, que casavam bem com o *rosé* da região, um vinho muito mais escuro do que os *rosés* da costa, com um belo sabor a frutos silvestres.

– Dia difícil. – Malcolm soltou um suspiro profundo.

– As coisas ainda vão ficar mais difíceis – retorquiu Roger. – Estamos no verão, toda a gente já arranjou emprego e não se encontra nenhuma empregada num raio de oitenta quilómetros. Se é que se encontra alguma.

– E eu não fico bem de avental – disse Malcolm, dando uma palmadinha na barriga.

Nate já despira o seu avental, mas não se importara nada de andar a correr dentro e fora da cozinha com pratos de boa comida para os felizes comensais. Mas quando Roger contou que estavam a pensar expandir o negócio, acrescentar uma ala e transformar o moinho num turismo rural, ficou surpreendido.

– Talvez até um pequeno hotel – acrescentou Malcolm esperançoso. Sabes, uma coisa simples, só um bom restaurante com alguns quartos por cima.

– Não é isso que todos os viajantes esperam ter a sorte de encontrar? – perguntou Nate.

– Podes apostar que sim – respondeu Malcolm. – Mas receio que tenhamos de fazer algumas contas e ver o que conseguimos arranjar. Nem Roger nem eu somos bons com números, quase nem conseguimos manter os livros de contabilidade direito. Às vezes estou convencido que há mais parcelas de despesas do que de receitas. Mesmo assim, lá nos aguentamos.

Sorriu alegremente para Nate, que parecia pensativo.

– Sou bastante bom com números. Porque não me explicam o que têm em

mente, eu dou uma vista de olhos e digo-vos se é viável?

Os dois homens animaram-se.

– Nunca tivemos um consultor antes! – exclamou Roger, radiante.

Quando Nate se foi embora, à tarde, levava as contas e o projeto arquitetónico para uma extensão do edifício, com quartos a serem construídos por cima do ribeiro, como uma pequena ponte. A ideia era tão encantadora que Nate quase desejava poder participar, mas depois percebeu que claro que não podia. Estaria ali muitas vezes, a jantar no Moulin de Hubert – Hubert era o proprietário original do moinho. Participaria em tudo.

O *CÃO AMARELO* TROTAVA atrás de Bertrand enquanto este se precipitava pelo monte abaixo na sua *vélo*, através de filas de videiras cheias de uvas maduras. Ia em roda livre, os pés fora dos pedais, as pernas esticadas para os lados, as mãos afastadas do guiador, exceto quando tocava a campainha. E cantava a plenos pulmões:

– Vamos ver o feiticeiro, o maravilhoso Feiticeiro Reynaud...

Laureen pôs a língua de fora com o esforço quando também ela removeu os pés dos pedais, embora ainda se agarrasse à segurança do travão de mão. Levantou as mãos de vez em quando, à experiência, e também tocou muitas vezes a campainha para compensar a falta de perícia.

– Vamos ver o feiticeiro, o maravilhoso Feiticeiro Reynaud... – A voz perdia-se atrás dela quando chocalhavam por cima dos sulcos, ressaltando nos selins e gritando de medo.

Laureen viu o muro branco alto e o nome Villa les Ambassadeurs sobre o portão e travou com tanta força que quase disparou por cima do guiador. Encostou a bicicleta ao muro, chamou Bertrand e depois puxou a vareta de ferro que fez ressoar uma campainha forte algures dentro de casa.

Cão Amarelo esperava, a ofegar, aos pés de Bertrand. Sobressaltaram-se quando um minúsculo ecrã de segurança se acendeu e uma voz perguntou em francês:

– Faz favor, quem é?

Vendo-se no ecrã, Laureen respondeu:

– Laureen Bashford e Bertrand Olivier para falar com Monsieur Reynaud. Por favor – acrescentou.

Fez-se um longo silêncio e depois a voz da mulher perguntou de novo:

– E porque querem falar com Monsieur Reynaud?

– É por causa das obras de arte roubadas – replicou Bertrand.

Houve outro silêncio. Laureen remexeu os pés nas sapatilhas de balé gastas, a pensar no que fariam se o seu plano falhasse e Monsieur Reynaud

recusasse falar com eles.

– *S'il vous plaît, madame* – disse com o seu melhor sotaque francês. – *C'est très important.*

Aquilo devia ter resultado porque a mulher lhes disse para esperarem um momento. O ecrã desligou-se e ficaram ali a remexer os pés, meio a desejar não terem vindo.

Passados vários minutos de silêncio, o ecrã voltou a acender-se.

– Vou abrir os portões – informou a mulher. – Sigam pelo caminho à vossa frente até à casa principal.

Os enormes portões de ferro deslizaram sem ruído, abrindo-se e o cão ganiu quando voltaram a fechar-se, deixando-o do lado de fora. Laureen e Bertrand caminharam por um carreiro largo com blocos de pedra cor de coral, passaram por um pequeno bosque de árvores, viraram num relvado com vista para o mar à esquerda e de novo para um círculo grande em frente da casa. As portas altas, quase tão altas como a *villa*, encontravam-se abertas e uma mulher espanhola de ar agradável esperava por eles.

Examinou-os como se não conseguisse acreditar. Depois pediu-lhe para entrarem, Monsieur Reynaud esperava por eles no seu escritório.

François Reynaud encontrava-se atrás de uma grande secretária antiga de madeira de tulipeira com aspeto de ter embelezado algum gabinete do virar do século, muito usada e com cicatrizes e manchas de tinta de algum mundo profissional há muito passado. A enorme cadeira de pele *bordeaux* onde estava sentado, mãos cruzadas à frente, a olhar para eles por cima dos óculos, também carregava as marcas do tempo.

Os ténis de Bertrand chiavam no soalho de madeira encerado e Laureen escorregava nas suas sapatilhas de balé. Pararam em sentido, os braços rígidos junto ao corpo. Ninguém falou.

François Reynaud teve dificuldade em conter um sorriso ao olhar para a menina rechonchuda no vestido de balé sujo com o cabelo a despontar em dois totós que se desfaziam por baixo do chapéu de palha. E para o rapaz magricela cujos joelhos sobressaíam como maçanetas de portas dos calções descaídos – estariam presos com uma gravata velha? – e que o fitava através de óculos pálidos demasiado grandes. O rapaz passou as mãos, nervoso, pelo cabelo. Um erro, pensou François, incapaz agora de resistir ao sorriso, pois o cabelo do rapaz, cortado, calculou, com uma tesoura mal afiada, se espetou todo.

– Maria Dolores – chamou a governanta que aguardava à porta para ver se o patrão ia mandá-los embora. – Limonada para estas crianças, por favor.

Apontou para as duas cadeiras em frente da secretária e eles sentaram-se em silêncio, à espera. Laureen sentou-se na beirinha da cadeira, mas era ainda assim demasiado alta e os pés baloiçavam-lhe. Sem se aperceber, abanou-os com nervosismo, a pensar por que razão o Feiticeiro Reynaud não falava com eles.

A limonada chegou numa grande bandeja preta num jarro alto de cristal e foi servida por Maria Dolores, a cintilar com gelo e com um aroma delicioso a limões frescos. Bertrand estava demasiado nervoso para pegar no copo com medo que entornasse, mas Laureen provou.

– *Merci, Monsieur Reynaud* – disse com timidez. – *C’est très bien.*

– *Ah, la petite parle français?* – Reynaud juntou os dedos das mãos em arco, fitando-a.

– Oh, bem... na verdade não... quer dizer, bem... às vezes falo...

– Foi um bom esforço. E chamas-te?

– Chamo-me Laureen Bashford. Sou do Texas.

Reynaud autorizou-se outro sorriso.

– É claro que sim – retorquiu com suavidade, virando a sua atenção para o rapaz.

– *Et toi?* – perguntou.

– Bertrand Olivier, *monsieur*. De Paris.

– Paris? Então presumo que estão aqui os dois de férias?

– Sim, oh, sim, senhor. – A história saiu a borbulhar de dentro de Laureen, como a limonada do jarro de cristal. – É por causa dos seus quadros roubados, senhor, sabemos o que aconteceu, sabemos como eles o fizeram e onde estão...

Espantado, Reynaud inclinou-se sobre a grande secretária.

– E como sabem? – Olhou, inquiridor, para Bertrand.

– Descobrimos. Bem, Little Laureen descobriu.

– Não, não fui eu – objetou esta, a pensar na recompensa para Bertrand. – Adivinhámos *ambos* como aconteceu. Pensei nisso quando estava num barco a olhar para terra, como devia ser fácil entrar e sair de um cais e de uma casa...

– E depois pensámos nisso por causa do fantasma de Chez La Violette... – acrescentou Bertrand.

Laureen lançou-lhe um olhar triunfante.

– Bertrand disse que não havia nenhum fantasma, mas eu sabia que havia e é por isso que ninguém lá vai. Exceto os ladrões, porque está vazia.

– Nunca ninguém os veria, ninguém pensaria sequer em procurar lá... – Excitado, Bertrand continuou a história.

– Então viram esses quadros roubados? Em Chez La Violette?

O rosto de Bertrand desanimou.

– Bem, não propriamente – admitiu Laureen.

– E os ladrões? Viram-nos?

– Bem... não... apenas a luz do fantasma à noite...

François Reynaud levantou-se do seu grande cadeirão de pele. Deu a volta à secretária pesada, pegou no jarro de cristal e serviu mais limonada.

– Maria Dolores – chamou. – Traga por favor algumas dessas *tartes tropéziennes* para *les petits*.

Empoleirou-se num canto da secretária a olhar para eles, de novo sem sorrir, até que a governanta reapareceu com um cestinho de tartes.

Laureen disse *merci beaucoup* e tirou uma. Sabia muito bem e beberricou a limonada, fitando Bertrand que mastigava a sua com cuidado, tentando não fazer migalhas.

– Senhor? Posso levar uma tarte para o meu cão? – perguntou Bertrand.

Reynaud olhou em volta da sala, de sobrancelhas erguidas, como se tivesse deixado escapar alguma coisa da história fantástica que eles tinham desencantado.

– Não vejo aqui nenhum cão.

– Oh, mas, *monsieur*, é um cão vadio. Tem pelo amarelo e Bertrand acabou de lhe dar o nome de *Cão Amarelo*. E sei de Chez La Violette porque o meu pai alugou a casa por um mês para as nossas férias, mas depois deu tudo errado e estava tudo cheio de pó e partido e assombrado e acabámos no Hôtel des Rêves, onde Bertrand está hospedado, só que a mãe dele deixou-o lá e ele mergulhou e salvou o meu fio e agora ele sabe o que aconteceu e por isso pode pagar-lhe a recompensa e ele nunca terá de ir para o colégio interno e a sua cruel mãe pode ficar em Itália com os novos enteados porque não há espaço para Bertrand...

Laureen fez uma pausa para respirar e Bertrand fitou-a atordoado, de olhos vidrados com o choque. Não estivera à espera de nada daquilo.

– Mas Mac e Sunny agora estão a cuidar de Bertrand – acrescentou

Laureen. – E o meu pai, Billy Bashford. Vivemos num rancho, o Rancho Glitter no Texas.

Bertrand interveio com rapidez:

– A mãe de Laureen morreu. Ela usa o *tutu* para a mãe poder encontrá-la sempre, esteja ela onde estiver ou quantas pessoas estiverem...

– E *Cão Amarelo* agora pertence a Bertrand – acrescentou Laureen. – E está a morrer de fome.

Reynaud ergueu a mão para acabar com a torrente.

– Maria Dolores – chamou outra vez a governanta. – Deixe, por favor, entrar o cão e arranje-lhe alguma comida. Creio que tem fome.

Levantou-se, olhando em silêncio para o par de crianças. Não se sentia assim tão comovido desde que o seu jovem amigo fora assassinado.

– Vamos lá para fora, está bem? – sugeriu, liderando o caminho através das portas altas abertas até à bonita pérgula, com azulejos azuis e amarelos, ao estilo mourisco.

Esperou que Laureen se instalasse nas almofadas azuis, mãos apertadas no colo, joelhos afastados, os pés a baloiçar. E Bertrand, tenso de nervosismo, ficou de pé ao lado dela.

– Então conhecem Mac Reilly – observou.

– E Sunny – retorquiu Laureen com entusiasmo. – São nossos amigos.

– E eles sabem da vossa história? Do barco, dos ladrões e de Chez La Violette?

– Não – admitiu Bertrand.

– Queríamos ser nós a contar-lhe a si – explicou Laureen.

Reynaud assentiu.

– Para poderem receber a recompensa.

– É para salvar Bertrand, compreende. – Laureen olhou-o nos olhos. – Ele não tem para onde ir, a mãe dele não o quer e, se ganhar a recompensa, fica com liberdade para fazer o que quiser.

– Claro.

Maria Dolores apareceu com *Cão Amarelo* atado a um pedaço de corda. Vinha a caminhar muito pacífico ao lado dela, com a cabeça e a cauda baixas. Ou seja, até que avistou Bertrand. Aí soltou um ganido e galopou na sua direção, com a grande cauda a abanar, quase atirando a governanta ao chão.

– É um belo cão – disse Reynaud.

Bertrand mostrou o seu sorriso raro.

– Pois é – retorquiu, orgulhoso.

Maria Dolores regressou com uma tigela de comida. Para Laureen, cheirava a um bom frango e o cão devorou-a, não levantando a cabeça uma única vez. A governanta trouxe depois uma tigela com água e o cão sorveu-a com vontade, salpicando água por todo o lado, depois sentou-se e coçou-se com vigor.

– No entanto, precisa de aprender algumas maneiras – disse Laureen.

– Fazemos o seguinte, meninos. – Reynaud pôs-se diante deles, com os braços cruzados sobre o peito, parecendo alto como uma árvore quando ergueram as cabeças para ele. – Vou investigar a vossa história, verificar o que me disseram sobre o barco e sobre Chez La Violette.

Laureen mostrou-se desanimada. Pensara que ele entregaria logo os quinhentos mil euros.

– E, se o que contaram for verdade, então terão ganho a recompensa.

Bertrand sabia que terminara tudo. Pegou na ponta da corda atada ao seu cão. Disse com educação:

– Obrigado, Monsieur Reynaud. – Depois acenou para Laureen para esta se despedir também.

Laureen fitou Reynaud durante um longo minuto. Então, impulsivamente, correu para ele e lançou-lhe os braços em volta das pernas.

– Obrigada, Monsieur Reynaud, pela limonada, pelas tartes e pela comida de *Cão Amarelo*. – Depois seguiu Bertrand que saía da pérgula com os azulejos bonitos.

Virou-se para um último olhar.

– Sabe o que estávamos a cantar quando vínhamos para aqui de bicicleta? «Vamos ver o Feiticeiro, o maravilhoso Feiticeiro Reynaud.» – E, atirando-lhe um sorriso por cima do ombro, foi-se embora.

MAC REGRESSOU AO HOTEL antes do jantar, mesmo a tempo de contar a Sunny que encontrara o *Blue Picasso* e que suspeitava que Krendler estava a bordo.

– Não posso fazer nada antes de Krendler ou Valenti tomarem alguma iniciativa – gritou do chuveiro, onde lavava o suor do dia longo.

Sorriu, surpreendido, quando uma Sunny nua entrou no duche e começou a ensaboar-lhe as costas.

– Bem, obrigado, estava quase demasiado cansado depois daquela viagem para fazer isso sozinho.

– Então porque não me deixas ajudar?

Massajou-lhe os ombros e Mac deixou cair a cabeça para a frente. A água fresca pingou-lhe do queixo.

– Creio que estou nalgum tipo de céu – murmurou, virando-se e cingindo-a nos braços.

– *Mmmm*, então casemos – retorquiu Sunny.

Mac afastou-a um pouco. Minúsculas gotículas orlavam-lhe as pestanas e o cabelo comprido caía para trás como uma cascata preta lustrosa.

– Como arranjamos tempo? Tenho andado ocupado o dia todo.

Sunny reconheceu a verdade do que ele dissera. Ela também estivera ocupada.

– Então quando tudo isto estiver terminado, tu e os Inadaptados e eu e La Violette... então casamos?

– Primeiro temos de ir à praia.

– Porquê?

– Porque estamos em Saint-Tropez há tanto tempo e ainda não conseguimos fazê-lo.

Ela assentiu, era verdade, apesar de todos os outros já lá terem estado, incluindo Little Lauren.

As mãos de Mac massajaram os músculos compridos e esguios das costas dela e o traseiro redondo que cabia nas suas mãos como se tivesse sido feito

para ele.

O telefone tocou. Mac gemeu e *Tesoro* ganiu. Continuou a tocar. Agora foi Sunny que gemeu.

O foco de atenção de Mac mudara. Fitou-a constrangido.

– Tenho de atender – disse, o pensamento já em Krendler e Valenti.

Agarrando uma toalha e a escorrer água, correu a atender o telefone. *Tesoro* mordiscou-lhe os calcanhares e *Pirate* mordiscou *Tesoro*.

– Reilly, fala François Reynaud.

– É bom ouvi-lo. Posso ajudar nalguma coisa?

Reynaud riu-se.

– Não sei se me pode ajudar, mas poderá muito bem ser capaz de ajudar dois jovens amigos seus. – E contou-lhe a visita de Bertrand e Laureen e a teoria deles sobre os roubos.

– Caramba – replicou Mac, atónito. – Fui relegado para segundo plano por um par de miúdos. Como terão chegado a essa conclusão? É tal e qual o que eu pensei, exceto a parte de Chez La Violette ser o sítio onde escondem os quadros. Pensei que fossem levados numa lancha rápida. A lancha encontrava-se com o *Blue Picasso* mais longe na costa e bem afastado da zona e aí os quadros eram transferidos. Estou disposto a apostar que ainda estão nesse veleiro, escondidos atrás de todos aqueles belos lambrins de madeira. De facto, nunca vi um barco tão revestido de madeira.

– Como descobrimos? – perguntou Reynaud.

– Neste momento é um jogo de esperar para ver. E já não se trata apenas do roubo e de um assassinato. Tem a ver também com a morte de uma mulher.

– Está a referir-se a um segundo homicídio? – A voz de Reynaud era cortante.

– Exato. E creio que sei quem foi. – *Tesoro* puxou pela toalha e Mac puxou-a também. – Não posso ir ainda à polícia, porque não tenho provas e eles também não. Mas, quando esse momento chegar, eles lá estarão.

– Então deixo as coisas consigo. E toma conta dessas crianças? Vê o que andam a tramar, certifica-se que não correm perigo? Estamos a falar de homicídio, Reilly.

Chocado, Mac percebeu que era verdade e que aquelas duas crianças metedizas podiam de repente encontrar-se em perigo.

– Não se preocupe, tratarei do assunto – respondeu.

Sunny pusera *Tesoro* lá fora na varanda onde latia para os pavões. *Pirate*

estava deitado tranquilamente aos pés da cama, desta vez numa posição de vencedor. E Sunny estava estendida na cama.

Mac fechou as portadas e depois deitou-se ao lado dela. Lençóis frescos; meia-luz; o delicado movimento ascendente dos seus seios; o princípio da barba por fazer, o aroma masculino dele, mãos urgentes, pele sobre pele. Fazer amor fora alguma vez tão doce?

Mais tarde, caíram de costas ainda enredados, a perna dela passada por cima da anca dele, o braço dele por baixo dos ombros dela, aspirando o hálito um do outro, provando devagar os lábios um do outro.

– Vamos fugir juntos – insinuou Sunny baixinho.

A risada de Mac retumbou-lhe do peito.

– Sunny Alvarez, estás a sugerir que fuçamos de *Saint-Tropez*? É *para aqui* que as pessoas fogem.

– Não quando só pensam em homicídios – replicou Sunny, nada divertida. Depois sorriu indulgente. – Bem, fiz umas pequenas investigações próprias. – Estendeu a mão para o frasquinho de perfume de violeta em cima da mesa de cabeceira diante do quadro a óleo antigo e passou-o a Mac.

Este fitou-a com ar inquiridor, depois examinou a caixa de tom creme, abriu-a e puxou o delicado *flacon Lalique*.

– Lindo – observou, correndo um dedo ao de leve pelas pétalas do tampa, escutando enquanto Sunny lhe contava a história da sua visita à *parfumerie* em Grasse.

– Parece-me que Chez La Violette encerra todas as respostas – disse com ar sério. – Uma mulher como aquela, uma estrela, uma beldade, uma mulher que amou e foi amada, não se iria assim embora. Não morreria sozinha. Algures.

Mac não tinha tanta certeza. Violette fora presa depois da guerra, acusada sabe-se lá de quê. A vida, tal como a conhecia chegara ao fim. Restava-lhe viver para quê?

O jantar era às nove com todos os Inadaptados. Lançou uma olhadela ao relógio dourado na parede, uma relíquia de meados do século que descobrira uma nova vida ali no Hotel dos Sonhos.

– Calculo que Violette perdeu simplesmente o seu sonho – respondeu.

MAC ESTAVA NO BAR A CONVERSAR COM BILLY. Observavam Laureen e Bertrand, que jogavam póquer na outra ponta da sala, enquanto algumas crianças viam desenhos animados na televisão, esperando que os pais aparecessem para jantar.

Mac contara a Billy o que a filha andava a fazer e que a coisa se transformara agora num jogo perigoso.

– Poderás ter de os manter afastados do assunto a partir de agora – aconselhou.

– Caramba. – Billy estava espantado. – E eu que só pensava em agradecer a Deus por Little Laureen estar por fim a sair do seu transe pós-traumático e tudo devido ao novo amigo.

– Ainda podes agradecer a Bertrand por isso – replicou Mac. – E Bertrand pode também agradecer a Laureen. Precisavam um do outro.

Não lhe contou que Valenti era suspeito do assassinio de Caroline, nem lhe falou de Krendler. Dera a Billy apenas informação suficiente para garantir que a partir daquele momento mantinha a filha sob vigilância o tempo todo.

– Também vou manter aquele rapaz debaixo de olho. – Billy empurrou o chapéu mais para trás e limpou a testa com um lenço de seda vermelho, branco e azul. – Raios, quem diria?

– Pois é. – Mac deu-lhe uma palmada no ombro quando o texano se levantou e foi dizer aos miúdos que eram horas de jantar.

Billy passou o braço pelos ombros da filha e convidou:

– Ei, Bertrand, porque não vens jantar connosco? Tenho a certeza que Laureen ia gostar.

O rosto de Bertrand, em geral pálido como alabastro devido a ser raro sair durante o dia e apenas à noite, como um vampiro, corou de prazer.

– Porém, antes de irmos, precisamos de falar sobre a vossa visita a Monsieur Reynaud.

Laureen soltou uma exclamação abafada. Perguntou-se como teria

descoberto. Nervoso, Bertrand mordeu o lábio.

– Digo-vos, miúdos, penso que foram muito espertos, percebendo como os factos se ligavam. E Monsieur Reynaud aprecia isso. Entende a questão da recompensa, mas agora insiste que deixem o assunto em paz. Não se fala mais de roubos, nada de tentar adivinhar como foram efetuados, ou porquê, ou quem foi. Monsieur Reynaud não quer que corram perigo. E Mac também não.

Fitaram-no os dois confusos. Tinham idade suficiente para entender grandes mágoas, mas eram demasiado jovens para conhecer o perigo.

– Prometam-me – pediu Billy solene.

– Prometemos – murmuraram em uníssono.

– Mão sobre o coração – insistiu Billy.

E, mãos sobre o coração, prometeram outra vez.

– A não ser que aconteça alguma coisa excitante e possamos ganhar a recompensa – sussurrou Laureen para Bertrand enquanto seguiam o pai até ao pátio.

Bertrand caminhou orgulhoso com Laureen para a mesa comprida no pátio onde os Inadaptados já se encontravam sentados, com garrafas de *rosé* – uma nova escolha, *Château St. Martin*, cor de pêssego rosado e vivificante na língua – a serem servidas e os pratos especiais da noite a serem considerados com o empregado, que agora conhecia toda a gente pelo nome e sorriu quando viu as crianças.

Belinda arranhou-lhes lugar entre Billy e ela e cumprimentou Mac e Sunny com melancolia. Nate estava imerso em profunda conversa com Sara sobre a sua nova casa e Laureen, excitada, falava a Sunny do novo cão de Bertrand.

– Mas onde está?

Sunny sabia que os cães eram bem-vindos na sala de jantar, como o eram na maior parte dos restaurantes em França, e onde pareciam comportar-se sempre como anjos, meio escondidos por baixo das cadeiras dos donos ou debaixo da toalha de mesa. Ao contrário de *Tesoro*, que tornava sempre a sua presença conhecida, ao passo que *Pirate*, que nunca saía do lado de Mac, se comportava como um cão de guarda e como se não entendesse que tinha uma deficiência.

– Não me deixaram trazer o meu cão. – O rosto de Bertrand mostrava-se desapontado quando lhes contou que o diretor do hotel dissera que o cão era vadio, que estava sujo, que devia ter pulgas e não podia de forma alguma

autorizá-lo a entrar, caso contrário infestaria todos os outros cães.

– Suponho que ele tem razão, Bertrand – retorquiu Billy. – Mas fazemos o seguinte, amanhã tu, eu e Little Laureen vamos procurar um salão de beleza para cães e mandamos limpar *Cão Amarelo*.

– Podemos mesmo ir, papá? – Laureen estava radiante.

– E depois vamos talvez todos dar uma volta de carro algures, levamos o vosso cão a dar um longo passeio, almoçamos juntos.

Para Sunny, parecia ser a solução perfeita. Entretanto, passou *Tesoro* a Laureen, que agarrou agradecida na *chihuahua*. Depois pediu um prato de carne picada para o cão de Bertrand. Quando este chegou, Bertrand levou a comida até ao parque de estacionamento onde *Cão Amarelo* estava atado a uma árvore sob o olhar circunspecto do homem de Lev de serviço. Bertrand esperou enquanto o cão comia, depressa, como um lobo esfaimado. Viu-o beber alguma água, fez-lhe uma festa, arranjou-lhe uma toalha de praia para ele dormir, fez-lhe mais umas festas e regressou à mesa no pátio.

O segurança de Lev viu-o partir. Nunca tivera um trabalho como este antes; as crianças não se achavam na sua órbita, embora raptos sim. As coisas eram muito sossegadas ali no Hôtel des Rêves. Demasiado sossegadas. Estava aborrecido de morte. Voltou ao jornal e ao boletim das corridas para o dia seguinte.

– Não sei o que vou fazer – disse Belinda para Billy, falando por cima das cabeças curvadas de Laureen e Bertrand, que estavam ocupados com as suas batatas fritas, ao passo que ela se entretinha com um delicado filete de solha, grelhado com um molho de manteiga. Era delicioso, mas não tinha apetite.

Os olhos de Billy suspiravam quando a fitou. Era a primeira vez que sentia alguma coisa por uma mulher desde que Betsy morrera, aquela agitação no coração e na barriga. A emoção nova era-lhe estranha. Não sabia muito bem como lidar com ela. Afinal, já não saía com mulheres há imensos anos. Era apenas um simples e solitário rancheiro do Texas com uma filha pequena. Este mundo exótico de Saint-Tropez era-lhe desconhecido, embora admitisse gostar dele. E, afinal de contas, em que outro sítio poderia ter conhecido uma mulher como Belinda?

– Montas a cavalo? – perguntou.

Belinda lançou-lhe um longo olhar avaliador.

– Ainda não – respondeu com um sorriso.

Billy percebeu que ela tinha entendido o que ele quisera dizer; que tinha

cavalos no seu rancho e que ela era bem-vinda. Não era preciso dizer mais nada; estavam em sintonia.

– Devias comer esse peixe, está maravilhoso – disse.

E depois Sara declarou:

– Só mais dois dias e tenho de voltar para casa.

– Sara! Mas não me podes deixar – objetou Belinda.

– Então... fica – disse-lhe Sunny.

– Tenho de voltar ao meu trabalho.

– E se houvesse uma alternativa? – perguntou Nate.

– Mas não há. Nunca houve qualquer alternativa. Trabalhei quando estava a acabar a escola, trabalhei durante a faculdade, trabalhei a vida toda.

– Tens vinte e sete anos – retorquiu Nate. – Tens idade suficiente para saber o que é o trabalho, mas também és jovem o suficiente para mudar. E poderei ter a coisa certa para ti. Quer dizer, se estiveres disposta a correr o risco. – Fitou-lhe o rosto fechado. – O que dizes, Sara? És uma jogadora?

O maxilar de Sara estava cerrado com firmeza. Nunca jogara na vida, como poderia começar agora?

– Não – respondeu.

– Então não queres saber o que tenho em mente?

Os outros escutavam interessados, olhando de um para outro, como espetadores numa partida de ténis.

– Ao menos ouve o que ele tem a dizer – instigou Belinda.

– *Okay*, estou a ouvir.

– Estive hoje no Moulin de Hubert – começou Nate. – E Malcolm andava às voltas com um avental vestido, a servir os clientes. A empregada deles demitiu-se.

Sara fitou-o confusa. Estaria seriamente a sugerir que se tornasse outra vez empregada de mesa?

– Estão a pensar expandir o negócio, acrescentar alguns quartos, transformar o sítio num pequeno albergue. Mas não têm experiência empresarial. Basicamente, Roger é um *chef* e Malcolm vai preenchendo as lacunas, mas nenhum deles sabe mesmo o que andam a fazer. O que precisam é de alguém com cabeça para os negócios.

Sara ficou de boca aberta.

– Queres dizer *eu*?

– Tu tens o *know-how*, contaste-me que diriges o departamento de recursos

humanos como um general, estudaste gestão e acredito que não te falte ambição. O problema, Sara, é que estás entediada.

– É por isso que acabas com homens errados – acrescentou Belinda com sagacidade. – O tédio é de arrasar.

– Claro que terias de começar como empregada de mesa – explicou Nate. – E claro que poderias viver na minha nova casa.

– Oh, meu Deus. – Sara não conseguia acreditar muito bem no que estava a ouvir.

– Não pronuncie o nome do Senhor em vão – atalhou Little Laureen, franzindo o sobrolho.

– Desculpa. – Sara fitou o seu prato, o lábio inferior preso entre os dentes, o comprido cabelo castanho a baloiçar-lhe sobre o rosto, escondendo-a. Como sempre acontecia.

O telemóvel de Mac soou e ele atendeu. Escutou durante um segundo e depois ergueu-se de um salto.

– Leva os miúdos daqui para fora – disse para Billy.

Sunny sentiu que vinha aí grande complicação quando Billy os puxou das cadeiras.

– E, Sunny, leva Belinda daqui – continuou Mac. – Vão pelo parque de estacionamento. – A voz era tensa. – *Já*.

Sunny e Belinda deram as mãos, contornando a mesa, céleres.

Mesmo no instante em que Jasper Lord entrava a passos largos na sala de jantar.

TODA A GENTE NA MESA SE IMOBILIZOU.

Em volta, as conversas continuaram, normais; o jantar estava a ser servido, bebia-se vinho.

Belinda descrevera corretamente o marido: uma boca de incêndio corpulenta vestida com um fato de seda italiana creme e uma camisa de seda preta. Óculos escuros, claro. E uma boca que sorria apesar de não estar a sorrir.

Atrás dele encontrava-se um par de facínoras, elegantes nos tons pastel habituais no Sul de França. E atrás deles, vinha Lev.

Lev estivera à porta do hotel segundos antes quando o comprido *Mercedes* preto se aproximara, o *Mercedes* maior e mais caro que se fabricava. Com certeza não o tipo de carro que os hóspedes no modesto Hôtel des Rêves possuiriam. Mas sem dúvida um carro que sabia que o marido de Belinda teria.

Telefonara a avisar Mac, mas fora demasiado tarde para levar Belinda do hotel. Agora tudo o que Lev podia fazer era protegê-la. Os seus homens já se encontravam no pátio, embora não previsse violência, não na sala de jantar apinhada. O que previa era que Jasper Lord tentasse de alguma maneira levar Belinda lá para fora para o carro.

– Bem, boa-noite a todos. – Jasper Lord olhava para Belinda. – É bom ver que fizeste novos amigos, querida – prosseguiu, puxando uma cadeira e sentando-se.

Billy observou-o, dividido entre ficar para proteger Belinda e levar as crianças para as proteger do perigo. As crianças ganharam. Teria de confiar Belinda a Mac. Começou a puxá-las para a saída.

– Então onde vão? – inquiriu Lord. – Tenham calma, voltem a sentar-se. Belo par de miúdos que tem aí.

Laureen apertou *Tesoro* contra o peito, fitando de olhos arregalados o desconhecido. A cadela descerrou os dentes numa rosnadela.

Sunny sempre soubera que *Tesoro* percebia os homens.

Mac ainda se encontrava de pé ao lado da sua cadeira. *Pirate* erguera-se e mostrava-se desconfiado. Até ao momento, Belinda não dissera uma palavra, fitava apenas o marido, horrorizada.

– Então a que devemos a duvidosa honra da sua presença, Mister Lord? – Mac aproximou-se dele. Tal como Lev, sabia que não poderia haver violência, nada de armas naquele cenário cheio de gente, e manteve a voz baixa para não atrair atenções.

Atrás dos dois facínoras, viu que Lev falava ao telefone. Avistou também os dois seguranças de Lev no perímetro do pátio.

Jasper Lord sabia que estava cercado, mas não sentia perigo pessoal. Sabia com o que contar.

– Belinda querida.

A palavra *querida* rangeu, fazendo Sara estremecer. Billy ficou onde estava, a segurar nas mãos das crianças, era demasiado arriscado tentar escapar e irritar Lord. Porém, Nate e Sara levantaram-se e foram postar-se atrás de Belinda.

O rosto de Belinda perdera a cor, mas quando falou por fim a voz era clara e cheia de desprezo.

– Estava à espera que aparecesses de camisola interior sem mangas. Do tipo a que chamam «espancadores de esposas» – disse.

Lord mirou-a em silêncio por trás dos óculos escuros. Soltou um suspiro dramático.

– Belinda, Belinda, porque não podemos resolver isto os dois sozinhos? Sabes como gosto de ti. O que lá vai lá vai, o passado é o passado. O meu amor por ti pode vencer tudo.

Olhando para ele, o engraçado era que Belinda quase conseguia acreditar. Percebeu que afinal era como Sara. «O que se passa connosco, mulheres», pensou fitando o homem que a cortejara, casara com ela, a mantivera quase como prisioneira e lhe batera. «O que se passa connosco, mulheres, que não sabemos como largar o sonho?» Mas Sara largara. E agora ela também.

– Sai daqui, seu sacana! – exclamou e ouviu o resfolegar chocado de Lauren. – Põe-lhe as mãos nos ouvidos, Billy – avisou. – Ela não vai querer ouvir o que tenho a dizer a este pulha. Sei que tens uma arma debaixo desse casaco – continuou em voz baixa. – E sei que não hesitarias em usá-la em mim. Farás tudo o que for preciso para me teres de volta. Não porque gostes

de mim. Isso nunca. Mas porque pensas que te pertenco e ninguém, nunca ninguém, abandona Jasper Lord. Bem, meu caro, quero que saibas que foste mesmo bem abandonado.

Mac viu o rosto de Lord ficar roxo de raiva. Sabia que era um momento explosivo.

– Se levas a mão a essa arma, vais-te arrepender – avisou, rezando para não ter de fazer alguma coisa a esse respeito.

Lá fora ouviu-se a sirene da polícia. Lord olhou em volta, sobressaltado, viu Lev atrás dos seus homens, percebeu que não havia nada a fazer.

– Vamos – disse para os seus capangas. Empurrou a cadeira para trás, inclinou-se por cima da mesa, o rosto colado ao de Belinda. – Hei de voltar – sussurrou. – Sabes isso, não sabes? – E depois virou-se e saiu da sala de jantar.

Em redor, as conversas e o jantar decorriam como de costume. Ninguém reparara sequer. Sunny percebeu que agarrava os braços da cadeira com tanta força que as mãos lhe doíam. Pensou no que acontecera há apenas umas horas, quando fizera amor com Mac e na tranquilidade desses momentos anteriores. A calma antes da tempestade. Billy apertava as crianças contra si. O rosto de Sara estava branco. Os olhos de Nate seguiam Mac e Lev enquanto estes seguiam Lord pela sala de jantar.

O carro da polícia esperava lá fora, mas mesmo antes de falar com eles, Mac sabia que não havia nada que os polícias pudessem fazer por Belinda. O facto é que o marido separado viera fazer-lhe uma visita, tentar que ela voltasse para ele. Não havia nada de errado naquilo. Tanto quanto se sabia. Só que a intimidação não era uma tática que a polícia aprovasse. Mas acontecia que tinham mais com que se preocupar do que com Belinda.

Chegara agora um segundo carro da polícia e depois um terceiro.

– Monsieur Lord? – O inspetor mostrou o seu distintivo. – Temos ordens para o escoltar para fora deste edifício.

– Oh, e quem lhe deu essas ordens?

– Não estou em posição de lhe dizer, *monsieur*. Mas devo escoltá-lo de volta ao seu helicóptero. Creio que irá descobrir que já não é bem-vindo neste país.

Tenso de fúria, insurgindo-se em silêncio contra a situação, Jasper Lord entrou no seu magnífico carro. Deixara o helicóptero *Bell* estacionado no topo de um prédio em Cannes onde possuía, mas nunca usava, um escritório

elegante. Seria uma longa viagem, mesmo num veículo tão luxuoso, e Mac ouviu-o gritar com os seus seguranças quando o motorista bateu com a porta e se enfiou no lugar do condutor. O carro afastou-se com um ruído surdo e com a sua escolta policial.

Mac ficou a pensar qual seria a próxima jogada de Jasper Lord.

ENTRETANTO, NA MESA DE JANTAR, ninguém falava. Billy relaxou a mão que apertava os ombros das crianças. Nate e Sara ainda se encontravam atrás de Belinda, fitando a saída, como se esperassem que o marido regressasse.

Tesoro, nos braços de Laureen, gania que metia dó e *Pirate* andava às voltas a verificar se toda a gente ainda ali estava e se encontrava bem. Mac e Lev tinham seguido Jasper Lord e os seus capangas até lá fora. Sunny olhava apreensiva para onde eles tinham saído. Belinda respirava outra vez.

– Sinto muito – disse Belinda sem conseguir disfarçar o tom amargo da voz agitada. – Avisei-os que ele era um brutamontes, está habituado a conseguir o que quer.

Sara afundou-se numa cadeira.

– Tudo o que fiz foi inscrever-me num pequeno cruzeiro – lamentou-se. Depois, vendo o rosto pálido de Belinda e as suas mãos trémulas, abraçou-a. – Não teria deixado que te tocasse – afirmou com ferocidade. – Nunca. Nunca, estás a ouvir, Belinda? Aquele homem nunca te irá magoar, não enquanto eu aqui estiver.

Belinda conseguiu esboçar um sorriso.

– Então talvez seja melhor ficares – retorquiu e Sara percebeu que nem sequer tivera ainda tempo para pensar na ideia de Nate de trabalhar para Malcolm e Roger no Moulin de Hubert.

Laureen afagou a *chihuahua*, nervosa.

– Papá, porque foi aquele homem tão mau para Belinda?

– Não é simplesmente um tipo bom, querida, é tudo. Nada com que precisas de te preocupar. Mac já tratou dele.

– Então quem irá cuidar de Belinda?

Billy pensou que era uma pergunta muito boa.

– Vamos ter de ver isso, querida.

Avistou Mac e Lev a regressarem e sugeriu:

– Fazemos o seguinte, porque não vão os dois para a mesa de Bertrand e

comem um gelado? Ouvi dizer que fazem um *banana split* extra especial, com os vossos sabores preferidos. E depois que tal um jogo de póquer?

Tirou o baralho de cartas do bolso e deu-o a Bertrand, que estava silencioso e assustado. Pressentira violência no ar e não compreendia o que se passava.

Aliviado, Bertrand pegou nas cartas.

– Vamos, Lauren – disse –, vou pedir o *banana split*. Que gelado queres?

– Morango. – Arrastou-se atrás dele, ainda a segurar *Tesoro*, que se tornara uma peça fixa nos seus braços. – Morango condiz com o meu vestido – ouviram-na dizer.

– Caramba. – Billy deixou-se cair na cadeira ao lado de Belinda. – Durante um minuto ali, imaginei que ia haver problemas.

Mac regressara.

– Demasiadas pessoas em volta para haver problemas a sério – retorquiu. – Tipos como Jasper Lord preferem que não haja testemunhas. – Observou o rosto de Belinda ainda em estado de choque. – Lamento. Desejava que isto não tivesse sucedido, mas agora sei que temos de te levar daqui para fora.

– Mas para onde? – Belinda engoliu uma ameaça de soluço.

– Há sempre o meu rancho no Texas – replicou Billy. – Fica muito distante de Jasper Lord.

Belinda abanou a cabeça.

– Não podes fazer isso. Quero dizer, não podes voltar para casa e levar Little Lauren daqui. Não vês como está a desabrochar? Não, tens de ficar. – Encolheu os ombros. – Pensarei em alguma coisa.

– Bem, sei que não é tão longe como o Texas – propôs Nate –, mas temos sempre a minha casa em Bonnieux. Ainda não tenho os papéis todos, mas suponho que, se pagar um pouco mais, me deixarão «alugar» a casa por umas semanas, até ser mesmo minha. Fica um bocado fora do circuito conhecido, empoleirada no topo de um monte, ninguém te conheceria, ou saberia sequer que lá estavas.

– Eu vou contigo – disse Sara de imediato.

Surpreendida, Belinda olhou para ela.

– Queres dizer que cancelavas o teu voo? Vais perder o dinheiro se o fizeres. E talvez o teu emprego.

«Merda para o dinheiro do bilhete de avião», pensou Sara. E merda para o trabalho no centro médico. Ia ficar com Belinda. Por agora, pelo menos. *Oh, meu Deus*, acabara de usar um palavrão, duas vezes, nos seus pensamentos.

– Vou cuidar de ti – afirmou com obstinação e Belinda lançou-lhe um olhar agradecido.

– Então está combinado – disse Mac.

Já falara com o seu contacto na Interpol, Alain Hassain. Jasper Lord era *persona non grata* em França. O que não significava que não aparecesse outra vez, mas pelo menos tinham algum espaço de manobra.

– Lev seguiu os carros da polícia para se certificar que o marido parte para San Remo. E amanhã Lev leva-as às duas a Bonnieux logo cedo, por isso vejam se fazem as malas hoje à noite. – Cruzou o olhar com o de Sunny, percebeu que estava a lidar com mulheres. – Ou, pelo menos, antes de Lev aparecer de madrugada – acrescentou com um sorriso irónico.

Nate já estava a telefonar para Malcolm, fornecendo-lhe uma versão simplificada da situação e Malcolm disse-lhe que ia tratar de tudo com o vendedor.

– *Okay* – concluiu Mac. – Agora penso que precisamos todos de champanhe.

– Voto nisso – concordou Sunny.

– Eu também – retorquiu Belinda, com o velho sorriso outra vez no rosto.

Sunny pensou que era espantoso que alguém pudesse parecer tão pálido sob um bronzeado.

Billy vigiava as crianças, ocupadas com colheres compridas a escavar camadas de *banana split*. Até de onde se encontrava conseguia ver que o peito de cetim cor de rosa de Laureen se achava literalmente salpicado de manchas de chocolate. Não interessava, os dois conversavam muito animados. Esperava que tivessem esquecido a feia cena.

– Vou sentir a tua falta – disse para Belinda.

Esta fitou-o, um olhar límpido, sério e meditativo.

– E sabes que mais, Billy Bashford? Vou sentir a tua falta também. És um homem mesmo bom, sabes isso?

Billy deu um puxão ao chapéu de cobói e ela riu-se, estendeu a mão e arrebatou-lho da cabeça.

– Não precisas de esconder o que vales por baixo desse chapéu. – Inclinou-se para ele. – És demasiado atraente para isso – sussurrou.

Billy sorriu.

– Então somos um par que combina bem – retorquiu.

Belinda deu-lhe uma palmadinha no joelho.

– Tens razão, Texas.

Muito mais tarde nessa noite, quando toda a gente já fora para a cama, Bertrand deslizou lá para fora e foi até ao parque de estacionamento. O segurança já lá não se encontrava, mas *Cão Amarelo* viu-o e levantou-se, a cauda comprida a abanar como uma bandeira. Bertrand puxou-o pela corda e esgueirou-se sorrateiro com ele pelas escadas das traseiras até ao quarto.

O cão dormiu na sua cama naquela noite, enrolado numa massa pesada ao fundo, onde Bertrand o conseguia sentir com os dedos dos pés. Dormiram ambos como pedras até de madrugada.

Belinda, no entanto, não dormiu. Ficou sentada sozinha na varanda, a escutar o bater suave das ondas, à espera dessa nova madrugada. O marido encontrara-a e, apesar de ir fugir, não tinha qualquer dúvida que a encontraria de novo.

NA MANHÃ SEGUINTE, Sunny e Mac levantaram-se cedo para se despedirem. Lev enfiou as malas *Vuitton* de Belinda no porta-bagagem do *Bentley* e depois comprimiu a pequena mala de rodinhas de Sara, juntamente com uma confusão de sacos de compras, no assento traseiro ao lado dela.

– Vou sentir saudades deste sítio – disse Belinda, já à frente, no lugar do passageiro, com o cinto posto.

– Voltas quando tudo terminar – replicou Sunny de forma encorajadora.

– Pois, claro que volto. – O sorriso de Belinda escondia a sua preocupação. – Diz adeus a Billy por mim – acrescentou quando se puseram em marcha, Nate a liderar o caminho na *Ducati*, outra vez com o fato de licra de abelhão e o capacete e óculos protetores a condizer.

– Só não te mistures no caminho com aqueles ciclistas do Tour de France – gritou-lhe Mac. – És massacrado.

Rindo-se, Nate acenou uma mão desprendida.

– Bem! – Sunny encostou-se a Mac quando o carro virou no caminho do hotel e desapareceu. – O que fazemos agora?

– Rezamos – retorquiu Mac em tom sombrio. Não tinha grande certeza se o marido não estaria já outra vez no encalço dela. – O problema é que nunca se pode confiar num gangster.

– Vou rezar. – Sunny pegou-lhe na mão. O Sol acabara de subir e tudo em volta era de um tom rosa-pêssego. – Vamos dar um passeio na praia?

Deambularam, de mãos dadas, pela beira da água com *Pirate* às fintas, todo contente, por entre as pernas deles. Era demasiado cedo para *Tesoro*, que optara por ficar na cama.

– Bem, perdemos dois dos nossos Inadaptados – comentou Mac. Atirou um seixo, rindo-se quando *Pirate* galopou atrás dele, uma orelha empinada, a outra para baixo. Era rápido, só com as suas três pernas. – Lindo menino – chamou Mac. Adorava aquele cão.

– Vou sentir a falta delas.

O braço de Sunny estava passado à volta da cintura dele e acertava a sua passada de pernas compridas pela dele, ainda maior. Parou para enrolar para cima as calças corsário brancas. Usava uma velha *T-shirt* que Mac lhe dera há alguns anos com NOITES DE MALIBU escrito a letras brilhantes no peito. Nunca se desfaria daquela *T-shirt*, manter-se-ia uma recordação tangível para sempre.

Mac pontapeou a areia com os dedos dos pés nus.

– Engraçado como nos ligámos a eles. Quero dizer, viemos para aqui para termos umas férias sossegadas, sozinhos...

Sunny riu-se, a recordar.

– E Sara disse que só se tinha inscrito num cruzeiro tranquilo.

– Aposto que Nate Masterson vai mudar a vida dela.

– Boa sorte para ele. – Deu um puxão no braço de Mac. – Que tal mudarmos a nossa, querido? Achas que vamos pelo menos conseguir passar algum tempo na praia antes de casarmos?

Mac parou e beijou-a nos lábios. Lábios forrados a batom vermelho porque, mesmo de madrugada, Sunny não seria apanhada sem o seu batom *Rouge* da Dior; dizia que um brilho de cor fazia uma rapariga sentir-se bem. Subiu-lhe a mão pelas costas, por baixo da *T-shirt*. Ela fez o mesmo e ficaram ali, frente a frente com o Mediterrâneo cintilante atrás deles e o cão a meter-se por entre os pés.

– Como poderia viver sem ti? – Beijou-a de novo e depois afastou-se. – Mas primeiro tenho de tratar de Krendler.

Continuaram a andar, com os braços ainda à volta um do outro. Encontravam-se agora na rocha de Bertrand, onde ele mergulhara para resgatar o fio de prata de Laureen e voltara com a mala de mão branca de Caroline cheia de euros ensopados. À direita encontrava-se o caminho quase escondido que levava, por entre os pinheiros mansos e as tamargueiras, a Chez La Violette.

Contemplaram as janelas da *villa*, um cinzento-metálico sem brilho, nem sequer adquirindo um toque do nascer do Sol cor de pêssego.

– Pergunto-me se esses miúdos terão razão – disse Mac, pensativo. – Talvez, no final de contas, os quadros roubados estejam escondidos em Chez La Violette.

Sunny encolheu os ombros.

– Não há lá nada. Nem sequer há lá nenhum sítio para *esconder* alguma

coisa. – Porém estava a pensar em Violette e em como poderia encontrar a resposta.

– Ei, vamos ver se arranjam os café.

– Pequeno-almoço? – animou-se Sunny.

– Podes crer.

No regresso deram com Bertrand e o seu cão pela corda, a esgueirar-se da entrada das traseiras para o parque de estacionamento. Sobressaltou-se quando os viu.

– Vou só levar o meu cão para dar um passeio – explicou ao mesmo tempo que *Pirate* avançava para o farejar.

Olhando para eles, Sunny pensou que era um milagre o que um cão e um amigo conseguiam fazer. Estava disposta a apostar que, até ao momento, tinha havido poucos sorrisos na vida de Bertrand.

Mas depois ocorreu-lhe uma ideia.

– Pergunto-me o que sucederá ao cão quando a mãe de Bertrand voltar – observou para Mac, de súbito preocupada.

ERA UM DOS MELHORES DIAS de que Billy se recordava desde há muito tempo. A filha sorria de novo.

Fora a Saint-Tropez com as duas crianças no banco traseiro e os três cães atrás delas. Tinham levado a *chihuahua* e *Pirate* para serem também escovados e limpos como *Cão Amarelo*.

Quando descobriram o salão de beleza para animais *Pour les Chiens*, a responsável lançou uma olhadela a *Cão Amarelo* e abanou a cabeça.

– Deve estar cheio de pulgas – queixou-se.

– Aposto que sim – concordou Billy. – Dê-lhe, por favor, o seu melhor banho para pulgas e elimine-as todas, caso contrário vamos ficar com o hotel cheio delas.

Deixando os cães com os seus champôs e escovagens, desceram a rua onde Billy encontrou um café que servia crepes e Laureen disse que já se habituara a comê-los sem xarope de ácer. Depois disso voltaram à loja chique para cães onde anteriormente tinham comprado a coleira para *Tesoro* e onde Billy e Bertrand escolheram uma coleira resistente para *Cão Amarelo* e uma trela de pele a condizer; um par de tigelas para a comida e para a água, uma escova para limpeza, uma cama estofada com imagens de cães, caso, brincou Billy, *Cão Amarelo* pensasse que era para outra pessoa qualquer; um par de sacos de comida para cão, ossos de roer, um brinquedo que chiava.

– *Pirate* e *Tesoro* vão ficar com ciúmes – avisou Laureen por isso escolheram brinquedos para eles também.

A seguir foram buscar os cães ao salão de beleza para animais. Billy comentou que cheiravam como se tivessem sido mergulhados em perfume de mulher, por isso levaram-nos para um longo passeio numa praia distante. Cheiravam muito melhor depois de o vento ter varrido o aroma a cão glamoroso, embora Bertrand ainda não se sentisse muito à vontade em relação ao laço amarelo preso na cabeça do seu cão. Porém, Laureen disse que era giro e assim deixou-o ficar.

Nenhuma das crianças mencionara a cena à mesa na noite anterior e Billy suspirou de alívio. Deviam ter esquecido: no fundo, só tinham observado um homem a falar mal com Belinda.

Depois daquilo, as crianças devoraram piza *Margarita* na esplanada de um restaurante minúsculo numa das estreitas ruas secundárias, enquanto Billy bebia uma *Stella* e se maravilhava como um miúdo tão magro como Bertrand conseguia comer tanto. Talvez, como o seu cão, tivesse andado a passar fome. E, aliás, por onde andaria a mãe do rapaz?

– O que vão fazer os dois agora? – perguntou enquanto regressavam ao hotel.

– Não sei. – Laureen remexeu-se no assento. *Tesoro*, que ia ao seu colo, claro, espetou a cabeça pela janela, aspirando o ar quente.

Billy tinha o braço apoiado na janela aberta; também estava a apreciar o sol, mais suave do que o calor feroz do verão no Texas. Metade da sua mente estava entretida com Belinda, a pensar onde estaria e o que andaria a fazer. Esperava que estivesse em segurança.

– Talvez possamos em breve ir todos visitar Belinda – sugeriu.

– Ótimo. – Laureen bocejou. Fora um dia longo e tinham comido muito. Logo, Bertrand e ela dormitavam.

Regressados ao hotel, Billy decidiu que se impunha uma sesta. Não percebera como estava cansado depois de uma noite de pouco sono, a preocupar-se com Belinda e o marido e ficou contente por levar os miúdos aos seus quartos e a seguir ir deitar-se. Pensou que conseguiria dormir durante cerca de uma semana.

Porém, Laureen não dormiu. Estava preocupada com Bertrand. Sabia que nunca lhe dariam permissão para ter o cão no colégio interno. Bertrand *tinha* de conseguir aquela recompensa, mas, para isso, precisavam de encontrar os quadros roubados. Tinham dito ao Feiticeiro de Reynaud que estavam escondidos em Chez La Violette. Sabia que deviam lá estar. Não era?

Se houvesse espaço suficiente, Laureen teria andado de um lado para o outro no seu minúsculo quarto, mas neste caso só podia dar três passadas para a frente e depois três para trás. Sabia que tinha de fazer alguma coisa! *Okay*, decidiu. Ia buscar Bertrand e iriam a Chez La Violette pesquisar uma vez mais. Mesmo que tivessem de levantar aquelas sinistras cobertas brancas e

espreitar por baixo. Estremeceu com a ideia.

Olhou pela janela para ver o que se passava. Era demasiado cedo para jantar e estava tudo tranquilo. Algumas nuvens tinham subido no céu, abafando o sol.

Vestiu o *tutu* cor de laranja e as botas de cobói e depois pensou se estaria a agir bem. Não deveria usar camuflagem, como Bertrand com a sua capa? Oh, e desta vez dir-lhe-ia para trazer os binóculos para poderem espiar, ver quem lá andava na realidade. Como talvez um fantasma.

Atirou uma toalha de praia azul por cima dos ombros para que, se alguém a visse, pensasse que ia à praia e foi bater à porta de Bertrand.

Bertrand abriu a porta e fitou-a com ar de sono. *Cão Amarelo* encontrava-se atrás dele, de olhos brilhantes. Laureen achou que parecia um cão novo, mas talvez Bertrand tivesse razão e o laço fosse um pouco efeminado.

Tirou-o e disse:

– Vamos, Bertrand. Temos de voltar a Chez La Violette e descobrir aqueles quadros.

Não teve de explicar mais nada. Bertrand entendeu a premência da situação. Olhou para Laureen envolvida na sua toalha e com as botas calçadas e foi buscar a sua capa, os binóculos e o seu cão.

– Vamos – retorquiu.

BERTRAND LIDERAVA o caminho para Chez La Violette. Ia envolvido na sua capa de camuflado, com o cão nos calcanhares, os binóculos a balouçarem-lhe no peito, parando de vez em quando para espreitar por eles com ar importante, enquanto Laureen esperava cheia de paciência. Olhou para o céu baixo. As nuvens tinham-se acumulado no horizonte, bloqueando o sol. Comentou para Laureen, que se arrastava de pés chatos nas suas botas, embrulhada na sua toalha de praia, que esperava que não fosse haver outra tempestade.

Desta vez fora fácil sair do hotel sem ser visto. Lev fora-se embora, os seguranças também e toda a gente já voltara da praia porque o Sol desaparecera. As escadas traseiras e o parque de estacionamento constituíam uma saída rápida e agora *Cão Amarelo* apreciava o seu passeio, correndo à frente durante alguns minutos, depois voltando para trás, célere, para verificar se Bertrand não desaparecera.

Quando chegaram ao portão traseiro de Chez La Violette, o céu apresentava uma tonalidade azul-elétrico e caíra um silêncio profundo. Os pássaros tinham procurado abrigo e os coelhos haviam sumido nas suas tocas. Até os grilos tinham parado de cantar.

Bertrand abriu o portão e entrou no caminho cheio de vegetação. Laureen hesitou, a desejar não ter sugerido aquela investigação.

– Vamos, Little Laureen – encorajou-a Bertrand. *Cão Amarelo* estava sentado a seu lado, a língua de fora, à espera do que se seguiria.

– Acho que já não quero fazer isto.

– Mas, agora que aqui estamos, tem de ser – retorquiu ele, obstinado. – De qualquer maneira, a ideia foi tua, lembra-te?

Laureen lembrava-se. Um relâmpago azul iluminou o céu já de um azul-elétrico e, com um queixume, correu atrás de Bertrand, passando a fonte com as cabeças de cisne, até à entrada da cozinha.

Bertrand procurou a chave no vaso de gerânios e abriu a porta, depois tirou

a capa e deixou-a no degrau, juntamente com a toalha de praia de Laureen.

– Tu primeiro. – Laureen deixou-se ficar para trás, mas o cão precipitou-se para a frente, a cauda a agitar-se, uma rosnadela na garganta.

– O que se passa, rapaz? – Bertrand chamou-o e o cão veio sentar-se obediente aos seus pés. Lá fora, faiscou um relâmpago e um trovão ribombou. Os olhos do cão reviraram-se.

– Não há problema, *Cão Amarelo*, não é preciso estares assustado – sussurrou Laureen, embora o seu coração martelasse e sussurrasse para não fazer demasiado barulho e alertar o fantasma. – O que fazemos agora? – perguntou.

Bertrand já vasculhava os armários da cozinha, a despensa, até o velho piano que, de tampa aberta, estava encostado à parede.

– Nada aqui – respondeu. – Vamos tentar o salão.

Laureen pensou naqueles grandes objetos assustadores amortalhados de branco. Seria que os quadros roubados estavam mesmo escondidos debaixo deles?

Bertrand leu-lhe o pensamento.

– Temos de levantar as coberturas e ver.

Seguiu-o, com o cão, até ao salão. Encontrava-se tudo como tinham deixado, exceto que uma das portadas estava aberta, projetando uma luz agradável na grande sala a cheirar a mofo. Bertrand calculou que o empregado devia tê-la deixado aberta e, com o nariz curioso de *Cão Amarelo* a furar as mortalhas, ergueu cobertura atrás de cobertura.

– Só mobília – disse.

Laureen soltou o ar que retivera.

– A seguir, o *boudoir* de La Violette. – A voz de Bertrand era inesperadamente firme, mas, quando atravessou o vestíbulo e abriu a porta, o cão farejou o ar e depois recuou.

– *Cão Amarelo* não quer entrar – objetou Laureen porque também ela não queria.

Secretamente, Bertrand não censurava o cão; havia qualquer coisa triste e silenciosa naquele quarto.

– *Temos* de entrar – retorquiu com tanta valentia quanto conseguiu. Virou-se para olhar para ela, que hesitava com o cão. – A não ser que tenhas medo, claro – acrescentou em tom paternalista.

Picada, Laureen avançou até à porta. Um raio iluminou o corredor, mas o

boudoir encontrava-se na escuridão. Estendeu o braço para a mão de Bertrand, apertando-a com força enquanto um trovão ribombava como cem vagões de comboio mesmo por cima deles. Atrás, o cão ganiu.

Bertrand acionou o interruptor da luz. Nada aconteceu. Tentou de novo. A mesma coisa. Espreitou para a escuridão. A tempestade deitara com certeza a eletricidade abaixo. Sabia que teria de atravessar aquele grande quarto escuro e abrir as portadas.

A casa estava silenciosa depois do grande estrondo do trovão. Nada bulia.

– Bertrand? – A voz de Laureen tremia.

– Que é? – A voz dele tremia também.

– Vamos para casa.

– E então a recompensa?

Laureen pensou durante um longo minuto.

– Está bem – concordou.

Pegou-lhe na mão e caminharam juntos na escuridão, serpenteando por entre as formas escuras da mobília. Levaram um par de arrepiantes minutos, mas chegaram por fim à fileira de portas altas. Bertrand destrancou as portadas e atirou-as para trás, soltando um suspiro de alívio. Abriu as portas de vidro de par em par. Era uma luz cinzenta de tempestade, mas pelo menos conseguiam ver.

Atrás dele, ouviu Laureen dizer:

– Bertrand?

Virou-se para olhar para ela. Estava de costas para ele, fitando a parede de boca aberta. Uma grande secção dos painéis cinzento-pombo tinha sido afastada, revelando um espaço atrás.

– Uma sala secreta! – exclamou.

– Tal como nos filmes!

Os binóculos de Bertrand baloiçaram-lhe no peito quando correu para a frente, todo o medo esquecido.

– Vem ver, Laureen. *Olha só.*

Os dois fitaram a pilha de telas apoiadas na parede traseira da abertura estreita atrás dos painéis.

– *Encontrámos os quadros, Bertrand* – sussurrou Laureen. – *Oh, Bertrand, encontrámos os quadros.*

– Encontraram mesmo, seus pequenos sacanas. – A voz vinha detrás. – E agora, o que vamos fazer?

Era Joel Krendler, uma bengala de castão de prata na mão e uma expressão de completa malevolência no rosto.

UMA HORA DEPOIS, Sunny saiu para a sua varanda. A tempestade passara e agora todos os arbustos e árvores cintilavam com gotículas de diamantes como a tiara de princesa de Little Lauren. Era demasiado esperar por um arco-íris porque isso significaria um pote de ouro e Sunny não tinha a certeza se existiria algum no final da história de Violette.

Não conseguia tirar Violette da cabeça. Ali estava ela, com todas as pistas: a lenda, o anel, o amante, o desaparecimento. E ainda sem nenhuma ideia clara sobre o que acontecera.

Tesoro saltou-lhe para a perna, a ganir. Estava na altura de a levar a passear. Mac fora a Cannes falar com a polícia sobre Jasper Lord e certificar-se que se fora mesmo embora. Sunny estava por sua conta. Chamou *Pirate*, enfiou os pés ainda não bronzeados do sol nas suas chinelas de dedo, pôs as trelas aos dois cães e desceu.

Renée acenou-lhe um olá quando passaram por ela.

– *Bonsoir, madame*, é uma ocasião perfeita para um passeio, depois da tempestade, com tudo tão fresco.

Renée tinha razão e Sunny inspirou fundo aquele ar renovado quando viraram para a direita à saída dos portões e deambularam com lentidão pelo caminho. Chovera bastante, mas não o suficiente para transformar os sulcos em lama. Mesmo assim tinha de se desviar das poças, embora, claro, *Pirate* avançasse a direito por elas, ao passo que *Tesoro* pedia para lhe pegar ao colo. Sunny pensou na hipótese de comprar botinhas para os dois cães, mas depois reconsiderou; Mac nunca lhe perdoaria se visse o seu *Pirate* de botinhas.

Claro que os seus pés a conduziam na direção de Chez La Violette. Para que outro sítio iria quando a lendária mulher ocupava constantemente os seus pensamentos?

Soltou os cães das trelas, parando junto ao caminho escondido para a praia para deixar *Pirate* correr a perseguir coelhos imaginários que, tinha a certeza,

não saíam até que o seu mundo relvado secasse um pouco e sem dúvida nenhuma não com um cão exuberante a enviar tantos avisos. O horizonte tinha desanuviado e levantara-se uma brisa fresca. Através das árvores ainda a pingar conseguia ver o Mediterrâneo, a cintilar cor de safira, azul-escuro, com pontas de cristal.

E nele encontrava-se um barco conhecido. Comprido, elegante e de velas pretas.

Sunny remexeu com urgência no bolso à procura do telemóvel. Marcou o número de Mac. Nenhuma resposta. Tentou de novo. A mesma coisa. *Raios. Onde estava quando precisava dele?* Deixou uma mensagem.

– Estou aqui à porta de Chez La Violette e nem adivinhas o que acabei de ver. O *Blue Picasso* atracado na baía. Valenti voltou. Telefona-me.

Hesitou, não sabendo o que fazer a seguir. Depois, esperando que Mac lhe telefonasse logo, continuou a andar para a *villa*. O portão das traseiras estava aberto e os cães farejaram felizes quando virou para o caminho cheio de musgo, escorregadio agora por causa da chuva.

Chinelas de dedo não eram os sapatos ideais para caminhos escorregadios e Sunny estava tão ocupada a ver por onde ia que, ao princípio, não ligou nenhuma ao latido áspero de *Pirate*. Quando levantou a cabeça, viu o grande cão amarelo sentado na soleira da porta da cozinha.

– O que estás aqui a fazer? – perguntou, adivinhando de imediato a resposta. Claro que o cão estaria com Bertrand. *E* Laureen. Viu a capa e uma toalha de praia do hotel e percebeu que as crianças deviam estar na casa.

Cão Amarelo dobrou a cabeça agradecido sob a sua mão acariciadora, ganindo, a cauda molhada a abanar, salpicando de lama as pernas nuas de Sunny.

– Então o que se passa, rapaz? – perguntou, com simpatia. – E onde está Bertrand? Vamos, encontra-o para mim.

O cão ganiu outra vez e *Pirate* correu para o seu lado com uma expressão preocupada. Nos seus braços, *Tesoro* lançou um pequeno ganido nervoso, do tipo que Mac dizia que parecia uma sirene da polícia.

A porta estava meio aberta e Sunny entrou, chamando.

O silêncio era tão completo que parecia quase ensurdecador.

– Bertrand? – chamou ainda perto da porta aberta da cozinha.

Aquela casa sempre a afetara e agora ainda era pior. Desta vez, não havia nenhum aroma a violetas de Parma, nenhum restolhar de pequenas criaturas

nos lambrins, nenhum gorjear de grilos perdidos vindos do jardim. Apenas um horrível silêncio. A tampa do piano ainda se encontrava levantada, as canecas ainda viradas para baixo no corredor de madeira, a garrafa vazia de brande e a lata de *Nescafé* ao lado. Parecia ter passado tanto tempo desde a noite da grande tempestade, mas fora só uma semana e meia, quando os Inadaptados se tinham conhecido, juntado e convertido numa pequena família, preocupando-se uns com os outros. Agora existia apenas uma *villa* silenciosa a deteriorar-se, ainda perdida na urdidura do tempo da sua proprietária há muito falecida.

– Bertrand? – chamou, já preocupada, saindo da cozinha para o vestíbulo.

Vinha uma luz fraca do *boudoir*. Não o brilho elétrico do lustre. Alguém devia ter aberto as portadas.

Desta vez, Sunny não estava a pensar em La Violette quando entrou no *boudoir* da estrela; sorria, a pensar que com certeza aqueles miúdos incorrigíveis estavam lá dentro à procura dos quadros roubados.

Os quadros estavam mesmo lá, meia dúzia deles, empilhados no centro da claridade. E também Joel Krendler, sentado num dos sofás de veludo de La Violette, de um cinzento-prateado, com as pernas descontraidamente cruzadas.

Ergueu uma arma e apontou-lha. Não era, reparou Sunny, uma pequena pistola de calibre 22. Era uma espingarda de assalto pesada. Krendler não estava para brincadeiras.

– Mademoiselle Alvarez – disse Krendler. – Entre, por favor, e sente-se. Creio que precisamos de falar.

SUNNY FITOU A ARMA. Não era preciso ser-se perito para saber que Krendler, com um pequeno sacão do dedo, podia abatê-la, às crianças, aos cães e a qualquer outra pessoa que se atravessasse na sua órbita. O coração batia-lhe com lentidão algures na boca do estômago. O medo reduziu-a ao silêncio. Não havia sinal das crianças.

Lembra-te de Mac, lembra-te de manter a calma, disse consigo própria, olhando em silêncio para o também silencioso Krendler, que exibia uma expressão divertida no rosto, como se gostasse de ter uma mulher indefesa sob a ameaça da arma e estivesse a planejar alguma tortura exótica. Aquela frieza em que reparara quando se tinham conhecido na casa de Paris era evidente nos seus olhos; não existia neles uma pinga de emoção quando a fitou, ali de pé, sem conseguir falar.

– É melhor sentar-se – disse, num tom falsamente amável, apontando para uma cadeira.

Sunny afundou-se nela, porque as pernas já não a aguentavam. *Lembra-te de Mac*, disse consigo própria outra vez. *O que faria Mac agora? Que esperaria que ela fizesse agora? Esperaria que ela mantivesse a calma, certo? Já estiveste em situações más como esta antes*, disse consigo própria. Mas não assim, choramingou no íntimo. Não *sozinha*. A tensão estalou no ar entre eles. *E, oh, Deus, onde estavam as crianças?*

Krendler continuava a não dizer nada, divertindo-se com o jogo de emoções que lhe perpassavam pelo rosto. Era evidente que sentia prazer em ter uma mulher assustada diante dele. Era um homem que tinha sempre de controlar tudo, fosse na sua vida pública, envolvido nas comissões de ópera a nível internacional, fosse nos seus negócios muito privados, sobretudo o mercado de obras de arte roubadas; e o seu controlo sobre Gianni Valenti, um tipo que, descobrira, faria tudo por dinheiro para lhe permitir manter o seu estilo de vida de *playboy* rico; bem como sobre os empregados menos importantes da cadeia de comando que cumpriam as suas ordens de forma

perfeita e silenciosa. Ou sofreriam as consequências. Houvera mais do que apenas algumas baixas no processo, mas era assim que Krendler geria os seus negócios. Não teria compunção nenhuma em desfazer-se desta mulher bastante bela e demasiado inquisitiva.

– Uma pena que se tenha extraviado por aqui esta tarde. – A voz grossa tinha uma entoação coloquial, como se estivessem a conversar e a beber coquetéis e não na mira de uma arma.

– Onde estão as crianças? – Sunny estava em pânico. Krendler era muito bem capaz de a matar e aos miúdos. A idade não teria qualquer influência na sua mente diabólica.

– Ah, as crianças. – Krendler soltou um suspiro teatral. – Crianças tão *espertas*. Não se preocupe com elas, Mademoiselle Alvarez, vamos tratar muito bem delas.

Sunny pensou no que isso significaria. O telemóvel no bolso vibrou e pôs-lhe uma mão por cima, esperando que Krendler não tivesse reparado. *Tinha de ser Mac, por favor, por favor, espero que seja Mac... Se não atendesse, com certeza que ele viria à procura dela.*

– Então – continuou Krendler, levantando-se e aproximando-se dela. – O que acha que devia fazer consigo, agora?

– Quer dizer, agora que sei que é o ladrão das obras de arte? E raptor de crianças? E um homem malvado governado pelas suas obsessões? É isso que quer dizer, Monsieur Krendler?

Agigantou-se sobre ela e Sunny percebeu que cometera um erro terrível. Num rápido obscurecimento, viu o braço dele erguer-se, o arco da arma quando se abateu na sua cabeça. Depois mais nada.

No silêncio súbito, ouviram-se gritos débeis atrás dos painéis fechados.

Krendler soltou outro suspiro. Pensara levar apenas os quadros roubados dali para fora para o *Blue Picasso*. Valenti e ele tinham planeado velejar ao longo da costa, aportar em Génova. Depois seria fácil distribuir os quadros pelos clientes apropriados, embora planeasse guardar alguns para si, um dos quais o pequeno Seurat especial que a estúpida cabra gananciosa tentara vender a um colecionador de Zurique.

Caroline seguiu Valenti até Chez La Violette, vira onde estavam escondidos os quadros e simplesmente servira-se. Pensara que tinha sido esperta ao escolher o mais pequeno, não sabendo que pequeno correspondia também a valioso, sobretudo para Krendler que amava as suas obras de arte

escolhidas com uma paixão que nunca poderia oferecer a uma mulher. Com exceção, claro, de algumas das cantoras de ópera do mundo, cujas vozes puras apelavam a um seu lado sensual que apenas elas conseguiam satisfazer. Mas não havia tempo para pensar nisso agora.

Valenti apareceu na soleira da porta. Viu Sunny Alvarez esparramada inconsciente no chão e ouviu os gritos atrás dos painéis.

– Leva-os para o bote – ordenou Krendler com aspereza. – Leva-os para o *Blue Picasso*. Desfazemo-nos deles quando estivermos no mar.

Valenti não gostou nada daquilo. Matara Caroline por ordem de Krendler, mas considerava-o justificado. Caroline traíra-os, roubara um quadro, tentara vendê-lo e quase pusera a polícia no seu encalço. Caroline era uma pequena ladra que se metera com os grandes. Merecera morrer. Mas crianças?

Ajoelhou-se para examinar o ferimento de Sunny. Um golpe fundo rasgava-lhe a cabeça. O sangue esguichava, empapando-lhe o cabelo, escorrendo numa torrente assustadora pela testa abaixo. Abriu de repente os olhos e fitou-o através de todo aquele sangue. Valenti sabia que ouvira o que Krendler dissera.

– Por favor – murmurou –, salve as crianças, por favor, deixe-as ir embora...

Um esgar de dor perpassou pelo rosto atraente de Valenti. Nenhum veleiro, nenhum estilo de vida faustoso valia as vidas de duas crianças. Levantou-se. A cadeira de rodas de Krendler aguardava junto às portas altas abertas. Era o seu adereço no jogo de teatro que representava: um personagem era o rico homem de negócios e amante de ópera corajosamente inválido; o outro o sociopata implacável que não se ralava com ninguém. Nem sequer com o seu principal aliado, Valenti.

– Vais ter de me ajudar com ela – disse a Valenti.

Uma expressão de aversão perpassou pelo rosto de Krendler quando ergueram Sunny para a cadeira de rodas, deixando-a cair com crueldade, fazendo-a gritar de dor e levar as mãos à cabeça ensanguentada.

No bolso, Sunny sentiu o telemóvel vibrar de novo. Rezou para que fosse Mac, para que tivesse recebido a sua mensagem, para que viesse à *villa*, para que salvasse aquelas crianças. Mas onde estavam? O que lhes fizera Krendler? Consequia ouvi-las a chamar. E depois desmaiou outra vez.

BILLY SABIA QUE DORMIRA DEMASIADO. Geralmente, tinha o sono leve e levantava-se cedo, mas naquele dia tinha havido qualquer coisa naquele calor, na tempestade e suave aguaceiro tropical que o afetara.

Lançou uma olhadela ao prático relógio com cronógrafo preto, da marca *Breitling*, que Betsy lhe oferecera há anos. Nunca usara mais nenhum. Registrara os minutos da sua vida juntos e, por fim, da morte dela. Nunca se separaria dele.

Agora, no entanto, dizia-lhe que dormia há quase duas horas. Saltou da cama, de imediato desperto, a pensar no que a filha andaria a fazer, tomou um duche e depois, de calções e camisa fresca de algodão verde aos quadrados, foi procurá-la.

Ficou surpreendido por Laureen não responder à sua batida. Abriu a porta e espreitou lá para dentro. Não estava. Pensou em Bertrand, hesitou um minuto, não gostando de perturbar a privacidade do rapaz, mas calculou que Bertrand saberia onde Laureen se encontrava.

Bateu ao de leve à porta de Bertrand e esperou. De novo, nenhuma resposta. Bateu outra vez e experimentou a maçaneta. A porta estava trancada.

– Bertrand? – chamou.

A empregada de quartos que vinha pelo corredor com o seu carrinho disse:

– Bertrand saiu. Vi-o com a sua filha há bocado.

Billy desceu até ao bar. As pessoas refilavam com a tempestade e, lá fora, estava tudo molhado da chuva. Dormira o tempo todo e não dera por nada. Ficou preocupado com os miúdos, mas calculou que Laureen não teria saído com a tempestade, sabia como os relâmpagos eram perigosos. Estavam com certeza a passear o cão e regressariam a qualquer minuto. Pediu uma cerveja, recostou-se para trás, descontraíu-se.

Alguns minutos depois, Mac entrou no vestíbulo com o telemóvel na mão. Fitava o aparelho com uma expressão preocupada. Billy acenou-lhe, mas

Mac já estava a falar outra vez ao telemóvel. Mantinha uma mão no ouvido, andando de um lado para o outro, a falar com rapidez. Havia uma expressão no seu rosto simpático que Billy nunca vira antes, uma ruga de tensão entre as sobrancelhas, uma linha retesada nos lábios, um estalido firme quando fechou o telemóvel.

Mac avançou para Billy, sentou-se ao lado dele, pediu um *Grey Goose* com gelo e uma rodela de limão.

– Por acaso não viste Sunny? – perguntou.

Billy abanou a cabeça.

– Levantei-me agora. Fui à procura dos meus miúdos, mas desapareceram. Calculo que estejam a passear o novo cão.

– Sunny estava a fazer a mesma coisa. Telefonou-me há bocado, deixou uma mensagem. Diz que o *Blue Picasso* está na baía.

Billy soltou um assobio espantado.

– Então Valenti está de volta?

Mac bebeu um trago da sua bebida. Havia qualquer coisa errada naquele cenário. Não gostava que Sunny não tivesse voltado. E agora Billy dizia que os miúdos tinham desaparecido.

Cão Amarelo entrou no vestíbulo aos saltos e derrapou até parar. Correu para Billy e abanou-se com violência, salpicando-o de água da chuva. Depois saltou para Mac, quase o derrubando. A cauda batia com fúria e começou a ladrar. Deu mais uns saltos e depois correu para a porta, virando-se para olhar para eles.

– Achas que quer que vamos com ele? – perguntou Billy, perplexo.

Nesse momento, *Pirate* subiu os degraus a coxear e lançou-se nos braços de Mac.

– Ei, calma rapaz, calma.

Mac segurou-o, mas *Pirate* ladrava de forma frenética. Saltou para o chão, correu para a porta, para o lado de *Cão Amarelo*. As cabeças dos dois cães estavam viradas para eles.

Billy enfiou o chapéu na cabeça. Saindo os portões, viraram à direita. Mac já adivinhara onde os cães os levavam. À sua esquerda, o *Blue Picasso* estava ancorado na baía.

– Valenti vai fugir – avisou Billy.

– Desta vez não. Já alertei a guarda costeira. E a polícia.

Corriam agora, acompanhando os cães cujos latidos os guiavam para o seu

destino. Num instante chegaram a Chez La Violette. Os portões estavam abertos e também a porta da frente. Krendler empurrava Sunny numa cadeira de rodas pelos degraus baixos. A cabeça dela pendia e escorria-lhe sangue pela cara. Ao ombro de Krendler encontrava-se uma espingarda de assalto.

Numa fração de segundo, Mac considerou a sua mulher, ensanguentada e parecendo meia morta, a potente arma de Krendler, a expressão de satisfação maldosa do seu rosto.

– Para trás, Billy – avisou, dando-lhe um empurrão vigoroso para os arbustos. Não podia deixar Billy meter-se de permeio.

– Vou apanhá-lo – berrou Billy, reemergindo dos arbustos.

Mac empurrou-o de novo.

– Deixa-me tratar disto.

Krendler olhava agora para eles, com aquele pequeno meio sorriso superior, se assim se poderia chamar, nos seus lábios finos.

– *Eh, bien*, se não é o próprio superdetetive. Pensei que conseguiria fazer melhor do que isto, Mister Reilly. No final de contas – fez um gesto de cabeça para Sunny meio inconsciente –, já acabou tudo, agora só faltam os choros.

Inclinou a cabeça de Sunny para a frente para Mac poder ver o sangue que começara a coagular, mas ainda escorria do grande golpe no couro cabeludo.

– Uma pena que tenha tropeçado numa coisa que não devia. – Encolheu os ombros. – Mas é o preço que tem de pagar. E agora o senhor também, Reilly. De facto, tenho-vos a todos aqui agora, em meu poder.

A espingarda de assalto encontrava-se nas mãos de Krendler, apontada a Mac. Não estava a brincar.

Mac sentia o volume da pistola de pequeno calibre debaixo da axila. Não podia competir com uma arma pesada como a de Krendler, mesmo que conseguisse sacá-la antes de o tipo abrir fogo.

– Onde estão os meus miúdos? – berrou Billy, saindo outra vez aos ziguezagues dos arbustos e distraíndo por momentos a atenção de Krendler.

Sunny voltou de repente a si. Sacudiu o braço para cima, derrubando a espingarda de Krendler. E Mac apontava agora a sua pistola a Krendler.

A espingarda de assalto jazia junto ao pé direito de Krendler. Mac sabia que podia baixar-se, apanhar a espingarda, disparar. Ainda podia ferir Sunny, partir-lhe o pescoço com um golpe. Matá-lo-ia se mexesse um dedo que fosse.

O som da sirene dos carros da polícia ouviu-se na estrada.

Com um empurrão cruel, Krendler atirou a cadeira de rodas a sibilar pelos degraus na direção de Mac. A cadeira estremeceu na borda, oscilou, virou-se. Sunny voou, com a cara para a frente. Krendler estendeu a mão para a espingarda. Na fração de segundo que lhe foi concedida, Mac não teve tempo para fazer pontaria. Disparou sobre um alvo em movimento.

O grito de Krendler estilhaçou o súbito silêncio. Mac disparou outra vez. Krendler encontrava-se no chão, a gemer.

Um carro da polícia rugiu pelo caminho acima, as sirenes a ribombarem, as luzes azuis a piscarem, seguido por um segundo, depois um terceiro. Polícias jorraram em massa de dentro deles como num velho filme dos Keystone Cops. O primeiro grupo cobriu Krendler. O segundo correu para dentro de casa. Alguém chamou ambulâncias.

Billy passou por eles a correr, tal como *Cão Amarelo*, dirigindo-se para o *boudoir* de La Violette, onde Gianni Valenti se encontrava, uma mão no ombro de cada criança, a olhar para ele.

– Não lhes teria feito mal – disse, empurrando as crianças para a frente.

– Sacana – rosnou Billy.

– *Papáááá* – gemeu Laureen quando Billy esmurrou Valenti com tanta força que ouviu o nariz partir-se.

Valenti caiu no chão, as mãos na cara, sangue por todo o lado. Laureen lançou-se nos braços de Billy. *Cão Amarelo* agitava a cauda ansioso para um Bertrand de rosto cor de alabastro. E os quadros valiosos, encostados ao sofá, desabaram devagar, num efeito dominó, deslizando para o chão.

– E tudo por causa disso – disse Billy com amargura, vendo-os cair, apertando a filha contra si e passando o braço livre pelos ombros de Bertrand.

Lá fora, Mac ajoelhou-se ao lado de Sunny. Embalou-lhe a cabeça ensanguentada, a dor por ela bem patente na expressão do olhar.

Sunny levantou os olhos para ele.

– Ora, se não é o coronel Mostarda que veio socorrer-me.

Ria-se para ele, recordando o velho jogo *Cluedo* de que gostavam, e Mac abraçou-a agradecido e beijou-a.

– As crianças? – perguntou Sunny. E depois desmaiou.

LAUREEN ESTAVA EMPOLEIRADA na beira da cama de Billy, uma ninfa roliça e exausta num *tutu* cor de laranja rasgado. Contorcia os dedos dos pés nus, a pensar no que teria acontecido às suas botas de cobói. Bertrand sentava-se ao lado dela. Tinha os óculos tortos e uma lente estalara. Apertava as mãos com tanta força que os nós dos dedos estavam brancos.

Ambos tinham contado a sua história à polícia, que se mostrara amável e compreensiva, embora muito profissional. François Reynaud aparecera para ver em que podia ajudar. Tinham sido observados por um médico, que encontrara algumas nódoas negras, mas nada de preocupante e agora esperavam que Billy lhes dissesse que não deviam ter feito aquilo.

– Eu sei, pai – disse Laureen, adiantando-se.

– Sabes o quê, querida? – Billy, de pé diante deles, braços cruzados no peito, agradecia a Deus por ainda os ter. Não ia com certeza passar-lhes uma repreensão. – Estás a sentir-te melhor agora?

Começou a andar de um lado para o outro para não continuar a pensar no que podia ter sucedido, embora as crianças não parecessem conscientes do verdadeiro perigo. Não tinham visto Sunny a sangrar nas escadas, não tinham visto Krendler alvejado por Mac, não tinham ouvido os seus gritos de aflição. Valenti tirara-os de trás dos painéis onde Laureen declarara terem estado só pouco tempo.

– De qualquer maneira, sabia que a mamã me encontraria – explicou confiante, com os dedos ocupados a alisar a saia de tule rasgada. – Ela sabe sempre onde estou. Não foi muito mau, papá – continuou, embora ele reparasse no ligeiro estremecimento. – Além disso, Bertrand tomou conta de mim.

– Bertrand é um herói – disse Billy. – E tu também.

Laureen lançou um olhar de soslaio ao seu amigo. Estava sentado naquela posição rígida de soldado, como fazia quando havia más notícias. Deu-lhe uma cotovelada, a pensar no que se passaria.

– Está tudo bem, Bertrand. Descobrimos os quadros de Monsieur Reynaud, lembrás-te? Agora ficamos com a recompensa.

Bertrand estava a recordar-se daqueles momentos assustadores quando o homem grande, Krendler, aparecera. Quando Krendler ouvira alguém entrar – era Sunny, sabia-o agora –, dissera a Valenti para os fechar na sala secreta onde os quadros tinham estado guardados. Não tinham conseguido ouvir o que se passava, mas tinham continuado a gritar, na esperança de que alguém os ouvisse e soltasse.

Depois Valenti voltara, Billy esmurrara-lhe o nariz e tinham sido levados dali tão depressa que não houvera tempo para se aperceberem muito bem do que se passava. Tinha sido conduzidos ao hotel num carro da polícia, com as sirenes a retinirem, do que tanto ele como Laureen tinham gostado bastante, mas agora estava preocupado com o que a mãe diria quando descobrisse. Mesmo quinhentos mil euros podiam não ser suficientes para escapar dela.

– Foste como um irmão para Laureen – afirmou Billy, observando a sucessão de emoções no rosto jovem do rapaz. – Tomaste conta dela, filho, e agradeço-te.

– Obrigado, senhor. Quero dizer, Billy – corrigiu-se Bertrand.

– Tenho fome – disse Little Laureen de repente. – Acho que preciso de esparguete e batatas fritas.

Billy sorriu para os dois, agradecendo a Deus a resiliência das criancinhas. Os miúdos eram sempre miúdos.

– Gelado também, se quiseres – ofereceu, generoso.

* * *

Sunny, na sua varanda, com a cabeça cosida e ligada, beberricava um *Cosmopolitan*. Os pavões voavam pelo relvado com grande estrépito de asas, em direção ao grande cedro onde se recolheriam durante a noite.

– Precisava de uma coisa feminina e cor de rosa – explicou para Mac.

– O que quiseres – replicou, finalmente em paz consigo próprio.

Krendler encontrava-se no hospital em Nice com polícia armada à cabeceira, a recuperar de ferimentos abdominais e um ombro espatifado. E Valenti estava na cadeia.

A guarda costeira virara o *Blue Picasso* do avesso, desmontara os painéis e

descobrira várias outras obras de arte guardadas no espaço atrás. O galgo tigrado fora levado para local seguro e tratariam de lhe encontrar uma casa nova, e uma vida longa, por oposição ao seu provável destino às mãos de Krendler.

Os títulos dos jornais já corriam mundo. Ambos os homens tinham sido acusados de homicídio; tentativa de homicídio; rapto; roubo e conspiração para furto qualificado. A polícia francesa atirara-lhes com a pena máxima.

Sunny mirava Mac por baixo da ligadura que lhe entrecruzava as sobrancelhas, dando-lhe uma espécie de olhar meio mumificado.

– Sabes que sou muito como tu – disse. Mac ergueu uma sobrancelha interrogadora. – Sou uma rapariga «muito americana» – explicou.

Claro, recordava-se agora de lhe dizer que era um «tipo muito americano» na noite em que tinham jantado no Le Grill do Hôtel de Paris em Monte Carlo, em vez de no grandioso restaurante de três estrelas Michelin.

– Queres um bife – arriscou à sorte.

Sunny abanou a cabeça e retraiu-se porque esquecera os doze pontos que lhe atravessavam o couro cabeludo.

– Um cachorro-quente. – Suspirou de nostalgia. – Mostarda e cebola. Talvez até molho condimentado.

– Vou tratar disso. – Mac estava a pensar onde raio encontraria um cachorro-quente num pequeno hotel francês. – Mais alguma coisa?

Desta vez não abanou a cabeça, disse apenas:

– Não, obrigada. No entanto, creio que vou fechar os olhos durante alguns minutos.

Tesoro enrolou-se mais no seu colo. *Pirate* apoiou o queixo no joelho dela. O amor radiava em volta. Era um quadro que Mac conservaria na sua memória para sempre. Tirou uma foto rápida com o telemóvel; a sua pobre Sunny corajosa e ferida nunca estivera mais bela e ele nunca se sentira tão assustado em toda a sua vida.

– Despacha-te, coronel Mostarda – ouviu-a exclamar em tom irónico quando fechou a porta.

Lá em baixo, encontrou Billy com Laureen, Bertrand e *Cão Amarelo*, todos lavados e a dirigirem-se para a sua mesa no pátio.

– És mesmo a pessoa com quem preciso de falar – disse a Bertrand.

E depois, porque não sabia falar francês suficiente para explicar na cozinha o que Sunny queria, pediu ao rapaz para traduzir.

Claro que o cão acompanhou Bertrand, embora não tivesse autorização para entrar na cozinha. Esperou lá fora até o rapaz sair e depois seguiu-o de volta à mesa. *Cão Amarelo* nunca largava Bertrand.

– O *chef* diz que vai fazer o melhor possível – afirmou Bertrand. – Diz que poderá não ser um cachorro-quente genuinamente americano, mas tem mostarda e está a fazer o molho condimentado.

– Molho caseiro – retorquiu Mac impressionado. Estava também impressionado com as duas crianças.

Little Laureen encostava-se ao pai e este tinha o braço passado pelos seus ombros. Não estava a chuchar no polegar, mas parecia que talvez gostasse de o fazer. Trocara para um *tutu* cor de rosa lavado, o cor de laranja estava bastante estragado por se ter debatido quando Valenti os empurrara para o pequeno espaço atrás dos painéis e os fechara lá dentro.

– Foram muito corajosos – elogiou Mac. – Acho que os franceses lhes deviam dar uma medalha aos dois.

Laureen animou-se.

– O Feiticeiro de Reynaud vai mesmo dar a recompensa a Bertrand?

– Podes crer que sim. Está radiante por ter recuperado os quadros. Contou-me que soube sempre que vocês os dois os encontrariam para ele.

As crianças sorriram uma para a outra e *Cão Amarelo* instalou-se debaixo de uma cadeira como um respeitável cão francês com dono faria. O empregado trouxe uma tigela de água e Bertrand deu furtivamente um pedaço de frango ao cão. Estava tão contente que desejava que aquele momento se prolongasse para sempre.

Mac baixou a voz para falar com Billy, para o rapaz não ouvir.

– Discuti a questão da recompensa com Reynaud. Devido ao problema com a mãe, decidimos que os quinhentos mil euros deviam ser colocados de imediato num fundo para Bertrand.

– Queres dizer, antes que ela lhes possa deitar a mão – retorquiu Billy.

Sabia tudo sobre a mãe de Bertrand. Se estivesse no Texas, teria feito queixa dela aos serviços de assistência social. Não devia ser permitido que uma mulher fizesse o que ela fizera, abandonar o filho, sem sequer pagar a conta do hotel, que, a propósito, ele já liquidara. E dizer ao filho que não era desejado. O sangue de Billy ferveu só de pensar naquilo.

Porém, Bertrand já não sorria. Estava a pensar que, muito em breve, Laureen e Billy iriam embora. E também Mac e Sunny e o resto do pequeno

grupo a que chamara «Riders on the Storm». Ficaria sozinho. De novo. Pensou no que faria. Não podia ficar ali, no hotel; em novembro fechavam para os meses de inverno, abrindo outra vez na primavera. E faltava imenso tempo para a primavera.

Registou-se um súbito alvoroço e o cão ergueu-se com esforço. Uma mulher abria caminho por entre os empregados em direção à mesa deles. Vinha um fotógrafo com ela.

– Devem ser as crianças que resolveram o roubo das obras de arte de Reynaud – disse enquanto o fotógrafo disparava com energia.

Mac sorriu.

– Relegado para segundo plano outra vez – comentou mesmo na altura em que o *chef* aparecia com uma bandeja onde se destacava uma salsicha esbranquiçada tipo linguiça, um brioche partido ao meio, um monte de chalotas cortadas, um pequeno frasquinho de mostarda escura e uma compota de figos e passas numa tigelinha de vidro.

– *Alors*, o «cachorro-quente» da *pauvre* Madame Alvarez – declarou o *chef* orgulhoso.

Mac felicitou-o pela sua nova versão de um prato tradicional americano e, deixando Billy a lidar com a «imprensa local», levou a bandeja para cima.

Sunny estava tal e qual onde a deixara. *Tesoro* ainda se encontrava no seu colo, a cabeça de *Pirate* ainda no seu joelho. No entanto, terminara o *Cosmopolitan*.

Mac puxou *Tesoro* que resmungou e tentou dar-lhe uma mordidela. Colocou a bandeja no colo de Sunny.

– *Voilà* – disse, removendo a tampa da bandeja, com um floreado. – O cachorro-quente de *madame*.

– Credo – retorquiu Sunny, mirando-o com cautela.

Mesmo assim comeu a salsicha no brioche, barrada com mostarda, chalotas e molho condimentado de figos e passas. E apreciou todos os pedacinhos. A seguir adormeceu nos braços de Mac.

Mac estava grato por o dia ter terminado.

LEV ENCOSTAVA-SE AO BAR, uma coisa que parecia fazer muito na sua profissão, só que desta vez no Moulin de Hubert. Bebia uma *Perrier* com limão e vigiava Belinda que, com um avental branco de empregada por cima das calças de ganga, passarinha por entre as mesas a entregar pratos dos especiais de Roger para a noite, o *daube* de vaca, bem como um *gigot*, cordeiro assado dos montes Alpilles, que tinha um aroma maravilhoso a alecrim e hortelã. Lev prometeu a si mesmo comer aquilo mais tarde, quando a confusão acalmasse e os clientes saíssem para a noite quente provençal.

Olhando para Belinda, muito simples de *T-shirt* e calças de ganga, sem maquilhagem, o cabelo loiro curto a brilhar, sem nenhum diamante à vista, pensou que ninguém diria que era casada com um homem rico.

Sara passou por ele, apressada e ágil, cinco pratos perfeitamente equilibrados, um em cada mão, dois num dos braços, um no outro. Era óbvio que Sara já trabalhara como empregada de mesa. Tinha de admitir que estava com um aspeto giro, de calções brancos, as pernas agora bronzeadas do sol mas ainda magricelas a aparecerem por baixo do grande avental. Lançou-lhe uma piscadela de olho atrevida quando voltou.

– Sabes uma coisa? – disse, de mãos na cintura, avaliando-o dos pés à cabeça. – Pareces tal e qual um segurança.

– Verdade?

– E sabes outra coisa? Aquela melodia que estás sempre a assobiar? É dos Pogues. Chama-se «Summer in Siam».

– Caramba, Sara, tens razão. Tem andado a pôr-me louco. – Sara não era o tipo de rapariga que se esperaria que conhecesse um grupo *punk* como os Pogues.

– Eram os meus preferidos na faculdade. Tenho todos os discos que lançaram, bem como os do próprio Shane MacGowan. Acho que são muito românticos.

Não era uma palavra que Lev tivesse aplicado ao grupo roufenho irlandês

que conseguia pintar o diabo a sete e fazer subir o nível de consumo de cerveja em qualquer concerto. No entanto, pensando melhor, Sara tinha razão. Havia melodias encantadoras e letras ternas e eloquentes nos seus corações irlandeses crus e calejados.

– «Christmas in New York». – Lev recordou outra das suas favoritas.

– A melhor. – Chocaram os punhos e Sara continuou o seu caminho. Virou-se à porta da cozinha. – Ei, sabes que mais? Estou a divertir-me *muito*. – Exibia um grande sorriso no rosto quando rodou confiante pela porta.

Nate sentou-se ao lado de Lev. Estava com um visual diferente, mais descontraído, mais «provençal», decidiu Lev com um sorriso. Camisa branca, calças de ganga, chinelas de dedo e um lenço de algodão vermelho atado ao pescoço. O cabelo escuro e espesso de Nate crescera e estava bronzeado por andar de mota e da praia, contudo, apesar disso tudo, ainda parecia o homem de negócios nova-iorquino no estrangeiro.

– Tens de provar o carneiro – aconselhou Nate, emborcando um copo de vinho tinto e depois passando para trás do balcão para se servir de mais. – Bate qualquer um que já tenha comido.

– Já lá vou. – Lev encontrava-se de serviço; enquanto Belinda ali estivesse, era seu dever manter uma vigilância ativa. O telemóvel tocou. Viu que era Mac. – *Okay*, o que se passa?

Escutou durante um minuto, depois disse:

– Estás a gozar. – O seu olhar cruzou-se com o de Nate, inquiridor. – Mas está bem – disse por fim. – E os miúdos?

Escutou durante mais algum tempo e depois respondeu que contaria aos outros e já lhe ligaria.

– O que foi? – perguntou Nate.

Lev olhou para Belinda e Sara, a entrarem e saírem da cozinha para falarem com Roger. Estavam a divertir-se e não pensavam em Jasper Lord.

– Mais tarde – retorquiu. – Quando elas terminarem e pudermos todos conversar.

Era quase meia-noite quando se instalaram por fim à volta da grande mesa perto do bar. Serviu-se vinho e grandes pratos de carneiro com alecrim e molho de hortelã, minúsculas batatas novas e pequenas abóboras requintadas, de um laranja e amarelo vivos, salteadas.

Toda a gente estava com fome, conversava, mostrava-se feliz. Lev detestava ter de ser ele a dar a notícia.

Consciente dos olhos de Nate fixos nele, esperou até terem acabado de comer e se terem recostado para trás, a bebericar vinho, suspirando de prazer.

– *Okay*, tenho novidades.

Escutaram-no em silêncio, enquanto ele contava a história do que sucedera em Chez La Violette.

– Oh, meu Deus – gritou Belinda. – Sunny podia ter morrido. E aquelas pobres crianças.

– Os homens são umas bestas! – exclamou Sara, o que lhe valeu um sorriso retorcido de Nate. – Quero dizer, às vezes são – acrescentou. – Como Krendler e Valenti.

– Não podemos ficar aqui simplesmente a falar sobre isto – continuou Belinda. – Temos de voltar, ver se está tudo bem... preciso de dar um abraço a Sunny.

– E àquelas crianças – acrescentou Sara.

Lev reparou que Sara parecia pálida por baixo do bronzeado e percebeu que estava assustada. A violência não tinha nada a ver com a sua calma vida rotineira. O pior que já lhe tinha acontecido era ter escolhido um inútil de um namorado.

– Sei o que estás a pensar – disse-lhe Sara de repente. – Estás a pensar que tudo o que alguma vez me aconteceu foi ter escolhido um inútil como namorado.

Lev fitou-a, espantado.

– É verdade – retorquiu ela. – Mas adoro Sunny. Adoro aquelas crianças. Adoro-te, Belinda e a ti, Nate. – Olhou para Lev. – Até a ti. E agora Malcolm e Roger.

O *chef* recostou-se para trás. Lançou uma olhadela preocupada a Malcolm, sem ter bem a certeza de ter compreendido o que se estava a passar.

– Fiz um longo percurso – continuou Sara – e não vou desapontar os meus amigos agora. Tenho de ir ver se estão bem.

Lev consultou o relógio.

– Pelo menos esperamos até de manhã. – Sabia que não conseguia dissuadi-las, mas tinha esperança que, à luz do dia, pudessem escutar a voz da razão. Queria conservar Belinda ali, fechada a sete chaves se possível, pelo menos até alguém tratar de Jasper Lord.

– Partimos de madrugada – declarou Belinda.

Nate gemeu.

– Outra vez?

– Temos de ver se eles estão bem – insistiu Sara com obstinação. – Depois regressamos.

Não havia maneira de as demover, Lev tinha de concordar com aquilo.

– Mesmo assim é perigoso – avisou. – O marido pode voltar a qualquer momento.

– Não agora que foi expulso do país – replicou Belinda, confiante.

Lev suspirou. Não entenderia que não havia fronteiras na Europa? Jasper Lord podia entrar de carro vindo de um sítio qualquer e chegar a Saint-Tropez na mesma altura que eles. O que apostava, no entanto, era que desta vez não usaria o helicóptero vermelho.

Apesar da sua preocupação, Sara detestava partir. E Nate também, apostava. Reparara no ramo de girassóis gigantes na jarra vermelha no peitoril de pedra da janela. Só um homem apaixonado faria uma coisa daquelas, um homem apaixonado por um lugar.

Belinda e ela estavam instaladas no quarto principal, no último piso. Por baixo, no quarto amarelo, Nate e, ainda por baixo, no sofá da sala, dormia Lev.

Olhando pela janela do quarto, quando regressaram por fim do Moulin, Sara pensou que nunca vira uma escuridão tão densa. Nenhumas luzes em sítio nenhum, apenas campo de um negro retinto, adormecido, como os residentes da aldeia. O silêncio, a própria paz, despertou nela um desejo ardente e percebeu que queria ficar. Falaria com Malcolm e Roger mais tarde sobre aquela ideia de se tornar a sua empregada permanente. Disse consigo própria que, no final de contas, toda a gente tinha de começar pelo fundo e, além disso, divertira-se naquela noite, conversando com os clientes, que não tinham retilado, mesmo quando tinham sido um pouco lentas a trazer a comida para a mesa.

Belinda, encostada à cama de pele preta, ainda de *T-shirt*, olhava em frente, com uma expressão vazia. Sara pensou que parecia exausta. E como não, com um marido louco a persegui-la, pronto para matar? Porém ali nunca a encontraria.

A janela parecia uma tela preta na parede de pedra exposta.

– Um Rothko – decidiu Belinda. – E depois, quando houver lua cheia, será um artista diferente. Imagina, Sara, Nate consegue ter um quadro diferente

todas as noites.

Olharam uma para a outra, ainda sem exprimir o que lhes dominava os pensamentos.

– Caramba, Sara – disse Belinda por fim, em voz trémula. – Eles podiam ter morrido.

– Podiam – concordou Sara. – Mas não morreram e agora temos de voltar e dizer-lhes que os amamos.

– Beijá-los para ficarem melhores – retorquiu Belinda.

Sara mirou-a com ar crítico.

– Como se tu também não precisasses de um beijo de melhoras. Precisas de te afastar permanentemente do marido.

Belinda encolheu os ombros.

– Como fazê-lo, essa é que é a questão.

– Divórcio. – Sara era prática.

Belinda riu-se.

– E assim falou a rapariga que, há menos de duas semanas, deixou o namorado. E o que aconteceu? Ele veio à procura dela. Tu e eu temos muito em comum, Sara, ou pelo menos o mesmo gosto no que toca a homens.

– Eu sei. – Sara entendia como era difícil. – Mas tenho medo por ti – declarou com simplicidade.

Os olhos azuis cintilantes de Belinda já não cintilavam quando replicou:

– Eu também tenho medo, Sara.

– VAMOS POR UM CAMINHO DIFERENTE – disse Lev, guiando o grande *Bentley* para fora da aldeia, muito cedo na manhã seguinte. – Através de uma garganta, muito pitoresco. Tipo um atalho.

– Uma garganta? Isso não significa uma estrada tortuosa por um desfiladeiro? – perguntou Belinda, nervosa.

– Meio tortuosa.

Lev não lhes queria dizer que pretendia manter-se o mais longe possível de estradas principais só para o caso do marido já andar à caça dela. Claro que teriam de entrar por fim na A8-E80 antes de cortarem para a única estrada para Saint-Tropez. A mesma estrada onde Sara quase fora assaltada. Tinha consciência de que podia suceder de novo e também consciência de que podia acontecer em qualquer sítio. Jasper Lord era um gangster muito poderoso, tinha dinheiro e influência de sobra. Encontraria a mulher nem que fosse a última coisa que fazia e Lev tinha agora bastante certeza de que, se o fizesse, seria também a última coisa que Belinda faria.

No banco traseiro, Sara despejava café de uma garrafa térmica, entornando-o pelos lados das chávenas de papel quando Lev fazia as curvas.

– Podíamos ter parado num café – queixou-se Nate, lançando uma olhadela por cima do ombro a Sara, que limpava o assento com guardanapos de papel, enquanto Belinda dava uma grande dentada numa volumosa sanduíche.

– Peru, fiambre e queijo suíço – disse, passando-lha.

– Isto é a Provença, não Nova Iorque – retorquiu ele. – Onde arranjaste peru, fiambre e queijo suíço?

– No minimercado local. Têm lá tudo. – Percebeu que ele franzia o sobrolho, desaprovador. – Ei, no fundo gosto de comida de plástico. Chega de toda esta comida elegante francesa.

Ria-se dele e Nate sabia-o. Desejava poder continuar a ser impulsivo, como fora quando comprara a casa. Ia levar tempo, mas acabaria por lá chegar. Bastava olhar para Sara. Deus sabia que se ela conseguia mudar, qualquer

pessoa conseguiria também. Tinha a certeza de que dali a um ano estaria livre da sua camisa de forças de homem do dinheiro em Manhattan e a passar o seu tempo no Moulin, com Malcolm e Roger. E apostava que Sara estaria a gerir o sítio e a fazê-los ter lucro pela primeira vez.

– É bom – retorquiu, passando a sanduíche a Lev, que lhe deu uma dentada apreciadora e a passou por cima do ombro para Sara.

– Café? – Sara estendeu uma chávena de papel a Nate, conseguindo entorná-lo outra vez quando Lev fez outra curva naquela estrada sempre às curvas.

– Oh, meu Deus. – Espreitou pela janela. – Belinda, olha só para aqueles penhascos.

Encontravam-se numa estrada branca sinuosa que atravessava uma garganta estreita, penhasco de um lado, queda a pique do outro. O único problema era que Lev não contara ver tantos camiões. Era óbvio que se tratava de uma estrada que os camionistas também usavam como atalho. Deixou outro camião passar.

Belinda escondeu o rosto no ombro.

– Nem sequer consigo olhar – gemeu, lançando outra espreitadela à garganta juncada de pedregulhos à direita.

– Não há problema, Belinda, está quase a acabar. – Sara levantou os olhos para o penhasco. – Jesus – murmurou e depois lembrou-se que Little Laureen lhe teria dito para não pronunciar o nome do Senhor em vão. «E sabem que mais», disse consigo própria, «aquela criança tinha razão.»

Ouviu-se o ruído de um helicóptero lá em cima. Lev espreitou para o céu. Era de um tom prateado normal, não vermelho. Mesmo assim ficou preocupado. Estavam a chegar ao final da garganta, faltavam apenas mais uns quilómetros, o declive já se alterara. Ouviu-se de novo o estrépito do helicóptero. Alarmado, Lev olhou outra vez para cima. Pelo canto do olho, percebeu que um grande carro se aproximava. Estava talvez a uma centena de metros.

O instinto pressentiu perigo. O carro tinha matrícula italiana. Agora vinha direito a eles. O homem de cabeça calva em forma de bala no lugar do passageiro apontava uma arma preta semiautomática.

Tinham-se talvez passado dois segundos.

– Baixem-se – berrou Lev, acelerando a fundo.

– O quê... porque...?

Sara empurrou a cabeça de Belinda para baixo e atirou-se para cima dela. Nate agachou-se para a frente, mãos por cima da cabeça, sem perceber bem porquê, visto que uma bala perfuraria tudo.

O *rat-a-tat-tat* de tiros ecoou no penhasco, mas em vez de tentar evitar o carro que vinha para cima deles, Lev rodou o *Bentley* com rapidez atravessando-o no seu caminho. Viu o outro condutor entrar em pânico, dar um puxão com força ao volante, guinar para a esquerda. A arma semiautomática saltou para cima, as balas rasgaram buracos no tejadilho do carro italiano. E depois caiu, com suavidade, quase em marcha lenta, do penhasco abaixo.

Os camiões travaram com um chiado até pararem. Saíram homens, aproximaram-se da beira da garganta, a olhar lá para baixo para o carro agora em chamas, a gesticular como loucos, a telefonar para a polícia, a correr para o *Bentley* branco, equilibrado de forma precária, uma roda da frente por cima do abismo.

Dentro do carro fez-se um silêncio terrível. O próprio ar parecia tremer. Parecia que bastaria respirar para caírem pela borda.

– Mantenham-se absolutamente imóveis. – A voz de Lev era baixa, controlada.

De qualquer maneira, ninguém se mexia.

Sara era um peso pluma, mas, mesmo agora, quando sabia que poderiam morrer a qualquer segundo, preocupava-se por estar a esborrachar Belinda, presa debaixo dela. Era a primeira vez que Sara via Belinda em silêncio.

Nate continuava agachado no assento da frente, nem sequer ousando retirar as mãos de cima da cabeça, apesar de agora já não haver tiroteio. Estava a pensar que era uma pena que, quando se encontrara por fim, fosse morrer.

O grande carro estremeceu quando a roda da frente direita deslizou uns centímetros mais para lá da beira.

Belinda esperou que a vida lhe passasse diante dos olhos fechados, como devia suceder antes de se morrer. Não passou. Em vez disso, foi avassalada por uma terrível onda de fúria contra o marido.

Os seus amigos iam morrer porque ele era um fanático do controlo. Raios, até disparara contra eles. O único consolo era que devia com certeza estar morto. Mas que tipo de consolo era esse quando ela ia morrer também? Jasper Lord alcançara o seu último desejo.

Lev mantinha o pé no travão. Apareceram rostos na janela, gritando-lhe em

francês. Homens flanquearam os dois lados do carro. Uma dúzia de homens erguiam o pesado carro. Lev fitou o abismo quando o carro tremeu de novo, a centímetros do chão, flutuando por segundos no ar. Depois foi arriado, como uma besta gigante, em todas as grandes quatro patas dos seus pneus, de volta à estrada.

– Está tudo bem, podem respirar outra vez – disse Lev. Considerando bem, estava bastante satisfeito por estar ele próprio a respirar.

Homens abriam as portas. Belinda e Sara caíram numa pilha aterrorizada na estrada. Nate tirou as mãos da cabeça e olhou em volta, atordoadado. Lev saiu, estendendo o braço para apertar as mãos dos camionistas que os tinham salvado, mesmo na altura em que os carros da polícia guincharam na curva, com as luzes azuis a piscar.

Sara sentou-se na estrada, demasiado traumatizada para se mexer, mas Belinda levantou-se com esforço. Espreitou para dentro do carro.

– Raios, Sara – disse numa voz trémula. – Entornaste café por cima dos meus bancos de pele.

E depois explodiu em lágrimas.

HORAS DEPOIS, ainda se encontravam os quatro sentados na urgência do hospital local. Nenhum deles tinha sequer uma nódoa negra. Sara parara por fim de tremer, Belinda parara de chorar e Nate começara por fim a pensar que viveria para ver outra vez a sua nova casa.

Lev estava calmo. Agora terminara tudo. Os corpos encontravam-se demasiado carbonizados para serem reconhecíveis, mas vira que era Jasper Lord a fazer pontaria com a arma semiautomática e reconhecera no condutor um dos facínoras da discoteca. Seguiam outros dois homens no banco traseiro. Agora Lord e os outros seriam apenas identificados através dos registos dentários.

Explicara à polícia quem era, contara-lhes a história, passara o *Bentley* a pente fino com eles até descobrirem o dispositivo GPS que calculara lá estar, plantado debaixo do chassis. Claro que fora assim que Lord soubera onde encontrar Belinda. E, desta vez, não fizera tenções de a deixar escapar, mesmo que isso implicasse dar-lhe ele próprio um tiro. O helicóptero cor de prata logo foi localizado num minúsculo aeroporto local. Fora alugado por um dos homens de Lord, que acompanhara o percurso do *Bentley* desde a aldeia até ao desfiladeiro, mantendo Lord informado enquanto este os apanhava com o carro.

Era evidente que se tratava de um comportamento imprudente, mesmo para um homem tão narcisista, controlador e poderoso como Jasper Lord e fora esse mesmo comportamento obsessivo que lhe provocara a morte.

Sentada numa cadeira de plástico, a bebericar uma horrível chávena de café com cerca de seis açúcares lá dentro, Belinda disse:

– Pensei que gostava dele, há muito tempo, sabem?

Sara deu-lhe uma palmadinha consoladora na mão.

– Claro que sim. Caso contrário não terias casado com ele.

– Não teria? – Os olhos azuis brilhantes de Belinda mostravam-se sombrios. – Nem fazes ideia quantas vezes ponderei essa questão.

Nate bebeu a sua própria chávena de mau café, sem açúcares.

– E qual foi a tua conclusão?

Belinda fitou a espuma da chávena durante um longo momento.

– Penso que foi o colar de diamantes no papel de jornal a embrulhar o peixe com batatas fritas que desencadeou a coisa – respondeu por fim. – Parecia tão, sabem – encolheu um pouco os ombros –, parecia simplesmente capturar a essência de quem eu era. Pensei para comigo: «Bem, aqui está um homem que me compreende. Sabe que serei sempre aquele protótipo da rapariga do Essex por baixo dos vestidos de alta-costura» e pensei que era isso que ele amava. – Encolheu outra vez os ombros. – Como estava enganada.

Sara tentou outra vez reconfortá-la.

– Aposto que te amou outrora.

Belinda lançou-lhe um olhar fulminante.

– Por amor de Deus, Sara, claro que não amou. Só queria possuir-me. Não o compreendi na altura, mas comprou-me e pagou por mim. O «amor» não teve nada a ver com isso.

Sara afundou-se mais na sua cadeira de plástico, fitando, muda, o chão de tijoleira.

– Oh, *Saraaaaa!* – Belinda estava de joelhos diante dela. – O marido nunca foi meu amigo. *Nunca*. Não como tu. Achas que me esquecerei alguma vez do que fizeste por mim hoje? Imaginas que não reverei vezes sem conta a forma como te atiraste para cima de mim para me proteger? Sem sequer pensar na tua própria segurança? Sara Strange, amar-te-ei para sempre. És a minha melhor amiga, a minha amiga mais querida e mais maravilhosa.

Sara pestanejou para afastar as lágrimas e retorquiu:

– Apesar de ter entornado café nos teus bancos de pele?

Belinda sorriu.

– Que se fodam os bancos de pele.

Um olhar chocado perpassou pelo rosto doce de Sara e depois:

– Que se fodam os bancos de pele – concordou ao mesmo tempo que desatavam ambas a rir-se.

Lev estivera ao telefone com Mac durante muito tempo.

– *Okay*, vamos embora – disse por fim. – Está um pequeno avião à nossa espera no aeroporto local para nos levar de volta a Saint-Tropez.

Olharam os três uns para os outros.

– Querem apostar que Mac estará à nossa espera na nossa mesa no pátio,

com as garrafas de *rosé* a esfriar, querendo saber o que os seus Inadaptados andaram a tramar? – perguntou Nate.

– Então talvez agora lhe possam dizer que se encontraram – replicou Lev, perspicaz, surpreendendo-os.

DUAS NOITES DEPOIS, Mac observava o seu pequeno grupo de Inadaptados reunidos mais uma vez em redor da comprida mesa no pátio do Hôtel des Rêves. Bebião um champanhe fantástico, um *rosé vintage Billecart-Salmon*, oferta de Billy e da cor de pêsegos muito maduros. A cabeça de Sunny já não estava ligada, mas os dois olhos negros com que ficara por ter caído da cadeira de rodas faziam-na parecer um guaxinim. Mac ainda não conseguia acreditar que os outros não tivessem ficado feridos. Sobretudo Belinda.

– Isso foi porque Sara me protegeu – declarou Belinda. – Ainda não consigo acreditar que se atirou para cima de mim daquela maneira.

Sara corou.

– Não pensei nisso, sabia apenas que o marido te queria apanhar.

– Podia ter-te apanhado a ti.

– Agora já não pode – replicou Lev.

Belinda olhou para ele, preocupada.

– Porque me sinto tão culpada por ele estar morto?

– Eras tu ou ele – lembrou-a Lev. – Não tens culpa de nada. – Sabia que vários camionistas tinham testemunhado já que o grande carro italiano se atirara para cima deles e começara a disparar.

Silenciaram. Os olhos de Mac cruzaram-se com os olhos inchados de Sunny.

– Creio que é altura de pensarmos todos em nós próprios em vez de nos maus da fita – disse. – Impõe-se uma comemoração.

– Mais champanhe? – perguntou Sara, animando-se.

Mac pensou que Sara melhorara imenso desde que a vira pela primeira vez, tímida e lacrimosa, humilhada e possivelmente de coração partido na entrada de Chez La Violette. Reparou também que Billy tinha um braço protetor passado pelas costas da cadeira de Belinda. E que Belinda não parecia importar-se. De facto, aninhava-se em Billy, lançando-lhe de vez em quando um olhar dorido que Mac sabia estar a afetá-lo a sério. E também, de vez em

quando, viu que Billy perscrutava a sala de jantar onde Little Laureen e Bertrand se sentavam juntos na mesa dele, à janela, sem dúvida a consumir mais esparguete, embora Laureen tivesse agora confessado que também gostava do seu esparguete só com *ketchup*. Sunny quase sentira vômitos com a ideia, mas recordara-se que miúdos são sempre miúdos.

Bertrand usava os óculos novos que Billy comprara para substituir os grandes e feios com a lente partida. O rapaz escolhera-os sozinho, óculos de metal simples à avozinha que passavam despercebidos, de forma que se via o seu rosto angular por baixo da franja loira da cabeleira farta. E naquela noite Little Laureen envergava o seu *tutu* cor de rosa mais pálido com a tiara de princesa e as botas de cobói, recuperadas da *villa*. Como sempre, usava o fio com o coração de prata e a varinha de condão com a ponta em estrela estava na mesa ao seu lado. Tinha *Tesoro* ao colo e *Pirate* estava no chão ao lado de *Cão Amarelo*. Apesar do banho contra as pulgas, todos os cães se coçavam.

As duas crianças eram as estrelas do espetáculo. Toda a gente no hotel sabia o que acontecera. Atiravam-lhes grandes sorrisos e as outras crianças tinham-se amontoado à volta querendo saber tudo sobre a captura dos ladrões.

Pediram-se novas garrafas de champanhe. Tinham acabado de servir um gaspacho frio quando Mac ouviu chamarem o nome de Bertrand. Virou-se para olhar.

A grande mulher loira de pé, junto à mesa de Bertrand, irradiava fúria e desaprovação.

Viu Bertrand tentar levantar-se, a remexer nos óculos, puxando os calções para cima, entornando a *Coca-Cola*.

– Olha só para ti, rapaz – ouviu a mulher dizer, zangada. – Como te atreves a andar por aí com esse aspeto, depois de todo o tempo e dinheiro que gastei contigo e com a tua educação? Levanta-te já e vai fazer as malas. Partimos logo de manhãzinha.

– Billy – disse Mac –, está ali a mãe de Bertrand.

Cão Amarelo levantou-se com esforço e pôs-se ao lado de Bertrand. *Pirate* sentou-se, orelhas arrebitadas, atento a problemas, e *Tesoro* lançou o seu ganido de sirene de polícia.

Laureen saltou da cadeira e foi postar-se ao lado do amigo. Esta mãe não era nada como Cruella de Vil. Era toda inchada: olhos inchados, peito inchado e boca inchada. Laureen não percebia como um pau de virar tripas

como Bertrand lhe podia alguma vez pertencer. Agarrou-lhe a mão com força.

Billy já se encontrava na mesa deles, seguido por Mac.

– Está a planear levar este rapaz embora, minha senhora? – perguntou Billy, parecendo alto, grande e muito texano no seu chapéu de cobói.

– O que tem a ver com isso? – A mulher mirou-o com ar depreciativo. – Ouvi falar no perigo que o meu filho correu e vim protegê-lo, certificar-me que está bem.

– Um pouco tarde para isso, minha senhora, não é? – Billy deu um passo em frente. – Pergunto-me se foi porque ouviu falar da recompensa. Os quinhentos mil euros?

– Claro que ouvi falar nisso. – A voz era muito aguda, fria, cortante, desdenhosa. – Leio o jornal, não? E tenciono ter a certeza de que o dinheiro é investido de forma correta. Os documentos estão a ser redigidos neste preciso minuto. Vamos amanhã ao *notaire* assiná-los.

– E sem dúvida passar a recompensa de Bertrand para si – retorquiu Mac. Já a topara, embora não fosse preciso grande esforço, era tão transparente.

– Aproveitar-se de um rapaz de onze anos – acrescentou Billy. – Penso que há aqui muitas pessoas que se interessam pelo seu filho e estão dispostas a assegurar que isso não acontece.

– De facto, *minha senhora* – continuou Mac, com ironia na forma como utilizou a expressão *minha senhora*, como se não aguentasse sequer dar-lhe esse título –, Monsieur Reynaud, que ofereceu a recompensa, já se certificou que o dinheiro se encontra num fundo em nome de Bertrand. Vai administrar pessoalmente esse fundo e cuidar dos interesses do seu filho.

Podia ter jurado que via o sangue da mulher ferver. O rosto tornou-se roxo, de forma pouco favorecedora ao lado do cabelo oxigenado-platinado.

Nas outras mesas, os hóspedes tinham parado de comer e escutavam com atenção. Todos conheciam a história de Bertrand. Tinham cochichado sobre o abandono a que fora votado pela mãe, mexericado sobre a conta de hotel não paga, comentado o seu aspeto desleixado, os óculos antiquados e o cabelo não cortado. Agora Bertrand convertera-se no seu herói local e não havia nenhum que quisesse vê-lo enganado por aquela mulher insensível que se autointitulava mãe.

Madame Olivier, ou qualquer que fosse o seu novo nome italiano de casada, virou um olhar venenoso para Bertrand.

– Criança mal agradecida – sibilou, batendo com o punho com tanta força na mesa que os pratos chocalharam. *Cão Amarelo* rosnou e mostrou os dentes. – Resolvo isto amanhã. Entretanto, vai buscar as tuas coisas. Vamos embora.

– Presumo que esteja a planear pagar a conta antes de se ir embora – disse Billy. – Deve ascender a uma bela soma por esta altura.

– O fundo de Bertrand pode pagar isso. – Fitou Billy de forma desafiadora. – E quem raio é você, aliás, para se interessar tanto pelo meu filho?

– Não sou seu filho. – Bertrand falou por fim.

Fez-se silêncio total na sala de jantar e nas mesas do pátio. Os empregados tinham parado de servir, o *chef* e os seus ajudantes rondavam na porta aberta da cozinha e Renée montava guarda na entrada.

– Eu... eu não sou... fi-fi-filho de n-n-n-n-ninguém. – Bertrand quase se engasgou com o gaguejar.

Laureen apertou-lhe a mão com força.

– Bertrand é meu amigo – declarou em ar de desafio.

A mulher lançou-lhe um olhar desdenhoso de cima a baixo.

– O raio de outra pequena aberração – disse.

Billy avançou, agigantando-se furioso sobre ela. Mac conteve-o.

– Não pode ganhar isto no curto prazo – avisou. – Minha senhora, deixou aqui o seu filho sozinho durante quase dois meses, sem nunca o contactar. De facto, abandonou-o, como toda a gente nesta sala atestará, em tribunal se necessário. Disse ao seu filho que não havia lugar para ele na sua nova família. Deixou a conta do hotel por pagar, sempre a aumentar, e só aqui voltou agora para reivindicar a recompensa duramente ganha do seu filho. Deixe-me dizer-lhe, Bertrand é um herói, mas não o elogia. É inteligente e rebaixa-o. É um rapaz que qualquer homem sentiria orgulho em gabar como filho e menospreza-o.

«E pode apostar as minhas botas texanas que ele nunca mais vai voltar para si – rosnou Billy.

Furiosa, Madame Olivier rodou sobre si, vendo-se confrontada por uma sala cheia de comensais, os homens de pé, os rostos ameaçadores. Voltou a rodar, fitou o filho, ergueu a mão como se para lhe bater. Os pelos do pescoço de *Pirate* e de *Cão Amarelo* eriçaram-se. Viu o olhar furioso de Billy.

– Volto amanhã para te levar, Bertrand – disse. – Vê se tens as tuas coisas

arrumadas e estás pronto para partir às nove em ponto.

Os homens não se mexeram quando ela passou por eles, mas os seus olhares seguiram-na todo o caminho até à porta.

Renée ergueu uma mão para a deter. Entregou-lhe um maço de papéis.

– *Madame*. Aqui está a sua conta. O hotel gostaria que a liquidasse de imediato. – Piscou, sub-reptícia o olho para Billy que já a pagara, embora Madame Olivier não soubesse disso.

A mulher deu uma vista de olhos aos totais e depois lançou um olhar ultrajado a Renée.

– Isto é demasiado e, de qualquer maneira, já disse que Bertrand pagaria isto do seu novo fundo.

– Receio que Monsieur Reynaud não autorize. – Renée mostrava-se firme.

– Esperamos pagamento total amanhã, *madame*, ou poremos o caso nas mãos das autoridades.

Madame Olivier hesitou, sem ter a certeza do que aquilo significava. Nem Renée aliás, mas a frase parecera intimidante. Madame Olivier atirou para trás o comprido cabelo loiro e avançou teatralmente nos seus saltos altos para a porta onde os paquetes montavam guarda. *Cão Amarelo* seguiu-a e ficou no cimo dos degraus a observá-la enquanto a mulher descia a passos largos. Quando percebeu que ela se fora, voltou calmamente para Bertrand.

– Escuta, miúdo – disse Billy para Bertrand. – Ouvi-te dizer que não era a tua mãe. O que querias dizer com isso?

– É a irmã da minha mãe – respondeu Bertrand, conseguindo por fim falar outra vez. – Quando o meu pai morreu e depois a minha verdadeira mãe, ela assumiu o controlo. Ficou com todo o dinheiro do meu pai. Disse-me para lhe chamar «mãe».

Billy lançou um braço paternal pelos ombros de Bertrand.

– Bem então, filho, vamos ter de ver o que podemos fazer a esse respeito. Vamos falar com Monsieur Reynaud amanhã de manhã, ver o que ele pode fazer para nos ajudar.

Os outros comensais voltaram de novo a sua atenção para os seus jantares.

– É melhor agitares outra vez a tua varinha de condão, Little Laureen – aconselhou Billy com um grande sorriso. – E vamos ver se consegue fazer com que os nossos desejos se realizem.

Os cães estavam outra vez a coçar-se.

– Pulgas – acrescentou em tom resignado. – Agora já todos os cães as

devem ter.

LAUREEN E BERTRAND encontraram-se na praia à meia-noite e foram até ao covil dele. *Cão Amarelo* caminhava com eles, de cabeça baixa, em silêncio. Bertrand trazia a sua capa e os binóculos e Laureen o *tutu*, uma toalha de praia e as chinelas de dedo. Não fora preciso evitar os guardas porque se tinham ido embora. Até Lev já não estava oficialmente de serviço e em breve se iria embora também. Toda a gente estava a dormir.

Os lagartos saíram para os examinar, cautelosos desta vez por causa do cão, que apenas os farejou, prudente, e depois se instalou para vigiar. Sentaram-se em silêncio.

– Bertrand? – disse Laureen passado um bocado.

– *Oui?*

– Sinto muito.

Queria dizer mais: como detestara a forma como aquela mulher falara com Bertrand; como desejara que *Cão Amarelo* a tivesse atacado; como ficara contente por a mulher não ser a sua verdadeira mãe. Mas não havia necessidade. «Sinto muito» era suficiente.

– Obrigado. – Bertrand entendia.

O silêncio caiu de novo. O mar sibilava debaixo das rochas ao fundo da encosta, os grilos murmuravam em pano de fundo e, com um turbilhão de asas rápidas, uma ave noturna picou por momentos por cima das cabeças deles.

– Gosto do teu pai – declarou por fim Bertrand.

– E eu sei que ele gosta de ti.

Laureen lançou-lhe uma olhadela de soslaio, sentado muito direito contra a sua rocha. Parecia diferente com os óculos novos, de alguma forma mais crescido. De repente, desejou que Bertrand não crescesse. Queria que tudo ficasse na mesma; Bertrand e ela, amigos, com os seus encontros noturnos e as suas Experiências Científicas sobre relações humanas. Ou o que fosse. Contudo, em breve deixaria Saint-Tropez e o seu quarto minúsculo no Hôtel

des Rêves. Deixaria aquele sítio maravilhoso e talvez nunca mais voltasse. Agarrou-lhe a mão. Não aguentava pensar naquilo.

– Bertrand?

– *Oui*?

– O Texas é muito bonito, sabes?

Bertrand virou a cabeça para olhar para ela. Um brilho escuro cintilava nos seus óculos novos.

– Eu sei.

– Mas *como* sabes? – perguntou surpreendida.

– Vi na televisão, muitas vezes.

– Oh. Pois. Cobóis. O Texas é famoso, suponho.

Ele afastara a mão e ela tocou-lhe de novo, desta vez apenas com um dedo. Depois deitou-se para trás, com os braços esticados, a fitar o céu. Não havia Lua, apenas algumas nuvens fofas a deslizarem devagar pela sua superfície. Pensou se o céu teria mesmo uma superfície que se pudesse tocar. Pensou se a mãe lá estaria, atrás das nuvens, a cuidar dela.

– O teu pai vai mesmo ajudar-me? – perguntou Bertrand após um longo silêncio.

– Claro. Disse que ia, não disse? E o papá diz sempre a verdade. E o Feiticeiro de Reynaud também te vai ajudar. Tenho a certeza.

Bertrand desejou ter a mesma certeza. Tudo o que sabia era que no dia seguinte às nove a sua «mãe» viria buscá-lo. Estremeceu com a ideia, a pensar como poderia ter desejado que ela voltasse, ao longo de todas aquelas semanas em que desaparecera e antes de Little Laureen ter entrado na sua vida.

– Podes partilhar a minha mãe – disse de súbito Laureen.

Fitou-a, espantado. Não gostava de o mencionar, mas a mãe dela morrera.

Laureen tinha a mão sobre o coração de prata.

– Não te preocupes, Bertrand. Vai correr tudo bem.

Ao lado deles, *Cão Amarelo* ressonava baixinho. Os lagartos voltaram a deslizar para as suas fendas na rocha. O ar cheirava a maresia, erva e rochas ainda quentes do sol.

Muito de repente, Bertrand soube que ia correr tudo bem.

ALGUNS DIAS DEPOIS, a vida acalmara outra vez e Sunny conseguira por fim o seu sonho de férias de ficar deitada numa praia de areia macia com o seu melhor biquíni novo, o verde-maçã que atava com pequenos laços atrevidos nas ancas e debaixo dos seios, embora naquele preciso momento estivesse em *topless*. O que punha Mac nervoso.

– Já me viste nua antes – comentou Sunny, deitada de costas, apreciando o prazer culpado do sol no seu corpo. Apesar de estar besuntada de protetor solar; os velhos hábitos custavam a desaparecer.

– É diferente – respondeu Mac, mirando os outros casais a preguiçar na praia.

Como Sunny, a maior parte das mulheres estava desinibida, em *topless*, entrando na água, levando os filhos a passear à beira das ondas, secando-se com toalhas às riscas azuis. Para Mac, não pareciam muito reais, mais como mulheres num quadro de Bonnard, a sair da banheira. Só que ali era o mar e eram muito mais bonitas.

– Estás a ver, não há problema – retorquiu Sunny. – Somos só nós a comungar com a natureza.

– Certo. – Tinha de admitir que a vista era bastante boa. – Lá vêm Belinda e Sara.

Sunny ergueu a cabeça, escudando os olhos com uma mão.

– Olá – chamou e acenou.

Belinda estava em *topless* como Sunny e Mac desviou o olhar. Desconfiava que Sara também estava, embora agora tivesse uma camisa vestida. Deixaram-se cair na areia ao lado deles, Belinda disse que estava a morrer de sede e Mac fez sinal a um empregado, que não teve compunção nenhuma em fitar Belinda. Nem Sunny. Nenhum destes franceses se importava sequer? Seria apenas ele?

– Oh, não sejas tão puritano, Mac – disse Belinda, dando-lhe uma cotovelada nas costelas. – Lembra-te que estás no Sul de França.

– Só agora estou a começar a perceber isso.

– Então aprecia. Nós estamos a apreciar.

Mac mudou de assunto.

– Como te sentes hoje?

Belinda encolheu os ombros.

– Bem. Já recuperei, digo comigo mesma que foi a melhor coisa que podia ter acontecido. Torna-se assim mais fácil lidar com a forma como as coisas sucederam.

– Eras tu ou ele – replicou Mac. – Lev sabia isso.

– Maravilhoso Lev – disse Sara, parecendo pensativa. – Salvou-nos a todos. Nunca esquecerei aquele grande carro a baloiçar na beira e aquela sensação de que bastava respirar para tombarmos no abismo.

– Pensei que seria a minha respiração – confessou Belinda e riram-se.

– Vou ter saudades dele, quando se for embora. – Sara desviou o olhar e começou a abotoar, concentrada, a camisa. Sabia que a vida de Lev era completamente diferente da dela e que era um homem que nunca teria amarras. – Suponho que nunca mais nos encontraremos depois do jantar desta noite – concluiu com tristeza.

– As pessoas só encontram Lev quando estão com problemas – retorquiu Sunny. – Por isso é melhor não o encontrares.

O empregado voltou com as bebidas; nada de vinho *rosé* naquele dia, apenas *Pepsi Diet* para toda a gente.

– Estou a sentir a falta de Little Laureen e Bertrand – disse Belinda, bebendo a *Pepsi* através de uma palhinha azul. O tom de voz era descontraído, mas perceberam a mensagem de que também sentia a falta de Billy.

Sunny sentou-se. Pondo os óculos escuros por cima dos olhos de guaxinim, bebeu um gole da sua bebida gelada. Sabia tão bem como o sol.

– Billy foi com eles à vila – respondeu. – Levaram os cães todos para novos banhos contra as pulgas. Os miúdos adoram aqueles cães.

O telemóvel de Mac estava outra vez a tocar e Sunny ergueu as sobrancelhas e soltou um suspiro, porque claro que sabia que ele atenderia. Atendia sempre, mesmo em férias.

Era Alain Hassain da Interpol a informá-lo sobre o deslindar dos complicados negócios de armas, a nível internacional, de Jasper Lord. Disse que demoraria muito tempo a resolver tudo, entretanto, todos os bens de Lord

tinham sido congelados e que se passaria ainda mais tempo até se decidir o que se fazer com eles.

Depois afirmou que tinha mais notícias, desta vez sobre Krendler. Mac escutou em silêncio e exclamou:

– Caramba, Alain! Quem diria? – Parecia assombrado.

Terminou a conversa e transmitiu a informação sobre os bens de Jasper Lord a Belinda, que encolheu apenas os ombros.

– Quanto a mim, todo o seu dinheiro devia ser distribuído por famílias nesses países devastados pela guerra e pela fome para os quais se estava borrifando. Pessoalmente, estou bem, disse-te que já tinha transferido as minhas joias e algum dinheiro para o Bank of England. Creio que o mereci. O resto não me interessa.

– Tenho mais notícias. – Mac olhou para Sunny. – Desta vez é sobre Krendler.

– Não me digas que escapou da prisão?

– Não. E calculo que Valenti e ele lá fiquem para o resto da vida. Entretanto, a polícia revirou a casa dele em Paris.

– Lembro-me daquela sala de estar apainelada a verde, como qualquer coisa saída do cenário de uma ópera.

– Aqueles painéis escondiam uma sala secreta, tal como a de Chez La Violette, só que muito maior e forrada a aço, com um código para entrar. Só Krendler sabia como aceder à sua sala secreta e apenas ele lá entrava. Até agora.

– A sua galeria de arte pessoal – adivinhou Sunny.

– Era seletivo, só conservava os quadros que amava, num ambiente perfeitamente controlado a nível de temperatura, perfeitamente iluminado, todos os quadros dispostos como joias, escondidos atrás de cortinas de seda pretas que deslizavam com o toque de um botão. Dessa forma, Krendler podia contemplar cada quadro isolado, sem distrações, ninguém a incomodá-lo. Era apenas ele e o artista morto, sozinhos naquela sala.

Belinda disse com repugnância:

– Sabia que ele era mau, mas não pensei que fosse tão horripilante.

– E não foi só isso. – Mac olhou outra vez para Sunny. – Nem vais adivinhar o que mais descobriram.

– Uma cantora de ópera? Um mordomo? Quadros falsos?

– Os corpos mumificados de onze galgos.

– Credo! – Sunny engasgou-se com a *Pepsi*.

– Só podemos agradecer a Deus não serem pessoas – retorquiu Mac –, embora seja provável que nunca saibamos quantos humanos eliminou ao longo da sua vida. Bem, de qualquer modo, a fama que Krendler nunca desejou alcançou-o por fim. *Tout Paris* fala dele.

– Um sociopata – comentou Sara, estremecendo.

– Um psicopata – corrigiu-a Mac. – Em geral, começam por matar pequenos animais e depois progridem para pessoas.

– Não vamos falar sobre isso. Vamos falar de coisas boas. Como o que François Reynaud está a fazer por Bertrand. – Sunny passou protetor solar nas costas de Belinda. Até Sara despira a camisa, embora tivesse conservado a parte de cima do biquíni.

– Reynaud tem mesmo orgulho naquele rapaz – explicou Mac. – Diz que passou por muito, que é inteligente e corajoso e merece uma oportunidade. Reynaud está preparado para lhe oferecer essa oportunidade. Vai pedir a tutela legal partilhada com Billy. Não tem filhos seus e, a título particular, contou-me que é uma forma de substituir o jovem que foi morto, o que conhecia desde criança. Diz que é o mínimo que pode fazer, mas mais do que isso vai apreciar ser tio e mentor de um rapaz como Bertrand.

– Porém, Little Laureen vai sentir a falta dele – retorquiu Belinda, deitando-se para trás ao lado de Sunny e suspirando de prazer quando o sol lhe varreu o corpo de calor. – Eu sei, eu sei – disse, quando Sara lhe sussurrou um aviso. – Cinco minutos, é tudo, só o suficiente para me dar um belo brilho dourado.

– Pois vai – retorquiu Mac. – Mas Reynaud conhece pessoas bem colocadas. Está a puxar cordelinhos para despachar tudo com rapidez e entretanto conseguir permissão para que Bertrand volte ao rancho com Billy e Laureen. Até que tudo esteja por fim resolvido e a mulher que se intitula sua «mãe» seja retirada de cena.

– Oh, pá – murmurou Sunny, de olhos fechados. – Little Laureen vai adorar isso. Vai ensinar Bertrand a apanhar o gado e a montar um pônei.

– *Hmm*, aposto que sim. – Belinda pareceu pensativa, recordando Billy a perguntar-lhe se sabia andar a cavalo. – Que excelente ideia – acrescentou.

NAQUELA TARDE, Mac observava Sunny a tentar em vão disfarçar os olhos negros com um corretor. Só os conseguia pôr ainda mais parecidos com os de um guaxinim e atirou com o corretor, desesperada.

– E agora? – perguntou. – François Reynaud dá um grande jantar de despedida no restaurante Chez Tétou e eu estou com um aspeto horrível.

Mac soltou um suspiro muito dramático.

– Imagina só, tu com um aspeto horrível e se calhar Angelina vai lá estar, com Brad e talvez Johnny Depp...

– Oh, para com isso! – exclamou Sunny zangada.

– Não, estou a falar a sério. Verdade.

Ria-se dela e Sunny deixou-se cair na cama, fitando-o carrancuda.

– Vão lá o tempo todo – continuou Mac. – Todas as estrelas de cinema e celebridades vão lá.

– Só quando é o festival de cinema.

– Nã-nã. – Abanou a cabeça. – Vão muitas vezes. Diz o melhor dos mexericos.

– Tu não ouves mexericos.

Passou as mãos pelo cabelo, agradecida por os médicos que lhe tinham cosido a cabeça não terem tido de lhe cortar o cabelo. O golpe ainda doía, mas estava a ficar melhor.

– É para aprender a não ir fazer investigações sozinha.

Mac lançou-lhe um olhar demorado. Sunny não mencionara Chez La Violette desde aquele dia e tinha esperança que tivesse esquecido o sucedido e também a questão da lenda glamorosa. Não quisera mencionar o assunto antes para não a perturbar, mas agora via que devia falar nisso. Nada mais justo.

Puxou um envelope amarelecido da gaveta da cómoda e entregou-lho.

– É para ti – disse quando ela o fitou com ar interrogador. – De La Violette. Encontrei-o numa caixa na sala secreta, escondido por baixo de um ramo de

flores secas.

Sunny levou-o ao nariz. Cruzaram olhares.

– Violetas de Parma.

Mac calculara que fossem. Sunny ainda estava sentada com o envelope nas mãos.

– Não vais abri-lo?

Olhou para o pequeno envelope quadrado, amarelo da idade, a cheirar a violetas.

– É estranho, mas agora não sei se quero. De algum modo, não parece certo espiar a vida privada de outra mulher.

Mac foi sentar-se na cama ao lado dela.

– Mas vês o que diz no envelope?

«A quem se possa interessar» estava escrito numa caligrafia pequena e tremida que se esbatera para o cinzento pálido do *boudoir* de Violette, a cor dos cortinados de seda da cama, da *chaise-longue* de veludo, da estranha e pequena secretária feita de tábuas de madeira velha, onde se devia ter sentado para escrever aquilo.

– Tu és uma pessoa que se interessa – declarou Mac. – Creio que ela saberia isso.

– Sim. Sim, interesse-me.

Sunny passou o polegar por baixo do V do envelope. Secara com os anos e abriu-se com facilidade. Puxou as folhas dobradas. Eram como as que ainda se encontravam no suporte para cartas sobre a secretária de Violette, mas estas estavam repletas da sua letra pequena e apertada, uma caligrafia não educada porque, calculou Sunny, Violette fora criada num orfanato e talvez não tivesse recebido uma educação formal. Tudo o que aprendera fora o que descobrira em rapariga nas ruas e palcos de Paris. Violette era a mulher em que o mundo a transformara.

Sunny alisou as páginas e começou a ler. Mac observava-a, em silêncio. Esperava que não ficasse demasiado perturbada.

A quem possa interessar, começava Violette.

Creio que é a forma correta de iniciar uma confissão desta natureza, embora duvide que reste alguém que se «interesse». Exceto os meus gatos, claro, os pequenos malandros que caçam os ratos, assustam os cães vadios da região e que dormem na minha cama,

todos os seis. Ao menos, mantêm-me quente à noite, agora que já não existe nenhum homem.

Por vezes, sentada no terraço da casa que construí, com um copo de vinho barato na mão porque já não me posso dar ao luxo de comprar o champanhe que costumava servir tão generosamente aos meus amigos, penso se serei infeliz.

Serei? Creio que talvez tenha recuperado de ser «infeliz» e agora viva inteiramente num estado de simplesmente «ser». As emoções são uma coisa do passado. A «fama» desapareceu, e também qualquer beleza que as pessoas viam em mim, embora na verdade tenha acreditado sempre ser uma ilusão. Eu era apenas uma mulher cheia de vida que conseguia cantar bastante bem e era sexy o suficiente para fazer os homens acreditar que me amavam. E alguns amaram. E eu gostei de muitos deles. Agora as joias são recordações desbotadas, como os homens que mas deram, pois foi sempre uma questão de orgulho nunca comprar eu própria joias.

Era uma mulher que tinha tudo, até o meu próprio perfume, feito apenas para mim, a partir da flor que me dera o nome. Ainda o sinto, aqui sentada; aquele perfume suave e sensual que deixava sempre uma recordação minha numa sala vazia.

As roupas eram o meu fraco e olhem para mim agora, nos meus chiffons e Chanel datados e nos vestidos compridos de veludo ao estilo medieval, agora com um manto de pelo de gato. Mas eu era sexy. Tenho de admitir que isso me satisfazia. Em última análise, foi o que provocou a minha ruína.

Imaginem isto, os que se interessam, por favor. Uma rapariga bonita, demasiado alta para os seus quinze anos, uma juba de cabelo comprido cor de chamas, a fugir da prisão a que chamavam orfanato, olhos audaciosos a esconder as suas inseguranças. Imaginem quantas selhas de roupa fora obrigada a lavar, como era pesado o pau com que tinha de virar essas roupas na água a ferver, como o vapor crestava a sua pele delicada. Ah, eu sei, eu sei, isto parece um dos melodramas que protagonizei nos palcos de França, de Espanha e da Alemanha. Mas também, claro, foi na Alemanha que tudo começou.

Saltem uns quantos meses no tempo e imaginem essa rapariga, uma fugitiva, acabada de sair da lavandaria e agora no palco em Paris,

meio despida e cheia de lantejoulas e brilhantes, fiadas de pérolas falsas e diamantes à volta do pescoço. Essa era a jovem Violette, as mãos ainda esfoladas por causa daquela lavandaria, mas agora disfarçadas com pó branco.

Imaginem, se conseguirem, o homem mais elegante que já viram. Alto, impecavelmente vestido, cabelo alisado para trás, um rosto magro e sensual com olhos azul-claros que pareciam prender os meus. E tão rico que era difícil acreditar.

Aquele homem foi o meu primeiro amante. Penso agora que o amarei para todo o sempre, embora depois dele tenha havido outros. Porém, não tantos como as pessoas acreditavam. Era seletiva nas minhas aventuras e nunca dormi com ninguém por dinheiro, apesar de me encherem de presentes caros. No final de contas, tinha sucesso, era famosa, era rica por direito próprio. E, oh, como gostava de ser «La Violette».

Outro alemão, Kurt Von Müller, entrou na minha vida quando eu tinha trinta e seis anos e ele uns meros vinte. Oh, como toda a gente falou, mas não ligámos nenhuma. Tinha tanto talento o jovem Kurt, muito mais talento do que era necessário para ser o mero acompanhante de uma estrela do music hall, mas rompera com a família e virara-se para mim. Esses foram os anos felizes. Depois veio a guerra.

Kurt era alemão. Eu era francesa. Kurt foi recrutado e tornou-se um oficial com um uniforme nazi. Nunca imaginarão como detestei vê-lo com aquele uniforme macio, aquelas botas lustrosas e elegantes. Por fim, quando os tentáculos da guerra se estenderam até à Riviera, mudei-me para Paris, onde Kurt trabalhava para aquele louco Goering, investigando as histórias das obras de arte que Goering roubava aos franceses para adornar o seu castelo, um templo dedicado à sua mulher.

Depois Kurt confessou-me que era espião; passava informações aos franceses e a sua vida encontrava-se em perigo constante. Precisava de se afastar de Goering, que desconfiava dele. Precisava de uma fachada atrás da qual se esconder. Precisava de mim.

Tinha um plano. Eu voltaria ao palco, cantaria para os nazis, entretê-los-ia, jantaria com eles, «fraternizaria» como lhe chamavam.

Dir-lhes-ia que tinha de ter o jovem Kurt como meu acompanhante ao piano. Afinal, era esse o seu trabalho antes da guerra e como poderia passar sem ele agora?

A minha fama era tal que tudo foi de imediato permitido e tornei-me, mais uma vez, no motivo de admiração da cidade. E Kurt conseguiu o seu disfarce.

Porque fiz isto?, devem estar a perguntar. Colocar-me em perigo por causa de um jovem amante, por mais encantador que fosse. No final de contas, continuava a ser «o inimigo» e existiam muitos outros homens.

Os amantes vêm e vão, mas esta relação era muito mais do que apenas isso.

Recordam-se da rapariga que trabalhava na lavandaria há tantos anos? Eu por certo que sim. Nunca a esqueci. Nem o meu primeiro amante, o atraente e charmoso barão Wilhelm Auguste Von Müller, que me seduziu com a minha total cooperação e com o que na altura acreditei ser amor verdadeiro. Ainda acredito. E quando, um ano depois, o nosso filho nasceu e recebeu o nome do pai, Kurt Wilhelm Auguste Von Müller, o meu amante contou-me que confessara a sua aventura à mulher. Tal como ele, era mais velha e nunca conseguira gerar filhos. Precisavam de um filho e herdeiro e eu, com um futuro longo e desolador diante de mim, entreguei de boa vontade aquela criança. Acreditei que lhe daria, e a mim, uma vida melhor. Ainda acredito nisso.

Insensível, dirão? Mas não julguem de forma tão severa. Dei a minha oferta, com amor, a um homem que amava. E, afinal, era filho dele também.

Por isso, naqueles últimos anos da guerra, quando as suspeitas recaíram no meu filho alemão e ele fugiu em direção a Lyon, onde tinha esperança de contactar a Resistência e persuadi-los, não só que era em parte francês, mas também que se encontrava do lado deles, foi capturado. Poucos dias depois foi enforcado pelos nazis, na praça da cidade como exemplo do que acontecia a oficiais alemães que traíam o seu país.

Fiquei, a sofrer, na minha casa de Paris, sozinha pela primeira vez em muitos anos. Até a minha criada me abandonara. O fim das

hostilidades chegou demasiado tarde para o meu querido rapaz e recordo com clareza estar nas ruas de Paris, vendo aqueles atraentes americanos com flores espetadas nos capacetes, a aplaudir e a acenar.

Fui presa alguns dias depois, acusada pelos franceses de colaborar com o inimigo. Optei por proteger o nome do meu filho, por não contar a minha história, não aviltar ainda mais a memória de Kurt dizendo ao mundo que era também «um bastardo».

Cortaram-me todo o cabelo naquela prisão. O meu belo cabelo ruivo comprido que, na verdade, era a única coisa que podia reclamar como bela. A minha humilhação foi completa, esperei, não com muita paciência, ser chamada a julgamento e pensava na morte como uma alternativa ao inferno em vida em que me encontrava.

Claro que a culpa foi minha. Mas sou uma mulher obstinada, sempre fui. Podia enfrentar a desonra para mim, mas não para o meu filho. Estranhamente, houve quem se recordasse, quem se interessasse o suficiente para puxar alguns cordelinhos, mandar libertar-me. Nunca perguntei quem ou porquê. Pus apenas um chapéu na minha cabeça nua e voltei à minha verdadeira casa.

Descobrira o velho mosteiro em ruínas no monte verde debruçado sobre o Mediterrâneo muitos anos antes e, como sempre, apaixonara-me perdidamente. Comprara-o de imediato, apesar de na altura não ter dinheiro suficiente para construir. Quando o fiz por fim, foi a minha casa de sonhos, o lugar para onde convidava amigos, inimigos, rivais. Toda a sociedade vinha.

Oh, como adoro esta casa. Mesmo agora, sozinha neste desalinho poeirento, significa tudo para mim. Como gostaria de a ver de novo como era no quadro na parede à minha frente, repleta de risos, uma criança na piscina, amigos a beber coquetéis, eu própria recostada numa cadeira, a observar, a escutar.

Acabou tudo e estou demasiado cansada e demasiado velha. Desejo estar noutro sítio, algures mais perto desse jovem talentoso que largou a família e uma grandiosa carreira e voltou para procurar a mãe. Como desejo agora que não o tivesse feito, embora na verdade o resultado final tivesse sido com toda a probabilidade o mesmo, teria morrido na guerra.

Mas é assim que as coisas são.

Adoro a villa que tem o meu nome. Tem a marca da minha personalidade, a minha vida, até o meu perfume. Adoro os meus queridos gatos que me fazem companhia há muitos anos. Adorei a minha vida e tudo o que implicou. E agora é tempo de partir.

Assim, para os que vierem mais tarde e quiçá até se interessem, vou deixar estas notas para que talvez algures, alguma vez, alguém fique a conhecer a verdade. E deseje felicidades a La Violette.

Sunny ergueu os olhos da carta. Mac observava-a.

– Tens de lê-la tu – disse entregando-lhe as folhas.

Saiu para a varanda e ficou ali, com a brisa a agitar-lhe o cabelo, contemplando a mesma vista que Violette admirara na noite em que escrevera a sua carta final. Passou os braços à volta dos ombros, arrepiada.

Quando Mac veio por fim ter com ela, apertou-a contra si.

– O que achas que ela fez? – perguntou Sunny com voz triste.

– Talvez seja melhor não perguntar o quê, nem como. Pelo menos agora sabemos porquê.

– Parece tão adorável, Mac, tão real, tão sincera, tão corajosa e vulnerável.

– É verdade – concordou. – E agora penso que devíamos fazer o que ela teria querido. Lemos a mensagem que esperava que alguém descobrisse e entendesse. Agora devíamos deixá-la ir, rasgá-la em muitos pedacinhos e espalhá-los ao vento.

– Violette teria querido isso, não teria? – perguntou Sunny.

IAM ENCONTRAR-SE COM OS INADAPTADOS mais tarde, para o grande jantar de despedida oferecido por François Reynaud, no Tétou em Golfe-Juan. Sunny envergou o seu vestido favorito, uma seda creme salpicada com flores garridas vermelhas, rosas e roxas, um grande decote em V atrás e à frente, cingido na cintura com um cinto que terminava numa borla com contas. Sandálias de saltos altos de camurça roxa, uma *clutch* que continha o batom *Rouge* da *Dior*, bem como a nota de cinquenta dólares que transportava há anos para o caso de uma emergência – afinal uma rapariga nunca sabia quando poderia precisar de um táxi –, uma escovadela rápida no cabelo comprido e estava pronta.

Mac achou que vinha adorável, a sua rapariga dourada, apesar dos dois olhos negros. Mas antes da festa tinham trabalho a fazer.

Conduziram até ao local onde uma estreita angra azul-celeste entrava terra dentro vinda do mar, mesmo a seguir à *villa*. Não existia ali nenhuma enseada com areia, apenas o mar verde-azulado, mais pálido onde a água se encrespava por cima dos baixios. De alguma maneira, Sunny sabia que seria aqui que Violette teria encontrado a paz final.

Descalçou as sandálias e, de mãos dadas, Mac e ela desceram pelo caminho. Ficaram ali a contemplar a água. Depois, com a saia de seda apertada numa mão, Sunny entrou no mar.

Rasgou a confissão em minúsculos pedacinhos até nada sobrar da escrita e deixou os fragmentos flutuar naquela água azul para, como Violette, se tornarem parte dos elementos outra vez.

– Agora está bem, não está? – perguntou, olhando para Mac.

– Está bem, querida – concordou ele com meiguice.

Ao voltarem de carro, passaram pela *villa* onde Sunny chegara, sozinha, há apenas um par de semanas, para umas férias de luxo que se tinham convertido em confusão e mistério. O local ainda a atraía.

– Tenho de ir ver, só mais uma vez – disse.

Mac saiu e abriu os portões. Rangeram e vacilaram nos seus grandes gonzos de ferro. Juntos, subiram o caminho de gravilha, parando para olhar para o relvado de camomila arruinado, a piscina vazia e deteriorada, os choupos cujas folhas pareciam retinir na brisa. Os grilos zumbiam nas buganvílias e, muito de repente, uma pequena cobra contorceu-se, célere, pelas lajes do terraço.

Sunny estremeceu, recordando o que acontecera a Eva. Porém, não sentiu necessidade de entrar. Terminara tudo.

A mesa e as duas cadeiras de ferro forjado ainda se encontravam no terraço junto ao *boudoir* de Violette e as portadas verdes tinham sido deixadas abertas. Um delas rodava, com muita suavidade, para a frente e para trás. O sol do final da tarde cintilava nas janelas empoeiradas.

Haveria um aroma a violetas no ar? E estaria uma sombra pálida na janela?

Talvez, afinal, o aroma fosse simplesmente o jasmim. Talvez a sombra cinzenta desmaiada fossem apenas grãos de poeira, refletidos com o sol. Talvez, talvez...

– Adeus, Violette – sussurrou Sunny. – Interessei-me, preocupe-me. Verdade que sim.

Depois voltou para junto de Mac. Este fechou os portões de Chez La Violette pela última vez e voltaram para o seu Hotel dos Sonhos.

O IATE DE REYNAUD, o *Bellissima*, era bastante grande para causar sensação quando aportou em Saint-Tropez e enviou o seu bote, com dois membros da tripulação vestidos com as suas *T-shirts* às riscas, buscá-los e a toda a bagagem.

O iate era demasiado grande para ancorar no porto e encontrava-se ao largo, a cintilar ao Sol que se punha, um barco privado a que Reynaud muitas vezes chamava «casa». Ia levá-los através da baía até Golfe-Juan e Chez Tétou, o famoso restaurante de peixe que Reynaud escolhera para o grande jantar de despedida.

Todos, exceto Mac e Sunny, partiam na manhã seguinte. Aquela noite seria de celebração e tristeza por deixar novos amigos que se tornariam velhos amigos. E por deixar Bertrand.

As mulheres tinham-se vestido todas a preceito para a ocasião; Sara com o seu *Cavalli* e os sapatos verdes com os saltos de cunha; Belinda com o seu vestido coleante de malha de seda vermelha, embora naquele dia não houvesse risco de balas; e Sunny com a seda marfim salpicada de flores e o cinto com borla. Little Laureen, claro, vestia um *tutu*, cor de laranja desta vez porque, explicou, estava um bocado nervosa por ir para o mar e queria ter a certeza, em caso de problema, que seria detetada com facilidade. Ninguém precisou de perguntar por quem.

Trouxera a sua varinha de condão e sentava-se colada a Bertrand no bote, deixando os borrifos salpicar-lhe o cabelo, recém-cortado por Belinda de modo que lhe caía de forma bonita sobre os ombros com a tiara de princesa a cintilar no topo. Usava as botas de cobói e contorcia os dedos dos pés quentes porque estava uma noite cálida apesar da brisa do mar. Claro que sabia agora que teria de descalçar as botas no barco.

– Estou contente por Belinda ir para o Texas contigo – disse Bertrand, sobrepondo-se ao zumbido do motor do bote.

Laureen assentiu.

– Também estou contente por ela ir. Prometeu cortar-me outra vez o cabelo, quando for preciso. Além disso, acho que o meu pai está apaixonado por ela.

Bertrand pareceu preocupado, sabia o que Laureen sentia em relação à memória da mãe.

– Isso é bom? – perguntou.

Ela lançou-lhe um olhar emotivo.

– Claro que é. Só há uma coisa de que eu gostaria mais. – Agarrou a varinha de condão com mais força, olhando para a sua estrela mágica.

Bertrand não precisou de perguntar o que era; sabia que Little Laureen queria que ele voltasse para o rancho com ela, que era também o que ele queria, mas a mulher que se intitulava sua «mãe» estava a lutar contra aquilo no tribunal.

– Cá estamos! – exclamou o marinheiro da *T-shirt* às riscas azul-escuras quando encostaram aos degraus do grande iate.

Reynaud estava à espera deles lá em cima para os cumprimentar. Iam passar a noite no iate como seus convidados antes de apanharem o avião para casa no dia seguinte.

Os camarotes eram sumptuosos, todos em azul e branco náutico como a Villa les Ambassadeurs de Reynaud, mas sem nada daqueles painéis faustosos e falsos que existiam no veleiro de Valenti. Serviram-lhes coquetéis e limonada na coberta da popa, enquanto o grande barco cortava a água como uma faca bem afiada.

Billy, discreto, não segurava na mão de Belinda, embora tivesse gostado de o fazer. Esta estava descalça, encostada à amurada do convés, sozinha. Cruzaram olhares e sorriram, um desses sorrisos privados que significavam alguma coisa para os dois. Billy só desejava saber exatamente o quê. O amor regressara à sua vida e tinha receio de o perder outra vez.

Sentada ao lado de Nate, Sara provava caviar pela primeira vez na sua vida e comentou alto como era maravilhoso.

– Gosto que as coisas sejam novidade para ti – disse Nate. – A maior parte das mulheres age como se tivesse sido desmamada com caviar.

– Estou a aproveitar ao máximo antes de me tornar outra vez empregada de mesa.

– Estás a falar a sério?

Fitou-o nos olhos.

– Talvez – retorquiu com um sorriso.

Nate esperava bem que sim. Começara a pensar que a sua nova casa não seria a mesma sem a presença dela. E, além disso, Sara estava tão gira naquele dia, uma delicada catraia com um corte novo à Vidal Sassoon, uma franja comprida que permitia por fim ver-lhe a cara como devia ser. De novo um favor de Belinda que era mágica com a tesoura. Também aparara o cabelo de Nate, quase rapado de lado, só que com madeixas mais compridas em cima. Parecia um homem novo, à exceção do casaco azul pálido às risquinhas da *Brooks Brothers*, claro. Era ainda um homem em transição.

Sara captou o olhar de Lev. Este lançou-lhe uma piscadela de olho e um sorriso de esguelha. Sara suspirou e desviou o olhar. Esperava que ele se mantivesse em contacto, mas duvidava.

– Cá estamos – anunciou François Reynaud quando o grande barco desligou os motores e deslizou para mais perto da costa.

A pequena vila de Vallauris cintilava nas encostas baixas atrás de Golfe-Juan e Reynaud contou-lhes que Picasso aí tivera outrora um estúdio e que havia agora vários museus dedicados à sua arte.

O restaurante, Chez Tétou, iniciara a sua vida nos anos vinte como minúscula barraca de praia, propriedade de pescadores locais. A reputação crescera ao longo dos anos, embora no essencial fosse ainda a mesma pequena barraca de praia, só que maior e muito bem pintada de branco com um remate preto, descontraidamente elegante à sua maneira simples. Era confortável, com grandes janelas que se abriam para a areia e para o mar e servia o peixe mais fresco da região. Vinham pessoas de todo o mundo comer a famosa *bouillabaisse* do Tétou.

Ainda era gerido pela família dos pescadores originais e François Reynaud foi saudado como um velho amigo. Tinham-lhes reservado uma mesa comprida perto das janelas e serviram-lhes garrafas geladas do seu *rosé* favorito, um *Château Minuty*.

Sara nunca comera *bouillabaisse* antes, nem Billy, nem Mac.

– Acho que temos de provar – observou Sara, disposta a tudo.

– Devíamos provar também – disse Bertrand a Laureen.

Esta pareceu duvidosa.

– E se pedirmos esparguete? – sussurrou.

Ele abanou a cabeça.

– Não fazem isso aqui.

Os olhos de Laureen arregalaram-se de espanto.

– E batatas fritas?

Bertrand abanou a cabeça.

Laureen recostou-se para trás, vencida.

– *Okay*, então, como a *bouillabaisse* – declarou, corajosa.

Não tinha bem a certeza do que era, mas o nome soava a peixe. Apenas Sunny pediu a solha à *meunière*.

Laureen não tinha fome. Estava a pensar que tinha de deixar Bertrand na manhã seguinte. Fitaram-se. Queria pegar-lhe na mão, mas decidiu não o fazer, caso os outros estivessem a olhar, com receio que se rissem.

Na mesa ao lado estavam a servir a *bouillabaisse*. Laureen olhou para a sopa de peixe e engoliu em seco. Bebeu outro gole de água.

– Bertrand? – sussurrou.

– *Oui*?

– Acho que não consigo, essa coisa da *bouillabaisse*.

O rosto de alabastro dele parecia mais pálido sob os óculos de avozinha e a melena de cabelo.

– Eu também não – sussurrou em resposta.

Belinda percebeu e pediu lagostas para os dois.

– E reparei que há tarte de morangos e framboesas para a sobremesa – observou.

Reynaud bateu ao de leve no seu copo de vinho com um garfo para chamar a atenção.

– *Messieurs, mesdames*. – Sorriu-lhes. – Ou poderei agora chamar-lhes simplesmente «amigos»? Tive a feliz sorte de vos conhecer, aqui no Sul de França, num dos locais mais encantadores desta terra, Saint-Tropez. Nem sempre foi fácil, mas no meio da desgraça, surgiu a alegria. Sobretudo para mim, porque me encontro agora na posição desusada de ter crianças na minha vida. – Pousou uma mão no ombro magro de Bertrand. – Apesar de um rapaz francês como Bertrand não se interessar por *bouillabaisse* – acrescentou com uma risada. – Mesmo assim, o que conta é podermos partilhar esta noite maravilhosa juntos antes de partirem todos para os vossos destinos diferentes, embora tenha a certeza que nos encontraremos de novo. Tenho uma novidade para vos contar.

Tirou um papel do bolso do casaco, desdobrou-o e ergueu-o para todos verem.

– Isto é a autorização oficial para Bertrand Olivier viajar para os Estados Unidos sob tutela de Billy Bashford. O passaporte será emitido amanhã de manhã, embora, claro, precisemos de uma fotografia.

Billy levantou-se e aproximou-se da cadeira de Bertrand. Agarrou os ombros do rapaz, demasiado emocionado para falar. Deixar Bertrand para trás teria aberto outra racha no seu coração já partido e agora não sabia se rir se chorar. Assim, olhou para a filha.

Laureen sem dúvida que não chorava. Apertava com força a mão de Bertrand e sorria, radiante. Billy não se recordava da última vez que vira a sua menina tão feliz.

Bertrand deixou a cabeça descansar na mão de Billy. O seu sonho realizara-se e agora pertencia a uma família. Pensou se Laureen teria mesmo acenado a sua varinha de condão. Acreditava nela agora. Acreditava mesmo.

O júbilo parecia espalhar-se em volta da mesa como compota numa sanduíche de manteiga de amendoim. Toda a gente sorria. A *bouillabaisse* chegou e até Little Laureen a provou e declarou «quase boa». De facto, era maravilhosa e também a lagosta que Bertrand e ela devoraram tão depressa que tiveram de esperar que os outros terminassem. Como sempre, Laureen pensou, impaciente, por que razão seria que os adultos demoravam tanto tempo a comer e porque falavam tanto, o que implicava que Bertrand e ela tinham de esperar uma data de tempo pela sobremesa. Tinha esperança que houvesse gelado para acompanhar a tarte.

– Bertrand? – sussurrou.

Este suspirou de forma exagerada e perguntou em inglês:

– Que é?

– Ensino-te a montar a cavalo, se quiseses.

O rosto dele animou-se.

– *Okay* – concordou.

Sunny sorria, observando os Inadaptados que partiam rumo às suas novas vidas.

– Agora somos só nós – sussurrou para Mac. – Ainda nos resta uma semana em Saint-Tropez.

Mac fitou-lhe os belos olhos de guaxinim.

– Uma semana inteira – concordou.

- Sozinhos por fim – suspirou ela, feliz.
- Para além dos cães, claro – acrescentou Mac.

Epílogo

Duas semanas depois

MAC ENCONTRAVA-SE NO DEQUE da sua casa confortável de Malibu, pés na balaustrada, contemplando a ondulação do Pacífico e a vida. Sunny acabara de chegar com piza. Uma garrafa de um bom tinto da Califórnia, um *Caymus*, repousava na mesa de metal entre eles. *Pirate* estava no seu lugar habitual, cabeça enfiada entre as barras, perscrutando a praia à procura de qualquer coisa que perseguir, como um pelicano de passagem ou uma gaivota. Sunny sentava-se na velha espreguiçadeira metálica do Wal-Mart, que andava há três anos a tentar que Mac substituísse, com *Tesoro* no colo e uma fatia de piza na mão. O crepúsculo adensava-se em redor.

Mac fitou, feliz, a sua pequena família, o oceano verde cintilante, a fiada de luzes que salpicavam a costa da grande baía. Estava habituado à vista, mas sentia sempre a sua magia. Era, no fundo, um homem de Malibu.

– Grandes férias – comentou Sunny por entre dentadas e goles de vinho.

– Fantásticas – retorquiu Mac, olhando para ela.

Sunny tremeu quando a brisa fresca da noite se levantou de repente e Mac entrou em casa para lhe ir buscar a sua velha camisa de ganga. Sunny levou-a ao rosto e aspirou o odor do corpo dele.

– Por que razão as camisas dos rapazes cheiram sempre tão *bem*? – perguntou, fazendo-a deslizar por cima dos ombros.

O telefone tocou.

Cruzaram olhares. O silêncio pairava no ar, tenso. Tocou outra vez.

– Não atendas – pediu Sunny.

Mac hesitou, a mão vacilou. Detestava deixar um telefone tocar, apesar de saber que era provável que implicasse problemas.

Sunny rodou o seu lindo anel de noivado em forma de coração com o

diamante rosa, sabendo que se Mac atendesse o telefone isso significaria mais trabalho, mais mistérios. Estava convencida que em breve arranjariam tempo para se casarem, talvez até para regressarem à maravilhosa Saint-Tropez e fazerem um casamento como devia ser, tal como tinham tencionado antes de os Inadaptados lhes baralharem as férias. Se ao menos Mac não respondesse ao toque daquele telefone.

Mas Mac era Mac. Sorrindo, atendeu o telefone. Atendia sempre.

Pós-epílogo

Chez La Violette foi vendida a um jovem casal francês com cinco filhos pequenos. A velha *villa* será deitada abaixo e uma nova, adequada a uma família tão grande e feliz, construída no seu lugar. Manter-se-á apenas o claustro abobadado, tudo o que resta do pequeno mosteiro que se erguia naquele belo monte verde. Tal como o nome, Chez La Violette, tributo permanente a uma estrela caída.

O Picasso de Valenti, que lhe fora dado por Krendler como pagamento e que ele fingira ser falso, afinal era mesmo falso. Krendler enganara-o. Os dois homens estão na cadeia e enfrentam uma pena de prisão perpétua.

Mac e Sunny ainda estão apaixonados, ainda noivos, e estão a pensar casar-se no próximo verão, numa igreja antiga no campo inglês. Sunny conhece o sítio certo. Bem, é o seu plano por agora. Se ao menos Mac não atender aquele telefone.